

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE LETRAS, FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

CLARA SPALIC GONÇALVES

**O Livro 15 das *Metamorfoses* de Ovídio:  
tradução e comentário**

São Paulo  
2023

CLARA SPALIC GONÇALVES

**O Livro 15 das *Metamorfoses* de Ovídio:  
tradução e comentário**

**Versão corrigida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de mestre em Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Pinheiro Hasegawa

São Paulo  
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G6351 Gonçalves, Clara Spalic  
O Livro 15 das Metamorfoses de Ovídio: tradução e  
comentário / Clara Spalic Gonçalves; orientador  
Alexandre Pinheiro Hasegawa - São Paulo, 2023.  
308 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.  
Área de concentração: Letras Clássicas.

1. Ovídio. 2. Metamorfoses . 3. Tradução. 4.  
Comentário. I. Hasegawa, Alexandre Pinheiro, orient.  
II. Título.

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE****Termo de Anuência do (a) orientador (a)**Nome do (a) aluno (a): Clara Spalic GonçalvesData da defesa: 30 / 10 / 2023Nome do Prof. (a) orientador (a): Alexandre Pinheiro Hasegawa

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 19 / 12 / 2023

(Assinatura do (a) orientador (a))

**Nome:** GONÇALVES, Clara Spalic

**Título:** O Livro 15 das *Metamorfoses* de Ovídio: tradução e comentário

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de mestre em Letras Clássicas.

\_\_\_ / \_\_\_ / 2023

Banca examinadora

Prof. Dr. Alexandre Pinheiro Hasegawa

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Alexandre Pinheiro Hasegawa, pela orientação sempre solícita; pelas leituras generosas e atentas; pela compreensão e apoio e, não menos importante, pelos anos de um convívio que tanto me é proveitoso.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa (processo nº 2021/02091-0).

Aos Professores que participaram de minha formação, que não poderia nomear na íntegra, mas entre os quais destaco Adriano Aprigliano, Marcos Martinho dos Santos e José Eduardo Lohner, professores de língua latina que me deram meu instrumento mais importante de trabalho; André Malta Campos, Elaine Cristine Sartorelli, Paulo Martins e João Ângelo Oliva Neto, cujas disciplinas grandemente enriqueceram este trabalho; Paulo Sérgio de Vasconcellos, Cecilia Marcela Ugartemendía e Pedro Baroni Schmidt, cujas correções, apontamentos e sugestões no exame de qualificação e na defesa da dissertação foram fundamentais para o prosseguimento e conclusão desta pesquisa.

Aos queridos Cândida Cappello Guariba, Joana Bojikian Fontana, Mariana Halévy Guedes, Miguel Ângelo Andriolo Mangini, Rafael Frate e Ricardo Mari, que, cada um à sua maneira, ajudaram no percurso de elaboração desta dissertação e tornaram-no menos árido.

À minha família, por seu apoio contínuo e incondicional.

Ao Rafael, ouvinte nem sempre voluntário de longas palestras sobre as *Metamorfoses*, por encher minha vida de sentido e amor.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como seu objeto o livro 15 das *Metamorfoses* de Ovídio. Neste último livro do poema, portanto especialmente significativo em termos do conjunto da obra, Ovídio trabalha episódios que remetem sobretudo aos universos inextricáveis da política e da religião, inserindo-os em uma dinâmica de progressão e continuidade através da qual ele constrói a noção de Augusto enquanto *telos* histórico-político de sua história universal, iniciada com a cosmogonia do livro 1. Paralelamente, o poeta emula virtualmente toda a tradição greco-latina para se colocar, no epílogo de seu *magnum opus*, não só como seu herdeiro, mas, sobretudo, seu ponto culminante — um *telos* poético. A dissertação consiste em uma tradução com comentário deste livro. A tradução, realizada a partir da edição latina de Tarrant (2004), aqui reproduzida, foi organizada verso a verso, visando a facilitar o cotejo com o texto latino, embora não seja metrificada; além disso, buscou-se manter, quando possível, os ornamentos (figuras, tropos e metaplasmos) presentes no original. O comentário ao texto explora suas características elocutivas, como particularidades métricas, a presença de ornamentos e seu uso mimético; as alusões de Ovídio a modelos gregos e latinos, através das quais grande parte do sentido do texto é construído; a fortuna crítica dos episódios e passagens; por fim, procurou-se fornecer as informações necessárias para a compreensão oportuna de um texto cujo contexto de produção, referências históricas e diálogo com a tradição são extremamente distantes do leitor moderno.

## ABSTRACT

This research has as its object Ovid's *Metamorphoses* Book 15. In this last book of the poem, therefore especially significant in terms of the work as a whole, Ovid works with episodes that refer mainly to the inextricable universes of politics and religion, inserting them in a dynamics of progression and continuity through which he builds the notion of Augustus as the historical-political *telos* of his universal history, which began with the cosmogony of book 1. At the same time, the poet emulates virtually the entire Greco-Latin tradition to place himself, in the epilogue of his *magnum opus*, not only as its heir, but, above all, its culmination — a poetic *telos*. The dissertation consists of a translation with commentary of this book. The translation, for which I adopted the Latin edition by Tarrant (2004), reproduced here, was organized verse by verse, aiming to facilitate the comparison with the Latin text; it is not, however, a metric translation; in addition, an attempt was made to maintain, whenever possible, the ornaments (figures, tropes, and metaplasms) present in the original. The commentary on the text explores the characteristics of its elocution, such as metric particularities, the presence of ornaments and their mimetic use; Ovid's allusions to Greek and Latin models, through which much of the meaning of the text is constructed; the critical fortune of the episodes and passages; finally, I have tried to provide the necessary information for the apt understanding of a text whose context of production, historical references and dialogue with tradition are extremely distant from the modern reader.

## ABREVIATURAS

As abreviaturas utilizadas seguem, para autores e obras gregos, aquelas propostas pelo *A Greek-English Lexicon* e, para autores e obras latinos, pelo *Oxford Latin Dictionary* (2ª edição); para referências que não constam ali, adotou-se a abreviatura contida no *Oxford Classical Dictionary* (4ª edição). As obras mencionadas sem sinalização do autor referem-se a Ovídio; as passagens mencionadas sem sinalização de autor nem obra referem-se às próprias *Metamorfoses*.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
2.1. O Livro 15 na estrutura das <i>Metamorfoses</i> .....	12
2.2. Estrutura interna e temas principais .....	21
<b>3. DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM O LIVRO.....</b>	<b>31</b>
<b>4. TRADUÇÃO .....</b>	<b>36</b>
4.1. Introdução à tradução .....	36
4.2. <i>METAMORFOSES 15</i> .....	41
<b>5. COMENTÁRIO.....</b>	<b>114</b>
5.1. Numa (1-11).....	114
5.2. Origem de Crotona (12-59).....	120
5.3. Pitágoras (60-478).....	127
5.3.1. Apresentação de Pitágoras (60-74).....	131
5.3.2. O discurso de Pitágoras (75-478).....	135
5.4. O reinado de Numa (479-87).....	196
5.5. Egéria e Hipólito/Vírbio (487-551).....	198
5.5.1. O luto de Egéria (487-90).....	198
5.5.2. Hipólito/Vírbio (490-546).....	199
5.5.3. A metamorfose de Egéria (547-51).....	207
5.6. Três prodígios (552-621).....	208
5.6.1. Tages (553-9).....	209
5.6.2. A lança de Rômulo (560-4).....	210
5.6.3. Cipo (565-621).....	212
5.7. Esculápio (622-744) .....	223
5.8. Apoteose de Júlio César (745-860) .....	246
5.9. Prece final (861-70).....	275
5.10. Epílogo (871-9).....	279
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>290</b>
Dicionários.....	290
Edições, traduções e comentários dos textos antigos.....	290
Bibliografia geral e específica .....	301

## 1. APRESENTAÇÃO

Esta dissertação é composta essencialmente por uma tradução do livro 15 das *Metamorfoses* de Ovídio (para mais sobre a tradução, ver o item 4.1, “Introdução à tradução”), acompanhada do texto latino, na edição de Tarrant (2004), seguida de um comentário ao livro em questão. A seção introdutória é composta por uma “Introdução”, onde proponho uma breve apresentação do livro, abordando o que me pareceram seus aspectos essenciais: o posicionamento como último livro do poema (2.2) e sua estrutura interna e temas principais (2.3). Por fim, com o objetivo de facilitar a consulta do texto, consta um resumo esquemático dos episódios que compõem o livro (3).

Quanto ao comentário, em vista da ausência, ao menos entre a bibliografia levantada ao longo da pesquisa, de um comentário às *Metamorfoses* em língua portuguesa, optei por não privilegiar nenhum enfoque específico do texto, mas dar conta do que me parecia essencial em relação a cada verso ou conjunto de versos do livro. Entre os aspectos trabalhados no comentário, procurei incluir, primeiramente, referências básicas relativas a personagens, narrativas, fatos, práticas culturais etc. necessárias para uma compreensão do conteúdo do texto, essenciais neste caso, haja vista o predomínio de personagens e eventos históricos no livro 15.

Além de discussões mais pontuais sobre personagens e eventos, busquei, conforme a prática em textos dessa natureza, indicar e, quando possível, discutir os modelos de Ovídio nas respectivas passagens e episódios do livro, elemento essencial na composição poética antiga e imprescindível para uma apreciação conveniente do sentido do texto, criado também através das alusões a outros textos. Ademais, procurei mencionar, especialmente em passos mais frequentemente discutidos, sua fortuna crítica, remetendo à bibliografia relevante, embora não de forma exaustiva: por se tratar de um texto por natureza sintético e não dissertativo, ative-me apenas à bibliografia essencial e utilizada na composição do comentário, majoritariamente outros comentários, seja às próprias *Metamorfoses*<sup>1</sup>, seja aos demais textos aludidos por Ovídio. Não obstante, como é, talvez, incontornável, certas passagens relativamente às quais minha leitura se encontra mais desenvolvida receberam tratamento condizente com minha interpretação pessoal. Salientei, por fim, os aspectos elocutivos do texto: particularidades métricas e sintáticas, emprego de ornamentos e, por vezes, o uso mimético desses elementos, enfoque menos

---

<sup>1</sup> Relativamente ao livro 15, consultei os comentários de Galasso (2000), Hill (2000) e, sobretudo, o detalhado comentário de Hardie (2015).

desenvolvido nos demais comentários e na bibliografia a respeito do livro 15 a que tive acesso.

Relativamente à organização do comentário, segui a divisão do livro proposta no item 1.1, *supra*. As seções mais longas ou densas em termos de fortuna poética e crítica, ou que necessitam de explicação prévia relativamente a aspectos historiográficos (Numa, Pitágoras, Cipo, Esculápio, apoteose de César, prece final, epílogo) apresentam um breve texto introdutório visando à melhor compreensão do próprio comentário. Por fim, como é de praxe, o comentário é separado por verso ou conjunto de versos, devidamente sinalizados ao início de cada entrada.

## 2. INTRODUÇÃO

### 2.1. O Livro 15 na estrutura das *Metamorfoses*

O primeiro aspecto significativo a ser destacado a respeito do livro 15 é seu posicionamento como último livro das *Metamorfoses*. Uma vez que o fim de uma obra, mais do que simples desfecho ou cessação, possui a propriedade de ressignificá-la retrospectivamente, o papel do último livro de um poema elusivo e caleidoscópico<sup>2</sup> como as *Metamorfoses* ganha um interesse especial.

O livro apresenta diversas continuidades em relação ao restante da obra, a começar pelo fato de que fecha o arco temporal proposto por Ovídio em seu próêmio (1.1-4) — arco temporal que, malgrado todos os desvios e problemas de ordem cronológica na seção central do poema<sup>3</sup>, é nítido e linear quando se pensa em seus extremos. Além de marcar o desfecho das *Metamorfoses* em sua dimensão de história universal<sup>4</sup>, o livro 15 possui uma complexa relação de espelhamentos em relação ao primeiro livro do poema, centrada, sobretudo, nas figuras de Júpiter e Augusto, que, não por acaso, aparecem associadas no primeiro e no último símile do poema<sup>5</sup>, 1.200-5:

... sic, cum manus impia saeuit  
sanguine Caesareo Romanum exstinguere nomen,  
attonitum tanto subitae terrore ruinae  
humanum genus est totusque perhorruit orbis.  
nec tibi grata minus pietas, Auguste, tuorum est  
quam fuit illa Ioui<sup>6</sup>.

e 15.855-60:

sic magnus cedit titulis Agamemnonis Atreus,  
Aegea sic Theseus, sic Pelea uicit Achilles;  
denique, ut exemplis ipsos aequantibus utar,

<sup>2</sup> Jouteur (2001) utiliza o termo como título da segunda parte de seu *Jeux de genre dans les Métamorphoses d'Ovide* ("Un Kaléidoscope générique", pp. 89-195), assim como Kenney (2009: 151), Williams (2009: 158) e Farrell (2009: 379), por exemplo, a propósito da questão genérica nas *Metamorfoses*. Hardie (1995: 205-6) menciona "Ovid's kaleidoscopic principle of imitation". Refiro-me, no entanto, a outra propriedade do poema, que é de adquirir novos sentidos a depender das relações, sobretudo internas (entre passagens do próprio poema), mas também externas (entre uma passagem do poema e determinado modelo) efetuadas por um leitor deste texto, de forma que o sentido geral do texto é especialmente instável.

<sup>3</sup> Ver Feeney (1999).

<sup>4</sup> Nesse sentido, ver Wheeler (2002). Hardie (2002) também explora paralelos entre os livros 14 e 15 e a historiografia.

<sup>5</sup> Feeney (1991: 222).

<sup>6</sup> Assim, quando a mão ímpia se enfurece / a extinguir com o sangue cesáreo o romano nome, / atônita por tamanho terror de súbita ruína / a raça humana fica e horrorizou-se o orbe todo. / Nem te é menos grata a piedade, Augusto, dos teus, / do que ela foi a Júpiter.

*sic et Saturnus minor est Iove. Iuppiter arces  
temperat aetherias et mundi regna triformis,  
terra sub Augusto est; pater est et rector uterque*<sup>7</sup>.

Vejamos, primeiro, o contexto desse primeiro símile, necessário para a compreensão das implicações que emergem de uma comparação entre as duas passagens. No livro 1, a ascensão de Júpiter ao poder marca o fim da Idade de Ouro (1.113-4), isto é, a deterioração da raça humana, cujo *exemplum* será Licáon (1.163-239)<sup>8</sup>, punido individualmente com sua metamorfose em lobo, mas também pretexto para o extermínio dos homens com o dilúvio (1.253-315); restam Deucalião e Pirra, que serão responsáveis pela recriação humana, dessa vez a partir de pedras (395-415)<sup>9</sup>. Temos, portanto, um declínio moral dos homens, seguido por uma transgressão à ordem de Júpiter, que é punida de forma exemplar, e é neste ponto que se encontra o símile entre Júpiter e Augusto, que compara, mais precisamente, não um ao outro, mas antes o horror dos deuses diante da narrativa a respeito de Licáon ao horror da raça humana diante do assassinato de César e a lealdade dos súditos de Júpiter à dos súditos de Augusto.

À luz desta sequência inicial, a seção final das *Metamorfoses* (15.745-870), dedicada ao assassinato e deificação de Júlio César, seguidos pela ascensão de Augusto ao poder, ganha implicações mais profundas, uma vez que se delineia uma analogia bastante clara entre a transgressão de Licáon ao atentar contra a integridade de Júpiter, a qual coloca em risco a ordem recém-conquistada do orbe, e o assassinato de César, cuja dimensão ímpia é repetidamente destacada (765-7; 776-8; 800-2)<sup>10</sup> e que, ademais, é contrário aos desígnios não só de Vênus, mas também, ao que parece, dos demais deuses, os quais apenas não evitam o crime pela impossibilidade de agirem contra os fados<sup>11</sup>, mas enviam, como sinal de seu luto, a série de prodígios arrolados nos vv. 783-98. A função

<sup>7</sup> Assim, o grande Atreu cedeu aos méritos de Agamêmnon, / assim Teseu venceu Egeu, assim Aquiles, Peleu; / por fim, para que usemos de exemplos a eles iguais, / assim também Saturno é menor do que Júpiter; Júpiter chefia / a cidadela etérea e do mundo triforme os reinos, / a terra está sob Augusto; são ambos pais e governantes.

<sup>8</sup> A narrativa de Licáon está contida, majoritariamente, na fala de Júpiter (1.182-243), que, não por acaso, profere tanto este, que é o primeiro discurso direto do poema, como o último, sua profecia da grandeza de Roma sob Augusto em 15.807-42, como nota Barchiesi (2002: 181-2).

<sup>9</sup> Sobre esta primeira seção cosmogônica das *Metamorfoses*, ver Labate (2010: 137-56), que explora paralelos dos livros 1-2 com outra seção do livro 15, o discurso de Pitágoras.

<sup>10</sup> A impiedade advém sobretudo do fato de César ser *pontifex maximus* (ver o com. aos vv. 761-4). Essa característica é destacada também na versão alternativa apresentada para a morte de César em *Fast.* 3.297-710 (esp. 706: ... *polluerunt pontificale caput*), onde Vesta desempenha o papel aqui executado por Vênus.

<sup>11</sup> Ver os vv. 779-81, 799-800 e 807-8. Sobre a relação entre a vontade dos deuses e o curso do destino na seção final das *Metamorfoses*, ver Casali (2023); há alguma discussão também no com. aos vv. 779-82 e 807-8.

de punir o delito, desempenhada, no livro 1, por Júpiter, no livro 15 caberá a Augusto, que, nas palavras do senhor do Olimpo, imediatamente anteriores à morte de César, *caesique parentis / nos in bella suos fortissimus ultor habebit* (820-1); trata-se da primeira “fase” da ascensão política do futuro *princeps*, entre 44 e 31 a.C., em que sua consolidação no poder depende de seu papel como vingador de César, conforme ele mesmo relata em *Mon. Anc. 2*.

A violência das ações de Augusto nesse primeiro momento de sua vida pública, tematizada, por exemplo, no desfecho da *Eneida*<sup>12</sup>, é aludida aqui apenas pelo paralelo com a ira de Júpiter relativamente a Licáon e à raça humana; no mais, a ênfase, no livro 15, parece recair sobre a projeção da apoteose de Augusto (760-1; 839; 869) e a posição de dominação mundial que Roma ocupa sob seu governo (758-9; 829-31; 860; 877-8), ambas já prefiguradas na fala profética de Heleno a Eneias, reportada por Pitágoras (447-9)<sup>13</sup>, e sugeridas também no símile dos vv. 855-60, uma gradação crescente que, partindo de paralelos entre César e Augusto e pais e filhos pertencentes à esfera mítica, porém mortais (Atreu e Agamêmnon; Egeu e Teseu; Peleu e Aquiles) culmina nos *exemplis ipsos aequantibus*: Saturno e Júpiter. Nos vv. 858-60, a comparação entre o domínio de Júpiter e o de Augusto (*Iuppiter arces / temperat aetherias et mundi regna triformis, / terra sub Augusto est*) é sugestiva da posição de dominação mundial a que Roma ascende.

A menção, contudo, poucos versos após o símile, à *Iouis ira*, no primeiro verso do epílogo (871), passagem em que Ovídio, à maneira do Horácio de *Carm. 3.30.1-5*, enumera os elementos aos quais seu *opus* é imune, desfaz qualquer aparente estabilidade de sentido em termos do tratamento ovidiano de Augusto que a descrição dessa “moldura augustana” das *Metamorfoses*, nas linhas acima, possa sugerir. À luz da ira de Augusto contra o poeta, responsável por sua *relegatio*, a expressão ganha um tom de desafio e ressoa a frequente associação ou mesmo identificação entre o governante supremo do Olimpo e sua contraparte romana na poesia de exílio de Ovídio<sup>14</sup>. Não por acaso, a tendência, em leituras mais recentes da associação entre Júpiter e Augusto em ambos os símiles, os quais se informam mutuamente, parece ser a de uma reflexão sobre a

---

<sup>12</sup> Ver Tarrant (2021: 16-30).

<sup>13</sup> O passo alude sobretudo à cena análoga em Verg. *A. 3.374-462*; para mais nesse sentido, ver especialmente o com. aos vv. 435-8 e 439-40.

<sup>14</sup> Para bibliografia nesse sentido, ver Feeney (1991: 222 n. 128). Paralelos nos *Tr.* e *Pont.* estão convenientemente indicados no com. aos vv. 857-60. Sobre a representação da relação entre Ovídio e Augusto na poesia de exílio, ver Ugartemendía (2022).

representação ovidiana do poder, com ênfase em elementos, em algum grau, subversivos<sup>15</sup>.

A esse respeito, é oportuno voltar ao influente artigo de Kennedy (1994), que expõe as vantagens metodológicas em abandonar uma reflexão centrada na atitude favorável, contrária ou indiferente de Ovídio, ou de qualquer outro poeta denominado “augustano”, em relação à *persona* do *princeps* em favor de uma compreensão de Augusto como *ideia* — e, nesse sentido, uma *ideia* fundamentalmente propensa a mudanças e reelaborações ainda durante o principado, razão pela qual Galinsky (1996: 3-9) opõe à *revolução* augustana de Ronald Syme (1939) o conceito de *evolução* augustana, frisando a experimentação constante e a evolução como características distintivas deste que foi um período de *transição* entre República e Império romanos. Assim, essa “ideia de Augusto” como, nos termos de Williams (2009: 156), *shifting signifier*, torna não só o *princeps* apropriado à matéria do *epos*<sup>16</sup> ovidiano, mas, inversamente, as *Metamorfoses* apropriadas a seu tempo; como sumariza o mesmo Williams, Ovídio não escreve contra ou a favor, mas *sobre* Augusto.

Dessa perspectiva, a postura potencialmente crítica subjacente ao aparente elogio à *gens Iulia* nos vv. 745-870 (e.g. a indicação surpreendentemente clara do papel de Augusto na deificação de César e na conseqüente instituição do culto ao *Diuus Iulius*<sup>17</sup>; a repetida ênfase na paternidade de César em relação a Augusto<sup>18</sup>, contestada na identificação, da parte de Vênus, de César como seu último descendente<sup>19</sup>; a reivindicação ovidiana a um lugar mais alto do que aquele ocupado por César e previsto para

---

<sup>15</sup> As leituras da segunda metade do século XX são, em geral, mais radicais em ver na seção final do poema uma oposição aberta ao *princeps*; e.g. Galinsky (1967: 182); Holleman (1969: 49-51). Interpretações mais recentes tendem a ser cuidadosas em se tratando de identificar um sentido unívoco em um poema elusivo como as *Metamorfoses*, mas indicam o caráter problemático que emerge da representação ovidiana de Júpiter, Augusto e da conseqüente associação entre ambos. Sobre o episódio de Licão, ver Feldherr (2010: 37-40, 131-49); sobre a seção final do poema à luz dessa “primeira ira de Júpiter”, Feeney (1991: 219-24) e Williams (2009: 156-7, 163-9).

<sup>16</sup> Sigo, a esse respeito, Oliva Neto (2013: 41-67), que propõe a possibilidade do *epos* como gênero não exclusivamente devotado à matéria bélica, com origem em Homero, mas encampando tanto o *epos* bélico/guerreiro como o chamado “didático”. A consideração parece-me central para a compreensão do projeto poético das *Metamorfoses*, um *epos* no sentido mais abrangente possível do termo.

<sup>17</sup> Ver os vv. 760-1 e 818-9. Sobre o *sidus Iulium* em geral, ver Weinstock (1971: 370-84). Para uma discussão dos passos, ver o com. aos vv. 760-1 e 818-21. Pandey (2013) explora, inversamente, o papel de Ovídio na associação entre Augusto e o catasterismo de César.

<sup>18</sup> Ver os vv. 750-1, 758, 760, 819, 852, 855-60. A sugestão de um laço sanguíneo entre César e Augusto é lida como irônica, por exemplo, por Jouteur (2001: 232); também para Hardie (2015: ad 15.746-51), “[c]he Cesare fosse padre di Augusto era una finzione legale (derivante da una clausola testamentaria, che fa parte dei suoi *acta postumi*) non una realtà biologica, un dato evidenziato e non soppresso dall’accumulo di termini di paternità biologica.”

<sup>19</sup> Ver os vv. 766-7, com Hardie (2015: ad loc).

Augusto<sup>20</sup>), cujo tom e grau de intensidade, vale frisar, são questões fadadas a permanecer conjecturais, convivem com o fato de que Augusto não deixa de ser o *telos* histórico/político desse poema, na mesma medida em que Ovídio, paralelamente, é seu *telos* poético. Em outras palavras, não é apenas que o poema *termina* com Augusto e Ovídio, mas antes que ambos são colocados como o *ponto culminante* das esferas que lhes competem: a história universal iniciada no livro 1 encontra seu apogeu na Roma augustana, assim como toda a tradição poética greco-latina, que Ovídio inclui, imita e emula em seus hexâmetros, converge no próprio poeta — cuja perenização está atrelada, lembremos, à *Romana potentia* (877).

A imagem do caleidoscópio é especialmente apta às *Metamorfoses* na medida em que, em um poema tão fundamentalmente diverso e inclusivo, o cotejo de uma seção com outra é sempre capaz de lançar luz sobre sentidos diversos do texto; manipulá-lo é fazer emergirem novas relações, que trazem à tona novos sentidos. Desse potencial quase infinito, destaquei, acima, o diálogo que o livro 15 estabelece com o primeiro livro do poema. Igualmente fundamental, porém, é o nexos que se forma entre os livros 11-5, compondo a “seção histórica” das *Metamorfoses*, que começa com a fundação de Troia em 11.194 e prossegue até os *tempora* de Ovídio, passando, ainda que com “desvios”<sup>21</sup>, pelos eventos obrigatórios, de uma perspectiva histórica: a guerra de Troia, a fuga de Eneias, sua viagem ao Lácio, a fundação de Roma e a apoteose de Rômulo. No livro 15, porém, esses “desvios” que caracterizam os últimos livros do poema — isto é, narrativas de cunho fabuloso e matéria predominantemente erótica, como as histórias de Cêix e Alcione (11.410-748), Ceneu (12.168-209), Polifemo e Galateia (13.738-897) e Pomona e Vetumno (14.623-771) — mudam de figura, e a matéria erótica é quase inexistente, sugerindo a possibilidade de que Ovídio, ao aproximar-se do seu presente, paulatinamente abandonaria o universo da *fabula* em favor da *historia*.

A presença de personagens e eventos pertencentes à tradição historiográfica antiga (Numa, a fundação de Crotona, Pitágoras, Cipo, a introdução do culto de Esculápio em

---

<sup>20</sup> Ver pp. 29-30, *infra*.

<sup>21</sup> Sobre os desvios da ordem cronológica, ver Wheeler (2002: 176-89), que, argumentando em favor da compreensão das *Metamorfoses* como história universal, aponta a alternância entre sincronia e diacronia nas obras de Políbio, Diodoro Sículo e Pompeio Trogo; nas pp. 184-9, fala especialmente dos últimos cinco livros. Segal (1969: 267-74), partindo de uma consideração de Otis (1966: 279), explora os “desvios” na narrativa de Eneias, nos livros 13 e 14, “interrompida” por outros episódios, frequentemente de matéria erótica, embora as considerações a respeito do antiaugustinismo de Ovídio, para Segal uma consequência do rebaixamento elocutivo advindo de tais “desvios”, sejam incompatíveis com a perspectiva teórica adotada por mim e consideravelmente minoradas pelo próprio Segal em artigo posterior (2001).

Roma, César e Augusto), não suscita, contudo, a adoção, por parte de Ovídio, de uma *perspectiva* historiográfica. Ao contrário: a atitude de Ovídio diante do histórico no livro 15 parece ser, em consonância com a presença do mítico e maravilhoso nos livros 11-4, a de esvaziar seus personagens e eventos *a priori* históricos de sua historicidade por meio ou de uma ênfase em sua dimensão fabulosa, como nas narrativas de Cipo, Esculápio e César, ou, simplesmente, através de uma opção deliberada pelo anacronismo, como em todo o complexo narrativo Numa-Pitágoras nos vv. 1-487, jogando com o esgarçamento dos limites entre verdade e ficção<sup>22</sup>.

O livro 15 se abre com uma referência ao *interregnum* (1: [*q*]uaeritur interea) período de instabilidade política em Roma após a morte de Rômulo, descrito, por exemplo, por Dionísio de Halicarnasso (2.57-8), Tito Lívio (1.17) e Plutarco (*Num.* 2.4-3.3). É já sugestivo do tratamento Ovidiano da matéria historiográfica, porém, que a responsabilidade pela escolha de Numa como sucessor do primeiro rei romano recaia sobre a mesma Fama que, adiante no livro, *libera ... nullisque obnoxia iussis* (853), desempenha um papel importante na ascensão de Augusto ao poder enquanto sucessor de César e na perenização de Ovídio, também ele um sucessor poético de seus antecessores gregos e romanos (cf. 3-4; 852-4; 878-9)<sup>23</sup>. Além disso, significativamente, sobretudo no que tange ao tratamento ovidiano da questão da verdade e da ficção, a Fama que elege Numa é *praenuntia ueri* (3), em clara alusão a Verg. *A.* 4.188 ([*Fama*] *tam ficti prauisque tenax quam nuntia ueri*), sugerindo, através de uma caracterização aparentemente simples, um subtexto que desestabiliza o sentido primeiro da expressão<sup>24</sup>.

E, de fato, a verdade historiográfica será distorcida — ou, antes, moldada pelas mãos do artífice Ovídio — logo em seguida: a viagem de Numa a Crotona, que permite a inclusão dos episódios da origem de Crotona (12-59) e do discurso de Pitágoras (75-478), seria, segundo Dionísio de Halicarnasso (2.59.3), um anacronismo: Míscolo teria fundado a cidade apenas quatro anos após Numa assumir o governo de Roma, em 709

<sup>22</sup> A relação do real e do fictício com a poesia remonta a Hes. *Th.* 27-8; a respeito dessa passagem, ver Bowie (1993: 20-3). Sobre verdade e ficção na poesia e na historiografia antigas, ver Hasegawa (2017).

<sup>23</sup> Mais nesse sentido abaixo, nas pp. 23-30.

<sup>24</sup> Acresce que essa qualidade ambivalente da fama é mencionada também na éfrase de sua morada em 12.39-63; cf., especialmente, os vv. 54-5: *mixtaque cum ueris passim commenta uagantur / milia rumorum confusaque uerba uolutant*, consonantes à representação da Fama em Verg. *A.* 4.173-97. Destaca-se, portanto, o contraste com sua qualificação no início do livro 15. Da extensa bibliografia sobre a morada da Fama nas *Metamorfoses*, destaco as leituras de Zumwalt (1977), Kelly (2014) e Rosati (2002: 297-9). Gladhill (2012) também apresenta uma interpretação do passo, embora o alinhamento que vê entre Ovídio e os ideais republicanos e a conseqüente oposição a Augusto divirja de minha interpretação.

a.C. Não parece casual que Dionísio mencione esse fato logo após uma passagem (2.59.1) em que critica outros escritores por afirmarem que, quando foi chamado ao trono, Numa se encontrava em Crotona, estudando filosofia com Pitágoras; para Dionísio, a data de fundação da cidade é *o mais forte argumento contra tal crença*. Assim, ambas as narrativas que, inseridas na narrativa-moldura de Numa, ocupam a primeira metade do livro 15, seriam, portanto, fundamentalmente anacrônicas, dado sugestivo da postura de Ovídio em relação à questão da verdade historiográfica, a qual, como veremos, é deliberada e consistente.

Passando ao largo do fato de a narrativa apresentada por Ovídio acerca da visita de Hércules à corte de Cróton e a consequente fundação de Crotona não apresentar paralelo em fontes supérstites e dos inúmeros anacronismos no interior do discurso de Pitágoras, aspectos tratados no comentário e que corroboram a abordagem de fatos e personagens históricos identificada acima, outro mecanismo ovidiano que trabalha no sentido de erodir as fronteiras entre o real e o fictício e trazer eventos pertencentes à tradição historiográfica para o universo maravilhoso que impera nas *Metamorfoses* é a ênfase nos elementos fabulosos presentes nesses mesmos eventos. A perspectiva historiográfica diante do inverossímil em determinados relatos, sobretudo os pertencentes a um passado mais recuado, é bem ilustrada pelo aparte de Tito Lívio a respeito da narrativa segundo a qual Rômulo e Remo teriam sido amamentados por uma loba. Em 1.4.7, Lívio menciona uma explicação racionalista: quem alimentou os gêmeos teria sido, na verdade, uma prostituta, profissão designada, em latim, também pelo substantivo *lupa*; a conclusão é indicativa dos elementos a serem evitados no gênero historiográfico: *inde locum fabulae ac miraculo datum*.

Ora, são precisamente esses os elementos ressaltados por Ovídio, por exemplo, nos episódios de Egéria e Esculápio. A associação de Numa com a esfera divina, motivada pela atribuição da fundação de grande parte das instituições religiosas romanas ao rei, era parte importante da forma como ele era representado, e a ligação com Egéria é mencionada já por Ênio (*Ann.* 113 Sk.), embora Skutsch (1985: *ad loc.*) comente que, consonante com o tratamento dado ao tema pelos historiógrafos (e.g. D.H. 2.60.5; Liv. 1.19.5; Plu. *Num.* 4.2, 8.6), “... Ennius the rationalist is not likely to have made her, as other sources do, the wife or mistress of the king”. As “outras fontes” de que fala Skutsch incluem o Ovídio dos *Amores* (2.17.18), *Fastos* (3.273-80) e, é claro, do livro 15 das *Metamorfoses*, onde, além da menção a Egéria como esposa de Numa (482, 487), o poeta

opta por desenvolver a narrativa da ainda mais fabulosa metamorfose da ninfa em fonte (487-92; 547-551), a qual, por sua vez, lhe dá a oportunidade de mais uma inserção mítica nesse complexo narrativo: o episódio de Hipólito/Vírbio (492-546)<sup>25</sup>.

Ênfase semelhante se encontra no tratamento ovidiano do relato da instituição do culto de Esculápio em Roma, não só um evento mencionado por fontes historiográficas (Liv. 10.47.6-7, *Per.* 11; Val. Max. 1.8.2.; *De uiris illustribus* 22), mas também histórico no sentido de estar presente na primeira linha de todos os calendários romanos supérstites, bem como no início do calendário elegíaco do próprio Ovídio (*Fast.* 1.289-94)<sup>26</sup>, e que, não obstante, é introduzido pela única invocação das Musas em todo o poema (622-5)<sup>27</sup>. Acresce a esse confronto entre *fabula* e *historia* o reiterado destaque à corporeidade animal do deus desde sua epifania até a chegada em Roma (669-743)<sup>28</sup>, a qual, ainda que condizente com os demais testemunhos do evento (as fontes indicadas *supra* corroboram a presença de uma cobra, e a amplificação de corpos divinos tanto em tamanho como em peso era tradicional<sup>29</sup>), insere, com essa imagem de uma serpente gigante em meio à tripulação de romanos, um elemento inequivocamente maravilhoso no relato.

A passagem do episódio de Esculápio, datado em 292 a.C., para os idos de março de 44 a.C. marca o salto temporal de um passado mais recuado para um evento extremamente recente<sup>30</sup>, conjuntura em que a saída do contexto mítico parece quase natural. Contudo, também o tratamento ovidiano tanto de César como de Augusto, a partir do v. 745, funciona de forma a inseri-los no universo mítico: o atentado contra a vida de César coloca em cena Vênus e Júpiter, em um diálogo que emula, sobretudo, neste desfecho ovidiano, o início da *Eneida* (1.229-96)<sup>31</sup>, mas remete também ao *concilium deorum* do livro 1, contido no episódio de Licáon, tratado acima. O movimento é sintetizado nos vv. 804-6, quando Vênus, prestes a presenciar o assassinato de seu

<sup>25</sup> Ao lado de seu aspecto fabuloso, ambas as narrativas, colocam em jogo a questão da religião, tema importante e recorrente no livro 15. A esse respeito, ver, abaixo, pp. 21-2.

<sup>26</sup> Barchiesi (1997: 188).

<sup>27</sup> Há uma invocação de Calíope em 10.148, mas na voz narrativa de Orfeu. Sobre a aparente incongruência da invocação no livro 15, ver o com. aos vv. 622-5.

<sup>28</sup> Ver a descrição do deus em sua primeira aparição, nos vv. 669-74, e no caminho até o embarque na nau romana, nos vv. 683-94; a recorrente imagem da serpente gigante com a cabeça apoiada na popa ou no mastro da nau (697-9, 726-7, 737-8) e seu movimento sinuoso atravessando a praia de Áncio (720-1, 725-6).

<sup>29</sup> Ver Weinreich (1909: 95). Para paralelos na poesia, ver o com. aos vv. 658-62 e 691-4.

<sup>30</sup> Hardie (2015: ad 15.745-851) chama atenção para o salto temporal e apresenta como paralelo a écfrase do escudo de Eneas em Verg. *A.* 8.655-723, onde se passa da invasão dos Gauleses (387 a.C.) à batalha de Ácio (31 a.C.).

<sup>31</sup> Hardie (1997: 191).

descendente, tenta envolvê-lo em uma nuvem e retirá-lo da cúria, assim como antes fizera com Páris e Eneias (cf. Hom. *Il.* 3.374-382 e 5.311-7, respectivamente)<sup>32</sup>.

Se, porém, a própria figuração de Vênus no passo e, sobretudo, a colocação de César entre heróis épicos sugere um afastamento da história e uma inclusão no universo do mito, o fato de a deusa não conseguir usar do artifício, tópico na tradição épica<sup>33</sup>, indica, ao contrário, um afastamento do *epos*, oferecendo oportunidade para uma ressalva de suma importância: não obstante a necessidade, em certa medida incontornável em uma breve introdução como esta, de identificar atitudes e temas que se sobressaem em determinada seção do poema, nada nas *Metamorfoses* é unívoco. O que parece interessar Ovídio são, ao contrário, os *limites* entre gêneros, sentidos, representações etc. Trata-se, portanto, de uma inclinação para a tensão entre verdade e ficção, conceitos que *podem* ser associados aos universos da poesia e da história, os quais já figuram, cada um a seu modo, essa tensão. Nesse contexto, o que parece prevalecer nesta “seção histórica” das *Metamorfoses* — e, com maior intensidade, no livro 15 em específico — é uma *tendência* à mitificação da história, movimento contrário, por exemplo, àquele que se observa na *Eneida*, onde o mito é historicizado.

Voltemos, por fim, ao último símile do poema (855-60). Espelhando a introdução, no livro 1, de César e Augusto como termos de comparação para a ira de Júpiter contra a raça humana, agora são Saturno e Júpiter que servem de comparação a César e Augusto. E se, na célebre formulação de Aristóteles (*Po.* 1451b), “[o historiador e o poeta] diferem ... em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta, o particular”<sup>34</sup>, o movimento expresso nas *Metamorfoses* é aquele do particular em direção ao universal. Trata-se de um *epos* universal, celebração de um império que se propõe também universal. Vem a propósito a formulação precisa de Labate (2010: 20), como epílogo desta seção:

Dopo che il grande e celebrato epos virgiliano aveva cantato l'identità di una comunità che trovava nel mito la giustificazione della storia nazionale, Ovidio vuole tenere il suo epos lontano dalla storia, proponendo alla comunità romana una nuova identità, coerente con il ruolo di capitale di un impero mondiale: una identità universalistica, davvero senza limiti di spazio e di tempo, capace

<sup>32</sup> Smith (1994: 47).

<sup>33</sup> Cf. Hom. *Il.* 20.318-27; *Od.* 7.14-17; Verg. *A.* 1.411-4, indicados por Hardie (2015: *ad loc.*) e incluídos no com. aos vv. 803-6.

<sup>34</sup> Tradução de Eudoro de Sousa.

di esplorare, assorbire e controllare anche i territori dell'esotico e dell'inverosimile.

## 2.2. Estrutura interna e temas principais

Examinado, ainda que brevemente, o lugar que o livro 15 ocupa no interior das *Metamorfoses*, tanto em relação a seu primeiro livro como à “seção histórica”, formada pelos livros 11-5, pode-se passar às particularidades deste livro em si. A mais evidente delas talvez seja a quase ausência da matéria erótica, já assinalada acima, em forte contraste mesmo com o livro 1, onde a seção cosmogônica (1.4-437) rapidamente dá lugar ao *primus amor Phoebi* (1.452), Dafne, imediatamente seguido pelo episódio também erótico do amor de Júpiter por Io (1.568-746). Mais significativo é o fato de as representações de ações elevadas tanto da parte de Júpiter — a gigantomaquia (1.151-62), Licáon (1.163-243) e o dilúvio (1.244-312) — como de Apolo, que logra matar a serpente Píton (1.416-51), são imediatamente contrabalançadas por figurações dos mesmos deuses em episódios de cuja matéria decorre um rebaixamento elocutivo.

No livro 15, porém, Vênus figura não como deusa do amor, mas como *genetrix Aeneae* e matriarca da *gens Iulia*, e a única inserção erótica se dá na narrativa da metamorfose de Egéria, a qual, ao contrário do apontado acima sobre Júpiter e Apolo no livro 1, não possui nenhum envolvimento direto de Numa, isto é, não acarreta um rebaixamento da figura do rei, a despeito do lamento elegíaco da esposa após sua morte<sup>35</sup>. Ademais, a seção é pouco expressiva no conjunto do livro, ocupando um total de 11 versos (487-92; 547-51), em oposição, por exemplo, aos 54 dedicados a Hipólito/Vírbio, episódio inserido entre a ida de Egéria a Arícia e sua metamorfose em fonte. Tanto Egéria como Vírbio, porém, são figuras religiosas, e é o local comum de seu culto — o bosque dedicado a *Diana Nemorensis* — que permite a inclusão de Hipólito/Vírbio no episódio, motivado, por sua vez, pela associação entre a ninfa e o segundo rei de Roma. Essa consideração nos leva ao que são os temas mais expressivos no livro 15: religião e política, inextricáveis entre si, a despeito da prevalência de um ou outro ao longo dos episódios que compõem o livro.

---

<sup>35</sup> Parece significativo que, dentre as possibilidades genéricas oferecidas pela inserção da matéria erótica, Ovídio opte justamente pelo diálogo com a elegia, o gênero mais identificado a si, nesta última figuração do amor no poema.

Numa, primeira personagem do livro, é uma personagem política, e a primeira ação narrada, a sucessão entre reis, é eminentemente política. No entanto, a íntima relação do monarca com as instituições religiosas romanas<sup>36</sup>, destacada nos vv. 483-4, bem como seu vínculo com Egéria, ela mesma uma divindade, inserem o elemento religioso nas duas (curtas) seções dos vv. 1-11 e 479-87. A fundação de Crotona é, também, um ato político, mas motivado por Hércules, cuja apoteose fora narrada em 9.262-272<sup>37</sup>; ainda, é o estatuto divino de Hércules que permite sua intervenção no julgamento de Mísceles, a salvação deste da pena de morte e a consequente fundação da cidade prometida em solo itálico. Quanto ao episódio de Pitágoras, ainda que o pitagorismo não constituísse propriamente uma religião na Roma dos séculos I a.C./I d.C. — e que, vale frisar, o discurso de Pitágoras não seja propriamente pitagórico, antes um amálgama didático-filosófico caracterizado sobretudo por sua diversidade<sup>38</sup> —, a filosofia de Pitágoras é apresentada como espécie de alternativa para a aproximação da esfera divina nos vv. 62-3 (*isque licet caeli regione remotos / mente deos adiit*) e, sobretudo, inspira a criação das instituições religiosas romanas (479-84).

Na segunda metade do livro, os três prodígios que seguem a metamorfose de Egéria (552-621) se encaixam perfeitamente na temática político-religiosa: Tages (552-9), personagem fundadora da *disciplina etrusca* e especialmente associada ao haruspício, coloca em jogo o elemento religioso; a *hasta Romuli* (560-4) alude ao rei fundador de Roma e ao *augurium*, ritual religioso, que precedeu a fundação da *Vrbs*<sup>39</sup>; o episódio de Cipo (565-621) remete aos dois prodígios anteriores, mobilizando a questão da monarquia através do nascimento milagroso de seus cornos, cuja interpretação depende de um harúspice. A dimensão religiosa da introdução do culto de Esculápio em Roma prescinde de comentários, mas é também marco da transferência do poder de dominação mundial da Grécia para Roma<sup>40</sup>, aspecto desenvolvido abaixo. César, figura eminentemente política, é caracterizado como deus na introdução do episódio a si dedicado (746: *Caesar in urbe sua deus est*), que gira em torno justamente de sua apoteose, precedente para futura deificação de Augusto<sup>41</sup>.

<sup>36</sup> A esse respeito, ver o com. aos vv. 1-11.

<sup>37</sup> E será retomada na apoteose de César e no epílogo do poema; ver o com. aos vv. 843-6 e 875-6.

<sup>38</sup> Ver o com. aos vv. 60-478.

<sup>39</sup> Assim sugere Marks (2004: 109-10). Mais nesse sentido no com. aos vv. 560-4.

<sup>40</sup> Fränkel (1945: 108), retomado posteriormente em análises do passo, e.g. Galinsky (1975: 253) e, especialmente, Papaioannou (2011: 35).

<sup>41</sup> Ver White (1988: 355-5) e Galinsky (1996: 312-22).

Mais do que simplesmente mobilizar os temas da religião e da política, contudo, os episódios do livro 15 inserem-nos em uma dinâmica ampla do que chamarei, na falta de termos melhores, de *progressão e continuidade*. E é nessa dinâmica que se encaixam o que são os dois principais motivos trabalhados não só no livro 15, mas que ali se intensificam consideravelmente: o movimento leste → oeste, de que já fala Fränkel (1945: 108), e a questão da permanência após a morte, para a qual, como identifica Hardie (2015: *ad* 15.872-9), Ovídio propõe, como modelos, a metamorfose, a metempsicose, a sucessão e a apoteose, todos trabalhados nos episódios que compõem o livro 15 e laboriosamente condensados no epílogo.

O movimento leste (Oriente Próximo/Grécia) → oeste (Itália/Roma), cujo *exemplum* por excelência é a viagem de Eneias de Troia ao Lácio, descrita nos livros 13-4, figura já no início do livro 15, na narrativa da origem de Crotona, através da migração do argivo Míscelo, cujo nome evoca o adjetivo parônimo *miscellus*, “híbrido”, “variado” (*OLD*, s.v., acepção 2), indicando talvez sua origem grega sobreposta ao papel como fundador de uma cidade em solo itálico. Também Pitágoras, *uir Samius* (60), ilustra a recepção da cultura grega na Itália, desempenhando o papel de algo como um “fundador” da filosofia na Itália, ao mesmo tempo que dá a Ovídio a oportunidade de emular, a um só tempo, Lucrécio e seu modelo, Empédocles, ambos representativos de um *epos* de matéria não heroica, um grego, outro latino<sup>42</sup>. Pitágoras, cumpre assinalar, é um *exul* (61-2), remetendo, de uma perspectiva pós-*relegatio*, à figura do próprio Ovídio, assim como outro imigrante de origem grega, Hipólito/Vírbio (515), cuja dualidade é evidente pela justaposição do nome do herói grego ao da divindade latina, por sua vez já indicativo de uma duplicidade (*Virbius = uir bis uiuus*); acresce que não há notícia de um culto a Vírbio não identificado a Hipólito, de forma que a convivência do elemento grego ao lado do latino estava presente já em sua representação tradicional<sup>43</sup>.

Sem dúvida, porém, a mais emblemática viagem da Grécia a Roma no livro é, não por acaso, a última e mais desenvolvida figuração deste movimento: a narrativa da introdução, em Roma, do culto de Esculápio, que, imediatamente anterior à apoteose de César — e vale frisar o contraste entre as naturezas estrangeira e local, respectivamente, das personagens nos vv. 745-6: [*h*]ic tamen accessit delubris aduena nostris; / Caesar in urbe sua deus est —, representa a ascensão de Roma ao lugar de centralidade política e

<sup>42</sup> A esse respeito, ver Hardie (1995).

<sup>43</sup> Ver Porte (1985: 403) para uma discussão.

cultural antes ocupado pela Grécia, ao mesmo tempo que sublinha o fim de um aspecto fundamental dessa ascensão, que é justamente a recepção e assimilação da tradição cultural Grega na Itália. O catálogo de localidades contido nos vv. 701-18, o mais extensivo dos três últimos livros das *Metamorfoses*<sup>44</sup>, possui, ainda, inúmeros paralelos com a jornada de Eneias como descrita na *Eneida*<sup>45</sup>, estabelecendo uma analogia entre o herói troiano e o deus da medicina, o qual, ao lado de Míscolo, ilustra o pendor ovidiano para emular Virgílio através de deslocamentos e substituições que dão *nova forma* aos motivos desenvolvidos pelo poeta mantuano<sup>46</sup>.

Além do deslocamento de Esculápio de Epidauro para Roma, a dinâmica de progressão e continuidade de que falo acima é também sugerida no início do episódio, quando, na consulta ao oráculo de Delfos, ao que tudo indica uma inovação ovidiana<sup>47</sup>, Apolo revela aos romanos a necessidade de um auxílio vindo não de si, mas de seu filho. A formulação do deus (638-9: *nec Apolline uobis, / qui minuat luctus, opus est, sed Apolline nato*) sugere a mesma ideia da superação do pai pelo filho presente na seção dedicada à apoteose de César e sintetizada no símile dos vv. 855-60. A forte vinculação de Augusto com Apolo, manifesta inclusive na crença, reportada por Suetônio (*Aug.* 94.4), de que o *princeps* seria, de fato, filho do deus<sup>48</sup> estreita a relação entre ele e Esculápio. É significativa, ainda, a figuração de Esculápio como *salutifer Vrbi* (744), aquele que salva Roma da peste, elemento que, já na quarta *Geórgica* de Virgílio, funciona como analogia para as guerras civis, às quais Augusto põe fim com a vitória em Ácio em 31 a.C.<sup>49</sup>

<sup>44</sup> Hardie (2015: *ad loc.*). Cf. as jornadas de Eneias (13.709-27, 14.82-105), Glauco (14.1-10) e Míscolo (50-7).

<sup>45</sup> Para as passagens, ver o com. aos vv. 701-2.

<sup>46</sup> Sobre o episódio de Míscolo e sua relação com a *Eneida*, sobretudo com o livro 8, ver o com. ao episódio, especialmente aos vv. 9-18. A novidade é uma característica central da poética ovidiana: as *Metamorfoses* se abrem com o eco do verbo *innouare* (1.1: [*i*]n noua), além da possibilidade de se ler as primeiras palavras do poema, *in noua fert animus* (“meu *animus* me leva a coisas novas”) de forma autônoma (Kenney 2009: 142). A opção pelo novo ou não/pouco trabalhado é já importante na poética alexandrina: cf. Call. *Aet.* 1.25-9 Pf.; *Ep.* 28 Pf. = *Anth. Pal.* 12.43. Quanto à preferência de Ovídio por emular Virgílio desenvolvendo o que este deixa de lado e passando ao largo do que ele privilegia, Hinds (1998: 106) é preciso ao afirmar: “wherever Virgil is elaborate, Ovid is brief, and wherever Virgil is brief, Ovid elaborates...”.

<sup>47</sup> Todas as demais versões mencionam a consulta dos livros sibílicos. A opção de Ovídio por uma viagem de delegação romana a Delfos, além de estabelecer um paralelo com a narrativa da *translatio* da *Margna Mater* nos *Fastos* (4.263-4), pode aludir também ao livro 3 da *Eneida*, onde Eneias narra sua consulta ao oráculo de Apolo em Delos, que, inversamente, levará os troianos à peste de Creta. Para os paralelos, ver Galasso (2000: *ad* 15.622-64).

<sup>48</sup> Galinsky (1967: 190).

<sup>49</sup> Essa leitura é, por exemplo, a premissa de Morgan (1999) em sua leitura das *Geórgicas*.

Essa acumulação de indicações de progressão e continuidade que converge na supremacia de Roma encontra, por fim, sua representação mais notável na engenhosa referência interna que a expressão *salutifer Vrbi*, no último verso do episódio, sugere. O desfecho do mito de Esculápio remete aos inícios do deus, narrados no livro 2 do poema<sup>50</sup>, e, mais precisamente, a 2.642-3, passo onde Ocíroe profetiza que o então futuro deus da medicina será *toto ... salutifer orbi*. A colocação de *salutifer orbi* e *salutifer Vrbi* na mesma sede métrica coloca ainda mais ênfase sobre este que é o movimento final do livro 15: a profecia é cumprida, pois dizer *toto orbi* é descrever a *Vrbs*; Roma, com César e Augusto, se converte em império e é, ela mesma, o mundo inteiro<sup>51</sup>.

O fim do influxo grego e a consolidação de Roma como polo irradiador de cultura, porém, têm implicações igualmente significativas em uma dimensão metatextual. Lembremos da célebre passagem de Horácio *Ep.* 2.1.156-7: *Graecia capta ferum uictorem cepit et artes / intulit agresti Latio*. A dinâmica de imitação e emulação dos poetas gregos pelos latinos é tematizada pelo mesmo Horácio, que, em *Ep.* 1.19.21-34, defende-se de críticas contra uma imitação servil de sua parte em relação a modelos gregos ao reivindicar, ao contrário, o papel de *primus auctor* dos gêneros iâmbico e lírico em língua latina, como já fizera em *Carm.* 3.30.13-4 (*princeps Aeolium carmen ad Italos / deduxisse modos*), poema que é o modelo mais evidente, embora não exclusivo, para o epílogo ovidiano<sup>52</sup>. A asserção da primazia poética era, não por acaso, tópica entre os latinos (e.g. *Lucr.* 1.117-19, a propósito de Ênio; *Prop.* 3.1.1-6; *Verg. G.* 3.10-15)<sup>53</sup> e ilustrativa da atitude dos poetas romanos em relação à tradição grega.

Ovídio, ocupando “último lugar” em relação a essa tradição poética, era extremamente consciente em relação a ela, e não menos ambicioso a propósito do lugar que desejava ocupar em seu interior<sup>54</sup>. Nesse sentido, a construção, através dessa dinâmica de progressão e continuidade tão persistente no livro 15, da ideia da Roma

<sup>50</sup> Assim como o matronímico *Coroniden* (624), empregado já na proposição do episódio (Galasso 2000: *ad* 15.622-744).

<sup>51</sup> Barchiesi (1994: 258).

<sup>52</sup> Destaca-se em especial *Carm.* 2.20, não por acaso o último poema do segundo livro de odes de Horácio, onde o poeta descreve sua *metamorfose* em cisne, imagem motivada justamente pela dinâmica emulativa em relação aos poetas mélicos gregos, especialmente, neste caso, Píndaro, cuja associação ao cisne é explicitada pelo próprio Horácio em *Carm.* 4.2.25-7; ver Nisbet e Hubbard (1978: *ad loc.*) e Hornbeck (2014).

<sup>53</sup> Para a duas primeiras passagens, ver Mynors (1990: *ad G.* 3.10-11) e Thomas (1988: *ad G.* 3.10-5). Sobre a elegia 3.1 de Propércio, ver Fedeli (1985: *ad loc.*).

<sup>54</sup> Sobre a dinâmica de sucessão na poesia de Ovídio, ver Ingleheart (2010), cujo foco recai na carreira elegíaca do poeta, embora mencione-se também passos das *Metamorfoses* (id. *ibid.*: 169-70).

augustana como culminância, isto é, como *telos* de toda a história antecedente, se sobrepõe (como sugerem os vv. 877-8: *quaque patet domitis Romana potentia terris / ore legar populi*) à noção do próprio poeta como ponto de convergência da ampla tradição que mobiliza, mas sobretudo que, através de um complexo jogo emulativo, procura superar, conforme já mencionado. A afirmação de seu sucesso poético e consequente imortalização no epílogo das *Metamorfoses* é, até onde se sabe, alheia à tradição épica<sup>55</sup>. É, contudo, profundamente ovidiana na medida em que, além de trazer para o momento culminante de seus hexâmetros um modelo lírico, sugere a imagem de um Ovídio que se coloca, em relação à ansiedade de seus modelos latinos com a questão da precedência, como espécie de *ultimus auctor* romano, o poeta definitivo<sup>56</sup>.

Ao lado, porém, da construção de um percurso *perpetuum* e ascendente de sucessões até a chegada às “metas” do poema — Augusto e Ovídio —, está o movimento, presente em todas as *Metamorfoses*, mas intensificado neste livro, em direção à permanência. Os modelos através dos quais Ovídio trabalha essa questão começam com o que é a matéria primordial deste poema: a metamorfose. Decerto, a perenização de um ser não é consequência imperativa de sua transformação em *noua corpora*<sup>57</sup>. Assim, por exemplo, permanece em aberto se, a partir do momento em que Licáon é convertido por Júpiter em lobo, algo do homem permanecerá em todos os lobos dali em diante, ou apenas naquele lobo específico. A metamorfose de Dafne, porém, poucos versos adiante no mesmo livro 1, ilustra o potencial perenizador do processo metamórfico, indicado na fala final de Apolo, onde o deus sublinha a presença da ninfa em *todos* os loureiros: *semper habebunt / te coma, te citharae, te nostrae, laure, pharetrae* (1.558-9).

No livro 15, temos exemplos de metamorfoses na transformação, por Hércules, das pedras negras, que condenariam Mísclero à morte, em brancas (45-8), restituindo, de certa forma, a vida do argivo, portanto garantindo a fundação de Crotona e a fama que o

---

<sup>55</sup> Hardie (2015: ad 15.871-9) sugere a possibilidade de uma declaração pessoal na conclusão dos *Anais* de Ênio. Ovídio, em seu epílogo, alude ao epitáfio do poeta (*T 2 : uolito uiuus per ora uirum*), que parece já servir de modelo a Horácio em *Carm.* 2.20 (ver Nisbet e Hubbard 1978: 332-7). Também Virgílio, inclui uma declaração pessoal relativa ao sucesso poético de sua obra em *A.* 9.446-9 (*[f]ortunati ambo! si quid mea carmina possunt, / nulla dies unquam memori uos eximet aeuo, / dum domus Aeneae Capitoli immobile saxum / accolet imperiumque pater Romanus habebit*), passo que Ovídio retomará em seu próêmio (ver com. aos vv. 877-9). Apesar de a passagem virgiliana não se encontrar ao fim do poema, nota-se ali associação de elementos centrais na *sphragis* das *Metamorfoses*: a poesia (com seu poder de perenizar tanto o poeta e aquilo que ele canta) e o poder de Roma.

<sup>56</sup> Ver Hardie (1995: 206) e Segal (2001: 98-9).

<sup>57</sup> Feldherr (2019: 339-61) discute o tema de forma aprofundada a propósito do episódio de Orfeu (10.1-11.66) e menciona também o exemplo de Dafne, que cito abaixo.

imortaliza (58: *talia constabat certa primordia fama*). Processo semelhante se observa na metamorfose parcial de Cipo, cujos cornos, esculpido no umbral da *porta Raudusculana*, representam sua projeção no futuro (620-1: *cornuaque aeratis miram referentia formam / postibus insculpunt longum mansura per aeuum*)<sup>58</sup>. Também Tages é descrito adquirindo forma humana a partir de um torrão de terra (554-6), embora trate-se, nesse passo, mais propriamente, de um nascimento, e não de uma metamorfose. Esculápio assume o aspecto da serpente que lhe serve de símbolo durante a jornada de seu templo em Epidauro até a Ilha Tiberina, como destaquei acima, mas a metamorfose temporária de um deus em animal, como o exemplo das numerosas transformações de Júpiter bem ilustra, é parte de sua prerrogativa divina. A única metamorfose permanente de uma personagem no livro 15, assim, se encontra na transformação da plangente Egéria em fonte, e, neste caso, não parece fortuita a caracterização de suas águas: *pietate dolentis / mota soror Phoebi gelidum de corpore fontem / fecit et aeternas artus tenuauit in undas* (549-51).

Relativamente a esse breve tratamento da metamorfose no último livro do poema, destaque consideravelmente maior é dado para outra forma de permanência, a sucessão, que figura explicitamente, em forma interrogativa, já nos vv. 1-2: *[q]uaeritur interea quis tantae pondera molis / sustineat tantoque queat succedere regi*. A resposta é Numa Pompílio, significativamente eleito pela mesma Fama, aqui, *praenuntia ueri* (3), ali, *libera ... nullisque obnoxia iussis* (853), que indica o êxito da sucessão de César por Augusto na porção final do livro<sup>59</sup>. De fato, a ênfase, na narrativa da apoteose de César, na adoção de Augusto enquanto o maior entre os feitos do general<sup>60</sup>, mais, talvez, do que indicar uma ironia ovidiana a propósito do fato de Augusto não ser filho biológico de César<sup>61</sup>, traz, antes, a questão da sucessão (e não da paternidade, *outra* forma de permanência após a morte) para o centro do episódio. Por fim, projeta-se a sucessão de Augusto por Tibério, não por acaso fazendo uso da mesma imagem do poder como fardo observada nos versos iniciais do livro: *prolem sancta de coniuge natam / ferre simul nomenque suum curasque iubebit* (836-7)<sup>62</sup>.

<sup>58</sup> Embora, à época de Ovídio, a efigie não fosse mais, ao que parece, visível. Ver o com. *ad loc.* para uma breve discussão da passagem.

<sup>59</sup> Mais sobre a fama *supra*, p. 17 n. 24.

<sup>60</sup> Ver esp. os vv. 746-59. Nos vv. 816-21, a morte de César parece colocada como um mal necessário à ascensão de Augusto.

<sup>61</sup> Para referências de leituras nesse sentido, ver p. 15 n. 18.

<sup>62</sup> Cf. os vv. 819-20, com o com. *ad loc.*

Se a sucessão política, no caso de Numa, é o que o insere na dinâmica de progressão e continuidade, César e Augusto são tornados imortais também através de sua apoteose, inserida em uma sequência de divinizações de personagens romanas iniciada no livro 14, com Eneias (14.581-608), Rômulo (14.816-828) e Hersília (14.845-51). O tema figura também no episódio de Hipólito/Vírbio, transformado por Diana em uma divindade menor (545: *de disque minoribus unus*). Ademais, a menção, no episódio, a Esculápio (535), responsável pela volta de Hipólito à vida, remete também à apoteose do próprio deus da medicina, que não é explicitada no tratamento que Ovídio dá ao mito no livro 15, mas figura na profecia de Ocíroo (2.642-8) e nos *Fastos* (6.746-62). Sem dúvida, porém, a apoteose, enquanto modelo da permanência após a morte, ganha destaque no catasterismo de César em *sidus Iulium* (843-51). Quanto a Augusto, sua deificação é tematizada em três ocasiões e por três vezes narrativas distintas no livro 15: nas profecias de Heleno (448-9) e Júpiter (838-9) e na prece final de Ovídio pela longa vida do *princeps* (869-70).

Outra ascensão aos céus, ainda que figurada, é mencionada no episódio de Pitágoras, que, com a mente, aproxima-se dos deuses (62-3) e descreve sua viagem através dos astros sobre uma nuvem (147-9). Se, contudo, o passeio de Pitágoras pelos céus é apenas metafórico, o extenso discurso do filósofo dá a Ovídio a oportunidade de trabalhar outro modelo de continuidade após a morte do corpo físico: a metempsicose. Embora, na fala de Pitágoras, a doutrina seja mencionada sobretudo enquanto argumento em favor do que é o grande objetivo didático do discurso, a censura da dieta carnívora e do sacrifício animal, o filósofo, não obstante, emerge como figura que ultrapassa os limites da finitude da vida humana.

A doutrina do eterno fluxo, por sua vez, introduz no episódio inúmeros exemplos de metamorfoses, embora circunscritas ao mundo natural e, em seu caráter eminentemente cíclico e perpétuo, carentes da noção de progressão. A seção dos vv. 420-33, porém, ao narrar a ascensão e queda de povos e cidades, coloca em jogo a questão da sucessão política — e a inserção da fundação e do desenvolvimento de Roma após a menção a Troia, Esparta, Micenas, Atenas e Tebas, ainda que possa sinalizar o inevitável fim também da *Vrbs*<sup>63</sup>, sugere, igualmente, a mesma ideia de Roma como herdeira e sucessora das antigas potências da Grécia e do Oriente Próximo que o movimento leste

---

<sup>63</sup> O fato é comumente apontado: e.g. Segal (1969: 288); Solodow (1988: 167-8); Jouteur (2001: 226-8).

→ oeste representa. A profecia de Heleno (439-49), ademais, não só inclui a primeira projeção da apoteose de Augusto, conforme mencionado acima, mas também identifica claramente o período augustano como apogeu da história romana (446-8).

Mas os tempos de Augusto são, nas *Metamorfoses*, sobretudo os tempos de Ovídio (*mea ... tempora*, 1.4), e é com uma asserção pessoal de seu triunfo poético que ele conclui seu *magnum opus*. O epílogo retoma e conjuga os quatro modelos de permanência após a morte discutidos acima em 9 versos particularmente densos em alusões e sentidos<sup>64</sup>. Início pelo fato de que, embora, enquanto *sphragis*, o epílogo se configure como paratexto, as continuidades que apresenta em relação ao restante do poema sugerem, paralelamente, a noção de um último episódio de metamorfose, esta do próprio poeta<sup>65</sup>. A natureza da *parte ... meliore mei* (875), que perdura após a morte de seu corpo físico, pode indicar a imortalidade da alma, mencionada por Pitágoras (156-9) e pressuposta para a metempsicose, mas, paralelamente, indica também a metamorfose do *corpus* físico em *corpus* poético<sup>66</sup>. A ideia da transmigração da alma pode, ainda, estar em jogo no uso da expressão *ore legar* (878), que, além de aludir à leitura e performance oral da poesia, possui também o sentido de recolher, com a boca, o último suspiro de alguém no momento de sua morte, sugerindo a noção da encarnação da *melior pars* ovidiana em seus leitores<sup>67</sup>.

Ao lado da metamorfose e da metempsicose, a menção à fama (878), mobilizada relativamente à sucessão de Rômulo por Numa e de César por Augusto, atrelada à *Romana potentia* (877), associa, conforme já apontado, a perenidade da poesia e do poeta à noção da sucessão poética. Por analogia, assim como, na sequência de sucessões contidas no poema, Augusto é seu ponto culminante, Ovídio, por sua vez, inscreve a si mesmo não só como herdeiro e sucessor de toda a tradição greco-romana, imitada e emulada ao longo do poema, mas sim enquanto verdadeiro *telos* dessa tradição. Sobreposta, porém, a essa reivindicação ao papel de “poeta definitivo” está a imortalidade, divina por natureza, mobilizando, portanto, o modelo da apoteose. César ascende aos céus (818: *accedat caelo*), assim como Augusto (448-9: *fruentur / aetheriae sedes, caelumque erit exitus illi*; 870: *accedat caelo*) e é, ele mesmo, um astro (749: *in*

<sup>64</sup> Para uma discussão mais aprofundada do epílogo, que foge ao escopo desta introdução, ver o com. *ad loc.*

<sup>65</sup> Ver Wickkiser (1999).

<sup>66</sup> Ver Farrell (1999).

<sup>67</sup> Hardie (2015: *ad Met.* 15.879-9), que aponta, como paralelo, Verg. *A.* 4.684-5.

*sidus uertere nouum stellamque comantem; 846: caelestibus intulit astris*), enquanto Augusto tocará os astros (839: *aetherias sedes cognataque sidera tanget*). Ovídio, porém, aspira a um lugar mais alto: se elevará, perene, *acima* dos astros (875-6: *super alta perennis / astra ferar*). Nada mais apropriado para o poeta que, em *Pont.* 4.8.55-6, afirma: *di quoque carminibus, si fas est dicere, fiunt, / tantaque maiestas ore canentis eget*.

### 3. DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM O LIVRO

É prática comum nas traduções das *Metamorfoses* seccionar o poema em diferentes episódios, introduzindo-os por meio de subtítulos explicativos. A divisão, contudo, não pareceu conveniente, na medida em que contraria a própria natureza do poema, que já em 1.4 é anunciado como *carmen perpetuum*. Todavia, para facilitar a consulta do texto, consta abaixo um resumo esquemático das partes do livro 15. Dada, porém, a fluidez na passagem de uma seção do poema à outra, bem como a abundância de estruturas narrativas complexas, contendo uma narrativa-moldura e narrativas secundárias, longas passagens de discursos diretos, entre outros, características do estilo ovidiano nas *Metamorfoses*<sup>68</sup>, esta divisão diverge em alguns pontos de outras, propostas por demais tradutores e comentadores<sup>69</sup>; é, contudo, a que julguei mais oportuna e clara.

**1. Numa (1-11):** procura-se o sucessor de Rômulo; a Fama elege o sabino Numa Pompílio. Este, porém, possui inclinações para a indagação filosófica e, por isso, viaja a Crotona. Lá chegando e percebendo muralhas gregas em solo latino, pergunta sobre a origem da cidade.

**2. Origem de Crotona (12-59):** na primeira narrativa interna do livro, um ancião local não nomeado conta a Numa o *aition* de Crotona, narrativa cujo único testemunho é Ovídio, não constando em nenhuma fonte supérstite: Hércules, voltando de seu décimo trabalho, a captura do gado de Gérion, se hospeda no palácio do rei Cróton e, ao partir, declara que no futuro aquele seria o local de uma cidade. Tempos depois, aparece duas vezes em sonho para Míscolo, um argivo benquisto pelos deuses, e ordena-lhe que parta de Argos, viaje até a Itália e funde uma cidade no local previsto, a foz do rio Ésar, ameaçando o rapaz, caso ele não cumprisse suas ordens. As leis de Argos, contudo,

---

<sup>68</sup> Note-se, por exemplo, a abertura dos livros 3, 7, 8 e 14 com o termo *iam(que)*, em todos os casos marcando a continuidade entre o início desses livros e o fim dos livros precedentes (Hardie 2015: *ad Met.* 15.871). No próprio livro 15, um exemplo da fluidez e ambiguidade do texto ovidiano é o ponto onde termina a fala do ancião de Crotona: embora a interpretação canônica, adotada por Tarrant (2004) e seguida nos comentários de Galasso (2000), Hill (2000), Hardie (2015) e também por mim seja a de que o discurso direto abrange os vv. 12-57 e Ovídio reassume a voz narrativa no v. 58, para cedê-la a Pitágoras a partir do v. 75, Otis (1966: 297), citado por Hill (2000: *ad* 15.57-60) e Fratantuono (2011: 433), interpreta todo o episódio de Pitágoras (vv. 60-478) como relatado pelo ancião, cuja fala terminaria apenas no v. 478. Sobre as estruturas narrativas complexas, ver Barchiesi (2006). No livro 15, vale mencionar o episódio de Pitágoras, emoldurado pelo relato da ascensão de Numa ao poder, ou ainda a profecia de Heleno, reportada em discurso direto mas, por sua vez, inserida dentro de outro discurso direto, a fala de Pitágoras.

<sup>69</sup> E.g. a edição da Loeb (Miller 1916), dividida de forma mais concisa entre Míscolo (1-59); o discurso de Pitágoras (60-478); Hipólito (479-546); Cipo (547-621); Esculápio (622-744); a apoteose de Júlio César (745-870) e epílogo (871-9), sem qualquer menção, por exemplo, a Numa.

proíbem seus cidadãos de emigrarem, e punem uma tal empresa com a morte. Assim, quando se descobre a tentativa de fuga de Míscelo, ele vai a julgamento; como seu crime é evidente, os juízes colocam na urna de votação pedras pretas, que significam a condenação do réu. Míscelo, então, suplica a Hércules, e o herói metamorfoseia as pedras pretas em brancas, absolvendo o jovem. Ele, então, viaja até a atual Crotona e, lá achando o lugar determinado por Hércules, funda a cidade.

### 3. Pitágoras (60-478)

#### 3.1. Apresentação de Pitágoras (60-74)

#### 3.2. Discurso de Pitágoras (75-478)

75-142: crítica ao consumo de carne animal, ao sacrifício e ao haruspício;

143-75: após reivindicar uma fala inspirada por Apolo (143-52), Pitágoras justifica a necessidade de abstenção do consumo da carne através da exposição da doutrina da metempsicose — as almas podem habitar também corpos de animais, além de humanos. Para sustentar a teoria, Pitágoras lança mão da memória de sua vida pregressa enquanto o guerreiro troiano Euforbo (160-4);

176-452: Pitágoras introduz a doutrina do eterno fluxo e a ilustra descrevendo as constantes metamorfoses do tempo (177-236), dos elementos (237-60), de corpos de água e, conseqüentemente, locais e seres que eles modificam (261-360), e de animais (361-417). Então, após mencionar a vastidão do tema (418-20), ele trata das mudanças que sofrem as cidades, com sua ascensão e queda (420-30), e chega à fundação e ao crescimento de Roma (431-52), passagem onde projeta a grandeza da Roma augustana através do relato da profecia de Heleno (439-49);

453-78: volta, então, à meta (453: *metam*) do discurso, retomando a noção do mundo em constante mudança e da transmigração das almas, e conclui com uma exortação a que se evite o consumo de carne animal.

**4. O reinado de Numa (479-87):** Numa, após ouvir esses e outros ensinamentos, retorna a Roma e assume o trono, pacificando a natureza dos romanos e instituindo práticas religiosas. Após um longo reinado, sua morte é lamentada por toda a população.

#### **5. Egéria e Hipólito/Vírbio (487-551)**

5.1. O luto de Egéria (487-90): entre os que lamentam a morte de Numa está sua esposa, a ninfa Egéria, que se refugia em um bosque consagrado a Diana e se consome em pranto;

5.2. Hipólito/Vírbio (490-546): inserida nessa narrativa, há a fala de Vírbio, anteriormente Hipólito, que procura consolar a viúva contando-lhe suas desventuras: como não cedera aos apelos da madrasta Fedra e ameaçara contar tudo ao pai; como esta se suicidara, mas deixara a Teseu um bilhete acusando Hipólito de violentá-la, ao que o rei exilou o filho e lançou-lhe uma maldição que culminou na morte do jovem; então, já nos infernos, Hipólito é salvo pela arte de Esculápio, filho de Apolo, graças aos pedidos de Diana, e, de volta à vida, é metamorfoseado em uma divindade menor, Vírbio, e habita esse bosque;

5.3. A metamorfose de Egéria (547-51): nada, contudo, pode consolar Egéria, e, por fim, Diana transforma a plangente, apropriadamente, em fonte.

**6. Três prodígios (552-621):** a admiração de Hipólito e das ninfas do local diante dessa metamorfose é o elemento de transição entre a narrativa de Egéria os três episódios seguintes:

6.1. Tages (553-9): a história do fundador mítico da *disciplina Etrusca*, uma criança mágica que teria nascido de um torrão de terra e ensinado aos etruscos a arte divinatória;

6.2. A lança de Rômulo (560-4): a metamorfose da lança cravada por Rômulo no monte Palatino em um corniso;

6.3. Cipo (565-621): o surgimento de cornos na fronte de Genúcio Cipo, que teria vivido no princípio da república romana. Cipo, então, consulta um harúspice, que anuncia que o prodígio indicava que, caso entrasse pelas portas da cidade, ele se tornaria rei de Roma. Horrorizado com o prospecto de um retorno à monarquia, ele

prefere exilar-se voluntariamente pelo resto de sua vida, ao que é recompensado pelos senadores com uma generosa porção de terra nos arredores da cidade e com uma efígie de seus cornos na *porta Raudusculana*.

**7. Esculápio (622-744):** a introdução do culto a Esculápio em Roma (datado, segundo fontes antigas, de 292 a.C.).

622-5: invocação das Musas;

626-40: narra-se primeiramente os horrores da peste que assolava a cidade e que motiva uma comitiva a procurar o oráculo de Delfos com o intuito de obter a cura da doença. Através do oráculo, porém, Apolo diz aos romanos que eles precisavam não de si, mas de seu filho, isto é, Esculápio;

641-94: os romanos partem então para Epidauro, local de “residência” da divindade, onde um dos emissários vê, em sonho, Esculápio, e o deus lhe afirma que aparecerá na forma de uma serpente. No dia seguinte, a serpente gigante surge em meio ao templo, segue pelas ruas até o porto e embarca na nau romana;

695-728: narração da viagem até Roma;

729-44: a chegada triunfal do deus em Roma e, finalmente, a escolha da Ilha Tiberina como local de seu culto.

**8. Apoteose de Júlio César (744-860):** em oposição a Esculápio, um deus trazido do estrangeiro, está Júlio César, deus em sua própria cidade. Aqui, começa a seção dedicada ao elogio da *gens Iulia*:

745-61: elogio a Júlio César, enumerando façanhas suas e colocando como maior delas ser pai de Augusto;

762-807: narrativa das aflições de Vênus ao ver os preparativos para o atentado contra a vida de César; presságios funestos anunciam a tragédia, mas não podem detê-la; Vênus, como último recurso, tenta ocultar César com uma nuvem, como fizera anteriormente com Páris e Eneias, mas é detida por Júpiter;

807-42: discurso de Júpiter, no qual ele narra a Vênus o que vira no “tabulário do mundo” (*tabularia rerum*), isto é, o destino da estirpe da deusa: Júlio César, que já cumprira seus anos na terra, alçar-se-ia aos céus; seu filho encarregar-se-ia de sua divinização, de seu culto e vingaria sua morte; depois de subordinar o orbe ao poder de Roma, voltar-se-ia às leis e aos costumes, elegeria o filho da esposa (Tibério) como sucessor e, após igualar-se em idade a Nestor, deixaria a terra e ascenderia aos céus;

843-60: César se transforma em cometa e observa a superioridade do filho sobre si.

**9. Prece final (861-70):** Ovídio invoca divindades romanas e roga que Augusto demore a morrer e, após sua morte, mesmo ausente, seja favorável aos que lhe suplicam.

**10. Epílogo (871-9):** Ovídio conclui uma obra imortal e, com isso, torna-se perene em sua melhor parte, superando os astros e vivendo para sempre.

## 4. TRADUÇÃO

### 4.1. Introdução à tradução

O objetivo primordial da tradução aqui apresentada é, ao lado do comentário, facilitar o estudo do texto original, para o qual adoto a edição de Tarrant (2004), e que consta nesta dissertação, ao lado da tradução. Apesar de não seguir qualquer esquema métrico, optou-se pela *organização* da tradução verso a verso, em oposição a parágrafos, para facilitar o cotejo com a edição latina, além de permitir que certas características dos versos originais fossem mantidas.

Entre elas, destaca-se o posicionamento significativo de determinados termos, em especial ao início e fim de verso. Assim, foi possível evidenciar, por exemplo, a colocação de *incipere* no v. 256,

... *nascique uocatur*  
*incipere esse aliud quam quod fuit ante, morique,*

... chama-se nascer  
**começar** a ser diverso do que foi antes, e morrer,

a qual, como demonstra Lateiner (1990: 209), está longe de ser acidental: metade das ocorrências de *incipio* no *corpus* ovidiano ocorrem em início de verso. Igualmente sugestiva é a inversão dessa colocação na descrição das patas das rãs nos v. 378:

*posterior superat partes mensura priores.*

**a posterior** supera em medida as partes **anteriores**.

Aqui, a alteração da ordem esperada mimetiza o fato, descrito no verso, das patas traseiras do animal serem maiores do que as dianteiras, “superando-as” também em termos do *ordo uerborum*<sup>70</sup>. Naturalmente, nem sempre foi possível transpor na tradução o posicionamento significativo dos termos, especialmente quando em posição medial, isto é, junto à cesura ou cesuras do verso, uma vez que a tradução não é metrificada. Procurei, porém, evidenciar tais particularidades dos versos no comentário.

---

<sup>70</sup> Colocação semelhante encontra-se em Hor. *S.* 1.4.59 (*posterius facias, praeponens ultima primis*), passo comentado por Hasegawa (2019b).

Buscou-se também manter os ornamentos (figuras, tropos e metaplasmos)<sup>71</sup>, sempre que viável. Como exemplo, cito os vv. 15-6:

*ipse domum magni nec inhospita tecta Crotonis  
intrasse et requie longum releuasse laborem*

ele próprio entrou no lar do grande Cróton,  
teto não inóspito, e, em repouso, aliviou-se do longo trabalho

Os hipérbatos<sup>72</sup> em *magni ... Crotonis* e *longum ... laborem*, difíceis em português, foram perdidos; contudo, manteve-se a sinédoque *tecta* (“teto”) por “lar”, “palácio”, e a lítotes *nec inhospita*, “não inóspito”, talvez não muito natural em português. Ou, ainda, os vv. 88-90:

*heu quantum scelus est in uiscere uiscera condi  
congestoque avidum pinguescere corpore corpus  
alteriusque animans animantis uiuere leto!*

Ai, quão grande crime é nas **vísceras, vísceras** encerrar,  
ajuntando-lhe um **corpo, o corpo** ávido engordar  
e do assassinato de outro **vivente um vivente** sustentar-se!

A sequência de três poliptotos foi traduzida como repetição de termos contíguos — apesar de, no v. 90, o verbo *uiuere* (“viver”) ter sido deslocado para traduzir *animans* (“ser vivo”), com vistas justamente a manter o ornamento —, preservando parte do efeito original e sugerindo, através da figura, a noção de igualdade entre o corpo que consome (humano) e o corpo consumido (animal).

Observaram-se também os ornamentos ligados à sonoridade, como aliteração, assonância, paronomásia e homeoteleuto, transpondo-os, quando possível, para a tradução. Assim, no v. 132, *sistitur ante aras auditque ignara precantem*, a tradução procurou manter o jogo sonoro entre *aras* e *ignara*, reformulando-o, porém, no homeoteleuto e na assonância entre “ante”, “ignorante” e “suplicante”: “é posta **ante** os altares e, **ignorante**, ouve o **suplicante**”. Em um verso como o 441, em que havia o par aliterativo *flamma ... ferrumque*, optei por traduzir

<sup>71</sup> Emprego a nomenclatura adotada por Lausberg (1972), partindo de gramáticas e retóricas antigas. Sobre *tropos*, ver pp. 143-64, §§ 174-236; sobre *figuras*, pp. 164-260 §§ 238-447; sobre *metaplasmos*, pp. 123-5, §§ 118-24.

<sup>72</sup> Adoto hipérbato, no sentido lato, como “a separação de duas palavras que sintacticamente estão em íntima ligação por meio da interposição (...) de um membro da frase (monossilábico ou polissilábico), que não pertencia diretamente àquele lugar” (Lausberg 1972: 205, § 331).

*flamma* por “flama”, e não “chama”, como seria mais natural, para manter a aliteração, assim como no v. 583, no qual mantive a figura ao traduzir *portas ... patentes* por “portas patentes”, ao invés de, por exemplo, “portas abertas”.

Por fim, busquei manter, na medida do possível e *em linhas gerais* (tendo em vista a impossibilidade de fazê-lo estritamente por conta das óbvias diferenças entre as línguas latina e portuguesa) a ordenação das palavras, tanto para manter a correspondência entre a unidade de determinado verso e sua tradução na linha respectiva em português, sem a qual a organização verso a verso proposta não faria sentido, como, às vezes, para manter determinados efeitos, como o “atraso” na aparição de um sujeito, que pode conferir certo caráter de “adivinha” a uma passagem, como ocorre nos vv. 408-10:

*Si tamen est aliquid mirae nouitatis in istis,  
alternare uices et, quae modo femina tergo  
passa marem est, nunc esse marem miremur hyaenam.*

Se, contudo, há nisso algo de novidade admirável,  
admiremo-nos com ela, que se alterna e antes,  
fêmea, deu o dorso ao macho, agora é macho: **a hiena**.

No passo, o substantivo feminino sugerido pelo pronome *quae* (v. 409) só é esclarecido na última palavra do v. 410: *hyaenam*. Ou, ainda, nos vv. 422-5, em que ocorre o mesmo com o substantivo que o adjetivo *magna* (v. 422) qualifica, *Troia*, que só aparece no v. 424:

*concidere has; sic magna fuit censuque uirisque  
perque decem potuit tantum dare sanguinis annos,  
nunc humilis ueteres tantummodo Troia ruinas  
et pro diuitiis tumulos ostendit auorum.*

outros sucumbem: assim **grande** foi em fortuna e em homens  
e pôde por dez anos dar tanto de sangue;  
agora, humilde, **Troia** é apenas velhas ruínas  
e, no lugar das riquezas, os túmulos de antepassados exhibe.

Contudo, como dito acima, trata-se de uma tradução na qual o critério principal foi a inteligibilidade do texto traduzido. As características da elocução ovidiana que consegui preservar foram encaradas como ponto positivo, sem perder de vista que não tenho como objetivo principal a fruição estética, e sim a compreensão e o estudo deste texto.

Relativamente às notas presentes na tradução, deve-se frisar que elas têm caráter meramente explicativo, visando a oferecer ao leitor moderno as informações que permitam o acesso ao sentido básico do texto, especialmente as referências a personagens e eventos míticos e históricos e localidades mencionadas. Discussões mais detalhadas relativas a aspectos elocutivos do texto, alusões, fortuna crítica e interpretação dos passos estão incluídas no comentário. Para os nomes próprios gregos e latinos, optei por seguir os *Índices de nomes próprios gregos e latinos* (Prieto; Prieto; Pena 1995), adaptando, quando necessário, o uso dos acentos agudos à prosódia brasileira.

*METAMORPHOSES XV*

Quaeritur interea quis tantae pondera molis  
sustineat tantoque queat succedere regi;  
destinat imperio clarum praenuntia ueri  
fama Numam. non ille satis cognosse Sabinae  
5 gentis habet ritus; animo maiora capaci  
concipit et quae sit rerum natura requirit.  
huius amor curae, patria Curibusque relictis,  
fecit ut Herculei penetraret ad hospitis urbem.  
Graia quis Italicis auctor posuisset in oris  
10 moenia quaerenti sic e senioribus unus  
rettulit indigenis, ueteris non inscius aevi:  
    'Diues ab Oceano bubus Ioue natus Hiberis  
litora felici tenuisse Lacinia cursu  
fertur et, armento teneras errante per herbas,  
15 ipse domum magni nec inhospita tecta Crotonis  
intrasse et requie longum releuasse laborem,

## 4.2. METAMORFOSES 15

Procura-se enquanto isso quem o peso de tamanho encargo  
sustentaria e estaria apto a suceder a tamanho rei<sup>73</sup>.

A Fama, mensageira da verdade, destina ao poder  
o ilustre Numa<sup>74</sup>. Ele não julga suficiente conhecer

5 os costumes da gente sabina; no vasto pensamento<sup>75</sup>  
concebe algo mais elevado e indaga qual a natureza das coisas.

O amor de assunto tal, deixada a pátria e Cures<sup>76</sup>,  
levou-o a penetrar a cidade do anfitrião de Hércules<sup>77</sup>.

Procurando saber que autor construía em itálicas costas  
10 muralha grega, assim respondeu-lhe um dos mais velhos  
do lugar, não desconhecedor dos tempos antigos:

‘Vindo do Oceano, o filho de Júpiter, rico em bois  
da Hespéria, chegara, com boa viagem, às praias lacínias<sup>78</sup>,  
segundo se conta, e, estando o rebanho a errar por tenra relva,

15 ele próprio entrou no lar do grande Cróton,  
teto não inóspito, e, em repouso, aliviou-se do longo trabalho.

<sup>73</sup> Trata-se de Rômulo, primeiro rei de Roma, cuja apoteose é narrada ao fim do livro 14 (816-828).

<sup>74</sup> Numa Pompílio, segundo rei de Roma, de origem sabina. A seu respeito a tradição destaca sua virtude, sabedoria, devoção aos deuses e amor pela justiça. Se Rômulo é o rei guerreiro por excelência, é Numa quem irá *organizar* a *Vrbs*, instituindo uma série de medidas responsáveis por tornar coesa e harmônica uma cidade cuja população era belicosa, etnicamente diversa e propensa a atritos; assim aparece na *Eneida* (6.810-1): *primam qui legibus urbem / fundabit*. É acima de tudo célebre pela organização da religião romana: é atribuída a ele, por exemplo, a criação de inúmeros sacerdócios, como o das virgens vestais, dos pontífices e dos flâmines, entre outros (ver Liv. 1.18-21; Plu. *Num. passim* e D.H. 2.58.2-76). A menção à Fama se deve ao fato de Numa ter sido escolhido pelos romanos graças à fama de sua virtude (ver n. 174).

<sup>75</sup> No original, *animus*, conceito que corresponde à capacidade tanto intelectual como afetiva e, por vezes, espiritual. “Pensamento” decerto não dá conta dessa riqueza semântica, porém, por necessidade, foi a tradução adotada, à exceção de passos em que o termo ocorre associado aos verbos *aduertere*, *uertere* ou *adhibere*, com o significado de “prestar atenção”.

<sup>76</sup> Cidade sabina onde residia Numa antes de se tornar rei de Roma (Liv. 1.18.1; Plu. *Num.* 3.4; D.H. 2.58.3).

<sup>77</sup> Cróton, rei do local onde, mais tarde, seria fundada Crotona, colônia grega na Calábria.

<sup>78</sup> Na versão relatada por Ovídio, que não encontra paralelo em nenhuma fonte supérstite, Hércules teria visitado a corte de Cróton após um de seus trabalhos, a captura do gado de Gérion. “Hespéria”, aqui, designa a Hispânia, que recebe esse nome por sua localização ocidental. Com “praias lacínias” designa-se o promontório Lacínio, localizado na entrada do golfo de Tarento, em Crotona.

atque ita discedens “aeuo” dixisse “nepotum  
 hic locus urbis erit”, promissaque uera fuerunt.  
 nam fuit Argolico generatus Alemone quidam  
 20 Myscelos, illius dis acceptissimus aeui.  
 hunc super incumbens pressum grauitate soporis  
 Cauiger adloquitur: “lapidosas Aesaris undas,  
 i, pete diuersi; patrias, age, desere sedes!”  
 et, nisi paruerit, multa ac metuenda minatur.  
 25 post ea discedunt pariter somnusque deusque;  
 surgit Alemonides tacitaque recentia mente  
 uisa refert, pugnatque diu sententia secum.  
 numen abire iubet, prohibent discedere leges  
 poenaque mors posita est patriam mutare uolenti.  
 30 candidus Oceano nitidum caput abdiderat Sol,  
 et caput extulerat densissima sidereum Nox;  
 uisus adesse idem deus est eademque monere  
 et, nisi paruerit, plura ac grauiora minari.  
 pertimuit patriumque simul transferre parabat  
 35 in sedes penetrare nouas. fit murmur in urbe,  
 spretarumque agitur legum reus; utque peracta est  
 causa prior crimenque patet sine teste probatum,  
 squalidus ad superos tollens reus ora manusque  
 “o cui ius caeli bis sex fecere labores,  
 40 fer, precor” inquit, “opem; nam tu mihi criminis auctor.”  
 mos erat antiquus niueis atrisque lapillis,  
 his damnare reos, illis absoluere culpa;  
 tum quoque sic lata est sententia tristis, et omnis  
 calculus immitem demittitur ater in urnam.

Assim disse, partindo: “Na época de nossos netos,  
este será o local de uma cidade”, e as promessas foram verdadeiras.

Com efeito, houve um certo Míscelo, gerado do argólide

20 Alêmon, de sua época o mais caro aos deuses.

Inclinando-se sobre ele, oprimido pelo peso do sono,  
o Clavígero<sup>79</sup> fala: “Vai, busca as pedregosas ondas  
do Ésar<sup>80</sup> longínquo. Vamos, abandona a morada paterna!”

E, caso não obedeça, ameaça com muitas e temíveis coisas.

25 Depois disso, partem ao mesmo tempo o sono e o deus.

Levanta-se o Alemônida<sup>81</sup>, lembra em silêncio as recentes  
visões e por muito tempo o seu juízo luta consigo:

o nume ordena ir-se embora, as leis proíbem partir  
e a morte é a pena imposta aos que desejem mudar de pátria.

30 Claro, o Sol escondera no Oceano a cintilante cabeça

e alteara a cabeça toda coberta de astros a Noite;  
apareceu o mesmo deus, aproximou-se e advertiu o mesmo,  
e, se não obedecesse, ameaçou com mais e mais graves coisas.

Aterrorizou-se e, tão logo se preparava para transferir o pátrio

35 santuário para novas moradas, faz-se na cidade um murmúrio

e ele é feito réu por desprezo à lei. Quando é julgada  
a causa e o crime fica patente, provado sem testemunha<sup>82</sup>,  
em desalinho, erguendo aos súperos o rosto e as mãos, o réu diz:

“Ó tu, a quem doze trabalhos ao céu deram direito,

40 acode, eu suplico, pois és o autor do meu crime.”

Era costume antigo usar seixos níveos e escuros,  
com estes condenar os réus, com aqueles, absolvê-los da culpa;  
também dessa feita foi assim obtida a triste sentença,  
e toda pedrinha escura é depositada na cruel urna.

---

<sup>79</sup> Hércules, assim caracterizado por conta da clava que porta.

<sup>80</sup> Rio próximo a Crotona.

<sup>81</sup> Patronímico de Míscelo, pois filho de Alêmon.

<sup>82</sup> Isto é, sem necessidade de testemunhas, pois evidente.

45 quae simul effudit numerandos uersa lapillos,  
omnibus e nigro color est mutatus in album,  
candidaque Herculeo sententia numine facta  
soluit Alemoniden. grates agit ille parenti  
Amphitryoniadae uentisque fauentibus aequor  
50 nauigat Ionium, Lacedaemoniumque Tarentum  
praeterit et Sybarin Sallentinumque Neretum  
Thurinosque sinus Nemesenque et Iapygis arua.  
uixque pererratis quae spectant litora terris  
inuenit Aesarei fatalia fluminis ora,  
55 nec procul hinc tumulum, sub quo sacrata Crotonis  
ossa tegebat humus; iussaque ibi moenia terra  
condidit et nomen tumulati traxit in urbem.’  
taliam constabat certa primordia fama  
esse loci positaeque Italis in finibus urbis.  
60 Vir fuit hic ortu Samius, sed fugerat una  
et Samon et dominos odioque tyrannidis exul  
sponte erat. isque licet caeli regione remotos  
mente deos adiit et quae natura negabat  
uisibus humanis, oculis ea pectoris hausit.  
65 cumque animo et uigili perspexerat omnia cura,  
in medium discenda dabat coetusque silentum  
dictaque mirantum magni primordia mundi

- 45 Esta, vertida, derramou de uma vez os seixos para serem contados,  
 e em todos a cor, de preta, mudou-se em branca,  
 e a clara sentença, produzida pelo nume hercúleo,  
 livrou o Alemônida. Faz ele agradecimentos ao pai  
 Anfitriónida<sup>83</sup> e, com ventos favoráveis, navega
- 50 o mar Jônio: passa ao longo da lacedemônia  
 Tarento<sup>84</sup>, de Síbaris<sup>85</sup>, da salentina Nereto,  
 do Golfo Turino<sup>86</sup>, de Nênese<sup>87</sup> e dos campos japígios<sup>88</sup>.  
 A custo, após perambular pelas terras que dão para a praia,  
 encontra a fatídica boca do rio Ésar,
- 55 e, não longe dali, o sepulcro, sob o qual os ossos  
 sagrados de Cróton o solo cobria; e ali, na terra designada, as muralhas  
 fundou e transferiu o nome do sepultado à cidade.”  
 Consta por fama segura ser tal o princípio  
 do local e da cidade situada em fronteiras itálicas.
- 60 Homem houve neste lugar, sâmio de nascimento, mas de uma só vez fugira  
 de Samos e de seus senhores e, por ódio aos tiranos,  
 voluntariamente se exilara<sup>89</sup>. Com a mente ele se aproximou dos deuses,  
 embora distantes na região celeste, e o que a natureza negava  
 à vista humana, apreendeu-o com os olhos do peito<sup>90</sup>.
- 65 Após tudo haver perscrutado com o pensamento e vigilante cuidado,  
 dava ensinamentos em meio à assembleia silente<sup>91</sup>,  
 admirada com as palavras, e o princípio do grande mundo,

<sup>83</sup> Patronímico de Hércules, aqui associado não a Júpiter, mas a Anfitrião, marido de sua mãe, Alcmena.

<sup>84</sup> Tarento é qualificada de “lacedemônia” por ter sido colônia espartana, fundada por Falanto, um lacedemônio (Paus. 10.10.6-8).

<sup>85</sup> Antiga colônia grega no golfo de Tarento, entre os rios Síbaris, de onde deriva seu nome, e Crátis (Str. 6.1.13).

<sup>86</sup> Túrio (*Thurii*), cidade de origem grega no golfo de Tarento.

<sup>87</sup> Localidade que permanece desconhecida.

<sup>88</sup> Os japígios, povo original da Ilíria, na Grécia, migraram para a Itália em cerca de 1000 a.C., se estabelecendo primordialmente na região da Apúlia, mas habitando também cidades no Golfo de Tarento.

<sup>89</sup> O homem sâmio é o filósofo Pitágoras, que teria se exilado de sua terra natal devido ao governo do tirano Polícrates, estabelecendo-se em Crotona (D.L. 8.3; Liv. 1.18.2).

<sup>90</sup> Ainda que, modernamente, o peito esteja associado exclusivamente ao campo emocional, entre os antigos era o local onde ficava o *animus*, que, conforme visto *supra* (n. 75), é princípio ligado não só aos afetos, mas também à razão e cognição (ver Onians 2000: 168-73). Daí sua associação, aqui, com a compreensão de fenômenos invisíveis.

<sup>91</sup> O silêncio era preceito fortemente associado ao culto pitagórico (Plu. *Num.* 8.6, D.L. 8.10).

et rerum causas et quid natura docebat,  
 quid deus, unde niues, quae fulminis esset origo,  
 70 Iuppiter an uenti discussa nube tonarent,  
 quid quateret terras, qua sidera lege mearent,  
 et quodcumque latet. primusque animalia mensis  
 arguit imponi, primus quoque talibus ora  
 docta quidem soluit, sed non et credita, uerbis:  
 75 ‘Parcite, mortales, dapibus temerare nefandis  
 corpora! sunt fruges, sunt deducunt ramos  
 pondere poma suo tumidaeque in uitibus uuae;  
 sunt herbae dulces, sunt quae mitescere flamma  
 mollirique queant; nec uobis lacteus umor  
 80 eripitur nec mella thymi redolentia flore.  
 prodiga diuitias alimentaue mitia tellus  
 suggerit atque epulas sine caede et sanguine praebet.  
 carne ferae sedant ieiunia, nec tamen omnes;  
 quippe equus et pecudes armentaque gramine uiuunt.  
 85 at quibus ingenium est immansuetumque ferumque,  
 Armeniae tigres iracundique leones  
 cumque lupis ursi, dapibus cum sanguine gaudent.  
 heu quantum scelus est in uiscere uiscera condi  
 congestoque auidum pinguescere corpore corpus  
 90 alteriusque animans animantis uiuere leto!  
 scilicet in tantis opibus, quas optima matrum  
 terra parit, nil te nisi tristia mandere saeuo  
 uulnera dente iuuat ritusque referre Cyclopum,  
 nec, nisi perdidideris alium, placare uoracis

as causas das coisas e o que é a natureza ensinava:

o que é um deus, de onde vêm as nuvens, qual a origem dos raios,

70 se Júpiter ou os ventos faziam trovejar, ao fender-se a nuvem,

o que sacudia as terras, por que lei os astros viajam

e tudo o mais que se oculta. E foi o primeiro a condenar que servissem

animais à mesa<sup>92</sup>, foi o primeiro também que abriu a boca,

decerto douta, mas também desacreditada, com tais palavras:

75 ‘Abstende-vos, mortais, de com sacrílegos banquetes profanar

os corpos! Há as searas, há pomos a vergar os ramos

com seu peso e uvas túmidas nas vinhas;

há doces ervas, há aquelas que podem com a chama

tornar-se tenras e amolecer. Nem o líquido lácteo

80 vos é tirado, nem o mel, que recende à flor do tomilho.

Fértil, a terra fornece riquezas e alimentos brandos

e oferece repastos sem massacre e sangue.

As feras quebram o jejum com carne; contudo, nem todas:

porquanto o cavalo, o rebanho e o gado vivem da relva.

85 Mas os que são de índole selvagem e feroz,

os tigres da Armênia e os iracundos leões,

e, com os lobos, os ursos, regozijam-se em banquetes de sangue.

Ai, quão grande crime é nas vísceras, vísceras encerrar,

ajuntando-lhe um corpo, o corpo ávido engordar

90 e do assassinato de outro vivente um vivente sustentar-se!

Decerto entre tantos recursos que a melhor das mães,

a terra, produz, nada te agrada senão mastigar tristes feridas

com dente cruel e repetir os costumes dos ciclopes<sup>93</sup>?

Nem, se não arruinares um outro, poderás aplacar

---

<sup>92</sup> Trata-se do tema central, como se verá, do discurso de Pitágoras: a crítica ao consumo de carne animal. Não é assente que os pitagóricos fossem de fato totalmente vegetarianos (ver Gel. 4.11), mas os testemunhos que ridicularizam a adoção de uma dieta vegetariana por parte de Pitágoras e/ou dos pitagóricos (e.g. Call. *Iamb.* 1, fr. 191, 59-63 Pf.; D.L. 8.37-8, 44; Juv. 1.3.229) sugerem que, ainda que não se apoiasse em fatos verídicos, tal crença era difundida.

<sup>93</sup> Os ciclopes são caracterizados já na *Odisseia* (9.177 e ss.) como incivilizados: não trabalham a terra, apenas pastoreiam, não conhecem, portanto, o vinho; ademais, Polifemo não respeitará a lei da hospitalidade, outro elemento civilizatório de suma importância na cultura grega antiga. Aqui, porém, os *ritus Cyclopum* parecem referir-se mais especificamente ao consumo de carne humana, uma vez que Pitágoras iguala a dieta carnívora à antropofagia.

95 et male morati poteris ieiunia uentris?  
     ‘At uetus illa aetas, cui fecimus aurea nomen,  
     fetibus arboreis et quas humus educat herbis  
     fortunata fuit nec polluit ora cruore.  
     tunc et aues tutae mouere per aera pennas,  
 100 et lepus impavidus mediis errauit in aruis,  
     nec sua credulitas piscem suspenderat hamo;  
     cuncta sine insidiis nullamque timentia fraudem  
     plenaque pacis erant. postquam non utilis auctor  
     uictibus inuidit, quisquis fuit ille, †deorum†  
 105 corporeasque dapes auidam demersit in aluum,  
     fecit iter sceleri. primoque e caede ferarum  
     incaluisse potest maculatum sanguine ferrum,  
     idque satis fuerat, nostrumque petentia letum  
     corpora missa neci salua pietate fatemur;  
 110 sed quam danda neci, tam non epulanda fuerunt.  
     longius inde nefas abiit, et prima putatur  
     hostia sus meruisse mori, quia semina pando  
     eruerit rostro spemque interceperit anni;  
     uite caper morsa Bacchi mactandus ad aras  
 115 ducitur ultoris. nocuit sua culpa duobus;  
     quid meruistis, oues, placidum pecus inque tuendos  
     natum homines, pleno quae fertis in ubere nectar,  
     mollia quae nobis uestras uelamina lanas  
     praebetis uitaque magis quam morte iuuatis?  
 120 quid meruere boues, animal sine fraude dolisque,  
     innocuum, simplex, natum tolerare labores?  
     immemor est demum nec frugum munere dignus,  
     qui potuit curui dempto modo pondere aratri

- 95 os jejuns do ventre voraz e mal-acostumado?  
 ‘Mas aquela velha idade a que chamamos de áurea<sup>94</sup>  
 com frutos arbóreos e com as ervas que o solo faz brotar  
 foi afortunada, e não poluiu a boca com o cruor.  
 Então, as aves, seguras, bateram pelo ar as penas,
- 100 a lebre vagou sem medo em meio aos campos  
 e sua credulidade não suspendera o peixe pelo anzol;  
 tudo existia sem insídias, sem temer qualquer traição  
 e cheio de paz. Depois que, pela primeira vez, um autor pouco útil,  
 quem quer que tenha sido, invejou os víveres dos deuses<sup>95</sup>
- 105 e inseriu banquetes de corpos no ávido ventre,  
 abriu caminho ao crime. Com o primeiro massacre das feras  
 pôde inflamar-se o ferro, maculado pelo sangue,  
 e isso fora suficiente — concordo que se envie à morte os corpos  
 que buscam nosso assassinato, sem faltar à piedade;
- 110 mas, assim como deveriam ser mortos, não deveriam servir de repasto!  
 Em seguida o sacrilégio foi mais longe, e julga-se que o porco  
 foi a primeira vítima a merecer morrer, porque com recurvo focinho  
 desenterrou as sementes e destruiu a esperança do ano.  
 Após morder a vide, o bode é conduzido aos altares de Baco vingador
- 115 para ser morto; sua culpa foi nociva aos dois.  
 O que mereceste, ovelhas, rebanho plácido, nascido  
 para assistir os homens, que no úbere cheio levais o néctar,  
 que a nós vossas lãs, macias vestes,  
 ofereceis, e sois mais úteis em vida que na morte?
- 120 O que mereceram os bois, animal sem traição nem ardis,  
 inofensivo, simples, nascido para tolerar os trabalhos?  
 Em suma, é ingrato e não é digno da dádiva das searas  
 quem, pouco depois de livrá-lo do peso do curvo arado,

<sup>94</sup> Pitágoras se refere ao mito das quatro idades, matéria de Ovídio em *Met.* 1.89-150. Na Idade de Ouro, os homens não precisavam caçar nem cultivar a terra, apenas consumiam o que esta lhes dava espontânea e abundantemente.

<sup>95</sup> “Dos deuses” (*deorum*) parece ser uma interpolação. Com efeito, não só os deuses tradicionalmente *não* se alimentavam de carne animal, como também essa afirmação iria contra o expresso nos vv. 109-15 e 127-9, *infra*.

ruricolam mactare suum, qui trita labore  
 125 illa, quibus totiens durum renouauerat aruum,  
 tot dederat messes, percussit colla securi.  
 ‘Nec satis est quod tale nefas committitur; ipsos  
 inscripsere deos sceleri numenque supernum  
 caede laboriferi credunt gaudere iuueni.  
 130 uictima labe carens et praestantissima forma  
 (nam placuisse nocet) uittis insignis et auro  
 sistitur ante aras auditque ignara precantem  
 imponique suae uidet inter cornua fronti  
 quas coluit fruges percussaque sanguine cultros  
 135 inficit in liquida praeuisos forsitam unda.  
 protinus ereptas uiuenti pectore fibras  
 inspiciunt mentesque deum scrutantur in illis.  
 unde (fames homini uetitorum tanta ciborum est)  
 audetis uesci, genus o mortale! quod, oro,  
 140 ne facite et monitis animos aduertite nostris,  
 cumque boum dabitur caesorum membra palato,  
 mandere uos uestros scite et sentite colonos.  
 ‘Et quoniam deus ora mouet, sequar ora mouentem  
 rite deum Delphosque meos ipsumque recludam  
 145 aethera et augustae reserabo oracula mentis.  
 magna nec ingeniis inuestigata priorum  
 quaeque diu latuere, canam; iuuat ire per alta  
 astra, iuuat terris et inertis sede relictis  
 nube uehi ualidique umeris insistere Atlantis,  
 150 palantesque homines passim et rationis egentes

pôde matar seu agricultor<sup>96</sup>, quem aquela cerviz gasta pelo trabalho,  
 125 com que tantas vezes renovara o duro campo  
 quantas dera messes, com machado golpeou.

‘Nem é suficiente cometer-se sacrilégio tal: aos próprios  
 deuses imputaram o crime e creem que um nume superno  
 regozija-se com o massacre de bezerro trabalhador.

130 A vítima, carente de mácula e notabilíssima pela formosura  
 (pois ter agradado é nocivo), ornada com fitas e ouro,  
 é posta ante os altares e, ignorante, ouve o suplicante  
 e vê serem postas em sua frente, entre os cornos,  
 as searas que cultivou e, golpeada, com sangue tinge  
 135 os punhais, antevistos, talvez, na líquida água.

Imediatamente examinam as vísceras, arrancadas ao peito  
 vivo, e nelas sondam os desígnios dos deuses<sup>97</sup>.

Depois (tamanho fome o homem tem de comidas proibidas)  
 ousais comê-la, ó raça mortal! Imploro,

140 não o façais, prestai atenção às minhas advertências  
 e, quando derdes os membros dos bois massacrados ao paladar,  
 sabeis e compreendei que vós devorais vosso colono.

‘E, pois que o deus<sup>98</sup> move minha boca, seguirei o deus que move,  
 em ritual, minha boca, revelarei minha Delfos e o próprio

145 éter e desvelarei os oráculos da mente augusta.

Grandes coisas, ainda não investigadas pelo engenho dos antigos  
 e que por muito tempo permaneceram ocultas hei de cantar: agrada-me ir pelos altos  
 astros, agrada-me, abandonada a terra e a morada inerte,  
 ser levado por uma nuvem, apoiar-me nos ombros do vigoroso Atlas<sup>99</sup>

150 e de lá observar ao longe os homens errando, sem direção,

---

<sup>96</sup> O boi. A metáfora se repete no v. 142, contribuindo para humanizar os animais e intensificar o caráter patético do discurso.

<sup>97</sup> Pitágoras descreve aqui o haruspício, prática de origem etrusca que consistia na previsão do futuro através do exame das entranhas do animal sacrificado.

<sup>98</sup> Trata-se de Apolo.

<sup>99</sup> Segundo Hesíodo (*Th.* 507-20), Atlas foi um gigante, filho de Jápeto e Clímene, que, após a derrota na gigantomaquia, foi condenado por Júpiter a sustentar, sobre seus ombros, a abóbada celeste. Em *Met.* 4.627-62, contudo, aparece como rei da região da Hespéria que nega hospitalidade a Perseu por medo de que este lhe roubasse suas árvores de ouro. Perseu, para se vingar, mostra-lhe a cabeça da Medusa e ele, homem de estatura notável, converte-se em uma colossal montanha que sustenta sobre si os céus.

despectare procul trepidosque obitumque timentes  
sic exhortari seriemque euoluere fati:

- ‘O genus attonitum gelidae formidine mortis,  
quid Styga, quid tenebras et nomina uana timetis,  
155 materiem uatum, falsique pericula mundi?  
corpora, siue rogos flamma seu tabe uetustas  
abstulerit, mala posse pati non ulla putetis;  
morte carent animae semperque priore relicta  
sede nouis domibus uiuunt habitantque receptae.  
160 ipse ego (nam memini) Troiani tempore belli  
Panthoides Euphorbus eram, cui pectore quondam  
haesit in aduerso grauis hasta minoris Atridae;  
cognoui clipeum, laeuae gestamina nostrae,  
nuper Abanteis templo Iunonis in Argis.  
165 omnia mutantur, nihil interit. errat et illinc  
huc uenit, hinc illuc et quoslibet occupat artus  
spiritus eque feris humana in corpora transit  
inque feras noster, nec tempore deperit ullo.  
utque nouis facilis signatur cera figuris,  
170 nec manet ut fuerat nec formas seruat easdem,

carentes de razão, e assim exortá-los, perturbados que são  
e tementes da morte, e desenrolar diante deles a sucessão do destino.

- ‘Ó espécie assombrada pelo receio da gélida morte,  
por que temeis o Estige<sup>100</sup>, sombras e palavras vãs,  
155 matéria dos vates<sup>101</sup> e perigos de um mundo imaginário?  
Os corpos, quer a pira, pela chama, quer a velhice, pela degradação,  
os arrebate, não julgueis que podem sofrer quaisquer males:  
as almas<sup>102</sup> estão livres da morte e sempre, deixada a antiga  
morada, em novas casas vivem e lá, acolhidas, habitam.  
160 Eu mesmo (pois me lembro) no tempo da guerra de Troia fui  
Euforbo Pantoida, em cujo peito outrora  
fixou-se, de frente, a pesada lança do Atrida mais novo<sup>103</sup>;  
reconheci o escudo, carga em minha mão esquerda,  
há pouco, no templo de Juno, na Argos de Abas<sup>104</sup>.  
165 Tudo muda, nada se perde. O espírito erra, vem de lá  
para cá e daqui para lá e se apodera dos membros que quiser:  
partindo das feras, passa ao corpo humano  
e, do nosso, às feras, e em tempo algum perece.  
Assim como a dúctil cera se molda em novas figuras,  
170 nem permanece como fora, nem guarda as mesmas formas,

<sup>100</sup> Rio que corre no Inferno. Pitágoras, por meio desta sinédoque, tópica para indicar o Inferno, refere-se à crença no submundo, tal qual ele é descrito pelos poetas. Para a descrição dos rios nos Infernos, cf. Pl. *Phd.* 112a-113c. No livro 6 da *Eneida*, Virgílio menciona também os rios infernais (ver, e.g., 6.106-7, 131-2, 295-7, 548-551).

<sup>101</sup> O *uates* (vate) é, a princípio, o profeta, cujas palavras são inspiradas por divindades; sendo a fala do poeta tradicionalmente inspirada pelas Musas, o sentido de *uates* engloba, também, o de poeta, acepção corrente à época de Ovídio (ver *OLD*, s.v. *uates*, acepções 1a e 2a, respectivamente).

<sup>102</sup> No original, *anima*, conceito que engloba a noção de hálito, respiração e sopro, mas também o que seria o *sopro vital*, matéria da vida, identificado à *ψυχή* grega. Na doutrina filosófica aqui exposta, é imortal e, quando perece o corpo que habita, passa a outro. Essa concepção, atribuída, de fato, a Pitágoras e aos pitagóricos, é também adotada por Platão e conhecida como metempsicose, a teoria da transmigração das almas; ver Onians (2000: 168-73).

<sup>103</sup> Diógenes Laércio (8.4) cita um testemunho de Heraclides do Ponto, segundo quem Pitágoras teria sido Etárides, filho de Mercúrio (Hermes), e teria recebido do pai, como dom, uma memória prodigiosa, que lhe permitia lembrar-se de suas vidas passadas. Seja por que razão, a capacidade que Pitágoras possuía de se lembrar de suas encarnações anteriores é parte das lendas a seu respeito. Euforbo, filho de Panto (donde o patronímico “Pantoida”) é guerreiro troiano que figura na *Iliada*, onde é o primeiro a ferir Pátroclo (16.806-17) e, posteriormente, é morto por Menelau (17.1-60), o “Atrida mais novo”. Que Pitágoras teria sido Euforbo em uma vida passada, consta em Diodoro Sículo (10.6.1), Diógenes Laércio (8.4), Aulo Gélcio (4.11) e Horácio (*Carm.* 1.28.10-1), entre outros.

<sup>104</sup> O reconhecimento do escudo de Euforbo era elemento conhecido da lenda de Pitágoras, conforme atestado em Horácio (*Carm.* 1.28.11-13) e Diodoro Sículo (10.6.2-3). Abas, filho de Linceu e Hipermnestra, foi rei de Argos.

sed tamen ipsa eadem est, animam sic semper eandem  
esse sed in uarias doceo migrare figuras.

ergo, ne pietas sit uicta cupidine uentris,  
parcite, uaticinor, cognatas caede nefanda

175 exturbare animas, nec sanguine sanguis alatur.

‘Et quoniam magno feror aequore plenaque uentis  
uela dedi, nihil est toto quod perstet in orbe;  
cuncta fluunt, omnisque uagans formatur imago.

ipsa quoque adsiduo labuntur tempora motu,

180 non secus ut flumen. neque enim consistere flumen

nec leuis hora potest, sed ut unda impellitur unda

urgeturque prior ueniente urgetque priorem,

tempora sic fugiunt pariter pariterque sequuntur

et noua sunt semper. nam quod fuit ante relictum est,

185 fitque quod haud fuerat, momentaque cuncta nouantur.

cernis et emensas in lucem tendere noctes,

et iubar hoc nitidum nigrae succedere nocti;

nec color est idem caelo, cum lassa quiete

cuncta iacent media cumque albo Lucifer exit

190 clarus equo, rursusque alius, cum praeuia lucis

tradendum Phoebus Pallantias inficit orbem.

ipse dei clipeus, terra cum tollitur ima,

mane rubet, terraque rubet cum conditur ima;

candidus in summo est, melior natura quod illic

195 aetheris est terraeque procul contagia fugit.

nec par aut eadem nocturnae forma Dianae

esse potest umquam semperque hodierna sequente,

si crescit, minor est, maior, si contrahit orbem.

contudo é a mesma, assim também ensino que a alma  
é sempre a mesma, mas emigra para várias figuras.

Por isso, para que a piedade não seja vencida pela cupidez do ventre,  
abstende-vos, vaticino, de extirpar em massacre sacrílego

175 almas aparentadas, e que o sangue de sangue não se alimente!

‘E, pois que sou levado pelo grande mar e dei aos ventos  
as velas inchadas, nada há em todo o orbe que permaneça,  
tudo flui e toda imagem que se forma é transitória.

O próprio tempo também escorre, em constante movimento,  
180 não diferentemente de um rio. Pois nem pode um rio  
parar, nem a hora ligeira, mas, assim como onda é impelida por onda —  
a que veio é arrastada pela que vem e arrasta a que veio —,  
o tempo assim foge, ao mesmo tempo segue

e é sempre novo. Pois o que antes foi ficou para trás,  
185 faz-se o que não fora, e os instantes todos se renovam.

Vês também que as noites transcorridas se dirigem para a luz  
e que este luzeiro cintilante sucede a negra noite.

Nem a cor no céu é a mesma quando tudo, cansado,  
jaz em meio ao repouso e quando o radiante Lucífer<sup>105</sup> sai  
190 em seu branco cavalo, e é de novo outra quando a portadora da luz,  
a Palântide<sup>106</sup>, tinge o orbe que há de ser confiado a Febo<sup>107</sup>.

O próprio disco do deus, quando debaixo da terra se eleva,  
de manhã, é rubro, e é rubro quando embaixo da terra se põe;  
é cândido quando está a pino, pois a natureza do éter ali  
195 é melhor, e foge para longe do contato com a terra.

Nem a forma da noturna Diana<sup>108</sup> pode um dia  
ser igual ou a mesma: sempre, se cresce, a de hoje  
é menor que a seguinte; se mingua o orbe, maior.

<sup>105</sup> Filho de Júpiter e Aurora, Lúçifer é a estrela da manhã, que anuncia a chegada do dia.

<sup>106</sup> Aurora, ou, na tradição grega, Eos. Tradicionalmente, é tida como filha de Hiperión, neta, portanto, de Palas; Ovídio, porém, opta por esta versão alternativa do mito também no v. 700, *infra*, em 9.421 e *Fast.* 4.373; 6.567.

<sup>107</sup> O epíteto (lit. brilhante, radiante, do grego φοῖβος) é comumente utilizado para se referir a Apolo, enquanto deus associado ao Sol.

<sup>108</sup> Isto é, a lua.

‘Quid? non in species succedere quattuor annum  
 200 aspicias, aetatis peragentem imitamina nostrae?  
 nam tener et lactens puerique simillimus aevo  
 uere nouo est; tunc herba recens et roboris expers  
 turget et insolida est et spe delectat agrestes.  
 omnia tum florent, florumque coloribus almus  
 205 ludit ager, neque adhuc uirtus in frondibus ulla est.  
 transit in aestatem post uer robustior annus  
 fitque ualens iuuenis; neque enim robustior aetas  
 ulla nec uberius nec quae magis ardeat ulla est.  
 excipit autumnus, posito feruore iuuentae  
 210 maturus mitisque inter iuuenemque senemque  
 temperie medius, sparsus quoque tempora canis.  
 inde senilis hiems tremulo uenit horrida passu,  
 aut spoliata suos aut quos habet alba capillos.  
 ‘Nostra quoque ipsorum semper requieque sine ulla  
 215 corpora uertuntur, nec quod fuimusue sumusue  
 cras erimus. fuit illa dies, qua semina tantum  
 spesque hominum primae matris latitauimus aluo.  
 artifices natura manus admouit et angi  
 corpora uisceribus distentae condita matris  
 220 noluit eque domo uacuas emisit in auras.  
 editus in lucem iacuit sine uiribus infans;  
 mox quadripes rituque tulit sua membra ferarum,  
 paulatimque tremens et nondum poplite firmo  
 constitit adiutis aliquo conamine neruis;  
 225 inde ualens ueloxque fuit spatiumque iuuentae  
 transit et emeritis medii quoque temporis annis  
 labitur occiduae per iter decliue senectae.  
 subruit haec aeui demoliturque prioris

‘O quê? Não notas que com quatro feições o ano  
 200 decorre, imitando, ao passar, as nossas idades?  
 É tenro e viçoso, exatamente igual à infância,  
 na primavera nova; então a relva recente, privada de solidez,  
 brota, é frágil e com esperança deleita os rústicos.  
 Tudo então floresce e com as cores das flores o benéfico  
 205 campo se diverte, e nas frondes ainda não há vigor algum.  
 Passa-se em verão, depois da primavera, o ano, mais robusto,  
 e faz-se potente jovem: pois idade alguma não há  
 mais robusta, nem mais abundante, nem alguma que arda mais.  
 Segue o outono, abandonado o fervor da juventude,  
 210 maduro, brando, no equilíbrio entre o jovem e o velho,  
 equânime, coberto também nas têmeoras de cãs.  
 Em seguida vem o velho inverno, áspero, com o passo trêmulo,  
 ou desprovido de seus cabelos, ou branco, nos cabelos que tem.  
 ‘Nossos corpos também, eles mesmos, sem descanso algum  
 215 se transformam, e o que ou fomos ou somos  
 amanhã não seremos. Houve um dia em que, semente apenas,  
 esperança primeira dos homens, nos ocultávamos dentro do ventre materno.  
 A natureza aproximou suas mãos artífices — não quis  
 que o corpo, concebido nas vísceras da mãe dilatada,  
 220 sufocasse, e de seu lar o lançou às livres brisas.  
 Dada à luz, ficou deitada a criança, sem forças;  
 logo, engatinhando, arrastou seus membros ao modo das feras,  
 e, pouco a pouco, tremendo e com o joelho ainda pouco firme,  
 ergueu-se com algum esforço, com a ajuda dos músculos.  
 225 Em seguida foi potente e veloz: passa pelo intervalo  
 da juventude e, alcançados também os anos da idade do meio,  
 deixa-se cair pela ladeira da decadente velhice.  
 Ela deita abaixo, arruína a solidez dos anos

robora, fletque Milon senior, cum spectat inanes  
 230 illos, qui fuerant solidorum mole tororum  
 Herculeis similes, fluidos pendere lacertos.  
 flet quoque, ut in speculo rugas aspexit aniles,  
 Tyndaris et secum cur sit bis rapta requirit.  
 tempus edax rerum, tuque, inuidiosa uetustas,  
 235 omnia destruitis uitiatque dentibus aeui  
 paulatim lenta consumitis omnia morte.  
 ‘Haec quoque non perstant, quae nos elementa uocamus;  
 quasque uices peragant (animos adhibete) docebo.  
 quattuor aeternus genitalia corpora mundus  
 240 continet. ex illis duo sunt onerosa suoque  
 pondere in inferius, tellus atque unda, feruntur,  
 et totidem grauitate carent nulloque premente  
 alta petunt, aer atque aere purior ignis.  
 quae quamquam spatio distant, tamen omnia fiunt  
 245 ex ipsis et in ipsa cadunt, resolutaque tellus  
 in liquidas rarescit aquas, tenuatus in auras  
 aeraque umor abit, dempto quoque pondere rursus  
 in superos aer tenuissimus emicat ignes.  
 inde retro redeunt, idemque retexitur ordo;  
 250 ignis enim densum spissatus in aera transit,  
 hic in aquas, tellus glomerata cogitur unda.  
 ‘Nec species sua cuique manet, rerumque nouatrix  
 ex aliis alias reparat natura figuras;  
 nec perit in toto quidquam, mihi credite, mundo,  
 255 sed uariat faciemque nouat, nascique uocatur  
 incipere esse aliud quam quod fuit ante, morique,

anteriores: chora o velho Mílon<sup>109</sup> quando vê, inúteis,  
 230 aqueles braços que haviam tido o volume de maciços músculos,  
 semelhantes aos hercúleos, penderem, frouxos;  
 chora também, quando nota no espelho as rugas senis,  
 a Tindárida, e se pergunta por que fora duas vezes arrebatada<sup>110</sup>.  
 O tempo, que tudo devora, e tu, invejosa velhice,  
 235 tudo destróis e aquilo que foi roído pelos dentes dos anos,  
 pouco a pouco o engolis todo, em lenta morte.  
 ‘Também estes não permanecem, os que nós chamamos elementos;  
 as mudanças que operam (concentrai-vos!) ensinarei.  
 Quatro corpos geradores o eterno mundo  
 240 contém. Deles, dois são onerosos e por seu próprio  
 peso são arrastados — terra e água — para o mais fundo.  
 Outros tantos carecem de gravidade e, por nada premidos,  
 buscam as alturas — o ar e, mais puro que o ar, o fogo.  
 Posto que distem no espaço, contudo é tudo feito  
 245 deles e neles se acaba: a mole terra  
 em líquidas águas se rarefaz; diluído em brisas  
 e ar, o fluido se esvai; suprimido também o peso, de novo  
 o ar levíssimo se eleva aos súperos fogos.  
 Em seguida voltam atrás e recomeçam em igual ordem:  
 250 pois o fogo condensado passa a densos ares,  
 este às águas, e a onda concentrada agrega-se em terra.  
 ‘Nem cada coisa mantém sua própria feição, e a que tudo renova,  
 a natureza, troca umas por outras figuras,  
 nem nada em todo o mundo, acreditai em mim, perece,  
 255 mas se altera, renova sua face: chama-se nascer  
 começar a ser diverso do que foi antes, e morrer,

<sup>109</sup> Célebre atleta natural de Crotona, cuja força era proverbial. Algumas fontes estabelecem uma relação entre ele e Pitágoras, incluindo-o, inclusive, entre os discípulos do filósofo (cf. D.L. 8.39; D.S. 12.9.4-5; Iamb. *VP* 36; Porph. *VP* 55).

<sup>110</sup> A Tindárida é Helena. O patronímico se deve ao fato de Tíndaro, rei de Esparta, ser marido de Leda, sua mãe, embora Helena fosse tida como filha de Júpiter. A menção a ser “duas vezes arrebatada” faz referência à tradição segundo a qual Helena teria sido raptada também por Teseu e Pirítoo, além de por Páris (ver Hdt. 9.73), versão que Ovídio segue também em *Ep.* 16.149-51; 17.21-43.

desinere illud idem. cum sint huc forsitan illa,  
 haec translata illuc, summa tamen omnia constant.  
 nil equidem durare diu sub imagine eadem  
 260 crediderim. sic ad ferrum uenistis ab auro,  
 saecula, sic totiens uersa est fortuna locorum.  
 uidi ego, quod fuerat quondam solidissima tellus,  
 esse fretum, uidi factas ex aequore terras;  
 et procul a pelago conchae iacuere marinae,  
 265 et uetus inuenta est in montibus ancora summis;  
 quodque fuit campus, uallem decursus aquarum  
 fecit, et eluuie mons est deductus in aequor;  
 eque paludosa siccis humus aret harenis,  
 quaeque sitim tulerant, stagnata paludibus ument;  
 270 hic fontes natura nouos emisit, at illic  
 clausit, et †antiquis tam multa† tremoribus orbis  
 flumina prosiliunt aut excaecata residunt.  
 ‘Sic ubi terreno Lycus est epotus hiatu,  
 existit procul hinc alioque renascitur ore.  
 275 sic modo combibitur, tecto modo gurgite lapsus  
 redditur Argolicis ingens Erasinus in aruis,  
 et Mysum capitisque sui ripaeque prioris  
 paenituisse ferunt, alia nunc ire Caicum;  
 nec non Sicanias uoluens Amenanus harenas  
 280 nunc fluit, interdum suppressis fontibus aret;  
 ante bibebatur, nunc quas contingere nolis  
 fundit Anigros aquas, postquam (nisi uatibus omnis

deixar de ser o mesmo. Ainda que talvez aquilo se tenha transferido para cá, isto para lá, o total, contudo, se conserva.

Sim, não acredito que nada dure muito

260 sob a mesma imagem. Assim, ao ferro viestes do ouro, séculos<sup>111</sup>, assim tanta vez se transformou a fortuna dos locais.

Eu mesmo vi ser mar o que um dia fora solidíssima terra, vi do mar feitas terras;

longe do pélago, conchas marinhas jaziam,

265 e velha âncora foi encontrada no cume de um monte.

O que foi um campo, o curso das águas fez vale, e o monte foi levado pela correnteza ao mar.

De pantanoso, o solo resseca-se em áridas areias; os que suportaram a sede umedecem, agora pântanos.

270 Aqui a natureza fez emergir novas fontes, mas ali fechou-as; e, pelos antigos tremores do orbe, tantos rios brotam ou, obstruídos, são interrompidos.

‘Assim o Lico é tragado por uma fenda na terra, surge longe dali e em outra boca renasce<sup>112</sup>.

275 Assim ora é sorvido, ora, caindo em fluxo encoberto, retorna, enorme, o Erasino aos campos da Argólida<sup>113</sup> e, na Mísia, contam que de sua cabeceira e das antigas margens se arrependeu o Caíco, e agora vai por outras<sup>114</sup>; agora o Amenano, revolvendo sicilianas areias,

280 não flui: de tempos em tempos, retidas as fontes, resseca-se<sup>115</sup>; bebia-se antes, agora não toques as águas que o Anigro derrama, depois que (se dos vates toda

<sup>111</sup> Mais uma alusão ao mito das quatro idades — ouro, prata, bronze e ferro —, que ilustra a degeneração da raça humana (cf. vv. 96-8).

<sup>112</sup> O Lico é um rio na Frígia. A menção mais antiga ao fato de ele fluir sob a terra se encontra em Heródoto (7.30.1), embora a mesma informação apareça em prosadores posteriores (ver Str. 12.8.16, Plin. *Nat.* 2.106).

<sup>113</sup> Esta característica do Erasino é atestada por Heródoto (6.76.1) e, posteriormente, mencionada por Pausânias (8.22.3) e Estrabão (6.2.9).

<sup>114</sup> Não há registro de mudança no curso do Caíco nas menções ao rio em fontes supérstites (Hes. *Th.* 343; Hdt. 6.28; 7.42; Cic. *Flac.* 72; Verg. *G.* 4.370). Possivelmente, Ovídio alude à polêmica sobre o local de sua nascente, mencionada por Estrabão (13.1.70), que corrige Baquíledes e Eurípides, segundo os quais a cabeceira do Caíco encontrar-se-ia no monte Ida.

<sup>115</sup> O Amenano é um rio da Sicília. A irregularidade de seu fluxo é citada por Estrabão (5.3.13).

eripienda fides) illic lauere bimembres  
uulnera, clauigeri quae fecerat Herculis arcus.

- 285 quid? non et Scythicis Hypanis de montibus ortus,  
qui fuerat dulcis, salibus uitatur amaris?  
fluctibus ambitae fuerant Antissa Pharosque  
et Phoenissa Tyros, quarum nunc insula nulla est;  
Leucada continuam ueteres habuere coloni,  
290 nunc freta circueunt; Zancle quoque iuncta fuisse  
dicitur Italiae, donec confinia pontus  
abstulit et media tellurem reppulit unda;  
si quaeras Helicen et Burin, Achaidas urbes,  
inuenies sub aquis, et adhuc ostendere nautae  
295 inclinata solent cum moenibus oppida mersis.  
est prope Pittheam tumulus Troezena, sine ullis  
arduus arboribus, quondam planissima campi

fé<sup>116</sup> não se deve retirar) lá os bimbres<sup>117</sup> lavaram  
as feridas que fizera o arco de Hércules Clavígero<sup>118</sup>.  
285 O quê? Também o Hípanis, nascido nos montes citas,  
que fora doce, não se corrompe em saís amargos<sup>119</sup>?  
Foram rodeadas por rios Antissa<sup>120</sup>, Faros<sup>121</sup>  
e a fenícia Tiro<sup>122</sup>, agora nenhuma delas é ilha.  
Em Lêucade continental viveram os velhos colonos,  
290 agora mares circundam-na<sup>123</sup>. Zancle<sup>124</sup> também era unida,  
diz-se, à Itália, até que o ponto aboliu  
seus confins e afastou a terra, interpondo-lhe ondas.  
Se procurares por Hélice e Buris, acaias cidades,  
encontrá-las-ás sob as águas, e ainda hoje os marinheiros costumam  
295 a cidade afundada mostrar, com as muralhas submersas<sup>125</sup>.  
Há, perto da piteia Trezena<sup>126</sup>, um outeiro sem quaisquer  
árvores, escarpado, outrora a mais lisa extensão

<sup>116</sup> O termo *fides*, no original, possui não só o significado de “fé”, “confiança”, “crença em algo ou alguém”, como também designa “algo em que se pode crer”, “algo digno de credibilidade”, “verossímil”, ou mesmo “boa-fé”, “honestidade” e “honra de algo ou alguém” (*OLD*, s.v. *fides*, acepções 1, 9 e 5, 6, 7, respectivamente), entre outras possibilidades não pertinentes a este caso.

<sup>117</sup> Os centauros, por sua natureza dupla, meio humanos, meio equinos.

<sup>118</sup> Estrabão (8.3.19) e Pausânias (5.5.8-10) discorrem sobre as águas malcheirosas do Anigro, cujos peixes não podiam ser consumidos. O motivo de tais características seria o fato de suas águas formarem um pântano, cuja lama emitiria odor desagradável. São apresentadas duas explicações míticas para o fenômeno: ou um centauro (Quíron ou Pilenor) ali teria lavado a ferida feita por Hércules, impregnada do veneno da Hidra, ou Melampo teria utilizado as águas do Anigro para purificar as Prétides (mito referido nos vv. 322-8, *infra*, mas associado a uma fonte em Clitor).

<sup>119</sup> Segundo Heródoto (4.52.1-4), o amargor das águas do Hípanis se deve ao influxo de uma fonte de águas amargas, explicação que se repete em Pausânias (4.35.11).

<sup>120</sup> Estrabão (1.3.19) apresenta o testemunho de Mirsilo de Metimna (escritor do gênero paradoxográfico do século III a.C.), segundo quem a cidade, parte da ilha de Lesbos, teria sido uma ilha chamada Issa.

<sup>121</sup> Ilha situada em frente a Alexandria. Os sedimentos despejados no mar na foz do Nilo teriam se acumulado, formando uma ligação entre a ilha e o continente (Sen. *Nat.* 6.26.1; Str. 12.2.4).

<sup>122</sup> Célebre cidade fenícia localizada em uma ilha, foi sitiada em 332 a.C. por Alexandre; ao cabo de sete meses, ele a tomou, após haver construído um enorme aterro que possibilitou aos macedônios chegarem às muralhas da cidade (D.S. 17.40-6). Note-se o anacronismo na alusão de Pitágoras, que teria vivido no século VI a.C.

<sup>123</sup> Ilha grega localizada no mar Jônio. Estrabão (1.3.18) informa que ela teria sido unida ao continente por um istmo que os coríntios, tidos como fundadores da cidade, escavaram e tornaram um canal.

<sup>124</sup> Antigo nome de Messina, cidade siciliana localizada no estreito homônimo, que separa a Sicília da Itália. Ovídio alude aqui à crença, disseminada entre os antigos, de que os dois territórios eram, no passado, unidos (e.g. Verg. *A.* 3.414-8).

<sup>125</sup> Hélice e Buris foram cidades gregas, da região da Acaia, que, segundo pesquisas modernas, foram submersas pelo mar por conta de um terremoto e um tsunami subsequente. Sua desapareição é bastante documentada (Plin. *Nat.* 4.6; Sen. *Nat.* 6.23.4; Str. 1.3.18; D.S. 15.48.3), mas o evento parece ter ocorrido entre 373-2 a.C., o que faria da alusão de Pitágoras mais um anacronismo.

<sup>126</sup> Trezena teria sido fundada por Piteu, filho de Pélops e Hipodâmia, motivo por que é qualificada como “piteia”.

area, nunc tumulus; nam (res horrenda relatu)  
 uis fera uentorum, caecis inclusa cauernis,  
 300 exspirare aliqua cupiens luctataque frustra  
 liberiore frui caelo, cum carcere rima  
 nulla foret toto nec peruia flatibus esset,  
 extentam tumefecit humum, ceu spiritus oris  
 tendere uesicam solet aut derepta bicorni  
 305 terga capro. tumor ille loci permansit et alti  
 collis habet speciem longoque induruit aeuo.  
 ‘Plurima cum subeant audita et cognita nobis,  
 pauca super referam. quid? non et lymphæ figuras  
 datque capitque nouas? medio tua, corniger Ammon,  
 310 unda die gelida est, ortuque obituque calescit;  
 admotis Athamanas aquis accendere lignum  
 narratur, minimos cum luna recessit in orbes;  
 flumen habent Cicones, quod potum saxea reddit  
 uiscera, quod tactis inducit marmora rebus;  
 315 Crathis et huic Sybaris nostris conterminus oris  
 electro similes faciunt auroque capillos.  
 quodque magis mirum est, sunt qui non corpora tantum,  
 uerum animos etiam ualeant mutare liquores.  
 cui non audita est obscenae Salmacis undae

de campo, hoje um outeiro; pois (coisa espantosa de relatar)  
a feroz força dos ventos, encerrada em cegas cavidades,  
300 desejosa de escapar a alguma parte e tendo lutado em vão  
para fruir de céu mais livre, como no cárcere<sup>127</sup> todo  
fenda alguma não há nem passagens havia para o sopro,  
intumesceu a terra, que se dilata tal qual o hálito da boca  
costuma distender a bexiga ou o couro tirado  
305 ao bicorne bode. Aquele inchaço permaneceu no local; de uma alta  
colina tem a feição e, com o longo passar do tempo, endureceu<sup>128</sup>.  
‘E já que tantas coisas, ouvidas e vistas, me ocorrem,  
relatarei mais algumas. O quê? Acaso uma linfa não dá e não toma  
figuras novas? Ao meio-dia, cornífero Ámon<sup>129</sup>, tua água  
310 é gélida, ao nascer e ao pôr do sol se aquece<sup>130</sup>.  
Jogando-lhe água os atamanes acendem a lenha,  
contam, quando a lua ao mínimo míngua seu disco<sup>131</sup>.  
Os Cícones têm um rio que, bebido, torna pétreas  
as vísceras, que reveste de mármore as coisas, ao tocar-lhes<sup>132</sup>.  
315 Em nossas costas, o Crátis e, a ele vizinho, o Síbaris,  
fazem semelhantes ao âmbar e ao ouro os cabelos<sup>133</sup>.  
E, o que é mais admirável, há aqueles líquidos que não só corpos,  
mas também os ânimos logram mudar:  
quem não ouviu falar de Sálmacis, de obscenas ondas<sup>134</sup>,

<sup>127</sup> Tentativa de manter parcialmente a forte aliteração em /k/ no original: “*caelo cum carcere*”.

<sup>128</sup> A colina localizava-se, segundo as fontes antigas (Str. 1.3.18; Paus. 2.34.1) na cidade de Metona, entre Trezena e Epidauro; Pausânias coloca o evento entre 277-44 a.C., o que torna a referência outro anacronismo do Pitágoras ovidiano.

<sup>129</sup> Deus egípcio originalmente cultuado em Tebas, era representado com cornos de carneiro, donde “cornífero” (ver *OCD* s.v. *Ammon*).

<sup>130</sup> Referência a uma fonte no Egito com tais propriedades, chamada por Heródoto (4.181.3-4) “fonte do sol” (κρήνη ἡλίου).

<sup>131</sup> Os atamanes eram um povo que habitava as montanhas do Epiro. Sobre as propriedades da água aqui citada, são referidas também por Calímaco (fr. 207.148 Pf.), que menciona inclusive o queimar da lenha, mas não a particularidade da fase da lua em que o fenômeno ocorreria.

<sup>132</sup> Os cícones são um povo da Trácia. Sêneca (*Nat.* 3.20.3-4) cita os versos ovidianos e menciona as propriedades deste rio, apresentando a explicação científica para o fenômeno.

<sup>133</sup> Ambos são rios na Calábria. Sobre o rio Crátis, já Eurípedes (*Tr.* 226-9) mencionara sua propriedade de clarear os cabelos, também referida por Estrabão (6.1.13), embora, no caso do Síbaris, a propriedade a ele atribuída seja, inversamente, a de escurecer (Plin. *Nat.* 31.13).

<sup>134</sup> Segundo o relato nas próprias *Metamorfoses* (4.288-388, narrado por Alcítoe, filha do rei Míniás), Sálmacis era uma ninfa que, apaixonada por Hermafrodito, então um rapaz, a ele se fundiu, tirando-lhe a virilidade; é também o nome da fonte em que a metamorfose ocorreu, e que, a pedido de Hermafrodito, ganhou, na ocasião, a propriedade de tornar efeminados os homens que lá entrassem.

- 320 Aethiopesque lacus? quos si quis faucibus hausit,  
aut furit aut patitur mirum grauitate soporem.  
Clitorio quicumque sitim de fonte leuauit,  
uina fugit gaudetque meris abstemius undis,  
seu uis est in aqua calido contraria uino,
- 325 siue, quod indigenae memorant, Amythaone natus,  
Proetidas attonitas postquam per carmen et herbas  
eripuit furiis, purgamina mentis in illas  
misit aquas, odiumque meri permansit in undis.  
huic fluit effectu dispar Lyncestius amnis,
- 330 quem quicumque parum moderato gutture traxit,  
haud aliter titubat, quam si mera uina bibisset.  
est locus Arcadiae (Pheneon dixere priores)  
ambiguus suspectus aquis, quas nocte timeto;  
nocte nocent potae, sine noxa luce bibuntur.
- 335 Sic alias aliasque lacus et flumina uires  
conciunt. tempusque fuit quo nauit in undis,  
nunc sedet Ortygie. timuit concursibus Argo  
undarum sparsas Symplegadas elisarum,  
quae nunc immotae perstant uentisque resistunt.

- 320 e dos Etíopes lagos? Se alguém com as fauces os sorve,  
ou se enfurece, ou sofre o peso de admirável torpor<sup>135</sup>.  
Todo aquele que matou a sede na fonte de Clitor  
dos vinhos se aparta e se farta, abstêmio, com pura água,  
quer haja na água força contrária ao cálido vinho,  
325 quer o filho de Amitáon<sup>136</sup>, conforme relatam os nativos,  
após extrair, com canto e ervas, os delírios  
das atônitas Prétides<sup>137</sup>, a imundice de sua mente naquelas  
águas lançou, e o ódio ao vinho permaneceu em suas ondas<sup>138</sup>.  
Distinta a ela em efeito flui a corrente dos lincestes:  
330 todo aquele que um pouco dela com moderada garganta tragou  
titubeia, não diferentemente de quem tivesse bebido puro vinho<sup>139</sup>.  
Há um local na Arcádia (Feneu chamaram-no os antigos)  
suspeito por suas ambíguas águas, que à noite debes temer:  
à noite bebidas, são nocivas; sem dano de dia se podem beber<sup>140</sup>.  
335 Assim os lagos têm umas, outras forças os rios  
contêm. Houve um tempo em que flutuou nas águas,  
agora Ortígia está fixa<sup>141</sup>. A Argo temeu as Simplégades<sup>142</sup>,  
separadas pelos abalos das ondas que lá quebravam,  
as quais agora persistem imóveis e aos ventos resistem.

<sup>135</sup> Há menção a essa propriedade das águas na Etiópia em Calímaco (fr. 407.145 Pf.).

<sup>136</sup> Melampo, nativo de Pilos, possuía o dom da adivinhação e da cura (cf. Hom. *Od.* 11.292 e Apollod. *Bibliotheca* 1.9.11).

<sup>137</sup> As Prétides são as filhas de Preto, rei de Argos. Encontra-se em fontes antigas (Paus. 8.18.7-8, Str. 8.3.19 e Vitruv. 8.3.21) o relato segundo o qual Melampo foi chamado por Preto para curar a loucura que acometia suas filhas, e que, tendo realizado tal serviço, recebeu como pagamento uma parte do reino de Preto para si e para seu irmão, Bias. Em Heródoto (9.34) e Apolodoro (*Bibliotheca* 1.9.12), porém, a loucura teria acometido não só as filhas do rei, mas todas as mulheres argivas.

<sup>138</sup> Clitor é uma cidade na região da Arcádia. A fonte e seus poderes são referidos por Plínio (*Nat.* 31.13) e Vitruvius (8.3.21), que menciona o fato de lá haver um epigrama em que constava o mito de Melampo e das Prétides como causa das propriedades da fonte.

<sup>139</sup> Os lincestes eram os habitantes da Lincéstida, região da Macedônia. A existência, ali, de uma fonte com propriedades intoxicantes é atestada por Plínio (*Nat.* 2.106) e Sêneca (*Nat.* 3.20.5-6), entre outros.

<sup>140</sup> A referência parece ser a uma fonte chamada por Heródoto (6.67) “águas do Estige”, que seriam nocivas. Embora se encontre referência a tal regato em outras fontes antigas (Str. 8.8.4; Paus. 8.19.3; Plin. *Nat.* 2.106.231 e 31.19.26), não parece haver qualquer menção à diferença entre ingerir a água durante o dia ou à noite.

<sup>141</sup> Ortígia (ὄρτιξ, “codorna”), outro nome que designa a ilha de Delos, antes flutuava, mas foi recompensada por ter acolhido Latona, prestes a dar à luz (cf. *Met.* 6.189-91, 333-4; Verg. *A.* 3.73-7).

<sup>142</sup> A Argo é a nau em que Jasão partiu em busca do velo de ouro; a expedição e os amores de Jasão e Medeia, além de matéria das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes, são narrados por Ovídio no livro 7 das *Metamorfoses*. As Simplégades são rochedos na entrada do Ponto Euxino. Segundo a lenda, elas se chocavam uma contra a outra, esmagando os barcos que tentassem atravessá-las.

340 nec quae sulphureis ardet fornacibus Aetne  
 ignea semper erit; neque enim fuit ignea semper.  
 nam siue est animal tellus et uiuit habetque  
 spiramenta locis flammam exhalantia multis,  
 spirandi mutare uias, quotiensque mouetur,  
 345 has finire potest, illas aperire cauernas;  
 siue leues imis uenti cohibentur in antris  
 saxaque cum saxis et habentem semina flammae  
 materiam iactant, ea concipit ictibus ignem,  
 antra relinquentur sedatis frigida uentis;  
 350 siue bitumineae rapiunt incendia uires  
 luteae exiguis ardescunt sulphura fumis,  
 nempe ubi terra cibos alimentaue pinguia flammae  
 non dabit absumptis per longum uiribus aeuum  
 naturaeque suum nutrimentum deerit edaci,  
 355 non feret illa famem desertaue deseret ignis.  
 esse uiros fama est in Hyperborea Pallene,  
 qui soleant leuibus uelari corpora plumis  
 cum Tritoniacam nouiens subiere paludem.  
 haud equidem credo; sparsae quoque membra uenenis  
 360 exercere artes Scythides memorantur easdem.  
 ‘Siue fides rebus tamen est addenda probatis,  
 nonne uides, quaecumque mora fluidoque calore  
 corpora tabuerint, in parua animalia uerti?  
 †i quoque delectos† mactatos obrue tauros  
 365 (cognita res usu); de putri uiscere passim  
 florilegae nascuntur apes, quae more parentum

340 Nem o que arde em sulfúreas fornalhas, o Etna,  
 será sempre inflamado, nem de fato sempre inflamado ele foi.  
 Pois ou a terra é ser animado, vive e tem  
 canais que exalam chamas em muitos locais  
 e, ao respirar, pode, toda vez que se move, as vias  
 345 mudar, e estas cavidades fechar, aquelas abrir;  
 ou nos profundos antros são contidos ligeiros ventos  
 e quando arremessam pedras contra pedras, matéria que tem o germe  
 das chamas, ela, com os golpes, se incendeia —  
 apaziguados os ventos, conservar-se-ão frios os antros;  
 350 ou as forças do betume precipitam incêndios,  
 ou o lívido enxofre em exíguos fumos se inflama;  
 sem dúvida, quando a terra não der comida e alimento abundante  
 às chamas, esgotadas as forças pelo longo passar do tempo,  
 à natureza voraz faltará o seu sustento;  
 355 ela não suportará a fome e o fogo há de desertar os desertos.  
 Há quem diga que há, na hiperbórea Palene, homens  
 cujos corpos costumam com leves plumas cobrir-se  
 quando no lago Tritão por nove vezes mergulham<sup>143</sup> —  
 não tenho certeza; cobrindo também os membros de poções,  
 360 relatam que as citas praticam artes iguais.

‘Mas se, contudo, deve-se dar fé ao que foi comprovado,  
 acaso não vês que todos os corpos, pela demora ou pelo mole calor  
 se putrefazem e em pequenos animais se transformam?  
 Vai, os escolhidos, os imolados touros enterra,  
 365 coisa atestada: da víscera podre, por toda parte,  
 floríferas abelhas nascem<sup>144</sup>, que, ao modo dos pais,

<sup>143</sup> Palene era cidade da Macedônia. A qualificação como *Hyperborea* (356) é problemática, uma vez que a associação não se encontra alhures e, embora a cidade, localizada na Calcídica, se encontre no norte da Grécia, o adjetivo *Hyperboreus* é utilizado para referir o *extremo* norte. Quanto ao fato de homens se cobrirem de penas após mergulharem do lago mencionado, não parece haver outro testemunho da lenda nas fontes antigas, assim como não há referência à prática das mulheres da Cítia, citadas nos vv. 359-60.

<sup>144</sup> Para a passagem a seguir, deve-se ter em mente que a geração espontânea era teoria difundida entre os antigos (e.g. Arist. *HA* 5.1.539a; sobre as abelhas, ver Var. *R.* 2.5.5). Modelo importante no caso da geração de abelhas a partir de cadáveres bovinos (*bugonia*) é a quarta das *Geórgicas* de Virgílio (554-8): Ovídio reproduz a narrativa virgiliana, juntamente à menção de tal fenômeno, em *Fast.* 1.363-80.

rura colunt operique fauent in spemque laborant.  
 pressus humo bellator equus crabronis origo est;  
 concaua litoreo si demas bracchia cancro,  
 370 cetera supponas terrae, de parte sepulta  
 scorpius exhibit caudaque minabitur unca;  
 quaeque solent canis frondes intexere filis  
 agrestes tineae (res obseruata colonis)  
 ferali mutant cum papilione figuram.  
 375 semina limus habet uirides generantia ranas,  
 et generat truncas pedibus, mox apta natando  
 crura dat, utque eadem sint longis saltibus apta,  
 posterior superat partes mensura priores.  
 nec catulus, partu quem reddidit ursa recenti,  
 380 sed male uiua caro est; lambendo mater in artus  
 fingit et in formam, qualem capit ipsa, reducit.  
 nonne uides, quos cera tegit sexangula, fetus  
 melliferarum apium sine membris corpora nasci  
 et serosque pedes serasque adsumere pennas?  
 385 Iunonis uolucrum, quae cauda sidera portat,  
 armigerumque Iouis Cythereiadasque columbras  
 et genus omne auium mediis e partibus oui,  
 ni sciret fieri, quis nasci posse putaret?  
 sunt qui, cum clauso putrefacta est spina sepulcro,  
 390 mutari credant humanas angue medullas.  
 ‘Haec tamen ex aliis generis primordia ducunt;  
 una est quae reparat seque ipsa reseminet ales,

cultivam os campos, entregam-se à lida, trabalham com esperança.

Premido pela terra, o belicoso cavalo é origem do moscardo<sup>145</sup>.

Se os côncavos braços arrancas ao praieiro caranguejo

370 e o resto pões sob a terra, da parte sepulta

sairá um escorpião e com cauda adunca fará ameaças<sup>146</sup>.

Aquelas que as frondes costumam intermear com fios brancos,

as rústicas lagartas (coisa observada pelos colonos)

com as silvestres borboletas mudam de figura.

375 O limo tem as sementes que geram rãs verdes<sup>147</sup>,

e as gera privadas de pés; logo, aptas a nadar

dá as pernas e, para que sejam as mesmas aptas a longos saltos,

a posterior supera em medida as partes anteriores.

Nem é filhote o que em parto recente a ursa gerou,

380 mas mal e mal carne viva; lambendo-o, a mãe os membros

modela, e redu-la à forma que toma ela mesma<sup>148</sup>.

Acaso não vês as crias que a hexagonal cera cobre,

das melíferas abelhas, nascerem sem membros no corpo

e tardios os pés, e tardias as asas obterem?

385 O pássaro de Juno, que leva na cauda os astros<sup>149</sup>,

o portador das armas de Júpiter<sup>150</sup>, as citereias pombas<sup>151</sup>

e toda espécie de aves, quem julgaria poderem nascer

saídas do meio de um ovo, se não soubesse ser assim?

Há quem creia que, quando, no sepulcro cerrado, se putrefaz a espinha,

390 em cobra se mudam as medulas humanas<sup>152</sup>.

‘Estes, contudo, tomam de outros da espécie o princípio;

há um pássaro que se restabelece e reproduz-se ele próprio:

<sup>145</sup> Cf. Plin. *Nat.* 11.23.70.

<sup>146</sup> Cf. Nic. *Th.* 795-6; Plin. *Nat.* 9.51.99.

<sup>147</sup> Cf. Plu. *Moralia* 637b.

<sup>148</sup> Cf. Plin. *Nat.* 8.54.126; Sext. *Emp. P.* 1.42-3.

<sup>149</sup> O pavão. O mito de como ele veio a ter sua cauda repleta de “astros” — os olhos de Argo — está narrado em 1.720-3, ao fim do episódio de Io.

<sup>150</sup> A águia, que portava os raios de Júpiter.

<sup>151</sup> As pombas são as aves associadas a Vênus, também chamada Citereia, pois nascida na ilha de Citera.

<sup>152</sup> Cf. Plin. *Nat.* 10.86.188.

Assyrii Phoenica uocant. non fruge neque herbis,  
sed turis lacrimis et suco uiuit amomi.

- 395 haec ubi quinque suae compleuit saecula uitae,  
ilicis in ramis tremulaeue cacumine palmae  
unguibus et puro nidum sibi construit ore;  
quo simul ac casias et nardi lenis aristas  
quassaque cum fulua substrauit cinnama murra,  
400 se super imponit finitque in odoribus aeuum.  
inde ferunt, totidem qui uiuere debeat annos,  
corpore de patrio paruum phoenica renasci;  
cum dedit huic aetas uires onerique ferendo est,  
ponderibus nidi ramos leuat arboris altae  
405 fertque pius cunasque suas patriumque sepulcrum,  
perque leues auras Hyperionis urbe potitus  
ante fores sacras Hyperionis aede reponit.  
‘Si tamen est aliquid mirae nouitatis in istis,  
alternare uices et, quae modo femina tergo  
410 passa marem est, nunc esse marem miremur hyaenam.  
id quoque quod uentis animal nutritur et aura  
protinus adsimulat tetigit quoscumque colores.  
uicta racemifero lyncas dedit India Baccho;  
e quibus, ut memorant, quidquid uesica remisit  
415 uertitur in lapides et congelat aere tacto.  
sic et curalium, quo primum contigit auras  
tempore, durescit; mollis fuit herba sub undis.

os assírios chamam-no fênix<sup>153</sup>. Não de grãos nem de ervas,  
mas de lágrimas do incenso que vive, e do sumo do amomo.

395 Ele, quando completou os cinco séculos de sua vida,  
nos ramos da azinheira ou na copa da palmeira tremente  
com as unhas e o puro bico constrói para si um ninho;  
depois que o forra com cássia e espigas  
do doce nardo, com canela fendida e amarela mirra,  
400 sobre ele se põe e termina em odores a vida.

Em seguida, contam, o fênix que outros tantos anos  
deve viver, pequeno, do corpo paterno renasce.  
Quando lhe deu forças a idade e pode carregar o fardo,  
livra do peso do ninho os ramos da árvore alta;

405 piedoso, leva seu berço, sepulcro paterno,  
e, por brisas ligeiras ganhando a cidade de Hiperión,  
diante das portas sagradas o devolve, na casa de Hiperión<sup>154</sup>.

‘Se, contudo, há nisso algo de novidade admirável,  
admiremo-nos com ela, que se alterna e antes,

410 fêmea, deu o dorso ao macho, agora é macho: a hiena<sup>155</sup>.  
Há também aquele, o animal que de ventos é nutrido, e brisas,  
e, imediatamente, quaisquer cores que toque, imita<sup>156</sup>.  
Vencida, a Índia deu a Baco, de uvas cingido, linces;  
conforme relatam, o que quer que sua bexiga repila

415 transforma-se em pedra e congela ao toque do ar<sup>157</sup>.  
Assim também o coral, mal encostou as brisas,  
neste momento endurece; foi erva sob as ondas macias<sup>158</sup>.

<sup>153</sup> Embora “fênix” seja, em português, um substantivo feminino, a noção do pássaro como pertencente ao gênero masculino é essencial na passagem, onde se mencionará a relação entre pai e filho, de forma que optamos pelo masculino. A primeira menção (grega) ao fênix remonta a Hesíodo (fr. 254 Most). As informações arroladas no relato ovidiano remetem a Heródoto (2.73), retomado, entre outros, por Plínio (*Nat.* 10.2.3-5).

<sup>154</sup> A menção a Hiperión, titã identificado ora como pai do Sol, ora com o próprio astro, como parece ser o caso aqui, faz referência a Heliópolis, cidade onde, como seu nome indica, a principal divindade a ser cultuada era o deus-Sol Rá. As “portas sagradas” no v. 407 são, portanto, as portas do templo de Rá que lá havia.

<sup>155</sup> Cf. Arist. *HA* 6.32.579b, seguido por Plin. *Nat.* 8.44.105; ambos refutam, porém, essa teoria.

<sup>156</sup> Trata-se do camaleão. Cf. Arist. *HA* 2.11503a-b, seguido por Plin. *Nat.* 8.51.120.

<sup>157</sup> Cf. Plin. *Nat.* 8.56.137.

<sup>158</sup> A etiologia mítica do coral é narrada em 4.735-752.

‘Desinet ante dies et in alto Phoebus anhelos  
 aequore tinguet equos, quam consequar omnia uerbis  
 420 in species translata nouas. sic tempora uerti  
 cernimus atque illas adsumere robora gentes,  
 concidere has; sic magna fuit censuque uirisque  
 perque decem potuit tantum dare sanguinis annos,  
 nunc humilis ueteres tantummodo Troia ruinas  
 425 et pro diuitiis tumulos ostendit auorum.  
 [clara fuit Sparte, magnae uiguere Mycenae,  
 nec non et Cecropis, nec non Amphionis arces;  
 uile solum Sparte est, altae cecidere Mycenae.  
 Oedipodioniae quid sunt, nisi nomina, Thebae?  
 430 quid Pandioniae restant, nisi nomen, Athenae?]  
 nunc quoque Dardanium fama est consurgere Romam,  
 Appenninigenae quae proxima Thybridis undis  
 mole sub ingenti rerum fundamina ponit.  
 haec igitur formam crescendo mutat et olim  
 435 immensi caput orbis erit. sic dicere uates  
 fatincasque ferunt sortes, quantumque recordor,  
 dixerat Aeneae, cum res Troiana labaret,  
 Priamides Helenus flenti dubioque salutis:  
 “nate dea, si nota satis praesagia nostrae  
 440 mentis habes, non tota cadet te sospite Troia.  
 flamma tibi ferrumque dabunt iter; ibis et una

‘Acabar-se-á antes o dia e Febo os cavalos em alto  
mar mergulhará, ofegantes, e eu com palavras não alcançaria todas as coisas  
420 mudadas em novas feições. Podemos ver que assim  
se transformam os tempos, e certos povos prosperam,  
outros sucumbem: assim grande foi ela em fortuna e em homens  
e pôde por dez anos dar tanto de sangue;  
agora, humilde, Troia é apenas velhas ruínas  
425 e, no lugar das riquezas, os túmulos de antepassados exhibe.  
Ilustre foi Esparta, floresceu a grande Micenas,  
e não diferente foi a cidade de Cécrope<sup>159</sup>, não diferente a de Anfíon<sup>160</sup>;  
solo vil é Esparta, caiu a grande Micenas.  
O que é, senão nome, a Tebas de Édipo?  
430 O que, senão o nome, resta da Atenas de Pandíon<sup>161</sup>?  
Agora há quem diga que Roma se eleva, dardânia<sup>162</sup>,  
a qual, próxima às ondas do Tibre, nos Apeninos nascido,  
com ingente esforço lança da nação as bases.  
Ela, portanto, muda, ao crescer, sua forma, e um dia  
435 será a capital do imenso orbe. Assim dizem os vates,  
contam, e as fatídicas sortes; e, segundo recorde<sup>163</sup>,  
dissera, quando a nação troiana ruía, o Priâmida Heleno<sup>164</sup>  
a Eneias, que chorava e da salvação duvidava:  
“Filho da deusa, se te são suficientemente conhecidos os presságios  
440 de minha mente, contigo a salvo Troia não cairá de todo.  
A flama e o ferro hão de abrir-te o caminho; irás, e junto

<sup>159</sup> Atenas, cujo primeiro rei teria sido Cécrope.

<sup>160</sup> Tebas, cuja muralha foi construída pelos irmãos Anfíon e Zeto. Zeto, de grande força física, transportava as pedras da construção nas costas, enquanto Anfíon, que havia recebido de Hermes a lira, movia as pedras apenas com o som de sua música. O mito é mencionado nas *Metamorfoses* em uma fala de Níobe (6.178-9), esposa de Anfíon, bem como nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes (1.735-41).

<sup>161</sup> Rei de Atenas, pai de Erecteu, Butes, Procne e Filomela. Figura, nas *Metamorfoses*, na narrativa devotada às duas filhas (6.412-674). Cumpre notar o anacronismo no trecho dos vv. 426-30: ainda que Troia tivesse de fato caído, o mesmo não se pode dizer de Esparta, Micenas, Tebas e Atenas; por esse motivo, alguns estudiosos consideram o passo uma interpolação, embora o discurso de Pitágoras possua muitos outros exemplos de anacronismos afins.

<sup>162</sup> Isto é, troiana: Dardânia é nome alternativo para Troia.

<sup>163</sup> Pitágoras volta aqui a suas memórias como o guerreiro troiano Euforbo.

<sup>164</sup> Heleno era um dos filhos de Príamo, o rei de Troia, e possuía o dom da profecia.

Pergama rapta feres, donec Troiaeque tibi que  
 externum patrio contingat amicus aruum.  
 urbem etiam cerno Phrygios debere nepotes,  
 445 quanta nec est nec erit nec uisa prioribus annis.  
 hanc alii proceres per saecula longa potentem,  
 sed dominam rerum de sanguine natus Iuli  
 efficiet; quo cum tellus erit usa, fruentur  
 aetheriae sedes, caelumque erit exitus illi.”  
 450 haec Helenum cecinisse penatigero Aeneae  
 mente memor refero cognataque moenia laetor  
 crescere et utiliter Phrygibus uicisse Pelasgos.  
 ‘Ne tamen oblitis ad metam tendere longe  
 exspatiemur equis, caelum et quodcumque sub illo est  
 455 immutat formas tellusque et quidquid in illa est.  
 nos quoque, pars mundi, quoniam non corpora solum,  
 uerum etiam uolucres animae sumus inque ferinas  
 possumus ire domos pecudumque in pectora condi,  
 corpora, quae possunt animas habuisse parentum  
 460 aut fratrum aut aliquo iunctorum foedere nobis  
 aut hominum certe, tuta esse et honesta sinamus,  
 neue Thyesteis cumulemus uiscera mensis.  
 quam male consuescit, quam se parat ille cruori  
 impius humano, uituli qui guttura ferro  
 465 rumpit et immotas praebet mugitibus aures,

há de levar a Pérgamo<sup>165</sup> tomada, até que a ti e a Troia  
 um campo estrangeiro, mais amigo que o pátrio, encontre.  
 Também posso ver que os rebentos frígios<sup>166</sup> devem fundar uma cidade  
 445 tão grande como não há, não há de haver e não viram os anos passados.  
 Outros notáveis, por séculos longos, hão de torná-la potente,  
 mas, senhora do mundo, é um filho do sangue de Iulo<sup>167</sup>  
 que há de fazê-la; dele, quando a terra se tiver servido, fruirão  
 as celestes moradas, e ele terá o céu por limite.”  
 450 Isso Heleno cantou ao que leva os Penates<sup>168</sup>, Eneias;  
 relato aquilo de que me lembro, e alegro-me de aparentada muralha<sup>169</sup>  
 crescer e com proveito aos frígios terem vencido os pelasgos<sup>170</sup>.  
 ‘Contudo, que como cavalos olvidados de à meta avancarem  
 eu mais não me alongue: o céu e o que quer que sob ele esteja  
 455 muda de forma, e a terra e o que quer que nela esteja.  
 Também nós, parte do mundo (pois que não somos corpos apenas,  
 mas antes volantes almas também, e a ferinos  
 lares podemos ir, em bovinos peitos ser encerrados),  
 os corpos, que podem ter almas paternas  
 460 ou fraternas ou unidas a nós por alguma aliança,  
 ou humanas, ao menos, deixemo-los protegidos e dignos,  
 e não recheemos as vísceras nas mesas de Tiestes<sup>171</sup>.  
 Como mal se habitua, como se acostuma, ímpio, ao cruor  
 humano aquele que, com ferro, rasga a garganta  
 465 do vitelo e oferece insensíveis ouvidos aos seus mugidos!

<sup>165</sup> Nome da cidadela de Troia.

<sup>166</sup> A Frígia é a região onde Troia se localizava; os rebentos frígios são, portanto, os troianos.

<sup>167</sup> Outro nome para Ascânio, o filho de Eneias. A *gens Iulia*, família romana a que pertencia Júlio César e Otaviano, posteriormente Augusto, a quem aqui se alude, reivindicava descender dele e, portanto, de Vênus, sua avó.

<sup>168</sup> Divindades romanas protetoras do lar e da pátria. Acreditava-se que suas imagens teriam sido originalmente cultuadas como deuses ancestrais troianos; Eneias, enquanto Troia ardia, as teria resgatado e trazido para a Itália (cf. Verg. *A.* 1.68, 378; 2.293-5; D.H. 1.67-9).

<sup>169</sup> Muralha é aqui sinédoque para cidade. A cidade é aparentada, pois Pitágoras fala como Euforbo, que foi troiano.

<sup>170</sup> Nome usado pelos gregos antigos para designar povos pré-helênicos da Grécia. Aqui, se opõe a “frígios”, referindo-se àqueles que lutaram contra os troianos na guerra de Troia.

<sup>171</sup> Tiestes foi irmão de Atreu. Segundo se conta, teria se tornado amante da esposa de seu irmão. Quando Atreu descobriu a traição, matou os filhos de Tiestes e os serviu a ele, que, ignorante, devorou a própria prole.

aut qui uagitus similes puerilibus haedum  
edentem iugulare potest aut alite uesci,  
cui dedit ipse cibos! quantum est, quod desit in istis  
ad plenum facinus? quo transitus inde paratur?

470 bos aret aut mortem senioribus imputet annis,  
horriferum contra Borean ouis arma ministret,  
ubera dent saturae manibus pressanda capellae.  
retia cum pedicis laqueosque artesque dolosas  
tollite, nec uolucrum uiscata fallite uirga  
475 nec formidatis ceruos includite pennis  
nec celate cibis uncos fallacibus hamos.  
perdite si qua nocent, uerum haec quoque perdite tantum;  
ora cruore uacent alimentaue mitia carpant.’

Talibus atque aliis instructum pectore dictis  
480 in patriam remeasse ferunt ultroque petitum  
accepisse Numam populi Latialis habenas;  
coniuge qui felix nympha ducibusque Camenis  
sacrificos docuit ritus gentemque feroci

Ou quem o cabrito, a soltar vagidos similares  
aos de uma criança, pode degolar, ou da ave se alimentar,  
à qual deu comida ele mesmo! Quão grandes são, que lhes falta  
para serem malfeitos completos? Qual o próximo passo, em seguida?  
470 Que are o boi ou a morte impute aos velhíssimos anos,  
que a ovelha forneça as armas contra o horrífero Bóreas<sup>172</sup>  
e as fartas cabritas deem o úbere que as mãos hão de ordenhar!  
As redes com peias, os laços, as artes arditas  
aboli! E não enganai com envisgada varinha a ave,  
475 nem com espantalho emplumado os cervos encerrai,  
nem ocultai com comidas falazes aduncos anzóis.  
Abatei-as se são em algo nocivas; assim mesmo, abatei a estas apenas;  
esteja a boca livre de sangue e brandos alimentos acolha.’  
Instruído o peito<sup>173</sup> por tais e outras palavras,  
480 contam que à pátria voltou e, solicitado por ambas as partes<sup>174</sup>,  
Numa recebeu as rédeas do povo latino;  
ele, feliz em ter por esposa uma ninfa<sup>175</sup> e pelas Camenas guiado<sup>176</sup>,  
ensinou os ritos sacrificios e conduziu o povo,

<sup>172</sup> Bóreas é o vento do norte, portanto o vento frio ou, por metonímia, o frio, simplesmente.

<sup>173</sup> Ver n. 90.

<sup>174</sup> Após o desaparecimento de Rômulo — atribuído à sua apoteose, embora essa solução não tenha afastado de todo os boatos de uma possível traição por parte dos senadores, mencionada por Tito Lívio (1.16), Plutarco (*Num.* 2.1-3), Dionísio de Halicarnasso (2.63.3-4) e pelo próprio Ovídio (*Fast.* 2.497-8) — seguiu-se um período de instabilidade política, marcada por conflitos entre os romanos, isto é, os primeiros habitantes de Roma, que lá se estabeleceram juntamente com Rômulo, e os sabinos, posteriormente incorporados a Roma juntamente com seu rei, Tácio. Os historiógrafos divergem ligeiramente nos pormenores do protocolo adotado pelo senado a seguir: Plutarco (*Num.* 3.1-2) e Dionísio (2.68.1) contam que, como cada uma das partes quisesse nomear um rei que pertencesse a seu número, decidiu-se que uma delas teria o privilégio de escolher um rei, mas este deveria pertencer à outra. Tito Lívio (1.18.5) menciona apenas que os senadores foram unânimes em apontar Numa como sucessor de Rômulo, graças à fama de sua virtude. Seja como for, Numa foi “solicitado por ambas as partes” pois agradava tanto aos romanos como aos sabinos.

<sup>175</sup> Egéria. Sua associação a Numa parece ter sido bastante difundida, haja vista a menção à relação entre ninfa e rei em diversos historiógrafos antigos (e.g. Liv. 1.19.5; Plu. *Num.* 4.8, 8.6; D.H. 2.60-1). Aqui, aparece como esposa e conselheira político-religiosa de Numa, como figura também nos *Fastos* (3.273-80). Nos *Amores* (2.17.18) e nas *Sátiras* horacianas (1.2.125-6), de forma condizente com os respectivos gêneros poéticos, a menção à sua relação com Numa recai sobre o aspecto sexual.

<sup>176</sup> Ninfas romanas ligadas às fontes, associadas às Musas gregas. Segundo Plutarco (*Num.* 8.6), era crença disseminada que Numa possuía relação próxima com elas e que lhes atribuíra boa parte de seu conhecimento. Tito Lívio (1.21.3) menciona uma gruta, à qual Numa amiúde se retirava, que seria seu local de encontro com Egéria, mas também com as Camenas. Em Dionísio de Halicarnasso (2.60.5), as Musas/Camenas aparecem como alternativa a Egéria no tocante à relação de Numa com a esfera sobre-humana.

adsuetam bello pacis traduxit ad artes.

- 485 qui postquam senior regnumque aeuumque peregit,  
extinctum Latiaeque nurus populusque patresque  
defleuere Numam; nam coniunx urbe relictā  
uallis Aricinae densis latet abdita siluis  
sacraque Oresteae gemitu questuque Dianae  
490 inpedit. a! quotiens nympphae nemorisque lacusque  
ne faceret monuere et consolantia uerba  
dixerunt! quotiens flenti Theseius heros  
'siste modum' dixit, 'neque enim fortuna querenda  
sola tua est. similes aliorum respice casus;  
495 mitius ista feres. utinamque exempla dolentem  
non mea te possent releuare — sed et mea possunt.

    'Fando aliquem Hippolytum uestras si contigit aures  
credulitate patris, sceleratae fraude nouercae  
occubuisse neci, mirabere uixque probabo,

habituação à guerra feroz, às artes da paz<sup>177</sup>.

485 Mais velho, depois de o reinado e o tempo de vida ter consumado,  
quando morreu, as moças do Lácio e o povo e os senadores  
prantearam Numa; a própria esposa, tendo deixado a cidade,  
se abriga, escondida, nos densos bosques do vale da Arícia<sup>178</sup>,  
e os cultos da oresteia Diana<sup>179</sup> perturba com gemidos e queixumes.

490 Ah! Quanta vez as ninfas dos bosques e lagos  
advertiram que não o fizesse, e palavras de alento  
disseram! Quanta vez o herói Tesida<sup>180</sup> à plangente  
disse: ‘Para, contenha-te, pois lastimável fortuna  
não é só a tua. Atenta a outros casos semelhantes,

495 vais suportar mais brandamente o teu. Oxalá exemplos alheios  
a ti, dolente, pudessem confortar — mas os meus também podem.

‘Se, em conversas, um certo Hipólito chegou aos vossos ouvidos,  
que, pela credulidade do pai, pela traição de criminosa madrasta<sup>181</sup>,  
encontrou a morte, admirar-te-ás e a custo hei de prová-lo,

---

<sup>177</sup> Numa é fortemente associado à paz, em contraste com a belicosidade característica do reinado de Rômulo. Com efeito, tanto Tito Lívio (1.19.2-3) como Plutarco (*Num.* 20.1-4) contam que, durante os 43 anos de seu reinado, as portas do templo de Jano (construído pelo próprio Numa), que ficavam abertas em tempos de guerra, teriam permanecido fechadas, coisa que só voltou a acontecer em um período muito breve do consulado de Marco Atílio e Tito Mânlio após o fim da Primeira Guerra Púnica, e, depois, no principado de Augusto. Também Dionísio de Halicarnasso (2.60.4, 76.3) menciona a ausência de campanhas militares no período em que Numa esteve no poder e atribui a paz existente em seu reinado às medidas jurídicas e religiosas instituídas por ele.

<sup>178</sup> Trata-se de um bosque nas vizinhanças do moderno lago de Nemi, na Arícia. O bosque era local de culto de Diana e Vírbio, mas possuía também uma fonte consagrada a Egéria, que torna possível a introdução do mito de Hipólito/Vírbio.

<sup>179</sup> Orestes teria partido de Atenas para Táuris a fim de trazer para a Ática uma estátua de Diana. Após algumas desventuras, e com a ajuda da irmã, Ifigênia, sacerdotisa de Diana, ele logra cumprir a missão, por isso Diana é aqui qualificada “oresteia”. O episódio é narrado na tragédia *Ifigênia em Táuris*, de Eurípedes, e por Ovídio em *Tr.* 4.4.63-82.

<sup>180</sup> O filho de Teseu, Hipólito.

<sup>181</sup> Fedra, esposa de Teseu e madrasta de Hipólito. Seguindo o mito como ele nos é contado por Eurípedes, na tragédia *Hipólito*, modelo principal de Ovídio neste passo, Fedra apaixona-se pelo enteado. Ele, contudo, ao saber dos sentimentos da madrasta, não só não o retribui como ameaça delatá-la ao pai. Desesperada, Fedra se suicida, mas deixa a Teseu um bilhete dizendo que Hipólito tentara estuprá-la. Enfurecido, Teseu condena o filho ao exílio e o amaldiçoa. Para executar a maldição, pede a ajuda de seu pai, Posídon. O deus, então, faz surgir do mar um touro, que assusta os cavalos do carro de Hipólito e causa um acidente fatal ao jovem.

500 sed tamen ille ego sum. me Pasiphaeia quondam  
 temptatum frustra patrium temerare cubile,  
 quod uoluit, finxit uoluisse et crimine uerso  
 (indiciine metu magis offensane repulsae?)  
 damnauit, meritumque nihil pater eicit urbe  
 505 hostilique caput prece detestatur euntis.  
 Pittheam profugo curru Troezena petebam  
 iamque Corinthiaci carpebam litora ponti,  
 cum mare surrexit cumulusque immanis aquarum  
 in montis speciem curuari et crescere uisus  
 510 et dare mugitus summoque cacumine findi.  
 corniger hinc taurus ruptis expellitur undis  
 pectoribusque tenus molles erectus in auras  
 naribus et patulo partem maris euomit ore.  
 corda pauent comitum, mihi mens interrita mansit  
 515 exiliis contenta suis, cum colla feroces  
 ad freta conuertunt arrectisque auribus horrent  
 quadripedes monstrique metu turbantur et altis  
 praecipitant currum scopulis. ego ducere uana  
 frena manu spumis albentibus oblita luctor  
 520 et retro lentas tendo resupinus habenas.  
 nec uires tamen has rabies superasset equorum,  
 ni rota, perpetuum qua circumuertitur axem,  
 stipitis occursu fracta ac disiecta fuisset.  
 excutior curru, lorisque tenentibus artus  
 525 uiscera uiua trahi, neruos in stipe teneri,  
 membra rapi partim, partim reprensa relinqui,  
 ossa grauem dare fracta sonum fessamque uideres  
 exhalari animam nullasque in corpore partes

500 contudo, ele sou eu<sup>182</sup>. Certo dia, a Pasifeia<sup>183</sup>,  
tendo em vão me provocado a violar o leito paterno,  
o que desejou, fingiu que desejei eu, e pelo crime inverso  
(mais pelo medo de denúncias ou ofendida pela recusa?)  
condenou-me. Meu pai expulsou da cidade quem nada merecia  
505 e, enquanto como inimigo me ia, à cabeça lançou-me uma maldição.  
À piteia Trezena<sup>184</sup> eu me dirigia, em carro fugitivo,  
e já me abeirava das praias do ponto coríntio,  
quando o mar se alteou e massa monstruosa de água  
pareceu curvar-se e crescer, à feição de um monte,  
510 e soltar mugidos e partir-se no altíssimo cume.  
Dali, das ondas fendidas, sai com seus cornos um touro,  
até o nível do peito erguido em suaves brisas,  
e das narinas e da boca aberta despeja parte do mar.  
Apavoram-se os corações dos amigos; minha mente seguia impávida,  
515 conformada com seus exílios, quando os corcéis voltam  
as ferozes cervizes ao mar e põem de pé as atentas orelhas;  
com medo do prodígio, perturbam-se e, dos altos  
penedos, precipitam o carro. Eu luto para conduzir  
com a mão os freios vãos, cobertos por brancas espumas,  
520 e as lentas rédeas distendo, inclinado para trás.  
A fúria dos cavalos, contudo, não teria superado minha força  
se a roda, onde, contínuo, revolve o eixo,  
não se tivesse, no choque com um tronco, rompido e despedaçado.  
Do carro sou arremessado e, com os braços presos às trelas,  
525 extirpam-se as vísceras, vivas, os tendões ficam presos ao tronco,  
os membros são arrancados em parte, em parte ficam retidos,  
os ossos emitem som grave ao quebrar-se, e, extenuada,  
exala-se a alma — tudo isso terias visto; no corpo, parte nenhuma

---

<sup>182</sup> Ovídio segue aqui uma variante do mito segundo a qual, a pedido de Diana, Esculápio, filho de Apolo versado nas artes da medicina (posteriormente o próprio deus da medicina), traz Hipólito de volta à vida; ele é renomeado Virbio e passa a viver no bosque de Nemi (cf. *Fast.* 3.263-72; 6.737-56; *Verg. A.* 7.761-9; *Paus.* 2.27.4).

<sup>183</sup> Fedra, pois filha de Pasífae, a esposa do rei Minos que, unindo-se a um touro, gerou o Minotauro.

<sup>184</sup> Referência a Piteu, fundador de Trezena (*Paus.* 2.30.9).

noscere quas posses, unumque erat omnia uulnus.

- 530 num potes aut audes cladi componere nostrae,  
 nymp̄ha, tuam? uidi quoque luce carentia regna  
 et lacerum foui Phlegethontide corpus in unda,  
 nec nisi Apollineae ualido medicamine prolis  
 reddita uita foret; quam postquam fortibus herbis  
 535 atque ope Paeonia Dite indignante recepi,  
 tum mihi, ne praesens augerem muneris huius  
 inuidiam, densas obiecit Cynthia nubes,  
 utque forem tutus possemque impune uideri,  
 addidit aetatem nec cognoscenda reliquit  
 540 ora mihi. Cretenque diu dubitauit habendam  
 traderet an Delon; Delo Creteque relictis  
 hic posuit nomenque simul, quod possit equorum  
 admonuisse, iubet deponere, “qui”que “fuisti  
 Hippolytus” dixit, “nunc idem Virbius esto.”  
 545 hoc nemus inde colo de disque minoribus unus  
 numine sub dominae lateo atque accenseor illi.’  
 Non tamen Egeriae luctus aliena leuare  
 damna ualent, montisque iacens radicibus imis  
 liquitur in lacrimas, donec pietate dolentis  
 550 mota soror Phoebi gelidum de corpore fontem  
 fecit et aeternas artus tenuauit in undas.

Et nymphas tetigit noua res, et Amazone natus

poderias reconhecer: era tudo uma mesma ferida.

- 530 Porventura podes ou ousas comparar à minha desdita  
a tua, ninfa? Vi também o reino carente de luz<sup>185</sup>  
e, dilacerado, nas ondas do Flégeton<sup>186</sup> imergi o corpo;  
se não fosse o potente medicamento da prole de Apolo<sup>187</sup>,  
não me seria devolvida a vida. Depois que com fortes ervas  
535 e o poder de Peã<sup>188</sup> a restituí, para a fúria de Dite<sup>189</sup>,  
a fim de que eu não aumentasse, com minha presença, a inveja  
de dádiva tal, a Cíntia<sup>190</sup> cobriu-me com densas nuvens;  
e, para que ficasse seguro e pudesse sem risco ser visto,  
me aumenta a idade e me deixa irreconhecível  
540 a face. Longamente hesitou se a Creta, para lá morar,  
me entregaria, ou a Delos; de Delos e Creta desistiu,  
colocou-me aqui e o nome também, porque podia fazer-me  
lembrar dos cavalos<sup>191</sup>, ordena que ceda, e diz: “Que aquele  
que foi Hipólito agora também seja Vírbio<sup>192</sup>.”  
545 Desde então eu habito este bosque, um dos seus deuses menores,  
sob o nume de minha senhora<sup>193</sup> me oculto e a ele estou ligado.”  
O luto de Egéria, contudo, desgraças alheias  
não logram aliviar; jazendo no fundo sopé de um monte,  
em lágrimas se liquefaz, até que, comovida pela piedade  
550 da dolente, a irmã de Febo de seu corpo fez fria fonte  
e diluiu seus membros em ondas eternas.

A novidade tocou as ninfas, e o filho da amazona<sup>194</sup>

---

<sup>185</sup> Isto é, os Infernos.

<sup>186</sup> Um dos rios dos Infernos.

<sup>187</sup> Esculápio (ou, entre os gregos, Asclépio) é filho de Apolo e Corônis. Versado nas artes da medicina, devolve Hipólito à vida, mas Júpiter, temendo que ele, com esse poder, perturbasse a ordenação do mundo, fulmina-o com seu raio. Esculápio, então, após a morte, torna-se o deus da medicina (ver 2.642-8; *Fast.* 6.746-62; *Verg. A.* 7.765-73).

<sup>188</sup> Epíteto ritual de Apolo e Esculápio, significando “aquele que cura”.

<sup>189</sup> Deus do submundo, associado à riqueza e identificado com Plutão.

<sup>190</sup> Epíteto de Diana, pois nascida no monte Cinto, na ilha de Delos. Hipólito, jovem casto e devotado à caça, era seu protegido.

<sup>191</sup> Alusão à etimologia de Hipólito (*Ἱππόλυτος*), composto por *ἵππος* (cavalo) + *λύω* (soltar).

<sup>192</sup> Alusão à etimologia de *Virbius*, *Vir* (homem) + *bis* (duas vezes) + *uiuus* (vivo).

<sup>193</sup> Isto é, sob o poder de Diana.

<sup>194</sup> Hipólito era filho da amazona Hipólita.

haud aliter stupuit quam cum Tyrrhenus arator  
fatalem glaebam mediis aspexit in aruis  
555 sponte sua primum nulloque agitante moueri,  
sumere mox hominis terraeque amittere formam  
oraeque uenturis aperire recentia fatis  
(indigenae dixere Tagen, qui primus Etruscam  
edocuit gentem casus aperire futuros);  
560 utue Palatinis haerentem collibus olim  
cum subito uidit frondescere Romulus hastam,  
quae radice noua, non ferro stabat adacto  
et iam non telum, sed lenti uiminis arbor  
non exspectatas dabat admirantibus umbras;  
565 aut sua fluminea cum uidit Cibus in unda  
cornua (uidit enim) falsamque in imagine credens  
esse fidem, digitis ad frontem saepe relatis,  
quae uidit tetigit, nec iam sua lumina damnans  
restitit, ut uictor domito ueniebat ab hoste,  
570 ad caelumque oculos et eodem bracchia tollens  
'quidquid' ait, 'superi, monstro portenditur isto,  
seu laetum est, patriae laetum populoque Quirini,  
siue minax, mihi sit.' uiridique e caespite factas  
placat odoratis herbosas ignibus aras  
575 uinaque dat pateris mactatarumque bidentum

quedou-se pasmo, não diferente de quando o lavrador tirreno<sup>195</sup>  
 primeiro notou, em meio aos campos, o fatídico torrão  
 555 a mover-se espontaneamente, sem que ninguém o tocasse,  
 assumir sem demora a forma de homem, perder a de terra  
 e abrir a boca recente com fados vindouros  
 (os nativos chamam-lhe Tages, quem primeiro ensinou  
 o povo etrusco a revelar os acasos futuros)<sup>196</sup>;  
 560 ou como quando, um dia, no monte Palatino cravada,  
 Rômulo viu cobrir-se subitamente de folhas a hasta,  
 que se fixava em nova raiz, não no ferro atirado,  
 e já não era lança, mas árvore de elásticos ramos  
 a dar sombras inesperadas a quem via e se admirava<sup>197</sup>;  
 565 ou quando Cipo<sup>198</sup> nas ondas do rio viu seus cornos  
 (pois viu) e, acreditando à falsa imagem  
 dar fé, após os dedos à frente seguidamente levar,  
 tocou o que viu; não mais rejeitando sua vista,  
 deteve-se, quando, vitorioso, do inimigo batido voltava  
 570 e, erguendo os olhos ao céu e os braços ao mesmo sítio,  
 falou: ‘Seja o que for, deuses, que se anuncie com este prodígio,  
 se for propício, que seja propício à pátria e ao povo de Quirino<sup>199</sup>;  
 se for maligno, que o seja a mim.’ Em altares de verde relvado,  
 herbosos, aplaca os deuses com fogos olentes<sup>200</sup>,  
 575 dá vinho da pátera e, em sacrifício, uma ovelha,

<sup>195</sup> Isto é, etrusco.

<sup>196</sup> Tages teria sido o fundador da arte divinatória entre os etruscos. Conta a lenda que ele surgiu de um torrão de terra, tomou a forma de um menino e ensinou, no espaço de um dia, a arte do haruspício (ver n. 97), que foi anotada em livros por seus ouvintes (ver Cic. *Div.* 2.50).

<sup>197</sup> Rômulo teria arremessado no monte Palatino uma lança, que se metamorfoseou em um corniso (ver Plu. *Rom.*, 20.5-6; Arn. *Adv. nat.* 4.3; Serv. *ad A.* 3.46; Ps.-Lact. *Plac.*, *Nar. fab. Ov.*, 15.48). A ação, segundo Sêrvio, teria sido realizada após a obtenção de um augúrio, provavelmente aquele que legitimou a reivindicação de Rômulo ao trono, em detrimento de Remo, pouco antes da fundação de Roma (cf. Arn.).

<sup>198</sup> Genúcio Cipo é uma figura lendária do início da República romana. Um dia, Cipo percebe que lhe nasceram cornos na fronte, prodígio interpretado como um sinal de que, se entrasse novamente na cidade, tornar-se-ia rei. Horrorizado com tal prospecto, Cipo prefere exilar-se voluntária e perpetuamente nos arredores da cidade. Em honra a seu respeito pela República, esculpem, na *porta Raudusculana* (uma das portas da Muralha Serviana, localizada no Aventino) sua efigie.

<sup>199</sup> Nome com que Rômulo, enquanto deus, é cultuado.

<sup>200</sup> Era costume romano oferecer aos deuses incensos, os “fogos olentes”.

quid sibi significant trepidantia consulit exta.  
 quae simul inspexit Tyrrhenae gentis haruspex,  
 magna quidem rerum molimina uidit in illis,  
 nec manifesta tamen; cum uero sustulit acre  
 580 a pecudis fibris ad Cipi cornua lumen,  
 ‘rex’ ait, ‘o! salue! tibi enim, tibi, Cipe, tuisque  
 hic locus et Latiae parebunt cornibus arces.  
 tu modo rumpe moras portasque intrare patentes  
 adpropera; sic fata iubent. namque urbe receptus  
 585 rex eris et sceptro tutus potiere perenni.’  
 rettulit ille pedem toruamque a moenibus urbis  
 auertens faciem, ‘procul, a! procul omina’ dixit  
 ‘talia di pellant! multoque ego iustius aeuum  
 exul agam quam me uideant Capitolia regem.’  
 590 dixit et extemplo populumque grauemque senatum  
 conuocat; ante tamen pacali cornua lauro  
 uelat et aggeribus factis a milite forti  
 insistit priscoque deos e more precatus  
 ‘est’ ait ‘hic unus, quem uos nisi pellitis urbe,  
 595 rex erit. is qui sit signo, non nomine, dicam;  
 cornua fronte gerit. quem uobis indicat augur,  
 si Romam intrarit, famularia iura daturum.  
 ille quidem potuit portas inrumpere apertas,  
 sed nos obstitimus, quamuis coniunctior illo  
 600 nemo mihi est. uos urbe uirum prohibete, Quirites,  
 uel, si dignus erit, grauibus uincite catenis,  
 aut finite metum fatalis morte tyranni.’  
 qualia succinctis, ubi trux insibilat Eurus,

e consulta o que lhe revela a entranha fremente.

Tão logo a examinou o harúspice do povo tirreno,  
coisas de grande importância, decerto, lá viu,  
não manifestas, contudo; mas, quando ergueu o penetrante

580 olhar do fígado ovino aos cornos de Cipo,  
‘Rei’, disse, ‘eu te saúdo! Pois a ti, Cipo, a ti e aos teus  
cornos este local e a cidadela do Lácio<sup>201</sup> hão de sujeitar-se!

Tu apenas não demores: apressa-te a entrar pelas portas patentes;  
assim ordenam os fados. Pois, recebido na cidade,

585 serás rei e, em segurança, apossar-te-ás de um cetro perene.’

Ele deu um passo atrás e, desviando das muralhas da cidade  
a face severa, disse: ‘Ai! Que nos livrem os deuses  
de agouros tais! É muito mais justo que eu

passo a vida exilado do que que me vejam rei no Capitólio!’

590 Assim disse e de súbito o povo e o nobre senado  
convoca; antes, contudo, cobre os cornos com o louro da paz  
e sobe em um terraplano feito por bravos soldados.

Depois de aos deuses rogar à maneira antiga,  
falou: ‘Há cá alguém que, se vós não afugentardes da cidade,

595 será rei. Quem ele é eu direi através de um sinal, não do nome:  
cornos ele traz na frente. Quem vos avisa é um áugure<sup>202</sup>:  
se em Roma ele entrar, há de lhes dar os direitos de escravos<sup>203</sup>.

Podia ele, decerto, irromper pelas portas abertas,  
mas eu o impedi, posto que ninguém seja

600 mais próximo dele que eu. Afastai esse homem da cidade, Quirites<sup>204</sup>,  
ou, se parecer correto, atai-o com pesados grilhões,  
ou dai fim ao medo com a morte do fatídico tirano.’

Assim como quando o Euro assobia, selvagem, cingindo

---

<sup>201</sup> Isto é, o Capitólio.

<sup>202</sup> Sacerdote que prediz o futuro, observando principalmente o comportamento das aves: seu voo, alimentação e canto. Digna de nota a escolha do termo, uma vez que quem adverte Cipo é um harúspice (577).

<sup>203</sup> A percepção da Roma republicana em relação à monarquia era a de que o povo governado por um rei seria um povo escravizado, pois sua liberdade lhe seria tirada.

<sup>204</sup> Termo usado para endereçar cidadãos Romanos, especialmente em situações de alguma solenidade.

murmura pinetis fiunt, aut qualia fluctus  
 605 aequorei faciunt, si quis procul audiat illos,  
 tale sonat populus; sed per confusa frementis  
 uerba tamen uulgi uox eminet una ‘quis ille est?’  
 et spectant frontes praedictaque cornua quaerunt.  
 rursus ad hos Cippus ‘quem poscitis’ inquit ‘habetis’  
 610 et dempta capiti populo prohibente corona  
 exhibuit gemino praesignia tempora cornu.  
 demisere oculos omnes gemitumque dedere,  
 atque illud meritis clarum (quis credere possit?)  
 inuiti uidere caput; nec honore carere  
 615 ulterius passi festam imposuere coronam.  
 at proceres, quoniam muros intrare uetaris,  
 ruris honorati tantum tibi, Cipe, dedere  
 quantum depresso subiectis bobus aratro  
 complecti posses ad finem lucis ab ortu.  
 620 cornuaque aeratis miram referentia formam  
 postibus insculpunt longum mansura per aeuum.  
 Pandite nunc, Musae, praesentia numina uatum,  
 (scitis enim, nec uos fallit spatiosa uetustas)  
 unde Coroniden circumflua Thybridis alti  
 625 insula Romuleae sacris adlegerit urbis.  
 Dira lues quondam Latias uitiauerat auras,  
 pallidaque exsanguis squalebant corpora morbo.  
 funeribus fessi postquam mortalia cernunt  
 temptamenta nihil, nihil artes posse medentum,  
 630 auxilium caeleste petunt mediamque tenentes  
 orbis humum Delphos adeunt, oracula Phoebi,  
 utque salutifera miseris succurrere rebus  
 sorte uelit tantaeque urbis mala finiat orant.

os pinhais, e se fazem murmúrios, ou assim como fazem  
 605 as vagas marinhas, se alguém as ouve de longe,  
 desta maneira o povo ressoa; mas entre as palavras confusas  
 do ruidoso vulgo, contudo, eleva-se uma voz: ‘Quem é ele?’,  
 e as fronteiras fitam e procuram os cornos preditos.  
 De novo Cipo falou-lhes: ‘Quem reclamais, cá está!’  
 610 E, da cabeça tirada a coroa, ao povo, que resistia,  
 revelou as têmeoras assinaladas por gêmeo corno.  
 Todos baixaram os olhos e um gemido soltaram,  
 e (quem poderia crê-lo?) viram, preclara pelos seus méritos,  
 aquela cabeça, constringidos; não suportaram  
 615 que carecesse mais tempo de honra, impuseram-lhe a coroa festiva.  
 Mas os notáveis, pois que estás proibido de adentrar os muros,  
 a ti, como honraria, deram tanto, Cipo, de campo,  
 quanto com o sulco do arado a bois atrelado  
 pudesses abarcar, do nascer ao fim do dia,  
 620 e esculpiram, nos brônzeos umbrais<sup>205</sup>, trazendo sua admirável forma,  
 os cornos, os quais por longo tempo hão de lá ficar.  
 Revelai agora, ó Musas, numes propícios aos vates  
 (pois sabeis, e não vos engana a vasta velhice),  
 de onde veio o Coronida<sup>206</sup>, que a ilha pelo fundo Tibre cercada<sup>207</sup>  
 625 associou aos cultos sagrados da cidade romúlea.  
 Peste medonha outrora contaminara as brisas do Lácio<sup>208</sup>;  
 pálidos, cobriam-se os corpos de lívido mal.  
 Cansados de funerais, após verem que os esforços  
 mortais não logram nada, nada as artes dos médicos,  
 630 auxílio celeste buscam e, dirigindo-se ao centro  
 do orbe, chegam à terra de Delfos e rogam ao oráculo  
 de Febo que, com profecia portadora da cura, da infelicidade  
 queira socorrê-los, e que terminem os males de tamanha cidade.

<sup>205</sup> A *porta Raudusculana*, cujo nome deriva de *raudus*, palavra antiga para designar o bronze (*aes*).

<sup>206</sup> Esculápio, filho de Corônus.

<sup>207</sup> A Ilha Tiberina, que fica na altura do Capitólio.

<sup>208</sup> As fontes antigas situam o início da peste no ano de 293 a. C. e a vinda de Esculápio a Roma em 292 a.C. (cf. Liv. 10.47.6-7; Val. Max. 1.8.2).

et locus et laurus et quas habet ipse pharetrae  
 635 intremuere simul, cortinaque reddidit imo  
 hanc adyto uocem pauefactaque pectora mouit:  
 ‘quod petis hinc propiore loco, Romane, petisses,  
 et pete nunc propiore loco; nec Apolline uobis,  
 qui minuat luctus, opus est, sed Apolline nato.  
 640 ite bonis auibus prolemque accersite nostram.’  
 iussa dei prudens postquam accepere senatus,  
 quam colat explorant iuuenis Phoebeius urbem,  
 quique petant uentis Epidauria litora mittunt.  
 quae simul incurua missi tetigere carina,  
 645 concilium Graiosque patres adiere darentque  
 orauere deum, qui praesens funera gentis  
 finiat Ausoniae; certas ita dicere sortes.  
 dissidet et uariat sententia, parsque negandum  
 non putat auxilium, multi retinere suamque  
 650 non emittere opem nec numina tradere suadent.  
 dum dubitant, seram pepulere crepuscula lucem  
 umbraque telluris tenebras induxerat orbi,  
 cum deus in somnis opifer consistere uisus  
 ante tuum, Romane, torum, sed qualis in aede  
 655 esse solet, baculumque tenens agreste sinistra  
 caesariem longae dextra deducere barbae  
 et placido tales emittere pectore uoces:  
 ‘pone metus: ueniam simulacraque nostra relinquam.

O local e o loureiro e as aljavas que tem ele próprio  
635 a um só tempo tremeram, e a trípode<sup>209</sup> soltou das profundezas  
do santuário esta voz e os peitos apavorados tocou:  
‘O que buscas aqui, Romano, mais perto tivesses buscado,  
e busca agora mais perto<sup>210</sup>; pois não precisais de Apolo  
para minorar o luto, e sim do filho de Apolo.  
640 Ide com bons auspícios e de minha prole acercai-vos.’  
Prudente, após receber as ordens do deus, o senado  
busca saber da cidade onde mora o jovem Febeu  
e com ventos propícios envia os que às praias de Epidauro hão de dirigir-se.  
Tão logo as tocaram os emissários com a curva quilha,  
645 foram à assembleia e aos gregos patriarcas e lhes rogaram  
que dessem o deus que, presente, aos funerais do povo  
ausônio<sup>211</sup> poria fim; assim uma profecia dissera, certa.  
Dissente e varia a sentença: parte não crê que se deva  
negar o auxílio, muitos aconselham conservar  
650 e não remeter um recurso seu, nem entregar o nume.  
Enquanto hesitam, o crepúsculo afastou a última luz.  
Já a sombra da terra trouxera as trevas ao orbe  
quando, em sonhos, o deus benfazejo pareceu postar-se  
em frente, Romano<sup>212</sup>, a teu leito, mas tal qual no templo  
655 costuma estar: segurando rústico bastão na sinistra  
e com a destra a cofiar da longa barba os cabelos;  
do plácido peito soltou as seguintes palavras:  
‘Põe de parte o medo: hei de vir e a minha aparência deixar.

---

<sup>209</sup> Banco de três pés onde se apoiava a pitonisa, ao dar os oráculos de Apolo. Aqui parece referir-se, por metonímia, à própria pitonisa.

<sup>210</sup> Trata-se de Epidauro, cidade grega situada na Argólida e principal local de culto de Esculápio. A afirmação é problemática, uma vez que Epidauro é mais distante de Roma do que Delfos; a esse respeito, ver o com. aos vv. 637-40.

<sup>211</sup> Ausônia é outro nome para a Itália, mais comumente usado na poesia. O povo ausônio são, portanto, os italianos, ou, mais especificamente, os romanos.

<sup>212</sup> Provavelmente Quinto Ogúlnio Galo, cônsul em 269 a. C., que teria chefiado a delegação enviada a Epidauro (Val. Max. 1.8.2).

hunc modo serpentem, baculum qui nexibus ambit,  
 660 perspice et usque nota, uisum ut cognoscere possis.  
 uertar in hunc, sed maior ero tantusque uidebor,  
 in quantum uerti caelestia corpora debent.’  
 extemplo cum uoce deus, cum uoce deoque  
 somnus abit, somnique fugam lux alma secuta est.  
 665     Postera sidereos Aurora fugauerat ignes;  
 incerti quid agant, proceres ad templa petiti  
 conueniunt operosa dei, quaque ipse morari  
 sede uelit signis caelestibus indicet orant.  
 uix bene desierant, cum cristis aureus altis  
 670 in serpente deus praenuntia sibila misit  
 aduentuque suo signumque arasque foresque  
 marmoreumque solum fastigiaque aurea mouit  
 pectoribusque tenus media sublimis in aede  
 constitit atque oculos circumtulit igne micantes.  
 675 territa turba pauet; cognouit numina castos  
 euinctus uitta crines albente sacerdos:  
 ‘en, deus est, deus est! animis linguisque fauete,  
 quisquis ades!’ dixit ‘sis, o pulcherrime, uisus  
 utiliter populosque iuues tua sacra colentes.’  
 680 quisquis adest uisum uenerantur numen, et omnes  
 uerba sacerdotis referunt geminata piumque  
 Aeneadae praestant et mente et uoce fauorem.  
 adnuit his motisque deus rata pignora cristis  
 et repetita dedit uibrata sibila lingua.  
 685 tum gradibus nitidis delabitur oraque retro  
 flectit et antiquas abiturus respicit aras  
 adsuetasque domos habitataque templa salutat.  
 inde per iniectis adopertam floribus ingens

Esta serpente que com seus nós rodeia o bastão<sup>213</sup>,  
 660 examina-a até que a conheças bem e possas reconhecer o que viste.  
 Nela eu me transformarei, mas serei maior e tão grande parecerei  
 quanto devem, quando transformados, os corpos celestes.’  
 De súbito somem juntos a voz e o deus, e junto da voz e do deus,  
 some o sono, e à fuga do sono se segue a benéfica luz.

665 A Aurora seguinte já afugentara os fogos dos astros;  
 incertos do que fazer, os notáveis, dirigindo-se ao templo  
 adornado do deus, reúnem-se e rogam que indique ele próprio  
 por sinais celestes a morada onde quer residir.  
 Mal haviam terminado e, áureo, com as altas cristas,  
 670 o deus, em forma de serpente, soltou premonitórios sibilos  
 e, com a sua chegada, estátua e altares e portas  
 e o piso marmóreo e o áureo teto moveu;  
 até o peito erguido em meio ao templo  
 parou e olhares em volta lançou, brilhantes de fogo.

675 Aterrorizada, a turba é tomada de espanto; reconheceu os sinais do deus  
 o sacerdote, presos os castos cabelos por branca fita:  
 ‘Ai, é o deus, é o deus! Honrai-o em pensamento e com a fala,  
 quem quer que se aproxime!’ disse, ‘que sejas, ó, belíssimo,  
 proveitosa a tua aparição, que ajudes os povos que teus ritos cultuam!’

680 Quem quer que se aproxime venera a aparição do nume, e todos  
 repetem as palavras do sacerdote, multiplicadas,  
 e os enéadas<sup>214</sup> demonstram com a mente e com a voz pia deferência.  
 Anuiu-lhes o deus movendo as cristas, garantia segura,  
 e silvos soltou repetidos, vibrando a língua.

685 Então escorrega pelos degraus cintilantes, o rosto volve  
 para trás, uma vez mais observa os altares antigos que abandonará  
 e dá adeus ao lar costumeiro e ao templo onde morara.  
 Em seguida, pela terra juncada de flores ali jogadas, enorme,

---

<sup>213</sup> Elemento central na caracterização de Esculápio, o bastão com uma ou duas serpentes enroladas em si é o mesmo atualmente utilizado como símbolo da medicina. As serpentes eram fortemente associadas ao deus e, em certas situações, identificadas com ele.

<sup>214</sup> Descendentes de Eneias, isto é, os romanos.

serpit humum flectitque sinus mediamque per urbem  
 690 tendit ad incuruo munitos aggere portus.  
 restitit hic agmenque suum turbaeque sequentis  
 officium placido uisus dimittere uultu  
 corpus in Ausonia posuit rate; numinis illa  
 sensit onus pressa estque dei grauitate carina.  
 695 Aeneadae gaudent caesoque in litore tauro  
 torta coronatae soluunt retinacula nauis.  
 impulerat leuis aura ratem; deus eminent alte  
 inpositaque premens puppem ceruice recuruam  
 caeruleas despectat aquas modicisque per aequor  
 700 Ionium Zephyris sextae Pallantidos ortu  
 Italiam tenuit praeterque Lacinia templo  
 nobilitata deae Scylaceaque litora fertur.  
 linquit Iapygiam laeuisque Amphrisia remis  
 saxa fugit, dextra praerupta Celennia parte  
 705 Romethiumque legit Caulonaque Naryciamque  
 euincitque fretum Siculique angusta Pelori  
 Hippotadaeque domos regis Temesesque metalla  
 Leucosiamque petit tepidique rosaria Paesti.

rasteja, em meio à cidade volve os anéis  
 690 e arrasta-se ao porto, protegido por forte recurvo.  
 Deteve ali sua marcha; seu cortejo e da multidão que o seguia  
 a cerimônia, com o semblante plácido, pareceu dispersar  
 e o corpo depôs no ausônio navio; a quilha o fardo do nume  
 experimentou, e foi premida pela gravidade do deus.  
 695 Os enéadas regozijam-se e, após sacrificar um touro na praia,  
 soltam as amarras torcidas da nau de coroas ornada.  
 Brisa ligeira pusera em marcha o navio; o deus no alto se ergue  
 e, premendo a popa recurva ao sobrepor-lhe a cerviz,  
 de cima observa as águas cerúleas. Com suaves Zéfiro<sup>215</sup>,  
 700 atravessando o Mar Jônio, ao nascer da sexta Palântide<sup>216</sup>  
 atingiu a Itália. Atravessa o Lacínio, célebre  
 pelo templo da deusa<sup>217</sup>, e as praias de Cilaceu<sup>218</sup>;  
 deixa para trás a Japígia<sup>219</sup> e com os remos da rocha anfrísia  
 foge à esquerda, do lado direito dos despenhadeiros celênios;  
 705 Romécio<sup>220</sup> costeia, e Caulônia e Narícia<sup>221</sup>,  
 e do siciliano Peloro vence o afilado estreito<sup>222</sup>;  
 ao lar do rei Hipótada<sup>223</sup> se dirige, às minas,  
 de Tênese<sup>224</sup>, à Leucósia<sup>225</sup> e aos roseirais da tépida Pesto<sup>226</sup>.

<sup>215</sup> O Zéfiro é o vento do oeste.

<sup>216</sup> Isto é, depois da sexta Aurora (ver n. 106).

<sup>217</sup> Antigo *promontorium Lacinium*, atual Cabo Colona, o local se encontra na entrada do Golfo de Tarento, na província de Crotona. Lá, havia um templo consagrado a Juno Lacínia, a deusa aqui referida.

<sup>218</sup> Golfo também na atual província de Crotona, bastante próximo ao Cabo Colona.

<sup>219</sup> Ver n. 88.

<sup>220</sup> A “rocha anfrísia”, os “despenhadeiros celênios” e Romécio permanecem localidades não identificadas.

<sup>221</sup> Nome poético de Locri, cidade calabresa fundada por gregos advindos da Lócrida, pois seus habitantes acreditavam-se descendentes de Ajax Oileu, nascido na cidade grega de Narica — é referido como *Naryciusque heros* em 14.468.

<sup>222</sup> O estreito de Messina, que divide a Sicília da Itália. O Cabo Peloro se localiza na extremidade desse estreito, em seu ponto mais afilado, no extremo noroeste da Sicília.

<sup>223</sup> O “rei Hipótada” é Éolo, filho de Hípotes. Seu lar seriam as Ilhas Eólias (ou Líparas ou, ainda, Lipárias), um arquipélago no mar Tirreno, na atual província de Messina.

<sup>224</sup> Tênese é o nome grego para a cidade de Tempse, em Bruzio; a referência, aparentemente falsa, a minas na cidade derivaria de uma confusão com outra localidade, de nome Tênesa/Tamasos, no Chipre, ilha rica em cobre.

<sup>225</sup> Ilha na região da Campânia, atualmente chamada Licosa.

<sup>226</sup> Antiga Posidônia, colônia grega na Campânia.

inde legit Capreas promunturiumque Mineruae  
 710 et Surrentino generosos palmite colles  
 Herculeamque urbem Stabiasque et in otia natam  
 Parthenopen et ab hac Cumaeae templa Sibyllae.  
 hinc calidi fontes lentisciferumque tenetur  
 Liternum multamque trahens sub gurgite harenam  
 715 Volturnus niueisque frequens Sinuessa columbis  
 Minturnaeque graues et quam tumulauit alumnus  
 Antiphataeque domus Trachasque obsessa palude  
 et tellus Circaea et spissi litoris Antium.  
 Huc ubi ueliferam nautae aduertere carinam  
 720 (asper enim iam pontus erat), deus explicat orbes  
 perque sinus crebros et magna uolumina labens  
 templa parentis init flauum tangentia litus.  
 aequore placato patrias Epidaurius aras  
 linquit et hospitio iuncti sibi numinis usus  
 725 litoream tractu squamae crepitantis harenam  
 sulcat et innixus moderamine nauis in alta

Em seguida costeia Capri, o promontório de Minerva<sup>227</sup>,  
 710 as colinas abundantes em sorrentinas vinhas,  
 a hercúlea cidade<sup>228</sup>, Estábia<sup>229</sup> e, para o ócio nascida,  
 Partênope<sup>230</sup>, e de lá o templo da cumana Sibila<sup>231</sup>.  
 Dali se chega às cálidas fontes<sup>232</sup>, a Literno<sup>233</sup>, de lentiscos  
 coberta, ao que sob seu fluxo tanta areia arrasta,  
 715 o Volturmo<sup>234</sup>, a Sinuessa, repleta de níveas pombas<sup>235</sup>,  
 à pesada Minturnas<sup>236</sup> e àquela em que a ama ele sepultou<sup>237</sup>,  
 ao lar de Antífates<sup>238</sup>, a Tracante, cercada de pântano<sup>239</sup>,  
 à terra de Circe<sup>240</sup> e a Âncio de densas praias<sup>241</sup>.  
 Lá, para onde desviaram os nautas a quilha, provida de velas  
 720 (pois já se encrespara o ponto), o deus desenrola suas voltas;  
 escorregando com os cerrados anéis e volumosos rolos,  
 no templo do pai<sup>242</sup> ele entra, tocado por loura praia.  
 Quando se aplacou o mar, os pátrios altares o epidáurio  
 deixou e, após gozar da hospedagem de um nume próximo a si,  
 725 com a extensão das crepitantes escamas sulca as areias  
 da praia e, apoiado no leme da nau, na alta

<sup>227</sup> Promontório localizado na costa sorrentina, dividindo o Golfo de Nápoles e o de Salerno. Possuía um templo dedicado a Minerva.

<sup>228</sup> Herculano, cidade situada no Golfo de Nápoles.

<sup>229</sup> Antiga cidade no Golfo de Nápoles bastante próxima a Pompeia.

<sup>230</sup> Antigo nome de Nápoles, pois Partênope, uma sirena, teria sido ali sepultada (cf. Plin. *Nat.* 3.5.62; Str. 1.2.13; Serv. *ad G.* 4.563). A cidade é caracterizada como “para o ócio nascida” por ser tradicionalmente local de lazer: cf. Str. 5.4.7; Hor. *Epod.* 5.43; Verg. *G.* 4.563-4.

<sup>231</sup> Localizado em Cumas.

<sup>232</sup> As fontes de águas termais de Baia (cf. *Ars* 1.255-6; Lucr. 6.747-8; Str. 5.4.5).

<sup>233</sup> Antiga cidade da Campânia, próxima a Sinuessa.

<sup>234</sup> Principal rio do centro-sul da península Itálica, “tanta areia arrasta” devido à sua dimensão.

<sup>235</sup> Antiga cidade da Campânia por onde passava a Via Ápia.

<sup>236</sup> Primeira cidade do Lácio citada neste catálogo, na divisa entre o Lácio e a Campânia, também cruzada pela Via Ápia. É caracterizada como “pesada” (*grauis*) talvez pela vizinhança de grande área pantanosa que tornava o ar da cidade malcheiroso e insalubre.

<sup>237</sup> A cidade de Gaeta, localizada no golfo homônimo, no Lácio, teria recebido este nome por conta de Caieta, a ama de leite que Eneias teria ali sepultado (cf. 14.157 e 441-1; Verg. *A.* 7.1-4).

<sup>238</sup> Antífates aparece no livro anterior (14.233-4) como rei dos Lestrígones, povo de gigantes antropófagos mencionado na *Odisseia* (10.80-134). Seu “lar” é a cidade de Fórmias.

<sup>239</sup> Antigo nome da atual Terracina. É “cercada de pântano” pela proximidade dos Pântanos Pontinos, que se estendem, por aproximadamente 45 km, entre Terracina e Âncio.

<sup>240</sup> A região do Promontório Circeu, entre Terracina e Âncio.

<sup>241</sup> As “densas praias” (*spissi litori*) parecem fazer referência ao fato de a praia de Âncio ser de areia dura: cf. *Ars* 2.132; Verg. *A.* 5.336.

<sup>242</sup> Aparentemente, uma inovação ovidiana: em Valério Máximo (1.8.2) e *De uiris illustribus* (22.3), o templo de Âncio é identificado como do próprio Esculápio, e não de Apolo.

puppe caput posuit, donec Castrumque sacrasque  
 Lauini sedes Tiberinaque ad ostia uenit.  
 huc omnis populi passim matrumque patrumque  
 730 obuia turba ruit, quaeque ignes, Troica, seruant,  
 Vesta, tuos, laetoque deum clamore salutant.  
 quaque per aduersas nauis cita ducitur undas,  
 tura super ripas aris ex ordine factis  
 parte ab utraque sonant et odorant aera fumis,  
 735 ictaque coniectos incalfacit hostia cultros.  
 iamque, caput rerum, Romanam intrauerat urbem;  
 erigitur serpens summoque adclinia malo  
 colla mouet sedesque sibi circumspicit aptas.  
 scinditur in geminas partes circumfluis amnis  
 740 (Insula nomen habet) laterumque a parte duorum  
 porrigit aequales media tellure lacertos.  
 huc se de Latia pinu Phoebius anguis  
 contulit et finem specie caeleste resumpta  
 luctibus imposuit uenitque salutifer Vrbi.  
 745 Hic tamen accessit delubris aduena nostris;  
 Caesar in urbe sua deus est. quem Marte togaque  
 praecipuum non bella magis finita triumphis  
 resque domi gestae properataque gloria rerum  
 in sidus uertere nouum stellamque comantem,  
 750 quam sua progenies; neque enim de Caesaris actis

popa pôs a cabeça, até que a Castro<sup>243</sup>, às sagradas  
moradas de Lavínio<sup>244</sup> e à foz tiberina vem dar.

Lá todo o povo, por todo o lado, de mães e de pais

730 uma turba, precipitando-se acorre, e as que protegem teus fogos,  
troiana Vesta<sup>245</sup>, e saúdam o deus com alegre clamor.

Onde passa, indo contra a corrente, a rápida nau,  
o incenso, em altares dispostos em ordem por sobre as margens,  
de um e de outro lado, murmura e perfuma o ar com seus fumos;

735 ferida, a vítima aquece os punhais cravados em si.

E já adentrara a cabeça do mundo, cidade romana;  
ergue-se a serpente e move a fauce, no ponto mais alto do mastro  
encostada, olha em volta à procura de morada mais apta a si.

Em porções gêmeas o rio, abaulando sua corrente, é cindido

740 (tem o nome de Ilha) e pelas beiras, de ambos os lados,  
estende, ao redor da terra, braços iguais.

Para lá, saindo do barco latino, a cobra febeia<sup>246</sup>  
avançou, e, após recobrar a feição celeste, um fim  
pôs aos lutos e veio, trazendo a cura à Cidade.

745 Este, contudo, entrou estrangeiro em nossas ermidas;  
César em sua cidade é deus. Ele, nas artes de Marte e com a toga<sup>247</sup>  
o primeiro, não foi tanto a guerra, terminada em triunfos,  
os feitos em casa alcançados e a glória precoce dos feitos  
que em astro novo o transformaram, estrela comada<sup>248</sup>,  
750 mas antes sua descendência; pois, dentre os sucessos de César,

<sup>243</sup> *Castrum Inui*, antigo porto de Ardea.

<sup>244</sup> A cidade fundada por Eneias e nomeada a partir de sua esposa, Lavínia, filha do rei Latino. À época de Ovídio, era local de culto de Eneias e de sacrifícios anuais por parte dos cônsules e pontífices romanos, motivo por que é qualificada “sagrada”.

<sup>245</sup> As vestais, sacerdotisas de Vesta, deusa romana do lar e do fogo sagrado, eternamente aceso. Assim como os Penates (ver n. 168), acreditava-se que Eneias teria trazido sua imagem e seu culto ao Lácio, por isso é chamada “troiana” (cf. Verg. *A.* 2.294-7).

<sup>246</sup> Filha de Febo, isto é, Apolo.

<sup>247</sup> As artes de Marte são, naturalmente, a guerra; a toga caracteriza a ação política.

<sup>248</sup> O cometa que, em julho de 44 a.C., meses após os idos de março, apareceu por sete dias no céu de Roma. Sua passagem, que coincidiu com a celebração de jogos em honra de César, instituídos por Augusto, foi interpretada como sinal do catasterismo de César, que, em 42 a.C., tornar-se-ia, por decreto do senado, *Diuus Iulius* (cf. Plin., *Nat.* 2.23.94; Suet. *Jul.* 88 e D.C. 45.7).

ullum maius opus quam quod pater exstitit huius.  
 scilicet aequoreos plus est domuisse Britannos  
 perque papyriferi septemflua flumina Nili  
 uictrices egisse rates Numidasque rebelles

755 Cinyphiumque Iubam Mithridateisque tumentem  
 nominibus Pontum populo adiecisse Quirini  
 et multos meruisse, aliquos egisse triumphos,  
 quam tantum genuisse uirum? quo praeside rerum  
 humano generi, superi, fauistis abunde.

760 Ne foret hic igitur mortali semine cretus,  
 ille deus faciendus erat; quod ut aurea uidit  
 Aeneae genetrix, uidit quoque triste parari  
 pontifici letum et coniurata arma moueri,  
 palluit et cunctis, ut cuique erat obuia, diuis  
 765 ‘aspice,’ dicebat ‘quanta mihi mole parentur  
 insidiae quantaque caput cum fraude petatur,  
 quod de Dardanio solum mihi restat Iulo.  
 solane semper ero iustis exercita curis,  
 quam modo Tydidæ Calydonia uulneret hasta,

nenhum foi obra maior do que se fazer dele o pai<sup>249</sup>.

Será em verdade mais ter conquistado os marinhos bretões<sup>250</sup>,

pelas sete bocas do Nilo, rico em papiro,

navios vencedores ter conduzido<sup>251</sup>, os númidas rebeldes,

755 Juba do Cínife<sup>252</sup> e o Ponto, inchado

pelo nome de Mitridates<sup>253</sup>, ter incorporado ao povo de Quirino,

e muitos triunfos ter merecido, alguns, conduzido<sup>254</sup>,

do que ter gerado tão grande homem? Por seu governo,

deuses, favoreceste em abundância a espécie humana.

760 Portanto, para que este não crescesse de mortal semente,

era preciso que aquele se fizesse deus<sup>255</sup>; quando, áurea, o viu

a genetriz de Eneias<sup>256</sup>, e viu também preparar-se o triste

assassinato do pontífice<sup>257</sup> e moverem-se conjuradas armas,

empalideceu e a todos os deuses que no caminho encontrava

765 dizia: ‘Contempla quão grande a insídia que me preparam,

quão grande a traição com que arremetem contra aquele

que é só o que me resta do dardânio Iulo<sup>258</sup>.

Serei sempre a única atormentada por justificados cuidados:

primeiro me ferir a calidônia lança do Tidida<sup>259</sup>,

<sup>249</sup> “Ele” é Otávio, posteriormente Augusto, a quem César adotou, tornando-o seu herdeiro.

<sup>250</sup> A invasão da Bretanha ocorreu em 55 e 54 a.C., durante as campanhas de César na Gália.

<sup>251</sup> Alusão à guerra civil em Alexandria, entre 48 e 47 a.C., entre Ptolomeu XIII, de um lado, e, de outro, sua irmã, Cleópatra VII, aliada a Júlio César. César se envolveu no conflito ao dirigir-se ao Egito logo após a batalha de Farsalos, em perseguição de Pompeu, que acabaria morto pelas mãos dos próprios egípcios, e saiu vitorioso após a Batalha do Nilo.

<sup>252</sup> Juba I era rei da Numídia. A menção faz referência aos acontecimentos que culminaram na batalha de Tapso, em 46 a.C., entre os númidas, aliados às forças pompeianas, e as legiões de César, que saíram vitoriosas do conflito.

<sup>253</sup> Mitridates VI, rei do Ponto, contra quem os romanos lutaram as três Guerras Mitridáticas (90-65 a.C.). A referência aqui é à vitória de César sobre o filho de Mitridates, Fárnaces II, em 47 a.C., na Batalha de Zela.

<sup>254</sup> Possivelmente, Ovídio alude ao triunfo de 60 a.C., de que César abdica para concorrer ao consulado em 59 a.C. (ver o com. aos vv. 757-9). Em 46 a.C., César celebra 4 triunfos, pelas vitórias na Gália, no Egito, no Ponto e na África; em 45 a.C., comemora a vitória sobre as forças pompeianas em Munda, na Hispânia.

<sup>255</sup> “Este” é Augusto, “aquele”, César.

<sup>256</sup> Isto é, Vênus.

<sup>257</sup> César fora eleito pontífice máximo em 63 a.C. e manteve o cargo até sua morte.

<sup>258</sup> Iulo ou Ascânio, filho de Eneias (ver n. 167). “Dardânio”, isto é, troiano.

<sup>259</sup> O Tidida é Diomedes, filho de Tideu. Sua lança é qualificada “calidônia” pois seu avô paterno era Eneu, rei de Calídon. O célebre episódio da Guerra de Troia em que Diomedes fere Vênus, que descera à batalha para salvar seu filho, Eneias, é narrado em Hom. *Il.* 5.334-42 e aludido em Verg. *A.* 10.29.

770 nunc male defensae confundant moenia Troiae,  
 quae uideam natum longis erroribus actum  
 iactarique freto sedesque intrare silentum  
 bellaque cum Turno gerere, aut, si uera fatemur,  
 cum Iunone magis? quid nunc antiqua recordor  
 775 damna mei generis? timor hic meminisse priorum  
 non sinit; en acui sceleratos cernitis enses!  
 quos prohibete, precor, facinusque repellite, neue  
 caede sacerdotis flammam extinguite Vestae.  
 Talia nequiquam toto Venus anxia caelo  
 780 uerba iacit superosque mouet; qui rumpere quamquam  
 ferrea non possunt ueterum decreta sororum,  
 signa tamen luctus dant haud incerta futuri.  
 arma ferunt inter nigras crepitantia nubes  
 terribilesque tubas auditaque cornua caelo  
 785 praemonuisse nefas; solis quoque tristis imago  
 lurida sollicitis praebat lumina terris;  
 saepe faces uisae mediis ardere sub astris,  
 saepe inter nimbos guttae cecidere cruentae;  
 caerulus et uultum ferrugine Lucifer atra  
 790 sparsus erat, sparsi lunares sanguine currus;  
 tristia mille locis Stygius dedit omina bubo,  
 mille locis lacrimauit ebur, cantusque feruntur  
 auditi sanctis et uerba minantia lucis;  
 uictima nulla litat, magnosque instare tumultus

770 depois me arrasarem as mal defendidas muralhas de Troia<sup>260</sup>,  
 ver o filho, levado por longos erros,  
 ser lançado ao mar, adentrar as moradas dos silentes  
 e travar guerra com Turno, ou, verdade seja dita,  
 sobretudo com Juno<sup>261</sup>? E por que recorde agora os antigos  
 775 danos à minha família? Este temor proíbe que os outros  
 sejam lembrados. Ai! Podeis ver que se afiam as criminosas espadas!  
 Afastai-as, suplico! Repeli o malfeito e não  
 extingui, com o massacre do sacerdote, as chamas de Vesta<sup>262</sup>!  
 Inutilmente Vênus, inquieta, pelo orbe todo tais palavras  
 780 lança e comove os deuses; eles, todavia, não podem  
 romper os férreos decretos das velhas irmãs<sup>263</sup>;  
 contudo, dão sinais inequívocos do luto futuro:  
 em meio às negras nuvens contam que se ouviu crepitarem  
 as armas, no céu, e terríveis tubas e cornos,  
 785 que renunciaram o sacrilégio. Também a triste imagem do sol  
 lúrida luminescência fornecia às perturbadas terras<sup>264</sup>;  
 muita vez se viu fachos<sup>265</sup> arderem embaixo dos astros,  
 muita vez em meio às chuvas gotas cruentas caíram.  
 Cerúleo, Lúcifer foi, no semblante, por escura ferrugem  
 790 coberto, cobertos foram os carros lunares<sup>266</sup> com sangue;  
 tristes agouros em mil locais forneceu a coruja estígia<sup>267</sup>,  
 em mil locais chorou o marfim<sup>268</sup> e cantos, conta-se,  
 foram ouvidos nos bosques sagrados, e palavras ameaçadoras;  
 nenhuma vítima dá bom presságio; grandes perturbações hão de vir,

<sup>260</sup> Referência à queda de Troia, motivo de tristeza para a deusa, que era partidária dos troianos.

<sup>261</sup> Vênus enumera as provações por que seu filho, Eneias, passa após a queda de Troia: as viagens por mar, a descida aos Infernos (“morada dos silentes”, i.e., dos mortos) e a guerra com Turno, rei dos rútuos, todos eventos narrados na *Eneida*.

<sup>262</sup> O apagar-se do fogo sagrado, contido no Templo de Vesta, era considerado presságio extremamente nefasto entre os romanos, pois a ele estava associado o bem-estar público (e.g. D. H. 2.67.5). Com “massacre do sacerdote” Ovídio refere novamente o fato de César ser pontífice máximo.

<sup>263</sup> As Parcas (ou Moiras, entre os gregos), deusas que controlam os fados.

<sup>264</sup> Trata-se de um eclipse solar, do qual há registros, embora em novembro de 44 a.C., isto é, depois do assassinato de César (Mynors 1988a: *ad G.* 1.466).

<sup>265</sup> O termo *fax*, no original, é usado tanto para cometas como para meteoros.

<sup>266</sup> Isto é, a lua.

<sup>267</sup> A coruja era considerada um animal agourento, daí sua associação com o Estige, rio dos Infernos.

<sup>268</sup> Por metonímia, as estátuas de marfim.

795 fibra monet, caesumque caput reperitur in extis;  
 inque foro circumque domos et templa deorum  
 nocturnos ululasse canes umbrasque silentum  
 errauisse ferunt motamque tremoribus Urbem.  
 Non tamen insidias uenturaque uincere fata  
 800 praemonitus potuere deum, strictique feruntur  
 in templum gladii; neque enim locus ullus in Vrbe  
 ad facinus diramque placet nisi Curia caedem.  
 tum uero Cytherea manu percussit utraque  
 pectus et Aeneaden molitur condere nube,  
 805 qua prius infesto Paris est ereptus Atridae  
 et Diomedeos Aeneas fugerat enses.  
 talibus hanc genitor: 'sola insuperabile fatum,  
 nata, mouere paras? intres licet ipsa sororum  
 tecta trium; cernes illic molimine uasto  
 810 ex aere et solido rerum tabularia ferro,  
 quae neque concussum caeli neque fulminis iram  
 nec metuunt ullas tuta atque aeterna ruinas.  
 inuenies illic incisa adamante perenni  
 fata tui generis; legi ipse animoque notau  
 815 et referam, ne sis etiamnum ignara futuri.  
 hic sua compleuit pro quo, Cytherea, laboras,  
 tempora, perfectis quos terrae debuit annis.  
 ut deus accedat caelo templisque colatur  
 tu facies natusque suus, qui nominis heres

795 adverte o fígado: cortada se encontra a ponta, nas entranhas<sup>269</sup>;  
no foro, ao redor dos lares e dos templos dos deuses  
contam que noturnos cães ulularam, as sombras dos silentes<sup>270</sup>  
erraram e a Cidade abalou-se por conta de terremotos.  
Os prenúncios dos deuses, contudo, não puderam  
800 vencer as insídias e os fados vindouros: desembainhados, são trazidos  
os gládios ao templo, pois que local nenhum da Cidade  
senão a Cúria<sup>271</sup> ao delito agrada, ao maldito massacre.  
Então de fato a Citereia<sup>272</sup> com uma mão e com a outra percutiu  
o peito, e se esforça para ocultar o enéada<sup>273</sup> com a nuvem  
805 com que antes Páris fora arrebatado ao Atrida hostil<sup>274</sup>  
e da espada de Diomedes fugira Eneias<sup>275</sup>.  
Com tais palavras lhe fala o genitor<sup>276</sup>: ‘Sozinha tentas mover,  
filha, o fado imutável? Podes entrar tu mesma na morada  
das três irmãs<sup>277</sup>; ali poderás ver, em sua vasta grandeza,  
810 o tabulário do mundo, feito de bronze e do sólido ferro,  
que nem os abalos do céu, nem dos raios a ira  
não teme, nem quaisquer ruínas, seguro e eterno.  
Encontrarás ali, gravados no adamante perene,  
os fados da tua família; eu mesmo os li e no pensamento os guardei  
815 e relatarei, para que não continues ignorante das coisas futuras:  
este por quem, Citereia, padeces, cumpriu  
o seu tempo, concluíram-se os anos que ele devia à terra.  
Que, feito deus, ascenda ao céu e em templos seja cultuado,  
disso darás conta tu e seu filho, que, herdeiro do nome,

<sup>269</sup> Alusão à prática do haruspício.

<sup>270</sup> Isto é, as almas dos mortos.

<sup>271</sup> Trata-se da *curia Pompei*. O uso de *templum* (“templo”) como sinônimo de *curia*, no sentido do local de reunião no senado (*OLD* s.v. *curia*, acepção 3a) coloca em relevo sua sacralidade e, inversamente, a impiedade do assassinato de César.

<sup>272</sup> Vênus (ver n. 151).

<sup>273</sup> César, que pertenceria à linhagem de Eneias (ver n. 167).

<sup>274</sup> O “Atrida hostil” é Menelau, filho de Atreu. O episódio referido, o resgate de Páris por Vênus, é narrado em *Hom. Il.* 3.374-82.

<sup>275</sup> Episódio narrado em *Hom. Il.* 5.311-7: Eneias está prestes a ser morto quando Vênus intervém, salvando o filho, mas é levemente ferida pela lança de Diomedes, conforme mencionado *supra* (v. 769).

<sup>276</sup> Isto é, Júpiter.

<sup>277</sup> As Parcas.

820 impositum feret unus onus caesique parentis  
nos in bella suos fortissimus ultor habebit.  
illius auspiciis obsessae moenia pacem  
uicta petent Mutinae, Pharsalia sentiet illum,  
Emathiique iterum madefient caede Philippi,  
825 et magnum Siculis nomen superabitur undis,  
Romanique ducis coniunx Aegyptia taedae  
non bene fisa cadet, frustra que erit illa minata  
seruitura suo Capitolia nostra Canopo.  
quid tibi barbariam gentesque ab utroque iacentes  
830 Oceano numerem? quodcunque habitabile tellus  
sustinet, huius erit; pontus quoque seruiet illi.  
pace data terris animum ad ciuilia uertet  
iura suum legesque feret iustissimus auctor,  
exemploque suo mores reget inque futuri  
835 temporis aetatem uenturorumque nepotum  
prospiciens prolem sancta de coniuge natam  
ferre simul nomenque suum curasque iubebit;  
nec, nisi cum senior Pylios aequauerit annos,

820 há de carregar sozinho o fardo imposto e, do pai caído  
o maior vingador, terá a nós como aliados na guerra<sup>278</sup>.  
Sob seus comandos as muralhas vencidas da sitiada  
Mútina pedirão paz<sup>279</sup>, Farsalos há de senti-lo,  
os emácios serão novamente banhados com o massacre de Filipos<sup>280</sup>

825 e um grande nome será superado nas ondas sicilianas<sup>281</sup>;  
do chefe romano a esposa egípcia, fiando-se  
demais nas núpcias, há de cair, e em vão terá ela ameaçado  
que seria escravo de seu Canopo o nosso Capitólio<sup>282</sup>.  
Por que te enumerar os bárbaros e as gentes rendidas em um e outro

830 Oceano<sup>283</sup>? Tudo de habitável que a terra  
sustenta dele será; o ponto também será dele escravo.  
Depois de dar paz às terras, voltará sua atenção  
ao direito civil e, justíssimo legislador, fará leis<sup>284</sup>;  
vai reger, com seu exemplo, os costumes e, vendo adiante

835 a idade futura e os descendentes vindouros,  
ordenará que a prole nascida de sua santa esposa  
carregue ao mesmo tempo seu nome e seus cuidados<sup>285</sup>;  
e só quando, mais velho, os anos tiver igualado aos do pílio<sup>286</sup>,

<sup>278</sup> Referência às guerras civis que seguiram a morte de César e só tiveram fim com a vitória de Augusto sobre as forças de Marco Antônio e Cleópatra na batalha naval de Ácio, em 31 a.C.

<sup>279</sup> Mútina é a atual Módena. A referência é a eventos ocorridos em 43 a.C., motivados pelo desejo de Marco Antônio de tomar controle sobre a Gália Cisalpina, província que estava sob o governo de Décimo Bruto. Marco Antônio sitia a cidade de Mútina, onde Bruto estava baseado, mas os cônsules Aulo Hircio e Gaio Pansa, juntamente com Augusto, confrontam as forças de Marco Antônio, libertando Bruto do cerco, embora ambos os cônsules não sobrevivam à batalha (cf. Vell. 2.41.4; Cic. *Phil.* 5.9-11).

<sup>280</sup> Ovídio sobrepõe dois acontecimentos distintos, a batalha de Farsalos (48 a.C.), onde César derrota Pompeu, e a batalha de Filipos (42 a.C.), onde Augusto e Antônio obtêm uma vitória decisiva sobre Bruto e Cássio, com base na proximidade geográfica entre as duas localidades, distantes cerca de 260 km uma da outra.

<sup>281</sup> Referência à batalha naval de Náulocos, na Sicília, onde Agripa, em 36 a.C., derrotou o *magnum ... nomen* (“grande nome”) de Sexto Pompeu, que herdara de seu pai o nome *Magnus*.

<sup>282</sup> O chefe romano é Marco Antônio e sua esposa é Cleópatra. Canopo era cidade portuária no delta do Nilo, próxima a Alexandria.

<sup>283</sup> Isto é, em um e outro lado do oceano.

<sup>284</sup> Referência à reforma moralizante implementada por Augusto com a *lex Iulia de maritandis ordinibus* (18 a.C.) e a *lex Iulia de adulteriis coercendis* (17 a.C.).

<sup>285</sup> A “santa esposa” de Augusto é Lívía, e sua “prole” é Tibério, que Augusto elege como seu herdeiro e será o primeiro imperador romano.

<sup>286</sup> Nestor, rei de Pilos, cuja longevidade era proverbial: cf. Hom. *Il.* 1.250-2; *Met.* 12.187-8; 13.66.

aetherias sedes cognataque sidera tanget.

840 hanc animam interea caeso de corpore raptam  
fac iubar, ut semper Capitolia nostra forumque  
Diuus ab excelsa prospectet Iulius aede.’

Vix ea fatus erat, media cum sede senatus  
constitit alma Venus nulli cernenda suique

845 Caesaris eripuit membris nec in aera solui  
passa recentem animam caelestibus intulit astris.  
dumque tulit, lumen capere atque ignescere sensit  
emisitque sinu; luna uolat altius illa

flammiferumque trahens spatioso limite crinem

850 stella micat natique uidens bene facta fatetur  
esse suis maiora et uinci gaudet ab illo.

hic sua praeferrī quamquam uetat acta paternis,  
libera fama tamen nullisque obnoxia iussis  
inuitum praefert unaque in parte repugnat.

855 sic magnus cedit titulis Agamemnonis Atreus,  
Aegea sic Theseus, sic Pelea uicit Achilles;  
denique, ut exemplis ipsos aequantibus utar,  
sic et Saturnus minor est Ioue. Iuppiter arces  
temperat aetherias et mundi regna triformis,

860 terra sub Augusto est; pater est et rector uterque.

Di, precor, Aeneae comites, quibus ensis et ignis  
cesserunt, dique Indigetes genitorque Quirine  
Vrbis et inuicti genitor Gradiue Quirini,

atingirá as etéreas moradas e os astros aparentados<sup>287</sup>.

840 Desta alma, enquanto isso, tirada do corpo caído,  
faz um luzeiro, para que o Divino César veja sempre,  
do alto de sua excelsa moradia, nosso Capitólio e o foro.’

Mal dissera tais coisas, em meio à casa do senado  
parou a benéfica Vênus, invisível a todos; aos membros  
845 de seu César arrancou a alma recente e, não permitindo  
que fosse solta no ar, conduziu-a aos astros celestes.  
Enquanto a levava, percebeu que ganhava uma luminescência, inflamava-se,  
e soltou-a do seio: voa mais alto que a própria lua,  
arrastando por largo caminho a cauda flamejante.

850 Feito estrela, ele brilha; vendo os bons feitos do filho, confessa  
que são maiores que os seus e regozija de ser por ele vencido.  
Este<sup>288</sup> proíbe, no entanto, serem preferidos seus sucessos aos paternos;  
a livre Fama, contudo, que às ordens de ninguém se submete,  
contra sua vontade o prefere, e só neste aspecto o contradiz.

855 Assim, o grande Atreu cedeu aos méritos de Agamêmnon,  
assim Teseu venceu Egeu, assim Aquiles, Peleu;  
por fim, para que usemos de exemplos a eles iguais,  
assim também Saturno é menor do que Júpiter; Júpiter chefia  
a cidadela etérea e do mundo triforme os reinos,

860 a terra está sob Augusto; são ambos pais e governantes.

Deuses, suplico, companheiros de Eneias, aos quais ferro e fogo  
cederam<sup>289</sup>, deuses Indígetes<sup>290</sup>, Quirino, genitor  
da Cidade<sup>291</sup>, e Gradivo, genitor do invicto Quirino<sup>292</sup>,

---

<sup>287</sup> Isto é, tornar-se-á um deus. Os “astros aparentados” fazem referência a César e sua apoteose, prestes a ocorrer, através do catasterismo.

<sup>288</sup> Isto é, Augusto.

<sup>289</sup> Os Penates troianos (ver n. 168).

<sup>290</sup> O significado exato dessas divindades já se havia perdido à época de Ovídio, mas, na poesia, indicava um grupo de deuses de identidade especificamente romana.

<sup>291</sup> Isto é, Rômulo (ver n. 199).

<sup>292</sup> Gradivo é um epíteto de Marte, significando “o que avança”.

Vestaque Caesareos inter sacrata Penates

865 et cum Caesarea tu, Phoebe domestice, Vesta,  
quique tenes altus Tarpeias Iuppiter arces,  
quosque alios uati fas appellare piumque est —  
tarda sit illa dies et nostro serior aeuo,  
qua caput Augustum, quem temperat, orbe relicto  
870 accedat caelo faueatque precantibus absens.

Iamque opus exegi, quod nec Iouis ira nec ignis  
nec poterit ferrum nec edax abolere uetustas.  
cum uolet, illa dies, quae nil nisi corporis huius  
ius habet, incerti spatium mihi finiat aeui;

875 parte tamen meliore mei super alta perennis  
astra ferar, nomenque erit indelebile nostrum;  
quaque patet domitis Romana potentia terris  
ore legar populi, perque omnia saecula fama  
(si quid habent ueri uatum praesagia) uiuam.

Vesta, entre os Penates de César sagrada<sup>293</sup>

865 e, com a Vesta de César, tu, Febo familiar<sup>294</sup>,  
 e tu que, alto, és senhor, Júpiter, da colina Tarpeia<sup>295</sup>,  
 e os outros que ao vate é permitido chamar, e piedoso –  
 que venha tarde tal dia, mais tarde que o termo de minha vida,  
 em que Augusto, tendo abandonado o orbe que chefia,  
 870 ao céu se encaminhe e seja favorável a quem lhe suplica, ausente.

Agora concluí obra tal que nem a ira de Júpiter, nem o fogo,  
 nem o ferro poderão extinguir, nem a velhice voraz.

Quando quiser, aquele dia, que não tem direito senão a meu corpo,  
 pode pôr fim à duração incerta de meu tempo de vida;

875 contudo, em minha parte melhor, serei levado, perene,  
 acima dos altos astros, e meu nome será indestrutível;  
 e onde a romana potência pelas terras conquistadas se estende,  
 pela boca do povo hei de ser lido e, graças à Fama  
 (se algo têm de verdade os presságios dos vates), pelos séculos todos viverei.

---

<sup>293</sup> Vesta é dita sagrada “entre os Penates de Augusto” pois o *princeps*, quando se tornou pontífice máximo, em 12 a.C., deveria passar a residir ao lado do templo da deusa, no foro; contudo, ele optou por construir um santuário de Vesta (*Ara Vestae*) no interior da *Domus Augusti*, complexo no Palatino onde residia.

<sup>294</sup> Febo (Apolo) é *familiar* não só por conta da enorme identificação do deus com Augusto, mas também, mais concretamente, por conta do templo no Palatino que Augusto consagrou ao deus, o qual fazia parte do complexo da *Domus Augusti*, sendo diretamente ligado à sua residência particular (Suet. *Aug.* 29.3).

<sup>295</sup> Trata-se ou se uma referência ao templo do *Iuppiter Optimus Maximus* ou de *Iuppiter Tonans*, que Augusto dedica em 22 a.C.

## 5. COMENTÁRIO

### 5.1. Numa (1-11)

Numa Pompílio, tradicionalmente tido como segundo rei de Roma, é a primeira personagem do livro 15. Além da posição de destaque neste último livro das *Metamorfoses*, o rei também é retratado recorrentemente nos *Fastos* (1.43-4; 2.69; 3.151-4, 276-392; 4.641-72; 5.47-8; 6.257-64), sendo, segundo Barchiesi (1997: 204), “the figure from ancient Rome who receives the most favorable treatment in the *Fasti*”<sup>296</sup>. Numa é natural da principal cidade sabina, Cures (Liv. 1.18.1; Plu. *Num.* 3.4; D.H. 2.58.3), nome próprio apontado como uma das etimologias do termo *Quirites*, que faria referência à presença do elemento sabino na população (*OLD* s.v. *Quirites*, acepção 3; cf. Liv. 1.13.5; Plu. *Rom.* 19.7; *Num.* 4). A seu respeito, cumpre frisar dois aspectos relacionados entre si, os quais serão retomados ao fim do episódio (vv. 482-4): sua piedade (*pietas*, i.e., atitude de dever e respeito sobretudo em relação a normas religiosas, laços familiares ou políticos; ver *OLD* s.v. *pietas*) e seu caráter eminentemente pacífico e pacificador. Nesse sentido, Numa seria o par antitético de Rômulo, o rei fundador, de caráter notadamente belicoso (cf. Liv. 1.21.6, *ita duo deinceps reges, alius alia uia, ille bello, hic pace, ciuitatem auxerunt*)<sup>297</sup>; o contraste é favorecido pela justaposição com a última seção do livro 14, centrada em Rômulo. A piedade de Numa é bem ilustrada tanto pelo fato de o rei ser associado à origem de boa parte das instituições religiosas romanas (cf. Liv. 1.18-21; Plu. *Num. passim*; D.H. 2.58.2-76) como pela extensa tradição de sua incomum proximidade com a esfera divina, demonstrada, por exemplo, pela crença na ligação amorosa com a ninfa Egéria e com as Camenas, que o próprio Ovídio desenvolverá adiante no livro (482-551). Quanto à forte associação com a paz, basta mencionar que, segundo a historiografia antiga (D.H. 2.60.4; Liv. 1.19.2-3; Plu. *Num.* 20.1-4), os 43 anos de seu reinado foram pacíficos, e as portas do templo de Jano — cuja construção se atribui a ele próprio (Liv. 1.19.2; Plu. *Num.* 20.1) — teriam permanecido fechadas por todo o período.

A representação de Numa como criador e mantenedor da paz entre os romanos é sem dúvida uma das principais características responsáveis pela aproximação que críticos

<sup>296</sup> Sobre o tratamento que Ovídio dá a Numa em geral, ver Buchheit (1993).

<sup>297</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

enxergam entre o monarca e Augusto neste passo do poema. Gladhill (2013: 314), por exemplo, afirma que “[c]learly, Augustus is to Numa as Caesar is to Romulus in that Augustus had the capacity to sustain *tantae pondera molis*”. Contudo, é importante fazer a ressalva de que, assim como, em certos aspectos, Augusto pode aproximar-se de Numa — ou, antes, o Numa de Ovídio pode evocar traços augustanos —, em outros, Augusto também se identifica com Rômulo. Nesse sentido, Galinsky (1996: 84) observa que

[i]n connection with the much heralded *pax Augusta*, it is important to distinguish between the end of civil wars and the resulting internal consolidation on the one hand, and continuing foreign conquests on the other. Augustus was both Numa and Romulus. He added more territory to Rome’s domain than anyone before him (...).

A respeito dos pontos de contato entre Augusto e o segundo rei de Roma, porém, tanto Tito Lívio (1.19.3) como Plutarco (*Num.* 20.2), logo após atribuírem a construção do templo de Jano a Numa, rapidamente acrescentam que, à exceção de seu reinado, as portas do templo permaneceram fechadas em uma breve ocasião, durante o consulado de Marco Atílio e Tito Mânlio, logo após o término da Primeira Guerra Púnica (253 a.C.) e, depois, somente durante o principado de Augusto — o qual insere o fato entre seus feitos (*Mon. Anc.* 13). Também a identificação de Numa enquanto legislador, corrente na tradição romana (e.g. *A.* 6.810-1, *primam qui legibus urbem / fundabit*), é um ponto de contato entre ele e o *princeps*, cuja imagem é, em sua época como ainda hoje, fortemente associada às suas reformas moralizantes, mencionadas por Ovídio adiante, nos vv. 832-4: trata-se sobretudo da *lex Iulia de maritandis ordinibus* (18 a.C.) e a *lex Iulia de adulteriis coercendis* (17 a.C.). Galinsky (1996: 128), extremamente cuidadoso com generalizações sobre o período, afirma inclusive que “[w]hile de concept of an ‘Augustan program’ has often been overstated, it fully applies to the legislation on morals and marriage: Augustus was the prime mover behind this unmistakable legislative program. It was central to his reign”<sup>298</sup>. Assim, ambos, Numa e Augusto, teriam não só organizado (ou reorganizado, no caso deste) Roma através de leis justas e virtuosas, mas também sido, eles mesmos, exemplos de justiça e virtude (cf. v. 834: *exemploque suo mores reget*). Finalmente, também Augusto possui ligação inextricável com a religião romana, não apenas por ter desempenhado diversas funções religiosas, entre as quais a de *pontifex maximus* (a partir de 12 a.C.), e por um extenso projeto de construção e revitalização de

<sup>298</sup> Para mais informações sobre esse “programa legislativo” na perspectiva de sua relevância em termos culturais, ver pp. 128-40 do mesmo Galinsky.

templos (cf. e.g. Suet. *Aug.* 29.1), como também por ter fundado a tradição do culto imperial, tendo sido cultuado já em vida (embora de forma relativamente velada em Roma; nas províncias orientais, porém, recebia abertamente as honras de um deus<sup>299</sup>) e, oficialmente, após sua morte, conforme projeta Ovídio (cf. 448-9; 839, 869-70).

Apesar de *organizar* a primeira parte do livro 15 (1-551), Numa só figura de fato em poucos versos da seção: 1-11 e 479-87, respectivamente sua designação como rei de Roma, seguida da viagem a Crotona, e o breve relato de sua ascensão ao poder, reinado e morte. Responsáveis por isso são as inserções de três narrativas internas que ocupam nada menos que 500 destes 551 versos: o *aition* de Crotona (12-59), narrado por um ancião não identificado; o longo discurso de Pitágoras (75-478), que domina esta primeira parte do livro, e, por fim, “interrompendo” a metamorfose da ninfa Egéria em fonte, o relato de Hipólito acerca de sua transformação em Vírbio (497-546). O fato, porém, de Numa servir de moldura narrativa para os episódios da origem de Crotona e de Pitágoras e associar-se também à seção relativa a Egéria, sua esposa, longe de ser desprezível, informa de maneira significativa todas essas narrativas: no caso das duas primeiras, é a presença do rei romano que as torna anacrônicas e polêmicas em relação à tradição historiográfica antiga; quanto a Egéria, já a opção de Ovídio por desenvolver um aspecto da vida de Numa considerado fabuloso e inverossímil é expressiva; a inserção de uma narrativa interna “retirada” de uma tragédia de Eurípides (*Hipp.* 1173-1254) deixa clara sua escolha por desestabilizar o que há de histórico nas figuras *a priori* históricas de Numa e Pitágoras, erodindo as barreiras entre os universos (não tão) distintos da *fabula* e da *historia*<sup>300</sup>.

**1-2:** duas interrogativas indiretas ligadas ao verbo *quaeritur* dão início ao livro 15: quem sustentaria o peso de tamanho encargo (1: *tantae pondera molis*) e quem estaria apto a suceder a Rômulo, referido pela perífrase *tantoque regi* (2). O termo *interea* (1) é uma sucinta referência ao *interregnum*, período posterior à morte de Rômulo (14.818-28), e ao vácuo no poder que torna instável a situação política de Roma então<sup>301</sup>. A tematização da questão sucessória, aqui no contexto da Roma primitiva, remete também à continuidade do regime augustano<sup>302</sup>, complicada pelos infortúnios que se abateram seguidamente sobre os potenciais herdeiros de Augusto, a começar por seu sobrinho,

---

<sup>299</sup> Id. *ibid.*: 311-29.

<sup>300</sup> Ver pp. 16-21.

<sup>301</sup> Ver n. 174.

<sup>302</sup> Hardie (1997: 182-3).

Marcelo, morto em 23 a.C; em 12 a.C., morre Agripa e, em 2 e 4 d.C., respectivamente, seus netos Lúcio e Caio<sup>303</sup>. À época da composição das *Metamorfoses*, contudo, o problema sucessório já havia sido solucionado, com a adoção de Tibério em 4 d.C. (ver vv. 834-7). Outro paralelo se dá em relação ao livro 13, que principia com a questão da sucessão das armas de Aquiles: cf. 13.133-4 (*quis magno melius succedat Achilli, / quam per quem magnus Danais successit Achilles?*)<sup>304</sup>; note-se, além da presença do verbo *succedo*, a repetição de *magno/magnus*, análoga à de *tantus* (*tantae ... tantoque*) nestes dois versos iniciais, indicando a grandeza de tal função, bem como das personagens que a desempenham. A expressão *tantae ... molis* (1) alude, conforme é amiúde apontado<sup>305</sup>, a Verg. *A.* 1.33 (*tantae molis erat Romanam condere gentem*), passagem que menciona as dificuldades por que Eneias e seus companheiros deverão passar para, por fim, chegarem ao Lácio e darem origem ao povo romano. Relaciona-se, assim, a liderança política à noção de um fardo, a ser “suportado” por quem estiver disposto a e for capacitado para fazê-lo; cf. *Trist.* 2.221-2: *non ea te moles Romani nominis urget, / inque tuis umeris tam leue fertur onus*; *Hor. Ep.* 2.1.1: *cum tot sustineas et tanta negotia solus*; *Tac. Ann.* 1.4: *Agrippam ... non ... tantae moli parem*; 11: *solam diui Augusti mentem tantae molis capacem*<sup>306</sup>. Também Ajax coloca em termos semelhantes a disputa pelas armas de Aquiles: *sed neque Dulichius sub Achillis casside uertex / pondera tanta feret* (13.107-8). Em termos sonoros, nota-se a aliteração em /k/, especialmente acompanhado do fonema /w/ ([g]uaeritur interea quis ... / ... tantoque queat succedere); destaca-se o paraquema em tantoque queat.

**3-4:** Numa Pompílio é nomeado no primeiro hemistíquio do v. 4, em posição de destaque por conta de um forte hipérbato — *clarum*, adjetivo correspondente, inicia o segundo hemistíquio do v. 3, após a cesura, enquanto *Numam* é deslocado para última posição da oração, logo antes da cesura do v. 4. Sobre a *praenuntia ueri ... fama* (3-4), segundo as fontes antigas (*Cic. Rep.* 2.25<sup>307</sup>; *Liv.* 1.18.1; *D.H.* 2.58.2-3; *Plu. Num.* 3.3), a fama da virtude de Numa é o que o torna conhecido entre os romanos, fato a que a passagem sem dúvida também alude. Contudo, deve-se recordar a relevância que a fama

<sup>303</sup> Sobre a situação sucessória ao fim do principado, ver o capítulo de Syme (1939: 419-39), bastante detalhado, embora politicamente enviesado. Para um resumo didático do período final do governo de Augusto, ver Farrell (2005: 53-6).

<sup>304</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>305</sup> E.g. id. (1997: 182, 2015: *ad loc.*); Galasso (2000: *ad loc.*); Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>306</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>307</sup> Id. *ibid.*

ocupa nas *Metamorfoses*, a começar pelo caráter programático da éfrase de sua morada em 12.39-63<sup>308</sup>. No livro 15, ela voltará a ocupar lugar de destaque no v. 853, caracterizada por *libera e nullisque obnoxia iussis*, em passagem relacionada à sucessão de César por Augusto, e, por fim, no v. 878, penúltimo verso do poema, como “vetor” da imortalidade de Ovídio, também ele um sucessor da tradição poética precedente. Isto posto, é significativo que se aluda aqui a Verg. *A.* 4.188 (*[Fama] tam ficti prauique tenax quam nuntia ueri*), parte de passagem, iniciada em 4.173, em que a Fama é caracteriza de forma sobretudo negativa, e 11.139 (*Fama uolans, tanti praenuntia luctus*)<sup>309</sup>. Pode-se pensar em uma correção de Ovídio em relação à caracterização virgiliana da fama como um mal, haja vista, por exemplo, sua relevância na perenização do poeta (878-9), embora a alusão coloque também em destaque a relação ambígua que a fama mantém com a verdade<sup>310</sup>.

**4-6:** destaca-se o apreço de Numa por ir além do já conhecido (*Sabinae / gentis... ritus*) e, com seu vasto pensamento (*animo ... capaci*), conceber coisas mais elevadas (*maiora*), isto é, “qual a natureza das coisas” (6: *quae sit rerum natura*; cf. Lucr. 1.25<sup>311</sup>). Cf. 1.76 (sobre o homem): *[s]anctius his animal mentisque capacius altae*<sup>312</sup>. Note-se a colocação mimética de *animo capaci*, abarcando precisamente *maiora*, isto é, o “algo mais elevado”. Parecem diferenciar-se aqui dois tipos de conhecimento: um, os “costumes da gente sabina”, associado aos conhecimentos itálicos tradicionais e ilustrado adiante, no poema, com Tages (552-9) e Cipo (577-85), por exemplo; outro, a indagação filosófica/fisiológica sobre a natureza, originalmente grega e, aqui, representada pelo discurso de Pitágoras (75-478)<sup>313</sup>. Ovídio contradiz Tito Lívio 1.18.4: *[s]uopte igitur ingenio temperatum animum uirtutibus fuisse opinor magis instructumque non tam peregrinis artibus quam disciplina tetrica ac tristi ueterum Sabinorum, quo genere nullum quondam incorruptius fuit*<sup>314</sup>. Aqui, ao contrário, o conhecimento grego de Pitágoras é que *instrui* Numa: cf. 479-84: *[t]alibus ... instructum pectore dictis / in patriam remeasse ferunt ultroque petitem / accepisse Numam populi Latialis habenas; /*

<sup>308</sup> Da extensa bibliografia sobre a morada da Fama nas *Metamorfoses*, destacamos as leituras de Zumwalt (1977), Kelly (2014) e Rosati (2002: 297-9). Gladhill (2012) também apresenta uma interpretação do passo, embora o alinhamento que ele vê entre Ovídio e os ideais republicanos e a consequente oposição a Augusto divirja de nossa interpretação.

<sup>309</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>310</sup> Hardie (1997: 183).

<sup>311</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>312</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>313</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>314</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

... / *sacrificos docuit ritus genteque feroci / adsuetam bello pacis traduxit ad artes*. O influxo grego na Itália só terminará, neste livro, com César (ver vv. 745-6). Como nos vv. 1-2, nota-se forte aliteração em /k/, que se estende ao v. 7, em três ocorrências seguido de /w/ (... *capaci / concipit et quae sit rerum natura requirit. / huius amor curae, patria Curibusque relictis*); a proximidade entre *requirit* e *Curibusque* pode sugerir a etimologia de *Quirites* a partir de *Cures*<sup>315</sup>.

**7-8:** deixando sua terra natal (7: *patria Curibusque relictis*), Numa vai até Crotona (aludida através da perífrase *Herculei ... hospitis urbem*) para adquirir os conhecimentos de origem grega e levá-los a Roma. O movimento Grécia → Itália/Roma, motivo recorrente no livro 15, é desenvolvido também nas narrativas de Míscolo, Pitágoras, Hipólito/Vírbio e Esculápio, além de aplicar-se ao arco temporal, temático e geográfico das *Metamorfoses*, que partem da cosmogonia grega para chegar *ad mea tempora* (1.4). Note-se o uso da hendiáde em *patria Curibusque*, embora Fratantuono (2011: 423) sugira, ao contrário, que a pátria seria Roma. Assim, a coordenação dos termos *patria* e *Curibus* por meio da enclítica *-que* indicaria que Numa é encarado aqui como eminentemente romano. Para *penetraret ad ... urbem* (8), cf. Verg. *A.* 7.207: *penetrarit ad urbes*; o uso da perífrase *Herculei ... hospitis urbem* (8), ademais, evoca Palanteu, onde, em *A.* 8, Evandro recebe Eneias e narra ao herói a história de Hércules e Caco<sup>316</sup>, preparando o leitor para os pontos de contato entre o episódio virgiliano e a narrativa da origem de Crotona (12-59)<sup>317</sup>.

**9-11:** introduz-se a narrativa etiológica da fundação de Crotona: Numa, ao chegar à cidade e ver muralhas gregas em solo itálico, pergunta quem foi seu *auctor* (9) — aqui, no sentido de “fundador”, embora o termo sugira também o papel de Ovídio enquanto autor que “transfere” uma tradição poética grega para a Itália (cf. Hor. *Carm.* 3.30.13-4; Prop. 3.1.4)<sup>318</sup>. A visita do futuro rei à cidade, contudo, constitui um anacronismo: Dionísio de Halicarnasso (2.59.3) afirma que Míscolo funda Crotona apenas *após* a ascensão de Numa ao poder; no passo anterior (2.59.1), Dionísio apresenta ainda a data de fundação de Crotona como o argumento mais forte contra a crença na relação entre Numa e Pitágoras. Assim, ambas as narrativas internas emolduradas por Numa, a origem de Crotona e o discurso de Pitágoras, seriam anacrônicas. Destaca-se, no v. 9, o uso de

<sup>315</sup> Ver Maltby (1991: s.v. *Quirites*) e o com. aos vv. 1-11, supra.

<sup>316</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>317</sup> A esse respeito, ver Buchheit (1993).

<sup>318</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

*oris* (qualificada por *Italicis*) em fim de verso, acompanhado, no início do verso seguinte, por *moenia* (qualificada por *Graia*), encabeçando o v. 9. A colocação de palavras que denotam uma *fronteira* ou *limite* nas posições iniciais e finais dos versos é frequente em Ovídio<sup>319</sup>; para *oris*, cf. Verg. *A.* 1.1 ([*a*]rma uirumque cano, Troiae qui primus ab *oris*). A pergunta de Numa será respondida por um ancião não nomeado, referido como *senioribus unus ... indigenis* (10-1). A idade avançada do nativo de uma cidade ainda não fundada coloca em maior relevo o anacronismo<sup>320</sup>. *Indigenae*, porém, são importantes fontes para a etimologia de um nome (cf. 558; 2.840; 10.644)<sup>321</sup> ou uma história (cf. 325, sobre as propriedades da fonte de Clitor). A caracterização da personagem como *ueteris non inscius aeui* (11) é uma alusão a Verg. *A.* 8.627 (*haud uatum ignarus uenturique inscius aeui*)<sup>322</sup>; significativas, porém, as mudanças em relação ao modelo virgiliano: o que, para o Vulcano da *Eneida*, é o futuro de Roma (*uenturique ... aeui*) é agora passado (*ueteris ... aeui*); também a caracterização de Vulcano como *haud uatum ignarus* evoca a figura do Ovídio que emula Virgílio<sup>323</sup>. A projeção da Roma virgiliana na Crotona de Ovídio, sugerida pelos pontos de contato entre os dois passos, parece amparada também pela menção aos *moenia* de Crotona (10), termo que também figura na proposição da *Eneida* relativamente a Roma (1.7: *Albanique patres atque altae moenia Romae*).

## 5.2. Origem de Crotona (12-59)

**12-18:** principia a fala do ancião crotoniata, segundo quem se conta (14: *fertur*) que Hércules, após o trabalho do gado de Gérion, teria aportado próximo ao promontório lacínio (13: *litora ... Lacinia*) e, deixando os bois a pastar, ido ao palácio do rei Cróton — note-se a sínodoque em *tecta* e a lítotes em *nec inhospita* (15) —, onde, por fim, descansa. Digno de nota é que, apesar da presença da chamada nota de rodapé alexandrina<sup>324</sup> (*fertur*), este é o único testemunho supérstite da variante aqui relatada por Ovídio: na versão de Diodoro Sículo (4.24.7), Hércules, após o furto do gado de Gérion, teria aportado na região e matado Lacínio por tentar roubar-lhe os bois e,

<sup>319</sup> Para o uso mimético, em Ovídio, de termos que denotam fronteira/limite nas extremidades do verso, ver Lateiner (1990: 210); Gonçalves (2021: 115-6).

<sup>320</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>321</sup> Id. *ibid.*

<sup>322</sup> Buchheit (1993: 91).

<sup>323</sup> Hardie (1997: 184).

<sup>324</sup> Ver Ross (1975: 78), que cunha o termo. Para uma discussão da nota de rodapé alexandrina, bem como do fenômeno alusivo na poesia romana de maneira mais ampla, ver Hinds (1998).

inadvertidamente, também Cróton. Então, teria dado a este um magnífico funeral e profetizado a fundação de uma cidade com seu nome naquele local. É decerto verossímil que a fonte utilizada pelo poeta simplesmente não tenha chegado até nós; contudo, não se pode excluir a possibilidade de que a narrativa seja criação do próprio Ovídio com base em modelos diversos, entre os quais se destacam a narrativa calimaquiiana de Hércules e Molorco (*Aet. fr. 54-9 Pf.*)<sup>325</sup> e, especialmente, o episódio do encontro de Hércules com Caco em *A. 8.185-275*. Os paralelos com esta narrativa ovidiana são muitos: o episódio também teria ocorrido após o furto do gado de Gérion, consiste em uma narrativa interna e é relatado a Eneias por outro ancião, Evandro. Acresce que, no livro 14, a fundação de Roma é mencionada com extrema brevidade, sem a identificação nem do nome da cidade (14.774-5: *urbis / moenia*), nem do sujeito da fundação, estando o verbo na voz passiva (14.775: *conduntur*); se, porém, a expectativa de uma narrativa de fundação — e não qualquer fundação, mas a mais importante delas —, é, ali, frustrada, poucos versos adiante o leitor se deparará com o *aition* de Crotona, o que não parece fortuito: Ovídio reformula o mesmo motivo, deslocando-o do lugar onde seria esperado (o momento da fundação de Roma) para outro, inovador e ainda não trabalhado<sup>326</sup>. A profecia de Hércules ao deixar o palácio reforça o paralelo: o primeiro hemistíquio do v. 18, *hic locus urbis erit*, alude a Verg. *A. 8.46* (*[h]ic locus urbis erit, requies ea certa laborum*) e ao quase idêntico 3.393 (*is locus urbis erit, requies ea certa laborum*), referindo-se ao local onde mais tarde Roma seria fundada; note-se ainda o eco de *requies ea certa laborum* no v. 16, no qual o palácio de Cróton é também local em que Hércules descansa de seus trabalhos (*requie longum releuasse labore*; note-se a aliteração em /l/)<sup>327</sup>. Para outras alusões ao verso virgiliano, cf. Tib. 2.5.55-6 (*carpite nunc, tauri, de septem montibus herbas / dum licet: hic magna iam locus urbis erit*); *Fast. 2.280* (*hic, ubi nunc urbs est, tum locus urbis erat*)<sup>328</sup>.

**19-20:** o conectivo *nam* articula o princípio da narrativa da vinda do grego Míscolo à Itália com a afirmação do segundo hemistíquio do v. 18, *promissaque uera fuerunt*, talvez um comentário irônico de Ovídio sobre seu tratamento das narrativas de cunho historiográfico nesta seção do poema, já indicado pelos anacronismos e aparentes contradições assinalados *supra*, bem como pela novidade da versão ovidiana da narrativa,

<sup>325</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>326</sup> Hardie (1995: 195-8). Sobre a novidade na poética ovidiana, ver p. 24 n. 46.

<sup>327</sup> Buchheit (1993: 92).

<sup>328</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

caso se creia nesta hipótese. A perífrase *Argolico generatus Alemone* (19) pode ser significativa, apesar de Alêmon ser personagem para nós desconhecida: o nome evoca o termo grego ἀλήμων, “andarilho”, “viajante”, origem apropriada para o imigrante Míscolo<sup>329</sup>. Note-se ainda que *Myscelos* é parônimo de *miscellus*, “híbrido”, “variado” (*OLD*, s.v., acepção 2), indicando talvez a dualidade da personagem, grega de origem, mas fundadora de uma cidade em solo itálico. No v. 20, destaca-se a relação de Míscolo com a esfera divina (*illuis dis acceptissimus aeui*), característica importante pois destacada em todas as demais personagens centrais deste livro, de Numa a Augusto.

**21-4:** Míscolo é visitado em sonho por Hércules, aqui referido como *Clauiger* (22), neologismo ovidiano correspondente ao hápax calimaquiiano βαρυσκίπων, usado como epíteto de Hércules em *Aet.* fr. 23.19 Pf<sup>330</sup>. A versão, porém, difere dos demais testemunhos da fundação de Crotona (D.S. 8.17; Str. 6.2.4), nos quais é o oráculo de Delfos que orienta o jovem a partir de sua terra natal<sup>331</sup>. A visita em sonho, contudo, é componente importante em narrativas de colonização e fundação (e.g. Hdt. 3.129, Paus. 4.26.6-8); Heitor aparece em sonho a Eneias em Verg. *A.* 2.267-95 e exorta-o a fugir de Troia<sup>332</sup>. Para a ameaça, contendo o termo *nisi* (24), cf. Hor. *Carm.* 1.10.9-12 (*te, boues olim nisi reddidisses / per dolum amotas, puerum minaci / uoce dum terret, uiduus pharetra / risit Apollo*); Cic. *Ver.* 2.2.162 (*nisi restituissent statuas, uehementer minatur*)<sup>333</sup>. Note-se ainda a aliteração no segundo hemistíquio do v. 24: *multa ac metuenda minatur*.

**25-9:** note-se a silepse no v. 25 (*discedunt pariter somnusque deusque*); a construção lembra os vv. 663-4, *infra: extemplo cum uoce deus, cum uoce deoque / somnus abit*; o termo *pariter* é amiúde utilizado em silepses: e.g. 2.505-6 (*pariterque ipsosque nefasque / sustulit*); 13.522 (*uitam pariter regnumque reliquit*)<sup>334</sup>. Míscolo pondera (27: *pugnat diu sententia secum*) qual atitude deve tomar diante do dilema em que se encontra, evocando a oposição trágica entre a lei divina e a lei dos homens (28: *numen abire iubet, prohibent discedere leges*), representada no verso pela construção em quiasmo: substantivo - infinitivo - verbo pessoal - verbo pessoal - infinitivo - substantivo. O modelo tanto para a expressão *pugnat diu sententia secum* (27) como para o quiasmo

<sup>329</sup> Id. *ibid.*

<sup>330</sup> Knox (1986: 68-9).

<sup>331</sup> Ver Galasso (2000: *ad loc.*) para as fontes antigas.

<sup>332</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>333</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>334</sup> Id. *ibid.*

no verso seguinte é Hor. *Ep.* 1.1.97-8 (... *quid, mea cum pugnat sententia secum, / quod petiit spernit, repetit quod nuper omisit*)<sup>335</sup>. Para *mutare* (29) no sentido de mudar-se de um lugar para outro, ver *OLD* s.v. *muto*, acepção 4b; cf. *Fast.* 6.665 (*exilio mutant urbem*)<sup>336</sup>. Note-se, no v. 29, as aliteraões em /p/ e /m/: ***p*oenaque *m*ors *p*osita est *p*atriam *m*utare uolenti.**

**30-1:** notável a elocução épica da perífrase para o anoitecer, com a repetição de *caput* e a colocação tanto de *Sol* como de *Nox* em fim de versos sucessivos, posição ainda mais notável por tratar-se de monossílabos. Destaca-se o estilo eniano do par de versos<sup>337</sup>; cf. *Ann.* 84-5 e 87 Sk.: *interea sol albus recessit in infera noctis. / exin candida se radiis dedit icta foras lux. / ... / laeua uolauit auis. simul aureus exoritur sol*; possivelmente, trata-se do momento logo antes do augúrio após o qual Rômulo funda Roma<sup>338</sup>; se for o caso, parece haver mais uma sugestão de um paralelo entre Crotona e Roma. Outros paralelos significativos encontram-se em Verg. *G.* 1.467-8 (os portentos após a morte de César, que Ovídio imitará nos vv. 783-98): *cum caput obscura nitidum ferrugine textit / impiaque aeternam timuerunt saecula noctem* e *A.* 2.250: [*u*]ertitur interea caelum et ruit ***Oceano nox***<sup>339</sup>.

**32-3:** o retorno de Hércules nos sonhos de Míscolo (32: *uisus adesse idem deus*) alude tanto ao sonho de Ênio com Homero (*Ann.* 3 Sk.: *uisus Homerus adesse poeta*), modelo importante para o discurso de Pitágoras<sup>340</sup>, como ao aparecimento do espectro de Heitor a Eneias em Verg. *A.* 2.271 (*uisus adesse mihi...*)<sup>341</sup>. O herói, então, o ameaça de forma ainda mais intensa: note-se o estreito paralelismo do v. 33 (*et, nisi paruerit, plura ac grauiora minatur*) com o v. 24, (*et, nisi paruerit, multa ac metuenda minatur*).

**34-6:** a proximidade de *pertimuit* (34) com *deus* (32) alude à etimologia deste termo, cujo correlato grego δέος tem o significado de *metus* (medo)<sup>342</sup>; com efeito, é o temor que faz com que Míscolo se decida por seguir as ordens de Hércules. Novamente, o destaque é para a dimensão religiosa da migração: *patriumque simul transferre parabat*

<sup>335</sup> Id. *ibid.*

<sup>336</sup> Id. *ibid.*

<sup>337</sup> Hollis (1970: xxiv).

<sup>338</sup> Ver Skutsch (1985: *ad loc.*).

<sup>339</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>340</sup> Id. (1995: 211).

<sup>341</sup> Id. (2015: *ad loc.*).

<sup>342</sup> Ver Michalopoulos (2001: 67-8). Para as demais etimologias de *deus* e seus respectivos exemplos no *corpus* ovidiano, ver *id. ibid.*: 66-70.

/ *in sedes penetrale nouas* (34-5), evocando a imagem da partida de Eneias de Troia, portando os Penates; cf. Verg. *A.* 2.293-5<sup>343</sup>. Ver também os vv. 159 (Pitágoras sobre a transmigração das almas): *sedes nouis domibus uiuunt habitantque receptae*<sup>344</sup>. Paralelamente ao papel da fama, por natureza indistinta e coletiva, na escolha de Numa como sucessor de Rômulo, também aqui é um rumor (35: *murmur*) indeterminado, surgido na cidade, que faz com que Míscolo seja levado a julgamento por desrespeito à lei da cidade, a qual punia com pena de morte tentativas de emigração. Destaca-se a forte aliteração em /p/ nos vv. 34-5: *pertimuit patriumque simul transferre parabat / in sedes penetrale nouas*. Além disso, parece significativa a colocação de *penetrale* em meio ao sintagma *in sedes ... nouas*, especialmente em vista do sentido primeiro do termo, que designa “a parte mais interna de um edifício” — embora, aqui, seu uso seja metonímico e evoque, especificamente, os Penates (*OLD* s.v. *penetrale*).

**36-40:** a descrição do processo de julgamentos nos vv. 36-7 é algo enigmática: *causa prior* (37) pode fazer referência a uma tradição do Aerópago segundo a qual acusador e réu tinham direito de falar duas vezes; diante da evidência do crime (37: *crimenque patet*), porém, não é necessário seguir o procedimento<sup>345</sup>. Contudo, além da ausência de referência a um segundo discurso, *sine teste probatum* (37) é expressão obscura<sup>346</sup>. Míscolo, prestes a ser condenado, erguendo a cabeça e as mãos aos céus, faz uma súplica ao verdadeiro *auctor* (40) de seu crime, retomando os vv. 9-10 (*Graia quis Italicis auctor posuisset in oris / moenia quaerenti*) e identificando, portanto, Hércules ao *aition* da cidade. O adjetivo *squalidus* (38) é tradicional em contexto da oratória para obter compaixão (Tac. *Hist.* 2.60; Quint. *Inst.* 6.1.30)<sup>347</sup>. Os vv. 39-40 aludem a Call. *Aet.* fr. 23.19-20 Pf. (χαῖρε βαπυσκίπων, ἐπίτακτα μὲν ἐξάκι δοιά, / ἐκ δ' αὐταγρεσίης πολλάκι πολλὰ καμών); o passo ovidiano, por sua vez parece ter servido de inspiração para Sêneca (*Ag.* 812-3: *tuus ille bis seno meruit labore / adlegi caelo magnus Alcides*)<sup>348</sup>. Outra perífrase para *duodecim*, que não se encaixa no hexâmetro, encontra-se na mesma passagem de Ênio referida acima, interpretada como referente ao augúrio que designa Rômulo como rei de Roma: *cedunt de caelo ter quattuor corpora sancta* (*Ann.* 88 Sk.)<sup>349</sup>.

<sup>343</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>344</sup> Id. *ibid.*

<sup>345</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>346</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>347</sup> Id. *ibid.*

<sup>348</sup> Id. *ibid.*

<sup>349</sup> Id. *ibid.*

Com *ius caeli* (39) alude-se à apoteose de Hércules (9.262-272), passo que será retomado no catasterismo de César (843-51) e no epílogo (871-9).

**41-4:** descreve-se então o sistema de votação, “costume antigo” (41: *mos erat antiquus*; cf. Enn. *Ann.* 156 Sk.: *moribus antiquis res stat Romana uirisque*; *Am.* 2.14.9: *si mos antiquis placuisset matribus idem*<sup>350</sup>) em que cada voto correspondia a um seixo; um seixo branco seria um voto pela absolvição, um preto, pela condenação. A tradição, contudo, é incerta: há notícia do costume em Atenas (*Ar. V.* 106) e *Plin. Ep.* 1.2.5 menciona figuradamente um *album calculus* usado como voto favorável; há também testemunhos de um costume trácio análogo em *Plin. Nat.* 7.40.131; cf. *Catul.* 68.148; *Pers.* 2.1-2<sup>351</sup>. O v. 44, que descreve os seixos (pretos) sendo inseridos na urna, é uma alusão a *Call Aet.* fr. 85.8 Pf., em sua descrição da votação dos nativos de Locri (injustamente) contra Euticles: ὑπὸ ψηφῖδα κακὴν βάλων<sup>352</sup>. Notável a forte aliteração em /t/, (*calculus immittem demittitur ater in urnam*), possível onomatopeia para o som produzido pelo cair das pedras; semelhantemente, parece significativa a repetição de /i/ e /s/ no v. 41 (*mos erat antiquus niueis atrisque lapilis*).

**45-8:** no verter da urna, porém, Hércules realiza a primeira metamorfose do livro 15: transforma os seixos pretos em brancos. Note-se a posição de destaque ocupada pelos termos que designam cores nos vv. 46-7: *nigro* ocupa o fim do primeiro hemistíquio do v. 46, logo antes da cesura, e *album*, o fim do segundo; *candidaque*, que caracteriza a *sententia* que absolve o réu, ocupa a primeira posição do v. 47. Para outras oposições entre branco e preto em Ovídio, cf. *Am.* 2.4.41 (*seu pendent nivea pulli cervice capilli*; note-se a justaposição dos termos, além da colocação de *nivea* logo antes da cesura e de *pulli* logo após a mesma); *Tr.* 1.1.8 (*candida nec nigra cornua fronte geras*). O adjetivo *candida*, apropriadamente, pode significar tanto “branca”, “clara” (em termos de coloração) como “favorável”, “feliz” (*OLD* s.v. *candidus*, acepções 2 e 7, respectivamente).

**48-52:** para a perífrase *parenti ... Amphitryonidae* (48-9) para Hércules, cf. *Catul.* 68.112: *falsiparens Amphitryonides*; destaca-se, portanto, o fato de Hércules não ser filho de Anfítrio, assim como Míscolo não é filho de Hércules<sup>353</sup>. O patronímico é usado

---

<sup>350</sup> Id. *ibid.*

<sup>351</sup> Id. *ibid.*

<sup>352</sup> Knox (1986: 68).

<sup>353</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

também em 9.140, em um passo que versa sobre a qualidade ambígua da Fama em relação à verdade (9.137-9: *cum Fama loquax praecessit ad aures, / Deianira, tuas, quae ueris addere falsa / gaudet e minimo per sua mendacia crescit*)<sup>354</sup>; pode-se pensar na ênfase que Ovídio dá à paternidade de César em relação a Augusto ao fim do livro<sup>355</sup>, onde mais uma vez a Fama entra em cena (853-4). Míscolo faz boa viagem (49: *uentisque fauentibus*) pelo mar Jônio. Segue um breve catálogo de localidades dessa viagem<sup>356</sup>. Sobre as incongruências geográficas presentes<sup>357</sup>, assim como no caso dos anacronismos já mencionados, há sempre a possibilidade de um erro involuntário por parte do poeta; parece, contudo, mais provável que também neste ponto Ovídio deliberadamente provoque uma distorção da realidade de forma a chamar a atenção para os limites (e o esgarçamento dos limites) entre verdade/história e ficção/mito. A passagem tem elocução elevada e helenizante, a começar pelo patronímico *Amphitryonidae* (49), seguido da construção *aequor / nauigat Ionium* (49-50) — análoga a *Tyrrenum nauigat aequor* (Verg. *A.* 1.67), que Quintiliano (*Inst.* 9.3.17) aponta como helenismo<sup>358</sup>. Segue a sequência de nomes próprios: *Ionium, Lacedaemoniumque Tarentum / praeterit et Sybarin Sallentinumque Neretum / Thurinosque sinus Nemesenque et Iapygis arua* (50-2), destacando-se os homeoteleutos em *-um*. Notável o paralelismo nos vv. 50-1, cujos segundos hemistíquios são compostos por adjetivo + enclítica *-que* seguido do substantivo próprio. Cumpre destacar, ainda, a gradação decrescente, em termos de extensão das palavras, do v. 50 ao 52: *Lacedaemoniumque* (16 letras, 7 sílabas), *Sallentinumque* (14 letras, 5 sílabas), *Nemesenque* (10 letras, 4 sílabas). Quanto aos locais, Tarento é chamada lacedemônia por ser colônia espartana (Paus. 10.10.6-8) — cf. Hor. *Carm.* 2.6.11-2 e 3.5.56<sup>359</sup>; Síbaris e *Thurii* (52: *Thurinosque sinus*) eram também colônias gregas; Nênese permanece localidade desconhecida<sup>360</sup> e os “campos japígios” fazem referência à região ocupada pelos japígios, povo original da Ilíria que se estabeleceu principalmente na atual região da Apúlia, mas teria habitado também cidades no golfo de Tarento, área a que Ovídio aqui se refere.

---

<sup>354</sup> Id. *ibid.*

<sup>355</sup> Ver p. 15 n. 18.

<sup>356</sup> Sobre o movimento Grécia → Itália, ver pp. 23-6.

<sup>357</sup> Para detalhes, ver Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>358</sup> Austin (1971: *ad A.* 1.67).

<sup>359</sup> Ver Nisbet e Hubbard (1978: *ad* 2.6.11) e Nisbet e Rudd (2004: *ad* 3.5.55-6).

<sup>360</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

**53-4:** *uixque pererratis* (53) é talvez um comentário sobre a confusão geográfica na ordem do catálogo, além de aludir a Verg. *A.* 2.295 (*magna pererrato statues quae denique ponto*), referindo-se aos erros de Eneias; o verbo remete a Virgílio também em 3.6; *Am.* 3.13.33 e *Fast.* 1.234<sup>361</sup>. Míscolo chega à boca do Ésar, *Aesarei fatalia fluminis ora* (54), expressão modelada em *fatalia arua*, com que, na *Eneida* (4.355; 5.82) é referido o destino final de Eneias — note-se mais um paralelismo entre a futura Roma em Virgílio e Crotona<sup>362</sup>. É possível também que o adjetivo acene à etimologia de *Aesar* como derivado de αἴσα (destino)<sup>363</sup>. Chama atenção o uso de *ora* na posição final do verso: cf. 9: *oris* (ver n. 319).

**55-9:** a expressão *moenia ... condidit* (56-7), associada ao túmulo de Cróton, ativa dois possíveis sentidos de *condo*, como “fundar” e “enterrar” (*OLD*, s.v., acepções 10a e 4a, respectivamente); cf. Verg. *A.* 3.67-8: *animamque sepulcro / condimus*<sup>364</sup>. Destaca-se o caráter distintamente alexandrino dos vv. 54-7, com fecho da narrativa culminando na etimologia do nome da cidade, sinalizada pela fórmula *nomen trahere* (57: *nomen ... traxit*)<sup>365</sup>. Adoto a interpretação canônica, sugerida na edição de Tarrant (204) e seguida, por exemplo, nos comentários de Galasso (2000) e Hardie (2015), de que o a fala do ancião termina no v. 57 e o narrador externo assume a narrativa entre os vv. 58-74; a partir do v. 75, é Pitágoras quem fala. Há, porém, a possibilidade, autorizada pela ausência de uma passagem que elucide a recepção do discurso de Pitágoras por Numa, de que a longa seção que abarca os vv. 75-478 seja, também ela, proferida pelo ancião de Crotona, como já apontado por alguns críticos — ver, nesse sentido, Otis 1966: 297; Hill 2000: *ad loc.*; Fratantuono 2011: 433. A seção acaba com a menção à fama (58) como forma de validação da narrativa: de forma consonante com sua caracterização como *praenuntia ueri* (3), ela é *certa* (58), significativo, haja vista a incompatibilidade entre esta versão e as demais encontradas em fontes supérstites.

### 5.3. Pitágoras (60-478)

<sup>361</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>362</sup> Id. *ibid.*

<sup>363</sup> Id. *ibid.*

<sup>364</sup> Ver Horsfall (2006: *ad loc.*) para mais exemplos de *condo* nesse sentido.

<sup>365</sup> Ver Michalopoulos (2001: 61).

O episódio devotado a Pitágoras é não só a seção mais extensa do livro 15, mas também a maior narrativa interna das *Metamorfoses*, ocupando lugar de indiscutível evidência no poema. Pitágoras é, sem dúvida, uma escolha apropriada da parte de Ovídio no sentido que, saindo de Samos e estabelecendo-se em Crotona, ilustra perfeitamente o movimento de recepção da herança grega em Roma, o qual culminará com o predomínio italiano não só a nível político, mas também cultural<sup>366</sup> — um dos principais temas do livro 15, conforme visto *supra*. O mesmo movimento é observável também na dimensão metapoética do discurso: a presença de Pitágoras mobiliza uma série de modelos que tornam a seção, como argumenta Hardie (1995), uma espécie de meta-história do *epos* latino, de forma que Ovídio coloca a si mesmo como corolário de uma linhagem de poetas épicos à qual ele, através da prática alusiva, se filia: Empédocles, ao lado de Hesíodo o grande modelo do *epos* de espécie didático-filosófica e que funcionaria como “substituto” adequado para Pitágoras, em termos de modelo poético, dada a ausência de um texto central — ou mesmo qualquer vestígio escrito, segundo alguns — atribuído a Pitágoras, associada à crença de que ele teria seguido a doutrina pitagórica ou mesmo sido discípulo de Pitágoras (D.L. 8.54-7)<sup>367</sup>; Ênio, *primus auctor* dos hexâmetros datílicos latinos, de cujo sonho, no início dos *Anais* (1-11 Sk.), o episódio de Pitágoras pode ser visto como “versão estendida”<sup>368</sup>; Lucrécio, imitado de perto na seção (embora majoritariamente através da técnica emulativa da *oppositio in imitando*, haja vista as incompatibilidades fundamentais entre, por exemplo, a doutrina da metempsicose e a dissolução do corpo em átomos após a morte)<sup>369</sup>, e Virgílio, imitado aqui não só em suas *Geórgicas*, como seria de se esperar, mas, sobretudo, na *Eneida* — além do discurso de Anquises (6.756-892), modelo importante para o discurso de Pitágoras como um todo<sup>370</sup>, a profecia do Heleno ovidiano (439-59) é claramente modelada na passagem análoga da *Eneida* (3.374-462)<sup>371</sup>, por exemplo.

Havia uma tradição antiga relacionando Pitágoras e seus discípulos, especialmente no que tange à metempsicose e ao vegetarianismo (as duas matérias efetivamente pitagóricas do discurso), ao ridículo, parte da tradição mais ampla de ridicularizar filósofos e suas doutrinas, que remonta às *Nuvens* de Aristófanes: cf. Call.

---

<sup>366</sup> Segal (2001: 72).

<sup>367</sup> Hardie (1995: 205-6).

<sup>368</sup> Id. *ibid.*: 211.

<sup>369</sup> Ver Segal (2001).

<sup>370</sup> Hardie (1995: 211-2).

<sup>371</sup> Miller (1994: 482-5).

*Iamb.* 1, fr. 191, 59-63 Pf.; *Ath.* 4.161; *D.L.* 8.37-8; *Hor. S.* 2.6.63-4; *Epod.* 15.21; *Ep.* 2.1.52; *Pers.* 6.10-11; *Cic. In Vat.* 14; *Juv.* 3.229. No século II a.C., os pitagóricos também parecem ter sido encarados com desconfiança, haja vista a lenda, referida por Tito Lívio (40.29), segundo a qual o Senado teria mandado queimar todos os seus livros<sup>372</sup>. Contudo, o aspecto mais desconcertante da presença do filósofo neste livro é, talvez, a polêmica tradição de sua associação com Numa: se Cícero, na *República* (2.28), deixa claro que a crença no fato de o rei ter sido discípulo de Pitágoras era popularmente disseminada (*ita intellegimus vulgo existimari*), a assertividade com que essa noção é contestada (*[f]alsum est, Manili ... id totum; neque solum fictum, sed etiam imperite absurdeque fictum*) parece indicar que a impossibilidade cronológica do encontro entre ambos era reconhecida entre os membros mais ilustrados da elite romana à época de Ovídio, conforme corroboram outros testemunhos do próprio Cícero (*de Orat.* 2.37; *Tusc.* 4.1), além de Tito Lívio (1.18.2; 40.29) e Dionísio de Halicarnasso (2.59) — contra, temos o testemunho de Plutarco (*Num.* 8.4-10 e 22.4) e também outra passagem ovidiana nos *Fastos* (3.151-4), onde se menciona, de forma ambígua, a relação entre Numa e Pitágoras, embora o contexto poético deste último exemplo autorize, assim como aqui, a adesão a uma versão historiograficamente não hegemônica. Em suma, Ovídio, conforme já observado *supra*, parece não simplesmente favorecer o mito em detrimento da história, mas também chamar atenção para esta escolha, optando por um exemplo sabidamente polêmico.

Da parte dos críticos, o episódio vem suscitando debate e controvérsia: embora sua importância para a compreensão do programa poético ovidiano seja geralmente admitida, alguns o encaram como justificativa filosófica para o universo caótico de metamorfoses do restante do poema, enquanto outros tomam o discurso como chave de leitura do poema, mas em termos poéticos, e não filosóficos<sup>373</sup>; uns ressaltam as similaridades entre a personagem e o próprio Ovídio, seja como *persona loquens*, seja o Ovídio histórico<sup>374</sup>; outros, os problemas e contradições do discurso, lendo a seção sob a luz da ironia, da paródia ou mesmo do humor<sup>375</sup>. De fato, talvez a característica mais notável deste discurso seja sua diversidade, perceptível já na multiplicidade de gêneros e

<sup>372</sup> Ver Segal 1969: 281-2; Miller 1994: 470.

<sup>373</sup> Destaco as leituras de Hardie (1995, 1997) e o texto introdutório de Galasso (2000: *ad Met.* 60-486).

<sup>374</sup> Para bibliografia de leituras que favorecem uma identificação entre a personagem Pitágoras e o Ovídio histórico, ver Hardie (1995: 212 n. 41). Para um argumento em favor das afinidades entre o filósofo e a *persona loquens* das *Met.*, ver Hardie (1997: 185-9).

<sup>375</sup> Destaco, nesse sentido, Segal (1969, 2001); Galinsky (1967, 1975: 104-7); Miller (1994) e Jouteur (2001: 225-30).

espécies da poesia e da prosa emulados aqui por Ovídio, do mais elevado *epos* guerreiro (*Iliada*, *Odisseia*, *Eneida*) à prosa filosófica de Platão, com longas seções afins à paradoxografia — gênero que se popularizara em Roma à época da composição das *Metamorfoses*, a partir de obras como *Gallus de admirandis*, de Varrão, e *Admiranda*, de Cícero<sup>376</sup> —, além de um constante diálogo com o *epos* didático-filosófico de Lucrécio e, paralelamente, com Empédocles, importante modelo poético do *DRN*<sup>377</sup>. Toda essa variedade é, porém, organizada em torno do grande tema de Pitágoras: uma contundente defesa da dieta vegetariana. A abstenção do consumo de carne animal era de fato associada à doutrina pitagórica, além de prática adotada e defendida por filósofos posteriores (e.g. Emp. 137 D.-K.; Porph. *Abst.*; Sen. *Ep.* 108.17-22); contudo, o registro cômico em que o vegetarianismo é retratado em grande parte dos testemunhos que o associam aos pitagóricos (ver o com. aos vv. 60-478) é sem dúvida um dos fortes argumentos utilizados por aqueles que veem na seção a presença de um elemento risível.

Quanto a sua organização interna, são muitas as propostas, que vão das mais gerais, que identificam uma “moldura” centrada no vegetarianismo (75-142; 453-78) e a porção central (143-452) voltada à metempsicose e à doutrina do eterno fluxo, às mais detidas, como o esquema quiástico de Swanson (1958: 23-4):

The sequence takes this form: the essay is, first of all, skillfully sandwiched between sections on King Numa (1-59, 479-96). The essay proper opens and closes with sections on vegetarian ideals (75-142, 453-78). Chiastically balanced between these sections are parallel sections on life, the first treating of reincarnation (143-75) and the second of spontaneous generation, regeneration and natural adaptability (252-452). The central panel of this sequence is (...) the time-living forms-elements progression (176-251) reflecting the elements-living forms-time progression in Book 1.

Embora seja irrefutável que o discurso começa e termina com a censura do consumo de carne e que, na seção central, Pitágoras desenvolve a doutrina do eterno fluxo, descrevendo as mudanças de forma nos elementos da natureza e na alma (metempsicose), é importante sublinhar a subordinação desses temas à interdição do consumo da carne, evidente na própria estrutura do passo. Com efeito, tanto a metempsicose como a doutrina do eterno fluxo nada mais são, no discurso, que os argumentos com que Pitágoras

<sup>376</sup> Hardie (2015 *ad Met.* 15.60-478).

<sup>377</sup> Id. (1995: 207-8); também Warren (2007: 20-1) identifica Empédocles, enquanto poeta-filósofo, como o mais importante modelo de Lucrécio. Sobre a presença de Empédocles no discurso de Pitágoras, ver Hardie (1995); sobre a presença de Empédocles já no próêmio do *DRN*, ver Furley (1970).

pretende sustentar sua proposição inicial, identificada pelo próprio filósofo como meta (453-4) e retomada nos versos finais do discurso (453-78): não se deve comer animais.

Por fim, há que se destacar a importância estrutural do passo no todo do poema: além de aludir a episódios narrados anteriormente, os estreitos paralelos com o livro 1 conferem a esta seção o caráter de retomada. Ademais, um dos argumentos fundamentais de Pitágoras, a doutrina do eterno fluxo, possui evidente afinidade com o tema que dá título às *Metamorfoses*. Importante frisar, contudo, que essa recapitulação de episódios anteriores, embora sugira uma identificação entre o discurso e o restante do poema, também acaba por chamar atenção para a mudança de perspectiva operada: se, nos demais livros, temos mitos, aqui o viés é predominantemente racionalista, científico. Assim, ainda que este episódio possa assumir a feição de um “microcosmo” do poema, há, sem dúvida, um forte contraste entre as vozes narrativas de Pitágoras e de Ovídio.

### 5.3.1. Apresentação de Pitágoras (60-74)

**60-2:** a apresentação de Pitágoras é modelada, como se aponta unanimemente, no elogio a Epicuro (Lucr. 1.62-79), mas, simultaneamente, também alude ao modelo de Lucrécio nesta passagem, Empédocles (B 129 D.-K., suposto elogio a Pitágoras<sup>378</sup>). O uso da perífrase *uir Samius* (note-se que substantivo e adjetivo ocupam, respectivamente, as primeiras posições do primeiro e do segundo hemistíquio) ilustra já a adoção dos dois modelos, uma vez que tanto em Lucrécio (1.66) como em Empédocles (129.1 D.-K.) os destinatários do elogio permanecem anônimos. Pitágoras, porém, não será nomeado diretamente em nenhum ponto do texto, dado notável, uma vez que o nome, um coriambo, se acomodaria bem ao hexâmetro (cf. Hor. *S.* 2.4.3). Possivelmente, alude-se ao fato, mencionado por Iâmblico (*VP* 88), de que os discípulos do filósofo evitariam pronunciar seu nome. A primeira característica atribuída a Pitágoras nos três primeiros versos desta introdução (60-2) é, além de sua origem em Samos, o fato, atestado em diversas fontes antigas (e.g. D.L. 8.3; Liv. 1.18.2), de ele ter deixado sua terra natal devido ao governo do tirano Polícrates, estabelecendo-se em Crotona. De uma perspectiva política, as palavras *odioque tyrannidis* (61), tendo em vista o contexto do assassinato de César e do Principado, podem sugerir um comentário crítico de Ovídio a regimes autocráticos e/ou autoritários, especialmente colocadas em um momento de destaque do livro (o início de

---

<sup>378</sup> Hardie (1995: 208 n. 24).

um episódio e a introdução de uma personagem importante). Também a caracterização do filósofo como *exul* (61), ainda que *sponte*, ao contrário de Ovídio, torna tentador estabelecer uma identificação entre Pitágoras e Ovídio, seja enquanto *persona* histórica, seja enquanto *persona* poética. Resta frisar que, no que tange às hipóteses que se apoiam em suposições acerca da vida do Ovídio histórico, tais possibilidades, embora convidativas, estão fadadas a permanecer conjecturais. Relativamente ao interior do livro 15, porém, o exílio voluntário de Pitágoras sugere um paralelo com Hipólito/Vírbio (cf. 515: *exiliis contenta suis*).

**62-4:** a passagem, até o v. 68, é bastante próxima do modelo lucreciano: assim como Epicuro, Pitágoras perscruta mistérios invisíveis aos olhos humanos com o poder de sua mente (62-4, cf. Lucr. 1.66-71). Para os vv. 62-3, esp. *remotos* (62), cf. também Lucr. 5.148-9: *tenuis enim natura deum longeque remota / sensibus ab nostris animi uix mente uidetur*<sup>379</sup>. Para o *topos* dos “olhos da mente” (frequentemente *oculi mentis* ou *animi*; sobre o *pectus*, ver n. 90), cf. Cic. *N.D.* 1.19; Pl. *Smp.* 219a; *Fast.* 4.204<sup>380</sup>. Importante, porém, pontuar que, apesar das claras ressonâncias lucrecianas, não só neste passo, mas também no discurso de Pitágoras em geral, este é fundamentalmente oposto aos preceitos epicuristas expostos no *DRN*, uma vez que o cerne da fala de Pitágoras, nas *Metamorfoses*, é a crítica ao consumo da carne animal, amparada na crença na imortalidade da alma. O funcionamento da *oppositio in imitando* pode ser observado na comparação de ambas as passagens: o Epicuro de Lucrécio se insurge contra a *fama deum* (1.68) que vem do céu (1.64: *a caeli regionibus*) e a vitória da religião iguala seus seguidores ao céu (1.79: *caelo*); o Pitágoras de Ovídio, por sua vez, ascende ao céu (*caeli regione*) para aproximar-se dos mesmos deuses (62-3) cuja fama Epicuro combate. Significativos, por outro lado, e especialmente tendo em vista a caracterização de Pitágoras como *exul*, os paralelos entre estes versos e a figuração que o próprio Ovídio faz de sua “presença ausente” em Roma na poesia de exílio: cf. *Tr.* 3.4b.73-4 (*scite tamen, quamuis longe regione remotus / absim, uos animo sempre adesse meo*); 4.2.57 (*haec ego summotus qua possum mente uidebo*); *Pont.* 1.8.34 (*cunctaque mens oculis peruidet usa suis*); 2.4.7-8 (*ante oculos nostros posita est tua semper imago, / et uideor uultus mente uidere tuos*)<sup>381</sup>.

---

<sup>379</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>380</sup> Id. *ibid.*

<sup>381</sup> Id. *ibid.*

**65-6:** o v. 65 é uma alusão a Lucr. 1.74 (*atque omne immensum peragrauit mente animoque*)<sup>382</sup>. A expressão *uigili ... cura* (65) ocorre também em 3.396 (*uigiles ... curae*, sobre o sofrimento amoroso) e, sobretudo, em *Ars* 3.412-3 (*cura uigil Musis nomen intertis habet. / sed famae uigilare iuuat*), sobre o ofício do poeta, associado à busca pela fama. O verbo *perspexerat* (65) ativa, pela proximidade com *pectoris* (64), uma das etimologias de *pectus*, a partir de *specio*, ressaltado pela justaposição de *oculis* e *pectoris* (64)<sup>383</sup>. Semelhantemente ao Epicuro de Lucrécio (1.75: *refert nobis...*), também Pitágoras ensina (66: *discenda dabat*; 68: *docebat*) seus discípulos, aqui referidos como *coetusque silentum* (66), uma possível alusão à importância dada pelos pitagóricos ao silêncio (Plu. *Num.* 8.6; D.L. 8.10). Em Liv. 1.18.2, os círculos pitagóricos também são referidos por *coetus*<sup>384</sup>. O termo *silentum*, que pode indicar também os mortos (cf. 702, 797), estabelece um paralelo entre Pitágoras e Orfeu, que fala — ou, antes, canta — para os mortos (cf. 10.30, 53), podendo sugerir o fracasso didático da parte do filósofo ou chamar atenção para o anacronismo do encontro entre ele e Numa<sup>385</sup>. Note-se a ênfase dada ao sintagma *discenda dabat*, entre duas cesuras e, ainda, mimeticamente inserido no meio de *in medium ... coetusque silentum*.

**67-72:** arrola-se a matéria de que Pitágoras tratará, com léxico tipicamente lucreciano: *magni ... mundi* ocorre sete vezes no *DRN* (2.1144; 5.433, 454, 772, 1204; 6.493, 565); *primordia* é utilizado recorrentemente para referir-se aos átomos<sup>386</sup>; *primordia mundi* lembra Lucr. 1.210, onde *primordia rerum* ocupa a mesma posição, em fim de verso<sup>387</sup>; *rerum e natura* (68), embora em sintagmas diversos, parecem também acenar para o *epos* de Lucrécio. Para *magni ... mundi*, cf. também Catul. 66.1 (*omnia qui magni dispexit lumina mundi*), seguido de uma lista de questões astronômicas; *omnia e dispexit* remetem ao v. 65 (*perspexerat omnia cura*)<sup>388</sup>. Para outros modelos de catálogos de temas científicos, cf. A.R. 1.496-502; Prop. 3.5.25-30; Hor. *Ep.* 1.12.16-18; Verg. *G.* 2.477-82; *A.* 1.740-6<sup>389</sup>. Parece haver uma distinção entre dois tipos de *epos* de espécie didática, ambos com origem em Hesíodo (*Teogonia* e *Trabalhos e dias*, respectivamente):

---

<sup>382</sup> Id. *ibid.*

<sup>383</sup> Ver Michalopoulos (2001: 140). Sobre jogos de palavras etimológicos com termos compostos, ver *ibid.*: 10.

<sup>384</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>385</sup> Nesse sentido, ver Barchiesi (2001: 64) e Segal (2001: 72-3).

<sup>386</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>387</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>388</sup> Hardie (2015: *ad loc.*)

<sup>389</sup> Id. *ibid.*

de um lado, os *magni primordia mundi*, i.e., a poesia cosmogônica, que Ovídio imita sobretudo no livro 1 das *Metamorfoses*, remetendo aos primórdios do próprio poema (1.3: *primaque ab origine mundi*); de outro, a poesia didático-filosófica voltada para questões como a natureza divina (69: *quid deus*) ou para fenômenos da natureza (69-71: *unde niues...*). Para a expressão *rerum causas* (68), cf. Verg. *G.* 2.490: *felix qui potuit rerum cognoscere causas*<sup>390</sup>. Note-se, ainda, no v. 68, o andamento fortemente espondeico, com apenas o quinto pé datílico. Para a justaposição de *natura* (68) e *deus* (69), cf. Prop. 3.5.25-6<sup>391</sup>; significativo que sejam esses os principais pontos de dissenso entre o Pitágoras ovidiano e Lucrécio<sup>392</sup>. Com *unde niues* (69), Ovídio retoma 9.221-2 (*inde niues fieri, niuibus quoque molle rotatis / astringi et spissa glomerari grandine corpus*), passo, por sua vez, inspirado em Lucr. 6.124-9<sup>393</sup>. Para a *fulminis ... origo* (69) são apresentadas duas possibilidades: de um lado, Júpiter, retratado portando raios em diversas ocasiões nas *Metamorfoses*, a começar pela gigantomaquia, em 1.154-5; de outro, a explicação racionalista (70: *an uenti discussa nube*), afim à apresentada por Lucrécio (6.338-9: [*fulmen*] *quaecumque morantur / obuia discutiat*)<sup>394</sup>; coloca-se em relevo, talvez, a discrepância entre a perspectiva didático-filosófica expressa por este discurso e a predominância do mito e do fabuloso restante do poema. Os terremotos (71: *quid quateret terras*) são, em Lucrécio (6.535-607), provocados por ventos subterrâneos, a mesma justificativa apresentada nos vv. 296-306 para a colina em Metona. A expressão *qua sidera lege mearent* (71) acena a outra importante subespécie didática, a poesia astronômica, desenvolvida por Arato e, em Roma, por Manílio, por exemplo. Também aqui notam-se ecos lucrecianos; cf. 1.128-9: *solis lunaque meatus / qua fiant ratione*<sup>395</sup>. A enumeração termina com *quodcumque latet* (72), noção retomada por Pitágoras no v. 147 (*quaeque diu latuere, canam*); cf. também 4.287 (*discite. causa latet*), a propósito da fonte de Sálmacis, que Pitágoras mencionará no v. 319<sup>396</sup>.

**72-4:** Ovídio reivindica para Pitágoras o papel de *primus auctor* (72: *primusque*; 73: *primus*) do que será o princípio fundamental defendido pelo filósofo no discurso subsequente: a necessidade da adoção de uma dieta vegetariana, em vista da possibilidade

---

<sup>390</sup> Id. *ibid.*

<sup>391</sup> Ver Fedeli (1985: *ad loc.*).

<sup>392</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>393</sup> Kenney (2011: *ad* 9.221-2).

<sup>394</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>395</sup> Id. *ibid.*

<sup>396</sup> Id. *ibid.*

de as almas humanas encarnarem em animais e vice-versa. A sequência dos vv. 72-4, com o *topos* do *primus ego* e a dupla repetição de *primus*, tem como modelo Lucr. 1.67-71, onde a sequência de *primum* (66), *primusque* (67) e *primus* (71) coloca Epicuro como primeiro a combater a religião; também *G.* 3.10-12, onde Virgílio prefigura seu sucesso poético<sup>397</sup>. A matéria alimentar do argumento de Pitágoras pode sugerir ainda uma alusão a Horácio (*S.* 2.4.73-5: *hanc ego cum malis, ego faecem primus et allec, / primus et inuenior piper album cum sale nigro / incretum puris circumposuisse catillis*), passagem igualmente de inspiração lucreciana, e com a dupla repetição de *primus*. Os vv. 15.73-4 são notáveis devido ao fato de qualificarem o discurso subsequente (*talibus ... uerbis*) como vindo de uma boca *docta quidem ... sed non et credita*: a caracterização antecipada do discurso como desacreditado é certamente conflitante com o propósito didático e admoestativo da fala de Pitágoras, e terá reverberações na descrição da sua recepção ao final do episódio (479-84)<sup>398</sup>. Um possível modelo é Call. *Iamb.* 1, fr. 191.61-3 Pf. (κῆδίδαξε νηστεύειν / τῶν ἐμπνεόντων· οἱ δ' ἄρ' οὐχ ὑπήκουσαν, / οὐ πάντες, ἀλλ' οὐς εἶχεν οὔτερος δαίμων), embora o texto seja controverso<sup>399</sup>. O problema da persuasão é mencionado já por Empédocles (B 114 D.-K.), e retomado, relativamente à credibilidade de Pitágoras, pelo neopitagórico Sótion em *Sen. Ep.* 108.19-20: *si illi credas ... non credis?* (3x) ... *magni ista crediderunt uiri*<sup>400</sup>. Paralelo importante se dá, ainda, com *Fast.* 4.307 (*casta quidem, sed non et credita*), a respeito da castidade de Cláudia Quinta, e *Verg. A.* 2.247 (*ora dei iussu non umquam credita Teucris*), que aproxima o descrédito com que os *uerba* de Pitágoras serão recebidos da maldição de Cassandra<sup>401</sup>. Ironicamente, a descrença é justamente a atitude com que Ovídio espera que as *Metamorfoses* sejam recebidas em *Tr.* 2.63-4 (*inspice maius opus ... / in non credendos corpora uersa modos*), mais um possível ponto de contato entre o poeta e seu Pitágoras<sup>402</sup>.

### 5.3.2. O discurso de Pitágoras (75-478)

**75-6:** Pitágoras inicia seu discurso em apóstrofe aos mortais, com elocução elevada e tom patético, prescrevendo, nos vv. 75-82, que não se consuma carne animal,

<sup>397</sup> Ver Mynors (1990: *ad loc.*).

<sup>398</sup> Barchiesi (2001: 64-5, 2002: 184).

<sup>399</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>400</sup> Id. *ibid.*

<sup>401</sup> Id. *ibid.*

<sup>402</sup> Id. *ibid.*

referida como “sacrílegos banquetes” (*dapibus ... nefandis*), com os quais os humanos estariam profanando (*temerare*) seus corpos. A noção remete ao ataque de Empédocles ao sacrifício animal através da imagem do pai matando o próprio filho (B 137 D.-K.), retomada por Lucr. 1.80-101 na descrição do sacrifício de Ifianassa<sup>403</sup>. O tom da apóstrofe, com a utilização do verbo *parco*, lembra Verg. *A.* 3.42 (*parce pias scelerare manus*)<sup>404</sup>. Ovídio apresenta uma preferência pela construção de *parco*, no imperativo, com infinitivo, ao que parece, originalmente, de uso coloquial<sup>405</sup> (cf. 174-5: *parcite, uaticinor, cognatas caede nefanda / exturbare animas*, ao fim da primeira seção sobre a abstenção da dieta carnívora, com a repetição tanto do verbo como do adjetivo *nefandus*). A ocorrência de *daps* (75), cujo primeiro sentido é “banquete sacrificial” (*OLD* s.v. *daps*, acepção 1), qualificado pelo adjetivo *nefandus*, derivado de *nefas*, também com conotações religiosas (uma ofensa contra as leis divinas: *OLD* s.v. *nefas*, acepção 1), dá ainda mais destaque para o caráter ímpio com que o filósofo pretende caracterizar a dieta carnívora; cf. Sen. *Thy.* 1105 (*nefandas ... dapes*). Chama atenção, no v. 76, a presença de dois termos, logo no princípio do discurso, que nos remetem aos primeiros versos do poema: *corpora* ocupa a mesma (primeira) posição em 1.2. Note-se que, no livro 15, são 7 ocorrências de *corpora* em primeira posição no verso, todas elas inseridas no discurso de Pitágoras: vv. 76, 109, 156, 215, 219, 363 e 459. A título de comparação, temos uma no livro 1 (1.2); 4 no livro 2 (2.267, 326, 644, 772); 3 no livro 3 (3.325, 686, 695); duas no livro 4 (4.24; 374); uma no livro 5 (5.214); uma no livro 6 (6.667); 5 no livro 7 (7.393, 548, 574, 606, 655); uma no livro 8 (8.557); nenhuma no livro 9; três no livro 10 (10.176, 240, 516); nenhuma no livro 11; uma no livro 12 (12.605); duas no livro 13 (13.616, 847) e nenhuma no livro 14. Em suma, está no livro 15 o maior número de ocorrências de *corpora* em início de verso, dado ainda mais notável uma vez que todas elas se encontram em um mesmo (ainda que longo) episódio. Ademais, *deducentia* traz à mente o imperativo *deducite* (1.4), referência ao *carmen deductum* de matriz calimaquiana<sup>406</sup>, somando-se a isso o fato de ambos os versos possuírem o exato mesmo andamento, com apenas o primeiro e o quinto pés datílicos e o restante do verso espondaico; é sugerida, portanto, uma aproximação entre o discurso de Pitágoras e as *Metamorfoses* como um todo.

---

<sup>403</sup> Id. *ibid.*

<sup>404</sup> Id. *ibid.*

<sup>405</sup> Ver McKeown (1989: *ad Am.* 1.2.49-50).

<sup>406</sup> Sobre as implicações programáticas de *deducite* em *Met.* 1.4 ver Galasso (2000: *ad loc.*), Barchiesi (2005: *ad loc.*) e Kenney (1976: 51-3).

**76-82:** Pitágoras então elenca os dons que a terra produz e que podem ser obtidos sem “massacre e sangue” (82: *caede et sanguine*): grãos, frutos, hortaliças, leite, mel. O motivo do alimentar-se do que a terra oferece espontaneamente tem forte ligação com o *topos* da Idade de Ouro, que remonta a Hesíodo (*Op.* 109-201), com larga fortuna na tradição poética latina, e será desenvolvido abaixo, nos vv. 96 e ss. Para os dons que então a terra produzia abundante e espontaneamente, cf. 1.101-12, esp. 109-12: *mox etiam fruges tellus inarata ferebat, / ... / flumina iam lactis, iam flumina nectaris ibant, / flauaque de uiridi stillebant ilice mella*; *Am.* 3.8.35-42, esp. 39-40: *fruges / pomaque et in quercu mella reperta caua*; *Verg. Ecl.* 4.28-30 (30: *et durae quercus sudabunt roscida mella*), 39-41; *G.* 1.125-8; *Hor. Epod.* 16.43-8 (47: *mella cava manant ex ilice*). A anáfora de *sunt* (76, 78) remete à fala de Polifemo em 13.810-4, com quatro repetições de *sunt*, esp. o v. 812 (*sunt poma grauantia ramos*; cf. 76-7: *sunt deducuntia ramos / pondere poma suo*); a vida pré-agrícola dos Ciclopes combina, paradoxalmente, uma existência próxima à Idade de Ouro com o canibalismo que o próprio Pitágoras refere no v. 93 (*ritusque ... Cyclopum*)<sup>407</sup>. Cf. também 14.660 (*pandos autumnii pondere ramos*); *Rem.* 175 (*curuatus pomorum pondere ramos*); *Pont.* 3.8.14 (*nulla premunt ramos pondere poma suos*)<sup>408</sup>. A expressão *uitibus uuae* (77) ocorre em fim de verso também em 8.676 (o banquete vegetariano de Filêmon e Báucis) e 13.813 (Polifemo)<sup>409</sup>. Os verbos *mitescere* (78) e *mollirique* (79) indicam o domínio do fogo por parte dos homens primitivos e seu consequente uso para cozinhar alimentos; alude-se a *Lucr.* 5.1102-4 (*inde cibum coquere ac flammae molire uapore / sol docuit, quoniam mitescere multa uidebant / uerberibus radiorum*)<sup>410</sup>. O v. 80, por sua vez, remete a Virgílio (*G.* 4.169 = *A.* 1.436): *... redolentque thymo fragrantia mella*<sup>411</sup>. O termo *epulas* (82), assim como *dapibus* (75), tem possivelmente sua origem em um termo ritual (*OLD* s.v. *epulae*).

**83-7:** a dieta carnívora é caracterizada como um hábito bestial — as comparações entre animais e humanos serão extremamente presentes ao longo do discurso, haja vista seu tema. Aqui, além da oposição bestial x humano, temos uma separação entre os animais “de índole selvagem e feroz” (85: *quibus ingenium est immansuetumque ferumque*; destaca-se o homeoteleuto em *-um* seguido da enclítica *-que*) — tigres, leões,

---

<sup>407</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>408</sup> Id. *ibid.*

<sup>409</sup> Id. *ibid.*

<sup>410</sup> Id. *ibid.*

<sup>411</sup> Id. *ibid.*

lobos, ursos — e os animais criados pelos homens para seu benefício, como cavalos, bois, ovelhas, cabras, porcos etc. (84), que aparecerão repetidamente ao longo da fala de Pitágoras humanizados, em passagens bastante patéticas. A caracterização dos tigres como “da Armênia” é tópica: cf. 8.121 (na mesma sede métrica); *Am.* 2.14.35; Verg. *Ecl.* 5.29; igualmente, a dos leões como “iracundos”: cf. 10.551; *Lucr.* 3.296-8<sup>412</sup>. Para a justaposição de tigres e leões, cf. 1.304-5; *Am.* 2.14.35-6; *Ars* 2.183; *Ep.* 10.85-6<sup>413</sup>. O adjetivo *immansuetum* é usado em 14.249 para caracterizar Polifemo<sup>414</sup>. A expressão *sanguine gaudent* (87), associada à menção aos lobos (*lupis*), no mesmo verso, e ao contexto do consumo de carne animal como ato antropofágico, remete, em anel, à narrativa de Licáon, aqui, especificamente, ao v. 1.235 (*uertitur in pecudes et nunc quoque sanguine gaudet*)<sup>415</sup>; note-se que o episódio como um todo será retomado também ao final do livro, na apoteose de César<sup>416</sup>.

**88-90:** o v. 88 principia com a interjeição *heu*, novamente contribuindo para o *pathos* da fala. Temos nestes versos a notável sequência de três poliptotos justapostos: *uiscere uiscera* (88), *corpore corpus* (89) e *animans animantis* (90; o termo é extremamente frequente em Lucrécio<sup>417</sup>; só no livro 1, são 8 ocorrências: 4, 194, 350, 774, 808, 821, 1033, 1038). Para além de contribuir simplesmente ornamentando a passagem, o poliptoto, repetição de termos iguais, mas diferentes quanto à sua morfologia, é perfeitamente adequado ao sentido dos versos: ingerir a carne de um animal é ingerir a carne de um *igual, embora diferente*. O passo, com seus poliptotos, remete a passagens lucrecianas: cf. 1.835-42, esp. 835-8: *ossa uidelicet e pauxillis atque minutis / ossibus hic et de pauxillis atque minutis / uisceribus uiscus gigni sanguenque creari / sanguinis inter se multis coentibus guttis*; 2.1114-5: *umor ad umorem, terreno corpore terra / crescit et ignem ignes procudunt artheraque aether*<sup>418</sup>; 5.993 (sobre o homem primitivo): *uiua uidens uiuo sepeliri uiscera busto*<sup>419</sup>. Chama atenção a forte aliteração em /k/ nos vv. 88-9 (... *quantum scelus est in uiscere uiscera condi / congestoque auidum pinguescere corpore corpus*) e a assonância no v. 90, com três termos sucessivos iniciados pela letra *a* (*alteriusque animans animantis uiuere leto!*). Note-se também o oxímoro em

---

<sup>412</sup> Id. *ibid.*

<sup>413</sup> Id. *ibid.*

<sup>414</sup> Id. *ibid.*

<sup>415</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>416</sup> Ver pp. 12-6.

<sup>417</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>418</sup> Hardie (2015: *ad loc.*) aponta ambas as passagens.

<sup>419</sup> Hollis (1970: xxv).

*uiuere leto*<sup>420</sup>. Significativos ainda os paralelos com o banquete de Tereu (6.651: *uescitur inque suam sua uiscera congerit aluum*) e o relato de Aquemênides acerca do episódio (odissíaco) de Polifemo (esp. 14.203-4: *mea uiscera ... / in sua mersurum*; 209: *semianimesque artus auidam condebat in aluum*)<sup>421</sup>.

**91-5:** a *terra* (92), qualificada como *optima matrum* (91), produz uma vasta gama de riquezas que não exigem “mastigar tristes feridas / com dente cruel” (92-3: *tristia mandere saeuo / uulnera dente*), mesma ideia presente nos vv. 81-2. O verbo *mandere* ocorre em Ovídio apenas neste passo e em 14.211, significativamente o relato acerca do encontro de Ulisses e seus companheiros com Polifemo<sup>422</sup>. Note-se a mudança da segunda pessoa do plural, com que Pitágoras inicia seu discurso (75: [*p*]arcite), para a segunda do singular (92: *te*), típica do gênero didático<sup>423</sup>. O termo *opibus* acena a *Ops*, a divindade romana que personificava justamente a terra, em sua abundância<sup>424</sup>. No segundo hemistíquio do v. 93, o consumo de carne é qualificado como *ritus ... Cyclopum*: além da incivilidade com que os ciclopes são caracterizados já na *Odisseia* (9.177 e ss.), Ovídio acena especialmente ao fato de Polifemo consumir a carne dos companheiros de Ulisses — o episódio homérico é retrabalhado, na voz de Aquemênides, pouco antes no poema (14.167-222), com ênfase nesse aspecto (ver 14.167-8; 174-6; 194-7; 201; 203-12). Vale notar, a esse respeito, o contraste entre o texto homérico e a imitação ovidiana em 14.167-222 e o episódio desenvolvido por Ovídio em 13.770-897, modelado no idílio 11 de Teócrito, que conta o amor não correspondido do ciclope pela ninfa Galateia<sup>425</sup>. Com *alium* (94), repete-se a ideia do animal como um outro, mas semelhante a nós: o termo, sem qualificação, sugere sobretudo um outro *humano*<sup>426</sup>. O particípio *moratus* (95: *male morati*; note-se o par aliterativo), frequente na prosa e na comédia, é usado por Ovídio somente aqui; cf. Sen. *Ep.* 123.3: [*m*]agna pars libertatis est bene moratus uenter)<sup>427</sup>. A personificação do estômago (95: *uentris*) remonta a Hom. *Od.* 17.286-7 (γαστέρα ... / οὐλομένυν, ἢ πολὰ κάκ' ἀνθρώποισι δίδωσι); cf. também Liv. 2.32.10-2<sup>428</sup>.

---

<sup>420</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>421</sup> Id. *ibid.*

<sup>422</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>423</sup> Id. *ibid.*

<sup>424</sup> Ver Maltby (1991: s.v. *Ops*).

<sup>425</sup> Sobre o episódio, ver Farrell (1992), embora divergente quanto ao pertencimento das *Metamorfoses* ao gênero épico.

<sup>426</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>427</sup> Id. *ibid.*

<sup>428</sup> Id. *ibid.*

**96-8:** deste ponto ao v. 142, Ovídio retrabalha o mito das quatro idades, já desenvolvido em 1.89-150<sup>429</sup>, mas sob um olhar diverso: o gradual declínio moral da raça humana, representado pelo envilecimento dos metais, do ouro ao ferro, relaciona-se, na fala de Pitágoras, à adoção gradual, por parte dos humanos, do hábito de matar animais (96-110) — que também em Verg. *G.* 1.139-42 marca o fim da idade de ouro<sup>430</sup> —, seguido pela instituição do sacrifício animal (111-26), agravado pela imputação deste crime à vontade dos próprios deuses (127-37) e, finalmente, a adoção da dieta carnívora (138-42). Já sobre o passo do livro 1, Labate (2010: 150) conclui que

Ovidio, secondo me, vuole rendere sempre consapevole il suo lettore che una storia (qualsiasi storia: anche la più impegnativa e prestigiosa, anche quella che riguarda la costituzione del cosmo e la vita dell'uomo) è stata raccontata da altri anche in modo diverso, che egli stesso ha raccontato in maniera diversa in altre opere (secondo la logica di un discorso letterario, di un genere, di un tema), che nelle stesse *Metamorfosi* si potrebbe raccontarla in maniera diversa.

É exatamente o caso destes versos do discurso de Pitágoras, onde o tema reaparece trabalhado de forma distinta, chamando a atenção do leitor para a comparação de duas versões conflitantes, aqui, entre outras coisas, pois fruto de dois narradores distintos. A primeira pessoa do plural em *uetus illa aetas, cui fecimus aurea nomen* (96) pode aludir ao ato do próprio Ovídio de nomear a Idade de Ouro *aurea aetas* (note-se a paronomásia) em 1.89; nos poetas precedentes, outros termos são usados para “idade” (cf., e.g., Hor. *Epod.* 16.64: *tempus aureum*; Verg. *A.* 8.324-5: *aurea ... saecula*)<sup>431</sup>. Nos vv. 96-8, a Idade de Ouro é qualificada como afortunada (98: *fortunata fuit*; note-se o par aliterativo) com os dons naturais da terra. Com *nec polluit ora cruore* (98), intensifica-se a personificação. A formulação retomada no último verso do discurso (478: *ora cruore uacent*)<sup>432</sup>.

**99-103:** a ausência das práticas da caça e da pesca na Idade de Ouro é mencionada também em Verg. *G.* 1.139-42<sup>433</sup>. Assim como no caso do v. 98, retomado ao fim do discurso (478), também a sequência de animais do ar (99: *aves*), da terra (100: *lepus*) e da água (101: *pisces*) se repete nos vv. 474-6, com a substituição da lebre pelos cervos, colaborando para a estrutura em anel da fala<sup>434</sup>. Para o v. 99, cf. *Fast.* 1.441 ([*i*]ntactae

<sup>429</sup> Para um estudo do passo do livro 1, ver Labate (2010: 138-52).

<sup>430</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>431</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>432</sup> Id. *ibid.*

<sup>433</sup> Id. *ibid.*

<sup>434</sup> Id. *ibid.*

*fueratis aues*); 449 (*tuta diu uolucrum proles tum denique caesa est*). As lebres são convencionalmente temerosas (cf. *Hal.* 64: *pauidi lepores*; *Hor. Epod.* 2.35: *pavidumque leporem*), intensificando o efeito da expressão *lepus impavidus* (100)<sup>435</sup>. Note-se, ainda, no mesmo verso, colocação de *mediis* na posição central do verso, logo após a cesura pentemímera<sup>436</sup>. O v. 101 possui paralelos com 8.857-8 (*sic sit tibi piscis in unda / credulus et nullos nisi fixus sentiat hamos*); 13.934 (*aut sua credulitas in aduncos egerat hamos*); *Fast.* 6.173 (*piscis adhuc illi populo sine fraude natabat*)<sup>437</sup>. A caracterização da *aurea aetas* como época em que não havia motivo para temer ciladas (*insidiis*) nem traição (*fraudem*) (102-3) é tópica: e.g. 1.130-1 (sobre a Idade de Ferro): *in quorum subiere locum fraudesque dolique / insidiaeque*. Para o tricólon que sumariza a idade de ouro nos vv. 102-3 (*cuncta ... erant*), cf. *Emp.* B 130 D.-K. (ἦσαν δὲ κτίλα πάντα καὶ ἀνθρώποισι προσηνῆ, / θῆρές τ' οἰωνοί τε, φιλοφροσύνη τε δεδήει)<sup>438</sup>.

**103-6:** no segundo hemistíquio do v. 103, é introduzido o *non utilis auctor* do consumo de carne animal, que tradicionalmente não é identificado: *quisquis fuit ille* (104); cf. *Tib.* 1.10.1: [*q*]uis fuit, horrendos primus qui protulit enses?<sup>439</sup> Não parece casual que a elegia de Tibulo seja um louvor a uma paz pregressa, assim como esta passagem do discurso de Pitágoras. O *primus qui* de Tibulo, contudo, é absolvido: *an nihil ille miser meruit* (5); a explicação vem na sequência: *nos ad mala nostra / uertimus, in saeuas quod dedit ille feras?* Se a passagem é alusiva, há mais uma das correções caras à estratégia emulativa ovidiana. Cf. também *Hor. Carm.* 1.3.9-12: *illi robur et aes triplex / circa pectus erat, qui fragilem truci / commisit pelago ratem / primus*; vale lembrar que a invenção da navegação é comumente associada à idade de ferro (e.g. *Met.* 1.132-4). Também na cosmogonia do livro 1 o autor do cosmo permanece incógnito: *deus et melior ... natura* (1.21) e *quisquis fuit ille deorum* (1.32), passagem da qual pode derivar a interpolação *deorum*, ao fim do v. 104; o termo, neste contexto, é semanticamente inadequado, não só porque os deuses tradicionalmente não se alimentam de carne animal, mas também porque atribuir a eles tal dieta entraria em contradição com o que será dito nos vv. 111-5 e 127-9<sup>440</sup>. A possibilidade de substituição por *leonum* ou *ferarum* é

<sup>435</sup> Id. *ibid.*

<sup>436</sup> Sobre a colocação mimética, em Ovídio, de *medius* em posição medial no verso, cf. Lateiner (1990: 210-2); Gonçalves (2021: 14).

<sup>437</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>438</sup> Id. *ibid.*

<sup>439</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>440</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

semântica e metricamente possível, embora incerta<sup>441</sup>. No v. 105, mais uma vez se critica o apetite desmedido (94-5: *auidam ... aluum*, cf. *uoracis ... uentris*) e uma nova imagem é utilizada para caracterizar a dieta carnívora, *corporeasque dapes* (cf. 75: *dapibus ... nefandis*), reiterando a afinidade entre o *corpus* animal e o humano e o caráter sacrílego de uma alimentação “de corpos”; note-se os paralelos com o episódio de Polifemo: 14.203-4 (*iam nunc mea uiscera rebar / in sua mersurum*); 208-9 (*uisceraque et carnes cumque albis ossa medullis / semianimesque artus auidam condebat in aluum*)<sup>442</sup>. Ainda no v. 105, destaca-se a presença da sintaxe mimética: o verbo *demersit* está “inserido” entre *auidam* e seu substantivo correspondente, *aluum*, i.e., no interior no “ávido ventre” (*auidam demersit in aluum*). Para a expressão *fecit iter sceleri* (106), cf. Tib. 1.10.4: *mortis aperta uia est*; Lucr. 1.81-2 (contra a religião): *uiamque / indugredi sceleris*<sup>443</sup>.

**106-10:** o “primeiro massacre das feras” (106: *primoque ... caede ferarum*) inflama o ferro (107). Observa-se mais um contato com a elegia de Tibulo no jogo de palavras etimológico entre *ferrum* e *ferus/fera*, explorado em Tib. 1.10.1-6 e aludido aqui com a presença de *ferarum* (106) e *ferrum* (107) em fins de versos sucessivos<sup>444</sup>. A alusão etimológica remonta a Enn. *Ann.* 171 Sk. (*proletarius publicitus scutisque feroque / ornatur ferro*) e é usual na literatura latina; nas *Metamorfoses*, cf. 13.444 (*quo ferus iniusto petiit Agamemnona ferro*); 454-5 (*sensitque sibi fera sacra parari, / utque Neoptolemum stantem ferrumque tenentem*)<sup>445</sup>. Para *maculatum sanguine ferrum* (107), cf. 1.719 (*maculat praeruptam sanguine rupem*); 7.315 (*maculauit sanguine ferrum*). Pitágoras introduz uma ressalva: pode-se matar animais que atentam contra a vida humana sem faltar à piedade (109: *salua pietate*) — vale destacar, aqui, novamente, o teor religioso da crítica, sendo a *pietas* a observância às leis religiosas; a esse respeito, cf. Porph. *Abst.* 2.22<sup>446</sup>. Significativa a presença, nos vv. 104-8, de cinco versos consecutivos terminados em *-um* (considerando, evidentemente, que a lacuna no v. 104 seja preenchida por um termo também terminado em *-um*, como *deorum* ou *leonum*), com o acréscimo, nos vv. 107-8, de homeoteleuto também no interior dos versos, em ambos os casos na primeira palavra após a cesura, *maculatum* e *nostrum*, respectivamente<sup>447</sup>. O primeiro

<sup>441</sup> Ver Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>442</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>443</sup> Id. *ibid.*

<sup>444</sup> Michalopoulos (2001: 81).

<sup>445</sup> Hardie (2015: *ad* 13.441-4); cf. Skutsch (1985 *ad Ann.* 171) para outras ocorrências.

<sup>446</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>447</sup> Cf. Harrison (no prelo) sobre o “homeoteleuto vertical”.

hemistíquio no v. 109, *corpora missa neci*, é idêntico, ocupando a mesma sede métrica, em 7.606; cf. também *Fast.* 5.623-4 (*corpora ... / missa neci*)<sup>448</sup>. No v. 110, destaca-se o significativo paralelismo entre os dois hemistíquios, ilustrando a equivalência entre a primeira e a segunda orações, sinalizada pelas conjunções *quam ... tam...*, além da forte sonoridade nasal do verso (*quam danda, tam non epulanda*). Os vv. 109-10 remetem a Verg. *G.* 2.536-8 (*ante ... / impia quam caesis gens est epulata iuuenis, / aureus hanc uitam in terris Saturnus agebat*): note-se o contraste entre *impia* e *pietate* (109) e o eco virgiliano em *epulanda* (110); no v. 141, ao fim da primeira seção “vegetariana”, *boum ... caesorum* pode aludir ao *caesis* da passagem das *Geórgicas*, formando uma moldura virgiliana para o passo<sup>449</sup>.

**111-15:** principia a narrativa da origem do sacrifício animal (*prima putatur...*; note-se a repetição de *primus* no v. 106: *primoque e caede...*), que se estenderá até o v. 142 e possui estreitos paralelos com *Fast.* 1.317-456, conforme unanimemente apontado por estudiosos e comentadores. O ato de matar animais, qualificado de *nefas*, “vai ainda mais longe” (111: [*I*]ongius inde nefas abiit; note-se o uso incomum de *abeo* no sentido de “ir em uma direção”<sup>450</sup>), e os homens concebem o sacrifício animal em prol dos deuses. Significativamente, a ordem dos animais que inauguram o hábito do sacrifício, primeiro o porco (111-13), depois o bode (114-5), é a mesma que Ovídio apresenta em *Fast.* 1.349-62. Sobre o porco como primeiro animal a ser sacrificado, ver Var. *R.* 2.4.9<sup>451</sup>. A noção da esperança da colheita vindoura está presente na etimologia de *spica* a partir de *spes*, em Var. *R.* 1.48.2: [*s*]pica ... quam rustici, ut acceperunt antiquitus, uocant specam, a spe uidetur nominata; eam enim quod sperant fore, serunt<sup>452</sup>; cf. Verg. *G.* 1.223-4 (*debita quam sulcis committas semina quamque / inuitae properes anni spem credere terrae*); German. fr. 3.142 Breysig (*spesque nouae segetis quatientur grandinis ictu*); *Fast.* 5.323 (*in spe uitis erat*)<sup>453</sup>; Tib. 2.6.20-1 (*spes fouet et fore cras semper ait melius. / spes alit agricolas, spes sulcis credis aratis / semina quae magno faenore reddat ager*)<sup>454</sup>. Sobre a etimologia do sacrifício do bode, ver Var. *R.* 1.2.18-9<sup>455</sup>. A “culpa” do bode (115: *nocuit*

<sup>448</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>449</sup> Fantham (1992: 47). Gale (2000: 108 n. 162) lê os vv. 110-42 como “patchwork of Virgilian reminiscences”.

<sup>450</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>451</sup> Id. *ibid.*

<sup>452</sup> Maltby (1991: s.v. *spica*).

<sup>453</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>454</sup> Id. *ibid.* *ad* 201-5.

<sup>455</sup> Id. *ibid.* *ad loc.*

*sua culpa duobus*) é mencionada também em Ver G. 2.380-1 (*non aliam ob culpam Baccho caper omnibus aris / caeditur*)<sup>456</sup> e em Fast. 1.361 (*culpa sui nocuit*)<sup>457</sup>, onde se repete também o verbo *noceo*. O termo *duobus* (115) abre duas possibilidades de interpretação do passo: se os antecedentes forem o porco e o bode, temos a reiteração da crítica ao sacrifício; se, porém, os “dois” forem compreendidos como o bode e Baco, a instituição é considerada nociva não somente aos animais e aos humanos, que cometem o *nefas*, mas também aos próprios deuses — ideia de certa forma retomada nos vv. 127-9, *infra*. Para uma construção semelhante, cf. Am. 2.2.49: *nocuit mala lingua duobus*<sup>458</sup>.

**116-26:** o *pathos* do discurso se acentua nesta apóstrofe às ovelhas, questionadas do porquê de serem mortas quando nos servem, com seu leite e sua lã, melhor em vida do que na morte (116-9). Segue uma segunda pergunta retórica, relativa ao motivo de os bois serem mortos (120-6). Destaca-se o paralelismo entre ambas as passagens: *quid meruistis oues* (116) e *quid meruere boues* (120), com variação na forma verbal; note-se, ainda, a paronomásia entre *oues* e *boues*. Paralelo significativo se encontra em Fast. 1.362: *quid bos, quid placidae commeruistis oues?*<sup>459</sup> Note-se a *uariatio* na inversão da ordem dos animais mencionados e na opção pela forma composta *commeruistis*, no lugar de *meruere/istis*; não obstante, também nos Fast. as ovelhas são caracterizadas como *placidae*. Não por acaso, o verso vem imediatamente após o passo acerca das origens do sacrifício animal, mencionado *supra*, como “versão condensada” do passo das *Metamorfoses*. Para outra apóstrofe às plácidas ovelhas, cf. 13.927 (Glauco): *nec placidae carplistis oues*<sup>460</sup>. Esta parece ser a primeira ocorrência de *nectar* (117) em referência ao leite, repetida depois em Mart. 13.47.1 (*Picentina Ceres niueo sic nectare crescit*), sugerindo talvez a Idade de Ouro perdida (cf. 1.111: *flumina iam lactis, iam flumina nectaris ibant*)<sup>461</sup>. Destacam-se, do ponto de vista elocutivo, os pares aliterativos em *placidum pecus* (116) e *uestras uelamina* (118), além do homeoteleuto em *-is* no v. 119, antes das cesuras e em fim de verso (*praebetis* | *uitaque magis* | *quam morte iuuatis*). Quanto ao abate de bois aradores, a prática era proibida por Pitágoras e considerada um ato criminoso nos tempos antigos: ver Var. R. 2.5.4; Plin. Nat. 8.180<sup>462</sup>. Além disso, marca

<sup>456</sup> Id. *ibid.* Ver Mynors (1990: *ad G.* 2.380 ff.) para mais sobre o sacrifício de cabras.

<sup>457</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>458</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>459</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>460</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>461</sup> Id. *ibid.*

<sup>462</sup> Id. *ibid.*

a entrada na Idade de Bronze em Verg. *G.* 2.537 (*impia quam caesis gens est epulata iuuencis*), cujo modelo é Arat. 132<sup>463</sup>. Por seu *pathos*, a passagem remete à descrição da morte do boi arador em *G.* 3.515-30; cf. também *Fast.* 4.413-6<sup>464</sup>. O verbo *meruere* (120) alude a *G.* 2.515 (*meritosque iuuencos*)<sup>465</sup>. A expressão *sine fraude dolisque* (120) retoma os vv. 102-3 e, assim como ali, o fim da Idade de Ouro, como descrito em 1.130 (*fraudes dolique*)<sup>466</sup>. Também evoca um passado idealizado o adjetivo *simplex* (121): a *simplicitas* é tipicamente associada às virtudes de um tempo pregresso, como em *Ars* 1.241-2 (*tunc aperit mentes aeuo rarissima nostro / simplicitas*) e 3.113 (*simplicitas rudis ante fuit; nunc aurea Roma est*)<sup>467</sup>. Para *immemor est demum nec frugum munere dignus* (122), cf. 5.474-5 (Ceres, após o rapto de Prosérpina): *terras increpat omnes / ingratasque uocat nec frugum munere dignas*<sup>468</sup>. Notável, nos vv. 122-6, a personificação dos bois, referidos por *ruricolam ... suum* (124). O termo, nesse sentido, ocorre também em 5.478-9, outro paralelo com o episódio do rapto de Prosérpina: *parilique irata colonos / ruricolisque boues leto dedit; Fast.* 1.384; *Pont.* 1.8.54. Em outros passos das *Metamorfoses*, *ruricola* é, porém, utilizado referindo-se a habitantes (divinos e humanos) do campo<sup>469</sup>, sugerindo, novamente, a correspondência entre homens e bois. Também *renouauerat* (125) remete ao fim da Idade de Ouro: cf. 1.110 (*nec renouatus ager grauidis canebat aristis*)<sup>470</sup>.

**127-9:** Pitágoras trata do agravamento do *nefas* (127) anterior, i.e., o assassinato de animais como a ovelha e o boi: o fato de atribuir o *scelus* aos deuses — enfaticamente referidos pela colocação de *ipsos* ao fim do v. 127, após forte pausa<sup>471</sup> —, e crer que eles se regozijariam com o assassinato (129: *caede*) de um bezerro trabalhador. O verbo *inscripsere* (128), aqui, no sentido de “imputar” (*OLD* s.v. *inscribo*, acepção 5b), tem também o sentido de “escrever”, acenando, talvez, para o papel das letras na construção de instituições religiosas, como em *Pont.* 4.8.55: *di quoque carminibus, si fas est dicere, fiunt*; cf., nesse sentido, 10.198-9: *mea dextera leto / inscribenda tuo est. ego sum tibi funeris autor*<sup>472</sup>. Por essa perspectiva, o v. 129 (*caede laboriferi credunt gaudere iuueni*) coloca em jogo a questão da verdade e da ficção na poesia, cara a Ovídio, e que ele aborda

<sup>463</sup> Ver Mynors (1990: *ad G.* 2.536) para outras fontes a esse respeito.

<sup>464</sup> Hardie (2015 *ad loc.*).

<sup>465</sup> Id. *ibid.*

<sup>466</sup> Id. *ibid.*

<sup>467</sup> Ver Gibson (2003: *ad* 3.113 ff.) sobre a *simplicitas* antiga.

<sup>468</sup> Hardie (2015 *ad loc.*).

<sup>469</sup> Ver Rosati (2009: *ad* 5.479).

<sup>470</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>471</sup> Id. *ibid.*

<sup>472</sup> Hardie (2015: *ad loc.*) e Reed (2013: *ad* 10.199) acenam para essa possibilidade.

diretamente nos vv. 282-3 (*nisi uatibus omnis / eripienda fides*) e 879 (*si quid habent ueri uatum praesagia*). O termo *sceleri* (128), neste contexto, parece aludir a Lucr. 1.82 (*sceleris*) e 83 (*scelerosa*), inseridos na seção a respeito da impiedade na religião (1.80-101); acresce que os versos antecedem a representação lucreciana do sacrifício de Ifianassa, importante modelo para o sacrifício descrito nos vv. 130-7, imediatamente abaixo<sup>473</sup>. O adjetivo *laboriferi* (129) é, provavelmente, um neologismo ovidiano, e ocorre também em 9.285<sup>474</sup>. Entretanto, as vítimas sacrificiais eram tradicionalmente *iniuges*, isto é, nunca haviam trabalhado no campo: cf. *Fast.* 1.83; 3.375-6; 4.335-6; Verg. *G.* 4.570<sup>475</sup>.

**130-7:** reelaborando a descrição lucreciana do sacrifício de Ifianassa (1.87-100), descreve-se um sacrifício tipicamente romano, portanto algo inadequado na boca do grego Pitágoras<sup>476</sup>, pela perspectiva de sua *uictima* (130). Outro paralelo com uma descrição sacrificial fortemente patética se encontra em Lucr. 2.352-65 (o luto da vaca diante da morte de seu bezerro sacrificado)<sup>477</sup>. O termo *uictima* encabeça um verso também em *Fast.* 1.335, onde Ovídio apresenta uma etimologia para o termo<sup>478</sup>. Note-se o oxímoro em *placuisse nocet* (131)<sup>479</sup>. Para a noção da beleza como mal, cf. 1.547 (*qua nimium placui, mutando perde figuram*): 2.572 (*forma mihi nocuit*)<sup>480</sup>. Fitas e ouro (131: *uittis ... et auro*) são ornamentos típicos do sacrifício; cf. 7.161-2 (*inductaque cornibus aurum / uictima uota cadit*); 10.271-2 (*inductae cornibus aurum / conciderant ictae niuea ceruice iuuencae*)<sup>481</sup>. A expressão *uittis insignis et auro* (131) remete a Verg. *A.* 4.134 (relativamente ao cavalo de Dido): *ostroque insignis et auro*<sup>482</sup>. As *fruges* (134) fazem referência à *mola salsa*, espécie de farinha salgada colocada entre os chifres da vítima sacrificial (ver Serv. *ad Ecl.* 8.82). A expressão *quas coluit fruges* (134) coloca em relevo o papel do gado na agricultura, embora seja inexata: as vítimas, nos sacrifícios romanos, não deveriam ter realizado nenhum tipo de trabalho<sup>483</sup>. Então, ela é golpeada por um punhal que, talvez (135: *forsitan*) tenha visto refletido na água: o passo combina dois

---

<sup>473</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>474</sup> Id. *ibid.*

<sup>475</sup> Id. *ibid.*

<sup>476</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>477</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>478</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>479</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>480</sup> Id. *ibid.*

<sup>481</sup> Id. *ibid.*

<sup>482</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>483</sup> Id. *ibid.*

modelos: Call. *Aet.* fr. 75.10-11 Pf., onde consta a imagem da vítima bovina que vê refletida na água a arma com que será imolada (retomado por Ovídio em *Fast.* 1.327: *praeuisos in aqua timet hostia cultros*) e Hor. *Carm.* 3.13.6-7, com a descrição do sangue bovino a tingir (135: *inficit*, cf. *Carm.* 3.13.6, *inficiet*) a água<sup>484</sup>. Além disso, a cena lembra também, pelo caráter comovente e pelo foco na perspectiva da vítima, a cena de Ió diante de seu (novo) semblante, refletido na água de seu pai, o rio Ínaco (1.640-1), bem como o horror de Acteão após a metamorfose em veado (3.200). Os “terrores” dos ritos sacrificiais culminam, nos vv. 136-7, com a representação cruenta do haruspício: *protinus ereptas uiuenti pectore fibras / inspiciunt* (136-7), prática mencionada também nos vv. 576 e 794. Para a descrição, cf. Verg. *A.* 12.214-5 (*uiscera uiuis / eripiunt*) e, nas próprias *Met.*, o retrato de Mársias em 6.390-1 (*salientia uiscera possis / et perlucentes numerare in pectore fibras*)<sup>485</sup>. Também aqui, como nos vv. 63-5, pode haver um jogo etimológico entre *pectore* (136) e *inspiciunt* (137)<sup>486</sup>.

**138-9:** a enumeração de crimes responsáveis pelo afastamento do homem da Idade de Ouro atinge seu ápice em mais um apelo de Pitágoras à raça mortal (139: *genus ... mortale*; cf. 75, [*p*]arcite mortales...) para o fim do consumo de carne animal (138: *uetitorum ... ciborum*). O tom é particularmente intenso devido à nova apóstrofe à raça humana, com o uso da interjeição *o*, deslocada da posição inicial, onde o termo seria esperado, para a intermediária, entre *genus* e *mortale* (139); a mesma expressão, com o mesmo deslocamento de *o*, ocorre já em *Ars* 3.87<sup>487</sup>. O contexto da perda de uma inocência primária sugere Hor. *Carm.* 1.3.25-6: *audax omnia perpeti / gens humana ruit per uetitum nefas*; cf. também Verg. *A.* 3.56-7, embora relativamente à “fome de ouro”: *quid non mortalia pectora cogis, / auri sacra fames!*<sup>488</sup>

**139-42:** o tom exortativo se intensifica na sequência de quatro imperativos (140: *ne facite e aduertite*; 142: *scite e sentite*) introduzidos por *oro* (139). A expressão *monitis ... nostris* (140) remete à poesia erotodidática de Ovídio, onde seus ensinamentos são referidos como *monitis meis*: cf. *Ars* 2.548; *Rem.* 136, 296, 804<sup>489</sup>. Para *animos aduertite*, cf. 238: *animos adhibete*. O fim de verso em *animos aduertite nostris* parece retomar a apóstrofe de Eneias aos *famuli* em Verg. *A.* 2.712: *animis aduertite uestris*, passagem

<sup>484</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>485</sup> Id. *ibid.*

<sup>486</sup> Michalopoulos (2001: 10, 140).

<sup>487</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>488</sup> Id. *ibid.*

<sup>489</sup> Id. *ibid.*

também fortemente patética<sup>490</sup>. Mais uma vez (cf. 124: *ruricolam ... suum*) os bois são identificados a um agricultor: *uestros ... colonos* (142); cf. *Fast.* 5.515-6 (*cultorem pauperis agri / immolat ... bouem*); *Var. R.* 2.5.3 (*socius hominis*); *Plin. Nat.* 8.70.180 (*socium ... laboris*)<sup>491</sup>. Enfatizando por meio da ordem das palavras a ideia do alimentar-se de um animal como equivalente a alimentar-se de um semelhante, temos a justaposição, no v. 142, dos pronomes *uos* e *uester* (*uos uestrum*), evocando a sequência de poliptotos dos vv. 88-90, em contexto análogo.

**143-5:** elevando as pretensões de seu discurso, Pitágoras reivindica falar inspirado por Apolo, divindade especialmente apropriada neste contexto, dada a dupla associação do deus com a poesia e com a revelação oracular; essa ambivalência, não por acaso, é perfeitamente encampada pelo termo *uates*, cujo uso por Pitágoras será algo contraditório: apesar da crítica aos *uates* em 154-5, o filósofo, além dessa reivindicação de uma fala inspirada por Apolo, usa os verbos *canam* (147) e *uaticinor* (174) para caracterizar o que ele próprio está a fazer. Ademais, o comentário *nisi uatibus omnis / eripienda fides* (282-3) implica que, ainda que não se deva crer em *tudo* o que os *uates* dizem, certas coisas são verdadeiras — tanto é assim que ele mesmo repete, em seguida, uma etiologia mítica para o amargor das águas do rio Anigro. O aparente paradoxo se explica, em parte, pelo confronto entre duas diferentes acepções do termo: *uates* como “sacerdote”, “profeta”, e *uates* como “poeta”. Porém, a origem de *uates* advém da tradição do poeta como de fato inspirado por divindades — as Musas, sobretudo —, não sendo possível uma separação tão nítida entre ambos os sentidos. Ademais, a proximidade entre as passagens sugere uma escolha deliberada da parte de Ovídio por chamar atenção para os diferentes usos do termo. Para paralelos relativos a tal reivindicação na voz narrativa do próprio Ovídio, cf. *Ars* 3.549 (*est deus in nobis et sunt commercia caeli*); *Fast.* 6.5-8 (*est deus in nobis; agitante calescimus illo: / impetus hic sacrae semina mentis habet. / fas mihi praecipue uoltus uidisse deorum, / uel quia sum uates, uel quia sacra cano*); *Pont.* 3.4.93-4 (*ista dei uox est, deus est in pectore nostro, / haec duce praedico uaticinorque deo*)<sup>492</sup>. O passo, bastante lucreciano em léxico e elocução, imita *DRN* 1.736-9 (1.738-9 = 5.111-2): *quamquam multa bene ac diuinitus inuenientes / ex adyto tamquam cordis responsa dedere / sanctius et multo certa rationis magis quam /*

---

<sup>490</sup> Id. *ibid.*

<sup>491</sup> Id. *ibid.*

<sup>492</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

*Pythia quae tripodi a Phoebi lauroque profatur*<sup>493</sup>. Note-se, porém, a inversão operada por Ovídio no contexto original do trecho, uma refutação da teologia: Lucrécio anuncia que irá enunciar os destinos (Lucr. 5.110: *fata*, cf. 15.152: *fati*) de forma mais santa (*sanctius*) e com mais razão (*multo certa ratione magis quam...*) do que a pítia, enquanto Pitágoras demonstra sua crença nos deuses ao se dizer inspirado por Apolo. *Delphosque meos* (144) alude à estreita ligação entre Pitágoras e Apolo, que chegou a ser visto, inclusive, como filho do deus<sup>494</sup>. Os versos fazem referência a uma possível etimologia de Pitágoras, referida por Diógenes Laércio (8.21), segundo quem o nome do filósofo seria um composto de πύθιος (pítio, relativo a oráculo de Apolo) e ἀγορεύω (falo), i.e., “aquele que fala o oráculo de Apolo”<sup>495</sup>. O verbo *resero* (145: *reserabo*) ocorre em contextos de revelação em Enn. *Ann.* 210 Sk. (*nos ausi reserare*), por sua vez modelo para Verg. *G.* 2.175 (*sanctos ausus recludere fontis*), com o verbo *recludo* (cf. 144: *recludam*), e Stat. *Silv.* 2.2.38-9 (*reseretque arcana pudicos / Phemonoe fontes*)<sup>496</sup>. Significativo o uso do adjetivo *augustae* para caracterizar o substantivo *mentis* (145), associando, portanto, Augusto ao deus de sua predileção<sup>497</sup>; para outros usos de *augustus* em Ovídio, cf. 6.73; 9.270; *Fast.* 1.609; *Tr.* 1.1.71; 2.287; 3.1.40<sup>498</sup>.

**146-52:** Pitágoras anuncia a grandeza (146: *magna*; cf. *Ars* 2.535-6: *animus maioribus instat; / magna cano*<sup>499</sup>) e o pioneirismo (146-7: *nec ingeniis inuestigata priorum / quaeque diu latuere*; cf. Lucr. 1.926-7: *loca nullius ante / trita solo*) da matéria de que vai tratar. A presença da tópica do *primus auctor*, associada ao uso de *canam* (147; cf. *Fast.* 6.8, reproduzido *supra*), que identifica sua expressão ao cantar poético (e ao papel do *uates*, portanto), pode acenar para a precedência de Pitágoras em relação à linhagem de autores de *epos* de espécie didático-filosófica evocados no discurso, começando por Empédocles e passando por Lucrécio e Virgílio, imitados de perto por Ovídio aqui<sup>500</sup>. A passagem possui fortes paralelos com a reivindicação de primazia poética em Lucr. 1.925-30, mas não menos importante é a mediação desta alusão em Verg. *G.* 3.291-3: *deserta per ardua ... iuuat ire* é mais próximo do *iuuat ire per alta astra* ovidiano — embora, aqui, o verbo também seja repetido em anáfora (147-8) —, além de

<sup>493</sup> Segal (1969: 293).

<sup>494</sup> Ver Burkert 1972: 141-4.

<sup>495</sup> Barchiesi (2001: 67).

<sup>496</sup> Skutsch (1985: *ad loc.*).

<sup>497</sup> Para Augusto e Apolo, ver Galinsky (1996: 215-9).

<sup>498</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>499</sup> Id. *ibid.*

<sup>500</sup> Ver Hardie (1995).

já sugerir o movimento de ascensão que Pitágoras reivindica. Além disso, o v. 146 ecoa *G.* 3.292, com *priorum* ocupando fim de verso em ambos. Vale frisar, porém, que enquanto Virgílio se mantém próximo ao modelo lucreciano, repetindo a imagem da fonte e acrescentando-lhe a subida ao Parnaso, Pitágoras literalmente se eleva acima de seus modelos, retomando a ascensão aos céus já mencionada na introdução de seu discurso (62-3: *isque licet caeli regione remotos / mente deos adiit*) e reivindicando, portanto, o mesmo lugar entre os astros ocupado por Júlio César (15.848-51), prenunciado para Augusto (838-9) e ultrapassado por Ovídio (875-6)<sup>501</sup>. Paralelamente ao caráter sublime dessa elevação, porém, *nube uehi* (149), neste contexto, pode trazer à mente o ἀεροβατῶν de Aristófanes em suas *Nuvens* (225)<sup>502</sup>. Ainda no v. 149, *ualidique ... Atlantis* pode aludir à etimologia de Ἄτλας, composto por um α copulativo e a raiz τλα-, do verbo τλῆναι, que significa “suportar”, “resistir”, noção ligada à força e ao vigor que o adjetivo *ualidus* evoca; semelhante etimologia encontra-se também em Verg. *A.* 4.246-53, possível modelo de Ovídio para a imagem do deter-se nos ombros de Atlas (149: *umeris*; cf. *A.* 4.250: *umeros*)<sup>503</sup>. Ademais, a imagem do poeta sábio que observa, em posição superior, o errar dos homens na terra é repleta de outros paralelos com Lucrécio, além do acima citado: os vv. 150-1 aludem a Lucr. 2.9-10, onde se observa os homens a vagarem por toda parte (*passimque*; cf. 150: *passim*), pelos caminhos da vida errante (*palantis*; cf. 150: *palantes*); ainda, qualificando os mortais de *rationis egentes* (150), Ovídio parece aludir também a Lucr. 3.45 (*rationis egere*), onde a *ratio* é a doutrina epicurista e Lucrécio critica justamente o medo da morte, assim como Pitágoras, que introduz o tema no v. 151 (*obitumque timentes*) e o desenvolverá nos versos seguintes (153-5)<sup>504</sup>. O verbo *euoluere* (152) evoca a imagem do desenrolar de um *volume*, que remonta a Enn. *Ann.* 164 Sk. (*quis potis ingentes oras euoluere belli*), verso retomado por Virgílio em *A.* 9.528 (*et mecum ingentis oras euoluite belli*)<sup>505</sup>. A ideia se repete, de forma ainda mais explícita, na descrição dos *tabularia rerum* nos vv. 809-13 (ver. o com. aos vv. 807-8 e 808-12, *infra*). Em termos sonoros, destaca-se a forte assonância em /i/ no v. 149 (*nube uehi ualidique umeris insistere Atlantis*) e o homeoteleuto em -es nos vv. 150-1 (*palantesque*

---

<sup>501</sup> Segal (2001: 74).

<sup>502</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>503</sup> Ver Michalopoulos (2001: 39).

<sup>504</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>505</sup> Ver Skutsch (1985: *ad loc.*) para os modelos gregos dessa imagem.

*homines* passim et rationis egentes / despectare procul trepidosque obitumque timentes), com versos sucessivos possuindo palavras com a mesma terminação.

**153-5:** a condenação do medo da morte, já mencionada no v. 151, começa por uma nova apóstrofe aos mortais (153: [o] *genus attonitum*), evocando tanto Emp. B 124 D.-K. (ὦ πόποι, ὦ δειλὸν θνητῶν γένος, ὦ δυσάνομβον) como Lucr. 5.1194 ([o] *genus infelix humanum*), modelada no passo de Empédocles, e 2.14 (*o miseras hominum mentes, o pectora caeca!*)<sup>506</sup>. O tema do medo da morte também é desenvolvido por Lucrécio em 1.102-35; 3.31-93; novamente, porém, Ovídio inverte o modelo, uma vez que o argumento pitagórico repousa sobre a imortalidade da alma, e não sua dissolução em átomos após a morte, como quer a doutrina epicurista. Também lucreciana é a expressão *formidine mortis*, no segundo hemistíquio do v. 153: cf. Lucr. 3.64, 79<sup>507</sup>. No v. 154, destaca-se a repetição, com efeito enfático, de *quid*. Tanto o Estige como as *tenebras* são caracterizadas como *nomina uana* (154), *materiem uatum e falsique pericula mundi* (155), todas qualificações ligadas ao campo do fictício. A atribuição de temores infundados, como o da morte, aos poetas está presente em Lucrécio (e.g. 1.102-3, 109), mas remonta a Platão (*R.* 386b-387c); contudo, entra em contradição com o restante do discurso no que diz respeito à atitude de Pitágoras em relação aos *uates* (ver o com. aos vv. 143-5, *supra*), além de soar algo irônica no universo fabuloso das *Metamorfoses*<sup>508</sup>.

**156-9:** é apresentada a doutrina da metempsicose, cuja origem, na Antiguidade, foi tradicionalmente fixada no Oriente (cf. Hdt. 2.123, onde se atribui a origem da doutrina aos egípcios), embora pareça ter de fato se disseminado na Grécia a partir de Pitágoras e seus discípulos: Long (1948: 6, 13-28) conclui que não há evidências que suportem a tese da origem oriental da metempsicose, de forma que é mais provável que ela tenha de fato se originado na Grécia e, de lá, se espalhado por uma vasta região, incluindo a Magna Grécia e o Oriente. A partir daí, temos excertos e fragmentos que mencionam a metempsicose em outros autores, como Eurípedes (*Hec.*, 1266-9) e Empédocles (117 D.-K.), além de Platão, cuja apresentação mais célebre da metempsicose ocorre no mito de Er, ao final da *República* (614b-621b), embora, neste passo, venha à mente a sequência (decadente) de encarnações descrita no *Fedro* (249c-e), na qual a alma virtuosa ocuparia primeiro o corpo de um filósofo e, depois, afastando-

<sup>506</sup> Hardie (1995: 206 n. 7, 209). Segal (2001: 75) vê nos versos ovidianos uma maior intensidade do que a presente nos modelos e identifica nessa veemência de Pitágoras um “toque de ironia” (n. 31).

<sup>507</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>508</sup> Id. *ibid.*

se da perfeição, no de um rei virtuoso ou um guerreiro — ordem inversa daquela descrita abaixo (160-4), na qual a alma de Pitágoras teria primeiro encarnado no guerreiro Euforbo, para, depois, viver como filósofo. Chama atenção a maneira como Pitágoras elabora a doutrina: ao contrário da formulação esperada (os corpos perecem, mas *as almas* são imortais), é dito que os corpos (*corpora*, novamente encabeçando o verso 156; ver o com. aos vv. 75-6) são destruídos, seja pelo fogo (*siue rogas flamma*), seja pela velhice (*seu tabe uetustas*), mas não se deve crer que eles (o sujeito é *corpora*) possam sofrer quaisquer males (157: *mala posse pati non ulla putetis*; note-se a aliteração em /p/). Só então (vv. 158-9) o filósofo acrescenta que as almas são imortais (158: *morte carent animae*) e encarnam em novos corpos, aqui referidos como “novas casas” (159: *nouis domibus*). Pode-se pensar no *corpus* poético, como o *opus* concluído que Ovídio celebra no epílogo (871-9), o qual é imune justamente ao fogo (871: *ignis*) e à velhice (872: *uetustas*)<sup>509</sup> — lembrando a identificação das *Metamorfoses* ao termo *corpora*, não só no próêmio (1.2), mas também em *Tr.* 2.556 e 3.63-4, por exemplo.

**160-2:** Pitágoras afirma lembrar-se (160: *nam memini*) de, nos tempos da guerra de Troia (160: *Troiani tempore belli*), ser o guerreiro troiano Euforbo, filho de Panto (161: *Panthoides Euphorbus*). A tradição segundo a qual Euforbo teria sido uma encarnação de Pitágoras é amplamente atestada nas fontes antigas (cf. Call. *Iamb.* 1 fr. 191.56-62 Pf.; D.S. 10.6.1; Gel. 4.11; Hor. *Carm.* 1.28.10-1), entre elas Diógenes Laércio (8.4), que, citando testemunho de Heráclides do Ponto, relata que Pitágoras teria sido Etálides, filho de Hermes, e que do pai recebera como presente uma memória tão prodigiosa que lhe seria possível recordar suas vidas passadas, fato a que *nam memini* alude. A expressão é, contudo, carregada de significados, funcionando, também, como sinalização de reminiscências poéticas — Papaioannou (2011: 40) utiliza o termo *memory trope* para isto, que considera uma variação da nota de rodapé alexandrina; também Miller (1994: 475) menciona o uso desse dispositivo, por exemplo, na narrativa de Céfalo e Prócris em 7.813-5, que alude à *Ars* 3.697-8, e também em *Fast.* 3.473-5, onde a memória de Ariadne (473: *memini*) sinaliza a alusão a Catulo 64.132-3 e 143-4. Aqui, alude-se a um fragmento de Ênio (*Ann.* 11 Sk.: *memini me fiere pauom*) que, além de incluído na seção do sonho com Homero, que versa sobre a metempsicose, faria referência a Pitágoras<sup>510</sup>. A expressão *ipse ego* (160) ocorre na mesma sede métrica em contextos onde a identidade de quem

<sup>509</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>510</sup> Skutsch (1985: *ad loc.*).

fala é instável: 11.688 (Morfeu, sob a aparência de Cêix); 14.727 (Ífis, morto)<sup>511</sup>; cf. 500: *ille ego sum* (Hipólito/Vírbio). A reivindicação da experiência pessoal (ter visto, lembrar-se) é também parte da construção da autoridade do enunciador de um discurso, em especial didático: conforme afirma o próprio Ovídio elegíaco-didático (*Ars* 1.29: *usus opus mouet hoc*; *Rem.* 101: *uidi*; *Ars* 2.551: *memini*; Verg. *G.* 1.193, 197: *uidi... uidi*; 4.125: *namque... memini*<sup>512</sup>). Neste caso, porém, a afirmação de sua memória prodigiosa parece cumprir o efeito inverso: o princípio do v. 161, *Panthoides Euphorbus*, é uma tradução direta de Hom. *Il.* 16.808 (= 17.81), onde Πανθοῖδην Εϋφορβον também inicia o verso. Em 17.47-9, porém, Homero narra a morte de Euforbo por um ferimento, infligido por Menelau (162: *minoris Atridae*), no pescoço (17.49: ἀχένος), e não, como afirma o Pitágoras ovidiano, no peito (161: *pectore*) do guerreiro troiano<sup>513</sup>.

**163-4:** o reconhecimento, por Pitágoras, do escudo de Euforbo, que Menelau oferecera no templo de Juno, em Argos, também é largamente referido em fontes supérstites. Os relatos mais antigos deste fato remontam a Heráclides do Ponto (fr. 89 W = D.L. 8.5)<sup>514</sup>, havendo ainda o testemunho de Diodoro Sículo (10.6.1-3), a menção de Horácio (*Carm.* 1.28.11-13)<sup>515</sup>, onde Euforbo é designado também pelo patronímico *Panthoiden* (10), e a descrição que Pausânias (2.17.3-4) oferece do escudo. Chama atenção o adjetivo com que Argos é qualificada, *Abanteis* (164), que, ao lado da citação do mais elevado *epos* homérico, aponta para uma alusão a Verg. *A.* 3.286-8, passo em que Eneias reconta o momento em que dedica o escudo do rei argivo Abas a Apolo no templo do deus em Ácio — clara prefiguração da dedicação do templo do deus por Augusto após sua vitória naval em 31 a.C. Além do adjetivo *Abantis*, retomado pelo uso de *Abanteis* por Ovídio, o evidente paralelo entre *A.* 3.286 e o v. 163 (*aere cauo clipeum, magni gestamen Abantis e cognoui clipeum, laeuae gestamina nostrae*) é fortalecido pela raridade do termo *gestamen* antes do período flaviano: há apenas mais uma ocorrência em Virgílio, também da *Eneida* (7.246), e outras duas em Ovídio, ambas nas *Metamorfoses* (1.457 e 13.116)<sup>516</sup>. Como já observado relativamente à manipulação ovidiana de seus modelos, temos uma *oppositio in imitando*: neste passo, o escudo representa a vitória grega em Troia, enquanto, em Virgílio, a dedicação do escudo de Abas

<sup>511</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>512</sup> Papaioannou (2011: 40 n. 19).

<sup>513</sup> Ver Miller (1994: 476).

<sup>514</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>515</sup> Com Nisbet e Hubbard (1970: *ad Carm.* 1.28.10).

<sup>516</sup> Miller (1994: 480-1).

contrabalança a derrota troiana e projeta uma vitória futura na fundação de Roma e na prefiguração de seu domínio à época de Augusto.

**165-8:** *omnia mutantur; nihil interit* abre esta seção, na qual é introduzida a doutrina do eterno fluxo, que será, deste ponto até o v. 452, exemplificada com diversos aspectos da natureza, do tempo e da vida humana. Para *omnia mutantur*, cf. Prop. 2.8.7 (*omnia uertuntur*), em contexto erótico, mas com menção à queda de Tebas e Troia, ambas citadas na seção a respeito da ascensão e queda de cidades e povos nos vv. 420-30, *infra*<sup>517</sup>. É explicitado o que será o argumento central de Pitágoras no combate ao consumo da carne animal: as almas não “transitam” só entre corpos humanos, mas também podem passar de um animal para um humano e vice-versa (167-8), de forma que os corpos animais podem ser diversos dos nossos, mas a sua alma é congênera à dos seres humanos. O termo usado aqui é *spiritus* (167), primeira ocorrência da palavra em Ovídio como sinônimo de *anima*; cf. Tr. 3.3.61-2, em contexto pitagórico (*nam si morte carens uacua uolat altus in aura / spiritus, et Samii sunt rata dicta senis*); 5.9.38<sup>518</sup>. Destacam-se os paralelos com Lucrécio: 1.215-64; 792-3; 5.828-33 (esp. 830-1: *nec manet ulla sui similis res: omnia migrant, / omnia commutat natura et uertere cogit*)<sup>519</sup>; mais uma vez, contudo, deve-se frisar a patente contradição da metempsicose com a doutrina epicurista. Ovídio segue explorando a repetição de palavras em diferentes casos ou de termos foneticamente semelhantes, como nos vv. 165-6, em que a sequência (quiástica) dos advérbios *illinc - huc - hinc - illuc*, ilustra o errar das almas por quaisquer membros (166: *quoslibet ... artus*), sejam eles corpos humanos (167: *humana ... corpora*) ou de feras; note-se o poliptoto em *feris* (167) e *feras* (168), também indicativo das metamorfoses sintáticas do texto ovidiano.

**169-72:** a mesma ideia do eterno fluxo é expressa através do símile das formas que a cera toma (169: *utque nouis facilis signatur cera figuris*; note-se o homeoteleuto em *-is*), comparadas às formas que toma a alma, sendo ambas, porém, sempre as mesmas (171-2: *animam sic semper eandem / esse*). Seguindo o padrão identificado nos vv. 165-8, também aqui a repetição de termos em casos distintos ilustra, sintaticamente, o sentido do que é dito: assim como a cera não conserva as mesmas (170: *easdem*) formas, mas é a mesma (171: *eadem*), a alma é a mesma (171: *eandem*) — e também é o mesmo o

---

<sup>517</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>518</sup> Id. *ibid.*

<sup>519</sup> Id. *ibid.*

pronome *idem* (não por acaso, “mesmo”), embora em diferentes casos. Sugestiva também a coerência entre a imagem da substância que não conserva as mesmas formas (170: *nec formas seruat easdem*) e a proposição das *Metamorfoses*, em que Ovídio afirma cantar as formas mudadas em novos corpos (1.1-2: *in noua... mutatas dicere formas / corpora*). A cera é usada como imagem para a versatilidade das palavras em Cic. *de Orat.* 3.45.177 (*sicut mollissimam ceram ad nostrum arbitrium formamus et fingimus*) e Quint. *Inst.* 10.5.9 (*uelut eadem cera aliae aliaeque formae duci solent*)<sup>520</sup>, e aparece no símile dos vv. 10.284-6, no episódio de Pigmalião, que possui fortes implicações metapoéticas<sup>521</sup>. Lucrécio (6.515-6) também utiliza a cera em um símile acerca da chuva, em contexto filosófico-didático: *[nubila] mittunt umorem pluuium stillantque, quasi igni / cera super calido tabescens multa liquescat*<sup>522</sup>.

**173-5:** como para lembrar o objetivo didático do discurso (cf. 453: *[n]e tamen oblitis ad metam tendere longe / exspatiemur equis...*), Pitágoras insere nestes três versos outra exortação contra o consumo da carne. A expressão *cupidine caedis* (173) remete ao comportamento de Licáon, já transformado em lobo (1.234: *cupidine caedis*)<sup>523</sup>. O termo *caedes* ocorre ainda em 82, 106, 129, 174, utilizado para caracterizar o assassinato de animais; também com *caedes* Ovídio se refere ao assassinato de Júlio César nos v. 778 e 802. O filósofo prescreve que seus ouvintes se abstenham de alimentar-se de almas afins às nossas (174-5: *cognatas ... animas*). Os versos contêm uma recapitulação do início do discurso: *uentris* (173; cf. 95, ambos em fim de verso); *parcite ... nefanda* (174; cf. 75: *[p]arcite ... nefandis*); *pietas* (174; cf. 109: *pietate*); *caede* (174; cf. 82); *sanguine* (175; cf. 82)<sup>524</sup>. Importante também a presença de outro poliptoto em termos contíguos, *sanguine sanguis* (175), reafirmando a correspondência entre humanos e animais (cf. vv. 88-90). Note-se, nos vv. 174-5, a alusão a uma possível etimologia de *anima* como vinda do termo grego *ἄναιμα*, cujo correspondente latino seria *exsanguis*<sup>525</sup>. Destaca-se o verbo com que Pitágoras nomeia o que está a fazer, *uaticinor* (174), coerente, sem dúvida, com sua reivindicação de falar inspirado por Apolo (143-5), mas conflitante com sua crítica às palavras vãs (154: *nomina uana*) dos *uates* nos vv. 153-5 (ver o com. aos vv. 143-5).

<sup>520</sup> Id. *ibid.*

<sup>521</sup> Ver Reed (2013: *ad Met.* 10.247-97; 284-6).

<sup>522</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>523</sup> Id. *ibid.*

<sup>524</sup> Id. *ibid.*

<sup>525</sup> Ver Michalopoulos (2001: 7, 28); ver id. *ibid.*: 28 para a possibilidade da origem de *anima* em *ἄϊμα* (*sanguis*). Para mais detalhes, ver o verbete *anima/animus* (id. *ibid.*: 27-30).

**176-8:** antes de prosseguir com mais uma seção onde trata do eterno fluxo, agora exemplificado pelo passar do tempo, Pitágoras se utiliza da metáfora náutica, em que a navegação funciona como analogia para a empresa poética (e.g. Verg. *G.* 2.41: *pelagoque uolans da uela patenti*; 4.116-7: *[a]tque equidem, extremo ni iam sub fine laborum / uela traham, et terris festinem aduertere proram*)<sup>526</sup> e o tamanho da embarcação e o percurso da viagem (próximo à costa/margem ou em alto mar) equivale ao gênero e nível de elocução da poesia<sup>527</sup> (e.g. Prop. 3.9.3-4: *quid me scribendi tam uastum mittis in aequor? / non sunt apta meae grandia uela rati*; Hor. *Carm.* 4.15.1-4; *Phoebus uolentem proelia me loqui / uictas et urbis increpuit lyra, / ne parua Tyrrhenum per aequor / uela darem*). Assim, quando o filósofo menciona ser levado pelo grande mar (176: *magno ... aequore*) por velas inchadas (176-7: *plenaque ... uela*), alude a um *epos* de elocução sublime, sinalizando (novamente: cf. vv. 143-52) a pretensão elevada de seu discurso, embora Segal (2001: 75-6) sugira que a passagem, em sua insistência em reivindicar a fala elevada, tem o efeito inverso e despe Pitágoras de sua “dignidade vática”. Ovídio utiliza a metáfora nos últimos versos dos *Rem.* (811-2: *fessae date certa carinae; / contigimus portus, quo mihi cursus erat*); ironicamente, em *Ars* 3.499-500 (*si licet a paruis animum ad maiora referre / plenaque curuato pandere uela sinu*), e, referindo-se aos *Fastos*, à sua *Medeia* e às *Metamorfoses*, em *Tr.* 2.547-8 (*ne tamen omne meum credas opus esse remissum, / saepe dedi nostrae grandia uela rati*)<sup>528</sup>. No v. 178, *cuncta fluunt* tem claras reverberações de Heráclito, desenvolvidas abaixo na comparação do passar do tempo com o fluir de um rio (179-85).

**179-85:** o v. 179 (quase áureo: *ipsa* e *adsiduo* encontram-se no primeiro hemistíquio, com seus substantivos correspondentes na segunda metade do verso e o verbo logo após a cesura; há, porém, a inclusão de *quoque* entre os dois adjetivos) introduz a comparação entre o tempo e o rio, desenvolvida já em *Ars* 3.62-4 (*ludite: eunt anni more fluentis aquae. / nec, quae praeteriit, iterum reuocabitur unda / nec, quae praeteriit, hora redire potest*)<sup>529</sup>. A analogia se constrói através do verbo *labuntur* (179), cujo primeiro sentido de é “deslizar” (*OLD* s.v. *labor*, acepção 1a); para *labor* associado ao passar do tempo, cf. Hor. *Carm.* 2.14.2 (*labuntur anni*)<sup>530</sup>. Em Ovídio, cf. *Am.* 1.8.49-

<sup>526</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>527</sup> Ver Curtius (1957: 133).

<sup>528</sup> Hardie (2015: *ad loc.*) identifica as passagens da *Arte de Amar* e das *Tristezas*.

<sup>529</sup> Id. *ibid.*

<sup>530</sup> Ver Nisbet e Hubbard (1978: *ad loc.*).

50 (*labitur occulte fallitque uolatilis aetas, / ut celer admissis labitur annus equis*); *Ars* 3.65 (*cito pede labitur aetas*); *Fast.* 6.771 (*tempora labuntur*). Com *non secus ut flumen* (180), a comparação é explicitada, evocando o aforismo heraclitiano πάντα ῥεῖ ὡς ποταμός (tudo flui como um rio). A passagem é caracterizada sobretudo pela repetição com algum tipo de variação, ilustrando o conteúdo dos versos: *flumen ... flumen* (180), destacada pelo posicionamento de ambos em fim de hemistíquio; *unda ... unda* (181), repetição com poliptoto<sup>531</sup>, embora seja impossível determinar qual termo é nominativo, qual é ablativo<sup>532</sup>; *urgeturque prior ... urgetque priorem* (182)<sup>533</sup>; a *geminatio* quiástica de *pariter*, circundada por *fugiunt* e *sequuntur* (183) (cf. *Am.* 2.19.5: *speremus pariter, pariter metuamus amantes*<sup>534</sup>); a repetição de *sum* em *sunt ... fuit* (184) e *fuera*t (185) (cf. 445, sobre Roma: *quanta nec est nec erit nec uisa prioribus annis*)<sup>535</sup>. No último verso do passo, *cuncta nouantur* (185) retoma *omnia mutantur* (165) e *cuncta fluunt* (178)<sup>536</sup>.

**186-91:** a constante metamorfose é, deste ponto ao v. 198, exemplificada pelo movimento dos astros. Pitágoras descreve o passar da noite para o dia e do dia para a noite (186-7), movimento acompanhado pela mudança das cores no céu (188-91). No v. 186, destaca-se o apelo ao destinatário do discurso e sua percepção visual com o uso de *cernis*, como ocorrerá adiante com *nonne uides* (362, 382), recurso didático bastante presente em Lucrécio (ver o com. aos vv. 361-3, *infra*). O poliptoto em fins de versos sucessivos com *noctes* (186) e *nocti* (187) sugere também a noção de sucessão (187: *succedere*); cf. 13.133-4 (*quis magno melius succedat Achilli / quam per quem magnus Danais successit Achilles?*)<sup>537</sup>. No v. 189, note-se a presença de *media* logo antes da cesura, em posição central no verso (ver n. 436). A caracterização de Lúcifer como *clarus* (189-90) indica a presença de uma glosa etimológica: *Lucifer* = *lux*, *lucis* (luz) + *-fer*, derivado do verbo *fero* (portar, carregar), significando “aquele que carrega a luz” (*cumque albo Lucifer exit / clarus equo*)<sup>538</sup>; cf. *Am.* 2.11.56 (*Lucifer admissa tempora portet equo*)<sup>539</sup>. O adjetivo *albus* e o verbo *albescere* são empregados para a alvorada: e.g. *Luc.* 2.720-1: *albaque nondum / lux rubet*; *Verg. A.* 4.586: *primam albescere lucem*<sup>540</sup>.

<sup>531</sup> Para o poliptoto marcando sequência e continuidade temporais, ver Wills (1996: 191).

<sup>532</sup> Id. *ibid.*: 466.

<sup>533</sup> Id. *ibid.*: 296.

<sup>534</sup> Ver McKeown (1998: *ad loc.*) para outros exemplos de repetição quiástica de *pariter*.

<sup>535</sup> Ver Wills (1996: 298-9).

<sup>536</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>537</sup> Id. *ibid.*

<sup>538</sup> Ver Michalopoulos (2001: 112).

<sup>539</sup> Com McKeown (1998: *ad loc.*).

<sup>540</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

Também *Phoebo* (191), derivado do grego φοῖβος (claro, brilhante), parece ter sua etimologia destacada pela proximidade de *lucis* (190)<sup>541</sup>. Notável o epíteto *Pallantias* (191) para Aurora, já que a divindade figura, tradicionalmente, como filha de Hiperion, neta, portanto, de Palas; Ovídio, porém, opta por uma versão alternativa do mito também em outras passagens de sua obra: cf. 9.421; 15.700; *Fast.* 4.373; 6.567<sup>542</sup>.

**192-8:** em seguida Pitágoras se volta mais especificamente para os movimentos do sol (192-5) e da lua (196-8). O sol é referido pela perífrase *ipse dei clipeus* (192), imagem que remonta a Empédocles (B 47 D.-K., ἄνακτος ... ἀγέα κύκλον)<sup>543</sup>; o termo *clipeus* designando a abóboda celeste ocorre pela primeira vez em Ênio (*Iphigenia* 188-9 Jocelyn: *in altisono / caeli clipeo*)<sup>544</sup>. No v. 192, destaca-se ainda a possível presença de um jogo etimológico entre *tellus* e o verbo *tollere*, embora, aqui, com um sinônimo de *tellus*, *terra* (*terra cum tollitur ima*)<sup>545</sup>. Notável o paralelismo dos vv. 192 e 193 (... *terra cum tollitur ima / mane rubet* e ... *terraque rubet cum conditur ima*), com destaque para a repetição de *ima* ao fim de ambos os versos, indicando a equivalência dos dois momentos opostos, o nascer e o pôr do sol<sup>546</sup>. O verbo *conditur* pode aludir à etimologia de *clipeus* a partir de κλέπτειν (*celare*)<sup>547</sup>. Os vv. 194-5 partem da concepção arcaica da terra plana, descrevendo, segundo essa perspectiva, a cor mais clara (194: *candidus*) do sol quando está a pino (194: *in summo est*), graças à “melhor natureza do éter” (194-5: *melior natura ... / aetheris*; cf. 1.21: *hanc deus et melior litem natura diremit*<sup>548</sup>) longe da terra (195: *terraeque procul contagia fugit*) — a mesma noção aparece também em 1.67-8: *haec super imposuit liquidum et grauitate carentem / aethera nec quidquam terrena faecis habentem*<sup>549</sup>. Note-se a repetição de *terra* (192; 193: *terraque*; 195: *terraeque*), com poliptoto no v. 195. Nos vv. 196-8, descreve-se a lua, identificada pela perífrase *nocturnae forma Dianae* (196), cuja forma nunca se repete por mais de um dia, mas alterna períodos crescentes e minguantes, ora maior, ora menor do que fora

<sup>541</sup> Ver Michalopoulos (2001: 146).

<sup>542</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>543</sup> Hardie (1995: 205 n. 7, 207).

<sup>544</sup> Id. (2015: *ad loc.*). Ver Jocelyn (1967: *ad loc.*).

<sup>545</sup> Ver Michalopoulos (2001: 164).

<sup>546</sup> Para o uso mimético de *imus* em Ovídio, ver Lateiner (1990: 213); em Horácio, ver Hasegawa (no prelo).

<sup>547</sup> Ver Maltby (1991: s.v. *clipeus*).

<sup>548</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>549</sup> Id. *ibid.*

anteriormente. No v. 198, chama atenção a construção em quiasmo em *si crescit minor est, maior si contrahit orbem*<sup>550</sup>, com destaque ainda para a presença dos oxímoros.

**199-200:** temos aqui a analogia entre as quatro estações do ano e as quatro idades do homem: infância, juventude, meia-idade e velhice (cf. 2.27-30; Hor. *Ars* 153-78), comparação não por acaso atribuída a Pitágoras (D.L. 8.1.10)<sup>551</sup>. A justaposição e associação das estações com as fases da lua está presente em Lucr. 5.731-50, possível modelo para esta transição<sup>552</sup>. A fórmula *[q]uid? non* (199) se repete nos vv. 285 (também no início do verso) e 308 (logo após a cesura)<sup>553</sup>. Com *aspicis* (200) apela-se novamente para a percepção visual do destinatário (cf. 186: *cernis*), reforçando o caráter didático do passo. Para *peragentem imitamina* (200), cf. 10.726-7 (origem da *Adonia*): *repetitaque mortis imago / annua plangoris peraget simulamina nostri*; o termo *imitamen* parece ser um neologismo ovidiano: ver 4.445; 11.626; *Fast.* 4.211<sup>554</sup>.

**201-5:** os versos são dedicados à primavera, que é nova (202: *nouo*), análoga à infância, correspondência que, já no v. 201, é corroborada pelo uso de *tener* e *lactens*, adjetivos que se aplicam tanto à flora como a crianças pequenas (*OLD*, s.v. *tener*, acepções 2 e 3b; *lactens*, acepções 1 e 2b)<sup>555</sup>. Na descrição da relva recente, que cresce (203: *turget*) e deleita os camponeses com esperança, note-se o polissíndeto: *et roboris expers / turget et insolida est et spe delectat agrestes* (202-3). Para a relação entre *spes* e a colheita, ver o com. aos vv. 111-5, *supra*. O primeiro hemistíquio do v. 204, *omnia tum florent*, é idêntico em *Fast.* 1.151, outra descrição da primavera<sup>556</sup>. Destaca-se aqui a paronomásia na justaposição dos termos *florent* e *florumque*, aquele, posicionado logo antes da cesura do verso, este, logo após. Nos vv. 204-5, o “benéfico campo” (*almus ... ager*; cf. Verg. *G.* 2.330, também sobre a primavera: *parturit almus ager*<sup>557</sup>) é personificado, descrito a brincar (*ludit*) com as cores das flores. Note-se o jogo com o sentido do substantivo *uirtus* (205), no contexto significando “vigor”, “força”, embora sua derivação de *uir*, enquanto “qualidade típica do varão”, adegue-se perfeitamente a um

---

<sup>550</sup> Id. *ibid.*

<sup>551</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>552</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>553</sup> Id. *ibid.*

<sup>554</sup> Id. *ibid.*

<sup>555</sup> Hill (2000: *ad loc.*) nota o duplo sentido de *lactens*.

<sup>556</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>557</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

passo onde se compara homem e natureza (*OLD*, s.v. *uirtus*, acepções 1a e c); cf. 14.357: *herbarum uirtus*<sup>558</sup>.

**206-8:** passa-se então ao verão/juventude — três versos, uma redução em comparação aos cinco referentes à primavera/infância: o ano (206: *annus*) torna-se mais um jovem robusto, abundante e ardente. Chama atenção a semelhança dos versos 206 e 207, o primeiro terminando em *robustior annus*, o segundo em *robustior aetas*. No v. 208, destaca-se a repetição de *ulla*, no início do verso e em seu final. Note-se o paralelismo do v. 208 (*nec quae magis ardeat ulla est*) com o v. 205 (*neque adhuc uirtus in frondibus ulla est*), com a presença de monossílabo ao final de ambos.

**209-11:** outros três versos tratam do outono, equivalente à meia-idade, idade madura (210: *maturus*), por natureza branda (210: *mitisque*) — note-se mais uma vez o uso de adjetivos aplicáveis tanto ao ser humano como ao reino vegetal<sup>559</sup> (*OLD*, s.v. *maturus*, acepções 1 e 2a; *mitis*, acepções 1a, 5a, 6a) — e comedida (211: *temperie medius*), pois localizada entre (210: *inter*) a juventude e a velhice. Mimetizando a posição intermediária desta idade humana, destaca-se a colocação dos termos *inter* (210) e *medius* (211) nas posições centrais dos versos, aquele antes da cesura heptemímera, este, antes da pentemímera<sup>560</sup>. Ainda no v. 211, chama atenção o jogo paronomástico entre *temperie*, que vem de *tempero*, por sua vez possivelmente derivado de *tempus* (“tempo”)<sup>561</sup>, e o plural (*tempora*) do homônimo *tempus*, no sentido de “têmpora”.

**211-3:** por fim, ocupando apenas dois versos vem, a passos trêmulos (210: *tremulo ... passu*; cf. 14.143: *tremuloque gradu uenit aegra senectus*<sup>562</sup>), o inverno, qualificado de senil e áspero (212: *senilis ... horrida*), ou já sem cabelos, ou com os poucos fios que tem brancos (213); imagem semelhante se encontra na personificação da estação em 2.30: *Hiems canos hirsuta capillos*<sup>563</sup>. O fato de o substantivo *hiems* ser feminino torna a imagem ainda mais forte.

**214-6:** Pitágoras descreverá, nos vv. 214-36, o percurso da vida humana, do nascimento à morte, em mais detalhes, com ênfase nas transformações dos corpos — o

---

<sup>558</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>559</sup> Id. *ibid.*

<sup>560</sup> Para o uso de *medius* em posição medial no verso, ver n. 436. Para o uso mimético de *inter*, ver Lateiner (1990: 212).

<sup>561</sup> Ver Maltby (1991: s.v. *tempus* 1).

<sup>562</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>563</sup> Id. *ibid.*

termo *corpora* aparece novamente com destaque, encabeçando os versos 215 e 219 (ver o com. aos vv. 75-6). No v. 215, em mais estreito paralelo com 1.1-2, *corpora* é qualificado pelo pronome *nostra*, a primeira palavra do verso anterior, semelhantemente a *noua* no início do v. 1.1, em ambos os casos com presença de um forte hipérbato. Ademais, o verbo *uertuntur* (215) corresponde à noção das *formas mutatas in noua corpora* presente no próêmio — embora, aqui, a perspectiva seja “científica”, em oposição às metamorfoses míticas narradas ao longo do poema. Nos v. 215-6, a imagem da transformação do homem com o tempo é traduzida na repetição do verbo *sum* no perfeito (*fuiimusue*), presente (*sumusue*) e futuro (*erimus*) do indicativo<sup>564</sup>.

**216-7:** o emprego de *semina* (216) para a imagem do feto, gestado no útero materno (217: *matris ... aluo*), prolonga a analogia com a descrição da primavera/infância (201-5); igualmente, o aposto *spesque hominum primae* retoma a imagem da esperança com o nascimento da nova vegetação (203: *spe delectat agrestes*)<sup>565</sup>. Para a imagem do feto escondido (217: *latitauimus*<sup>566</sup>), cf. *Am.* 2.13.19-20 (*puellas / quarum tarda latens corpora tendit onus*)<sup>567</sup>; *Hor. Carm.* 4.6.19-20 (*latentem / matris in aluo*)<sup>568</sup>.

**218-21:** descreve-se o momento do parto. Para a natureza como artífice (218: *artifices ... manus*), ver *Cic. N.D.* 2.58: *ipsius uero mundi ... natura non artificiosa solum sed plane artifex ab eodem Zenone dicitur*<sup>569</sup>. A imagem da *natura* retirando o bebê do corpo da mãe (218-20) é lucreciana (5.224-5: *cum primum in luminis oras / nixibus ex aluo matris natura profudit*)<sup>570</sup>. A expressão *manus admouit* (218) é usada também em 10.511 (*admouitque manus*) para descrever Lucina retirando Adônis do corpo de Mirra, metamorfoseada em árvore<sup>571</sup>. O v. 219 remete à descrição dos rios e das fontes no episódio de Faetonte (2.274: *qui se condiderant in opacae uiscera matris*), mas também, embora em contexto diverso, o v. 88: *in uiscere uiscera condi*<sup>572</sup>. A formulação *uacuas emisit in auras* (220) ocorre na mesma sede métrica em 6.398, relativamente ao “nascimento” do rio Mársias<sup>573</sup>. Para *iacuit sine uiribus infans* (221), cf. *Lucr.* 5.223:

<sup>564</sup> Ver Wills (1996: 298-9).

<sup>565</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>566</sup> Ver Knox (1990: 188) sobre a substituição de *habitauius*, presente na edição de Anderson (1998), por *latitauimus* e sobre o alongamento inusual da última sílaba de *matris*.

<sup>567</sup> Com McKeown (1998: *ad loc.*).

<sup>568</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>569</sup> *Id. ibid.*

<sup>570</sup> Segal (2001: 90).

<sup>571</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>572</sup> *Id. ibid.*

<sup>573</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

*nudus humi iacet, infans*, embora, no passo lucreciano, seja dada uma ênfase maior no desamparo do recém-nascido (5.223-4: *indigus omni / uitali auxilio*)<sup>574</sup>.

**222-7**: rapidamente, o bebê aprende a engatinhar e, “quadrúpede” (222: *quadripes*), arrasta-se pelo chão à maneira das feras — alusão ao enigma da esfinge (cf. Apollod. 3.5.8)<sup>575</sup>; então, paulatinamente (223: *paulatimque*), ele vai adquirindo mais força a consegue, por fim, sustentar-se sobre as pernas, primeiro ainda sem firmeza (223-4), depois, potente e veloz (225: *ualens ueloxque*; notem-se as aliteraões); atravessa, então, célere, a juventude (225-6: *spatiumque iuuentae / transit*), para alcançar a meia-idade (225: *medii ... temporis annis*; novamente, *medii* ocupa a posição central no verso; ver n. 436) e, finalmente, escorrega (227: *labitur*) ladeira abaixo pela decadente velhice (227: *occiduae senectae*). Os termos *labitur*, *occiduae* e *decliue*, além de ilustrarem a noção abstrata da decadência física com a representação concreta de uma queda, relacionam-se também à analogia, que remonta a Empédocles (Arist. *Po.* 1457b), da velhice como “noite” ou “pôr do sol” da vida; a correspondência é reforçada pelo uso, em Ovídio, de *occiduus* para o pôr do sol em 1.63; 14.416; *Fast.* 4.832; 5.558, e *decliuis* para o caminho do sol em 2.206; 6.487<sup>576</sup>. Notável que, enquanto o período de 9 meses, da gestação ao parto, toma 5 versos (216-21), e os primeiros anos da vida da criança, quando ela aprende a andar, são descritos em 3 (222-4), o restante da vida humana, da juventude à morte, ocupa apenas 3 versos (225-7). O padrão dos vv. 201-13, onde temos 5 versos para a infância (201-5), 3 para a juventude (206-8) e outros tantos para a meia-idade (209-11) e, por fim, somente 2 versos para falar da velhice (212-3) é intensificado, reproduzindo, talvez, a mudança na percepção da passagem do tempo à medida que se envelhece.

**228-33**: apresentam-se dois exemplos individuais dos poderes destrutivos (228: *subruit ... demoliturque*) da velhice (*haec*, 228, retomando *senectae*, 227). Nos vv. 229-31 é o célebre atleta Mílon que chora ao ver os braços, outrora fortes, enfraquecidos — referência à anedota relatada por Cícero (*Sen.* 27: *qui cum iam senex esset, athletasque se exercentes in curriculo uideret, aspexisse lacertos suos dicitur, illacrimansque dixisse 'at hi quidem mortui iam sunt'*<sup>577</sup>). Além de ter sido natural de Crotona, Mílon é um exemplo apropriado neste contexto, pois fontes antigas atestam uma relação entre ele e

<sup>574</sup> Segal (2001: 89-90).

<sup>575</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>576</sup> Id. *ibid.*

<sup>577</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

Pitágoras, algumas inclusive incluindo-o entre os discípulos do filósofo (D.L. 8.39; D.S. 12.9.4-5; Iamb. *VP* 36; Porph. *VP* 55). Chama atenção o longo hipérbato em *illos* (primeira palavra do v. 230) e seu substantivo correspondente, *lacertos* (última palavra do v. 231), “abraçando” o restante do conteúdo do par de versos, descrição da mudança dos braços, que, antes, semelhantes aos de Hércules (230: *solidorum mole tororum*; note-se o homeoteleuto), agora pendem, frouxos. Para *solidorum ... tororum*, cf. *Ep.* 9.60 (também relativamente a Hércules): *solidis ... toris*<sup>578</sup>. A segunda amostra da decadência trazida pela velhice vem, nos vv. 232-3, com a representação de Helena (aqui referida pelo patronímico *Tyndaris*). Novamente há uma associação pessoal com Pitágoras, que, quando Euforbo, a teria conhecido. Exemplo por excelência da beleza feminina, agora Helena chora em frente ao espelho, ao examinar suas rugas — imagem recorrente na poesia elegíaca, amiúde sugerida pelo poeta à amada que o rejeita (e.g. Prop. 3.25.14: *a speculo rugas inerepitantes tibi*)<sup>579</sup>. Para a imagem do espelho que acusa a passagem dos anos, cf. *Tr.* 3.7.33-8; *Med.* 47-8 (*tempus erit, quo uos speculum uidisse pigebit / et ueniet rugis altera causa dolor*); Hor. *Carm.* 4.10.6 (*dices 'heu', quotiens te in speculo uideris alterum*); para *rugas ... aniles* (232), cf. 14.96: *rugis ... anilibus*<sup>580</sup>. A menção aos dois raptos (233: *bis rapta*) refere-se à tradição (ver Hdt. 9.73) segundo a qual Helena teria sido também raptada por Teseu e Pirítoos, seguida por Ovídio em *Ep.* 16.149-51; 17.21-43; cf. 17.22: *rapta semel uideor bis quoque digna rapi?*<sup>581</sup>

**234-6:** fechando esta seção, Pitágoras se dirige ao tempo, qualificado como *edax rerum*, e à “invejosa velhice” (234: *inuidiosa uetustas*). O precedente mais significativo da expressão *tempus edax rerum*, bem como da imagem dos *dentibus aeui* (235) que tudo consomem, as quais, posteriormente, adquirem dimensão proverbial, é Simônides (fr. 13 West): ὁ τοι χρόνος ὄξυς ὀδόντας / καὶ πάντα ψήχει, καὶ τὰ βιαίότατα. No epílogo (872), Ovídio se utiliza novamente do adjetivo *edax*, desta vez acompanhando *uetustas*; em *Pont.* 4.10.7, temos *tempus edax*<sup>582</sup>. A proximidade com o adjetivo *inuidiosa* (234) remete ao *Liuor edax* de *Am.* 1.15.1, último poema do primeiro livro, inspirado no *imber edax* de Hor. *Carm.* 3.30.3<sup>583</sup>. Para *uitiata* (235), cf. 7.366 (sobre o olhar invejoso dos Telquines): *quorum oculos ipso uitiantes omnia uisu*; *Tr.* 3.7.33 (sobre o efeito da

<sup>578</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>579</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>580</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>581</sup> Id. *ibid.*

<sup>582</sup> *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*, sentença 527.

<sup>583</sup> Hardie (2015: *ad loc.*). Ver McKeown (1989: *ad Am.* 1.15.1).

passagem dos anos): *ista decens facies longis uitiabitur annis*<sup>584</sup>. Os *dentibus aevi* (253) aludem aos *leti ... dentibus* de Lucr. 1.852<sup>585</sup>. O verbo *consumitis* (236), ao lado da menção aos dentes, remete às imagens do ato de comer, frequentes no discurso relativamente, sobretudo, ao ato sacrílego de consumir carne animal (e.g. 141: *bouum dabitis caesorum membra palato*).

**237-8:** até o v. 251, Pitágoras discorrerá sobre os quatro elementos primários — fogo, ar, terra e água —, dos quais tudo o mais derivaria. Embora a doutrina fosse bastante difundida à época de Ovídio, sendo difícil precisar sua origem<sup>586</sup>, um paralelo importante pode ser encontrado em Empédocles (6.1 D.-K.)<sup>587</sup>, identificado como autor desta teoria por Lucrécio (1.716), que desenvolve sua crítica a ela em 1.705-829; trata-se, portanto, de outro anacronismo do Pitágoras ovidiano, que não poderia conhecê-la<sup>588</sup>. Sobre o termo *elementa*, Cícero (*Ac.* 1.26) é quem primeiro aplica a palavra aos elementos fogo, ar, terra e água — Lucrécio utiliza *elementa* como tradução do grego *στοιχεῖα*, significando as partículas primárias dos átomos<sup>589</sup>; mais uma vez, Ovídio lança mão do vocabulário lucreciano para inverter os preceitos filosóficos presentes no *DRN*. Em Ovídio, o termo aparece ainda em 1.29, referindo-se à terra, e, em *Fast.* 4.789, aos quatro elementos primários aqui mencionados. A expressão *animos adhibete (docebo)* (238; cf. 140: *animos aduertite*) é uma citação da fala de Latino em Verg. *A.* 11.325<sup>590</sup>, estabelecendo um paralelo entre Pitágoras e Latino que Fratantuono (2011: 436-7) interpreta como sinal da ineficácia persuasiva do filósofo: “Ovid undercuts his philosopher. He is like the soon to be silenced Latinus, weakly and ineffectively making an address at the Latin war council during a burial truce”.

**239-43:** no v. 239, os quatro elementos são chamados *genitalia corpora*, uma das expressões utilizadas por Lucrécio (1.58) para se referir aos átomos — que, ao contrário dos *elementa* de Pitágoras, são imutáveis. Como em outros passos do livro 15, há um diálogo com o livro 1, neste caso 1.21-31 e 52-3<sup>591</sup>, que narram a separação e ordenação dos quatro elementos seguindo a mesma lógica aqui exposta, isto é, segundo seu peso e

---

<sup>584</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>585</sup> Segal (2001: 92).

<sup>586</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>587</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>588</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>589</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>590</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>591</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

densidade. Em 1.21-31, contudo, a descrição começa pelo mais leve dos elementos, o fogo, e prossegue em gradação até o mais pesado; em 52-3, os elementos se alternam na ordem ar - terra - água - fogo; aqui, ao contrário, Pitágoras trata primeiro da terra e da água (240-1) e, depois, do ar e do fogo, que carecem de peso, portanto se elevam (242-3). Também na cosmogonia de *Fast.* 5.11-16 os quatro elementos são mencionados<sup>592</sup>, na mesma ordenação da sequência dos vv. 240-3, e ocupando também quatro versos.

**244-51:** descreve-se aqui, em 8 versos (também um múltiplo de quatro), as metamorfoses de um elemento em outro: a terra pode se liquefazer e tornar-se água (245-6), que, por sua vez, transforma-se em ar, e este, em fogo (247-8); inversamente, o fogo, condensado, torna-se ar (250), o ar, água, e ela, concentrada, converte-se em terra (251). Chama atenção a colocação dos nomes dos elementos majoritariamente em pontos de destaque dos versos: em suas extremidades ou junto à cesura<sup>593</sup>. Na primeira sequência de transformações (245-8), isso se verifica em todas as ocorrências: *tellus* (245), *aquas* e *auras* (246), *aelaque* (247), *aer* e *ignes* (248). Já na passagem relativa à reversão dessas metamorfoses (250-1), marcada pela repetição de “*re*” no v. 249 (*inde retro redeunt, idemque retexitur ordo*; cf. Verg. *A.* 9.261-1: *reuocate parentem, / reddite conspectum; nihil illo triste recepto*; Lucr. 2.130: *retroque repulsa reuerti*; 283: *refrenatur retroque residit*; 4.130: ... *ab rebus rerum simulacra recedunt*<sup>594</sup>), temos *ignis* (250), *tellus* e *unda* (251) em posição de destaque, mas não *aera* (250) e *aquas* (251). Em termos sonoros, destaca-se, na passagem, o homeoteleuto em *-as* antes das cesuras trimímera e heptemímera e em fim do v. 246 (*in liquidus | rarescit aquas | tenuatus in auras*). Relativamente a jogos etimológicos, destaca-se a associação entre *aura* e *aer* (246: *auras*; 247: *aelaque*; 248: *aer*; no caso dos vv. 246-7, *auras* e *aelaque* estão ainda justapostos, aquele em fim de verso, este no início), introduzida por Lucrécio (cf. 1.207, 770-4, 783-4, 801, 803-4; 2.203-4; 3.456, 570-1, 591, 751-2; 4.693; 5.502)<sup>595</sup>. Há, ainda, uma possível ativação da etimologia de *ordo* como “um fio no tear” (*OLD*, s.v. *ordo*) pela justaposição com *retexitur* (149)<sup>596</sup>.

**252-3:** em mais um movimento de recapitulação, em estilo marcadamente lucreciano, Pitágoras retoma os princípios da doutrina do eterno fluxo: nada permanece

<sup>592</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>593</sup> Id. *ibid.*

<sup>594</sup> Id. *ibid.*

<sup>595</sup> Ver Michalopoulos (2001: 39-40).

<sup>596</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

com a mesma aparência (252: *nec species sua cuique manet*; cf. Lucr. 5.830: *nec manet ulla sui similis res*), pois a natureza (252-3: *rerum nouatrix ... natura*; cf. Lucr. 1.629: *rerum natura creatrix*) troca as formas de umas para outras coisas (253: *ex aliis alias reparat ... figuras*; cf. Lucr. 2.1004: *inde aliis aliud coniungit*; 3.965: *ex aliis aliud reparare recessit*; 5.829: *ex alioque alius status excipere omnia debet*; Verg. *A.* 3.494: *nos alia ex aliis in fata uocamur*<sup>597</sup>). A alusão a Lucrécio, no caso de *rerum nouatrix ... natura*, ao mesmo tempo renova o modelo (na substituição de *creatrix* por *nouatrix*) e o inverte, tornando-o adequado à doutrina professada por Pitágoras neste discurso — e, em uma dimensão metapoética, ao programa das *Metamorfoses*<sup>598</sup>. O v. 252 (*nec species sua cuique manet*) também reformula 1.17 (*nulli sua forma manebat*), embora, no passo do livro 1, essa instabilidade seja relativa ao caos, que cederá lugar à ordem e à permanência das formas<sup>599</sup>.

**254-8:** a noção de que, no mundo, nada nasce e nada morre, mas tudo se transforma (254-5: *nec perit in toto quidquam, mihi credite, mundo, / sed uariat faciemque nouat*) remonta a Empédocles (B 8 D.-K.); cf. Lucr. 1.792-3 (*nam quodcumque suis mutatum finibus exit, / continuo hoc mors est illius quod fuit ante*); E. *TrGF* F 839.12-4 (θνῆσκει δ' οὐδὲν τῶν γιγνομένων, / διακρινόμενον δ' ἄλλο πρὸς ἄλλου / μορφήν ἑτέραν ὀπέδειζεν), passo imitado por Lucrécio em 2.991-1003<sup>600</sup>. Note-se que o hipérbato em *in toto ... mundo* (254) mimetiza o conteúdo do verso, já que o sintagma contém, em seu interior, *quidquam*. A expressão *mihi credite* remete ao *non et credita* do v. 74<sup>601</sup>, adicionando algo de ironia (trágica?) ao esforço didático de Pitágoras. Nos vv. 256-7, destaca-se a justaposição vertical de *incipere esse*, encabeçando o v. 256<sup>602</sup>, e *desinere*, na mesma posição do v. 257. No segundo hemistíquio do v. 257 e primeiro do 258, descreve-se a “transferência” da matéria, com a sequência *huc ... illa / haec ... illuc* — quiástica, do ponto de vista da classe gramatical (advérbio - pronome demonstrativo - pronome demonstrativo - advérbio), e paralela, do ponto de vista morfológico, uma vez que o sentido adverbial de *huc* deriva do pronome *hic, haec, hoc* no caso ablativo, assim como *illuc* em relação a *illic, illaec, illuc*, forma arcaica de *ille, illa, illud*. O desfecho da

<sup>597</sup> Id. *ibid.*

<sup>598</sup> Id. *ibid.*

<sup>599</sup> Id. *ibid.*

<sup>600</sup> Id. (1995: 206).

<sup>601</sup> Id. (2015: *ad loc.*).

<sup>602</sup> Lateiner (1990: 209) nota que metade das ocorrências de *incipio* em Ovídio ocupam a posição inicial dos versos.

seção, *summa tamen omnia constant* (258), remete à imortalidade da alma (cf. 156-9; 165-72).

**259-61:** os versos marcam a transição do discurso filosófico sobre o eterno fluxo para o início de uma longa seção de *paradoxa* que se estende até o v. 417, para a qual Hardie (2015: *ad Met.* 15.262-417) propõe o seguinte esquema estrutural: vv. 262-95, alternância terra/água, com dois exemplos de rios outrora potáveis, mas não mais à época; vv. 296-306, o aparecimento da colina em Trezena; vv. 307-34, rios com propriedades maravilhosas; vv. 336-9, ilhas e rochas outrora flutuantes, então fixas; vv. 340-55, Etna; vv. 356-60, homens-pássaros; vv. 361-417 *mirabilia animalium* (sobretudo *de generatione animalium*). Concluindo o passo anterior, Pitágoras afirma não crer (260: *crediderim*) que nada dure muito tempo (*durare diu*, com aliteração destacada pela posição da expressão entre as cesuras trimímera e heptemímera) sob a mesma imagem. Em seguida, o mito das quatro idades é retomado em uma apóstrofe aos séculos (260-1: *sic ad ferrum uenistis ab auro, / saecula*; cf. 96 e ss.) e equiparado, pela repetição de *sic*, à matéria que ocupará o filósofo na próxima seção: metamorfoses geográficas (261: *sic totiens uersa est fortuna locorum*).

**262-72:** mais uma vez (cf. 160: *nam memini*), Pitágoras recorre a seu próprio testemunho, introduzindo a seção com *uidi ego* (262), reforçado pela repetição de *uidi* no verso seguinte, salientando sua autoridade didática (ver o com. aos vv. 160-2); cf. 12.172 (*uidi*) e 327 (*uidi ego*), na voz de Nestor, outro narrador interno com uma experiência de vida particularmente longa<sup>603</sup>. Como no caso de *nam memini*, o apelo à própria experiência, além de aludir à excepcional memória de Pitágoras relativamente a suas encarnações passadas, retoma uma memória poética, evocando, nesta seção dedicada à alternância entre água e terra/aridez, a sequência dilúvio-conflagração nos livros 1 (253-312) e 2 (209-303)<sup>604</sup>. Nos vv. 262-3, destaca-se a *uariatio* de termos relativos a terra e água: *tellus* (262) e *terras* (263), ambos colocados em fim de verso, e *fretum* e *aequore* (263), respectivamente. A presença de conchas e partes de embarcações em locais distantes do mar (264-5) é um *topos* comum na tradição científica antiga, partindo de Xenófanes e Heródoto; cf. Str. 1.3.4<sup>605</sup>. Ademais, pode também remeter à descrição do dilúvio em 1.297: *figitur in uiridi, si fors tulit, ancora prato*<sup>606</sup>. Note-se o posicionamento

---

<sup>603</sup> Id. *ibid.*

<sup>604</sup> Id. *ibid.*

<sup>605</sup> Para mais exemplos, ver Galasso (2000: *ad loc.*) e Hardie (2015: *ad loc.*)

<sup>606</sup> Id. *ibid.*

mimético do termo *ancora*, em meio ao sintagma *in montibus ... summis*. A expressão *decursus aquarum* (266) em fim de verso, é lucreciana: cf. 1.283; 5.263, 946; 6.609<sup>607</sup>. No v. 267, são duas as interpretações possíveis, a depender do sentido de *aequor*: ou “pela correnteza o monte foi *conduzido ao mar*”, ou “pela correnteza o monte foi *feito planície*”. Hardie (2015: *ad loc.*) argumenta em favor da segunda opção, caso em que se destacaria a antonímia em fins de versos sucessivos: *aquarum* (266) e *aequor* (267) — embora a sinonímia de *tellus* e *terras* nos vv. 262-3 possa servir de argumento em favor da primeira interpretação do verso, ao lado do uso de *aequore* no v. 263, claramente no campo semântico de “mar”. Os vv. 268-9 possuem paralelos com a descrição do dilúvio em 1.324 (*liquidis stagnare paludibus orbem*) e da conflagração provocada por Faetonte em 2.262-3 (*siccaequae est campus harenae, / quod modo pontus erat*)<sup>608</sup>. Ovídio joga com as etimologias de *harena* a partir de *arere* (cf. 279-80, com *harenas* e *aret* em fins de versos sucessivos), enfatizada pela justaposição dos termos e pela presença de *siccis* no mesmo verso (268: *eque paludosa siccis humus aret harenis*)<sup>609</sup>, bem como de *humus* (268) a partir de *umore* (269: *ument*)<sup>610</sup>. Os vv. 270-1 mencionam o surgimento e desaparecimento de fontes, trazendo à mente o exemplo de Aretusa (5.572-641)<sup>611</sup>, embora a mudança de perspectiva seja significativa: aqui, a natureza (270: *natura*) é o agente responsável por essas metamorfoses. No v. 270, destaca-se ainda a colocação significativa dos advérbios *hic* e *illic* nos extremos do verso. Sobre *antiquis tam multa* (271), considerado uma interpolação, Tarrant (2004) menciona, no aparato crítico, a alternativa proposta por Merkel, *aut imis commota*.

**273-4:** a alternância no fluxo dos rios, mencionada nos vv. 271-2, será exemplificada por meio de um catálogo que se estende até o v. 286, cujo modelo é catálogo de rios em Verg. *G.* 4.363-73. O passo estabelece ainda outro ponto de contato com os catálogos análogos no livro 1 (577-82, no *transitus* entre o episódio de Dafne e o de Io<sup>612</sup>), e 2 (241-59), onde consta uma menção ao Caíco (2.243)<sup>613</sup>. O primeiro rio arrolado é o Lico, localizado na Frígia, que tem a característica aqui mencionada (o fato de correr sob a terra) referida já por Heródoto (7.30.1)<sup>614</sup> e replicada por autores

---

<sup>607</sup> Id. *ibid.*

<sup>608</sup> Id. *ibid.*

<sup>609</sup> Ver Michalopoulos (2001: 87-88).

<sup>610</sup> Ver Maltby (1991: s.v. *humus*).

<sup>611</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>612</sup> Fratantuono (2011: 437).

<sup>613</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>614</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

posteriores (e.g. Str. 12.8.16 e Plin. *Nat.* 2.106.225, onde o Lico também abre um catálogo e é seguido pelo Erasino<sup>615</sup>); é citado também em Verg. *G.* 4.367. O nome *Lycus* remete à primeira metamorfose humana narrada no poema, de Licáon em lobo (λύκος = *Lycus*), em 1.163-243<sup>616</sup>. No v. 273, a colocação de *Lycus* é mimética, já que o nome do rio que é tragado por uma fenda na terra encontra-se *inserido* em meio à expressão *terreno ... hiatu*.

**275-6:** o próximo rio elencado é o Erasino. O fato de ter trechos subterrâneos é atestado primeiramente por Heródoto (6.76.1) e também por Pausânias (8.22.3), Estrabão (6.2.9) e Plínio (*Nat.* 2.106.225). O mesmo padrão de colocação mimética do nome do rio observado no v. 273 se repete no v. 276: o Erasino, que corre pela Argólida, também no verso “corta” seus campos (... *Argolicis ingens Erasinus in aruis*).

**277-8:** significativamente, o posicionamento do nome do rio em meio ao sintagma relativo ao local por onde ele corre não se repete no verso em que é nomeado o Caíco, uma vez que os versos descrevem justamente como ele *não corre mais* por suas antigas margens, processo de deslocamento que talvez explique ser o único entre os rios aqui mencionados cujo nome ocupa a posição final de um verso (278). Destaca-se, no v. 278, a presença da nota de rodapé alexandrina com o verbo *ferunt*: embora não pareça haver registro da mudança do curso do rio em fontes antigas supérstites (e.g. Hes. *Th.* 343; Hdt. 6.28, 7.42; Cic. *Flac.* 72<sup>617</sup>), Ovídio possivelmente alude a uma polêmica sobre o local da cabeceira do rio, mencionada por Estrabão (13.1.70), que “corrige” Baquíledes e Eurípides, para quem o Caíco nasceria no monte Ida. Note-se por fim que o Caíco é posicionado em fim de verso também em Verg. *G.* 4.370, onde é similarmente qualificado por *Mysus*, embora, ali, os dois termos apareçam justapostos, enquanto, aqui, estejam separados por um forte hipérbato: *et Mysum* (277) e *Caicum* (278) — inversamente ao *ordo uerborum* observado nos casos do Lico, do Erasino e, abaixo, do Hípanis —, encerrando o restante dos vv. 277-8.

**279-80:** mais uma vez o fluxo do Amenano, cuja irregularidade é mencionada por Estrabão (5.3.13)<sup>618</sup>, é ilustrado pelo *ordo uerborum* do verso: o nome do rio fica entre as “sicilianas areias”: *nec non Sicanias uoluens Amenanus harenas*. Nos vv. 279-80,

---

<sup>615</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>616</sup> Fratantuono (2011: 437).

<sup>617</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>618</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

Ovídio joga novamente com a etimologia de *harena*, ligada ao verbo *arere*: *harenas* e *aret* ocupam fins de versos sucessivos (ver o com. aos vv. 262-72, *supra*).

**281-4:** menciona-se a impossibilidade de se beber das águas do Anigro. Tanto Estrabão (8.3.19) como Pausânias (5.5.8-10) discorrem sobre o rio, malcheiroso, cujos peixes não deveriam ser consumidos<sup>619</sup>. Aqui, porém, Ovídio opta não pela explicação racionalista do fenômeno, sugerida por esses autores (as águas do Anigro formavam um pântano, cuja lama emitia o odor desagradável), e sim a versão mítica: um centauro (Quíron ou Pilenor) teria lavado ali uma ferida infligida por Hércules, impregnada com o veneno da Hidra, poluindo o rio permanentemente. Note-se que Ovídio contraria Lucrécio, que nega a existência dos centauros em 4.739-43<sup>620</sup>. Com a parentética *nisi uatibus omnis / eripienda fides* (282-3), Pitágoras ao mesmo tempo retoma a crítica aos *uates* (154-5) e reproduz, ele mesmo, a versão mítica/poética para o amargor do Anigro (ver o com. aos vv. 143-5). O termo *bimembres* (283) é utilizado em referência aos centauros também em 12.240, 494; *Ep.* 2.71; 9.99; *Verg. A.* 8.293<sup>621</sup>.

**285-6:** o catálogo termina com o Hípanis, cuja menção mais antiga remonta a Heródoto (4.52.1-4)<sup>622</sup>, que atribui seu amargor ao influxo de uma fonte de águas com essa característica; a justificativa é repetida por Pausânias (4.35.11). Há referência ao rio também em *Verg. G.* 4.370. Se o padrão presente nos vv. 273, 276 e 279 não se repete no v. 282, uma vez que não é mencionada uma localização para o Anigro, no v. 285 vemos mais uma vez a presença da sintaxe mimética na colocação do Hípanis em meio aos montes citas (*Scythicis Hypanis de montibus*), local de onde o rio brota. Note-se que, ao contrário do catálogo do livro 2, que termina em Roma, com o Tibre (2.259: *cuique fuit rerum promissa potentia, Thybrin*)<sup>623</sup>, este catálogo se fecha na Cítia, região do exílio de Ovídio.

**287-8:** Pitágoras arrola porções de terra que antes eram separadas do continente, mas agora são ligadas a ele (287-8), e, inversamente, outros locais que antes foram parte do continente, e agora são ilhas (289-92). Para catálogos semelhantes, ver *Plin. Nat.* 2.204 e *Str.* 1.3.17-9<sup>624</sup>. Relativamente a Antissa, Estrabão (1.3.19) apresenta o testemunho de

---

<sup>619</sup> Id. *ibid.*

<sup>620</sup> Segal (2001: 81).

<sup>621</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>622</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>623</sup> Sobre a importância do posicionamento do Tibre ao final do catálogo, ver Barchiesi (2005: *ad Met.* 2.238-59).

<sup>624</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

Mirsilo de Metimna, escritor do gênero paradoxográfico do s. III a.C., segundo quem essa cidade, parte da ilha de Lesbos, teria sido uma ilha chamada Issa. Faros, antes uma ilha situada em frente a Alexandria, teria se unido ao continente graças ao acúmulo de sedimentos despejados no mar na foz do Nilo (Sen. *Nat.* 6.26.1 e Str. 12.2.4, 17.1.6). Sobre Tiro, célebre cidade fenícia situada em uma ilha, Diodoro Sículo (17.40-6) relata que ela foi sitiada, em 332 a.C., por Alexandre; ao cabo de sete meses, após comandar a construção de um enorme aterro que possibilitou o acesso dos macedônios às muralhas da cidade, ele a tomou — mais uma impossibilidade temporal na fala de Pitágoras.

**289-92:** agora, o movimento inverso é retratado: lugares antes ligados ao continente que agora são ilhas. A primeira delas é Lêucade (289-90), ilha grega localizada no mar Jônio, cujo istmo que a unia ao continente foi escavado, tornando-se um canal (Str. 1.3.18)<sup>625</sup>. Note-se o uso, no fim do v. 289, do termo *coloni*, empregado anteriormente no discurso como metáfora para o gado (142). *Zancle* (290) é o nome antigo de Messina. A crença de que ela teria unido a Itália à Sicília parece ter sido corrente entre os antigos: e.g. Verg. *A.* 3.414-9<sup>626</sup>, a que talvez a nota de rodapé alexandrina *dicitur* (291) aluda. Destaca-se a construção do v. 292: o termo *media* ocupa seu centro (ver n. 436), ao fim do primeiro hemistíquio, e qualifica *unda*, última palavra do segundo hemistíquio. Além disso, há o uso mimético do verbo *reppulit* entre *tellurem* e *unda*.

**293-5:** novamente Pitágoras se dirige diretamente aos destinatários do discurso (293-4: *si quaeras ... inuenies*, ambos encabeçando os versos). Para outras ocorrências de *si quaeras* (293), cf. 3.141; 5.16; 11.689; *Fast.* 3.183<sup>627</sup>. O desaparecimento de Hélice e Buris, bastante documentado (e.g. Sen. *Nat.* 6.23.4; D.S. 15.48.3; Str. 1.3.18, onde a descrição é também seguida pelo aparecimento da colina em Metona descrito *infra*, nos vv. 296-306<sup>628</sup>) é, aparentemente, outro anacronismo de Pitágoras: o fato teria ocorrido entre 373-2 a.C. No v. 295 *oppida* (cidade) está significativamente cercada pelas “muralhas submersas”: ... *moenibus oppida mersis*. A descrição dos vv. 294-5 pode remeter o leitor a 1.301 (passagem do dilúvio): *mirantur sub aqua lucos urbesque domosque*<sup>629</sup>.

---

<sup>625</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>626</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>627</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>628</sup> Id. *ibid.*

<sup>629</sup> Id. *ibid.*

**296-306:** narra-se a origem de uma colina próxima a Trezena, antes uma lisa extensão de terra (296-8). A metamorfose geográfica é atribuída a ventos que existiriam sob a terra e que, quando impossibilitados de sair por algum orifício, “dilatariam” o solo (299-303) à maneira de uma bexiga ou couro de um bode, quando se sopra em seu interior (303-5). A colina localizava-se, segundo as fontes antigas (Str. 1.3.18; Paus. 2.34.1<sup>630</sup>) na cidade de Metona, entre Trezena e Epidauro; Pausânias coloca o evento entre 277-44 a.C., o que torna a referência mais um anacronismo na boca de Pitágoras. A crença na existência de ventos subterrâneos cuja movimentação daria origem a fenômenos geológicos parece ter sido corrente na Antiguidade (cf. Lucr. 6.577-607; Sen. *Nat. 6 passim*<sup>631</sup>). A caracterização de Trezena como “piteia” (296: *Pittheam ... Troezena*) ocorre também em 6.418 e, abaixo, no v. 506<sup>632</sup>. Destaca-se a presença da sintaxe mimética na descrição da *uis fera uentorum* (299; cf. Lucr. 6.592, *fera uis uenti*<sup>633</sup>) “encerrada em cegas cavidades” (299: *caecis inclusa cauernis*; destaque para a forte aliteração em /k/). No v. 301, chama atenção mais uma vez a aliteração em /k/, presente no segundo hemistíquio do verso (*caelo cum carcere rima*), talvez uma onomatopeia do som dos ventos lutando para se libertarem. Os termos relacionados ao aspecto inchado da terra no local da colina (303: *tumefecit*; 305: *tumor*) parecem acenar à etimologia de *tumulus* (296, 298) a partir de *terra tumens* (Serv. *ad A.* 2.713)<sup>634</sup>. No v. 303, note-se, mais uma vez, o fim de verso com *oris* (ver n. 319).

**307-9:** após fazer novamente referência a seus conhecimentos pessoais (307: [*p*] *lurima cum subeant audita et cognita nobis*), o filósofo retoma (308: *pauca super referam*) o tema da água, capaz de dar e tomar novas formas (308-9). Segue mais um catálogo, agora com ênfase nas propriedades maravilhosas de corpos d’água, dividido entre águas que mudam corpos, sejam eles seus próprios, de objetos ou de humanos (309-16) e as que transformam *animos* (319-34). À exceção de Sálmacis (319), o catálogo segue, em cada uma de suas partes, ordem alfabética, muito provavelmente imitando uma obra paradoxográfica que não nos chegou, hipótese amparada pelas menções aos fenômenos e corpos d’água aqui presentes nas obras de Plínio, Sêneca, Vitruvius<sup>635</sup> e

<sup>630</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>631</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>632</sup> Id. *ibid.*

<sup>633</sup> Id. *ibid.*

<sup>634</sup> Maltby (1991: s.v. *tumulus*).

<sup>635</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

Antígono, em cuja *Mirabilia* constam 6 dos 10 nomes aqui mencionados<sup>636</sup>. Há, ainda, paralelos com o catálogo lucreciano de fontes e nascentes com propriedades surpreendentes (6.840-905)<sup>637</sup>.

**309-10:** o catálogo se inicia com a descrição das águas do “cornífero Ámon” — expressão que se repete, na mesma sede métrica, em 5.17 e *Ars* 3.789<sup>638</sup>. O sincretismo entre o deus egípcio e Júpiter, dando origem ao culto a Júpiter Ámon, representado com chifres de carneiro (donde *corniger*), tem sua etiologia (falsa, segundo as Musas) narrada em 5.321-8<sup>639</sup>. Ovídio é o primeiro autor latino a referir-se a Júpiter Ámon como *corniger*; embora a etimologia mais usual de Ámon seja do grego ἄμμος (areia), uma origem alternativa, mencionada por Sêrvio (*ad A.* 4.196), sugere que, na Líbia, *ámon* era o nome dado a carneiros<sup>640</sup>. A fonte egípcia, cujas águas eram frias ao meio-dia e, ao nascer e pôr do sol, quentes, é referida por Heródoto (4.181.3-4), que a chama de “fonte do sol” (κρήνη ἡλίου), Plínio (*Nat.* 2.106.228) e Lucrecio (6.848-78), que também inicia seu catálogo de fontes e nascentes maravilhosas com ela, oferecendo uma explicação científica para o fenômeno com base na doutrina atomística<sup>641</sup>. Note-se o uso de *medio* (309) no meio do verso, logo após a cesura (ver n. 436), e o forte hipérbato entre *medio* e o substantivo que ele qualifica, *die* (310).

**311-2:** Pitágoras cita águas com que os atamanes, povo que habitava o Epiro, conseguiriam inflamar a lenha na lua minguante. Notável, no v. 311, a forte assonância em /a/ produzida pela sequência de 4 palavras iniciadas com o fonema (*admotis Athamanas aquis accendere lignum*). No v. 312, a nota de rodapé alexandrina *narratur* pode fazer referência a Calímaco (fr. 207.148 Pf.), onde há também a menção ao queimar da lenha (embora não seja citada a fase da lua em que o fenômeno ocorreria), e a Lucrecio (6.879-89, imediatamente após a menção à fonte de Ámon), onde, embora não seja identificado o local onde se encontram, são descritas águas com a mesma propriedade inflamável<sup>642</sup>.

---

<sup>636</sup> Hardie (2015 *ad loc.*).

<sup>637</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>638</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>639</sup> Id. *ibid.*

<sup>640</sup> Ver Michalopoulos (2001: 24).

<sup>641</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>642</sup> Id. *ibid.*

**313-4:** o rio dos cícones, povo da Trácia, que petrificaria aquilo que entrasse em contato com suas águas, é mencionado por Sêneca (*Nat.* 3.20.3-4)<sup>643</sup> e Plínio (*Nat.* 2.106.226).

**315-6:** concluindo a primeira parte do catálogo na Itália (315: *nostris ... oris*, com *oris* em fim de verso; ver n. 319), dois rios da Sicília, o Crátis e o Síbaris (chama atenção o homeoteleuto em *-is*: *Crathis et huic Sybaris nostris conterminus oris*), possuiriam a capacidade de clarear os cabelos. Já Eurípides (*Tr.* 226-9) cita essa singularidade do Crátis<sup>644</sup>, referida também por Estrabão (6.1.13), embora, no caso do Síbaris, a propriedade a ele atribuída seja, inversamente, a de escurecer (Plin. *Nat.* 31.13)<sup>645</sup>.

**317-8:** estes versos realizam a transição entre esta e a segunda parte do passo: mais admiráveis ainda (317: *magis mirum*) são as águas que não transformam o corpo apenas (317: *non corpora tamen*), mas também os *animos* (318). Difícil a tradução do termo nesta passagem: *animus*, conceito que, em termos gerais, corresponde às capacidades intelectual ou afetiva/volitiva dos seres, é muitas vezes traduzido por “mente” (ver n. 75) — como aparece nos comentários de Galasso (2000) e Hardie (2015). Contudo, a implicação fortemente intelectual de “mente”, inapropriada, sobretudo, no caso das propriedades de Sálmacis, talvez torne “ânimos” uma tradução mais apta neste contexto, encampando as acepções de *animus* mais relacionadas à capacidade afetiva/volitiva, à consciência e aos sentidos.

**319:** a fonte de Sálmacis, que ocupa lugar central no catálogo — são mencionados cinco corpos d’água na primeira seção do catálogo e cinco na segunda, dos quais Sálmacis é o primeiro —, é introduzida com a interrogativa *cui non audita est*, indicativa da referência intratextual de Ovídio: a paixão da ninfa homônima por Hermafrodito e sua subsequente fusão com ele em uma fonte que, a partir do pedido de Hermafrodito, teria ganho o poder de efeminar os homens que lá entrassem é narrada em *Met.* 4.288-388 por Alcítoe, filha de Míneas. Esta, na introdução da narrativa, informa que a propriedade da fonte é conhecidíssima, embora a causa para tal, i.e., o que ela vai narrar, seja desconhecida: *causa latet, uis est notissima fontis* (4.287).

---

<sup>643</sup> Id. *ibid.*

<sup>644</sup> Id. *ibid.*

<sup>645</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

**320-1:** são referidos os lagos etíopes (320: *Aethiopesque lacus*), cujas águas, se bebidas, teriam como efeito a fúria (*furit*) ou o torpor (321: *mirum grauitate soporem*; cf. 21: *pressum grauitate soporis*<sup>646</sup>). Antígono (*Mir.* 145) cita um lago na Etiópia que enlouqueceria aqueles que a bebesses<sup>647</sup>; também Plínio (*Nat.* 31.5.9) fala de uma fonte etíope com a mesma propriedade<sup>648</sup>. A menção aos lagos é coordenada com a referência a Sálmacis pela enclítica *-que*, ligando-se também à interrogativa do v. 319, que, se funciona como sinalização de uma referência interna no caso de Sálmacis, aqui pode indicar uma alusão a Calímaco (fr. 407.145 Pf.), onde a mesma qualidade de tais lagos é mencionada<sup>649</sup>.

**322-8:** sete versos são devotados à descrição de uma fonte em Clitor e à origem de seus poderes. O passo principia com a referência à fonte e ao efeito que suas águas possuem, caso ingeridas: a ojeriza em relação ao vinho (322-3) — mencionada por Vitruvius (8.3.21) e Plínio (*Nat.* 31.13)<sup>650</sup>. Chama atenção a caracterização das *undis* como *meris* no v. 323: *merum* é o nome dado ao vinho puro, i.e., não misturado com água, e o adjetivo *merus* é frequentemente utilizado nesse sentido (*OLD* s.v. *merus*, acepção 1b); a oposição é ainda fortalecida pela colocação de *abstemius* em meio ao sintagma e pelo uso, poucos versos abaixo (331), de *uina mera*<sup>651</sup>. Em seguida, Pitágoras apresenta duas explicações distintas, introduzidas pelas conjunções alternativas *seu ... siue*. A primeira, mencionada no v. 324, é de teor racionalista, embora vaga: haveria nessas águas uma força (*uis*) contrária ao vinho. A segunda, que recebe um destaque consideravelmente maior (ocupando os vv. 325-8), baseia-se na narrativa mítica da loucura das filhas do rei Preto, curadas por Melampo, o qual teria lançado a substância que poluía as mentes das Prétides nesta fonte. A lenda é referida em fontes antigas (Paus. 8.18.7-8; Str. 8.3.19; Hdt. 9.34; Apollod. *Bibliotheca* 1.9.12) e Vitruvius, ao descrever o local, relata a existência, ali, de um epigrama que narra o mito de Melampo e das Prétides e atribuía a ele a propriedade das águas. Sobre a justaposição das duas alternativas equiparadas entre si, Hardie (2015: *ad loc.*) nota que “la mancanza di una discriminante tra il naturalistico-filosofico e il mitologico suona sconcertante nel discorso di un filosofo”. Em termos

---

<sup>646</sup> Id. *ibid.*

<sup>647</sup> Bömer (1986 *ad loc.*) apud Hill (2000 *ad loc.*).

<sup>648</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>649</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>650</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>651</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

sonoros, destaca-se, no trecho, o homeoteleuto em *-as* no v. 326: *Proetidas attonitas postquam per carmen et herbas.*

**329-31:** com efeito oposto à de Clitor, uma fonte na Lincéstida, região da Macedônia, possui águas que, ainda que bebidas com moderação (330: *parum moderato gutture traxit*), tem efeito intoxicante semelhante ao do álcool (331: *haud aliter titubat quam si mera uina bibisset*), fato mencionado também por Plínio (*Nat.* 2.106.230) e Sêneca (*Nat.* 3.20.5-6), entre outros.

**332-4:** fechando o catálogo, nos vv. 332-4 são descritas as águas de um local na Arcádia chamado, pelos antigos, Feneu, cujas águas fariam mal se ingeridas à noite, embora fossem potáveis durante o dia. A referência parece ser a uma fonte chamada por Heródoto (6.67) “águas do Estige”, que seriam nocivas<sup>652</sup>. Embora se encontre referência a tal regato em outras fontes antigas (Str. 8.8.4; Paus. 8.19.3; Plin. *Nat.* 2.106.231 e 31.19.26), não parece haver qualquer menção à diferença no horário do consumo da água. No v. 334, destaca-se a presença de um jogo com a etimologia da palavra *nox* como derivada do verbo *nocere* (Var. *L.* 6.6; Serv. *ad A.* 1.89): *nocte nocent potae, sine noxa luce bibuntur*; a etimologia é destacada pela justaposição de *nocte* e *nocent*, bem como pela presença de *noxa* no segundo hemistíquio<sup>653</sup>.

**335-6:** Pitágoras conclui a seção observando que os lagos têm certas forças, os rios, outras. Chama atenção a repetição de *alias*, enfatizada por seu uso antes e depois da cesura trimímera (*Sic alias | aliasque lacus...*), aqui com o efeito oposto daquele observado no uso de poliptotos, *supra*: embora o verso fale de forças *diferentes*, a palavra (“diferentes”) é a mesma.

**336-9:** se lagos e rios possuem seus poderes particulares, Pitágoras trata agora do mar, mais especificamente de ilhas marítimas. Os quatro versos desta seção mencionam o processo (mítico) de “fixação” de Ortígia (336-7) e das Simplégades (337-9). Ortígia (ὄρτυξ, “codorna”), outro nome que designa a ilha de Delos, antes flutuava, mas foi recompensada por ter acolhido Latona, prestes a dar à luz (cf. 6.189-91, 333-4; Verg. *A.* 3.73-7<sup>654</sup>). As Simplégades, rochas situadas à entrada do Mar Negro, eram movediças e se chocavam, oferecendo, portanto, perigo à Argo (337-8; cf. Hom. *Od.* 12.59-61, 66-9;

<sup>652</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>653</sup> Michalopoulos (2001: 130).

<sup>654</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

A.R. 2.317-23<sup>655</sup>). A construção do v. 338 merece destaque, mimetizando o temido choque dos rochedos, antes separados (*sparsas*), em meio às ondas: *undarum sparsas Symplegadas elisarum*, com homeoteleuto em *-arum* e *-as*. O fato de se tratar de um hexâmetro espondeáico, com apenas o quarto pé datílico<sup>656</sup>, pode contribuir ainda para representar, por meio da sonoridade, o “peso” do fenômeno descrito, além de conferir, ao lado do nome grego, uma qualidade helenizante ao verso. O v. 339 (*quae nunc immotae perstant uentisque resistunt*) parece modelado em Verg. *A.* 3.77 (*immotamque coli dedit et contemnere uentos*), passagem também referente a Delos<sup>657</sup>.

**340-1:** após três passagens de teor explícita ou implicitamente mítico (325-8: Melampo e as Prétides; 336-7: Ortúgia; 337-9: as Simplégades), Pitágoras passa ao Etna, *sollemnis omnibus poetis locus* (Sen. *Ep.* 79.5)<sup>658</sup>, restringindo-se, porém, a explicações científicas (são apresentadas três alternativas) para sua erupção. A matéria é tratada também por Lucrécio (6.639-702), que, embora apresente apenas uma interpretação para o fenômeno, justapõe a ela uma digressão sobre a pluralidade das causas de um fenômeno (6.703-11). Ademais, a multiplicidade de explicações é uma característica da poesia didática particularmente associada ao epicurismo, e bastante utilizada por Lucrécio<sup>659</sup>. Os vv. 340-1 enquadram o vulcão dentro do tema do eterno fluxo: o Etna nem sempre foi um vulcão ativo, e nem sempre será. Destaque para a reordenação dos termos do primeiro no segundo hemistíquio do v. 341 (*[nec] ignea semper erit | neque enim fuit ignea semper*), com quiasmo, talvez sugerindo, através da repetição e do *ordo uerborum*, a lei da eterna mudança. Notáveis também, no mesmo verso, as assonâncias em /e/ e /i/.

**342-5:** a primeira das causas para a atividade do vulcão, introduzida por *nam siue*, parte da compreensão estoica da terra como um ser vivo<sup>660</sup> (342: *est animal tellus*) que, ao respirar, exala chamas pelos diversos canais (343: *spiramenta*) que possui, os quais podem também mudar de locais, abrindo-se em certos pontos e fechando-se em outros. Embora a concepção não seja partilhada por Lucrécio, também ele desenvolve uma comparação entre os fenômenos da natureza e do corpo humano (6.655-64). Note-se a justaposição vertical de *spiramenta* (343) e *spirandi* (344), ambos em início de verso.

---

<sup>655</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>656</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>657</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>658</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>659</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>660</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

**346-9:** a segunda hipótese, esta sim apresentada por Lucrécio (6.680-93), é a de que os ventos, contidos no interior da terra (346: *imis ... in antris*), agitam as pedras que ali existem e estas, por fricção (347: *saxaque cum saxis*; note-se o poliptoto), pois contém em si o germe do fogo (347: *semina flammae*), se inflamam, dando origem ao fogo. Para a expressão *semina flammae*, cf. Lucr. 1.901-3, a respeito do fogo em árvores: *scilicet et non est lignis tamen insitus ignis, / uerum semina sunt ardoris multa, terendo / quae cum confluxere, creant incendia siluis*; 6.182: *semina quae faciunt nictantia fulgura flammae*<sup>661</sup>. Destaca-se, no v. 346, a representação dos ventos contidos nos antros através da sintaxe mimética (... *imis uenti cohibentur in antris*) e, possivelmente, da forte aliteração, com valor onomatopaico, em /i/, /e/ e /we/ (*siue leues imis uenti cohibentur in antris*). Se os ventos, porém, se apaziguarem (349: *sedatis ... uentis*), o interior da terra (349: *antra*) se resfriará e cessará o fenômeno da erupção.

**350-5:** em seguida, a última explicação atribui a existência do fogo sob a terra ao betume (350: *siue betumineae ... uires*) ou ao enxofre (351: *luteaue ... sulphura*). Os dois elementos aparecem associados também em 14.791-2 e Sen. *Nat.* 3.20.2<sup>662</sup>. Nos vv. 352-5, temos, porém, a projeção do esgotamento inevitável (352: *nempe*) dessas forças (353: *absumptis uiribus*) pela *naturaeque ... edaci* (354; cf. 234: *tempus edax*), o qual acarretará a cessação do fogo. A formulação se assemelha à teoria do inevitável esgotamento da *natura* com o passar do tempo em Lucr. 2.1105-74: cf. 352: *cibos*; Lucr. 2.1125, 1136, 1141, 1146-7: *cibus*; 353: *per longum ... aeuum*; Lucr. 2.1141: *grandi ... aeuo*; 353: *uiribus*; Lucr. 2.1121: *uiribus*<sup>663</sup>. Chama atenção a justaposição de *deserta* e *deseret* (355), termos associados etimologicamente<sup>664</sup>.

**356-60:** entre a passagem relativa ao Etna e o longo trecho referente a metamorfoses de animais, ambos com grandes afinidades com tratados científicos antigos, Pitágoras insere, nestes 5 versos, dois relatos de natureza bastante fabulosa. O primeiro menciona homens de Palene que, ao mergulharem nove vezes (nove seria um número mágico; cf. 14.58<sup>665</sup>) no lago Tritão, tinham os corpos cobertos de plumas, fato que não encontra paralelo em nenhuma fonte supérstite<sup>666</sup>. A qualificação de Palene como *Hyperborea* (356) é também problemática, uma vez que a associação não se encontra

<sup>661</sup> Id. *ibid.*

<sup>662</sup> Id. *ibid.* *ad Met.* 14.791-2.

<sup>663</sup> Id. *ad loc.*

<sup>664</sup> Ver Maltby (1991: s.v. *deserta*).

<sup>665</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>666</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

alhures<sup>667</sup> — embora a cidade, localizada na Calcídica, se encontre no norte da Grécia, o adjetivo *Hyperboreus* é utilizado para referir o *extremo* norte. Por fim, a menção à *Tritoniacam ... paludem* (358), lago localizado na Líbia, é obviamente problemática em termos geográficos<sup>668</sup>. Nos vv. 359-60, Pitágoras menciona ainda mulheres na Cítia que, por meio de poções, atingiam o mesmo resultado — cobrir seus corpos de penas. Apesar de tão inverossímil como o primeiro relato, deve-se ressaltar que as mulheres citas eram tidas, genericamente, como feiticeiras<sup>669</sup> (359: *uenenis*; 360: *artes*), dado que torna mais aceitável o fenômeno descrito. O caráter duvidoso de tais histórias sem dúvida motiva a atribuição dos relatos a rumores (356: *fama est*), bem como a indeterminação de *memorantur* (360) na passagem sobre as citas, além de uma manifestação de dúvida do próprio Pitágoras (359: *haud equidem credo*; cf. Verg. *G.* 1.415<sup>670</sup>). A singularidade dessas menções, contrastante com o retorno ao “científico” na longa seção subsequente, será, porém, destacada no v. 361 (*[s]iue fides rebus tamen est addenda probatis*), fornecendo, por contraposição, um destaque maior à verossimilhança da seção seguinte — ainda que a constante mistura do ficcional/mítico ao histórico/científico, acrescida dos anacronismos abundantes, possa imprimir no discurso como um todo um aspecto inconsistente.

**361-3:** os versos introduzem a longa seção de *mirabilia* do reino animal, que se estende até o v. 417, e, mais especificamente, o catálogo *de generatione animalium*, que abarca os vv. 361-407 e versa sobre a reprodução assexuada, nomeadamente a teoria da geração espontânea, difundida na Antiguidade (cf. S.E. *P.* 1.41<sup>671</sup>; Arist. *HA* 5.1.539a) — donde a introdução *[s]iue fides rebus tamen est addenda probatis* (361). A fórmula *nonne uides* (362), que se repetirá no v. 382, além de acenar ao caráter “verificável a olho nu” dos exemplos arrolados, é típica do estilo lucreciano, ocorrendo 15 vezes ao longo do *DRN* (2.196, 207, 263; 4.122, 807, 1201, 1286; 5.382, 556, 602, 646; 6.806, 813, 900, 1103 e, ainda, 2.16, com a variação passiva *uidere*), todas elas, assim como aqui, em princípio de verso, e presente também nas *Geórgicas*, em três ocasiões (1.56; 2.103, 250; as duas últimas ocorrências também em início de verso)<sup>672</sup>. Nos vv. 362-3, é exposta a premissa da geração espontânea: a putrefação dos corpos (363: *corpora*), que se dá ou

<sup>667</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>668</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>669</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>670</sup> Id. *ibid.*

<sup>671</sup> Id. *ibid.*

<sup>672</sup> Id. *ibid.*

pelo tempo, ou pelo calor (362: *mora fluidoque calore*), dá origem a pequenos animais (363: *parua animalia*). Note-se o posicionamento de *corpora* novamente em início de verso (ver o com. aos vv. 75-6). A formulação remete também aos vv. 156-7: *corpora, siue roigus flamma seu tabe uetustas / abstulerit*.

**364-7:** o primeiro exemplo, a geração de abelhas a partir das vísceras de um touro (*bugonia*), é modelado em Verg. *G.* 4.281-314, 538-58, embora Pitágoras apresente-a apenas da perspectiva “científica”, excluindo a etiologia mitológica contida em Virgílio<sup>673</sup>. A narrativa virgiliana será ainda reproduzida em *Fast.* 1.363-80, com particular semelhança entre o segundo hemistíquio do v. 364 (*mactatos obrue tauros*) e *Fast.* 1.367 (*obruere mactati...*). O primeiro hemistíquio do v. 364, *i quoque delectos*, é unanimemente considerado uma interpolação. Galasso (2000: *ad loc.*) observa que “*quoque* non dà un senso buono e sembra semplicemente un riempitivo per qualcosa che è andato perduto”, e o particípio *delectos*, ao lado do também particípio *mactatos*, ambos ligados a *tauros*, embora tenha a justificativa de *delige* em Verg. *G.* 4.540, é dificilmente aceitável. No primeiro hemistíquio do v. 365, a parentética *cognita res usu* aponta novamente para a natureza “verificável” da geração de abelhas a partir de cadáveres de bois — embora a teoria não fosse unânime: Aristóteles (*HA* 5.21.553a-b) não a inclui entre as variadas hipóteses acerca da geração das abelhas. O segundo hemistíquio do verso (*de putri uiscere passim*) alude a *G.* 4.555-6 (*liquefacta ... per uiscera toto / ... utero*)<sup>674</sup>. Nos vv. 366-7, descreve-se o nascimento das abelhas, que, *more parentum* (366), trabalham no campo, noção pleonasticamente repetida em cada seção do verso 367, separado por uma cesura trimímera e outra pentemímera: *rura colunt* (com a ambiguidade de *colo* enquanto “habitar” ou “cultivar”; cf. *OLD* s.v. *colo*, acepções 1 e 3, respectivamente), *operi fauent* e *in spemque laborant*. A expressão *in spemque laborant* remete ainda ao papel das abelhas na polinização das espécies vegetais, remetendo à associação entre a esperança e os frutos da terra, aludida já no v. 203 (ver o com. aos vv. 201-5).

**368:** em seguida, é mencionada brevemente a geração do moscardo a partir de um cavalo de guerra enterrado (*pressus humo*), fenômeno referido por Plin. *Nat.* 11.23.70,

---

<sup>673</sup> Id. *ibid.*

<sup>674</sup> Id. *ibid.*

cuja motivação remonta talvez à semelhança entre o cavalo de guerra e o moscardo em termos de sua belicosidade (Verg. *G.* 4.245)<sup>675</sup>.

**369-71:** Pitágoras passa à origem do escorpião, nascido da carcaça das patas de um caranguejo (cf. Nic. *Th.* 795-6<sup>676</sup>; Plin. *Nat.* 9.51.99<sup>677</sup>). Destaca-se a construção dos três versos: são enquadrados pelos adjetivos sinônimos *concaua*, no início do v. 369, e *unca*, ao fim do 371; de maneira espelhada, *cancro* é a última palavra do v. 369, e *scorpius*, a primeira do v. 371<sup>678</sup>. O segundo hemistíquio do v. 371 chama atenção para a etimologia de *scorpio*, derivado do grego οὐρᾶ πείρει (atacar com a cauda)<sup>679</sup>.

**372-4:** trata-se da geração das borboletas a partir das lagartas, fenômeno cuja veracidade é reforçada na parentética *res obseruata colonis* (373). No v. 372, o *ordo uerborum* é mimético: as frondes (*frondes*) estão propriamente cercadas pelos fios brancos (*canis ... filis*). Note-se a correspondência entre *agrestes tineae* (373) e *ferali ... papillone* (374) — os adjetivos sinônimos ocupam, ambos, o início de versos sucessivos.

**375-8:** descreve-se o nascimento das rãs a partir de sementes (375: *semina*) presentes no limo (cf. Plu. *Moralia* 637b<sup>680</sup>): no início elas carecem de pés (376: *truncas pedibus*; cf. Verg. *G.* 4.310: *trunca pedum*<sup>681</sup>), mas logo nascem as pernas, aptas a nadar e a dar longos saltos (note-se a repetição de *apta* em 376: *apta natando*, e 377: *longis saltibus apta*), atividade esta que explica as pernas posteriores maiores do que as anteriores. No v. 378, a preponderância das patas de trás em relação às da frente talvez esteja sugerida pela colocação de *posterior* e *priores* no verso: embora palavras do campo semântico de *primus* apareçam frequentemente em posição inicial em Ovídio<sup>682</sup>, aqui, uma vez que são as patas traseiras que superam (*superat*) as anteriores, é o adjetivo *posterior* que encabeça o verso, enquanto *priores*, no extremo oposto, é a última palavra, como ocorre em Hor. *S.* 1.4.59: *posterius facias, praeponens ultima primis*<sup>683</sup>.

---

<sup>675</sup> Id. *ibid.*

<sup>676</sup> Id. *ibid.*

<sup>677</sup> Hill (2000 *ad loc.*).

<sup>678</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>679</sup> Ver Michalopoulos (2001: 156-7).

<sup>680</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>681</sup> Id. *ibid.*

<sup>682</sup> Lateiner (1990: 209-10); Gonçalves (2021: 14).

<sup>683</sup> Ver Hasegawa (2019b).

**379-81:** Pitágoras relata a natureza informe (380: *male uiua caro est*) que o urso filhote possuiria: é sua mãe que, lambendo-o, como que o esculpe à sua semelhança, processo descrito também por Plínio (*Nat.* 8.54.126) e Sexto Empírico (*P.* 1.42). Segundo Élio Donato (*Vergilii uita* 22), Virgílio utilizou a imagem para referir-se a seu processo de criação poética: *cum Georgica scriberet, traditur cotidie meditados mane plurimos uersus dictare solitus ac per totum diem retractando ad paucissimos redigere, non absurde carmen se ursae more parere dicens et lambendo demum effingere*. Cf. a imagem da loba dando forma aos corpos de Rômulo e Remo com a língua em Verg. *A.* 8.631-4: *procubuisse lupam, geminos huic ubera circum / ludere pendentis pueros et lambere matrem / impuidos, illam tereti ceruice reflexa / mulcere alternos et corporam fingere lingua*, passo imitado por Ovídio em *Fast.* 2.417-8: *constitit et cauda teneris blanditur alumnis / et fingit lingua corpora bina sua*<sup>684</sup>.

**382-4:** introduzida pela fórmula didática *nonne uides* (ver o com aos vv. 361-3, *supra*), a seção retoma o tema da geração das abelhas, agora glosando a etimologia de *apis*, que derivaria da junção de um  $\alpha$  privativo e do termo  $\pi\omicron\upsilon\zeta$  (pé)<sup>685</sup>, retomada na passagem por *sine membris* (383) e *seros pedes* (384); a etimologia já é trabalhada por Virgílio em *G.* 4.310 (*trunca pedum primo, mox et stridentia pennis*)<sup>686</sup>, cuja sequência de *pedum* e *pennas* Ovídio parece ter em mente no v. 384 (*serosque pedes serasque ... pennas*)<sup>687</sup>. Note-se a possível nuance metapoética no emprego de *cera* (382) e *pedes* (384) (*OLD* s.v. *cera*, acepção 4; s.v. *pes*, acepção 11). Na passagem, há uma oposição entre o favo geométrico onde a larva se desenvolve (382: *cera ... sexangula*) e seu caráter amorfo (383: *sine membris*)<sup>688</sup>. Não parece casual que a última palavra da seção seja *pennas*, “asas”, termo que aplica tanto a insetos, como aqui, como a aves, tema dos vv. 385-8.

**385-8:** passa-se às aves. Nos vv. 385-6, há uma sequência de três perífrases, todas incluindo o nome de um deus: o pavão, *Iunonis uolucrum*; o fato de “portar astros na cauda” (385: *quae cauda sidera portat*) alude ao final do episódio de Io (1.720-3), em que Ovídio narra a morte de Argo, cujos cem olhos teriam sido colocados por Juno na cauda de seu pássaro favorito; a águia, portadora dos raios de Júpiter (*armigerumque*

<sup>684</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>685</sup> Maltby (1991: s.v. *apis*).

<sup>686</sup> Biotti (1994: *ad loc.*).

<sup>687</sup> Michalopoulos (2001: 32-3).

<sup>688</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

*Iouis*), e as pombas, caras a Vênus (386). No v. 387, adicionam-se aos três exemplos todas as espécies de aves (*et genus omne auium*) para chamar atenção para o seu processo reprodutivo (*mediis e partibus oui*; note-se o termo *mediis* no centro do verso, logo após a cesura; ver n. 436), no qual ninguém creia, se não soubesse ser assim (388). Os versos remetem a Ênio, em cujo sonho Homero também menciona a geração das aves através de ovos (*Ann. 8 Sk.: oua parere solet genus pennis condecoratum*) e o pavão (*Ann. 11 Sk.: memini me fiere pauom*)<sup>689</sup>.

**389-90:** embora os vv. 387-8 fossem uma transição apropriada para a passagem relativa ao fênix (391-407)<sup>690</sup>, o *transitus* entre as seções é “interrompido” por estes versos onde se menciona a crença (389-90: *sunt qui ... credant*) de que, quando a espinha humana se decompunha, a medula daria origem a uma cobra (cf. Plin. *Nat.* 10.86.188<sup>691</sup>). Digno de nota o *ordo uerborum* no v. 389, onde a espinha se putrefaz dentro do sepulcro fechado: *clauso putrefacta est spina sepulcro*. Ainda, no segundo hemistíquio do v. 390, as medulas humanas (*humanas ... medullas*) cercam a cobra (*angue*), representando a metamorfose descrita no verso.

**391-2:** a seção dedicada ao fênix se estenderá até o v. 407, sendo a mais desenvolvida do catálogo. A primeira menção (grega) ao fênix remonta a Hesíodo (fr. 254 Most), mas a ave é referida também, antes desta passagem de Ovídio, por Heródoto (2.73), Antífanos (fr. 173 K.-A.) e Ezequiel (*Exag.* 254-69)<sup>692</sup>. O relato de Plínio (*Nat.* 10.2.3-5) possui basicamente os mesmos elementos presentes nos versos de Ovídio e se reporta a um senador de nome Manílio, segundo Plínio o primeiro romano a descrever o pássaro. A introdução chama atenção para a principal diferença entre as espécies mencionadas acima (391: *haec*) e esta, de que se falará agora: ao contrário dos outros animais, que têm sua origem em outros seres ou elementos da natureza (391: *ex aliis generis primordia ducunt*), o fênix é, ele mesmo, sua própria origem. O singular *una est ... ales* (391) é literal: cf. *Am.* 2.6.54: *et uiuax phoenix, unica semper auis* — contradizendo, mais uma vez, Lucrécio (2.1077-80: *[h]uc accedit ut in summa res nulla*

<sup>689</sup> Id. *ibid.*

<sup>690</sup> Hardie (*ibid.*), ao contrário, julga que “[l]a generazione degli uccelli, seguita da quella dei serpenti da cadaveri, porta abbastanza naturalmente a una trattazione della fenice (la quale in certe versioni è rigenerata da un verme che emerge dalla pira) [...]”.

<sup>691</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>692</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

*sit una, / unica quae gignatur et unica solaque crescat, / quin alicuiu' siet saeculi permultaque eodem / sint genere*)<sup>693</sup> .

**393-4:** as distinções entre os hábitos do fênix e os das outras aves começam por sua alimentação: no lugar dos corriqueiros grãos (393: *fruge*) e ervas (393: *herbis*), esta ave se alimenta do amomo (planta oriental não identificada que seria matéria-prima de especiarias; aparece associada ao retorno da Idade de Ouro em Verg. *Ecl.* 4.25: *Assyrium uulgo nascetur amomum*<sup>694</sup>) e das “lágrimas do incenso” (394: *turis lacrimis*). Ao leitor das *Metamorfoses*, a expressão pode trazer à mente a narrativa de Mirra, cantada por Orfeu em 10.298-502, que termina com a metamorfose da jovem na árvore homônima, cuja resina é usada como incenso. Corroboram a possibilidade da alusão os últimos versos da narrativa (10.500-2): *flet tamen, et tepidae manant ex arbore guttae. / est honor et lacrimis, stillataque robore murra / nomen erile tenet nulloque tacebitur aeuo*. Notável, no v. 394, a forte assonância em /i/: *sed turis lacrimis et suco uiuit amomo*.

**395-400:** passa-se então à descrição do ciclo de vida da ave: após completar 500 anos (395: *quinque ... saecula*; é o mesmo número de anos indicado por Heródoto, embora divirja da versão de Manílio reportada por Plínio), ela constrói, com as unhas e seu “puro bico” (397: *puro ... ore*), um ninho para si nos ramos de uma azinheira (396: *ilicis in ramis*) ou na copa de uma palmeira (396: *tremulaeue cacumine palmae*). A menção à palmeira contém um jogo com o termo grego para a *palma*, φοῖνιξ, parônimo de *Phoenix*<sup>695</sup>. Os vv. 398-9 enumeram os vegetais aromáticos utilizados pelo fênix para forrar seu ninho: cássia, nardo, canela e mirra (ver o com. aos vv. 393-4, *supra*); depois de havê-los reunido, o fênix ali termina sua vida, entre odores (400: *finitque in odoribus aeuum*). O termo *odoribus* pode fazer referência à existência de uma pira no momento da morte do fênix: *odores* é usado para espécies aromáticas queimadas na pira ou altar sacrificial em 2.626; 4.759; 8.740 e 15.574<sup>696</sup>.

**401-5:** então, dizem (401: *ferunt*; talvez se trate de nota de rodapé alexandrina, indicando uma alusão não identificada, ou sinalizando o caráter fabuloso, portanto inverossímil, da metamorfose), com sua morte, renasce, do corpo paterno (402: *corpore de patrio*), o fênix. Chama atenção a imagem de pai e filho indicada pelo adjetivo *patrio*,

---

<sup>693</sup> Id. *ibid.*

<sup>694</sup> Id. *ibid.*

<sup>695</sup> Id. *ibid.*

<sup>696</sup> Id. *ibid.*

uma vez que *renasci* (402) sugere tratar-se de uma mesma e única ave, sucessivamente morta e renascida. A repetição de “pátrio” (405: *patriumque sepulchrum*), acompanhada da caracterização do fênix como *pius* e da imagem do pássaro carregando o “sepulcro pátrio” até Heliópolis (405-7) evoca, contudo, a imagem do *pius Aeneas* carregando Anquises na fuga de Troia em Verg. *A.* 2.707-8, 723; 4.599<sup>697</sup>. Também a descrição do desenvolvimento do fênix até possuir força suficiente para suportar o fardo (403: *onerique*; 404: *ponderibus*) do ninho, onde estão contidos os restos do “pai”, remete à imagem virgiliana supracitada (*A.* 2.723: *succedoque oneri*), mas também retrabalha a questão da sucessão com que o livro 15 principia (1-2: [*q*]uaeritur interea quis tantae *pondera molis / sustineat*), também uma alusão a Virgílio<sup>698</sup>. Em termos sonoros, chama atenção, no v. 405, a repetição da enclítica *-que*, distribuída no verso de maneira simétrica (*fertque pius | cunasque suas | patriumque sepulchrum*), que se estende à primeira palavra do v. 406 (*perque*).

**406-7:** atravessando as *leues auras* (406), o fênix carrega a antiga morada até Heliópolis, a *Hyperionis urbe* (406), e o devolve ao “templo de Hiperión” (407: *Hyperionis aede*), i.e. o templo do deus-Sol Rá, aqui identificado ao titã Hiperión, que, na tradição greco-romana, é geralmente tido como pai do Sol; já Homero, porém, usa tanto Ὑπερίωνος (*Od.* 1.24) como Ὑπεριονίδαο (*Od.* 12.176) para se referir ao Sol, motivando possivelmente a variação que se observa entre o Sol como filho de Hiperión (e.g. 4.192: *Hyperione nate*) ou como o próprio Hiperión, como aqui<sup>699</sup>. Notável o paralelismo entre os dois versos, metricamente idênticos (DSSD), realçado pela repetição de *Hyperionis* na mesma sede métrica. Também, nas mesmas posições do verso, vemos um “homeoteleuto vertical”<sup>700</sup> entre *leues* (406) e *fores* (407) e *cunasque* (405) *auras* (406) e *sacras* (407), todos ocupando as mesmas sedes métricas. Hardie (2015: *ad loc.*) vê nessa repetição um “effetto di conclusione”.

**408-10:** Pitágoras retoma o catálogo de *mirabilia animalium* com referências à natureza inesperada e *mirabilis* da metamorfose em questão, enquadrando-a com as expressões *mirae nouitatis* (408) e *miremur* (410). Trata-se do fato de as hienas alternarem seu sexo e serem ora fêmeas, ora machos (note-se o quiasmo em *marem est,*

<sup>697</sup> Furneaux (1884-91: *ad loc.*), apud Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>698</sup> Hardie (1997: 194).

<sup>699</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>700</sup> Ver Harrison (no prelo).

*nunc esse marem*, 409). Essa teoria aparece já em Aristóteles (*HA* 6.32.579b), embora seja ali refutada; cf. Plin. *Nat.* 8.44.105, que segue a lição aristotélica<sup>701</sup>. Destaca-se, nestes versos, a identificação do animal (*hyaenam*) apenas na última palavra do v. 410, conferindo à passagem uma formulação próxima de uma adivinha. Ainda, no v. 410, note-se a forte aliteração em /m/: ... *marem est, nunc esse marem miremur hyaenam*.

**411-2:** também aqui o nome do animal de que se trata se mantém em suspense, mas, ao contrário da menção à hiena, aqui ele não será referido, decerto por conta de *chamaeleon* não poder ser inserido em um hexâmetro datílico<sup>702</sup>. Descreve-se o fato de o animal alimentar-se de ventos e brisas (411: *uentis ... nutritur et aura*), a que se deveria sua capacidade de imitar as cores daquilo que toca. A mesma explicação está presente em Aristóteles (*HA* 2.11.503a-b) e Plínio (*Nat.* 8.51.120)<sup>703</sup>, que segue Aristóteles de perto. A menção ao toque (412: *tetigit*) repetir-se-á nos dois exemplos subsequentes (415: *tacto*; 416: *contigit*)<sup>704</sup>, em conjunto com o elemento do ar (411: *uentis ... aura*; 414: *aere*; 416: *auras*).

**413-5:** a terceira maravilha do mundo animal é relativa aos lince: sua urina transformar-se-ia em pedra ao toque do ar, fato mencionado por Plínio (*Nat.* 8.56.137)<sup>705</sup>. Destaque para a construção do v. 413, com dois adjetivos (*uicta racemifero*) ocupando o primeiro hemistíquio e seus substantivos correspondentes (*India Baccho*) ao fim do verso, embora a presença de *lynca* no início do segundo hemistíquio impeça o verso de ser considerado áureo. Para a associação entre Baco e lince — a qual insere o elemento mitológico na passagem paradoxográfica —, cf. *Met.* 3.668; 4.24-5; *Verg. G.* 3.264; *Prop.* 3.17.8<sup>706</sup>.

**416-7:** fechando o catálogo, outra solidificação em contato com o ar, cuja associação com o exemplo anterior é explicitada pela introdução com *sic et* (416): o caso dos corais. Note-se a oposição entre o enrijecimento (*durescit*) e a moleza (*mollis*), enfatizada pela justaposição dos termos, ambos em posição de destaque (antes e depois

---

<sup>701</sup> Id. *ibid.*

<sup>702</sup> Hardie (2015: *ibid.*).

<sup>703</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>704</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>705</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>706</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

da cesura). A origem (mítica) do fenômeno é narrada por Ovídio em 4.735-52, mais uma contraposição entre as perspectivas mítica e “científica”<sup>707</sup>.

**418-20:** na transição entre a longa seção paradoxográfica e o tema da ascensão e queda de cidades e povos, Pitágoras lança mão de uma *praeteritio* tópica da retórica: cf. Cic. *Cael.* 12.29: [*d*]ies iam me deficiat, si quae dici in eam sententiam possunt coner expromere; Verg. 2.4.59: *dies me citius defecerit quam nomina*; a elocução épica da perífrase para o acabar-se do dia, porém, remete à utilização do *topos* na poesia: cf. Hom. *Od.* 11.328-30: πάσας δ' οὐκ ἄν ἐγὼ μυθήσομαι οὐδ' ὀνομήνω, / ... / πρὶν γὰρ κεν καὶ νῦξ φθῖτ' ἄμβροτος; Verg. *A.* 1.372-4: [*o*] *dea, si prima repetens ab origine pergam / et uacet annalis nostrorum audire laborum, / ante diem clauso componet Vesper Olympo*<sup>708</sup>; Tr. 2.407: *tempore deficiat, tragicos si persequar ignes*<sup>709</sup>. Para o artifício enquanto recurso para uma transição na narrativa, cf. Verg. *A.* 11.913-4 (especialmente próximo dos vv. 418-9): *ni roseus fessos iam gurgite Phoebus Hiberno / tingat equos*<sup>710</sup>. É significativo que os versos introduzam uma passagem onde se nota uma elevação elocutiva relativamente à seção anterior.

**420-2:** agora, no lugar da transformação de animais ou do tempo enquanto fenômeno astronômico, sazonal ou biológico, é a mutabilidade do tempo *histórico* (420: *tempora uerti*; cf. 1.4: *ad mea ... tempora*)<sup>711</sup>, associado à ascensão e queda dos povos (421: *gentes*), que ocupará o filósofo até o v. 452.

**422-5:** o primeiro exemplo é, de todos, o mais célebre na perspectiva do *epos* guerreiro: Troia (nomeada apenas no v. 424), antes suficientemente grande em riquezas materiais (422: *censuque*) e homens (422: *uirisque*) para sustentar dez anos de guerra (referida pela metáfora *tantum ... sanguinis*, 423), agora humilde (424: *humilis*), reduzida a ruínas e os túmulos de seus antepassados (425: *tumulos ... auorum*). Para *census* no sentido da riqueza de uma nação (*OLD* s.v. *census*, acepção 2b), cf. Man. 4.693: *Gallia per census, Hispania maxima bellis*<sup>712</sup>. Além da primazia de Troia enquanto local épico

<sup>707</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>708</sup> Com Austin (1971: *ad loc.*).

<sup>709</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>710</sup> Id. *ibid.*

<sup>711</sup> Id. *ibid.*

<sup>712</sup> Id. *ibid.*

por excelência, sua posição encabeçando esta seção é também apropriada do ponto de vista da identidade de Pitágoras como Euforbo, guerreiro troiano.

**426-30:** os versos são considerados espúrios por muitos estudiosos, mas, em grande parte, não por questões linguísticas ou estilísticas, e sim por seu anacronismo<sup>713</sup>: tanto à época de Pitágoras como de Numa, as cidades mencionadas (Esparta, Micenas, Atenas e Tebas) não eram, ao contrário de Troia, ruínas, como se afirma na passagem. Porém, diante da numerosa coleção de anacronismos observada ao longo do discurso, a começar por seu endereçamento a Numa, esse argumento não parece suficiente para colocar em dúvida o trecho: a aparente inconsistência pode ser indicativa de um deslocamento temporal da época de Pitágoras (ou Numa) para o presente augustano de Ovídio, como talvez sugiram os *nunc* dos versos 424 e 431<sup>714</sup>, ou, ainda, servir para desestabilizar a verossimilhança histórica do discurso como um todo. A passagem é extremamente estilizada: no v. 426, observa-se a correspondência entre os dois hemistíquios, seguindo o esquema adjetivo (*clara, magnae*) - verbo (*fuit, uiguere*) - nome da cidade (*Sparte, Mycenae*). Sobre Micenas, sua queda é, em Verg. *A.* 1.283-5 (*ueniet lustris labentibus aetas / cum domus Assaraci Phthiam clarasque Mycenae / seruitio premet ac uictis dominabitur Argis*<sup>715</sup>; 6.838-40: *eruet ille Argos Agamemnoniasque Mycenae / ipsumque Aeaciden, genus armipotentis Achilli / ultus auos Troiae templa et temerata Mineruae*<sup>716</sup>), parte do processo de (re)nascimento de Roma a partir das ruínas de Troia, além de constituir um *topos* do epigrama grego (*Anth. Pal.* 9.101.1-4)<sup>717</sup>. O v. 427 repete em parte a simetria observada no verso anterior, com *nec non* iniciando ambos os hemistíquios, seguidos dos genitivos *Cecropis* e *Amphionis*, ambos ligados a *arces*, em fim de verso, configurando perífrases para Atenas e Tebas, respectivamente. Tebas aparece, ao lado de Troia, em Prop. 2.8.7-10, passagem iniciada por *omnia uertuntur*, onde se compara a mudança na fortuna de *duces, tyranni* e cidades às alternâncias do amor<sup>718</sup>. Se dois versos (426-7) descrevem o esplendor passado dessas quatro cidades, três (428-30) tratarão de sua decadência. O v. 428, descrevendo a metamorfose sofrida por Esparta e Micenas, não por acaso apresenta paralelismo com o v. 426, incluindo o mesmo andamento métrico e a mesma sede métrica nos nomes de ambas as cidades. No

<sup>713</sup> Miller (1994: 482 n. 16). Ver Solodow (1988: 243 n. 37) para uma discussão do problema textual.

<sup>714</sup> Jouteur (2001: 226).

<sup>715</sup> Com Austin (1971: *ad loc.*).

<sup>716</sup> Com Horsfall (2013: *ad loc.*).

<sup>717</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>718</sup> Id. *ibid.*

lugar, porém, de *clara fuit Sparte* (426), temos, no primeiro hemistíquio, *uile solum Sparte est*; da mesma forma, se *magnae uiguerere Mycenae* (426), agora *altae cecidere Mycenae*. Os vv. 429-30 também possuem notável simetria: em ambos, o adjetivo se encontra imediatamente antes da cesura (no caso do v. 429, a palavra *Oedipodioniae* ocupa o hemistíquio inteiro) e o substantivo correspondente (*Thebae* e *Athenae*) está em fim de verso, com uma colocação quiástica de adjetivo - *quid* (*Oedipodioniae quid*) - *quid* - adjetivo (*quid Pandionae*); note-se ainda a repetição com poliptoto de *nisi nomina* (429) e *nisi nomen* (430) (cf., sobre o processo inverso, Verg. *A.* 6.773-6, esp. 776: *haec tum nomina erunt, nunc sunt sine nomine terrae*<sup>719</sup>).

**431-3:** depois de elencar a ascensão e queda de quatro cidades gregas, Pitágoras relata “rumores” (431: *fama est*) do crescimento de Roma. O adjetivo *Dardanium*, qualificando *Romam* (ambos os termos em posição de destaque no verso 431, aquele logo antes da cesura, este, ao fim do verso), implica na compreensão de Roma como uma “nova Troia”. *Appenninigenae* (432), adjetivo que, como no v. 429, ocupa todo o primeiro hemistíquio do verso, é um neologismo ovidiano (cf. Verg. *A.* 11.700, *Appenninicolae*)<sup>720</sup>. O v. 433 (*mole sub ingenti rerum fundamina ponit*) alude mais uma vez (cf. 1-2, *supra*) a Verg. *A.* 1.33, aqui em contexto ainda mais semelhante ao do modelo<sup>721</sup>.

**434-5:** a formulação do crescimento de Roma como *haec igitur formam crescendo mutat* (434), além de retomar a doutrina do eterno fluxo, alude também às *mutatas ... formas* de 1.1. Ao contrário das outras cidades mencionadas, projeta-se apenas sua ascensão e hegemonia (434-5: *olim / immensi caput orbis erit*); contudo, como amiúde é apontado<sup>722</sup>, o contexto da passagem pode sugerir que Ovídio deixa subentendida a inevitável decadência, ainda que longínqua, de Roma, sequência “natural” do clímax da história romana, identificado, na fala de Heleno, *infra* (447-9), ao governo de Augusto. Para Roma como *caput orbis*, cf. *Am.* 1.15.26 (*Roma triumphati dum caput orbis erit*)<sup>723</sup> e *Fast.* 5.93 (*hic, ubi nunc Roma est, orbis caput*)<sup>724</sup>.

**435-8:** as notas de rodapé alexandrinas *dicere* (435), *ferunt*, (436) e *dixerat* (437), somando-se a *fama est*, poucos versos acima (431) introduzem a profecia de Heleno (439-

<sup>719</sup> Id. *ibid.*

<sup>720</sup> Id. *ibid.*

<sup>721</sup> Jouteur (2001: 277).

<sup>722</sup> E.g. Miller (1994: 486); Jouteur (2001: 226-7).

<sup>723</sup> Com McKeown (1989: *ad loc.*).

<sup>724</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

49) sinalizando a densidade alusiva da passagem, cujos modelos primordiais são Hom. *Il.* 20.293-308 e, especialmente, Verg. *A.* 3.374-462, onde o Heleno virgiliano faz sua profecia a respeito da chegada de Eneias e seus companheiros no Lácio<sup>725</sup>. Para Segal (2001: 82), o uso de *ferunt* (436) anula a autoridade de Pitágoras. A mesma interpretação pode ser encontrada em Jouteur (2001: 226), que vê tanto em *ferunt* como *fama est* (431) o sentido adicional de conferir um teor de “rumor pouco sério” ao que está sendo dito, conforme observou-se sobre a ocorrência de *fama est* (353) relativamente aos vv. 356-60, na descrição dos fantásticos (e pouco verossímeis) rituais dos homens de Palene e das mulheres citas. Acresce que a alusão é enquadrada pela presença de *recordor* (436) e *mente memor refero* (451), que, aqui, assim como no v. 160 (*nam meminī*), acaba por ter o sentido inverso de chamar atenção para uma “falha” na memória poética de Pitágoras<sup>726</sup>: alterando o enquadramento temporal da profecia em Virgílio, Pitágoras afirma ter ouvido a profecia *cum res Troiana labaret* (437), ou seja, muito antes do encontro de Eneias e Heleno em Butroto na versão virgiliana, que o próprio Ovídio, em 13.721-3, segue, e depois da morte de Euforbo na *Ilíada*, a qual ocorre consideravelmente antes da queda de Troia — evento a que a expressão *cum res Troiana labaret*, associada ao estado emocional de Eneias quando deste seu encontro com Heleno (438: *fletī dubioque salutis*) e a sua caracterização como *penatigero* (450)<sup>727</sup>, parece aludir.

**439-40:** a alusão a Virgílio é evidenciada já no primeiro verso da fala de Heleno (439): o vocativo *nate dea* repete as primeiras palavras de *A.* 3.374. O restante do verso e a continuação da oração, com *enjembement*, no v. 440 (*si nota satis praesagia nostrae / mentis habes*) faz referência não só à memória de Eneias, que conheceria os presságios por tê-los ouvido na *Eneida*, mas também à memória do leitor pretendido por Ovídio, assim como ele familiarizado com a poesia virgiliana<sup>728</sup>. O valor condicional da oração, introduzida por *si*, ao lado do termo *praesagia*, associado a um *uates* (435) sugere um paralelo com a parentética no último verso do poema, *si quid habent ueri uatum praesagia*

<sup>725</sup> Miller (1994: 483).

<sup>726</sup> Minha leitura dos vv. 434-52 se baseia fundamentalmente em Miller (ibid, esp. 482-5), com uma única divergência: embora Miller interprete a mudança no local do ferimento fatal de Euforbo como “deslize” na memória de Pitágoras, no caso do deslocamento temporal da profecia em relação ao modelo virgiliano, ele parece identificar apenas uma *uariatio*. Parece-me, contudo, que os dois passos, pelo que têm em comum, devem ser tomados em conjunto, de forma que a interpretação do primeiro não só se estenda ao segundo, mas corrobore a interpretação do primeiro passo e reforce a leitura de ambas as passagens como “lapsos” na memória de Pitágoras.

<sup>727</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>728</sup> Miller (1994: 484).

(879), que também se relaciona com uma profecia, a da imortalização de Ovídio<sup>729</sup>. Reforça-se ainda o motivo do renascimento de Troia em Roma (440: *non tota cadet te sospite Troia*), sugerido *supra* com o uso de *Dardanium* (431). A formulação é uma resposta à profecia de Calcante em 12.20 (*Troia cadet*; cf. 13.404: *Troia simul Priamusque cadunt*) e alude à fala de Evandro a Eneias em Verg. *A.* 8.470-1 (*maxime Teucrorum ductor, quo sospite numquam / res equidem Troiae uictas aut regna fatebor*)<sup>730</sup>.

**441-3:** chama (*flamma*) e ferro (*ferrumque*) abrirão caminho a Eneias (*tibi ... dabunt ... iter*) (441). Os dois elementos, comumente associados para exprimir perigo extremo<sup>731</sup>, aqui evocam o incêndio que tomou Troia e a presença de guerreiros gregos, munidos de espadas e outras armas a que a metonímia “ferro” se refere; são, portanto, bastante comuns na descrição da fuga de Eneias: *Fast.* 4.799-800; *Pont.* 1.1.34; Verg. *A.* 2.633<sup>732</sup> e, no próprio livro 15, nos vv. 861-2 (*[d]i ... Aeneae comites, quibus ensis et ignis / cesserunt*) e, significativamente, justapostos no rol de perigos a que a obra de Ovídio é imune em 871-2 (*nec ignis / nec poterit ferrum ... abolere ...*). Nos vv. 441-2, note-se o jogo com a etimologia de *ferrum* do verbo *fero*: *flama tibi ferrumque dabunt iter; ibis et una / Pergama rapta feres...*<sup>733</sup> Ainda no v. 441, há também alusão à etimologia que deriva *iter* do verbo *eo*: *iter ibis*, desatacada pela justaposição dos termos<sup>734</sup>. *Pergama* (442: *Pergama rapta feres*) parece ser uma metonímia para designar os Penates troianos (cf. *Fast.* 4.251; Verg. *A.* 1.68, 378; Tib. 2.5.20)<sup>735</sup>. Significativa a justaposição de *Troiaequetibique*, indicando a indissociabilidade entre Eneias e Troia<sup>736</sup>, os quais chegarão a um “campo estrangeiro”, mas mais amigável que a pátria (443: *externum patrio contingat amicius aruum*; note-se que o “campo estrangeiro” contém em si o “campo pátrio”, mimetizando a ideia de Roma como “Troia renascida”). Destaca-se a omissão de Heleno relativamente à guerra que Eneias deverá vencer nesse *externum aruum*, profetizada pelo Heleno virgiliano (*A.* 3.458-60) e narrada na segunda metade da *Eneida*.

<sup>729</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>730</sup> Id. *ibid.*

<sup>731</sup> Id. *ibid.* *ad Met.* 13.91-4.

<sup>732</sup> Id. *ibid.* *ad loc.*

<sup>733</sup> Ver Michalopoulos (2001: 80).

<sup>734</sup> Id. *ibid.*: 101.

<sup>735</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>736</sup> Id. *ibid.*

**444-5:** do v. 444 em diante, o Heleno ovidiano expande o horizonte temporal da profecia presente na *Eneida*<sup>737</sup>: embora a previsão do adivinho seja proferida *antes* da de Virgílio, ela, ao contrário de seu modelo, não se limita à chegada de Eneias no Lácio, mas prevê a fundação de Roma por seus descendentes (444: *Phrygios ... nepotes*) e sua proeminência futura (445: *quanta nec est nec erit nec uisa prioribus annis*). O verbo *cerno* (444) é convencional no contexto de uma visão profética (cf. Verg. *A.* 6.87; 7.68; Sen. *Ag.* 730), assim como *debeo* (444: *debere*) aparece frequentemente na *Eneida* associado a algo devido ao destino (e.g. *A.* 4.276; 7.145)<sup>738</sup>. No v. 445, a menção ao presente (*est*), futuro (*erit*) e passado (*uisa*) indica a dimensão absoluta da grandeza de Roma; a mesma sequência temporal aparece em Hom. *Il.* 1.70 para indicar a onisciência temporal de Calcante<sup>739</sup>.

**446-9:** outros notáveis (446: *alii procures*) farão de Roma uma potência, mas é um “filho do sangue de Iulo” (447: *de sanguine natus Iuli*) que a tornará *dominam rerum* (447; cf. a profecia de Júpiter sobre a hegemonia romana em Verg. *A.* 1.282: *Romanos, rerum dominos*; significativo que, ao contrário do tratamento ovidiano, no v. 1.278-9 menciona-se a perenidade do poder de Roma: *his ego nec metas rerum nec tempora pono: / imperium sine fine dedi*<sup>740</sup>). Quanto à potencial ambiguidade entre César e Augusto na expressão *de sanguine natus Iuli*, possivelmente um comentário de Ovídio a respeito da ambiguidade presente em Verg. *A.* 1.286-8 (*nascetur pulchra Troianus origine Caesar, / ... / Iulius, a magno demissum nomen Iulo*)<sup>741</sup>, uma série de elementos no passo das *Met.* parecem deixar poucas dúvidas quanto a sua identificação com Augusto: a ele é atribuído o domínio mundial (830-1); sua superioridade em relação a César é ressaltada (850-60); por fim, não parece casual a presença de *aetheriae sedes* (449) na mesma sede métrica no v. 839, que descreve, justamente, a apoteose de Augusto<sup>742</sup>, também profetizada nos vv. 448-9 (*quo cum tellus erit usa, fruentur / aetheriae sedes, caelumque erit exitus illi*; cf. *A.* 3.462, também o verso final da profecia de Heleno: *uade age et ingentem factis fer ad aethera Troiam*<sup>743</sup>). Note-se a justaposição de *usa* e *fruentur* (448), sugerindo a noção de

<sup>737</sup> Miller (1994: 484-5).

<sup>738</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>739</sup> Id. *ibid.*

<sup>740</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>741</sup> Hardie (2015: *ad loc.*). A esse respeito, ver Austin (1971: *ad loc.*) e Harrison (1996).

<sup>742</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>743</sup> Miller (1994: 485).

“usufruto” (*OLD* s.v. *usus*, acepção 4b), exemplo do uso ovidiano da terminologia legal<sup>744</sup>.

**450-2:** no v. 450, um hexâmetro espondaico, note-se a cesura trocaica no terceiro pé, o hiato antes do nome próprio grego e o acento métrico de *Aeneae* na segunda sílaba, helenismos que, em conjunto, conferem ao verso um estilo marcadamente grego<sup>745</sup>. Sobre a caracterização de Eneias com o hápax *penatigero*, i.e., “portador dos Penates”, ver o com. aos vv. 435-8, *supra*. No primeiro hemistíquio do v. 452, Pitágoras faz novamente referência à sua prodigiosa memória (neste caso, relativa à sua encarnação como Euforbo): *mente memor refero* (note-se o par aliterativo), expressão que alude à etimologia de *mens* a partir de *memini*, verbo do qual *memor*, por sua vez, derivaria; a referência é destacada pela colocação dos termos em início de verso e por sua justaposição<sup>746</sup>. A expressão, que também ocorre em *Rem.* 674, é uma variação da mais usual *memori mente*<sup>747</sup> (cf. 7.521; Cic. *Planc.* 33.80; Lucr. 3.859; Hor. *S.* 2.6.31; Man. 2.842). A seção termina com a alegria (451: *laetor*) de Pitágoras em saber no nascimento e crescimento dessas “muralhas aparentadas” (451: *cognataque moenia*; cf. Verg. *A.* 3.502: *cognatas urbes*<sup>748</sup>) de forma a haver um proveito (*utiliter*) na vitória dos gregos (*Pelasgos*) sobre os troianos (*Phrygibus*) (452).

**453-4:** a transição entre a previsão da hegemonia romana sob Augusto, com sua consequente apoteose, e o passo final do discurso, que retorna ao tema do vegetarianismo, se dá de forma sugestiva: nos vv. 453-4, Pitágoras caracteriza os vv. 431-52 como uma digressão, um afastamento da meta (453: *metam*), a qual ele imediatamente retornará (455-78). Particularmente notável é a comparação com cavalos *esquecidos* (453-4: *oblitis ... equis*, com forte hipérbato), haja vista a ênfase do filósofo em sua memória (e.g. *mente memor refero*, dois versos antes)<sup>749</sup>. A metáfora da meta também é usual, ocorrendo em *Am.* 3.15.2 e *Ars.* 1.20; 2.426 relativamente aos limites poéticos de Ovídio, e em Prop. 4.1.70, como aqui, significando propriamente o *objetivo* do discurso<sup>750</sup>. A caracterização de uma seção evidentemente sublime como 431-52 como digressão e desvio da meta pode

<sup>744</sup> Hardie (2015: *ad loc.*). Sobre a apropriação ovidiano da linguagem legal, ver Kenney (1969).

<sup>745</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>746</sup> Ver Michalopoulos (2001: 119).

<sup>747</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>748</sup> Id. *ibid.*

<sup>749</sup> Miller (1994: 487).

<sup>750</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

imprimir-lhe, retrospectivamente, um caráter irônico<sup>751</sup>, reforçado pelo rebaixamento elocutivo do passo final do discurso, de matéria alimentar, ainda que pela perspectiva didático-filosófica. Por outro lado, em uma dimensão metapoética, os versos podem também ser lidos na chave da rivalidade poética: o que é, na *Eneida*, o *telos* do poema, i.e., o renascimento de Troia como Roma, nas *Metamorfoses* é apenas uma digressão<sup>752</sup>.

**444-5:** retoma-se o princípio do eterno fluxo: o céu, a terra e tudo o que há entre eles muda de forma. A expressão *immutat formas* (455) lembra, novamente, o proêmio das *Metamorfoses*, (cf. 434: *formam ... mutat*), referência reforçada ainda pela presença de *corpora* nos vv. 456 e 459, nesta última ocorrência em início de verso (ver o com. aos vv. 75-6). Notável o paralelismo entre os segundos hemistíquios destes versos: *caelum et quodcumque sub illo est / ... tellusque et quidquid in ulla est*, com destaque para a ocorrência de monossílabos em fins de versos sucessivos.

**456-8:** *nos quoque, pars mundi* (456) abre uma oração cujo verbo principal virá apenas no v. 461 (*sinamus*); segue, do segundo hemistíquio deste verso ao fim do v. 458, uma oração subordinada causal que retoma a doutrina da metempsicose (cf. vv. 156-9, 165-72): não somos somente um corpo (456: *non corpora solum*), mas também “volantes almas” (457: *uolucres animae*), que podem passar a “peitos bovinos” (458: *pecudumque in pectora condi*; cf. 88: *in uiscere uiscera condi*<sup>753</sup>).

**459-62:** começa a exortação: deixemos os corpos, que têm em si almas de algum parente, alguém próximo a nós ou, ao menos, certamente de um humano, protegidos e dignos (461: *tuta ... et honesta*), e não “recheemos as vísceras” (462: *cumulemus uiscera*) em mesas como as de Tiestes — a equivalência entre comer animais e comer humanos não poderia ficar mais clara. A alusão mitológica remete novamente o leitor ao banquete organizado por Licáon em 1.226-9.

**463-9:** o *pathos* se intensifica, marcado já pela anáfora de *quam* (463). Nos vv. 463-5 é retomada a noção presente nos vv. 103-10 (esp. 106-7: *primoque e caede ferarum / incaluisse potest maculatum sanguine ferrum*): matar animais acostumaria o ser humano a matar outros humanos. A imagem dos ouvidos insensíveis aos mugidos (465: *immotas praebet mugitibus aures*) recupera, invertendo-a, a também patética cena da vaca que

<sup>751</sup> Miller (1994: 486-7).

<sup>752</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>753</sup> Id. *ibid.*

ouve, ignorante, a voz do suplicante logo antes do sacrifício (131). Ainda mais comovente é, nos vv. 466-7, a comparação entre os vagidos do cabrito e o choro de uma criança — *uagitus* é utilizado tanto para o som de um jovem animal como de um bebê (*OLD* s.v. *uagitus*; e.g. 10.513: *uagitque puer*<sup>754</sup>). A expressão *quantum est, quod desit* (468) ocorre também em 9.561, no contexto do amor incestuoso de Bíblis e Cauno<sup>755</sup>. As três interrogativas (468-9), de valor retórico, concluem a passagem em tom inflamado.

**470-2:** Pitágoras segue elencando três animais domesticados pelo homem e exortando a que eles não sirvam de alimento. A sequência de boi, ovelha e cabra forma um anel com os vv. 114-26, onde os mesmos animais são mencionados em ordem inversa<sup>756</sup>. A expressão *bos aret*, encabeçando o v. 470, ocorre, na mesma sede métrica, em *Fast.* 4.414<sup>757</sup> — embora o restante do verso divirja dos preceitos pitagóricos: *ignauam sacrificare suem*, em oposição à morte natural do animal proposta aqui. O *horriferum ... Borean* (471) também é assim referido em 1.65<sup>758</sup>; aqui, é contra ele que as ovelhas fornecem as “armas” — *arma ministret/at*, expressão cuja única ocorrência alhures é em Verg. *A.* 1.150, em um símile que envolve ventos e uma tempestade<sup>759</sup>. Quanto às *saturae ... capellae* (472), a mesma formulação, na mesma sede métrica, fecha as *Bucólicas* de Virgílio (10.77)<sup>760</sup>.

**473-6:** na sequência, são dados outros três exemplos de animais que devem ser poupados, estes, ao contrário do boi, da ovelha e das cabras, selvagens, e abarcando o céu (474: *uolucrum*), a terra (475: *ceruos*) e as águas (os peixes, subentendidos na censura ao uso de anzóis no v. 476). Replicando o modelo da passagem anterior, também esta seção forma um anel com os vv. 99-101, que repetem a sequência ar - terra - águas, com a substituição dos cervos pela lebre (100: *lepus*). O tom exortativo é visível na sequência de quatro imperativos: *tollite* (474), *nec ... fallite*, (474), *nec ... includite* (475) *nec celate* (476) — note-se a repetição de *nec*, em anáfora. *uiscata fallite uirga* (474) parece aludir a Verg. *G.* 1.139, *fallere uisco*, em contexto sugestivo: o fim da Idade de Ouro<sup>761</sup>. A expressão *formidatis ... pennis* (475) é uma perífrase para *formido*, “a rope strung with

---

<sup>754</sup> Id. *ibid.*

<sup>755</sup> Id. *ibid.*

<sup>756</sup> Id. *ibid.*

<sup>757</sup> Id. *ibid.*

<sup>758</sup> Id. *ibid.*

<sup>759</sup> Id. *ibid.*

<sup>760</sup> Id. *ibid.*

<sup>761</sup> Id. *ibid.*

feathers used by hunters to scare game” (*OLD*, s.v. *formido*, acepção 2b), também associada a cervos em *Fast.* 5.173-4 (*pavidos formidine ceruos / terret*)<sup>762</sup>. Para o v. 476, cf. 101: *nec sua credulitas piscem suspenderit hamo*; 13.934: *aut sua credulitas in aduncos egerat hamos*.

**477-8**: nos dois últimos versos do discurso, intensifica-se o movimento de retomada de sua seção inicial: a concessão a que animais nocivos sejam mortos, mas apenas mortos (477: *perdite si qua nocent, uerum haec quoque perdite tantum*) reformula a ideia expressa em 109-10. Por fim, Pitágoras conclui que a boca deve ficar livre de sangue (478: *ora cruore uacent*; cf. 98, *nec polluit ora cruore*) e acolher apenas alimentos “brandos” (478: *alimentaque mitia*; cf. 81, *alimentaque mitia*)<sup>763</sup>.

#### 5.4. O reinado de Numa (479-87)

**479-81**: ao fim do longo discurso de Pitágoras, voltamos à narrativa-moldura de Numa. Destaca-se a ambiguidade com que Ovídio novamente (cf. 60: [*u*]ir fuit hic...) aborda o contato entre Numa e Pitágoras, sem nenhuma menção que indique um encontro físico entre ambos: o verbo *ferunt* (480), além de possivelmente sinalizar uma alusão, distancia o narrador externo da historicidade desse encontro<sup>764</sup>. Ademais, Numa não é instruído (479: *instructum*) por Pitágoras em si, mas sim por “tais palavras” (479: *talibus ... dictis*; cf. 73-4: *talibus ... / ... uerbis*); finalmente, não são apenas os ensinamentos pitagóricos que irão influenciar o futuro rei de Roma — ele é instruído por “tais e outras palavras” (*talibus atque aliis ... dictis*; a expressão se repete nas *Met.*: cf. 7.661; 13.228, 765<sup>765</sup>). Todas essas ressalvas, possivelmente motivadas pela impossibilidade cronológica da lenda do encontro entre rei e filósofo, não minoram, contudo, seu anacronismo, uma vez que, sendo Numa anterior a Pitágoras (e à fundação de Crotona; ver o com. aos vv. 9-11), não só uma reunião física entre ambos seria impossível, mas também qualquer contato de Numa com a doutrina pitagórica. A expressão *ultraque petitem* (480) faz referência às duas partes que compunham a maioria da população de Roma — os primeiros habitantes da cidade, trazidos por Rômulo, e os sabinos,

---

<sup>762</sup> Id. *ibid.*

<sup>763</sup> Id. *ibid.*

<sup>764</sup> Id. *ibid.*

<sup>765</sup> Buchheit (1993: 97).

posteriormente incorporados (cf. Plu. *Num.* 3.1-2; D.H. 2.68.1; Liv. 1.18.5-6). Para a metáfora dos “freios do poder” (481: *accepisse Numam populi Latialis habenas*), cf. *Pont.* 2.5.75; *Lucr.* 2.1095-6; *Cic. Rep.* 1.9; *Verg. A.* 7.600<sup>766</sup>.

**482-4:** o verso 482 faz referência à tradição da relação amorosa entre Numa e a ninfa Egéria (nomeada apenas no v. 547), mencionada já por Ênio (*Ann.* 113 Sk.) e seguida por Ovídio também nos *Fastos* (3.273-80) e nos *Amores* (2.17.18), além de possuir grande fortuna na prosa historiográfica (e.g. Liv. 1.19.5; Plu. *Num.* 4.2, 8.6; D. H. 2.60.5)<sup>767</sup>, embora, entre os historiógrafos, a relação seja apontada sempre como fabulosa e fictícia — mais uma vez, a escolha de Ovídio recai sobre o mítico, em detrimento do histórico. Note-se a glosa etimológica em *coniuge ... nympa* (482): *nympa* derivaria do grego νύμφη, “esposa”<sup>768</sup>. No segundo hemistíquio do v. 482, outro elemento da esfera divina é associado a Numa: com *ducibusque Camenis* (as quais aparecem ao lado de Egéria, em passagem relativa a Numa, também em *Fast.* 3.275), Ovídio indica a também tradicional relação do rei com as “Musas romanas” (cf. Liv. 1.21.3; Plu. *Num.* 8.6; D. H. 2.60.5); ainda, a associação das Camenas com a poesia coloca em relevo o papel desta como agente civilizador<sup>769</sup>. A expressão *ducibusque Camenis* também atenua o notável contraste entre os preceitos com que Pitágoras “instrui o peito” de Numa (479) e a prática que o rei ensinou (483: *docuit*) a seu povo: os *sacrificos ... ritus* (483). Decerto, não só o adjetivo *sacrificus* pode significar simplesmente “sagrado” (*OLD* s.v. *sacrificus* acepção 1) como também sacrifícios não são, necessariamente, sacrifícios animais: em Plutarco (*Num.* 8.8), por exemplo, consta que os sacrifícios instituídos por Numa estavam em total acordo com os preceitos pitagóricos, envolvendo somente farinha, bebidas e oferendas simples. Também em *Fast.* 1.335-48 Ovídio faz referência a sacrifícios sem sangue nos primórdios de Roma, e os associa justamente aos sabinos: *ara dabat fumos herbis contenta Sabinis* (343); contudo, em 3.300 e 4.652, 671-2, Numa é descrito realizando sacrifícios animais. Em suma, a menção, sem mais qualificações, aos *sacrificos ... ritus* instituídos por Numa poucos versos após a peroração inflamada de Pitágoras não parece casual, e pode remeter o leitor à caracterização da *ora* pitagórica como *non et credita* (74)<sup>770</sup>, o que implicaria na erosão da pretensão didática do discurso de Pitágoras<sup>771</sup>. Para

<sup>766</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>767</sup> Ver Skutsch (1985: *ad Ann.* 113) para a fortuna da ninfa na prosa e poesia latinas.

<sup>768</sup> Ver Michalopoulos (2001: 133).

<sup>769</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>770</sup> Feeney (2021: 224).

<sup>771</sup> Barchiesi (2001: 64-5).

fontes antigas sobre Numa como autor das principais instituições romanas e pacificador do povo antes belicoso (483-4: *gentemque feroci / adsuetam bello pacis traduxit ad artes*; cf. *Fast.* 3.277-84<sup>772</sup>), ver o com. aos vv. 1-11. Note-se, no v. 484, a oposição entre guerra (*bello*) e paz (*pacis*), destacada pela colocação dos termos antes e depois da cesura, respectivamente<sup>773</sup>.

**485-7:** em apenas dois versos e meio (485-7), os 43 anos tradicionalmente atribuídos ao reinado de Numa são resumidos à narrativa do fim de sua vida, equiparada, no segundo hemistíquio do verso 485, a seu reinado: *regnumque aeuumque peregit*, com homeoteleuto. Quando morto (486: *exstinctum*), Numa é pranteado (487: *defleuere*) por toda a população romana: as jovens (*Latiaeque nurus*), o povo e os senadores (*populusque patresque*, i.e. *senatus populusque Romanus*; note-se a aliteração em /p/ e o polissíndeto); a formulação remete a Verg. *A.* 4.682: *exstincti te meque, soror, populumque patresque*<sup>774</sup>. Destaca-se o paralelismo entre a sede métrica de *Numam* nos versos 487 e 481: em ambos os casos o nome do rei, no caso acusativo, é colocado logo antes da cesura e precedido de um verbo: *accepisse* (481) e *defleuere* (487).

## 5.5. Egéria e Hipólito/Vírbio (487-551)

### 5.5.1. O luto de Egéria (487-90)

**487-90:** a conjunção *nam* (que sinaliza a transição para uma manifestação de luto excepcional também em 2.329 e 6.271<sup>775</sup>), abrindo o segundo hemistíquio do v. 487, introduz o início do episódio devotado a Egéria, que espelha a metamorfose de Hersília, esposa enlutada de Rômulo, na *Hora Quirini* (14.829-51), e repete também a imagem da ninfa enlutada a dissolver-se em lamentações presente no episódio de Canente (14.416-34)<sup>776</sup>. Após a morte do esposo, Egéria deixa Roma (487: *urbe relictā*) e se esconde no bosque de Diana Nemorense no vale de Arícia (488: *uallis Aricinae*; cf. *Fast.* 3.263<sup>777</sup>). O refúgio em um bosque como expressão de dor é um *topos* da poesia erótica

<sup>772</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>773</sup> Id. *ibid.*

<sup>774</sup> Id. *ibid.*

<sup>775</sup> Id. *ibid.*

<sup>776</sup> Id. *ibid.*

<sup>777</sup> Id. *ibid.*

helenística<sup>778</sup>, desenvolvido em Verg. *Ecl.* 10. O fato de Egéria ser cultuada em dois locais — em uma fonte dedicada também às Camenas, do lado de fora da porta Capena, e no supracitado bosque consagrado a Diana —, permite a Ovídio a passagem de Roma para a Arícia, necessária para a inserção da narrativa de Hipólito/Vírbio<sup>779</sup>. Destaca-se a construção do segundo hemistíquio do v. 488, onde as *densis ... siluis* circundam a ninfa, que se abriga (*latet*), escondida (*abdita*): *densis latet abdita siluis*. O verbo *latet*, colocado dois versos abaixo do adjetivo *Latiaequae* (486) (e sete abaixo de *Latialis*, 481), indica a etimologia de *Latium* presente em Verg. *A.* 8.319-23 — parte do mesmo trecho, a narrativa de Evando a Eneias, a que Ovídio alude também no início do livro (ver o com. aos vv. 7-18, esp. 12-18, *supra*): *primus ab aethereo uenit Saturnus Olympo / arma Iouis fugiens et regnis exsul adeptis. / is genus indocile ac dispersum montibus altis / composuit legesque dedit, Latiumque uocari / maluit, his quoniam latuisset tutus in oris*<sup>780</sup>; além do jogo etimológico, vale notar o paralelismo entre o *genus indocile* (8.321) e a *gentemque feroci / adsuetam bello* (483-4), sugerindo aqui um paralelo entre Saturno e Numa. Com seus gemidos e queixumes, Egéria perturba o culto (489: *sacra*) de Diana, qualificada aqui de *Oresteae* — alude-se à narrativa do furto da estátua de Diana de Táuris por Orestes, com a ajuda da irmã, Ifigênia, sacerdotisa da deusa, narrada na tragédia eurípideana *Ifigênia em Táuris*, preparando o leitor para outra alusão a Eurípides, esta mais desenvolvida, no episódio de Hipólito/Vírbio.

### 5.5.2. Hipólito/Vírbio (490-546)

**490-2:** ocorre aqui a transição para a narrativa interna de Hipólito/Vírbio. O narrador se lamenta (490: *a!*) e relata a insistência (490: *quotiens*) das ninfas dos bosques e lagos no sentido de admoestar (491: *monuere*) Egéria a cessar seus lamentos, i.e., a perturbação ao culto de Diana, bem como a insistência (492: *quotiens*) do *Theseius heros* (492) em tentar consolá-la. A fala de Hipólito, que abrange os vv. 493-546, é modelada principalmente no discurso do mensageiro em *Hipólito* (1173-1254)<sup>781</sup>, embora aluda também, especialmente em seu início, à etiologia da proibição da entrada de cavalos na

<sup>778</sup> Clausen (1994 *ad Ecl.* 2.3).

<sup>779</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>780</sup> Ver Michalopoulos (2001: 108).

<sup>781</sup> Jouteur (2001: 343).

Arícia em Verg. *A.* 7.761-82<sup>782</sup>, passagem que, por sua vez, segundo Sérvio (*ad A.* 7.778), tem como modelo Calímaco (fr. 190 Pf.). Quanto à figura de Hipólito/Vírbio, é significativo que não haja testemunhos de uma lenda exclusiva relativa a Vírbio: a representação da divindade é sempre dupla, um composto de Hipólito e Vírbio<sup>783</sup>. Essa identidade simultaneamente grega e romana, ao lado da fortuna literária de Hipólito, é perfeitamente adequada neste livro, que tematiza com insistência a recepção da cultura grega na Itália e a posterior prevalência romana no período augustano, além de propiciar a Ovídio a oportunidade de trabalhar o tema também a nível poético, imitando e emulando um modelo grego, Eurípedes, mediado pelo romano Virgílio.

**493-6:** começa a fala de Hipólito/Vírbio, com a presença de elementos tópicos da *consolatio*: a necessidades de *modus*, limite (493: *modum*); a observação de que outros também sofreram no passado (493-6), seguido da apresentação de *exempla* (497 e ss.)<sup>784</sup>. A expressão *siste modum* (493) é uma variação sem paralelos de *statue modum* ou *pone modum*, misturadas a formulações mais usuais como *siste tuos fletus* (14.835, Íris, em uma tentativa de consolar Hersília) ou *siste ... lacrimas* (*Fast.* 1.480)<sup>785</sup>. Notável, porém, a formulação *similes aliorum respice casus* (494), uma vez que o luto de Egéria e a história de Hipólito não parecem possuir qualquer semelhança significativa à exceção da tristeza experimentada por ambos: o luto pela morte de um marido após uma vida e um reinado pacíficos e plenos é absolutamente natural — ainda que, em escala, possa ser desmedido —, enquanto a história de Hipólito/Vírbio é marcada por inversões da ordem natural, do amor incestuoso da madrasta por ele ao seu retorno à vida. Além disso, a morte de Hipólito, ainda que dolorosa, é premiada com sua conversão em uma divindade, enquanto Numa, ao contrário de Rômulo, não terá uma apoteose<sup>786</sup>. A escolha de sua experiência como *exempla* (495-6: *exempla ... mea*) é, ademais, surpreendente, haja vista o fato de que Esculápio, responsável por sua salvação, é punido por Júpiter justamente para que o fato de sua ressurreição não se torne um *exemplum* (*Fast.* 4.759-60: *Iu5ppiter exemplum ueritus direxit in ipsum / fulmina, qui nimiae nouerat artis opem*)<sup>787</sup>. Destaca-se, no v. 496, o paralelismo dos dois hemistíquios, com *mea te possent* e *et mea possunt*.

<sup>782</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>783</sup> Gordon (1934: 182) apud Porte (1985: 403). Para hipóteses acerca da introdução de Hipólito no Lácio e sua consequente associação a Vírbio, ver id. *ibid.*: 403-5.

<sup>784</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>785</sup> Id. *ibid.*

<sup>786</sup> Id. *ibid.*

<sup>787</sup> Id. *ibid.*

**497-500:** os vv. 497-9 emulam de maneira próxima Verg. *A.* 7.765-6: em ambos, há a presença da nota de rodapé alexandrina, embora de forma mais convencional em Virgílio (765: *ferunt fama Hippolytum*) em comparação à variante ovidiana (497: *aliquem Hippolytum uestras si contigit aures*) — que é, não obstante, também tópica enquanto forma de iniciar uma narrativa: cf. 7.694; 9.8-9; 10.560; *Pont.* 2.9.3; Verg. *A.* 1.375-6, 2.81-2; Hom. *Od.* 15.403<sup>788</sup>. Em ambos, também, Fedra é responsabilizada pela morte de Hipólito, embora o texto virgiliano diga apenas *postquam arte nouercae / occiderit* (765-6), ao passo que Ovídio antepõe ao feito de Fedra a *credulitate patris* e substitui a *arte* por *sceleratae fraude nouercae* (498), uma intensificação do *pathos* condizente com a transposição para a voz narrativa do próprio herói<sup>789</sup>. A menção à *credulitate* (498) acena para a importância da *credulitas* para Ovídio a nível poético, indicada pela presença de sua personificação na morada da Fama em 12.59<sup>790</sup>. A expressão *ille ego sum* (500) é carregada de significados: em 4.226 é utilizada pelo Sol quando, disfarçado como mãe de Leucótoe, revela-se para a ninfa; na poesia de exílio, é empregada por Ovídio referindo-se a sua *persona* como exilado (*Pont.* 1.2.33-4, 129; 4.3.11, 17; *Ib.* 245)<sup>791</sup>; ainda, sinaliza a mudança de 3ª (*ille*) para 1ª (*ego*) pessoa na manipulação ovidiana do relato da morte de Hipólito na tragédia homônima de Eurípides<sup>792</sup>.

**500-5:** Hipólito/Vírbio inicia a narrativa de seus infortúnios: a paixão da madrasta, sua recusa em ceder aos desejos desta e a consequente acusação a seu pai, Teseu, que o exila e lança sobre ele uma maldição. O matronímico *Pasiphaeia* (500) para se referir a Fedra é significativo, chamando atenção para o precedente familiar de transgressão sexual (a paixão de Pasífae pelo touro de Minos)<sup>793</sup>. No v. 502, seguimos a versão adotada por Tarrant (2004), embora a alternativa *uoluisse infelix* no lugar de *finxit uoluisse et* seja favorecida por Galasso (2000: *ad loc.*). Em ambas as possibilidades, destaca-se o andamento fortemente espondeáico do verso, com apenas o quinto pé datílico, e a ambiguidade sintática, que reflete a ambiguidade e o engano que caracterizam as ações de Fedra<sup>794</sup>. Relativamente à parentética do v. 503, as duas possíveis causas para a denúncia de Fedra (*indiciine metu, offensane repulsae*) aparecem associadas em *Am.*

---

<sup>788</sup> Id. *ibid.*

<sup>789</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>790</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>791</sup> Id. *ibid.*

<sup>792</sup> Jouteur (2001: 346).

<sup>793</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>794</sup> Id. *ibid.*

2.7.26: *quid, nisi ut indicio iuncta repulsa foret?*<sup>795</sup> O substantivo *caput* (505) é utilizado frequentemente no contexto de maldições (e.g. 13.329-30)<sup>796</sup>.

**506-13:** verifica-se uma discrepância em relação ao *Hipólito* euripidiano que nos chegou, onde a morte do herói ocorre junto ao Golfo Sarônico (1198-200); Ovídio, ao contrário, segue a versão do fragmentário *Hippolytus Kalyptomenos*, onde o acidente teria lugar no litoral de Corinto<sup>797</sup> — localização replicada na narrativa do mito em *Fast.* 6.737-56; note-se a semelhança entre *Fast.* 6.739 (*non impune pius iuuenis Troezena petebat*) e o v. 506 (*Pittheam profugo curru Troezena petebam*). *Pittheam ... Troezena* (506) ocorre também no v. 296, na passagem que narra o surgimento da colina (296, 298: *tumulus*) em local próximo à cidade. Em ambos os casos, descreve-se a intumescência de elementos naturais: ali, a terra, aqui, o mar<sup>798</sup>; o paralelo é ressaltado pela expressão *in montis speciem* (509), alusão a Verg. *G.* 4.361 (*in montis faciem*)<sup>799</sup>. O símile do mar suspenso como montanha remonta a Hom. *Od.* 3.290, imitado, como metáfora, em Verg. *A.* 1.105. Paralelos ovidianos incluem 11.503-4; *Tr.* 1.2.19, 11.20<sup>800</sup> (a primeira e a última passagem com símiles; a segunda, mais próxima ao modelo virgiliano, com metáfora). O surgimento do touro (508-13) possui estreitos paralelos com o texto de Eurípides (1201-17): a ênfase no tamanho da onda de onde surge o monstro (508-10, cf. *Hipp.* 1205-9) e o mugido emitido por ele (510, cf. *Hipp.* 1215-6); em Eurípides, porém, o touro chega a sair do mar e caminhar na direção do carro (1231-2), o que não ocorre em Ovídio<sup>801</sup>. A expressão *pectoribusque tenus* (512) ocorre também no v. 673, relativamente a Esculápio em forma de serpente; no mesmo verso, *molles ... auras* pode referir-se ao fato de que a agitação do mar não era devida a uma tempestade, e sim ao prodígio provocado por Netuno<sup>802</sup>. A sequência dos vv. 511-2, que descreve a emergência do touro, apresenta sintaxe mimética: no segundo hemistíquio do v. 511, o verbo “sair” (*expellitur*) está colocado em meio ao sintagma *ruptis ... undis (ruptis expellitur undis)*, ilustrando com o *ordo uerborum* o fenômeno descrito; no segundo hemistíquio do verso seguinte, o posicionamento de *erectus*, em meio a *molles ... in auras*, também parece mimetizar a

<sup>795</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>796</sup> Id. *ibid.*

<sup>797</sup> Ver Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>798</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>799</sup> Biotti (1994: *ad loc.*).

<sup>800</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>801</sup> Galasso (2000: *ad loc.*), com uma comparação pormenorizada entre as duas passagens.

<sup>802</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

imagem do touro com o corpo erguido acima das águas. No v. 513, note-se o emprego, mais uma vez, de *ore* em fim de verso (ver n. 319).

**514-18:** marca-se a oposição entre o pavor dos companheiros de Hipólito diante do monstro (514: *corda pauent comitum*) e a ausência de medo do herói (514: *mihi mens impauida mansit*) — note-se a forte aliteração em /m/ (*corda pauent comitum mihi mens interrita mansit*) — sugerida também na oposição *corda* x *mens*; a distinção não consta no modelo euripideano, mas é adequada à mudança na voz narrativa do relato. O contraste entre o terror geral e a bravura de um herói diante de um prodígio marinho é explorado por Virgílio em *A.* 9.123-7, no episódio da transformação das naus troianas em ninfas marinhas<sup>803</sup>. Outro paralelo virgiliano pode ser identificado em *mens interrta mansit* (514), possivelmente modelado na reação de Eneias às imprecações de Dido quando de sua decisão de partir de Cartago (*A.* 4.449: *mens immota manet*)<sup>804</sup>. A explicação para a indiferença de Hipólito vem no v. 515: *exiliis contenta suis*, enfatizando, de maneira talvez hiperbólica, o desengano causado pelo exílio (cf. *Trist.* 4.1.3-4: *exul eram, requiesque mihi, non fama petita est, / mens intenta suis ne foret usque malis*)<sup>805</sup>. Destaca-se, ainda, no v. 515, a aliteração em /k/ e o homeoteleuto em *-is*, destacado pela colocação de *exiliis* e *suis* antes das cesuras trimímera e heptemímera, respectivamente: *exiliis* | *contenta suis* | *cum colla feroces*. Nos vv. 515-8, narra-se o assombro dos cavalos diante do touro, acarretando a queda do carro. Ao contrário da cena relatada em Eurípides, onde o monstro persegue os cavalos, a fim justamente de aterrorizá-los, aqui basta a imagem e o som para desencadear o acidente<sup>806</sup>: *arrectisque auribus* (516). A expressão, embora aluda a *E. Hipp.* 1203-4, parece ser virgiliana: *A.* 1.152: *arrectisque auribus*; 2.303: *arrectis auribus*; 12.618: *arrectasque ... auris*<sup>807</sup>. A aliteração em /r/ (*arrectisque auribus horrent*) produz ainda um efeito de aspereza e agressividade que pode mimetizar o horror descrito<sup>808</sup>.

**518-23:** descreve-se a luta (519: *luctor*) de Hipólito para controlar os cavalos com as rédeas (519: *frena*). A colocação de *uana* como última palavra do verso 518, podendo o *a* final ser longo ou breve, produz ambiguidade, uma vez que o adjetivo poderia

<sup>803</sup> Id. *ibid.*

<sup>804</sup> Id. *ibid.*

<sup>805</sup> Id. *ibid.*

<sup>806</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>807</sup> Id. *ibid.*

<sup>808</sup> Ver Calcante (2002: 235, 239).

qualificar tanto os *frena* como a *manu*; a perturbação sintática pode indicar a perturbação semântica (517: *turbantur*). Note-se o quiasmo em *manu spumis | albentibus oblita* (519), destacado pela colocação espelhada dos termos a partir da cesura do verso. No v. 520, a expressão *tendo resupinus* sintetiza o símile do puxar as rédeas com o movimento do nauta ao remar, presente em *Hipp.* 1219-21<sup>809</sup>. Ainda, a expressão *lentas ... habenas*, paralela aos *uana frena* do v. 518 (note-se a sinonímia de *frena* e *habenas*), também antecipa o desfecho trágico. Os vv. 521-3 narram o acidente, devido não à inferioridade da força de Hipólito (521: *uires ... has*) em relação à fúria dos cavalos (521: *rabies ... equorum*), como pontua o herói, mas à ruptura do eixo do carro — descrita de maneira semelhante em *Hipp.* 1233, embora, ali, o eixo se quebre no choque com as rochas, enquanto, aqui, é um tronco que causa o acidente.

**524-9:** a descrição do acidente é extremamente vívida — *uideres* (527) coloca o destinatário na posição de espectador; cf. 4.559; 5.429; 6.269; 7.578 (*aspiceres*); 9.209 (as três últimas ocorrências, em descrições de cenas de morte: os filhos de Níobe, as vítimas da peste de Egina e Héracles); 11.126<sup>810</sup>. O verbo *excutor* (524) é comum para expressar a queda de um carro ou de um cavalo, como em Verg. *A.* 10.590<sup>811</sup>. Note-se a semelhança do v. 524 com *Fast.* 6.743: *exciderat curru, lorisque morantibus artus*. No segundo hemistíquio do v. 524, *lorisque tenentibus artus* segue a versão euripideana do herói preso às rédeas (*Hipp.* 1222), mas a descrição de Hipólito arrastado pelas pedras (1236-9) será desenvolvida com detalhes bastante mais cruentos nos vv. 525-9: metade do corpo fica presa às rédeas (descrição que ocupa a segunda “metade” do v. 524), mas a outra metade (o segundo hemistíquio do verso seguinte) é presa pelo tronco (*neruos in stipe teneri*), de forma que Hipólito é rasgado ao meio, eviscerado, ainda vivo (525: *uiscera uiua trahi*; cf. 13.865: *uiscera uiua traham*<sup>812</sup>); a imagem é sintetizada no v. 526: *... rapi partim | partim ... relinqui*, com a *geminatio* de *partim* antes e depois da cesura mimetizando o desmembramento do herói em duas metades. Coroa a descrição o aspecto sonoro explorado no v. 527, que relata o som grave dos ossos se quebrando (*ossa grauem dare fracta sonum*). Depois desses horrores, a *anima* — aqui no sentido próprio de “sopro vital”, “hálito” — extenuada, (527: *fessamque*), exala-se. Os membros de Hipólito estão todos irreconhecíveis pela desfiguração (528-9) — nesse sentido, uma metamorfose; o

---

<sup>809</sup> Jouteur (2001: 344).

<sup>810</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>811</sup> Id. *ibid.*

<sup>812</sup> Id. *ibid.*

corpo é, todo ele, uma mesma ferida (529: *unumque erat omnia uulnus*; cf. 6.388, no episódio de Mársias: *nec quicquam nisi uulnus erat*<sup>813</sup>).

**530-1:** Hipólito/Vírbio interpela Egéria: acaso ela pode ou ousa (530: *num potes aut audes*) comparar tal desdita à sua? A justaposição de “poder” e “ousar” está presente já na profecia de Ocíroo a respeito da morte e apoteose de Esculápio, motivadas justamente pela ressurreição de Hipólito: *idque semel dis indignantibus ausus / posse dare hoc iterum flamma prohibebere auita* (2.645-6)<sup>814</sup>. Com sua observação, Hipólito/Vírbio retoma, depois da seção narrativa, o objetivo de sua fala: consolar a ninfa. Termina a seção modelada do *Hipólito* de Eurípides — o restante do discurso será devotado à descida aos infernos, ao renascimento e à transformação do herói grego na divindade itálica, sequência de eventos retratada também em *Fast.* 6.746-54; em Verg. *A.* 7.767-77, menciona-se a volta à vida após a morte graças a Esculápio e o fato de Diana escondê-lo no “bosque de Egéria” (7.775: *nymphae Egeriae nemorique*), mas não há, como abaixo, uma descrição de sua descida ao submundo.

**531-4:** a descida aos infernos inicia com *uidi* (531), trazendo à mente o uso do verbo por Pitágoras (vv. 262-3), personagem que se associa a Hipólito não apenas pela temática do renascimento<sup>815</sup>, mas também pela identificação de ambos como exilados (61: *exsul*; 515: *exiliis ... suis*) — ao lado, nesse sentido, do próprio Ovídio — e, ainda, pela ineficácia persuasiva de ambos discursos. A expressão *luce carentia regna* (531) alude a Lucrécio (4.39: *simulacraque luce carentum*), imitado por Virgílio em *G.* 4.472. O paradoxo entre “ver” e a ausência de luz possivelmente acena à etimologia de Ἅιδης (Hades) a partir de ἄ-ιδεῖν (não ver)<sup>816</sup>. O mergulho do corpo dilacerado nas ondas do Flégeton (532) parece ilustrado pelo uso da sintaxe mimética: *Phlegethontide corpus in unda*. No v. 533 é introduzido Esculápio, que, com seu *ualido medicamine*, traz Hipólito de volta à vida. A perífrase *Apollinea ... prolis* prefigura o episódio centrado na introdução do deus da medicina em Roma (622-744), em que ele é referido por *Apolline nato* (639) e *prolemque ... nostram* (640), e retoma a profecia de Ocíroo em 2.642-54: cf. 534 (*reddita uita foret*) e 2.644-5 (*animas tibi reddere ademptas / fas erit*)<sup>817</sup>.

<sup>813</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>814</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>815</sup> Id. *ibid.*: *ad Met.* 15.497-546.

<sup>816</sup> Id. *ibid.*: *ad loc.*

<sup>817</sup> Id. *ibid.*

**534-5:** a restituição à vida, graças às *fortibus herbis* (534) e à *ope Paeonia* (cf. Verg. *A.* 7.769: *Paeoniis ... herbis*; 12.401-2: *Paeonium in morem ... / ... Phoebique potentibus herbis*<sup>818</sup>) causa, porém, a indignação de Dite (535: *Dite indignante*) — apesar da ausência de qualquer menção à morte de Esculápio, fulminado por Júpiter por conta de trazer Hipólito de volta à vida, fato mencionado por Virgílio (*A.* 7.770-3) e presente tanto nos *Fastos* (6.759-60) como na profecia de Ocíroo (2.645-6), a ira de Júpiter parece evocada pelo uso de *indignante*: cf. *A.* 7.770: *pater omnipotens ... indignatus*; 2.645: *dis indignantibus*.

**536-42:** a inveja (537: *inuidiam*) que a (nova) vida de Hipólito/Vírbio provocava será combatida por Diana com duas ações, ambas ligadas à visão (538: *uideri*), destacando a etimologia de *inuidia* a partir da junção da preposição *in* (no sentido de “contra”; cf. *OLD*, s.v. *in*, acepção 9) e do verbo *uidere*<sup>819</sup>. Primeiramente, a deusa (537: *Cynthia*; o epíteto faz referência ao monte Cinto, em Delos, local do nascimento de Diana) o envolve em densas nuvens (537), *topos* épico que remonta a Homero (e.g. *Il.* 3.374-82; 5.311-7; outros exemplos constam no com. aos vv. 803-6) e é desenvolvido por Virgílio (*A.* 1.411-4)<sup>820</sup> e, neste livro, aludido também na fala de Vênus (804-6), que menciona os episódios iliádicos citados acima e tenta salvar César com o mesmo artifício. Em seguida, para que ele pudesse sem prejuízo ser visto, torna-o irreconhecível (539-40: *nec cognoscenda reliquit / ora*; cf. cv. 528-9: *nullasque in corpore partes / noscere quas posses*), aumentando sua idade.

**540-2:** Diana pondera se levaria Hipólito a Creta ou Delos. A deusa possui ligação com ambos os locais: era cultuada em Creta (cf. *Fast.* 3.81) com o nome *Dictynna*, que Ovídio usa na narrativa de Hipólito/Vírbio nos *Fastos* (6.755); Delos era o local de seu nascimento (cf. 537: *Cynthia*). Ela abandona, contudo, ambas as localidades (541: *Delo Creteque relictis*) e, por fim, escolhe para seu protegido o bosque na Arícia (542: *hic*). Chama atenção a colocação quiástica do nome das cidades, com presença de poliptoto (540-1: *Creteque ... / Delon; Delo Creteque*). O detalhe da hesitação relativamente ao local onde Hipólito/Vírbio passaria a residir, ausente das demais versões do mito, pode ser uma inovação ovidiana com o objetivo de conferir dramaticidade à passagem<sup>821</sup>; as

---

<sup>818</sup> Id. *ibid.*

<sup>819</sup> Ver Michalopoulos (2001: 99).

<sup>820</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>821</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

duas localidades, porém, apresentariam impeditivos: Creta, pois Fedra tinha origem cretense; Delos, cujo nome deriva de δῆλος (“claro”, “visível”), não seria boa morada para alguém que pretende esconder-se<sup>822</sup>.

**542-6:** nos vv. 542-4, a metamorfose é coroada pelo jogo etimológico com os nomes de Hipólito/Vírbio, ambos significativos: a fala de Diana, ordenando que Hipólito abandone seu nome, que poderia lembrá-lo dos cavalos que causaram sua morte, faz referência à etimologia de Ἴππόλυτος, composto por ἵππος (cavalo) e λύω (soltar); o jogo já está presente em Verg. *A.* 7.765-7 (*namque ferunt fama Hippolytum, postquam arte nouercae / occiderit patriasque explerit sanguine poenas / turbatis distractus equis*) e é retomado por Ovídio nas duas passagens dos *Fastos* que mencionam o mito: 3.265 (*Hippolytus loris direptus equorum*) e 5.309-10 (*Hippolyte infelix, uelles coluisse Dianam, / cum consternatis diripereris equis*)<sup>823</sup>. Quanto a *Virbius* (544), o nome sintetiza a lenda: *uir + bis + uiuus*<sup>824</sup>. A colocação de *fuisti* (*Hippolytus*) e *esto* (*Virbius*) em fins de versos sucessivos (543-4) contribui para acentuar a noção da metamorfose<sup>825</sup>. Na conclusão da narrativa interna, há, por fim, a etiologia do culto a Vírbio na Arícia: *hoc nemus inde colo* (454). A autodefinição como *disque minoribus unus* (545) acena à distinção entre as “classes” divinas (cf. 13.587-9; 14.589), espelhando a estratificação social romana (cf. as menções à “plebe” dos deuses em 1.173, 595; *Fast.* 5.20; *Ib.* 79-80), possivelmente a distinção senatorial entre *maiorum* e *minorium gentium patres* (cf. Cic. *Tusc.* 1.13)<sup>826</sup>; similarmente, *accenseor* também é termo relativo à organização do Estado romano<sup>827</sup>. O verbo *lateo* (546) estabelece uma (única?) conexão entre Hipólito/Vírbio e Egéria (488: *latet*)<sup>828</sup>.

### 5.5.3. A metamorfose de Egéria (547-51)

**547-51:** a *consolatio* de Hipólito/Vírbio não é bem-sucedida, e Egéria será mais uma das personagens femininas dissolvidas em águas (e.g. Pirene, 2.240; Cíane, 5.425-

---

<sup>822</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>823</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>824</sup> Porte (1985: 403).

<sup>825</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>826</sup> Id. *ibid.*

<sup>827</sup> Id. *ibid.*

<sup>828</sup> Id. *ibid.*

37; Aretusa, 5.632-6; Hírie, 7.380-1; BÍblis, 9.656-65). Note-se a retomada da introdução do episódio através dos termos *aliena* (547; cf. 494: *aliorum*) e *leuare* (547; cf. 496: *releuare*), colocando em relevo o fracasso persuasivo de Hipólito/Vírbio<sup>829</sup>. Na descrição do choro da ninfa, destaca-se a reiterada aliteração da líquida /l/, possivelmente com efeito onomatopaico, antecipando a metamorfose: *luctus a- iena leuare / damna ua- ent ... / liquitur in lacrimas* (547-9). A *pietas* mencionada no v. 549 (*pietate dolentis*) é a conjugal, como a *pietas* de Alcíone em relação a Ceix (11.389-90, 420, 577), de Penélope em relação a Ulisses (*Ep.* 1.85) e de Ovídio, para com sua esposa (*Tr.* 1.3.86)<sup>830</sup>. Trata-se da única inserção, no livro 15, da matéria erótica (o lamento amoroso, elegíaco, portanto), tão cara a Ovídio e presente no restante do poema, retomando o motivo do amor que tudo supera (10.26: *uicit Amor*, imitação de Verg. *Ecl.* 10.69: *omnia uincit Amor: et nos cedamus Amori*; cf. *G.* 1.145). Diana (referida pela perífrase *soror Phoebi*, 550), comovida, transforma Egéria em fonte: *de corpore fontem / fecit et aeternas artus tenuauit in undas* (550-1): note-se o destaque para a perenidade conferida pela metamorfose.

## 5.6. Três prodígios (552-621)

**552:** o espanto das ninfas e de Hipólito/Vírbio diante do prodígio (552: *noua res*) funciona como transição narrativa entre a metamorfose de Egéria e as três narrativas subsequentes, que consistem em símiles, ainda que a história de Cipo seja relativamente extensa. A menção às *nymphas* e ao *Amazone natus* (variando a perífrase *Theseius heros* no v. 492, agora com destaque para a mãe de Hipólito, a amazona Hipólita) repete a sequência dos vv. 490-2, fechando a seção anterior em anel<sup>831</sup>. Os três prodígios narrados abaixo são associadas em termos sintáticos (553: *haud aliter ... quam cum*; 560: *utue ... / cum*; 565: *aut ... cum*), mas também cuidadosamente interligados entre si semanticamente: a primeira narrativa, centrada em Tages, oferece a etiologia da *disciplina Etrusca* e, em especial, do haruspício, prática com que o *Tyrrhenae gentis haruspex* (577) interpretará o significado dos cornos de Cipo na terceira narrativa; a segunda, que descreve a metamorfose da *hasta Romuli* em árvore, aproxima Rômulo, primeiro rei de

<sup>829</sup> Id. *ibid.*

<sup>830</sup> Id. *ibid.*

<sup>831</sup> Id. *ibid.*

Roma, de Cipo, antirrei do início da República romana<sup>832</sup>. Em suma, destacam-se os motivos religiosos e políticos, associados pela noção de *fatum*, encampando as noções de destino, profecia e predestinação. Além disso, em termos cronológicos, a sequência de três símiles parte de um recuado passado etrusco, passa pela fundação de Roma e termina já no período republicano, cobrindo o arco temporal entre a época de Numa e a introdução do culto de Esculápio em Roma, em 292 a.C.

#### 5.6.1. Tages (553-9)

**553-9:** *haud aliter* (553) ou a variante *non aliter* amiúde introduzem ou concluem símiles tanto em Ovídio como em Virgílio<sup>833</sup> — a figura, que remonta a Homero, não por acaso é encontrada com maior frequência na *Eneida* e nas *Metamorfoses*, em comparação com o restante da obra de ambos os poetas<sup>834</sup>: em Virgílio, há apenas uma ocorrência de *non aliter quam* em *G.* 1.201, em oposição a 11 na *Eneida* (1.399-400; 4.256-8, 669-71; 6.157-8; 9.65-6, 554-5, 797-8; 10.360-1, 410-1; 11.757-8; 12.723-4). Em Ovídio, além das ocorrências de *non aliter* em *Ep.* 15.115 e 18.134, as expressões *haud aliter* ou *non aliter* introduzem ou concluem símiles em *Met.* 2.623-5; 3.373-4, 483-5; 4.122-4, 348-9; 6.516-7; 8.473-4, 762-4; 9.46-9, 205-6, 643-5; 10.64; 11.330-1; 15.331, além do verso em questão; *Fast.* 2.209-10; *Tr.* 1.3.11-2; 4.10.79-80; 5.2.9-10 e *Pont.* 1.9.17-8. A expressão *haud aliter stupuit* ocorre também em 10.64, introduzindo uma sequência de dois símiles<sup>835</sup>, e, em *Tr.* 1.3.11, é com *haud aliter stupui* que Ovídio compara seu espanto diante da *relegatio* àquele de alguém que permanece vivo, embora fulminado pelos raios de Júpiter (cf. 871: [*i*]amque opus exegi, quod nec **Iouis ira** nec ignis ...). O primeiro símile é a lenda etrusca de Tages, tradicionalmente tido como o fundador (558: *qui primus*; cf. vv. 72-3: *primusque ... primus*, relativamente a Pitagóras) do haruspício, cujos ensinamentos teriam sido registrados nos *libri Tagetici*. A transmissão do mito é problemática, uma vez que, de todas as narrativas e fragmentos supérstites, nenhum testemunho inclui todos os detalhes mencionados nos demais<sup>836</sup>. Aqui, Tages surge de um torrão de terra (554: *fatalem glaebam*; o adjetivo, derivado de *fatum*, antecipa os *uenturis*

<sup>832</sup> Galinsky (1967: 183).

<sup>833</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>834</sup> Sobre o símile como elemento estrutural do *epos*, ver Gärtner e Blaschka (2019: 727-72).

<sup>835</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>836</sup> Wood (1980: 325-7); para a lista de testemunhos supérstites, ver id. *ibid.*: 325-7 n. 1.

... *fatis* do v. 557<sup>837</sup>) diante de um *Tyrrhenus arator* (553). No v. 554, note-se, mais uma vez, a colocação de *mediis* no meio do verso, logo após a cesura (ver n. 436). O torrão começa a mover-se (555) e rapidamente perde a forma da terra e assume a humana (556: *sumere mox hominis | terraeque amittere formam*,) — a justaposição de *hominis*, último termo antes da cesura, e *terraeque*, imediatamente depois dela, acena para a etimologia de *homo* a partir de *humus* (terra), aludida através do sinônimo *terrae*<sup>838</sup>. Os vv. 556-7 glosam ainda as duas etimologias atestadas para *Tages*: do grego τῆς γῆς (“da terra”), aludida em *terraeque amittere formam* (556), e, do etrusco, significando *vox terra emissa*, que Ovídio indica através de *oraque ... aperire* (557)<sup>839</sup>. Os *indigenae* (558) são fonte de informação também nos versos 11 e 325, neste livro, e, em 2.840 e 10.644, como aqui, são evocados em passos relativos ao nome de algo<sup>840</sup>. O ato de ensinar uma doutrina religiosa (558-9: *Etruscam / edocuit gentem*) associa *Tages* a Pitágoras (66-8: *in medium discenda dabat coetusque silentum / dictaque mirantum magni primordia mundi / et rerum causas et quid natura docebat*) e Numa (483: *sacrificos docuit ritus*). Destaca-se, por fim, a repetição de *aperire* nos vv. 557 e 559, que, para Hardie, “suona goffa (specialmente quando *casus ... futuros* varia con cura 557 *uenturis ... fatis*), e potrebbe essere spia di testo corrotto.”

#### 5.6.2. A lança de Rômulo (560-4)

**560-4:** mais breve dos três prodígios aqui presentes, a narrativa da *hasta Romuli* relata como uma lança cravada pelo fundador de Roma no Palatino se metamorfoseia em uma árvore. Esta é a menção mais antiga de que dispomos da lenda, embora os testemunhos posteriores de Plutarco (*Rom.* 20.5-6), Arnóbio (*adv. Nat.* 4.3), Sérvio (*ad A.* 3.46) e pseudo-Lactâncio (*Nar. fabOv.* 15.48) ofereçam detalhes pertinentes para a compreensão tanto do passo em si como de sua associação com as histórias de *Tages* e *Cipo*. Segundo os testemunhos de Sérvio e Arnóbio, a *hasta* teria sido lançada por Rômulo do Aventino ao Palatino após um *augurium*, presumivelmente o *augurium* que provou a legitimidade da sua reivindicação ao trono da futura Roma, logo antes de sua

<sup>837</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>838</sup> Ver Michalopoulos (2001: 92); sobre jogos etimológicos a partir de sinônimos, ver id. *ibid.*: 11.

<sup>839</sup> Ver id. *ibid.*: 163-4.

<sup>840</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

fundação<sup>841</sup>, introduzindo também aqui o elemento religioso presente nas narrativas de Tages e Cipo. Além disso, o ato fundador de Rômulo, conforme descrito nas fontes antigas (D.H. 1.88.2; Plut. *Rom.* 11; Tac. *Ann.* 12.24), entre elas o próprio Ovídio (*Fast.* 4.819, 825-6), envolve o traçado do *sulcus primigenius* com um arado, elemento aludido na narrativa de Tages por conta da menção ao *Tyrrhenus arator* (553) e manifesto na descrição do donativo com que os próceres romanos presenteiam Cipo ao final do episódio (617-9: *ruris honorati tantum tibi, Cipe, dedere, / quantum **depresso subiectis bobus aratro** / complecti posses ad finem Lucis ab ortu*)<sup>842</sup>. Ainda, segundo Plutarco e pseudo-Lactâncio Plácido, a árvore em que a lança teria se transformado era um corniso, em latim *cornus*, antecipando talvez os *cornua* de Cipo na narrativa subsequente — ambos, o *cornus* e os *cornua*, sinais de que Rômulo e Cipo estavam predestinados ao posto de reis de Roma<sup>843</sup>. Por fim, segundo o testemunho de Plutarco, o corniso em que se acreditava que a *hasta* teria se transformado existiu até os tempos de Calígula e era cultuado como um objeto sagrado, de forma que o aspecto breve e lacunar do tratamento ovidiano da lenda pode ser explicado pela familiaridade que os romanos à época teriam com esta narrativa<sup>844</sup>, possivelmente incluída no primeiro livro dos *Anais* de Ênio: Skutsch (1985: 222) afirma que “[v]ery probably the story (...) that *captato augurio* he [Romulus] hurled his spear from the Aventine across to the Palatine, thus taking possession of the prearranged site of the city, was told by Ennius in the lines following directly our fragment [Ann. 72-91 Sk.]” Relativamente ao *ordo uerborum*, note-se que *haerentem* (560) está, significativamente, “cravado” em meio a *Palatinis ... collibus*. A justaposição de *Romulus* e *hastam* (561), substantivo a que *haerentem* se liga (com forte hipérbato), acena a uma das etimologias de *Quirinus*, nome com que Rômulo era cultuado, a partir de *curis*, palavra sabina para “lança”<sup>845</sup> (cf. *Fast.* 2.475-89<sup>846</sup>). A expressão *lenti uiminis arbor* (563) parece emular a descrição virgiliana do ramo de ouro em *A.* 6.137: *lento uimine ramus*<sup>847</sup>. No último verso da passagem, a caracterização das sombras oferecidas pela árvore como *non expectatas* e dos espectadores da transformação como *admirantibus* (564) retoma o nexos que associa a metamorfose da *hasta Romuli* à de

---

<sup>841</sup> Marks (2004: 109-10).

<sup>842</sup> Id. *ibid.*: 111-2.

<sup>843</sup> Id. *ibid.*: 126-7.

<sup>844</sup> Id. *ibid.*: 112.

<sup>845</sup> Marks (2004: 126 n. 52).

<sup>846</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>847</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

Egéria e ao “nascimento” de Tages, i.e., sua natureza surpreendente e admirável (553: *stupuit*).

### 5.6.3. Cipo (565-621)

A narrativa do lendário Genúcio Cipo, personagem de origem plebeia que teria vivido no início do período republicano, é a mais desenvolvida entre os três símiles que compõem esta seção. Além da breve menção em Plínio (*Nat.* 11.44.123), que coloca Cipo ao lado de Acteão como figura fabulosa<sup>848</sup>, a única fonte antiga para a história, à exceção de Ovídio, é Valério Máximo (5.6.3), cujo relato é conciso e menos detalhado, embora, em linhas gerais, condizente com a narrativa ovidiana: Cipo, que se encontrava nos arredores de Roma, percebe o surgimento de cornos em sua cabeça e, ao consultar um harúspice, é informado de que o prodígio sinalizaria que ele estava destinado a tornar-se rei de Roma tão logo entrasse na cidade. Atemorizado pela perspectiva de uma volta à monarquia, Cipo se autoimpõe um exílio perpétuo e é recompensado com uma propriedade próxima a Roma e uma efígie de bronze na *porta Raudusculana*, representando sua cabeça com cornos. O teor político do episódio vem suscitando paralelos entre Cipo e Júlio César e/ou Augusto<sup>849</sup>; leituras mais recentes<sup>850</sup>, contudo, tendem a interpretá-lo de maneira mais ampla como representação do poder e das transformações por que o poder em Roma passa a partir do fim da República, com César, e, sobretudo, ao longo do Principado. Especialmente oportuna relativamente à dimensão política do episódio de Cipo é a interpretação de Barchiesi (1997: 186-7):

The narrative structure dramatizes the founding gesture of imperial power: not acceptance, but refusal. Because imperial power arises from the ritualized refusal of honors and absolute power and is constructed as a surrogate, the princeps is a citizen who chose — as a republican magistrate could not — to decline the offer, and then accept it on new terms; this reduction is perhaps the true signifier of imperial power.

**565-6:** o nome *Cipus* (565) sugere, por paronomásia, *cippus*, termo relativo à pedra que determina algum tipo de fronteira (*OLD* s.v. *cippus*, acepção 1), dado

<sup>848</sup> Sobre o confronto entre *historia* e *fabula* no episódio, ver Feldherr (2022).

<sup>849</sup> Um resumo da fortuna crítica do episódio pode ser encontrado em *id. ibid.*: 17-8 n. 4.

<sup>850</sup> Marks (2004: 128); Barchiesi (1997: 185-7).

significativo em vista do enredo do mito, que gira em torno de Cipo cruzar ou não as fronteiras de Roma<sup>851</sup>. Como nas narrativas de Tages (554: *aspexit*) e da *hasta Romuli* (561: *uidit*), o primeiro contato de Cipo com sua metamorfose ocorre através da visão (565: *uidit*) dos cornos (565-6: *sua ... cornua*, com notável hipérbato<sup>852</sup>) refletidos nas águas de um rio — retomando as cenas de reconhecimento nas narrativas de Io (1.640-1) e Acteão (3.200), por exemplo, aludidas já na descrição do sacrifício no discurso de Pitágoras (135). Note-se a repetição em *cum uidit* (565) e *uidit enim* (566); para repetições em parentéticas com *enim*, cf. 2.399-400 e 12.87-8<sup>853</sup>.

**566-8:** apesar da reiterada menção à visão (565-6: *uidit ... uidit enim*), Cipo não crê na *fides* da imagem. A potencial falácia das imagens, tema recorrente em Ovídio (cf. 2.37; 3.1; 7.360; *Ep.* 7.35; 17.45; *Fast.* 2.397; 6.489; *Pont.* 2.8.21), encontra paralelo especialmente relevante no episódio de Narciso; trata-se, porém, de um “reflexo” invertido: ao contrário de Cipo, que primeiro duvida da imagem (566-7: *falsamque in imagine credens / esse fidem*), mas, depois, através do toque, se convence de que os cornos são verdadeiros (568: *quae uidit tetigit*), Narciso primeiro acredita que a imagem refletida é real (3.453: *posse putes tangi*), mas termina por perceber seu engano (3.463: *nec me mea fallit imago*)<sup>854</sup>. A alternância entre crença e descrença diante do prodígio pode também projetar a atitude ambígua do leitor na recepção do texto, que oscila entre os universos da *historia* e da *fabula*<sup>855</sup>.

**569-73:** explicita-se a circunstância da metamorfose: Cipo voltava de uma campanha militar vitoriosa (569: *uictor domito ... ab hoste*). Trata-se da única contradição entre o episódio ovidiano e o relato de Valério Máximo, que coloca o evento quando o pretor saía de Roma (*Genucio Cipo praetori paludato portam egredienti*): embora Galinsky (1967), seguido neste ponto por Marks (2004), dê grande relevo ao que percebe como divergências entre as duas versões, parece-me que, à parte esta discrepância, nenhum dado apresentado por Valério de fato *contradiz* a narrativa das *Metamorfoses*, que simplesmente possui elementos a mais. A percepção de que a *pietas* que caracteriza o Cipo de Valério estaria ausente no tratamento ovidiano da lenda (Galinsky 1967: 183-4; Marks 2004: 113) não procede: além de sua renúncia e autoexílio, elementos

---

<sup>851</sup> Id. *ibid.*: 185-6.

<sup>852</sup> Hardie (2015: *ad loc.*) interpreta o hipérbato como expressão da surpresa de Cipo.

<sup>853</sup> Id. *ibid.*

<sup>854</sup> Feldherr (2022: 2).

<sup>855</sup> Id. *ibid.*: 1-7.

fundamentais no tratamento ovidiano, basta ver a prece aos *superi* nos vv. 571-3, a descrição do sacrifício e haruspício nos vv. 573-80 ou ainda a *pietas* de Cipo no princípio de seu discurso (593: *priscoque deos e more precatus*). O tratamento ovidiano, porém, faz de Cipo um vencedor retornando à *Vrbs*, elemento que, associado à menção posterior à coroa de louros, pode sugerir uma alusão ao triunfo (mais no com. aos vv. 579-85, *infra*); no lugar de uma entrada triunfal em Roma, porém, o pretor detém-se (569: *resitit*). Em uma demonstração bastante patética de sua *pietas* e devoção à República, Cipo então ergue os olhos e os braços aos céus [570: *ad caelumque oculos et eodem bracchia tollens*; cf. 38 (Míscolo): *tollens ora ... manusque*; 14.734 (Ífis): *umentes oculos et pallida bracchia tollens*<sup>856</sup>] e pede aos deuses (571: *superi*) que, se for feliz o que o prodígio (571: *monstro*) anuncia, essa felicidade recaia sobre Roma e os romanos (572: *patriae laetum populoque Quirini*; cf. *Fast.* 1.69: *dexter ades patribusque tuis populoque Quirini*; Hor. *Carm.* 1.2.46: *laetus intersis populo Quirini*<sup>857</sup>); se, ao contrário, os cornos prenunciarem algo maligno, que o mal caia sobre ele somente (573: *siue minax mihi sit*; note-se as aliterações em /s/ e /m/ e a forte assonância em /i/). O léxico aqui é típico da ciência augural: *monstrum* (*OLD*, acepção 1), *portendo*, *laetus* (*OLD*, acepção 6) e *minax* (*OLD*, acepção 2)<sup>858</sup>.

**573-6:** Cipo constrói um rústico altar típico das representações da Roma arcaica, feito de folhas (573: *uiridique e caspite*; cf. 4.753; 7.240; *Ars* 1.107; *Tr.* 5.5.9<sup>859</sup>), e o aplaca (574: *placat ... aras*), i.e., aplaca os deuses através de suas oferendas: incensos (574: *odoratis ... ignibus*), também mencionados por meio dessa perífrase em *Fast.* 1.75 e *Pont.* 3.3.90<sup>860</sup>, vinho e uma ovelha em sacrifício (575: *mactatarumque bidentum*; cf. Verg. *A.* 7.93: *mactabat rite bidentis*<sup>861</sup>). A justaposição de *ignibus* e *aras*, no v. 574, sugere a etimologia de *ara* a partir de *ardor*, atestada por Varrão (*Ling.* 5.38)<sup>862</sup>. No v. 576, alude-se à prática do haruspício: *trepidantia consulit exta*, variação da formulação virgiliana *spirantia consulit exta* (*A.* 4.64)<sup>863</sup>, faz referência ao momento em que os órgãos eram retirados do animal sacrificado, estando ele no limiar entre a vida e a morte (cf. 136-

---

<sup>856</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>857</sup> Id. *ibid.*

<sup>858</sup> Id. *ibid.*

<sup>859</sup> Id. *ibid.*

<sup>860</sup> Id. *ibid.*

<sup>861</sup> Id. *ibid.*

<sup>862</sup> Ver Michalopoulos (2001: 34).

<sup>863</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

7: *uiuenti pectore fibras / inspiciunt*; a descrição, no discurso de Pitágoras, visa a provocar horror).

**577-9:** as entranhas da ovelha são examinadas por um *Tyrrhenae gentis haruspex* (577; note-se a relação com a narrativa de Tages, que oferece a etiologia do haruspício). *inspexit*, no mesmo verso, indica a etimologia do segundo radical que compõe *haruspex*<sup>864</sup>. O harúspice vê a grande importância (578: *magna ... rerum molimina*) do que as entranhas anunciam; a mesma expressão é utilizada em *Pont.* 1.2.73 (*magna ... molimina rerum*) relativamente às grandes preocupações de Augusto, em oposição à “desimportância” da *relegatio* de Ovídio<sup>865</sup>. Contudo, o harúspice não consegue interpretar o presságio completamente (579: *non manifesta tamen*), pois lhe falta um elemento: os *cornua*.

**579-85:** por fim o harúspice ergue o penetrante olhar (579-80: *acre ... lumen*; note-se o hipérbato e a colocação dos termos em fins de versos sucessivos) das entranhas da ovelha para os cornos de Cipo e compreende o que o prodígio significa. Destaca-se a contínua ênfase na visão na sequência das três narrativas (ver o com. aos vv. 565-8). Embora o pretor não tenha ainda adentrado os muros de Roma, o harúspice já se dirige a ele como rei: ‘*rex*’ *ait*, ‘*o! salue!*’ (581). Chama atenção, no v. 581, a repetição dos pronomes: *tibi enim, tibi* só se encontra, em Ovídio, neste passo e, em Virgílio, em *A.* 8.84, referindo-se a Juno, a quem Eneias sacrifica a leitoa e seus trinta filhotes<sup>866</sup>; acresce, ainda, *tuisque*, em fim de verso. A expressão *hic locus*, no início do v. 582, repete o princípio do v. 18, onde pressagia a fundação de Crotona, uma referência a *Verg. A.* 3.393 e 8.46 (ver o com. aos vv. 12-18). *Latiae ... arces* (582) i.e., o Capitólio<sup>867</sup> (cf. *OLD* s.v. *arx*, acepção 1b). A expressão  *rumpe moras* (583) é virgiliana (cf. *G.* 3.43; *A.* 4.569; 9.13)<sup>868</sup>. O caráter exortativo da fala do harúspice é reforçado pela qualificação das portas da cidade como *patentes* (note-se a aliteração em *portasque ... patentes*, 583) e pelo imperativo *adpropera* (584). Com *sic fata iubent* (584), coloca-se em evidência o caráter paradoxal da narrativa: Cipo demonstrará sua *pietas* ao não cumprir o que ordenam os fados<sup>869</sup>. Com *urbe receptus* (584), prefigura-se a recepção de Esculápio em Roma (729-

---

<sup>864</sup> Id. *ibid.*

<sup>865</sup> Id. *ibid.*

<sup>866</sup> Id. *ibid.*

<sup>867</sup> Id. *ibid.*

<sup>868</sup> Id. *ibid.*

<sup>869</sup> Id. *ibid.*

44) e a representação de César, que *in urbe sua deus est* (746)<sup>870</sup>. No último verso da profecia do harúspice (585), é significativa a colocação de *rex* em início de verso, assim como no princípio da fala (581)<sup>871</sup>. Por fim, destaca-se que a previsão da ascensão de Cipo ao trono será segura (*tutus*) e seu reinado, longo — seu *sceptro* será *perenni*, talvez um contraste com o efêmero *sceptrum eburneum* portado nos triunfos, caracterizado ainda por uma entrada pela *porta Triumphalis* (583: talvez aludida nas *portasque ... patentes*), pela recepção na cidade (584: *urbe receptus*) e pela associação (temporária) do *triumphator* com um *rex* (585: *rex eris*)<sup>872</sup>. A qualificação do *sceptro* como *perenni* pode, ainda, fazer referência à *perpetua dictatura* de César<sup>873</sup> ou à persistência da *ideia* da monarquia, ainda que enquanto ameaça, em Roma, cidade fundada por um *rex*<sup>874</sup>.

**586-9:** a atitude favorável do harúspice dá ainda mais destaque à rejeição absoluta de Cipo em relação à profecia, expressa em sua postura física de afastamento em relação à *Vrbs*, manifestada com o corpo (586: *rettulit ille pedem*) e com o olhar (586-7: *toruamque ... / auertens faciem*; destaca-se o hipérbato entre *toruam* e *faciem*). A repetição de *procul* (587: *procul, a! procul,*) no início de sua fala faz um paralelo com a repetição de *tibi* no primeiro verso da profecia do harúspice (581)<sup>875</sup>. Cipo pede aos deuses que afastem tais agouros (587-8: *omnia ... / talia di pellant*) e conclui afirmando ser muito mais justo passar o resto da vida (588: *aeuum*,) exilado a tornar-se rei no Capitólio. O distanciamento é expresso, no v. 589, pela colocação em extremos opostos de *exul*, no início do verso, e *regem*, no fim<sup>876</sup>. Note-se o contraste em relação a Numa, que, *petitum* (480), aceita tornar-se rei de Roma, e cuja vida (*aeuum*) é, ao contrário, justaposta ao reino (485: *regnumque aeuumque*)<sup>877</sup>. Diferentemente da disparidade em relação a Numa, Cipo possui semelhanças com os demais protagonistas do livro: é um *exul*, assim como Hipólito (515: *exiliis ... suis*) e, principalmente, Pitágoras, que

---

<sup>870</sup> Galinsky (1967: 183).

<sup>871</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>872</sup> Sobre a identificação do *triumphator* com um *rex*, ver Versnel (1970: 56-93); para uma breve leitura do episódio de Cipo com ênfase nesse sentido, ver *id. ibid.*: 395-6.

<sup>873</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>874</sup> Marks (2004).

<sup>875</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>876</sup> *Id. ibid.*

<sup>877</sup> *Id. ibid.*

compartilha com o pretor o exílio voluntário por “ódio aos tiranos” (61-2: *odioque tyrannidis exul / sponte erat*)<sup>878</sup>.

**590-3:** Cipo convoca o povo e o nobre (590: *grauemque*) senado. Apesar dos precedentes para *comitia* do povo e reuniões do senado *extra pomerium*, seria impossível reunir ambos os grupos a um só tempo, uma vez que o povo se reunia em espaços abertos, e o senado, em locais fechados<sup>879</sup>. Antes, porém, ele cobre (592: *uelat*; o verbo é utilizado tanto em contexto ritual, especialmente para a cabeça, como para designar o ato de “esconder”<sup>880</sup>; ver *OLD* s.v. *uelo*, acepções 3a e 1b, respectivamente) os cornos com uma coroa de louros (591: *pacali ... lauro*; *pacalis* é um neologismo ovidiano<sup>881</sup>). Júlio César recebera do senado e do povo a honra de usar *perpetuo* uma *corona laurea* (Suet. *Jul.* 45.2)<sup>882</sup>; contudo, a menção aos “louros da paz” sugere sobretudo a figura de Augusto: louros aparecem frequentemente associados ao *princeps*<sup>883</sup> e, em *Fast.* 1.711-2, à *Ara Pacis*<sup>884</sup>, além de sua identificação com Apolo, deus com quem Augusto cultivava uma especial ligação<sup>885</sup>. Ademais, a *corona laurea* era utilizada pelo *triumphator* (donde é também chamada *corona triumphalis*), cujo carro era também adornado com ramos de louro<sup>886</sup>. A etiologia da associação do louro com Apolo é narrada por Ovídio em 1.452-567; ver 1.557-65, esp. 560-3: *tu ducibus Latiis aderis, cum laeta Triumphum / uox canet et uisent longas Capitolia pompas; / postibus Augustis eadem fidissima custos / ante fores stabis mediamque tuebere quercum*. O termo *aggeribus* (592) designa uma elevação de terra improvisada sobre a qual um general fala às tropas em tempos de guerra<sup>887</sup> — por isso *factis a milite forti*. Cipo se prepara para discursar: a fala não é mencionada por Valério Máximo, podendo, portanto, configurar uma inovação ovidiana — pouco surpreendente, haja vista a predileção de Ovídio por passar a palavra a seus personagens<sup>888</sup>: no livro 15, 584 dos 879 versos são enunciados por personagens, uma proporção de 66,4% do total; se, com Otis (1966: 297), considerarmos que a fala do

<sup>878</sup> Id. *ibid.*

<sup>879</sup> Haupt, Ehwald, von Albrecht (1966: *ad loc.*) apud Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>880</sup> Id. *ibid.*

<sup>881</sup> Id. *ibid.*

<sup>882</sup> Fränkel (1945: 226 n. 104).

<sup>883</sup> Galinsky (1967: 185 n. 9, 1996: 34, 37, 117, 218, 272, 354-5). Para exemplos dessa associação na poesia augustana, ver *id.* (1967: 189-90).

<sup>884</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>885</sup> Galinsky (1996: 188-9, 215-9, 277-99).

<sup>886</sup> Versnel (1970: 56).

<sup>887</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>888</sup> A esse respeito, ver Barchiesi (2001: 49-78).

ancião de Crotona termina só no v. 478, o número sobe para 601, 68,3% do livro. A última ação de Cipo antes do início do discurso é rogar aos deuses à maneira antiga (593: *priscoque ... e more*), mais uma demonstração de sua *pietas*, destacando a adesão à tradição da República, os *prisci mores* de Ênio (*Ann.* 156 Sk.)<sup>889</sup>.

**594-6:** Cipo principia seu discurso. A expressão *est ... hic unus* (594) mobiliza o motivo do *unus uir*, “o homem excepcional”<sup>890</sup>, por meio de uma combinação de dois versos virgilianos: *A.* 6.791 (*hic uir, hic est...*), referindo-se a Augusto, que é nomeado no verso seguinte, e 6.846 (*unus qui nobis cunctando restituis rem*), por sua vez uma clara imitação de *Enn. Ann.* 363 Sk. (*unus homo nobis cunctando restituit rem*), nos dois casos um elogio a Fábio Máximo *Cunctator*. Ainda no v. 594, note-se a repetição de *pellitis*, verbo já utilizado na prece para que os deuses afastassem os agouros enunciados pelo harúspice (587-8: *omina ... / talia di pellant!*). Note-se o paralelo entre *rex erit*, encabeçando o v. 595, e o v. 585, fim da profecia do harúspice, cujas primeiras palavras são *rex eris*<sup>891</sup>. Sobre a oposição entre *nomine* e *signo*, no segundo hemistíquio do v. 596, pode-se lembrar o endereçamento de Ovídio ao(s) amigo(s) fiel(is) em *Tr.* 1.5.7; 3.5.17-8; 4.4.7-8<sup>892</sup>, embora, ali, *signum* designe uma palavra ou conjunto de palavras, enquanto, aqui, trata-se do próprio referente, i.e., os *cornua*, primeira palavra do v. 596.

**596-7:** o sacerdote do v. 577 é então referido como áugure (596: *quem uobis indicat augur*). Ainda que se utilize *augur* no sentido mais genérico de “adivinho” (*OLD*, s.v. *augur*, acepção 2), chama atenção esse emprego para nomear a personagem pouco antes não só identificada como *haruspex* (577), mas também descrita praticando o haruspício (575-80) — pode-se pensar em uma referência ao *princeps* através da etimologia comum de *augur* e *Augustus*<sup>893</sup> ou ao *augurium augustum* que faz de Rômulo um *rex*<sup>894</sup>, aludindo, assim, à narrativa da *hasta Romuli* nos vv. 560-4<sup>895</sup>. No v. 597, Cipo reforça a ameaça colocada pelo *rex* potencial: se entrar em Roma, tratará os romanos

---

<sup>889</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>890</sup> Hardie (1993: 6).

<sup>891</sup> Feldherr (2022: 6).

<sup>892</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>893</sup> Galinsky (1967: 187).

<sup>894</sup> Schmitzer (1990: 267).

<sup>895</sup> Marks (2004: 124).

como escravos (*famularia iura daturum*; cf., pelo contraste, Rômulo em 14.823-4: *reddentemque suo non regia iura Quiriti / abstulit Iliaden*<sup>896</sup>).

**598-600:** o segundo hemistíquio do v. 598, *portas inrumpere apertas*, retoma a fala do harúspice, *portasque intrare patentis* (583), em ambos os casos aludindo a Verg. *A.* 11.879: *qui cursu portas primi inrumpere patentis*; se, porém, no v. 583, *intrare* sugere a noção neutra de “entrar”, na reformulação de Cipo a ação assume, com *inrumpere*, o sentido de uma invasão hostil<sup>897</sup>. Jogando com seu disfarce, Cipo afirma que impediu que o homem ultrapassasse as portas da cidade, embora ninguém lhe seja mais próximo que ele (599-600: *quamuis coniunctior illo / nemo mihi est*) — a mesma ironia ocorre em 14.679-80, na fala de Vetumno, também ele disfarçado: *neque enim sibi notior ille est / quam mihi*<sup>898</sup>.

**600-2:** Cipo se dirige aos romanos pelo termo *Quirites* — que, além desta ocorrência, só aparece nas *Metamorfozes* em 14.823, na apoteose de Rômulo<sup>899</sup>. O desfecho do discurso tem o *pathos* realçado por uma gradação envolvendo as três soluções que Cipo apresenta para neutralizar a ameaça colocada pelo homem com cornos, da menos à mais drástica: (i) a simples proibição de sua entrada na *Vrbs* (600); (ii) sua prisão com “pesados grilhões” (601: *grauibus ... catenis*) ou (iii) a morte do tirano (602). Note-se a intensificação da crítica à monarquia com o uso de *tyranni*, termo com conotações mais negativas do que *rex*<sup>900</sup> (cf. 61: *tyrannidis*). Também a qualificação do tirano como *fatalis* enfatiza o elemento do destino, já presente na profecia do harúspice (584: *sic fata iubent*).

**603-6:** como o ruído nos pinhais (604: *pinetis*) ao bater do Euro (talvez mimetizado pela aliteração em /s/: *succinctis ubi trux[ks] insibilat Eurus / murmura pinetis*, 603-4), ou como o barulho das ondas à distância (novamente, possível onomatopeia: *funt, aut qualia fluctus / aequorei faciunt*, 604-5), assim ressoa (606: *sonat*) o povo, após ouvir o discurso de Cipo. Trata-se de alusão a uma sequência de dois símiles homéricos (*Il.* 2.144-9)<sup>901</sup>; em Homero, porém, a ordem é inversa: primeiro, o rumor dos gregos após o discurso de Agamêmnon é comparado ao som das ondas (144-

<sup>896</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>897</sup> Id. *ibid.*

<sup>898</sup> Id. *ibid.*

<sup>899</sup> Id. *ibid.*: *ad Met.* 15.597.

<sup>900</sup> Id. *ibid.*: *ad loc.*

<sup>901</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

6) e, em seguida, ao barulho do vento sobre uma seara (147-9)<sup>902</sup>. Sucintamente, os símiles ocorrem após o discurso de Agamêmnon, que, visitado em sonho por Hipno, a mando de Zeus, é orientado a encorajar os gregos a continuarem lutando. O propósito do deus é ludibriar Agamêmnon, produzindo muitas baixas em seu exército e forçando Aquiles a pôr fim a sua ira. O rei, porém, decide, por sua vez, ludibriar seus soldados, sugerindo que eles deixem Troia, para testar as tropas e, por fim, fazer com que os líderes dissuadam os guerreiros e retornem fortalecidos à guerra. As semelhanças são evidentes: tanto Agamêmnon como Cipo recebem sinais divinos (o sonho; os cornos) e fazem um discurso que envolve algum tipo de dissimulação, embora Agamêmnon pretenda que seus ouvintes *discordem* dele para *fortalecer sua posição como rei*, enquanto Cipo deseja que os romanos *concordem* em exilá-lo de Roma para *renunciar a sua posição como rei*. Note-se, porém, que, em Homero, o orador a quem o público reage é Agamêmnon, exemplo mais paradigmático de rei na tradição grega, enquanto Cipo, ao contrário, embora destinado a exercer a função de rei, rejeita terminantemente colocar em risco a República. A alusão é mediada pelas imitações virgilianas da passagem homérica: para o símile do vento (603-4; *Il.* 2.147-9), cf. *A.* 10.96-9 e, para o das ondas (604-5; *Il.* 2.144-6), *A.* 11.296-9<sup>903</sup>; ainda, *A.* 7.718-21<sup>904</sup>. Significativa a inversão de Virgílio no primeiro símile da *Eneida* (1.148-53) — ao invés do ruído da multidão comparado ao som das ondas, a tempestade é comparada à desordem popular, e seu fim, ao efeito das palavras de um *grauem uirum* (1.151) sobre a multidão exaltada, o mesmo movimento da desordem à ordem que se observa na passagem ovidiana<sup>905</sup>. Esta, em uma dimensão intratextual, relaciona-se ao primeiro símile do poema, em 1.200-5 (imitação mais próxima de *A.* 1.148-53 no salto brusco de um tempo mítico à história recente<sup>906</sup>), similarmente de teor político: compara-se o clamor dos deuses após o discurso de Júpiter a respeito de Licáon ao horror da “raça humana” e do “mundo inteiro” (1.203) diante do assassinato de Júlio César. Especialmente próximo dos vv. 604-5 é o símile na descrição da morada da Fama, em 12.49-51: *nec tamen est clamor, sed paruae murmura uocis, / qualia de pelagi, si quis procul audiat, undis / esse solent*. Note-se ainda o paralelo com *murmura*, encabeçando

<sup>902</sup> Ver Marks (2004: 116) para a comparação entre o modelo homérico e a imitação ovidiana.

<sup>903</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>904</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>905</sup> Feldherr (2022: 6).

<sup>906</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

o v. 604, e o murmúrio responsável pelo julgamento de Míscelo (35: *fit murmur in urbe*)<sup>907</sup>.

**606-8:** uma voz (607: *uox ... una*), porém, eleva-se sobre o ruído indistinto do *uulgus*, cuja desordem, indicada pelo adjetivo *confusa*, no v. 606, talvez seja expressa também pela disposição dos adjetivos e substantivos correspondentes nos vv. 606-7: se a colocação dos dois adjetivos no primeiro hemistíquio e de seus respectivos substantivos no segundo é recorrente na poesia, aqui ocorre uma inversão, já que *confusa* e *fremētis* ocupam o segundo hemistíquio do v. 606, e *uerba* e *uulgi*, o primeiro hemistíquio do v. 607. A descrição remete novamente ao episódio da morada da Fama, esp. aos vv. 12.47 (*tota fremit*) e 55 (*confusaque uerba*)<sup>908</sup>. A expressão *praedictaque cornua* (608) joga com dois sentidos de *praedictus*, “já mencionado”, “supracitado” — pois efetivamente mencionado por Cipo em seu discurso — e “profetizado”, remetendo à fala do *haruspex* (*OLD* s.v. *praedico*, acepções 1a e b e 2, respectivamente).

**609-11:** Cipo retira a *corona* e revela os *cornua* — note-se a paronomásia entre os dois termos, significativa no episódio como um todo, e enfatizada pela colocação de *corona* e *cornu* em fins de versos sucessivos (610-1); acresce um possível jogo com *cornus* (corniso), aludido na menção à *hasta Romuli*<sup>909</sup>. Para ‘*quem poscitis*’, *inquit* ‘*habetis*’ (609), cf. 6.655 (Procne a Tereu): ‘*intus habes quem poscis*’ — também ali as palavras antecedem uma grande revelação, na qual a cabeça desempenha um papel importante; o (inadvertido) canibalismo de Tereu lembra também a aproximação entre a dieta carnívora e a antropofagia recorrente no discurso de Pitágoras<sup>910</sup>. O termo *capiti* (610) é um ablativo arcaico em *i longo*<sup>911</sup>. No v. 611, chama atenção a colocação mimética de *gemino cornu* cingindo os *praesignia tempora* (... *gemino praesignia tempora cornu*); cf. Verg. *A.* 8.680 (... *geminas cui tempora flammis*), mais um paralelo entre Cipo e Augusto<sup>912</sup>. A cena como um todo, porém, lembra o célebre incidente em que César recusou, durante a Lupercália, o diadema oferecido repetidamente por Marco Antônio, a fim de evitar a associação com um *rex* (cf. Cic. *Phil.* 2.85 e Suet. *Jul.* 79.2)<sup>913</sup>.

---

<sup>907</sup> Id. *ibid.*

<sup>908</sup> Id. *ibid.*

<sup>909</sup> Marks (2004: 126-7).

<sup>910</sup> Feldherr (2022: 5).

<sup>911</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>912</sup> Galinsky (1967: 188).

<sup>913</sup> Fränkel (1945: 226 n. 104).

**612-5:** continua a ênfase no olhar: *demisere oculos* (612), *inuiti uidere* (614)<sup>914</sup> — da mesma maneira que Cipo desvia o rosto da cidade nos vv. 586-7, também os romanos não suportam a visão da monarquia e lamentam (612: *gemitumque dedere*). A expressão *meritis clarum* (613) retoma a recente vitória militar de Cipo (569), mas, enquanto “aquilo que se merece” (*OLD* s.v. *meritum*, acepção 1), sugere mais uma vez o triunfo e prefigura o donativo de terras e a efigie na *porta Raudusculana* com que Cipo é presenteado (617-21). Sobre a parentética *quis credere possit?*, tipo de expressão frequente em Ovídio para enfatizar o paradoxal e inesperado<sup>915</sup> — e.g. 388: *ni sciret fieri, quis nasci posse putaret?*; 1.400; 3.311; 6.421; 7.690; 9.203-4. O povo, já contrário a que Cipo retirasse a *corona* (610: *populo prohibente*), agora, não suportando que ele carecesse desta honra por mais tempo, a recoloca sobre sua cabeça (614-5) — Barchiesi (1994: 252) sugere que a *festam coronam* do v. 615 pode ser outra *corona* que não a *laurea* com que Cipo esconde os cornos inicialmente. Marks (2004: 119 n. 34) retoma a indagação de Barchiesi, e Hardie (2015: *ad loc.*) assume que se trata de fato de outra *corona*, interpretação que a mim, contudo, parece improvável. O adjetivo *festam* reforça ainda a recepção positiva do discurso e de Cipo pelo *senatus populusque Romanus* (612: *omnes*). A proximidade entre *honore* (614) e *coronam* (615) parece glosar uma etimologia de *corona* a partir de *honus* (Paul. *Fest.* 37: *corona cum uideatur a choro dici, caret tamen aspiratione. siue coronae dicuntur quod honorent eos, quibus imponuntur*)<sup>916</sup>. A recolocação da *corona laurea* lembra ainda outro episódio da vida de César referido por Suetônio (*Jul.* 79.1): quando ele retornava a Roma durante as *Feriae Latinae* de 44 a.C., um popular teria colocado sobre sua estátua uma *corona laurea* atada com uma fita branca (*candida fascia praeligata*), emblema da realeza; a partir desse evento, César não mais teria podido livrar-se das acusações de aspirar ao título de monarca (*quamquam et plebei regem se salutanti Caesarem se, non regem esse responderit*), as quais culminaram em seu assassinato.

**616-9:** os versos finais do episódio (616-21) são uma apóstrofe a Cipo (617: *tibi, Cipe*). Os senadores (616: *proceres*), como forma de compensar o fato de Cipo não poder adentrar os muros da cidade, oferecem-lhe um honorário em terras (617: *ruris honorati*) equivalente ao que um jugo de bois fosse capaz de demarcar com um arado do nascer ao fim do dia. Paralelos podem ser estabelecidos com os donativos oferecidos por Roma a

---

<sup>914</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>915</sup> Id. *ibid.*

<sup>916</sup> *Apud* Michalopoulos (2001: 60).

Horácio Cocles (Liv. 2.10.12) e Múcio Cévola (Liv. 2.13.5; D.H. 5.35.1)<sup>917</sup>. A delimitação de uma porção de terra com o arado evoca o *sulcus primigenius* de Rômulo<sup>918</sup>. Para a expressão *ad finem lucis ab ortu* (619), cf. *Tr.* 5.8.25-6 (*uel quia nil ingens ad finem solis ab ortu / illo, cui paret, mitius orbis habet*); *Pont.* 1.4.29-30 (*Caesaris ira mihi nocuit, quem solis ab ortu / solis ad occasus utraque terra tremit*) e 3.1.127-8 (*qua nihil in terris ad finem solis ab ortu / clarius excepto Caesare mundus habet*)<sup>919</sup>. Nas três passagens, a expressão é associada ao poder imperial de Augusto, de forma que Cipo parece prefigurar a aparição do *princeps* na conclusão do poema<sup>920</sup>.

**620-1:** o *aition* da efigie com cornos na *porta Raudusculana* (620-1: *aeratis ... postibus*, note-se o hipérbato; cf. Val. Max. 5.6.3) em honra a Cipo conclui a narrativa. Os *aeratis ... postibus*, associados à duplicidade dos *cornua* e ao motivo do louro, podem retomar a imagem dos dois loureiros que flanqueavam a *domus Augusta*, referidos em 1.562 (*postibus Augustis*)<sup>921</sup>. Também de bronze (e ferro) são os *tabularia rerum* cujo conteúdo Júpiter relata a Vênus antes do assassinato de César (810). Se os *tabularia* de bronze, porém, são perenes, os *conua* de Cipo, ao contrário do *monumentum* horaciano (*Carm.* 3.30.1-5), não são *aere perennius* — apesar de qualificados como *longum mansura per aeuum* (cf. 5.227, Perseu a Fineu, logo antes de petrificá-lo: *mansura dabo monimenta per aeuum*), eles não eram mais visíveis à época de Ovídio<sup>922</sup>, de forma que a projeção de sua presença duradoura chama atenção, inversamente, para sua ausência (cf. 870, *absens*, a respeito de Augusto). Por fim, há uma possível alusão aos *cornua* nas extremidades de um rolo de papiro (cf. *Tr.* 1.1.8<sup>923</sup>), marcando seu final, como em Mart. 11.107.1-2 (*[e]xplicitum nobis usque ad sua cornua librum / et quasi perlectum*)<sup>924</sup>.

## 5.7. Esculápio (622-744)

A introdução do culto de Esculápio em Roma ocorreu em 292 a.C., motivada por uma peste que assolava a *Vrbs*. As versões apresentadas pelas principais fontes supérstites

<sup>917</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>918</sup> Marks (2004: 111, 125).

<sup>919</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>920</sup> Barchiesi (1997: 186).

<sup>921</sup> Galinsky (1967: 187-8).

<sup>922</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>923</sup> Id. *ibid.*

<sup>924</sup> Barchiesi (1997: 187).

do evento, Tito Lívio (10.47.6-7, *Per.* 11), Valério Máximo (1.8.2.) e *De uiris illustribus* (22), seguem, em linhas gerais, o relato ovidiano, embora com algumas discrepâncias, indicadas no comentário abaixo. O episódio é o último e mais detalhado exemplo do movimento Grécia → Itália/Roma, tematizado nos últimos livros das *Metamorfoses* e especialmente intenso, como vimos, no livro 15, reproduzido nas viagens de Míscolo, Pitágoras e Hipólito à Itália. O modelo por excelência desse movimento é Eneias, cuja jornada possui paralelos importantes com aquele realizado pela nau que levará Esculápio a Roma (ver o com. aos vv. 701-2, *infra*), assim como com a *translatio* da *Magna Mater* narrada em *Fast.* 4.247 e ss., seção que apresenta um diálogo intenso com este episódio, destacando-se, entre os pontos em comum, a consulta ao oráculo délfico (634-40; cf. *Fast.* 4.263-4); uma negativa inicial da parte das lideranças do local onde o deus se encontrava (648-50; cf. *Fast.* 4.266); uma manifestação favorável por parte da divindade (653-62, 669-74; cf. *Fast.* 267-72); a disposição da divindade em uma embarcação (693-4; cf. *Fast.* 4.273-6); uma descrição detalhada da viagem marítima (697-728; cf. *Fast.* 4.277-90) e da chegada à foz do Tibre (728; cf. 4.291-2) e o destaque para a recepção da divindade em Roma (729-44; cf. *Fast.* 4.293-348). A introdução do culto de Esculápio em Roma marca, no poema, a fronteira entre o “fim” da recepção da cultura grega e o início do domínio romano, que Ovídio faz coincidir com o aparecimento do *sidus Iulium* em 44 a.C (cf. 745-6: [*h*]ic tamen accessit delubris aduena nostris: / Caesar in urbe sua deus est...), representada, a nível político, por Augusto e, em termos da tradição poética, pelo próprio Ovídio (871-9).

O contexto da peste, no princípio do episódio, remete, no fim deste último livro das *Metamorfoses*, à peste com que a *Iliada*, primeiro *epos* da tradição greco-latina, começa<sup>925</sup>. Também importante como modelo é a peste no último livro do *DRN* (6.1138-286), por sua vez imitação da descrição da peste em Tucídides (2.47-54)<sup>926</sup>; porém, à morte, que domina o fim do *epos* lucreciano, Ovídio contrapõe o *salutifer Vrbi* que põe fim aos lutos romanos (743-4)<sup>927</sup>. O último verso desta narrativa é também significativo na medida em que retoma o “início” do mito de Esculápio em 2.642-8, onde Ocíroo profetiza o futuro do filho de Apolo (642-3): *aspicit infantem ‘toto’ que ‘salutifer orbi / cresce, puer’*. A substituição de *salutifer orbi* por *salutifer Vrbi*, enfatizada pela colocação

<sup>925</sup> Barchiesi (1994: 256).

<sup>926</sup> Hasegawa (2020).

<sup>927</sup> Barchiesi (1994: 255-6).

dos termos na mesma sede métrica, sugere de forma clara o movimento final do poema: a *Vrbs* alçada a orbe, império mundial<sup>928</sup>. Digno de nota é, ainda, o paralelo oferecido pela doença que acomete as abelhas de Aristeu em Verg. *G.* 4.315 e ss.<sup>929</sup> A leitura da cura da pestilência nas *Geórgicas* como alegoria para a pacificação de Roma por obra de Augusto<sup>930</sup> estabelece um precedente importante para a analogia entre peste e guerras civis, e, conseqüentemente, Esculápio e Augusto, apoiada ainda por outros elementos da narrativa, apontados abaixo no comentário. O episódio, em suma, oferece um desfecho digno da insistência com que o deslocamento leste-oeste é tematizado neste livro, ao mesmo tempo que projeta a proeminência de Augusto na porção final do poema.

**622-5:** notavelmente ausente no próêmio e no restante do poema — à exceção de 10.148-54, passo, porém, na voz narrativa de Orfeu —, temos aqui uma invocação das Musas (622: [*p*]andite, nunc, Musae...), colocando em especial relevo o episódio de Esculápio. A tradição de invocações das Musas em outras passagens que não o princípio do poema é vasta<sup>931</sup>, começando por *Il.* 2.484-7, modelo primário para esta passagem<sup>932</sup>, seguido na invocação que antecede o catálogo de povos itálicos em Verg. *A.* 7.641-6, a qual possui paralelos com os versos ovidianos: as duas primeiras palavras são, conforme o modelo homérico, as mesmas ([*p*]andite nunc; cf. *Il.* 2.484: ἔσπετε νῦν) e também há, assim como em Homero (*Il.* 2.485), menção à sabedoria e ao poder mnemônico das deusas: *et meministis enim, diuae, et memorare potestis* (*A.* 7.645), cf. *scitis enim, nec uos fallit spatiosa uetustas* (623). Importante também outra invocação virgiliana, esta em *G.* 4.315<sup>933</sup>, introduzindo a peste das abelhas de Aristeu. Igualmente, a única invocação das Musas em Lucrécio (6.92-5), também no último livro, antecede a descrição da peste com que o poema termina<sup>934</sup>. Os paralelos do episódio com o relato da *translatio* da *Magna Mater* no quarto livro dos *Fastos* começam pela invocação em *Fast.* 4.193-4, passagem também encabeçada por *pandite* e com menção à memória (*memores*) das Musas<sup>935</sup>. A presença da invocação introduzindo esta narrativa vem sendo recebida com surpresa pelos críticos, em parte pela aparente contradição (embora Lucrécio ofereça um paralelo) de as Musas serem invocadas para auxiliar o poeta na narrativa de um fato

<sup>928</sup> Id. *ibid.*: 258.

<sup>929</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>930</sup> E.g. Morgan (1999).

<sup>931</sup> Ver Conte (1992: 147-59); Zissos (2019: 561-2).

<sup>932</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>933</sup> Schmitzer (1990: 273).

<sup>934</sup> Barchiesi (1997: 188).

<sup>935</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

essencialmente não mitológico, mas histórico: a introdução do culto de Esculápio ocupava a primeira linha de todos os calendários romanos supérstites, bem como o início do calendário elegíaco do próprio Ovídio (*Fast.* 1.289-94) — que, também nesse sentido, leva seu canto até *mea tempora: tempora* é a primeira palavra dos *Fastos*, funcionando, portanto, como título alternativo do poema<sup>936</sup>. À luz das numerosas passagens em que Ovídio explora a tensão entre o mítico/fictício e o histórico/verdadeiro (e.g. Numa e a fundação de Crotona; o encontro entre Numa e Pitágoras e os numerosos anacronismos ao longo do discurso deste), a justaposição entre uma invocação de inspiração homérica das Musas e um evento incorporado ao calendário romano é talvez menos surpreendente — trata-se, ao contrário, de uma atitude consistente de Ovídio ao longo de todo o poema no sentido de lançar luz sobre o caráter relativo e parcial de *qualquer* narrativa, seja ela mítica, histórica, ou algo intermédio entre esses dois extremos (e.g. a narrativa de Cipo). Ademais, Esculápio é filho de Apolo, deus da poesia e condutor das Musas (*musagetes*), aspecto que pode também explicar a presença desta invocação. Para *praesentia numina uatum* (622), cf. Verg. *G.* 1.10: *et uos, agrestum praesentia numina, Fauni*<sup>937</sup>, com *praesentia numina* ocupando a mesma sede métrica em ambos os versos. A *spatiosa uetustas* (623) a que as Musas estão imunes retoma a *inuidiosa uetustas* do discurso de Pitágoras, que, ao lado do *tempus edax rerum*, tudo consome e mata (234-6) e prefigura a *edax ... uetustas* (872) do epílogo ovidiano. Nos dois casos, o passar do tempo figura como uma fonte de aniquilação que sujeita todas as coisas, à exceção da poesia e dos entes a si associados — as Musas, o poeta (*parte tamen meliore*). Nesse sentido, cf. 1.445 (*neue operis famam possit delere uetustas*) e 12.182-3 (*quamuis obstet mihi tarda uetustas / multaque me fugiant primis spectata sub annis*); ao contrário, em 1.400, 14.695-6 e *Fast.* 4.203-4, a *uetustas* figura como fonte de autoridade<sup>938</sup>. Os vv. 624-5 contêm a proposição do episódio: a vinda de Esculápio a Roma e a instituição de seu culto na ilha Tiberina. Encabeçando o v. 624, *unde* é empregado no primeiro verso da narrativa da *translatio* da *Magna Mater* para Roma em *Fast.* 4.247<sup>939</sup>, e figura também na introdução do episódio de Aristeu em Verg. *G.* 4.316. O matronímico *Coroniden* (624), empregado também em *Fast.* 6.746, na narrativa da volta de Hipólito/Vírbio à vida, e em *Ib.* 406, retoma o episódio de Corônís e o nascimento de Esculápio (2.542-632) e a subsequente

---

<sup>936</sup> Barchiesi (1997: 188).

<sup>937</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>938</sup> Id. *ibid.*

<sup>939</sup> Id. *ibid.*

profecia de Ocíroo (2.642-8), que menciona, em prolepse, as habilidades médicas de Esculápio, a conseqüente morte, punição infligida por Júpiter por conta da cura de Hipólito, e, por fim, sua divinização; note-se que, em conjunto com a narrativa de Hipólito/Vírbio e este episódio, o poema compreende todo o mito de Esculápio até a chegada de seu culto em Roma<sup>940</sup>. Por outro lado, *Coroniden*, justaposto, ainda, a *circumflua*, sugere o termo homônimo *coronis* (κορωνίς), símbolo — curvo, assim como a forma de uma serpente — que sinalizava o fim de manuscritos, evidentemente apropriado nesta segunda metade do último livro do poema (cf. Mel. *Anth. Pal.* 12.257)<sup>941</sup>.

**626-7:** os versos apresentam o contexto da introdução do culto de Esculápio em Roma: a peste, que assolou Roma entre os anos de 293-1 a.C. Com as mesmas palavras (626: *dira lues*) começa a descrição da peste de Egina (7.523-614)<sup>942</sup>. O termo *quondam* ocorre na introdução do episódio de Aristeu em Verg. *G.* 3.478 ([*h*]ic *quondam morbo caeli miseranda coorta est*) e da peste em Lucr. 6.1138 ([*h*]aec ratio *quondam morborum et morfifer aestus*)<sup>943</sup>; o contraste entre *quondam*, análogo a uma introdução ao estilo “era uma vez”, e a referência a um evento historicamente datado<sup>944</sup> parece um exemplo do jogo ovidiano com os limites entre mito e história. A expressão *Latias uitiauerat auras* (626; note-se o homeoteleuto e a paronomásia em *auras* e *uitiauerat*) também encontra correspondência em 7.548 (*uitiantur odoribus aerae*)<sup>945</sup>; para a doença como contaminação do ar, cf. Lucr. 6.1097, 1119-24; Verg. *Ecl.* 7.57; *A.* 3.138; *Fast.* 1.688<sup>946</sup>. O v. 627 é áureo: os dois adjetivos ocupam o primeiro hemistíquio (*pallidaque exsanguis*) e os substantivos correspondentes (*corpora morbo*) estão ao final do verso, sendo a posição central, logo após a cesura, ocupada pelo verbo (*squalebant*). Em *exsanguis morbo*, a palidez, consequência da doença, torna-se atributo dela, como em Verg. *A.* 6.275: *pallentesque ... Morbi*. O fim do verso com *corpora morbo* alude a Verg. *G.* 4.252: *uita tulit, tristi languebunt corpora morbo*<sup>947</sup>, mais um ponto de contato entre este episódio e a narrativa de Aristeu.

<sup>940</sup> Galasso (2000: ad 15.622-744).

<sup>941</sup> Barchiesi (1997: 190-1). Hardie (2015: ad loc.) nota a ênfase provocada pela justaposição de *circumflua*.

<sup>942</sup> Id. *ibid.*

<sup>943</sup> Hardie (2015: ad loc.).

<sup>944</sup> Id. *ibid.*

<sup>945</sup> Galasso (2000: ad loc.).

<sup>946</sup> Hardie (2015: ad loc.).

<sup>947</sup> Id. *ibid.*

**628-9:** *funeribus fessi* (628) alude, mais uma vez, à peste lucreciana (6.1248: *lacrimis lassiluctuque*; o par aliterativo na passagem ovidiana é significativo à luz das aliterações em /l/ em Lucrécio) e à doença que atinge as abelhas de Aristeu (*G.* 4.266: *fessas*)<sup>948</sup>. A percepção de que os esforços mortais e as artes médicas não conseguem aplacar o mal encontra paralelo também no episódio da peste de Egina: cf. 7.525-6 (*dum uisum mortale malum tantaque latebat / causa nocens cladis, pugnatum est arte medendi*)<sup>949</sup> e 561-2 (*nec moderator adest inque ipsos saeua medentes / erumpit clades obsuntque auctoribus artes*)<sup>950</sup>. Note-se, no v. 629, a anadiplose em *temptamenta nihil, nihil artes ...*, realçada pela colocação de ambos os termos junto à cesura do verso — posicionamento comum em Ovídio<sup>951</sup> (cf. 335: *alias aliasque*; 526: *partim partimque*).

**630-3:** os romanos, então, buscam auxílio celeste (630); ao contrário das demais versões do evento (*Liv.* 10.47.6; *Val. Max.* 1.8.2; *De vir. ill.* 22), que relatam a consulta dos livros sibilinos, Ovídio, em um paralelo com a narrativa da *translatio* da *Magna Mater* nos *Fastos* (4.263-4), insere uma viagem ao oráculo de Delfos<sup>952</sup>. O posicionamento de *Delphos* (631), o “centro do orbe” (630-1: *mediamque ... orbis*; note-se o hipérbato), não parece casual, ocupando o centro de um verso dividido em três partes, separadas por uma cesura trimímera e outra heptemímera (*orbis humum | Delphos adeunt | oracula Phoebi*); significativo o posicionamento análogo de Roma (aqui, referida pela perífrase *tantaque urbis*) no v. 633 (*sorte uelit | tantaque urbis | mala finiat, orant*), talvez indicando a ascensão de Roma a centro político e cultural do mundo, assim como a equivalência entre *orbis* e *Vrbi* na caracterização de Esculápio nos livros 2 e 15 (2.642: *toto ... salutifer orbis*; 744: *salutifer urbi*), passagens retomadas também pelo adjetivo *salutifera* (632), caracterizando, com forte hipérbato, *sorte* (633). O termo *salutifer* é um neologismo ovidiano; ocorre também em *Ep.* 21.174, em referência ao auxílio de Apolo<sup>953</sup>. O verbo *finiat* (633) repete-se no v. 647 (*funera gentis / finiat Ausoniae*) e há menção ao fim no v. 743 (*finem ... / luctibus imposuit*); significativamente, também na tradição historiográfica a respeito do evento se vê a ênfase em “dar fim”: *libri aditi quinam finis aut quod remedium eius mali ob diis daretur* (*Liv.* 10.47.6); *cum finem tanti*

<sup>948</sup> Id. *ibid.*

<sup>949</sup> Id. *ibid.*

<sup>950</sup> Galasso (2000: *ad loc.*)

<sup>951</sup> Ver McKeown (1989: *ad Am.* 1.2.41) para exemplos nos *Amores*.

<sup>952</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>953</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

*et tam diutini mali neque diuina misericordia neque humano auxilio imponi uideret* (Val. Max. 1.8.2)<sup>954</sup>.

**634-6:** o local, o loureiro (note-se o par aliterativo: *et locus et laurus*) e as aljavas do deus tremem ao mesmo tempo e a trípole (635: *cortina*; trata-se de um caldeirão que ficava sobre a trípole), aqui provavelmente uma metonímia para a pitonisa, emite uma voz que toca os “peitos apavorados” (636: *pauefactaque pectora*; mais um par aliterativo). Chama atenção o polissíndeto (*et ... et ... et*) no v. 634, possivelmente aludindo ao catálogo de acessórios de Apolo em Call. *Ap.* 32-3 (χρύσεια τὸπόλλωνι τὸ **τ'** ἐνδυτὸν ἢ **τ'** ἐπιποπις / ἢ **τξ** λύπη τὸ **τ'** ἄεμμα τὸ Λύκτιον ἢ **τξ** φαρέτρη)<sup>955</sup>. Os versos aludem ao início do livro 3 da *Eneida*, em que Eneias narra sua consulta ao oráculo (3.90-3: ... *tremere omnia uisa repente, / liminaque laurusque dei, totusque moueri / mons circum et mugire adytis cortina reclusis. / summissi petimus terram et uox fertur ad auris*), e, simultaneamente, ao modelo de Virgílio, Calímaco (*Ap.* 1-7)<sup>956</sup>, que Ovídio também imita ao fim da narrativa de Apolo e Dafne (1.566-7)<sup>957</sup>. No livro 3 da *Eneida*, a interpretação incorreta do oráculo levará os troianos à peste de Creta, mais um ponto de contato com este episódio — significativos os paralelos com o conselho de Anquises, relatado por Eneias, em 3.145-6: *quam fessis finem rebus ferat, unde laborum / temptare auxilium iubeat*; cf. *fessi* (628); *rebus ... finiat* (632-3); *temptamenta* (629) e *auxilium* (630)<sup>958</sup>. A trepidação da aljava (634-5: *pharetrae / intremuere*) ocorre também em Hom. *Il.* 1.45-6 quando Apolo desce do Olimpo para pôr fim à peste com que o poema principia; em *Rem.* 705, é sinal da presença do deus (*Phoebus adest: ... sonuere pharetrae*)<sup>959</sup>. A expressão *reddidit ... uocem* (635-6) é usada em Verg. *A.* 3.40 relativamente a uma voz supernatural — ali, Poliodoro, filho de Príamo<sup>960</sup>.

**637-40:** Apolo profere o oráculo. O vocativo *Romane* (637; cf. 654) é recorrente em expressões oraculares ou proféticas (cf. *Fast.* 4.259; *Liv.* 5.16.9; *Hor. Carm.* 3.6.2; Verg. *A.* 6.851)<sup>961</sup>. A fala é caracterizada pela repetição, própria da linguagem religiosa<sup>962</sup>:

<sup>954</sup> Id. *ibid.*

<sup>955</sup> Wills (1996: 382).

<sup>956</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>957</sup> Hardie (2015: *ad loc.*). Para a passagem do livro 1, ver Barchiesi (2005: *ad Met.* 1.564-7).

<sup>958</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>959</sup> Id. *ibid.*

<sup>960</sup> Id. *ibid.*

<sup>961</sup> Id. *ibid.*

<sup>962</sup> Hasegawa (2022: 382 n. 30).

*petis, petisses* (637) e *pete* (638); *propiore loco*, que ocupa a mesma sede métrica nos vv. 637 e 638, e *Apolline*, também na mesma sede métrica nos vv. 638 e 639; note-se que, no v. 637, a posição é ocupada por *Romane*. A expressão *propiore loco* (638-9) é (talvez apropriadamente, em se tratando de um oráculo) enigmática, já que, tendo Roma como ponto de referência, Epidauro *não é* mais próxima do que Delfos — a não ser que se viaje passando pelo Peloponeso<sup>963</sup>. Possivelmente, a mesma expressão indica lugares diferentes em cada um dos versos: no v. 637, Apolo lamentaria a falta de um local de culto a Esculápio em Roma; no v. 638, referir-se-ia de fato a Epidauro, *propiore* tendo como ponto de referência a própria Delfos<sup>964</sup>. Pode-se ainda pensar em Epidauro na Ilíria, cidade próxima de Apolônia, de onde Otávio retorna como herdeiro de César, sugerindo uma ligação entre as viagens de Esculápio e Augusto a Roma<sup>965</sup>. Seja como for, a referência a Esculápio (639: *Apolline nato*; 640: *prolemque ... nostram*) é suficiente para orientar os romanos corretamente em direção a Epidauro. A substituição de Apolo por seu filho, sugerida pelo deus (638-9: *nec Apolline uobis, / qui minuat luctus, opus est, sed Apolline nato*), prefigura a dinâmica da superação de César por Augusto nos vv. 850-60<sup>966</sup>. Ainda, *Apolline nato* pode aludir à crença, mencionada em Suetônio (*Aug.* 94.4), de que Augusto seria filho do deus<sup>967</sup>. No v. 640, Apolo conclui exortando os Romanos a partirem (*ite ... prolemque accersite nostram*) e prevê bons augúrios — *bonis auibus; aui* é usado na poesia, ao lado de *alite* ou *pennis*, no lugar do termo técnico *auspiciis*<sup>968</sup>.

**641-3:** tendo ouvido as ordens do deus, o senado identifica Epidauro como o local de culto de Esculápio e envia para lá uma delegação. *prudens* (641) é um adjetivo tipicamente associado à classe senatorial: cf. Cic. *de Orat.* 1.2 (*boni senatoris prudentia*); Liv. 39.40.1 (*his comitiis prudentia et uirtute senatus sublatis*)<sup>969</sup>. A prudência do senado é também significativa na interpretação correta do oráculo, em oposição ao Anquises virgiliano (*A.* 3.102-17), que envia os troianos equivocadamente para Creta<sup>970</sup>. O verbo *colat* (642) aparece aqui no sentido de “cultuar” — cf. a ambiguidade do termo no v. 545. A expressão *iuuenis Phoebius* (642) é um epíteto problemático para Esculápio, tradicionalmente (e também no v. 656) representado com barba; a aparência de Esculápio

<sup>963</sup> Lundström (1980: 84-5) apud Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>964</sup> Galasso (2000: *ad loc.*) considera esta a interpretação mais provável.

<sup>965</sup> Holleman (1969: 44).

<sup>966</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>967</sup> Galinsky (1967: 190).

<sup>968</sup> Nisbet e Hubbard (1970: *ad Hor. Carm.* 1.15.5).

<sup>969</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>970</sup> Id. *ibid.*

em relação a Apolo era uma dificuldade já para Cícero (*N.D.* 3.83: *Aesculapi Epidauri barbam auream demi iussit; neque enim conuenire barbatum esse filium, cum in omnibus fanis pater imberbis esset*)<sup>971</sup>. Pode-se pensar no jovem Augusto, que virá a Roma de outra Epidauro em 44 a.C. (ver o com. aos vv. 637-40, *supra*); note-se que Augusto foi retratado como *iuuenis* ao longo de toda sua vida<sup>972</sup>.

**644-7:** assim que a embarcação toca as praias de Epidauro (644: *quae*; i.e., 643: *Epidauria litora*), os emissários (644: *missi*) procuram a *γερουσία*, equivalente ao senado romano, referida por meio da *hendíade concilium Graiosque patres* (645)<sup>973</sup> (cf. 486: *populusque patresque*). O termo *praesens* (646) retoma a caracterização das Musas como *praesentia numina uatum* (622), no sentido de uma presença favorável, propícia; cf. vv. 536-7 (*ne praesens augerem muneris huius / inuidiam*), fala de Hipólito após voltar à vida através das artes de Esculápio. Significativo o paralelismo dessa consulta à *γερουσία* com a consulta ao oráculo em Delfos: *adeunt* (631) e *adiere* (645); *orant* (633) e *orauere* (646)<sup>974</sup>; os vv. 646-7 retomam 632-3: *mala finiat* (633) e *funera ...finiat* (646-7); *certas ... sortes* (647) e *salutifera ... sorte* (632-3)<sup>975</sup>.

**648-50:** os nativos de Epidauro, porém, divergem quanto a se o pedido deveria ou não ser aceito (648: *dissidet et uariat sententia*; note-se a aliteração em /t/ e o paraquema, reproduzindo a hesitação dos epidaureses). Trata-se de uma inovação ovidiana em relação aos testemunhos em Valério Máximo (1.8.2) e *De uiris illustribus* (22), talvez por influência da negativa de Átalo na narrativa da *Magna Mater* (*Fast.* 4.266), que, assim como aqui, dura até uma intervenção da deusa (*Fast.* 267-72) — de fato, os versos ovidianos parecem sugerir inclusive uma maioria contrária à concessão: enquanto a parcela favorável é referida como *pars* (648), são *multi* (649) os que julgam preferível conservar o nume em Epidauro. O termo *ops* (649-50: *suam ... opem*; note-se o forte hipérbato) aparece associado à medicina nos vv. 535 (*ope Paeonia*) e 653 (*opifer*)<sup>976</sup>.

**651-2:** enquanto hesitam (651: *dum dubitant*; note-se a repetição de “du”, semelhante ao paraquema do v. 648, passo onde a hesitação também é enfatizada), anoitece: em uma perífrase de elocução épica, o crepúsculo afasta a última luz e a sombra

<sup>971</sup> Id. *ibid.*

<sup>972</sup> Ver Galinsky (1996: 166-79); Martins (2011: 186-7; 196-7).

<sup>973</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>974</sup> Id. *ibid.*

<sup>975</sup> Id. *ibid.*

<sup>976</sup> Id. *ibid.*

traz as trevas à terra; note-se a ênfase no jogo entre luz e sombras, apropriado em relação à presença de Apolo, φοῖβος (brilhante), no episódio. O verbo *dubitant* pode indicar a etimologia de *crepusculum* apresentada por Varrão (L. 6.5: [c]repusculum *significat 'dubium'*)<sup>977</sup> — assim, as dúvidas só podem terminar quando esse momento ambíguo (cf. 11.596: *dubiaeque crepuscula lucis*) termina<sup>978</sup>. No v. 652, o genitivo *telluris* deve ser lido ligado a *umbraque*, não a *orbi*<sup>979</sup>; note-se a repetição com sinonímia dos termos em cada hemistíquio do verso (*umbraque, tenebras; telluris, orbi*).

**653-7:** narra-se a aparição de Esculápio (653: *deus ... opifer*) no sonho do romano (654: *Romane*; para o vocativo, ver o com. aos vv. 637-40; presumivelmente, trata-se de Quinto Ogúlnio Galo, que teria chefiado a expedição a Epidauro). A visão de deuses em sonho é típica de narrativas de transferência de culto<sup>980</sup> e particularmente apropriada neste caso, uma vez que o santuário de Epidauro era conhecido pela incubação, prática religiosa que consistia em dormir em um local sagrado com o objetivo de, em sonhos, obter a cura de algum mal<sup>981</sup>. A clara alusão a Verg. *A.* 3.90-3 nos vv. 634-6 autoriza que se estabeleça mais um paralelo entre esta passagem e a jornada de Eneias até Roma: seu sonho com os Penates em 3.147-71<sup>982</sup>, responsável por alertá-lo do erro na interpretação do oráculo e, assim, livrar os troianos da peste que assolava Creta. A nível intratextual, o sonho com Esculápio remete à aparição de Hércules nos sonhos de Mísceles no início do livro (21-5, 32-3) e ao sonho que prenuncia a Éaco a repopulação de Egina após a peste (7.634-42)<sup>983</sup>. *opifer* (653) é usado por Apolo em 1.521 em referência à sua associação com a medicina<sup>984</sup>. A descrição do deus é introduzida por *qualis in aede / esse solet* (654-5), sinalizando que sua aparência é aquela típica de suas estátuas: em uma das mãos segura seu bastão (655: *baculumque tenens*) e, com a outra, cofia a longa barba e os cabelos (656). O termo *caesariem* (656), normalmente relativo a cabelos longos, luxuriantes (*OLD* s.v. *caesaries*, acepção 1; cf. Hor. *Carm.* 1.15.14, onde coloca em relevo a inadequação de Páris em relação à guerra<sup>985</sup>), é estranho referindo-se a pelos da barba —

<sup>977</sup> Maltby (1991: s.v. *crepusculum*).

<sup>978</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>979</sup> Cooke (1936).

<sup>980</sup> Weinreich (1909: 158-61).

<sup>981</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>982</sup> Id. *ibid.*

<sup>983</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>984</sup> Id. *ibid.*

<sup>985</sup> Hasegawa (2019a: 222).

possivelmente, uma alusão a (Augusto) César<sup>986</sup> (cf. 1.179-80<sup>987</sup>). Com *placido* (657), indica-se a disposição favorável de Esculápio (cf. *Fast.* 2.17; 4.161; *Verg. A.* 4.578; *Hor. Carm.* 4.3.2)<sup>988</sup>. Ainda no v. 657, note-se o homeoteleuto em *tales ... uoces*, enfatizado pela colocação dos termos ao fim dos hemistíquios do verso.

**658-62:** Esculápio principia sua fala tranquilizando o romano: *pone metus*. Para aparições iniciando sua fala tranquilizando o ouvinte, cf. *Ep.* 16.68; *Ars* 1.556; *Fast.* 1.101; *Cic. Rep.* 6.14. O substantivo *metus* pode aqui aludir à etimologia de *deus* a partir do grego δέος = *metus*<sup>989</sup> (como nos vv. 32-4, *supra*). Diz o deus que virá e deixará (658: *ueniam ... relinquam*; o homeoteleuto tem destaque graças ao posicionamento de ambos os verbos ao fim do primeiro e segundo hemistíquio, respectivamente) seus *simulacra* (658) — aqui, “aparência”, primeiro significado do termo, embora, associado a um deus, normalmente signifique “estátua” (*OLD* s.v. *simulacrum*, acepções 1 e 3a, respectivamente); possivelmente, Ovídio alude ao fato, atestado nas demais fontes do evento, de que os romanos inicialmente tinham em mente trazer uma estátua de Esculápio para Roma. O deus então ordena que o romano observe a serpente que rodeia o *baculum* até que a possa reconhecer, pois nela se transformará (659-61); para a relação entre um ser e sua estátua, cf. 14.322-3 (Pico) e *Fast.* 1.231 (Jano)<sup>990</sup>. A ampliação das dimensões de um ente quando divinizado (662: *caelestia corpora*; note-se o par aliterativo) é tópica: cf. *Fast.* 6.539-40 (Carmenta); *Verg. A.* 2.773 (Creúsa); serpentes, quando sobrenaturais, são também superdimensionadas<sup>991</sup> — por isso, *maior ero tantusque uidebor, / in quantum uerti caelestia corpora debent* (661-2).

**663-4:** os versos são extremamente trabalhados. No v. 663, *extemplo* é separado do restante do verso por uma cesura trimímera; segue *cum uoce deus*, entre a primeira cesura e a segunda, heptemímera, depois da qual há a formulação quase idêntica *cum uoce deoque*. A expressão *somnus abit* (664) continua, com dupla silepse<sup>992</sup>, a gradação, completa em *somnique fugam lux alma secuta est*. Note-se poliptoto em *somnus* e *somnique*. A expressão *lux alma*, enquanto *iunctura*, é virgiliana (cf. *A.* 1.306; 3.311;

<sup>986</sup> Id. *ibid.*

<sup>987</sup> Com Barchiesi (2005: *ad Met.* 1.179-80).

<sup>988</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>989</sup> Ver Michalopoulos (2001: 68).

<sup>990</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>991</sup> Weinreich (1909: 95).

<sup>992</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

8.455) e especialmente apropriada qualificando a aurora do dia que restituirá a saúde e, portanto, a vida a Roma<sup>993</sup>.

**665-8:** à menção ao amanhecer no v. 664, segue uma perífrase da alvorada, com elocução tipicamente épica: a aurora seguinte ([p]ostera ... *Aurora*) afugentara (*fugauerat*) os “fogos dos astros” (*sidereos ... ignes*), i.e., as estrelas. Para variantes do verso nas *Metamorfoses*, cf. 4.81; 7.100, 835<sup>994</sup>. Os *proceres* locais, indecisos, reúnem-se no templo de Esculápio (666-7: *templa ... operosa dei*; note-se o hipérbato; *operosa* aqui tem o sentido de “elaborado”, “adornado”<sup>995</sup> — cf. *OLD* s.v. *operosus*, acepção 3) e pedem sinais que indiquem onde o deus deseja ficar (667: *morari*; o primeiro sentido do verbo é “atrasar”; para essa acepção, cf. *OLD* s.v. *moror*, 11a<sup>996</sup>). A expressão *signis caelestibus* (668), apesar de, no contexto, ter o sentido de “sinais celestes”, pode fazer nova alusão à estátua do deus: *signum caeleste* designa uma estátua em *Fast.* 6.421 e *Pont.* 3.2.51<sup>997</sup>.

**669-74:** *uix bene desierant* (669) ocupa o primeiro hemistíquio também em 2.47; cf. *Fast.* 5.278 (*uix bene desieram*) e 6.513 (*uix bene desierat*)<sup>998</sup>. A epifania do deus é descrita por meio de elementos tópicos<sup>999</sup>: a serpente possui crista (669: *crístis ... altis*; cf. *A.* 2.206), é dourada (669: *aureus*; cf. *A.* 5.87-8) e tem olhos flamejantes (674: *oculos ... igne micantes*; cf. *A.* 2.210). A expressão *in serpente deus* (670) tem o sentido de “o deus em forma de serpente”, mas também “o deus que possuía a serpente”, como em 3.612; 7.55; *Fast.* 2.398; 6.5; *Ars* 3.549; cf. *Liv. Per.* 11 (*anguem ... in quo ipsum numen esse constabat*)<sup>1000</sup>. Os *sibila* (670) parecem representados pela repetida aliteração em /s/ e assonância em /i/ na passagem (esp. vv. 668-70), com efeito onomatopaico. Note-se também o uso do termo em *A.* 2.211, no episódio de Laocoonte, já aludido nos paralelos indicados *supra*, também com repetição de /i/ e /s/. Cf. *Sen. Med.* 13-4, com o mesmo efeito onomatopaico: ... *sceleris ultrices deae, / crinem solutis squalidae serpentibus*. O termo *aduentus* (671: *aduentuque suo*) tem o sentido de “epifania”<sup>1001</sup> (*OLD* s.v.

<sup>993</sup> Id. *ibid.*

<sup>994</sup> Id. *ibid.*

<sup>995</sup> Id. *ibid.*

<sup>996</sup> Id. *ibid.*

<sup>997</sup> Id. *ibid.*

<sup>998</sup> Id. *ibid.*

<sup>999</sup> Id. *ibid.*, com os paralelos virgilianos arrolados *infra*.

<sup>1000</sup> Id. *ibid.*

<sup>1001</sup> Id. *ibid.*

*aduentus*, acepção 1c). Nos vv. 671-2, o mover-se da estátua, dos altares, das portas, do piso e do teto (a enumeração é enfatizada pelo polissíndeto: *signumque arasque foresque / marmoreumque solum fastigiaque aurea*) estabelece um paralelo com a descrição do oráculo de Apolo nos vv. 634-6<sup>1002</sup>. O chão de mármore e o teto dourado são convencionais tanto em templos (cf. 8.701-2) como em vilas luxuosas (cf. *Med.* 7-8; *Cic. Parad.* 49; *Tib.* 3.3.16)<sup>1003</sup>. O v. 673 (*pectoribusque tenus media sublimis in aede*) ecoa a descrição do touro marinho no v. 512 (*pectoribusque tenus molles erectus in auras*), com a repetição do primeiro hemistíquio; cf. também 3.43; *Verg. G.* 3.426; *A.* 2.206<sup>1004</sup>. Se a serpente é a que rodeia o bastão de Esculápio em sua estátua (671: *signumque*), como em parte sugerido pela fala do deus (658: *simulacra nostra relinquam*), a expressão *oculos ... igne micantes* (674) pode referir-se aos olhos da estátua, possivelmente feitos de ouro (cf. a ambiguidade em 10.277: *Venus aurea*<sup>1005</sup>). O passo estabeleceria ainda um paralelo (em ordem inversa) com as duas serpentes que, depois de terem matado Laocoonte e seus filhos, vão se aninhar sob a estátua de Minerva em *Verg. A.* 225-7<sup>1006</sup>.

**675-6:** a turba, aterrorizada (175: *terrata turba*, note-se o par aliterativo), é tomada pelo pavor (675: *pauet*; cf. 636: *pauefactaque pectora mouit*), mas o sacerdote reconhece o deus. A calma do *sacerdos* em relação ao medo dos demais evoca a reação de Harmonia diante de Cadmo, transformado em serpente, em 4.598-9<sup>1007</sup>. A faixa branca (676: *uitta ... albente*) é característica de sacerdotes: cf. 5.110; *Am.* 3.6.56<sup>1008</sup>.

**677-9:** em elocução ritual<sup>1009</sup>, o sacerdote indica a epifania: *en deus est, deus est* (677); para a *geminatio* de *deus*, cf. *Verg. Ecl.* 5.64; *A.* 6.46; *Lucr.* 5.8<sup>1010</sup>. A expressão *animis linguisque fauete* (677) ocorre, embora em ordem inversa (*linguis animisque fauete*) em *Am.* 3.2.43 e *Fast.* 1.71; cf. também *Juv.* 12.83 (*linguis animisque fauentes*) e *Hor. Carm.* 3.1.2 (*fauete linguis*)<sup>1011</sup>. Apesar da segunda pessoa do singular, *quisquis ades* (678) parece, em vista da repetição com *adest* no v. 680, referir-se não a Esculápio, mas aos presentes; para este uso da segunda do singular, cf. *Ib.* 96; *Ars* 1.267-8; *Fast.* 3.417;

---

<sup>1002</sup> Id. *ibid.*

<sup>1003</sup> Id. *ibid.*

<sup>1004</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1005</sup> Reed (2013: *ad Met.* 10.277).

<sup>1006</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1007</sup> Id. *ibid.*

<sup>1008</sup> Id. *ibid.*

<sup>1009</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1010</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1011</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

Tib. 2.1.1 e 2.2.2. O adjetivo *pulcher*, originalmente pertencente à esfera religiosa, é comumente associado a deuses<sup>1012</sup>; o superlativo *pulcherrime* (678) pode soar, porém, algo incongruente quando dirigido a uma serpente<sup>1013</sup>. A fala termina com a prece de que a aparição (678: *uisus*) da divindade seja útil aos povos que a cultuam (679: *populosque ... colentes*; note-se o uso de *colo* como “cultuar”, como no v. 642).

**680-2:** a expressão *uerba ... geminata* (681), com que se descreve a repetição, por parte dos presentes, das palavras do sacerdote, aplica-se também ao estreito paralelismo entre os três versos de sua fala (677-9) e os três versos seguintes (680-2): *quisquis ades* (678) e *quisquis adest* (680); *animis linguisque* (677) e *et mente et uoce* (682); *fauete* (677) e *praestant ... fauorem* (682); *populosque ... tua sacra colentes* (679) e *Aeneadae* (682). Não parece casual a justaposição de *piumque*, ao fim do v. 681, e *Aeneadae*, encabeçando o verso seguinte; acresce que *Aeneadae*, com o sentido de *Romani*, é utilizado nas *Metamorfoses* apenas neste episódio (aqui e no v. 695), chamando atenção para o paralelismo com a viagem de Eneias<sup>1014</sup>, modelo “original” desse movimento migratório (não tanto por sua precedência temporal, mas antes pela precedência poética da *Eneida* em relação às *Metamorfoses*); cf. Verg. *A.* 8.648: *Aeneadae in ferrum pro libertate ruebant*. *Aeneadae* pode remeter ainda ao primeiro verso do *DRN* (*Aeneadum genetrix...*).

**683-4:** *adnuit* (683) chama atenção para a etimologia no termo *numen* (650, 675 e 680), derivado de *nuto* (“aceno”)<sup>1015</sup>; o movimento com as cristas é uma “garantia segura” (683: *rata pignora*) de sua intenção de partir com os romanos. O deus-serpente solta sibilos — *repetita ... sibila* (684), talvez um comentário sobre os *sibila* do v. 670, possivelmente uma alusão a Verg. *A.* 2.211. Assim como no v. 669-70, os homeoteleutos em *-is* (*his motisque ... cristis*), a aliteração em /t/ (*et repetita dedit uibrata*) e a assonância em /i/ nos vv. 683-4 parecem possuir valor onomatopaico, mimetizando o sibilar da cobra. A proximidade entre *deus* (683) e *dedit* (684), ambos colocados junto a cesuras, portanto em destaque, pode apontar para a etimológica de *deus* a partir do verbo *do* (Paul. *Fest.* 71: *deus dictus, quod ei nihil desit, uel quia omnia commoda hominibus dat*)<sup>1016</sup>.

<sup>1012</sup> Skutsch (1985: *ad Enn. Ann.* 38).

<sup>1013</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1014</sup> Id. *ibid.*

<sup>1015</sup> Ver Michalopoulos (2001: 132).

<sup>1016</sup> Id. *ibid.*: 66-7.

**685-7:** Esculápio deixa seu templo. O olhar para trás (685-6: *oraque retro / flectit*; 656: *respicit*) para uma última visão da pátria é tópico em contexto de exílio (*Fast.* 3.566; *Tr.* 3.10.62; *Luc.* 3.3-5); nesse sentido, há paralelos com a descrição da última noite de Ovídio em Roma em *Tr.* 1.3: *antiquas abiturus ... aras* (686; note-se o homeoteleuto em termos colocados ao final dos hemistíquios) e *maestos abiturus amicos* (1.3.15); *respicit* (686) e *respiciens* (1.3.60); *adsuetasque domos habitataque templa salutat* (687; note-se a hendiade) e o último olhar para o Capitólio e seus templos (1.3.29-34), concluído com *este salutati ... mihi*. Chama atenção o uso incomum de *saluto* no sentido de “dizer adeus” (cf. v. 731, como “saudar” a *chegada* do deus)<sup>1017</sup>.

**688-90:** o deus-serpente rasteja pelo solo coberto de flores até o porto. Espargir pétalas e folhas (φυλλοβολία) era prática disseminada em contexto de celebração: e.g. *Am.* 1.2.39-40; *Tr.* 4.2.50; *Pont.* 2.1.35-6; *Lucr.* 2.627-8<sup>1018</sup>. Em *Verg. A.* 5.79, Eneias cobre o chão com flores em celebração do aniversário da morte de Anquises, ritual seguido pela aparição de uma serpente (84-93)<sup>1019</sup>. Chama atenção a ênfase na sinuosidade de Esculápio (689: *serpit ... flectitque sinus*), que se estende à descrição do porto, *incuruo munitos aggere* (690) — portos são convencionalmente curvos para fornecer proteção (cf. 11.229-31; *Verg. A.* 3.533)<sup>1020</sup>.

**691-4:** no porto, Esculápio detém-se (691: *restitit hic*). Em *agmen suum turbaeque sequentis / officium* (691-2), apesar da enclítica *-que*, deve-se considerar uma só noção (“[pareceu dispersar] seu cortejo e a cerimônia da multidão que o seguia”), como em *Pont.* 4.9.23-4 (*aspicerem gaudens, quantus foret agminis ordo, / densaque quam longum turba teneret iter*)<sup>1021</sup>. Para um ente metamorfoseado que parece (692: *uisus*) ter determinada reação, cf. Dafne, já transformada em loureiro, em 1.566-7 (... *factis modo laurea ramis / adnuit utque caput uisa est agitasse cacumen*). Para *placido ... uultu* (692), ver o com. aos vv. 653-7, *supra*. Novamente, enfatiza-se a dimensão física do deus — agora, seu peso (693-4: *numinis ... onus; dei grauitate*; note-se a repetição com sinonímia); assim como os seres divinos são tradicionalmente maiores que os não-divinos (ver o com. aos vv. 658-62), são também mais pesados (cf. 2.162; 4.449-50; 9.270; *Fast.*

<sup>1017</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1018</sup> Ver McKeown (1989 *ad Am.* 1.2.39-40) para mais exemplos.

<sup>1019</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1020</sup> Id. *ibid.*

<sup>1021</sup> Id. *ibid.*

3.42; Verg. *A.* 6.412-4, onde a proeminência de Eneias é expressa por seu tamanho e peso *divinos*<sup>1022</sup>).

**695-6:** *Aeneadae* (695), novamente em posição de destaque (cf. 682) e antecedendo a viagem a Roma reforça a relação entre esta e a jornada de Eneias na *Eneida* (para as passagens, ver o com. aos vv. 701-2, *infra*). A nau ornada de guirlandas (696: *coronatae*) é usada como imagem para a conclusão de textos em Prop. 3.24.15 e *Rem.* 811, sinalizando o termo do poema<sup>1023</sup>; acresce às *coronae* a presença do *Coronides* Esculápio<sup>1024</sup>. O v. 696 é áureo: os adjetivos *torta* e *coronatae* encontram-se no primeiro hemistíquio e os substantivos correspondentes (*retinacula* e *navis*) no segundo; o verbo (*soluunt*) ocupa o centro do verso, logo após a cesura.

**697-700:** para *leuis aura* (697) em contexto de navegação, cf. 6.233; *Ep.* 5.53; *Ars* 3.100; *Tr.* 3.4.15<sup>1025</sup>. O deus apoia a cabeça na popa do barco (novamente, no v. 698, enfatiza-se seu peso: *premens*; ver o com. aos vv. 691-4, *supra*), lugar onde tradicionalmente era colocada a *tutela*, imagem da divindade protetora da embarcação<sup>1026</sup>. Destaca-se, nos vv. 698-9, a forte aliteração em /p/ e /k/: *inpositaque premens puppem ceruice recuruam / caeruleas despectat aquas modicisque per aequor*. O aspecto recurvo (698: *recuruam*) da popa espelha a sinuosidade da serpente<sup>1027</sup>. Os vv. 699-700 lembram a viagem de Míscolo em 49-50: *uentisque fauentibus aequor / nauigat Ionium*<sup>1028</sup>. Para a referência à Aurora como “Palântide” (700: *Pallantidos*), cf. 191: *Pallantias*, com o com. aos vv. 186-91. Esta primeira parte da viagem é descrita com extrema concisão — em menos de três versos, a nau atravessará o mar Jônio e chegará à Itália (701: *Italiam tenuit*); inversamente, grande destaque será dado à porção italiana na jornada.

**701-2:** do segundo hemistíquio do v. 701 ao 718, temos um catálogo de 30 localidades por que Esculápio e a delegação romana passam até sua chegada em Roma, o mais extensivo dos catálogos presentes nas descrições de viagens do oriente para o ocidente nos últimos três livros das *Metamorfoses*, que contêm também as jornadas de

---

<sup>1022</sup> Id. *ibid.*

<sup>1023</sup> Barchiesi (1997: 190).

<sup>1024</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1025</sup> Id. *ibid.*

<sup>1026</sup> Casson (1971: 347).

<sup>1027</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1028</sup> Id. *ibid.*

Eneias (13.709-27 e 14.82-105), Glauco (14.1-10) e Míscolo (15.50-7)<sup>1029</sup>. As menções exclusivamente a localidades italianas representam a “chegada” definitiva na Itália, após 14 livros de mitos predominantemente gregos — em oposição ao catálogo do episódio da *Magna Mater* (*Fast.* 4.277-90), no qual são arrolados apenas os locais por que passa a nau *antes* da chegada à Itália<sup>1030</sup>. Importante a relação de complementaridade entre a viagem de Esculápio e a de Eneias, já indicada pelo uso de *Aeneadae* nos versos 682 e 695: no relato ovidiano, a ausência de referências à costa jônia em 13.720-4 seria “compensada” nos vv. 701-5; ademais, uma série das localidades aqui mencionadas encontra precisa correspondência com o trajeto do herói troiano na *Eneida*, a começar pelos dois primeiros locais do catálogo: o promontório Lacínio (701-2; cf. *A.* 3.552), célebre por seu templo de Juno, e a costa de Cilaceu (702; cf. *A.* 3.553); os demais paralelos incluem a Caulônia (705; cf. *A.* 3.553); o Estreito de Messina (706; cf. *A.* 3.410 e ss.); Cumas (712; cf. *A.* 6.2); Gaeta (716; cf. *A.* 6.900); o promontório Circeu (718; cf. *A.* 7.10) e o Lácio (727 e ss.; cf. *A.* 7.30 e ss.)<sup>1031</sup>.

**703-5:** enigmática a menção à Iapígia (703), uma vez que a região parece corresponder à Península Salentina, o que configuraria um desvio em termos do percurso em direção a Roma. A “rocha anfrisia”, os “despenhadeiros celênios” e Romécio (703-5), citados em seguida, permanecem localidades desconhecidas<sup>1032</sup>. A referência a Caulônia *após* o promontório Lacínio e Cilaceu é uma correção da ordem em que os três locais aparecem em Virgílio (*A.* 3.552-3: *diua Lacinia - Caulonisque arces - nauifragum Scylaceum*); aqui, a sequência é geograficamente correta, enquanto Virgílio teria se mantido mais próximo da perspectiva na navegação<sup>1033</sup>. “Narícia” é um nome para a cidade de Locri, fundada por gregos advindos da Lócria<sup>1034</sup>. Aparentemente, essa população acreditava ser descendente de Ajax Oileu, nascido na cidade grega de Narica (cf. 14.468: *Naryciusque heros*)<sup>1035</sup>.

---

<sup>1029</sup> Id. *ibid.*

<sup>1030</sup> Id. *ibid.*

<sup>1031</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1032</sup> Id. *ibid.*

<sup>1033</sup> Id. *ibid.*

<sup>1034</sup> Hardie (2015: *ad loc.*)

<sup>1035</sup> *Harpers Dictionary of Classical Antiquities*, s.v. *Locri Epizephyrii*, disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0062:entry=locri-epizephyrii-harpers&highlight=locri>.

**706:** deixando a costa jônia, a embarcação vence (706: *euincitque*) o estreito de Messina — que pode ser referido simplesmente por *fretum*, como em 14.6<sup>1036</sup>. *Siculique ... Pelori* refere-se ao Cabo Peloro, localizado no ponto mais afilado do estreito, no extremo noroeste da Sicília.

**707:** as *Hippotadaeque domos regis* seriam as Ilhas Eólias (ou Líparas/Lipárias), no mar Tirreno, lar de Éolo, filho de Hipotes (cf. Plin. *Nat.* 3.9). *Temeses* é o nome grego para a cidade de Tempse, em Bruzio; a referência, aparentemente falsa, a minas (*metalla*) na cidade derivaria de uma confusão com outra localidade, de nome Têmesa/Tamasos, no Chipre, ilha rica em cobre — Ovídio estaria aqui aludindo ao debate sobre a Têmesa mencionada em *Od.* 1.184, ora identificada com a cidade cipriota, ora com a italiana (Str. 6.1.5)<sup>1037</sup>.

**708:** Leucósia, atualmente Licosa, é uma ilha na província de Salerno; seu nome derivaria ou da sirena homônima, cujo corpo teria sido encontrado ali (Str. 6.1.1)<sup>1038</sup> ou de uma prima de Eneias, lá sepultada (D.H. 1.53.2)<sup>1039</sup>. Para os “roseirais da tépida Pesto” (*tepidique rosaria Paesti*) cf. Verg. *G.* 4.119 (*biferique rosaria Paesti*) e Prop. 4.5.61 (*odoratum uictura rosaria Paestum*)<sup>1040</sup>.

**709:** no primeiro hemistíquio, menciona-se Capri e, no segundo, o *promontoriumque Mineruae* (cf. Lucil. fr. 119 W.) — atual *Punta Campanella*, local de um templo da deusa; a ordem, porém, parece invertida: navegando em direção a Roma, passar-se-ia primeiro pelo promontório, depois, pela ilha<sup>1041</sup>.

**710:** Seguindo pela costa tirrena, mencionam-se as “colinas abundantes em sorrentinas vinhas”. Note-se a hipálage: *generosos*, aqui classificando os *colles*, é habitualmente epíteto associado ao *uinum*, no sentido de um vinho refinado, de qualidade superior (cf. 4.765: *generosi munere Bacchi*; Rem. 567: *generosae ... uuae*; Tib. 3.6.5:

---

<sup>1036</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1037</sup> Id. *ibid.*

<sup>1038</sup> Id. *ibid.*

<sup>1039</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1040</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1041</sup> Id. *ibid.*

*generoso ... baccho*)<sup>1042</sup>. Sobre o vinho de Sorrento, cf. Hor. *S.* 2.4.55; Plin. *Nat.* 14.8.64<sup>1043</sup>; Str. 5.4.3<sup>1044</sup>.

**711-2:** novamente, Ovídio inverte uma sequência geográfica: primeiro, Herculano (mencionada no v. 711 através da perífrase *Herculeamque urbem*) e depois Estábia. Nápoles é aqui referida pelo antigo nome de Partênopo (outra sirena que ali teria sido sepultada; cf. Plin. *Nat.* 3.5.62<sup>1045</sup>; Str. 1.2.13; Serv. *ad G.* 4.563). A cidade é caracterizada como *in otia natam* (711) por ser tradicionalmente um local ligado ao lazer: cf. Str. 5.4.7<sup>1046</sup>; Hor. *Epod.* 5.43 (*otiosa ... Neapolis*); Verg. *G.* 4.563-4 (*illo Vergilium me tempore dulcis alebat / Parthenope studii florentem ignobilis oti*)<sup>1047</sup>. *Neapolis* não se acomoda ao hexâmetro, motivo pelo qual tanto Ovídio como Virgílio optam por *Parthenope*<sup>1048</sup>. A menção a Cumas através da expressão *Cumanae templa Sibyllae* (712) remete ao célebre episódio narrado no livro 6 da *Eneida* e retrabalhado por Ovídio em 14.101-53.

**713-4:** os *calidi fontes* (713) referem-se às fontes termais de Baia (cf. *Ars* 1.255-6; Lucr. 6.747-8; Str. 5.4.5<sup>1049</sup>). O adjetivo *lentisciferumque* (713), utilizado para qualificar a cidade de Literno (714), é um hápax<sup>1050</sup>, possivelmente, como nota Segal (1969: 277), de inspiração catuliana (7.4: *lasarpiciferis ... Cyrenis*):

*Lentisciferumque ... Liternum* is probably a deliberate echo of Catullus' *lasarpiciferis ... Cyrenis* [...], where the compound is a humorous touch of half-playful pomposity. But Ovid even improves on Catullus by using his compound for a common, not a rare substance and to describe not distant and exotic Africa, but a place close to Rome.

O lentisco (ou aroeira) é uma árvore de onde se extraía uma resina usada para fins medicinais<sup>1051</sup>.

**714-5:** o Volturno, que deságua no mar Tirreno pouco acima de Literno, é o maior entre os rios da Campânia, razão por que é descrito *multamque trahens sub gurgite*

---

<sup>1042</sup> Id. *ibid.*

<sup>1043</sup> Id. *ibid.*

<sup>1044</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1045</sup> Id. *ibid.*

<sup>1046</sup> Id. *ibid.*

<sup>1047</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1048</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1049</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1050</sup> Id. *ibid.*

<sup>1051</sup> Id. *ibid.*

*harenam* (714). O verbo *traho* pode ser usado para o movimento de uma serpente, como em Verg. *A.* 5.85 (*septena uolumina traxit*)<sup>1052</sup>, possível modelo para o v. 721 (*et magna uolumina labens*). No v. 715, menciona-se a cidade de Sinuessa, cujo nome derivaria do golfo (*sinus*) de Caieta (Str. 5.3.6); o mesmo termo, *sinus*, é usado, nos vv. 689 e 721, para os anéis de Esculápio. Nesse sentido, embora *columbis* seja a lição adotada por Tarrant (2004), Hardie (2015: *ad loc.*) advoga em favor de *colubris*, que, associado à sinuosidade sugerida pelo nome da cidade, reforçaria a imagem do deus-serpente.

**716:** primeira cidade do Lácio arrolada no catálogo, Minturnas é *graues* por se tratar de uma região pantanosa, exalando, portanto, odor malcheiroso (cf. Hor. *Ep.* 1.5.4-5)<sup>1053</sup>. No segundo hemistíquio do verso, a perífrase *et quam tumulauit alumnus* indica Caieta/Gaeta, cujo nome advém da ama de Eneias, ali sepultada pelo herói (14.157, 441-1; Verg. *A.* 7.1-4).

**717:** a *Antiphataeque domus* é Fórmias; Antífates, mencionado no livro anterior (14.233-4), seria rei dos lestrígones, povo de gigantes antropófagos mencionados já em Hom. *Od.* 10.80-134. Sobre a relação de Fórmias com os lestrígones, cf. também Hor. *Carm.* 3.17.5-9<sup>1054</sup>. Mais uma vez, há uma imprecisão geográfica: navegando em direção a Roma, Fórmias vem antes de Gaeta<sup>1055</sup>. No segundo hemistíquio do verso, *Trachasque* refere-se à moderna Terracina; o pântano (*palude*) por que ela é cercada (*obsessa*) são os pântanos Pontinos, que se estendem por aproximadamente 45 km entre Terracina e Âncio.

**718:** fechando o catálogo, Ovídio menciona a *tellus Circaea* (i.e., a região do Monte Circeu, identificado como morada da feiticeira possivelmente desde o século 6 a.C.<sup>1056</sup>) e, por fim, Âncio, cuja caracterização (*spissi litoris*) parece fazer referência ao fato de sua praia ser de areia dura: cf. *Ars* 2.132 (*in spisso litore pingit opus*); Verg. *A.* 5.336 (*spissa ... harena*)<sup>1057</sup>. *Antium* é aqui pronunciado como um bissílabo, o único exemplo deste fenômeno em Ovídio<sup>1058</sup>.

---

<sup>1052</sup> Id. *ibid.*

<sup>1053</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1054</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1055</sup> Id. *ibid.*

<sup>1056</sup> Id. *ibid.*: *ad* 14.9-10.

<sup>1057</sup> Id. *ibid.*: *ad loc.*

<sup>1058</sup> Id. *ibid.*

**719-22:** após uma viagem tranquila, Esculápio e a delegação romana enfrentam uma tempestade (720: *asper ... pontus erat*) e desembarcam, portanto, em Âncio (719: [h]uc); note-se o homeoteleuto em *ueliferam ... carinam* (719), posicionados ao fim do primeiro hemistíquio e ao fim do verso, respectivamente. Chama atenção a repetição com sinonímia na descrição do corpo da serpente rastejando: *orbes* (720) *sinus crebros* e *magna uolumina* (721). A entrada de Esculápio nos *templa parentis* (722) é, aparentemente, uma inovação ovidiana: em Valério Máximo (1.8.2.) e *De uiris illustribus* (22.3), menciona-se essa parada em Âncio, mas o templo é atribuído ao próprio deus, não a seu pai<sup>1059</sup> — possivelmente, o objetivo seja destacar a associação de Esculápio com Apolo, com suas implicações augustanas, conforme visto no com. aos vv. 637-40. Destaca-se ainda a colocação de *litus* ao fim do v. 722 (ver n. 319).

**723-4:** a tormenta se aplaca (723: *aequore placato*,) e Esculápio, significativamente nomeado *Epidaurius* no momento de sua chegada na Itália, deixa os altares (723: *patrias ... aras*; cf. 686: *antiquas ... aras*) do templo de Apolo (724: *iuncti sibi numinis*). Note-se a aliteração em /p/ no v. 723: *placato patrias Epidaurius*. A expressão *hospitio ... usus* (724) encontra paralelo no relato de Valério Máximo (1.8.2: *Antiensis templi hospitio usus*)<sup>1060</sup>.

**725-7:** continuando a ênfase no corpo de serpente do deus, ele é descrito sulcando as areias com a “extensão das escamas crepitantes”, imagem talvez mimetizada pela inserção do sintagma em meio à *litoream ... harenam: litoream tractu squamae crepitantis harenam* (725). Para a descrição das escamas, cf. *Ep.* 12.101 (*squamis crepitantibus*)<sup>1061</sup>. O posicionamento de Esculápio no leme da nau (726: *innixus moderamine*) sugere o comando da embarcação, como em 3.644<sup>1062</sup>. Novamente, a serpente apoia a cabeça na popa; também aqui, destaca-se a aliteração em /p/ (727: *puppe caput posuit*; cf. 698: *inpositaque premens puppem*), agora com a variação de *caput* no lugar de *ceruice*.

**727-8:** sucedem-se então as duas últimas localidades da viagem. Castro (cf. Verg. *A.* 6.775: *Castrumque Inui*; é referido apenas como *Castrum* em Sil. 8.359 e Mart.

---

<sup>1059</sup> Id. *ibid.*

<sup>1060</sup> Id. *ibid.*

<sup>1061</sup> Id. *ibid.*

<sup>1062</sup> Id. *ibid.*

4.60.1)<sup>1063</sup> é o antigo porto de Árdea. Lavínio, cidade fundada por Eneias e nomeada em honra a sua esposa Lavínia, é mencionada em Verg. *A.* 1.270 (*ab sede Lauini*)<sup>1064</sup>; a perífrase *sacrasque / Lauini sedes* (727-8) parece motivada pelo fato de a cidade ser, à época de Ovídio, local de culto de Eneias, onde cônsules e pontífices realizavam sacrifícios anuais<sup>1065</sup>. Finalmente, a nau chega à foz tiberina (728: *Tiberinaque ad ostia uenit*; cf. Verg. *A.* 1.13-4: *Tiberinaque ... / ostia*<sup>1066</sup>), mencionada também na chegada da *Magna Mater* em *Fast.* 4.291-2 (*ostia contigerat qua se Tiberinus in altum / diuidit*).

**729-31:** Esculápio é recebido: todos acorrem para vê-lo e o saúdam. A passagem possui paralelos com a chegada da *Magna Mater* em *Fast.* 4.291-6, esp. o v. 729 (*omnis populi passim matrumque patrumque*) com *Fast.* 4.293 ([*o*]mnis eques mixtaque grauis cum plebe senatus) e 295 (*pariter matres nataeque nurusque*) e a menção às vestais em 730-1 (*quaeque ignes, Troica, seruant / Vesta, tuos*) com *Fast.* 4.296 (*quaeque colunt sanctos uirginitate focos*); cf. também a recepção de Baco em 3.529-30 (*turba ruit, mixtaeque uiris matresque nurusque / uulgiusque proceresque ignota ad sacra feruntur*)<sup>1067</sup>. A expressão *Troica ... Vesta* (cf. *Fast.* 6.227: *Iliaca ... Vesta*) chama atenção para o paralelismo, presente também no episódio da *Magna Mater*, entre a viagem de Esculápio e a de Eneias — cf. *laetoque deum clamore salutant* (731) e Verg. *A.* 3.524: *Italiam laeto socii clamore salutant*, a primeira reação dos troianos ao avistarem a Itália<sup>1068</sup>. Vesta, embora em Verg. *A.* 2.296 figure como divindade trazida por Eneias ao Lácio, possivelmente tinha origem itálica<sup>1069</sup>, ainda que estreitamente associada com os Penates de Troia, cultuados em seu templo em Roma (cf. *Fast.* 1.528)<sup>1070</sup>.

**732-5:** destaca-se o contraste entre a dificuldade da nau que transportava a *Magna Mater* Tibre acima (*Fast.* 4.298: *uix subit aduersas hospita nauis aquas*) e a facilidade com que a nau de Esculápio realiza o mesmo percurso (732: *quaque per aduersas nauis cita ducitur undas*). A colocação de *nauis cita* em meio ao sintagma *aduersas ... undas* (note-se o homeoteleuto, destacado pelo posicionamento dos termos ao fim dos hemistíquios do verso) possivelmente mimetiza a cena. Nos altares, alinhados em ambas

---

<sup>1063</sup> Id. *ibid.*

<sup>1064</sup> Id. *ibid.*

<sup>1065</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1066</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1067</sup> Id. *ibid.*

<sup>1068</sup> Id. *ibid.*

<sup>1069</sup> Ver Bennett (1913) para uma síntese.

<sup>1070</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

as margens do rio (733-4: *super ripas aris ex ordine factis / parte ab utraque*), queima o incenso (733-4: *tura ... sonant.*). O verbo *sono* é usado para o crepitar do incenso também em *Fast.* 1.75-6 e *Tr.* 3.13.16; 4.2.4<sup>1071</sup>. A expressão *odorant aera fumis* (734) lembra as oferendas de Cipo no v. 574 (*placat odoratis herbosas ignibus aras*). O v. 735, áureo, remete ao sacrifício animal dos vv. 134-5 (*percussaque sanguine cultros / inficit in liquida ... unda*), onde o *pathos* é realçado pela descrição a partir da perspectiva da vítima<sup>1072</sup>.

**736:** Esculápio entra em Roma. Para *caput rerum*, cf. *Liv.* 1.45.3 (referindo-se a Roma em relação ao Lácio) e 5.54.7 (ao Capitólio); a profecia de Heleno no v. 435 (*immensi caput orbis erit*) se realiza<sup>1073</sup>. O segundo hemistíquio, *Romanam intrauerat urbem*, é igual em *Fast.* 6.683; retoma também *si Romam intrarit* (597), a condição apresentada pelo harúspice para a ascensão de Cipo ao trono romano<sup>1074</sup>. Note-se o contraste entre o desfecho de ambos os episódios: a interdição que leva à exclusão de Cipo da *Vrbs*, em oposição à ênfase na recepção de Esculápio a inclusão de seu culto em Roma.

**737-41:** mais uma vez, Esculápio é descrito elevando-se apoiado em alguma parte da nau — aqui, no lugar da popa (698, 727) ou do leme (726), é no ponto mais alto do mastro (737: *summoque ... malo*) que o deus se posiciona. A expressão *erigitur serpens* (737) justapõe as noções antagônicas de “rastejar” e “erguer-se”; a *iunctura* ocorre também em *German. Arat.* 86 e *Stat. Theb.* 2.412; 11.310-1<sup>1075</sup>. A descrição do deus olhando ao redor (738: *circumspicit*) em busca do local apropriado para seu novo culto lembra a epifania no templo de Epidauro (674: *oculos circumtulit*). A sinuosidade da serpente, sugerida em *circumspicit*, é reforçada por *circumfluus amnis* (739), que retoma, em anel, a *circumflua ... insula* (624-5) na proposição do episódio<sup>1076</sup>. A justaposição em *circumfluus amnis* pode ainda configurar uma glosa etimológica: cf. *Var. L.* 5.28 ([a]mnis *id flumen quod circuit aliquod; nam ab ambitu amnis. (...) Itaque Tiberis amnis, quod ambit Martium Campum et Urbem*), com referência ao Tibre<sup>1077</sup>. Os vv. 739-41 são uma elaborada perífrase para a ilha Tiberina, nomeada na parentética do primeiro hemistíquio do v. 740 (*Insula nomen habet*), com *Insula* como nome próprio; um paralelo pode ser

<sup>1071</sup> Id. *ibid.*

<sup>1072</sup> Id. *ibid.*

<sup>1073</sup> Id. *ibid.*

<sup>1074</sup> Id. *ibid.*

<sup>1075</sup> Id. *ibid.*

<sup>1076</sup> Id. *ibid.*

<sup>1077</sup> Michalopoulos (2001: 25).

encontrado na menção, também por perífrase, em *Fast.* 1.292 (*insula, diuidua quam premit amnis aqua*)<sup>1078</sup>. Note-se a possível personificação no uso de *lacertos* (741) para os braços do rio, única ocorrência do termo nesse sentido (cf. 1.13-4: *nec bracchia ... / ... porrexerat Amphitrite*)<sup>1079</sup>. Destaca-se, por fim, a ocorrência de *media* (741) no meio do verso, logo após a cesura (ver n. 436).

**742-4:** *Phoebeius anguis* (742) coloca em destaque a forma animal de Esculápio no momento imediatamente anterior à volta à aparência original (743: *specie caeleste resumpta*). Os versos finais do episódio retomam, em anel, seu início: o *salutifer Vrbi* (744) que *finem ... luctibus imposuit* (743-4) é o desfecho (positivo) da prece dos romanos em Delfos: *utque salutifera miseris succurrere rebus / sorte uelit tantaque urbis mala finiat, orant* (632-3), e do *luctus* mencionado na resposta do oráculo (639)<sup>1080</sup>. Por fim, como visto *supra*, a expressão *salutifer Vrbi* é sugestiva do movimento final do poema: a conversão da *Vrbs* em império.

## 5.8. Apoteose de Júlio César (745-860)

Ovídio cumpre o anunciado no próêmio e chega ao seu tempo (1.4: *ad mea ... tempora*): 44 a.C., ano da morte de Júlio César, mas também da concepção do poeta. Barchiesi (2005: *ad* 1.4) comenta:

Dato che l'ultimo evento metamorfico presentato nel poema è la trasformazione dell'anima di Giulio Cesare in stella cometa, risalente all'estate del 44 a.C., il poeta Ovidio, nato nel 43 a.C., ... è riuscito nell'egocentrica impresa di architettare una storia universale dalle origine del cosmo sino al proprio concepimento.

A apoteose de César, precursora em termos da tradição de divinizações imperiais em Roma<sup>1081</sup>, é modelada na tradição alexandrina de catasterismos reais, esp. os episódios calimaquianos da *Coma Berenices* e da deificação de Arsínoe (*Aet.* fr. 110 e 228 Pf., respectivamente)<sup>1082</sup>, mas também Theoc. 17.48-9<sup>1083</sup>. César se insere como clímax da

<sup>1078</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1079</sup> Id. *ibid.*

<sup>1080</sup> Id. *ibid.*

<sup>1081</sup> Ver Volk (2023: 379-83) para as particularidades desta apoteose em relação à tradição. Para a importância do relato de Ovídio na construção augustana da divinização de César, ver Pandey (2013).

<sup>1082</sup> Knox (1986: 75-8).

<sup>1083</sup> Hardie (2015: *ad loc.*). Para uma leitura detalhada dos precedentes da apoteose de César, ver Weinstock (1971: 342-63).

sequência de apoteoses romanas iniciada no livro 14, que inclui Eneias (14.581-608), Rômulo (14.816-828) e Hersília (14.845-51), com paralelos também com a divinização de Hércules (9.262-272)<sup>1084</sup>; cf. também a versão alternativa apresentada por Ovídio em *Fast.* 3.699-704. Esta seção final do poema, contudo, é, sobretudo, um longo panegírico a Augusto: entre os feitos de César, nenhum é maior do que ser pai do futuro *princeps* (745-61); é com uma profecia da grandeza vindoura de Augusto que Júpiter tranquiliza Vênus (807-42); após a metamorfose da alma de César no *sidus Iulium* (843-50), o novo deus observa do alto os feitos do filho e se alegra em ser por ele superado (850-4), similarmente aos *exempla* de heróis que superam seus pais, culminando na analogia entre Júpiter e Augusto (855-60), com consequências na menção à *Iouis ira* no epílogo do poema (871). Assim, após breves menções no livro 1 (200-5; 562-3), o *princeps*, que não é manifestamente mencionado no restante do poema, retorna ao texto, formando uma “moldura augustana” para as *Metamorfoses* e funcionando como *telos* da história universal cujo arco temporal é delimitado por Ovídio em seu próêmio.

**745-6:** destaca-se o salto temporal: passamos de 291 para 44 a.C., movimento equivalente ao que ocorre na écfrase do escudo de Eneias em Verg. *A.* 8.655-723, onde a invasão dos Gauleses (387 a.C.) é seguida pela batalha de Ácio (31 a.C.)<sup>1085</sup>. A seção dedicada à apoteose de Júlio César é introduzida pela comparação entre ele e Esculápio, ambos deuses, e sua distinção no que concerne à procedência: Esculápio é uma divindade estrangeira (745: *aduenā*), enquanto César *in urbe sua deus est* (746). O contraste entre ambos se manifesta também na ausência de sujeitos definidos na inserção de Esculápio no panteão romano, no episódio anterior, ao passo que, aqui, Augusto será claramente identificado enquanto agente na deificação do pai (760-1; 818-9)<sup>1086</sup>. Para *aduenā* referindo-se a um deus, cf. 3.561 (Baco); *Fast.* 5.21; Cic. *Leg.* 2.19<sup>1087</sup>. Em Verg. *A.* 7.38, na invocação de Erato e proposição da segunda metade do poema, *aduenā* é usado para caracterizar Eneias — um derradeiro paralelo entre o herói troiano e Esculápio<sup>1088</sup>. A colocação de *aduenā* no segundo hemistíquio do v. 745 pode ser mimética: *delubris aduenā nostris*, em oposição a César, que “envolve” Roma (*Caesar in urbe sua deus*). *Caesar* traz uma ambiguidade (Júlio ou Augusto) resolvida apenas no v. 749, com a

<sup>1084</sup> Hardie (2015: *ad.* 745-851).

<sup>1085</sup> Id. *ibid.*: *ad loc.*

<sup>1086</sup> Feeney (1991: 210-9).

<sup>1087</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1088</sup> Id. *ibid.*

menção ao catasterismo, que retoma a ambivalência análoga em Verg. *A.* 1.286-90, modelo importante para este passo ovidiano<sup>1089</sup>.

**746-9:** *Marte togaque / praecipuum* (746) é uma variante (com metonímia) da usual *belli domique*<sup>1090</sup> (e.g. 12.185; Hor. *Ep.* 1.20.23, 2.1.230; Sal. *Jug.* 41.7); a expressão é desenvolvida na sequência: *non bella magis ... / resque domi gestae* (747-8), “devolvendo” a noção apropriada em *Am.* 2.18.12 (*resque domi gestas et mea bella cano*) a seu contexto original<sup>1091</sup>. Os *triumphis* (747) de César serão mencionados no v. 757. A expressão *properataque gloria rerum* (748) alude à famosa *celeritas* de César (e.g. Cic. *Marc.* 2.5)<sup>1092</sup>. No v. 749, figura a metamorfose: *in sidus uertere nouum* (749; cf. 1.1-2: *[i]n noua ... / corpora*). O *sidus ... nouum* é o *sidus Iulium*, cometa que cruzou os céus de Roma em julho de 44 a.C., pouco depois do assassinato de César, durante a celebração dos *ludi Victoriae Caesaris*, promovidos por Augusto, e foi interpretado como o catasterismo de César — que, em 42 a.C., tornar-se-ia, por decreto do senado, *Diuus Iulius* (Plin. *Nat.* 2.23.94; Suet. *Jul.* 88; D.C. 45.7). Com *sidus ... nouum*, Ovídio mobiliza uma cadeia de alusões que remonta à *Coma Berenices* (Call. *Aet.* fr. 110 Pf.: ὄστρον ... νέον), episódio traduzido por Catulo (66.64: *sidus ... nouum*), por sua vez modelo para Verg. *G.* 1.32, onde o encômio helenístico à esposa de Ptolomeu III dá lugar à projeção da apoteose de Augusto<sup>1093</sup>. A expressão *stellamque comantem* (749) é um equivalente latino ao grego κομήτης, derivado de κόμη (cabelo); parece aludir-se a uma das etimologias de *Caesar*, a partir de *caesaries*<sup>1094</sup>.

**750-1:** completa-se a comparação introduzida por *praecipuum non ... magis: quam sua progenies* (750) — nesse sentido, o assassinato e consecutivo catasterismo de César não é um “episódio autônomo”, mas figura no poema *em função* da projeção da apoteose de Augusto<sup>1095</sup>, *telos* deste *magnum opus* ovidiano e *maius opus* (751) entre as ações de César; cf. *Fast.* 5.567-8 (Marte vendo o templo dedicado a si por Augusto): *spectat et Augusto praetextum nomine templum, / et uisum lecto Caesare maius opus*. É com *maius opus* que Ovídio designa as *Metamorfoses* em *Tr.* 2.63; para o uso da expressão no sentido poético, cf., e.g., Verg. *A.* 7.45 e *Am.* 3.1.24; aqui, ela parece sugerir

<sup>1089</sup> Id. *ibid.* Para Verg. *A.* 1.286-90, ver Austin (1971: *ad loc.*) e Harrison (1996).

<sup>1090</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1091</sup> Id. *ibid.*

<sup>1092</sup> Id. *ibid.*

<sup>1093</sup> Thomas (1986: 177-8).

<sup>1094</sup> Ver Michalopoulos (2001: 46).

<sup>1095</sup> Barchiesi (1994: 261).

“un’affinità tra finzioni poetiche e imperiali”<sup>1096</sup>. Note-se o paralelismo entre o *maius ... quam* do v. 751 e o *non ... magis ... quam* dos vv. 747-50, acompanhado pela repetição da ideia expressa em ambas as passagens, com o efeito de ênfase apropriado ao panegírico.

**752-6:** um catálogo de quatro campanhas militares de sucesso empreendidas por César, elencadas em uma longa interrogativa (retórica) introduzida por *scilicet ... plus est* (752). Destaca-se a ambiguidade de *scilicet*, que pode indicar a evidente verdade ou, ao contrário, o evidente absurdo de uma determinada proposição — caso se opte por uma leitura (ao menos em parte) irônica do elogio à *gens Iulia*. A respeito do “tom” de Ovídio em passagens como esta, é oportuna a consideração de Hinds (1987: 25) na conclusão de sua seção sobre o panegírico:

The real error, into which critics on both sides tend to fall, is to imagine that the matter is susceptible of final proof either way. It is not [...]. Every passage ever written by Ovid about Augustus admits of a non-subversive reading: but that is not in itself a refutation of Ovidian subversion.

No v. 752, representando, mais amplamente, a campanha na Gália, mencionam-se as incursões na Britânia (55 e 54 a.C.); *aequoreos* é usado para habitantes de ilhas em *Ep.* 15.199 (lésbias) e *Pont.* 4.10.14 (Calipso)<sup>1097</sup>. Os vv. 753-4 tratam da tomada de Alexandria em 47 a.C. A guerra civil entre Ptolomeu XIII e sua irmã Cleópatra VII começara no ano anterior, e César envolve-se no conflito ao dirigir-se ao Egito logo após a batalha de Farsalos, em perseguição a Pompeu, e sai vitorioso, ao lado de Cleópatra, depois da batalha do Nilo; a viagem pelo rio egípcio com Cleópatra, porém, teria sido mais um passeio turístico do que uma procissão triunfal (*Suet. Jul.* 52.1)<sup>1098</sup>. Os adjetivos *papyrifer* e *septemfluus* são neologismos ovidianos (cf. *Tr.* 3.10.27 e 1.422, respectivamente)<sup>1099</sup>. Os vv. 753-4 são notáveis no aspecto sonoro: destaca-se a aliteração em /p/ em *perque papyriferi septemflua*; a repetição de *flu* em *septemflua flumina*; o homeoteleuto de *-es* em *uictrices | egisse rates | Numidasque rebelles*. A expressão *Numidasque rebelles*, coordenada pela enclítica *-que a Cinyphiumque Iubam*, no v. 755, faz referência à vitória sobre Juba I, rei da Numídia, na batalha de Tapso (46 a.C.); Juba era aliado das forças pompeianas, lideradas por Quinto Metelo Cipião, embora não haja

<sup>1096</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1097</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1098</sup> Id. *ibid.*

<sup>1099</sup> Id. *ibid.* Para *septemfluus*, ver Barchiesi (2005: *ad Met.* 1.422).

aqui menção a este fato. *Cinyphium* (755), “do [rio] Cínife” (na Tripolitânia, hoje Líbia), é usado no sentido amplo de “africano” (cf. 5.124; 7.272; a primeira evidência do uso em latim do adjetivo é em Verg. *G.* 3.312)<sup>1100</sup>. O Ponto é “inchado [de orgulho] pelos nomes dos Mitridates” (755-6), uma dinastia de seis reis com esse nome, o último dos quais era pai de Fárnaques II, derrotado por César na batalha de Zela (47 a.C.). *Pontum* (756) faz referência ao reino, mas, possivelmente, também ao mar (Negro): cf. 11.518 (*tumefactum ... pontum*); *Tr.* 1.2.23-4 (*pontus ... tumidus*)<sup>1101</sup>.

**757-9:** *multos meruisse ... triumphos* (757) pode aludir ao fato de que César não celebrara nenhum triunfo antes de 46 a.C. — em 60 a.C., um triunfo lhe havia sido concedido pela vitória na Hispânia, mas ele teria de permanecer por determinado tempo fora do *pomerium* para celebrá-lo; como desejava concorrer ao consulado em 59 a.C. e sua presença em Roma seria necessária para tal, César optou por abrir mão da honra concedida<sup>1102</sup>. Em 46 a.C., por fim, em dias diferentes, César celebra 4 triunfos, pelas vitórias na Gália, no Egito, no Ponto e na África, compreendidas nos vv. 752-6; em 45 a.C., comemora a vitória sobre as forças pompeianas em Munda, que não é mencionada, possivelmente pelo mesmo motivo por que Metelo Cipião é omitido nos versos relativos à batalha de Tapso: vitórias sobre concidadãos não eram bem vistas entre os romanos<sup>1103</sup>, motivo por que Augusto faz questão de colocar o conflito com Marco Antônio como *bellum externum* contra Cleópatra<sup>1104</sup>. A contraposição entre *multos meruisse* e *aliquos egisse*, além de demonstrar certo exagero típico do panegírico, sugere moderação da parte de César<sup>1105</sup>. Ainda no v. 757, destaca-se a construção paralela à do v. 754, com duas cesuras, uma trimímera, outra heptemímera, com presença de homeoteleuto em posições de destaque: *et multos | meruisse, aliquos | egisse triumphos*. Todos esses feitos, no entanto, não seriam (ou seriam? Para a ambiguidade de *scilicet*, ver o com. aos vv. 752-6, *supra*) maiores do que “ter gerado tamanho homem”, i.e., Augusto, com cujo governo os deuses (759: *superi*, em apóstrofe) muito favoreceram a raça humana. O mesmo padrão do v. 757 repete-se no verso seguinte: *quam tantum | genuisse uirum | quo praeside rerum*.

<sup>1100</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1101</sup> Id. *ibid.*

<sup>1102</sup> Weinstock (1971: 60-1).

<sup>1103</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1104</sup> A esse respeito, ver Reinhold (1981).

<sup>1105</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

**760-1:** o conteúdo destes versos — para que este (Augusto) não crescesse de semente mortal, aquele (César) devia ser feito deus — chama atenção, sobretudo, pois é com eles que Ovídio introduz (e justifica) o assassinato e a apoteose de César, que, ao contrário das demais metamorfoses do poema, derivaria não do passado (os feitos e a ascendência de César), mas do futuro (o fato de seu herdeiro, Augusto, ter ascendido ao poder)<sup>1106</sup>. Volk (2023: 373), porém, lembra que a noção das instituições sociais, entre elas a religião, como criação humana, respondendo a necessidades e motivações humanas, não é criação moderna, e consta já em Varrão, *Antiquitates rerum diuinarum* fr. 5 Cardauns: [s]icut prior est ... pictor quam tabula picta, prior faber quam aedificium, ita priores sunt ciuitates quam ea, quae a ciuitatibus instituta sunt. O termo *cretus* (760) é particípio poético de *cresco*, atestado pela primeira vez em Lucr. 5.6 (*nemo, ut opinor, erit mortali corpore cretus*)<sup>1107</sup>; note-se o estreito paralelo com o segundo hemistíquio do v. 760 (*mortali semine cretus*). Significativo ainda o contexto do verso lucreciano, após um elenco dos grandes feitos de Epicuro (5.1-5) que culmina na afirmação de que ele foi um deus (5.8: *deus ille fuit, deus ...*). Chama atenção, porém, a ênfase de Ovídio no aspecto *biológico* da relação entre César e Augusto, presente já nos vv. 750 (*progenies*) e 758 (*genuisse*), surpreendente, uma vez que o fato de César ser pai de Augusto “era una finzione legale (derivante di una clausola testamentaria, che fa parte dei suoi *acta postumi*), non una realtà biologica, un dato evidenziato e non soppresso dall’accumulo di termini di paternità biologica”<sup>1108</sup>. A expressão *facere deum* (761: *deus faciendus erat*) é usada alhures sem necessariamente conter traços de ironia (cf. 2.521; 14.607; *Pont.* 4.9.108; *Man.* 4.934; [Sen.] *Oct.* 528; *Vell.* 2.126.1), mas seu uso em *Sen. Apoc.* 9.5 (*censeo uti diuus Claudius ex hac die deus sit ita uti ante eum qui[s] optimo iure factus sit, eamque rem ad Metamorphosis Ouidi adiciendam*) pode oferecer uma pista da recepção desta passagem ovidiana no período imperial<sup>1109</sup>.

**761-4:** Vênus vê (ênfasis na repetição de *uidit / ... uidit*, nos vv. 761-2; note-se o emprego do verbo primeiro no sentido físico de “ver” e, em seguida, de “dar-se conta”, “perceber”<sup>1110</sup>) os preparativos para o assassinato de César e se desespera. O diálogo subsequente entre a deusa e Júpiter é modelado primordialmente em *Verg. A.*

<sup>1106</sup> Ver Barchiesi (2001: 69-78, esp. 77).

<sup>1107</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1108</sup> Id. *ibid.*: *ad* 15.746-51.

<sup>1109</sup> Id. *ibid.*

<sup>1110</sup> Id. *ibid.*

1.229-96 (note-se o deslocamento significativo do episódio no primeiro livro da *Eneida* para o último das *Metamorfoses*)<sup>1111</sup>, por sua vez modelado em uma conversa análoga entre os deuses no *Bellum Poenicum* de Névio, hoje perdido (Macr. 6.2.31 = Naev. *BP* fr. 14 Warmington)<sup>1112</sup>. A fala de Vênus apresenta ainda estreito paralelo com sua queixa em *A.* 10.13-62, onde consta, assim como aqui (761), o epíteto *aurea* (10.16)<sup>1113</sup>. *Aeneae genetrix* (762) chama atenção para os paralelos virgilianos, além de aludir às primeiras palavras do *DRN*: *Aeneadum genetrix*<sup>1114</sup> — novamente, aludindo ao início de um *epos* na porção final do último livro do poema. A menção pode também fazer referência ao título cultual da *Venus Genetrix*, cujo templo foi dedicado por César em 46 a.C.<sup>1115</sup> O termo *pontifici* (763) faz referência ao fato de César ter sido eleito para o colégio dos pontífices em 73 a.C. (Vell. 2.43.1) e para *pontifex maximus* em 63 a.C. (Vell. 43.3; Plu. *Caes.* 7.1-3; D.C. 37.2). A impiedade do assassinato de um pontífice é destacada também em *Fast.* 3.697-710 (esp. 706: ... *polluerunt pontificale caput*)<sup>1116</sup>.

**765-7**: a primeira palavra de Vênus, *aspice* (765), pode lembrar o *cernis ut ...?* em Verg. *A.* 10.20; ao contrário, porém, das passagens da *Eneida* nos livros 1 e 10, que principiam com um endereçamento a Júpiter, aqui a fala de Vênus tem todo e qualquer deus que atravesse seu caminho como destinatário. A repetição de *quanta* nos vv. 765-6 intensifica o *pathos* da passagem. O uso de *quanta ... mole* (765), com sua reverberação virgiliana (*A.* 1.33: *tantae molis erat Romanam condere gentem*), sugere o tamanho da ameaça que a conspiração contra César representa em termos do futuro romano; o mesmo termo ocorre em contextos análogos nos vv. 1 (*tantae pondera molis*, relativamente à sucessão de Rômulo) e 433 (*mole sub ingenti*, o esforço empreendido na fundação de Roma)<sup>1117</sup>. A menção a César como *caput ... / quod de Dardanio solum mihi restat Iulo* (766-7) a um só tempo reafirma a ascendência divina reivindicada pela *gens Iulia*<sup>1118</sup> e, em significativo contraste com as alusões a uma paternidade biológica notadas *supra* (com. aos vv. 760-1), exclui Augusto dessa linhagem. Ademais, a referência ao Dardânio

<sup>1111</sup> Hardie (1997: 191).

<sup>1112</sup> Casali (2023: 407).

<sup>1113</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1114</sup> Id. *ibid.*

<sup>1115</sup> Id. *ibid.*

<sup>1116</sup> Id. *ibid.*

<sup>1117</sup> Id. *ibid.*

<sup>1118</sup> Ver Feeney (1991: 213) sobre a ênfase em uma só família, em oposição a Vênus como ancestral do povo romano, como “apropriação do corporativo pelo indivíduo” a partir do período augustano.

Iulo remete ao pedido da deusa, em *A.* 10.132-3, de que ao menos Iulo fosse poupado na guerra entre Eneias e Turno<sup>1119</sup>.

**768-76:** Vênus enumera os sofrimentos e humilhações passadas; como sinaliza o uso do *memory trope* (774: *recordor*), as lembranças indicam reminiscências literárias: o ferimento por Diomedes (769; cf. *Hom. Il.* 5.334-42; *Verg. A.* 10.29<sup>1120</sup>); a queda de Troia (770; alusão à *Iliada* como um todo, assim como ao relato de Eneias em *A.* 2); os erros do herói troiano e a guerra que enfrenta quando da chegada ao Lácio (771-3; a alusão é à *Eneida* como um todo, com a primeira metade representada pelo v. 772 e a segunda, pelo 773); a oposição de Juno à empresa de seu filho (774; o antagonismo de Juno em relação a Eneias é presente em todo o poema, a começar por 1.4). A palavra *solane* (768), no princípio da fala de Vênus, será retomada no início da resposta de Júpiter (807: *sola*); para as implicações metapoéticas do adjetivo, ver o com. aos vv. 807-8, *infra*. A opção de Tarrant (2004) por *iustis* no v. 768 parece apoiar-se sobretudo em *Verg. A.* 10.132 (*Veneris iustissima cura*), a propósito de Iulo, enfatizando assim a descendência de César<sup>1121</sup>; o uso da *oppositio in imitando*, contudo, torna não menos possível o uso de *iniustis*, que Hardie (2015: *ad loc.*) julga “retoricamente più efficace”. A expressão *longis erroribus actum* (771) ocorre também, com pequena variação, em 4.567 (*longisque erroribus actum*) e *Tr.* 4.10.109 (*longis erroribus acto*), em ambos os contextos aludindo à *Eneida*, onde o *error* de Eneias é um tema central; *erroribus actus* também fecha o verso em *Verg. A.* 6.532<sup>1122</sup>. O termo *iactarique* (772) também é referência clara à *Eneida*, presente já em 1.3 (... *multum ille et terris iactatus et alto*)<sup>1123</sup>. No segundo hemistíquio do v. 772, a referência é à descida de Eneias ao Averno, narrada no livro 6 da *Eneida* — *silentum ... conciliumque* é a expressão usada para referir-se aos mortos em 6.432-3<sup>1124</sup>; cf. também 10.30 (*uastique silentia regni*); 13.25; *Prop.* 3.12.33<sup>1125</sup>. Após recordar esses *antiqua ... / damna mei generis* (774-5), Vênus, em uma *praeteritio* comparável àquela de *A.* 10.36-8<sup>1126</sup>, questiona a utilidade das lembranças diante dos perigos presentes (775-6: *timor hic meminisse priorum / non sinit*); significativo que, ao colocar o assassinato de

<sup>1119</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1120</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1121</sup> Id. *ibid.*

<sup>1122</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1123</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1124</sup> Id. *ibid.*

<sup>1125</sup> Hardie (2015: *ad loc.*) aponta os dois últimos usos do termo.

<sup>1126</sup> Id. *ibid.*

César entre eventos pertencentes à tradição épica, Ovídio, mais uma vez, desloca um evento propriamente histórico para o campo da poesia<sup>1127</sup>.

**776-8:** *en acui* (776), lição adotada por Tarrant (2004), é preterida tanto por Galasso (2000: *ad loc.*) como por Hardie (2015: *ad loc.*, com uma breve discussão), em favor de *in me acui*, seguida na edição de Anderson (1998); neste caso, é total a identificação de Vênus com seu descendente, como em Verg. *A.* 8.385-6 (*aspice qui coeant populi, quae moenia clausis / ferrum acuant portis in me excidiumque meorum*)<sup>1128</sup>, com menção ao afiar das armas aqui presente (*acui sceleratos ... enses*). O verbo *cernitis* (776) retoma a menção à visão que, além de figurar na passagem virgiliana supracitada, abre a fala da deusa (765: *aspice*)<sup>1129</sup>. O verbo *precor* (777), introduzindo a patética peroração de Vênus, tem paralelo no *oro* de *A.* 10.61<sup>1130</sup>. A noção de que o *pontifex maximus* seria sacerdote de Vesta, implicada no v. 778 (e explícita em *Fast.* 3.697-710, onde Vesta assume o papel aqui desempenhado por Vênus, também identificada a César; cf. esp. os vv. 699-700: *ne dubita meminisse: meus fuit ille sacerdos, / sacrilegae telis me petiere manus*<sup>1131</sup>) parece ter sido uma criação de Augusto, que, após se tornar *pontifex maximus* em 12 a.C., converte parte de sua casa no Palatino em um santuário público de Vesta<sup>1132</sup>; a projeção retrospectiva dessa associação, portanto, como em *Fast.* 6.437-54, seria uma ferramenta de legitimação do poder augustano<sup>1133</sup>. De toda forma, o fogo de Vesta, um dos *pignora imperii*, estava intimamente ligado ao bem-estar público, e sua extinção era presságio extremamente nefasto (D.H. 2.67.5). O v. 278 forma um anel com 1.200-1 (... *cum manus impia saeuit / sanguine Caeseo Romanum exstinguere nomen*); em ambos os casos, o sentido figurado de *exstinguo* em um contexto político é substituído pela acepção literal do verbo: “apagar um fogo” com determinada substância, imagem particularmente forte em se tratando de sangue; o sacrilégio é duplo — o assassinato do pontífice e o apagar do fogo de Vesta<sup>1134</sup>.

**779-82:** chama atenção o hipérbato em [*t*]alia ... uerba (779-80), ambos encabeçando os respectivos versos. *Talia nequiquam* ocorre em posição inicial também

<sup>1127</sup> Smith (1994: 45-7).

<sup>1128</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1129</sup> Id. *ibid.*

<sup>1130</sup> Id. *ibid.*

<sup>1131</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1132</sup> Ver D.C. 54.27; Galinsky 1996: 220, 319.

<sup>1133</sup> Herbert-Brown (1994: 66-71).

<sup>1134</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

em 9.564 (a carta de B́iblis) e 13.870 (o canto de Polifemo a Galateia)<sup>1135</sup>. As palavras são vãs, embora comovam os deuses, pois eles não podem alterar os fados (referidos pela perífrase *ferrea ... ueterum decreta sororum*, 781). A relação entre a vontade dos deuses e o curso do destino remonta a Hom. *Il.* 16.431-61 (Zeus aceita a morte de Sarpédon, mas faz cair uma chuva de sangue como sinal de seu luto, como no v. 788); cf. também, e.g., *Od.* 3.236-8; 10.203; Tib. 1.7.1-2<sup>1136</sup>. Para *rumpo* associado a *fatum*, cf. Lucr. 2.254 (*fati foedera rumpat*); Verg. *A.* 6.882 (*si qua fata aspera rumpas*)<sup>1137</sup>; aqui, porém, temos, no lugar de *fatum/fata, decreta*, termo mais comum na prosa e habitualmente empregado no sentido dos decretos senatoriais: e.g. *Pont.* 2.2.89; 4.9.101; Hor. *Saec.* 17-20: *diua, producas subolem, patrumque / prosperes decreta super iugandis / feminis prolisque nouae feraci / lege marita* (sobre a *lex Iulia de maritandis ordinibus*), com Thomas (2011: *ad loc.*), que comenta, sobre *decreta*: “only here in H. and not surprisingly found generally in prose. Ovid has three instances, and Luc. 1.489 *decreta senatus* only proves the point”. A perífrase *ueterum ... sororum* (781) para as Parcas pode remeter a Hor. *Carm.* 2.3.15-6 (*sorum ... trium*)<sup>1138</sup>. Cf. também Cat. 64.305-9 (as Parcas como velhas trêmulas); A. *Eu.* 172 (*παλαιγενεῖς ... μοίρας*); S. *Ant.* 987 (*Μοῖραι μακραίωνες*)<sup>1139</sup>. Apesar de restritos pelos *ferrea decreta*, os deuses dão *signa ... luctus ... haud incerta futuri* (782) — que são, a um só tempo, indicativos do evento e expressão de pesar dos deuses<sup>1140</sup>. Note-se o reaparecimento do *luctus* a que Esculápio dera fim nos vv. 743-4, mais um elemento reforçando a analogia entre peste e agitações políticas; como no episódio de Esculápio, o luto também termina, mas o agente é o *salutifer* Augusto, responsável pela deificação de César e, sobretudo, seu vingador (760-1, 818-21). Os *signa* mencionados no v. 782 são os prodígios associados à morte de César, atestados em fontes antigas como Cic. *N.D.* 2.14 e Suet. *Jul.* 81<sup>1141</sup> e incorporados como matéria poética por Tib. 2.5.71-8; Man. 1.906-9 e Verg. *G.* 1.466-88; posteriormente, a lista de portentos é ainda apropriada por Luc. 1.526-83 e Petr. 122.126-40, no contexto da batalha de Farsalos, até se tornar um *topos* épico, não mais associada às guerras civis ou aos idos de março: cf. Stat. *Theb.* 7.404-21; Sil. 8.626-55; Q.S. 12.503-20<sup>1142</sup>. O modelo principal

<sup>1135</sup> Id. *ibid.*

<sup>1136</sup> Id. *ibid.* Para uma leitura da relação entre Zeus/Júpiter e o destino em Homero, na *Eneida* e nas *Metamorfoses*, ver Casali (2023).

<sup>1137</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1138</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1139</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1140</sup> Id. *ibid.*

<sup>1141</sup> Ver Weinstock (1971: 342-6) para uma discussão historiográfica, com fontes antigas e bibliografia.

<sup>1142</sup> Mynors (1990: *ad G.* 1.469 ff.).

para o catálogo dos vv. 783-98, *infra*, é o virgiliano<sup>1143</sup>, embora a passagem, nas *Geórgicas*, se refira não aos prenúncios do crime, mas ao momento após a morte de César.

**783-5:** já no primeiro verso, destaca-se a presença de *ferunt*, verbo que se repetirá no v. 792 (*feruntur*) e no último verso do passo (796), indicando, possivelmente, certo distanciamento da parte de Ovídio<sup>1144</sup>, mas, sobretudo, enquanto nota de rodapé alexandrina, a densidade alusiva deste catálogo. Para armas que ressoam no céu, cf. esp. Tib. 2.5.73-4 (*atque tubas atque arma ferunt strepitantia caelo / audita et lucos praecinuisse fugam*) e 78 (*praemonuisse*); também Verg. *G.* 1.474-5; *A.* 8.526-9 (esp. 528, *arma inter nubem*; cf. 783, *arma ferunt inter nigras crepitantia nubes*); Luc. 1.569-70; Petr. 122.134-5<sup>1145</sup>. A expressão *terribilesque tubas* (784; note-se o par aliterativo, seguido por *cornua caelo*) alude ao fortemente aliterativo Enn. *Ann.* 451 Sk.: *at tuba terribili sonitu taratantara dixit*. A tuba era um instrumento tocado em funerais, donde a caracterização como *terribiles*; cf. *Am.* 2.6.6<sup>1146</sup>.

**785-6:** ao ressoar dos céus, segue um eclipse solar, do qual há registros, embora em novembro de 44 a.C.<sup>1147</sup>, isto é, depois do assassinato de César. O evento é mencionado também em Verg. *G.* 1.466-8 e Tib. 2.5.75-6<sup>1148</sup>. Um eclipse solar ocorre também em 2.329-31 como manifestação do luto do astro<sup>1149</sup>. Para *solis quoque* (785), cf. *G.* 1.438-9 (*sol quoque ... / signa dabit*)<sup>1150</sup>. A expressão *tristis imago* (785) ocorre em fim de verso em 11.427 (Alcíone, sobre as ondas do mar) e Verg. *A.* 6.695 (referindo-se a Anquises, já morto); cf. *Tr.* 1.3.1 (*illius tristissima noctis imago*; o próprio Ovídio, sobre a última noite em Roma antes do exílio) e, para uma inversão, 14.768 (*nitidissima solis imago*)<sup>1151</sup>. O v. 786 é áureo; ali, note-se o homeoteleuto, reforçado pelo posicionamento em destaque dos termos (*lurida sollicitis* | *praebebat lumina terris*) e pela presença de *solis*, no verso anterior, logo após a cesura.

**787-8:** destaca-se a justaposição, reforçada pela anáfora de *saepe* ao início dos versos, de dois fenômenos, um, porém, natural, outro, sobrenatural. A palavra *faces* (787)

---

<sup>1143</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1144</sup> Id. *ibid.*

<sup>1145</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1146</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1147</sup> Thomas (1988a: *ad G.* 1.466).

<sup>1148</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1149</sup> Id. *ibid.*

<sup>1150</sup> Id. *ibid.*

<sup>1151</sup> Id. *ibid.*

é usada tanto para cometas como para meteoros (*OLD* s.v. *faces*, acepção 4a), mencionados em Luc. 1.527-8: *ardentemque polum ... caeloque uolantes / obliquas per inane faces*<sup>1152</sup>; cf. Verg. *G.* 1.488 (*nec diri totiens arsere cometae*). A chuva de sangue remete a Hom. *Il.* 16.459 e é um dos prodígios elencados por Cícero (*N.D.* 2.14: *guttis imbrium quasi cruentis*) relativamente à morte de César<sup>1153</sup>. Também se menciona a presença antinatural do sangue em *G.* 1.485, embora, ali, vindo não do céu, mas da terra. Cf. Stat. *Theb.* 7.408; em Petr. 122.139-40, temos referência a ambos os fenômenos, na mesma sequência apresentada aqui: *fax stellis comitata nouis incendia ducit, / sanguineoque recens descendit Iuppiter imbre*.

**789-90:** Lúçifer, etimologicamente o portador da luz (cf. 189-90, com o com. aos vv. 186-91), escurece. Para fenômeno semelhante em contexto de tristeza, cf. 11.570-2 (o adeus de Alcíone a Ceix)<sup>1154</sup>. Os versos reformulam Verg. *G.* 1.467 (*cum caput obscura nitidum ferrugine textit*), relativos, porém, ao eclipse do sol<sup>1155</sup>. O termo *ferrugo* indica um tom escuro, provavelmente avermelhado, dada a referência ao *sanguine* no v. 790 (*OLD* s.v. *ferrugo*, acepção 2); também pode evocar algo de sinistro: cf. 5.404 (as rédeas do carro de Plutão); Verg. *A.* 6.303 (a barca de Caronte)<sup>1156</sup>. Parece significativo, neste contexto, que Lúçifer, estrela da manhã, seja, na verdade, o planeta Vênus<sup>1157</sup>. A descrição dos “carros lunares” *sparsi sanguine* (790) sugere um carro de batalha borrifado com sangue (e.g. Verg. *A.* 11.88: *Rutulo perfusos sanguine currus*)<sup>1158</sup>, imagem que se projeta retrospectivamente também sobre a descrição anterior do escurecimento de Lúçifer, pela presença do poliptoto em *sparsus erat, sparsi*. A lua é, ademais, tipicamente descrita como avermelhada durante eclipses (cf. 4.332-3; *Am.* 1.8.12; 2.1.23; 2.5.38)<sup>1159</sup>.

**791-2:** o pio da coruja (791: *bubus*) era considerado mau agouro (e.g. 5.550; 6.431-2; 10.453; *Am.* 1.12.19; *Ib.* 223-4; Verg. *A.* 4.462-3)<sup>1160</sup>, por isso sua qualificação como *Stygius*, i.e., “do Estige”, rio dos Infernos. Em Verg. *G.* 1.470-1 mencionam-se agouros de aves, embora sem especificação (*importunaeque uolucres / signa dabant*)<sup>1161</sup>.

---

<sup>1152</sup> Id. *ibid.*

<sup>1153</sup> Id. *ibid.*

<sup>1154</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1155</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1156</sup> Mynors (1990: *ad G.* 1.466-8).

<sup>1157</sup> Barchiesi (1999: 117 n. 21).

<sup>1158</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1159</sup> McKeown (1989: *ad Am.* 1.8.11-2).

<sup>1160</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1161</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

A repetição de *mille locis* nos versos sucessivos (791-2) associa esse portento ao chorar das estátuas (792), referidas pela metonímia *ebur*. Estátuas são comumente descritas chorando, suando ou sangrando na tradição greco-latina<sup>1162</sup>; dos modelos de Ovídio para o passo, o fenômeno ocorre em Tib. 2.5.77 e Verg. *G.* 1.480 (*maestum inlacrimat templis ebur*); cf. também Sen. *Thy.* 702 (*fleuit in templis ebur*).

**792-3:** note-se a repetição de *feruntur* (792; cf. 783: *ferunt*). Ovídio passa aos cantos e “palavras ameaçadoras” (792: *minantia uerba*) ouvidos em bosques sagrados, prodígio mencionado em Tib. 2.5.74 e Verg. *G.* 1.476-7; cf. também Liv. 1.31.3; 2.7.2; Cic. *Div.* 1.101<sup>1163</sup>; Luc. 1.569-70.

**794-5:** os versos referem-se a dois eventos relatados em Cic. *Div.* 1.119, aparentemente a fonte primária a esse respeito<sup>1164</sup>: primeiro, durante a Lupercália, não é encontrado coração no touro que César sacrificara; no dia seguinte, faltava um lobo no fígado da vítima imolada, presságio extremamente funesto (cf. Liv. 8.9.1; Plin. *Nat.* 11.73.190<sup>1165</sup>). A menção aos sacrifícios infaustos é modelada em Verg. *G.* 1.483-4 (*nec tempore eodem / tristibus aut extis fibrae apparere minaces*), embora *magnoque instare tumultos / fibra monet* imite *G.* 1.464-5 (sobre o sol): *caecos instare tumultus / saepe monet*<sup>1166</sup>. A expressão *caesumque caput* (795; note-se o par aliterativo), destacada pelo posicionamento entre as cesuras trimímera e heptemímera, sugere a vida (*caput*; cf. *OLD* s.v., acepção 4a) ceifada de César<sup>1167</sup>, cujo nome tem como uma das etimologias o verbo *caedo*: cf. Plin. *Nat.* 7.47: *primus ... Caesarum a caeso matris utero dictus*; note-se que, aqui, assim como no v. 840, Ovídio inverte a tradição gramatical, associando a etimologia *caedo-Caesar* não ao nascimento, mas à sua morte<sup>1168</sup>. A referência ao haruspício remete a Tages (552-9) e Cipo, em cuja narrativa o exame das entranhas de uma vítima sacrificial (575-9) também indica uma (potencial) desordem da organização política romana. Cf. Luc. 1.616-29 para uma elaborada descrição de haruspício<sup>1169</sup>.

<sup>1162</sup> Ver Pease (1920 *ad Cic. Div.* 1.98).

<sup>1163</sup> Id. *ibid.*: *ad loc.*

<sup>1164</sup> Weinstock (1971: 344). Para demais versões, ver id. *ibid.*: 344-6.

<sup>1165</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1166</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1167</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1168</sup> Ver Michalopoulos (2001: 46-7). Ver McKeown (1998: *ad Am.* 2.14.17-8) para outra alusão à etimologia.

<sup>1169</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

**796-8:** *nocturnos ululasse canes* (797) retoma Verg. *G.* 1.470-1 (*obscenique canes ... / signa dabant*) e 485-6 (*... et altae / per noctem resonare lupis ululantibus urbes*)<sup>1170</sup>. O vagar de espectros dos mortos (797-8: *umbrasque silentum / erauisse*) é também modelado em Virgílio (*G.* 1.477-8) e recorre em Luc. 1.569-70 e Petr. 122.137-8<sup>1171</sup>. Para *silentum* designando os mortos, cf. o v. 772, onde o termo ocupa a mesma sede métrica; aqui, note-se o contraste com o ulular dos cães, no mesmo verso<sup>1172</sup>. Terremotos, embora nos Alpes, são mencionados entre os prodígios após a morte de César em *G.* 1.475, passo imitado em Luc. 1.552-4<sup>1173</sup> e Petr. 122.131-2 — aqui, ao contrário, é em Roma (note-se a referência às dimensões política, civil e religiosa, respectivamente, no v. 796: *inque foro circumque domos et templa deorum*) que os tremores ocorrem (798: *motamque tremoribus Urbem*). Para terremotos como presságios funestos em geral, Cícero oferece precedentes: cf. *Div.* 1.18; *Cons. fr.* 2.25 Soubiran; *Catil.* 3.8<sup>1174</sup>. Em anel, o catálogo se fecha também com a presença de *ferunt* (798; cf. 783 e 792).

**799-802:** também em anel, é retomada, nos vv. 799-800, a noção presente nos vv. 780-1, introduzindo o catálogo: os deuses não podem alterar o destino. A imutabilidade dos *fata* é mencionada já em 13.623-4 (*non tamen euersam Troiae cum moenibus esse / spem quoque fata sinunt*), não por acaso relativamente à queda de Troia, evento que inaugura a tradição épica<sup>1175</sup>; sobre a relação entre o poder divino e o curso do destino, que também remonta à *Iliada*, ver o com. aos vv. 779-82. A expressão *uincere fata* (799) ocorre em fim de verso também em 2.617 (Apolo e sua tentativa de ressuscitar Corônis) e Man. 4.62 (em contexto análogo: o *exemplum* que antecede a constatação de que o destino sempre vence é o assassinato de César)<sup>1176</sup>. O hápax *praemonitus* (800) retoma *praemonuisse* (785)<sup>1177</sup>, fazendo referência ao catálogo de prodígios como um todo; note-se o par aliterativo com *potuere*. Pela quarta vez em 18 versos, temos mais um uso passivo de *fero* (800: *feruntur*; cf. 792, também em fim de verso), agora, porém, no seu primeiro sentido (“são trazidos”). O uso de *templum* (801) como sinônimo de *curia* (802), no sentido do local de reunião no senado (*OLD* s.v. *curia*, acepção 3a; neste caso, trata-se da *curia Pompei*) coloca em relevo a sacralidade da cúria, dando ainda mais destaque,

<sup>1170</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1171</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1172</sup> Id. *ibid.*

<sup>1173</sup> Id. *ibid.*

<sup>1174</sup> Id. *ibid.*

<sup>1175</sup> Id. *ibid.*

<sup>1176</sup> Id. *ibid.*

<sup>1177</sup> Id. *ibid.*

portanto, para a impiedade do assassinato (802: *facinus diramque ... caedem*), aspecto já destacado nos vv. 777-8; para usos semelhantes de *templum*, cf. Cic. *Dom.* 131; *Mil.* 33.90<sup>1178</sup>.

**803-6:** *Cytherea* (803), frequente em Homero como epíteto de Afrodite, tem sua primeira aparição na literatura latina em Verg. *A.* 1.257, no início do discurso de Júpiter que serve de modelo para esta seção<sup>1179</sup>. Vênus bate com as mãos no peito também em 10.723, etiologia para a prática na comemoração da *Adonia*, festa em honra a Vênus e Adônis<sup>1180</sup>. Significativo o paralelismo entre a morte de Adônis e a subsequente criação da *Adonia*, concluindo o “*carmen perpetuum* em miniatura” de Orfeu no livro 10, e a morte de César, seguida pela instituição do culto do *Diuus Iulius*, nesta porção final das *Metamorfoses*<sup>1181</sup>. Note-se o uso singular de *Aeneaden* (804), nomeando César; o termo ocorre, no plural, nos vv. 682 e 695, referindo-se aos romanos em geral<sup>1182</sup>, embora Eneias seja mencionado pouco abaixo (806). A expressão *molitur condere* (804) pode trazer à mente, mais uma vez (cf. vv. 1, 433 e 765), Verg. *A.* 1.33<sup>1183</sup>. Os esforços de Vênus no sentido de ocultar César com uma nuvem, salvando sua vida, retomam Hom. *Il.* 3.374-382 e 5.311-7, quando Vênus remove Páris e Eneias, respectivamente, da batalha; cf. também *Il.* 20.318-27 (Posídon afasta Eneias de Aquiles); *Od.* 7.14-17 (Atenas oculta Odisseu); Verg. *A.* 1.411-4 (Vênus oculta Eneias e Acates)<sup>1184</sup>; neste livro, Diana também protege Hipólito lançando sobre ele “densas nuvens” (537: *densas obiecit Cynthia nubes*)<sup>1185</sup>. Se, por um lado, ao inserir César entre heróis épicos, Ovídio desloca seu assassinato do universo da *historia* para o do *epos*<sup>1186</sup>, por outro, o fato de Vênus não ser capaz de reproduzir aqui as ações retratadas em Homero e Virgílio sinaliza uma mudança do *epos* para a *historia*.

**807-8:** semelhantemente a esta Vênus ovidiana, em estreito diálogo com a tradição do *epos* de espécie guerreira, a figura de Júpiter será modelada sobretudo em Verg. *A.* 1.257-96, embora também seja importante o diálogo entre o deus e Hera em Hom. *Il.*

---

<sup>1178</sup> Id. *ibid.*

<sup>1179</sup> Id. *ibid.*

<sup>1180</sup> Ver Reed (2013: *ad Met.* 10.722-3) e Barchiesi (1999: 118) para exemplos gregos.

<sup>1181</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1182</sup> Feeney (1991: 212).

<sup>1183</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1184</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1185</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1186</sup> Ver Smith (1994: 47) sobre a tensão entre profecia épica e história recente neste passo.

16.431-457, onde, inversamente, é Hera quem adverte o marido em relação à necessidade da morte iminente de Sarpédon, como visto *supra* (com. aos vv. 779-82)<sup>1187</sup>. O adjetivo *sola* (807), primeira palavra de Júpiter a Vênus, retoma a queixa da deusa no v. 768 (*solane semper ero*). Além disso, o termo sugere algo de ironia metapoética, uma vez que Vênus está longe de ser a única deusa a tentar alterar o destino (Juno, na *Eneida*, oferece importante precedente) ou salvar um protegido: o próprio Zeus homérico flerta com a ideia de livrar Sarpédon da morte, e só não o faz mediante a admoestação de Hera<sup>1188</sup>. A expressão *fatum ... mouere* (807-8) pode aludir a Verg. *A.* 1.262 (*et uoluens fatorum arcana mouebo*), embora ali em sentido diverso<sup>1189</sup>; o “desenrolar” (*uoluens*) dos segredos dos fados encontra paralelo, contudo, na fala de Pitágoras (152: *seriemque euoluere fati*) e parece sugerir a imagem de um “livro do destino”<sup>1190</sup> — talvez uma alusão a Nêvio (*Naevius enim dicit Venerem libros futura continentes Anchisae dedisse*, Schol. cod. Par. lat. 7930 *ad Aen.* 7.123 = Naev. *BP* fr. 9 Strz.)<sup>1191</sup> — que Ovídio torna ainda mais clara e palpável (e perene) com a menção aos *rerum tabularia* (810 e ss.)<sup>1192</sup>. Além disso, *fatum ... mouere* alude também a *A.* 1.257-8: *manent immota tuorum / fata tibi*, com emprego da *oppositio in imitando*: além do evidente contraste entre *mouere* e *immota*, em Ovídio Vênus deseja alterar o destino, enquanto em Virgílio ela teme a mudança dos fados<sup>1193</sup>. Também *insuperabile fatum*, ao fim do v. 807, possui ressonâncias virgilianas: cf. *A.* 8.334 (*ineluctabile fatum*); *G.* 2.491 (*inexorabile fatum*) e *A.* 4.40 (*insuperabile bello*, já imitado por Ovídio em 12.613), todos em fim de verso; acresce que estas são as primeiras ocorrências em latim da *iunctura in[...]abile fatum*, bem como do adjetivo *insuperabilis*<sup>1194</sup>. À luz da proximidade entre este diálogo ovidiano e aquele em *A.* 1, por fim, o *insuperabile fatum*, sugestivamente identificado, nos versos seguintes, com o texto gravado nos *tabularia*, pode ser entendido como a tradição poética e, nesse sentido, também a própria *Eneida*<sup>1195</sup>.

<sup>1187</sup> Hardie (2015: *ad loc.*). Ver Casali (2023: 386-90) para uma leitura do passo ovidiano como imitação de Hom. *Il.* 16.431-457, mediada por Verg. *A.* 10.464-73.

<sup>1188</sup> Id. *ibid.*: 388.

<sup>1189</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1190</sup> Austin (1971: *ad loc.*).

<sup>1191</sup> Casali (2023: 407).

<sup>1192</sup> Gladhill (2012: 8).

<sup>1193</sup> Casali (2023: 391).

<sup>1194</sup> Id. *ibid.* n. 14.

<sup>1195</sup> Smith (1994: 48-9).

**808-12:** Júpiter menciona então os *rerum tabularia* (810), guardados na casa das Parcas, cuja representação segurando um livro era habitual em Roma<sup>1196</sup>. A expressão *sororum / ... trium* (808-9) retoma as *ueterum ... sororum* do v. 781; a perífrase é a mesma utilizada em Hor. *Carm.* 2.3.15-6 (ver o com. aos vv. 779-82). Note-se que, assim como, no v. 781, os *fata* são referidos através de uma perífrase que aponta para a realidade político-administrativa da *Vrbs, ferrea ... decreta*, o mesmo ocorre aqui, onde o destino toma a forma dos *rerum tabularia* (810), arquivos de documentos públicos — cf. Verg. *G.* 2.502: *populi tabularia*. Ovídio, assim como Virgílio, parece ter em mente o grande edifício no lado oeste do *Forum Romanum*, construído em 78 a.C. por Quinto Lutácio Cátulo para abrigar os arquivos públicos<sup>1197</sup>. A analogia entre esfera divina e realidade política romana retoma a representação do Olimpo como Palatino em 1.170-6<sup>1198</sup>. Significativo também dessa retomada em anel do início do poema é o fato de Júpiter ser o autor do primeiro (1.182-98) e do último (15.807-42) discurso direto do poema — aquele, relativo ao destino da humanidade, este, ao destino de Roma, o mesmo movimento observado no jogo entre *salutifer orbi* (2.642) e *salutifer Vrbi* (744), que marca o predomínio romano ao fim do episódio de Esculápio. A relação entre os *tabularia* e a tradição poética, sugerida no comentário *supra*, parece sustentar-se em vista da forte afinidade entre a descrição deste “arquivo” enquanto um *monumentum* indestrutível (810-2) e a imagem do *monumentum aere perennius* com que Horácio representa sua obra (*Carm.* 3.30.1-5), emulada por Ovídio para projetar o êxito de suas *Metamorfoses* (871-2); chama atenção, contudo, que, apesar de *tuta atque aeterna* (812), os *tabularia* são feitos dos dois elementos cuja durabilidade as obras de Horácio e Ovídio superam: o bronze (810: *ex aere*; Hor. *Carm.* 3.30.1: *aere perennius*) e o ferro (810: *et solido ... ferro*; 872: *nec poterit ferrum ... abolere*)<sup>1199</sup>. O verbo *cernes* (809) alude a Verg. *A.* 1.258-9, onde ocupa a mesma sede métrica<sup>1200</sup>; a implicação é metapoética, uma vez que, ali, o termo se insere na profecia de Júpiter (*cernes urbem et promissa Lauini / moenia*), enquanto, aqui, a alusão sugere que o deus não está mais profetizando, e sim repetindo para Vênus uma profecia já lida e memorizada<sup>1201</sup>. Com *molimine uasto* (809), mais uma referência a *A.* 1.33 (*tantae molis...*; cf. vv. 1, 433, 765, 804), as referências virgilianas

<sup>1196</sup> Ver Hardie (2015: *ad loc.*) para bibliografia.

<sup>1197</sup> Mynors (1990: *ad G.* 2.502).

<sup>1198</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1199</sup> Id. *ibid.*

<sup>1200</sup> Id. *ibid.*

<sup>1201</sup> Casali (2023: 392).

seguem no mesmo sentido: assim como o que Vênus verá não são as muralhas de Lavínio, mas os *tabularia*, também *molimine uasto* indica a grandeza não dos esforços na fundação de Roma, mas dos “arquivos” relativos à *Vrbs*; evidencia-se, portanto, a dimensão *textual* do modelo virgiliano. A sucessão de três alternativas indicando os elementos que *não* poderão destruir os *tabularia*, introduzidas por *neque ... neque ... nec metuunt* (811-2), possui paralelo importante com a estrutura análoga nos vv. 871-2 (*nec ... nec ... nec .. nec poterit*), por sua vez uma imitação de Hor. *Carm.* 3.30.3-4 (*non ... non ... possit*). A expressão *concussum caeli* (811) é lucreciana: cf. 6.287-90: *inde tremor terras grauiter pertemptat, et altum / murmura percurrunt caelum; nam tota fere tum / tempestas concussa tremit fremitusque mouentur. / quo de concusso sequitur grauis imber et uber*<sup>1202</sup>; a imagem da tempestade pode evocar ainda Hor. *Carm.* 3.30.3: *imber edax ... Aquilo impotens*. A expressão *fulminis iram* (811) prefigura a *Iouis ira* do v. 871, embora seja algo surpreendente quando colocada na boca do próprio Júpiter<sup>1203</sup>.

**813-15:** note-se o paralelismo de *inuenies illic* (813) e *cernes illic* (809). A analogia entre os *tabularia* e a obra poética se mantém: *adamante perenni* (813) é clara alusão a *aere perennius* (*Carm.* 3.30.1), por sua vez uma provável referência a *Ennius* (ver o com. aos vv. 875-6, *infra*); Ovídio associará o adjetivo à projeção de sua imortalidade no epílogo do poema<sup>1204</sup>. Gravados (813: *incisa*) neste metapoético “adamante perene” estão os *fata tui generis* (814), referência à fala de Vênus no v. 775 (*damna mei generis*, na mesma sede métrica)<sup>1205</sup>, mas também à tradição de profecias épicas como a enunciada por Júpiter em *A.* 1.257-96 (cf. o discurso de Anquises, 6.756-853, e a éfrase do escudo de Eneias, 8.626-731), que o deus parece ter lido, decorado e então repetir: *legi ipse animoque notauit / et referam* (814-5). O verso remete a 14.813: *nam memoro memorique animo pia uerba notauit*, onde a menção à memória introduz uma reminiscência poética: a citação de *Enn. Ann.* fr. 54 Sk. no verso seguinte. De forma análoga, aqui, *ne sis ... ignara futuri* (815) alude a *Verg. A.* 8.627-9 (*haud uatum ignarus uenturique inscius aevi / fecerat ignipotens, illic genus omne futurae / stirpis*), imitado já no v. 11, relativamente ao ancião de Crotona (*ueteris non inscius aevi*)<sup>1206</sup>; o termo

<sup>1202</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1203</sup> Wickkiser (1999: 124).

<sup>1204</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1205</sup> Id. *ibid.*

<sup>1206</sup> Id. *ibid.*

*etiamnum* tinge a alusão de uma ironia metapoética: Vênus *continua* ignorante do futuro de sua progênie, apesar de já ter ouvido a profecia no livro 1 da *Eneida*<sup>1207</sup>.

**816-7:** começa a profecia propriamente dita: Júpiter relata a Vênus que César já viveu os anos que estava destinado a viver. A expressão *compleuit ... / tempora* (816-7) pode sugerir o contexto da gestação, como em 3.312 (*maternaque tempora complet*) e 11.311 (*ut sua maturus compleuit tempora uenter*); também *laboro* (816: *laboras*) é usado no sentido do trabalho de parto: e.g. *Am.* 2.13.19 (*tuque, laborantes utero miserata puellas*), imitação de Hor. *Carm.* 3.22.2 (*quae laborantis utero puellas*), sugerindo a morte de César como um novo nascimento, operado por Vênus (cf. 848: *emissitque sinu*, como a descrição do parto no v. 220: *eque domo uacuas emisit in auras*)<sup>1208</sup>. Significativos, nesse sentido, os paralelos com a seção dedicada ao fênix: *suae compleuit saecula uitae* (395) e *sua compleuit ... / tempora* (816-7); *totidem qui uiuere debeat annos* (401) e *perfectis quos terrae debuit annis* (817)<sup>1209</sup>. Note-se, por fim, a correspondência entre a conclusão da vida de César (*sua ... tempora*) e o princípio da vida de Ovídio (1.4: *mea ... tempora*), concebido no ano da morte de César<sup>1210</sup> (ver o com. aos vv. 745-860).

**818-21:** retoma-se a ideia dos vv. 760-1, em que a deificação de César é colocada em função da necessidade de Augusto possuir um deus como pai (*[n]e foret hic igitur mortali semine cretus, / ille deus faciendus erat*), mas, diferentemente da construção impessoal ali presente, aqui teremos dois sujeitos claramente identificados: Vênus (encarregada da primeira ação mencionada no v. 818, *ut deus accedat caelo*) e Augusto (responsável pela instituição do culto a César: *templisque colatur*)<sup>1211</sup>. A expressão *accedat caelo* é usada também no v. 870, em referência à futura apoteose de Augusto<sup>1212</sup>, estreitando o nexos causal entre a deificação do pai e do filho — adotivo, apesar de *natus suus* (819) sugerir novamente um laço biológico inexistente entre os dois (ver o com. aos vv. 760-1). A expressão *nominis heres* (819) é recorrente em Ovídio como fórmula para nomear uma personagem: cf. 6.239; *Fast.* 1.615 (com a variante *congnoiminis heres*, referindo-se também a Augusto); 5.155, todas as ocorrências em fim de verso<sup>1213</sup>. Aqui, a referência é ao fato de Augusto, então Otávio, ter herdado também o nome de César. A

<sup>1207</sup> Barchiesi (2001: 131).

<sup>1208</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1209</sup> Id. *ibid.*

<sup>1210</sup> Id. *ibid.*

<sup>1211</sup> Volk 2023: 374.

<sup>1212</sup> Hardie 2015: *ad loc.*

<sup>1213</sup> Ver Michalopoulos 2001: 143.

noção do “peso do poder” no contexto de uma sucessão política remete aos primeiros versos deste livro, relativos a Rômulo e Numa: [q]uaeritur interea quis tantae pondera molis / sustineat tantoque queat succedere regi (1-2); note-se que as alusões sobretudo a Virgílio remetem a outra questão sucessória, esta de natureza poética. Com *impositum feret unus onus* (820), sugere-se ainda uma associação entre Augusto e Eneias, que carrega o fardo literal do pai: cf. *A.* 2.707-10 (esp. 707: *ceruici imponere nostrae*), 721-3 (esp. 723: *succedoque oneri*)<sup>1214</sup>; também a imagem do fênix carregando o “sepulcro paterno” nos vv. 403-5: *cum dedit huic aetas uires onerique ferendo est, / ponderibus nidi ramos leuat arboris altae / fertque pius cunasque suas patriumque sepulchrum*, com o com. aos vv. 401-5. A expressão *feret unus onus*, destacada pela colocação entre a cesura trimímera e a heptemímera, e, especialmente, a justaposição entre os termos paronomásticos *unus* e *onus* acena para a concepção imperial de poder, como em *Hor. Ep.* 2.1.1 (*cum tot sustineas et tanta negotia solus*); cf. *Fast.* 1.531-4; *Tr.* 2.221-1<sup>1215</sup>. A expressão *caesique parentis* (820) glosa a etimologia de *Caesar* a partir de *caedo*, como visto *supra* (com. aos vv. 794-5). A ideia de Augusto como vingador da morte do pai (821: *fortissimus ultor*) legitima o combate aos opositores de César e a Marco Antônio, do qual depende sua ascensão ao poder; cf. *Aug. Mon. Anc.* 2; para menções na poesia, cf. *Fast.* 3.705-10; 5.569-78; *Hor. Carm.* 1.2.44 (*Caesaris ultor*)<sup>1216</sup>. A formulação *nos in bella suos ... habebit* (821) acrescenta à *pietas* filial de Augusto o favorecimento dos deuses. Para *suos* como “seus aliados”, cf. *OLD* s.v. *suus*, acepção b 6<sup>1217</sup>.

**822-3:** segue um elenco de vitórias de Augusto na guerra civil, ordenado cronologicamente, que tem paralelos em *Prop.* 2.1.27-34 (onde constam as mesmas batalhas, com o acréscimo do *bellum Perusinum*, não mencionado aqui) e *Man.* 1.907-21<sup>1218</sup>. A expressão *illius auspiciis* (822) tem, aqui, o sentido de “sob seus comandos” (*OLD* s.v. *auspicium*, acepção 4a); cf. *Ars* 1.191-2 (*auspiciis annisque patris, puer, arma mouebis / et uinces annis auspiciisque patris*); *Tr.* 2.174 (*auspicium cui das grande deosque tuosque*)<sup>1219</sup>. A primeira referência é à batalha de Mútina, ocorrida em 43 a.C., quando Marco Antônio, com o objetivo de tomar o controle da Gália Cisalpina, então sob o governo de Décimo Bruto, sitia a cidade, onde D. Bruto estava baseado; os cônsules

<sup>1214</sup> Hardie 2015: *ad loc.*

<sup>1215</sup> Id. *ibid.*

<sup>1216</sup> Id. *ibid.*

<sup>1217</sup> Id. *ibid.*

<sup>1218</sup> Id. *ibid.*

<sup>1219</sup> Id. *ibid.*

Aulo Hircio e Gaio Pansa, ao lado de Augusto (que então recebera do senado o *imperium*), confrontam e vencem as tropas de Antônio, libertando a cidade (cf. Vell. 2.41.4; Cic. *Phil.* 5.9-11). Após a vitória, Augusto teria sido pela primeira vez aclamado como *imperator* (cf. *Fast.* 4.675-6)<sup>1220</sup>.

**823-4:** seguindo Verg. *G.* 1.490-2, Ovídio sobrepõe dois acontecimentos distintos, a batalha de Farsalos (48 a.C.), onde César derrota Pompeu, e a batalha de Filipos (42 a.C.), onde Augusto e Antônio obtêm uma vitória decisiva sobre Bruto e Cássio, com base na proximidade geográfica entre as duas localidades, distantes cerca de 260 km uma da outra; cf. também Man. 1.908-13; Luc. 1.680; Petr. 121.111-2; Juv. 8.242<sup>1221</sup>. Note-se o posicionamento dos topônimos em locais de destaque no verso: *Pharsalia* (823) logo após a cesura (com *Mutinae* logo antes), e *Philippi* (824) em fim de verso, como em *G.* 1.490; o gentílico *Emathique* ocupa o extremo oposto, encabeçando o mesmo verso (cf. *G.* 1.492, onde *Emathiam* também inicia o verso). O termo *iterum* (824) também retoma o modelo virgiliano (*G.* 1.490: *Romanas acies iterum uidere Philippi*). Ovídio repete a imagem do sangue, embora substitua a formulação virgiliana *sanguine nostro / Emathiam et latos Haemi pinguescere campos* (1.491-2) pela catuliana *Emathique ... maderfient caede Philippi* (824; cf. Catul. 64.368: *alta Polyxenia maderfient caede sepulcra*)<sup>1222</sup>.

**825:** a referência é à batalha naval de Náulocos, na Sicília (*Siculis ... undis*, com o homeoteleuto destacado pelo posicionamento dos termos ao fim do primeiro e segundo hemistíquios), onde Agripa, em 36 a.C., derrotou o *magnum ... nomen* de Sexto Pompeu, que herdara de seu pai o nome *Magnus* — para outros jogos de palavras com *Magnus*, cf. *Pont.* 4.3.41; Luc. 1.135, 143-4<sup>1223</sup>. Com a vitória, Augusto “superará o grande nome”, não só uma referência à preponderância do *princeps*, mas também um jogo com a etimologia de *Augustus* a partir de *augeo* (aumentar), desenvolvido em *Fast.* 1.603-13.

**826-8:** por fim, a definitiva batalha de Ácio, em 31 a.C., que marca a ascensão de Augusto ao poder — talvez por isso ocupando três versos, em oposição a um para Mútna e Náulocos e dois para Filipos (embora, ali, refira-se também a Farsalos). Domina estes versos o contraste entre o elemento romano e o egípcio<sup>1224</sup> (cf. Prop. 3.11.39-46; Man.

<sup>1220</sup> Id. *ibid.*

<sup>1221</sup> Mynors (1990: *ad G.* 1.489-90).

<sup>1222</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1223</sup> Id. *ibid.*

<sup>1224</sup> Id. *ibid.*

1.917-8; Luc. 10.63-5): note-se o quiasmo em *Romanique ducis coniunx Aegyptia* (826); *suo Capitolia nostra Canopo* (828) projeta uma inversão dos fatos mimetizada, talvez, na colocação invertida dos pronomes possessivos, além de opor o Capitólio, que, enquanto local do templo de *Iuppiter Optimus Maximus*, era, em Roma, o lugar sagrado por excelência<sup>1225</sup>, ao Canopo, local de prazeres carnavais (cf. Prop. 3.11.39: *incesti ... Canopi*)<sup>1226</sup>. Para *minata* (827), cf. Prop. 3.11.42 (*Tiberim Nili cogere ferre minas*); Hor. *Epod.* 9.9 (*minatus urbi uincla*), sobre a ameaça colocada por Pompeu<sup>1227</sup>.

**829-31:** segue a profecia do império universal, que remete a Verg. *A.* 1.278-9 (*his ego nec metas rerum nec tempora pono: / imperium sine fine dedi*)<sup>1228</sup>. Aqui, a ideia é expressa através de duas imagens distintas: (i) o domínio de oriente a ocidente (de ambos os lados do oceano) e (ii) da terra e do mar<sup>1229</sup>, não por acaso simetricamente representadas nestes três versos (829 e o primeiro hemistíquio do v. 830 para a primeira; o segundo hemistíquio do v. 830 e o v. 831 para a segunda). A expressão *barbariam gentesque ad utroque iacentes / Oceano* (829-30) expande a formulação virgiliana de *A.* 1.287 (*imperium Oceano ... qui terminet*) e alude também a *G.* 3.33 (*bisque triumphatas utroque ab litore gentes*), passagem imitada em Prop. 3.9.53 e *A.* 7.100-1 (*omnia sub pedibus, qua sol utrumque recurrens / aspicit Oceanum*); cf também o tratamento ovidiano do motivo dos “dois lados do oceano” em *Fast.* 5.557-8; *Ars* 1.173<sup>1230</sup>. A noção de “na terra e no mar” (830-1: *quodcumque habitabile tellus / sustinet, huius erit; pontus quoque seruiet illi*) tem longa fortuna poética, remontando à proposição da *Odisseia* (1.3-4: πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ὄσπερ καὶ νόον ἔγνω, / πολλὰ δ' γ' ἐν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὄν κατὰ θυμόν), imitada em Verg. *A.* 1.3 (*multum ille et terris iactatus et alto*); como expressão do domínio romano universal, cf. *A.* 1.235-6<sup>1231</sup>. A expressão *quid tibi ... numerem* (829-30) encontra paralelo em *Ars* 1.253-4, relativamente aos locais apropriados para encontrar mulheres<sup>1232</sup>. Para a ideia dos inumeráveis povos conquistados por Augusto, cf. *Fast.* 1.599-600; *Pont.* 2.1.21-2<sup>1233</sup>. O termo *quodcumque* (830) introduz uma afirmação do *imperium* romano também em *Fast.* 2.138: *quodcumque est alto sub*

<sup>1225</sup> Nisbet e Hubbard (1970: *ad Carm.* 1.37.6).

<sup>1226</sup> Ver Fedeli (1985: *ad Prop.* 3.11.39).

<sup>1227</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1228</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1229</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1230</sup> Id. *ibid.*

<sup>1231</sup> Ver Hardie (1986: 302-10).

<sup>1232</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1233</sup> Id. *ibid.*

*Ioue, Caesar habet*<sup>1234</sup>. Com *habitabile tellus* (830), Ovídio refere-se à *οἰκουμένη*, a porção habitável da Terra, como em Hor. *Carm.* 4.14.5-6<sup>1235</sup> — a dominação romana sob Augusto é total: o *orbis* é, de fato, a *Vrbs*.

**832-4:** uma vez pacificada Roma, Augusto se volta à legislação — note-se o paralelismo com Numa, tradicionalmente representado como pacificador e legislador (ver o com. aos vv. 1-11). A *pax Augusta*, aspecto fulcral do projeto político de Augusto, é referida em *pace data terris* (832)<sup>1236</sup>; cf. *Fast.* 1.709-14; Verg. *A.* 1.291-6 (com menção à legislação no v. 292-3, como aqui); também em Verg. *G.* 4.560-2 as vitórias militares são seguidas por uma menção à legislação: ... *Caesar dum magnus ad altum / fulminat Euphraten bello uictorque uolentis / per populos dat iura*<sup>1237</sup>. O termo *uertet* (832) é sugestivo de metamorfose; aqui, pode-se pensar na transformação do primeiro período de Roma sob o governo de Augusto, de 43 a 31 a.C., anos de combate a seus opositores, ao momento pós-Ácio, quando Augusto se estabelece como *princeps* de uma Roma pacificada<sup>1238</sup>. Note-se que a metamorfose é acompanhada pela mudança de nome, de Caio Júlio César Otaviano (a partir de 44 a.C.) para incluir o título *Augustus*, concedido pelo senado em 27 a.C.<sup>1239</sup>. A expressão *ciuilis ... iura* (832-3) lembra também os *famularia iura* (597) rejeitados por Cipo e os *non regia iura* (14.832) de Rômulo<sup>1240</sup>. A combinação das *leges* (833) e *mores* (834) faz referência à reforma moralizante implementada por Augusto com a *lex Iulia de maritandis ordinibus* (18 a.C.) e a *lex Iulia de adulteriis coercendis* (17 a.C.)<sup>1241</sup>; cf. Suet. *Aug.* 27.5 ([r]ecepit et morum legumque regimen); Hor. *Carm.* 4.5.22 (*mos et lex*); *Ep.* 2.1.2-3 (*moribus ornes, / legibus emendes*)<sup>1242</sup>. O superlativo *iustissimus* (833), utilizado para caracterizar Augusto em *Pont.* 1.2.97 e *Eneias* em 14.245, contrabalança o *fortissimus* do v. 821 — ambas as virtudes aparecem associadas em Hor. *S.* 2.1.16<sup>1243</sup>; ademais, a *iustitia* é uma das quatro virtudes atribuídas a Augusto no *clipeus uirtutis* oferecido pelo senado, ao lado do título *Augustus*, em 27 a.C., quando o *princeps* devolveu a *res publica* ao *arbitrium* do senado

---

<sup>1234</sup> Id. *ibid.*

<sup>1235</sup> Id. *ibid.*

<sup>1236</sup> Ver Galinsky (1996: 141-55) sobre a *Ara Pacis* e as nuances do conceito de *pax* sob Augusto.

<sup>1237</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1238</sup> Ver Farrell (2005: 25-53).

<sup>1239</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1240</sup> Id. *ibid.*

<sup>1241</sup> Ver Galinsky (1996: 128-40).

<sup>1242</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1243</sup> Id. *ibid.*

e do povo romanos<sup>1244</sup>. Com *auctor* (833), Ovídio faz nova alusão à etimologia de *Augustus* a partir de *augeo* (ver o com. ao v. 825). Para Augusto como *exemplum* (834: *exemploque suo mores reget*), cf. *Fast.* 6.647-8<sup>1245</sup>. O trecho possui paralelos com *Aug. Mon. Anc.* 8.5; as implicações de uma associação entre os *tabularia* e as *Res Gestae* — as quais, no testamento de Augusto, deveriam ser inscritas em placas de bronze (*Suet. Aug.* 101.4); cf. *ex aere* (810); *incisa* (813) — são sugestivas: as palavras de Júpiter (e de Ovídio) sobre o futuro de Augusto seriam da autoria do próprio *princeps*<sup>1246</sup>.

**834-7:** da sucessão (consumada) de César por Augusto, passamos à sucessão (futura) de Augusto por Tibério, retomando, na porção conclusiva deste livro, o tema com que ele se inicia (ver o com. aos vv. 1-2, *supra*, para os problemas concernentes à sucessão de Augusto). A continuidade da linhagem e da família, associada ao futuro de Roma, é um tema recorrente já na *Eneida*: 3.158-9 (*idem uenturos tollemus in astra nepotes / imperiumque urbi dabimus*); 6.756-7 (*[n]unc age, Dardanium prolem quae deinde sequatur / gloria, qui maneant Itala de gente nepotes*); 8.731 (*famamque et fata nepotum*) — destacam-se as similaridades lexicais com *uenturorum nepotum* (835) e *prolem* (836)<sup>1247</sup>. Lúvia, mãe de Tibério, que Augusto adota e designa como herdeiro em 4 d.C., é referida através da perífrase *sancta de coniuge* (836); a expressão *prolem sancta de coniuge natam* parece aludir a *Catul.* 64.298: *sancta cum coniuge natisque* (com *sancta*, *coniuge* e *natam/natisque* nas mesmas sedes métricas), em referência a Juno e os filhos da deusa e de Júpiter; note-se que Augusto será comparado a Júpiter nos vv. 857-60. Ademais, o adjetivo *sancta* pode projetar a futura deificação de Lúvia, a quem Augusto, em seu testamento, daria o título de *Iulia Augusta* (cf. *Pont.* 2.8.1-4, onde Ovídio relata ter recebido uma imagem da família imperial, que qualifica, no v. 2, de *dei*)<sup>1248</sup>, ou, simplesmente, aludir à retidão moral da esposa do *princeps* (cf. *Pont.* 4.13.29-30: *esse pudicarum te Vestam, Liuia, matrum, / ambiguum nato dignior anne uiro*; também *Fast.* 5.157-8; *Tr.* 2.161-4). A expressão *ferre simul nomenque suum curasque* (837) repete a noção do poder como um fardo (*curas*) presente nos vv. 1-2 e 819-20 (ver o com. aos vv. 818-21, *supra*): cf. *ferre* e *feret* (820); *nomen* e *nominis* (819), projetando, através do

<sup>1244</sup> Sobre o *clipeus uirtutis*, ver Galinsky (1996: 80-90).

<sup>1245</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1246</sup> Nesse sentido, ver Hardie (2022: 203-6); Feldherr (2010: 73-5).

<sup>1247</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1248</sup> Para as nuances do culto a Augusto e sua família, cf. Galinsky 1996 (312-31).

espelhamento, o sucesso da sucessão de César por Augusto para a ascensão de Tibério ao poder.

**838-9:** para o v. 838, Tarrant (2004) adota a lição de Hensius (1659), com *Pylios* ao invés de *similes*, apoiada em *Tr.* 5.5.61-2; *Pont.* 2.8.41-2; *Mart.* 4.1.3; *Stat. Silv.* 3.4.103-4<sup>1249</sup>. A longevidade proverbial de Nestor, que teria vivido por três gerações, remonta a *Hom. Il.* 1.250-2, e é referida nas *Met.* em 12.187-8<sup>1250</sup> e 13.66, embora possa haver algo de surpreendente em tal hipérbole, tópica em augúrios de longa vida para um soberano, quando dita por Júpiter<sup>1251</sup>. Para preces a fim de que Augusto *demorasse* a juntar-se aos deuses (i.e., fosse deificado, mas tivesse uma vida longa), cf. *Verg. G.* 1.24-42; *Hor. Carm.* 1.2.45<sup>1252</sup>; *Luc.* 1.46<sup>1253</sup>; a mesma ideia retorna na prece do próprio Ovídio nos vv. 868-70. A noção da ascensão aos céus (839: *aetherias sedes cognataque sidera tanget*) é recorrente neste livro: aparece já no episódio de Pitágoras (62-3; 147-9), repete-se no catasterismo de César (845-6) e no epílogo de Ovídio (876). A expressão *aetherias sedes* (839) ocorre também em 5.348 e no v. 449 (*aetheriae sedes*), na profecia de Heleno acerca da apoteose de Augusto<sup>1254</sup>. A formulação *cognataque sidera* (839) refere-se, evidentemente, ao *sidus Iulium*, logo antes da metamorfose de César em cometa; remete também a 1.81 (*cognati ... semina caeli*), onde a expressão designa as “sementes divinas” na terra com que Prometeu molda os primeiros homens<sup>1255</sup>. *sidera tanget* (839) é proverbial, usado para grandes sucessos ou alegrias (7.61; *Pont.* 2.5.57) ou para a ambição de chegar aos céus no contexto da gigantomaquia (*Ars* 2.39; *Fast.* 1.308; *Pont.* 2.2.10)<sup>1256</sup>, mas não se encontra alhures para apoteoses<sup>1257</sup>.

**840-2:** Júpiter conclui sua fala orientando Vênus a transformar a alma (840: *animam*) de César em cometa (841: *iubar*). Os versos são repletos de alusões etimológicas, a começar por *caeso de corpore* (840; note-se a aliteração em /k/), terceira ocorrência do participio (cf. vv. 795 e 820, com o com. aos vv. 794-5 e 818-21). O verbo *rapio* (840: *animam ... raptam*) e derivados são utilizados em contextos de apoteose ou

---

<sup>1249</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1250</sup> Id. *ibid.*

<sup>1251</sup> Id. *ibid.*

<sup>1252</sup> Com Nisbet e Hubbard (1970: *ad loc.*).

<sup>1253</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1254</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1255</sup> Id. *ibid.*

<sup>1256</sup> Otto (1890: 63) apud Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1257</sup> Id. *ibid.*

catasterismo em 2.506 (catasterismo de Arcas e Calisto); 9.271 (apoteose de Hércules); 14.818 (apoteose de Rômulo); *Fast.* 3.701 (Vesta sobre a divinização de César)<sup>1258</sup>. O termo *iubar* (841) é inusual no sentido de corpo celeste, e o uso parece motivado por suas conotações etimológicas, atestadas em *Var. L.* 7.76: [i]ubar *dicitur stella lucifer, quae in summo quod habet lumen diffusum, ut leo in capite iubam*; note-se, após esta alusão à *iuba* (termo usado para a cauda de cometas em *Plin. Nat.* 2.22.89<sup>1259</sup>), o emprego, poucos versos abaixo, de *crinem* (849)<sup>1260</sup>. Júpiter qualifica *Capitolia* como *nostra* em referência ao templo de *Iuppiter Optimus Maximus*<sup>1261</sup> ou de *Iuppiter Tonans*, ambos ali localizados. *A excelsa ... aede* (842) é a *Aedes Divi Iuli* (note-se o uso, no v. 842, de *Diuus ... Iulius*, título oficial do culto a César<sup>1262</sup>), também no Capitólio, onde, em forma de uma estrela colocada sobre a estátua de César, o transitório *sidus Iulium* tornou-se permanente (841-2: *ut semper ... prospectet*; cf. *Plin. Nat.* 2.23.94); cf. *Pont.* 2.2.84: *diuus ab excelsa Iulius aede uidet*<sup>1263</sup>.

**843-6:** segue a apoteose de César. No v. 843, [u]ix *ea fatus erat* retoma 14.596 (*fatus erat*, também concluindo a fala de Júpiter a Vênus, após a qual a deusa se encarrega da deificação de Eneias). Note-se, no mesmo verso, a colocação de *media* no meio do verso, logo após a cesura (ver n. 436). Nos vv. 843-4, *media cum sede senatus / constitit alma Venus* possui claros ecos da apoteose de Rômulo, quando Marte, após ouvir as palavras de Júpiter, *constitit in summo nemorosi colle Palati* (14.822)<sup>1264</sup> — note-se a colocação de *constitit*, encabeçando os versos em ambos os passos. Vênus é qualificada como *alma* (844) também em 10.230; 13.759; 14.478; *Fast.* 4.90; *Tr.* 2.262; *Lucr.* 1.2<sup>1265</sup>. A invisibilidade da deusa (844: *nulli cernenda*) remonta a *Hom. Il.* 1.197-8 (Atena resgata Aquiles)<sup>1266</sup>; cf. 10.650 (*nullique uidenda nisi ipsi*; Vênus se aproxima de Hipômenes); *Pont.* 3.5.49 (*nulli cernendus in urbem*; Ovídio sobre sua presença epistolar em Roma)<sup>1267</sup>. Para *eripuit* (845), cf. o com. aos vv. 840-2, *supra*. A dissolução da *anima* no ar (845-6: *in aera solui / ... recentem animam*) remete à doutrina epicurista (cf. *Lucr.*

---

<sup>1258</sup> Id. *ibid.*

<sup>1259</sup> Id. *ibid.*

<sup>1260</sup> Michalopoulos (2001: 46).

<sup>1261</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1262</sup> Id. *ibid.*

<sup>1263</sup> Id. *ibid.*

<sup>1264</sup> Id. *ibid.*

<sup>1265</sup> Id. *ibid.*

<sup>1266</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1267</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

3.455-6: *ergo dissolui quoque conuenit omnem animai / naturam, ceu fumus, in altis aeris auras*)<sup>1268</sup>; note-se a *oppositio in imitando*, uma vez que Vênus evita esse processo, destacando talvez o caráter sobrenatural da apoteose. O termo *recens* é utilizado por Ovídio para corpos metamorfoseados em 1.80; 4.434; 8.370; 9.267 (símile entre a pele nova de uma serpente e Hércules deificado), 393; 11.737; 15.557 (Tages). A expressão *intulit astris* (846) também fecha o último verso da apoteose de Hércules (9.272).

**847-9:** após mencionar a inserção de César entre os *caelestibus ... astris* (846), Ovídio descreve a metamorfose física da *anima* em cometa, aspecto particular desta apoteose em relação à tradição<sup>1269</sup>: a alma de César principia emitindo uma luminescência (*lumen capere*), e, em seguida, se inflama (847: *ignescere*) — esta é a única ocorrência de *ignesco* em Ovídio; em Lucrécio (6.301), o verbo é empregado relativamente à combustão do ar em movimento, seguida de um símile com uma bola de chumbo, como em 14.825-6 (apoteose de Rômulo)<sup>1270</sup>. A expressão *emissitque sinu* (848) pode retomar, por oposição, Catul. 66.56, onde, logo antes de seu catasterismo, a trança de Berenice é colocada no colo de Vênus (*Veneris casto ... in gremio*); *emitto* possui também o sentido de “dar à luz” (*OLD*, s.v., acepção 7b), sugerindo o nascimento do novo deus<sup>1271</sup>. A menção a César voar mais alto que a própria lua (848: *luna ... altius illa*) é alusão a Call. *Aet.* 228.6 Pf. (κλεπτομέν]α παρέθεις σελάνᾳ); note-se, porém, que Ovídio reivindica para si um lugar ainda mais elevado: *super alta ... / astra* (875-6)<sup>1272</sup>. No v. 849, descreve-se por fim a cauda do cometa, *flammiferumque ... crinem*. Um precedente para *crinis* nessa acepção ocorre em Verg. *A.* 5.528 (*crinemque uolantia sidera ducunt*), relativamente à flecha de Aceste, “precursor poético” do *sidus Iulium*<sup>1273</sup>; para o uso posterior a Ovídio, cf. Sen. *Nat.* 7.11.3; V. Fl. 2.42; Plin. *Nat.* 2.22.89-90; Sil. 8.636; ainda, o adjetivo *crinitus* é associado a *sidus, stella* etc. para designar um cometa: cf. Sen. *Nat.* 6.3.3; 7.6.1; Plin. *Nat.* 2.22.89; Suet. *Jul.* 88. Cf. também a imagem dos cabelos de fogo na apoteose de Hersília (14.846-8: *... ibi sidus ab aethere lapsum / decidit in terras, a cuius lumine flagrans / Hersilie crines cum sidere cessit in auras*)<sup>1274</sup>. O *flammiferumque ... crinem* do *Diuus Iulius* pode ainda fazer referência a uma das etimologias de *Caesar*, a partir de

<sup>1268</sup> Id. *ibid.*

<sup>1269</sup> Ver Weinstock (1971: 356-7).

<sup>1270</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1271</sup> Id. *ibid.*

<sup>1272</sup> Id. *ibid.*

<sup>1273</sup> West (1993: 11).

<sup>1274</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

*caesaries* (ver o com. aos vv. 746-9 e 840-2). O *spatioso limite* (849) ovidiano parece aludir a outra referência virgiliana ao *sidus Iulium*<sup>1275</sup> em *A.* 2.697-8: **longo limite sulcus / dat lucen**<sup>1276</sup>.

**850-1:** na conclusão do episódio, é retomada a ideia apresentada em seu princípio: a superioridade de Augusto em relação a César, fazendo a transição entre a apoteose deste e a prece final por uma longa vida para o *princeps* (861-70). Este elogio final a Augusto remete aos vv. 447-9 (profecia de Heleno) e 822-39 (profecia de Júpiter) — note-se a intensificação do motivo à medida que o poema se aproxima do fim. A conclusão da metamorfose de César é marcada pela referência a ele simplesmente como *stella* (850). Para a imagem de um César deificado que observa do alto as proezas do filho, cf. Prop. 4.6.59-60 (*at pater Idalio miratur Caesar ab astro: / 'sum deus: est nostri sanguinis ista fides'*)<sup>1277</sup>. A formulação *uinci gaudet ab illo* (850) lembra a reação de Júpiter às palavras de Calisto em 2.430 (*sibi praeferri se gaudet*) e Tr. 2.50 (*sic uictum cur se gaudeat, hostis habet*), passagem de outro elogio a Augusto<sup>1278</sup>.

**852-4:** a modéstia de Augusto é expressa na proibição (852: *uetat*) de que seus feitos sejam preferidos aos paternos; o embate entre o panegirista e a *modestia* do governante é um *topos* do gênero (cf. Plin. *Pan.* 3.2; 21.1)<sup>1279</sup>. A menção à *libera fama ... nullisque obnoxia iussis* (853) acena para a continuidade da *libertas* republicana sob Augusto; para *libera fama*, cf. Prop. 4.11.72. Sugestivo, porém, o contraste com a representação da Fama na écfrase de sua morada (12.39-63), onde a entidade, personificada, representa o conjunto total de vozes e narrativas (dissonantes) no mundo, amiúde interpretada como uma analogia para as próprias *Metamorfoses*<sup>1280</sup> — embora se possa pensar, mais simplesmente, em uma imagem para a totalidade da tradição poética, matéria de Ovídio; seja como for, semelhantemente à representação da Fama em Verg. *A.* 4.173-97, ela é portadora tanto do verdadeiro como do falso (12.54-5: *mixtaque cum ueris passim commenta uagantur / milia rumorum confusaque uerba uolutant*). No início deste livro, ao contrário, a Fama é qualificada como *praenuntia ueri* (2), e é a responsável pela escolha de Numa como sucessor de Rômulo. Neste passo, de forma semelhante, ela

<sup>1275</sup> West (1993: 9).

<sup>1276</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1277</sup> Id. *ibid.*

<sup>1278</sup> Id. *ibid.*

<sup>1279</sup> Id. 2002: 206.

<sup>1280</sup> Rosati (2002: 299); Williams (2009: 162-3). Ver p. 17 n. 24 para mais bibliografia sobre o episódio no livro 12.

desempenha papel de destaque na legitimação do poder de Augusto, uma vez que sua liberdade é o motivo para elogios ao *princeps*<sup>1281</sup>. Para a fama como vetor da imortalidade de Ovídio, ver o com. aos vv. 877-9, *infra*. Destaca-se, à parte essa única “desobediência”, a aparente consonância entre fama e “discurso augustano” (854: *unaque in parte repugnat*) — nesse sentido, cf. Stat. *Silv.* 1.6.83-4: *et dulci dominum fauore clamant: / hoc solum uetuit licere Caesar*<sup>1282</sup>. Note-se a repetição de *praefero* nos vv. 852 (*praeferri*) e 854 (*praeferet*), em ambos os casos posicionado logo antes da cesura.

**855-6:** Ovídio arrola três *exempla* de filhos que superam seus pais (855-6). A comparação intergeracional está presente já em Hom. *Il.* 4.405; 6.479-80<sup>1283</sup>; cf. também Theoc. 17.53-7, exemplo de comparação entre pai e filho em um panegírico alexandrino<sup>1284</sup>. Para outros exemplos de sequência de três símiles, cf. 553-65 (os três prodígios, comparados ao estupor de Hipólito/Vírbio e das ninfas); 10.64-71. Aqui, todos os símiles são introduzidos por *sic* (note-se o deslocamento do advérbio da posição inicial na oração em *Aegea sic Theseus*, no v. 856). O termo *titulis* (855) tem o sentido de “méritos”, “motivos de distinção” (*OLD* s.v. *titulus*, acepção 7a), uso comum em Ovídio<sup>1285</sup>: cf. *Ep.* 2.68; 5.24; 9.1; 10.132; *Ars* 1.692; 2.625; *Met.* 7.448; 8.433; *Fast.* 1.602; 2.16; *Tr.* 1.1.53; 4.3.81; *Pont.* 4.4.26, 10.72. A superação de Peleu por Aquiles (856: *sic Pelea uicit Achilles*) é profetizada a Tétis em 11.222-3: *concipe: mater eris iuuenis, qui fortibus annis / acta patris uincet maiorque uocabitur illo*<sup>1286</sup>.

**857-60:** os *exempla* de Agamêmnon, Teseu e Aquiles culminam no *exemplum* “mais próximo” (857: *ut exemplis ipsos aequantibus utar*) de Saturno e Júpiter, análogos, aqui, a César e Augusto. A analogia retoma, em anel, o primeiro símile do poema, em 1.200-5, onde o horror dos deuses diante da narrativa de Licáon é equiparado ao horror da raça humana diante do assassinato de César, e a lealdade dos súditos de Júpiter, à dos súditos de Augusto<sup>1287</sup>; significativamente, o nome de Augusto aparece somente nos dois extremos do poema: 1.204 e 15.860, 869<sup>1288</sup>. A comparação explícita de um governante

<sup>1281</sup> São muitas as leituras irônicas do passo; destaque Hardie (2002: 207-9); Feldherr (2010: 77); Pandey (2013: 439).

<sup>1282</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1283</sup> Id. *ibid.*

<sup>1284</sup> Com Hunter (2003: *ad loc.*).

<sup>1285</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1286</sup> Id. *ibid.*

<sup>1287</sup> Feeney (1991: 222).

<sup>1288</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

com Júpiter era usual no período alexandrino, e torna-se tópica ao longo do período augustano; cf. *Fast.* 1.608; *Man.* 1.799-800;<sup>1289</sup> na poesia de exílio, a comparação e, mais frequentemente, a equivalência entre Augusto e Júpiter é recorrente: cf. *Tr.* 1.4.26; 1.5.78, 84; 2.179; 3.5.7; 3.11.62; 4.3.69; 5.2.46; 5.14.27<sup>1290</sup>. Semelhantemente aos exemplos anteriores, também este paralelo é introduzido por *sic* (858); note-se, no mesmo verso, o poliptoto com *Ioue* e *Iuppiter*, destacado pela justaposição das palavras<sup>1291</sup>. Para a correspondência entre o papel de Júpiter, como senhor do céu, e Augusto, como senhor da terra (858-60), cf. *Fast.* 2.131-2; *Hor. Carm.* 3.5.1-4; *Anth. Plan.* 120.4 (γαῦν δ' ὕτ' ἔμοι τίθεμαι, Ζεῦ, σὸ δ' Ὀλυμπόν ἔχε), acerca de uma estátua de Alexandre; *Anth. Lat.* 813 Riese (*Iuppiter in caelis, Caesar regit omnia terris*)<sup>1292</sup>. O termo *arx* (858-9: *arces* / ... *aetherias*; cf. *Am.* 3.10.21, *sidream ... arcem*) é frequentemente utilizado para designar a “cidadela do céu” (*OLD* s.v., acepção 6): cf. 1.163; no v. 866, *Iuppiter arces* designa o Capitólio; em *Fast.* 1.85, pode indicar tanto o Capitólio como a cidadela celeste<sup>1293</sup>. A expressão *temperat ... mundi regna triformis* (859) alude a *Hor. Carm.* 1.12.15-6 (*qui mare et terras uariisque mundum / temperat horis*)<sup>1294</sup>, onde *mundum* = *caelum*<sup>1295</sup>, i.e., temos uma referência ao mundo repartido em três (*triformis*); cf. 12.40; *Fast.* 5.11; Hardie (1986: 313-25). O verbo *tempero* é usado também para o poder de Júpiter em *Hor. Carm.* 3.4.45; de Augusto no v. 869, *infra*; de Vênus em *Fast.* 4.91<sup>1296</sup>.

### 5.9. Prece final (861-70)

Segue a prece aos deuses, cujo modelo primário é *Verg. G.* 1.498-501 — que forma uma moldura com a invocação em *G.* 1.5-42, assim como estes vv. 861-70 desempenham a mesma função em relação a 1.2-4<sup>1297</sup> —, embora o contexto das duas passagens seja significativamente distinto: nas *Geórgicas*, a prece é pelo *iuuenem* (1.500) em quem repousa a esperança de Roma; à época da composição das *Metamorfoses*, quase 40 anos depois, trata-se de prolongar ao máximo a vida de Augusto, então com 70 anos;

<sup>1289</sup> Weinstock (1971: 301-5).

<sup>1290</sup> Feeney (1991: 222 n. 130). Ver Ugartemendía (2022: 174-81).

<sup>1291</sup> Hill (2000: *ad loc.*).

<sup>1292</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1293</sup> Id. *ibid.*

<sup>1294</sup> Id. *ibid.*

<sup>1295</sup> Nisbet e Hubbard (1970: *ad loc.*).

<sup>1296</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1297</sup> Id. *ibid.*

mais próximo temporalmente deste texto, Vell. 2.131, passo conclusivo das *Historiae Romanae*, também apresenta paralelos importantes<sup>1298</sup>. No elenco de divindades, percebe-se uma progressão, seja temporal, seja da esfera comunitária à individual do *princeps*<sup>1299</sup>; note-se que os quatro últimos deuses elencados por Ovídio possuíam templos ou santuários dedicados a si por Augusto: *Mars Ultor* (2 a.C.), *Vesta* (12 a.C.), *Apollo Palatinus* (28 a.C.) e *Iuppiter Tonans* (22 a.C.)<sup>1300</sup>. Em termos de estilo, a prece, como é típico de formulações rituais, é carregada de repetições (cf. 143-4; 637-40).

**861-5:** [*d*]i (861) retoma 1.2, embora, ali, o substantivo refira-se aos deuses de maneira geral; aqui, trata-se dos Penates, trazidos a Roma por Eneias (861: *Aeneae comites*; cf. Verg. *A.* 1.68, 378; 2.293-5; D.H. 1.67-9), representando a origem troiana de Roma<sup>1301</sup>. Para *quibus ensis et ignis / cesserunt* (861-2), cf. v. 441 (*flamma tibi ferrumque dabunt iter*), com o com. aos vv. 441-3. Os *dique Indigetes* (862; note-se a repetição de *di*) são as primeiras divindades invocadas por Virgílio em *G.* 1.498; o significado do termo já se havia perdido à época de Ovídio, embora, na poesia, indique um grupo de divindades com uma identidade especificamente romana<sup>1302</sup>. Seguindo a ordem da invocação virgiliana (*G.* 1.498, embora, ali, como *Romule*), menciona-se então Quirino; a caracterização como *genitorque* (862), repetida com Marte no verso seguinte (*genitor Gradiue Quirini*), espelha a relação entre César e Augusto e também a caracterização de Júpiter e Augusto no v. 860 (*pater est ... uterque*)<sup>1303</sup>. Rômulo é definido como *pater* e *genitor* já em Enn. *Ann.* 108 Sk. e, em *Fast.* 3.72, *aeternae ... pater urbis*<sup>1304</sup>. O adjetivo *inuictus* (863: *inuicti*) é associado a Rômulo apenas neste passo; em *Tr.* 5.1.41 é empregado para Augusto<sup>1305</sup>. Pode-se pensar também em uma alusão à estátua de César, colocada em 45 a.C. no templo de Quirino, com a inscrição *Deo Inuicto*<sup>1306</sup>. Note-se o paralelismo entre os vv. 862-3: *genitor* encontra-se, em ambos, logo após a cesura (heptemímera e pentemímera, respectivamente); o poliptoto em *Quirine* (862) e *Quirini* (863) é destacado também pela colocação dos dois termos em fim de verso. A estrutura, com repetição do nome do deus (com poliptoto) e seu epíteto, é seguida pela repetição

<sup>1298</sup> Ver Barchiesi (1994: 199-201).

<sup>1299</sup> Ver Feeney (1991: 215-7).

<sup>1300</sup> Wickkiser (1999: 121-2).

<sup>1301</sup> Barchiesi (1994: 199).

<sup>1302</sup> Hardie (2015: *ad* 14.607-8); Mynors (1990: *ad G.* 1.498 ff.).

<sup>1303</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1304</sup> Id. *ibid.*

<sup>1305</sup> Id. *ibid.*

<sup>1306</sup> Ver Weinstosk (1971: 186-8).

em quiasmo de *Vesta* e do epíteto *Caesareos/Caesarea* (com poliptoto) nos vv. 864-5, possivelmente aludindo a Enn. *Ann.* 99-100 Sk. ([*Te Mauors, te*] *Nerienem Mauortis et Heriem* / [*Teque Quirine pater ueneror Horamque Quirini*]), também uma prece na parte final do livro 1<sup>1307</sup>. *Vesta* é mencionada também em Verg. *G.* 1.498 e Vell. 2.131.1; para a origem indígena, embora posteriormente contaminada com influências gregas, de seu culto em Roma, ver o com. aos vv. 729-31. Embora *Vesta* fosse associada aos *Penates*, que eram cultuados em seu templo (cf. *Fast.* 1.528), aqui sua inserção entre os *Caesareos* ... *Penates* (864) indica a apropriação do culto da deusa por Augusto: em 12 a.C., ele é eleito *pontifex maximus*, e, tradicionalmente, deveria passar a residir no templo de *Vesta*; inversamente, porém, inclui um santuário dedicado à deusa na *domus Augusta*<sup>1308</sup>; para a associação entre Augusto, enquanto *pontifex*, *Vesta* e os *penates*, cf. *Fast.* 3.419-28<sup>1309</sup>. Similarmente, *Apolo* é agora *Phoebe domestice* (865), alusão à ligação particular de Augusto com o deus, mas, sobretudo, à ligação física entre seu templo no Palatino e a residência privada do *princeps*<sup>1310</sup>; cf. *Fast.* 4.949-54<sup>1311</sup>.

**866-7:** *Júpiter* convencionalmente ocupa lugar de destaque como primeiro e/ou último deus a ser invocado: cf. Var. *Antiquitates rerum humanarum et diuinarum*, fr. 236 Cardauns: *penes Ianum ... sunt prima, penes Iouem summa*; em Theoc. 17, *Zeus*, ao lado de *Ptolomeu*, iniciam e terminam o idílio (cf. 1-4, 135-6)<sup>1312</sup>; em Vell. 2.131.1, as primeiras palavras da prece são *Iuppiter Capoline*; cf. também 10.148-9 (invocação de *Orfeu*): *ab Ioue, Musa parens (cedunt Iouis omnia regno) / carmina nostra moue*; note-se que *Júpiter* é o primeiro deus olímpico a protagonizar um episódio nas *Met.* (1.163-252). É incerto se o *Iuppiter* do v. 866 faz referência ao *Iuppiter Optimus Maximus*, ou se, semelhantemente às representações de *Vesta* e *Apolo*, trata-se de *Iuppiter Tonans*, cujo templo Augusto dedica em 22 a.C. em retribuição pela proteção pessoal do deus (Suet. *Aug.* 29.3). *Lucano*, em sua reelaboração da prece ovidiana, parece interpretar o verso neste último sentido: *'o magna qui moenia prospicis urbis / Tarpeia de rupe Tonans* (1.195-6)<sup>1313</sup>; cf. também 1.170 (*magni ... Tonantis*); *Fast.* 4.33-4 (*dicor matrona Tonantis, / iunctaque Tarpeio sunt mea templa Ioui*); *Pont.* 2.2.42 (*Tarpeio ... Tonante*);

<sup>1307</sup> Para paralelos com outras passagens, cf. Wills (1996: 225-6).

<sup>1308</sup> Feeney (1991: 215).

<sup>1309</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1310</sup> Zanker (1988: 51-2).

<sup>1311</sup> Feeney (1991: 216).

<sup>1312</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1313</sup> Feeney (1991: 216-7).

Sil. 4.548 (*Tarpeio ... Tonanti*); 17.654 (*Tarpei ... Tonantis*)<sup>1314</sup>. Para *Tarpeias ... arces* (866), cf. *Fast.* 1.79; *Pont.* 2.1.57; 4.9.29<sup>1315</sup>. Note-se o paralelismo de *quosque*, encabeçando o v. 867, e *quisque*, primeira palavra do verso anterior. Depois de mencionar especificamente os Penates, os *di Indigetes*, Quirino, Marte, Vesta e Apolo, Ovídio conclui com uma invocação geral, da mesma maneira que abre o poema (1.2-4); ali, porém, a prece é pela empresa poética (*di, coeptis ... / adspirate meis primaque ab origine mundi / ad mea perpetuum deducite tempora carmen*), aqui, pelo *princeps* (vv. 868-79). Para outros exemplos de invocação geral como conclusão de invocações específicas, cf. esp. *Fast.* 4.827-9: ... *condenti, Iuppiter, urbem / et genitor Mavors Vestaque mater, ades: / quosque piūm est adhibere deos, aduertite cuncti* (possivelmente importante como modelo de Veleio Patérculo, que menciona os deuses nesta mesma ordem); cf. também 7.198; *Verg. G.* 1.21<sup>1316</sup>.

**868-70:** a longevidade de Augusto e seu governo já fora profetizada por Júpiter (cf. vv. 838-9, com o com. *ad loc.*) e agora se repete como prece na boca do próprio poeta. Para o *topos* da prece para que o soberano demore a ascender aos céus, cf. *Verg. G.* 1.24-5, 500-1, 503-4<sup>1317</sup>; *Prop.* 3.11.50; *Hor. Carm.* 1.2.45-6; *Tr.* 2.57; 5.2.52; 5.5.61-2; 5.11.25-6; *Vell.* 2.131.2; *Anth. Pal.* 6.235.6; *Luc.* 1.45-6; *Sil.* 3.626-7; *Stat. Silv.* 4.2.22; *Theb.* 1.30-1; *Mart.* 8.39.5; 13.4<sup>1318</sup>. A expressão *illa dies* (868) se repete no v. 873 em referência ao dia da morte de Ovídio; aqui, um modelo pode ser *Prop.* 3.4.12 (*ante meos obitus sit precor illa dies*), onde a expressão faz referência ao dia (futuro) do triunfo de Augusto, que o poeta deseja presenciar, por isso pede que chegue antes de sua morte (note-se a *oppositio in imitando* por parte de Ovídio); cf. também *Ars* 1.213-4 (*ergo erit illa dies, qua tu, pulcherrime rerum, / quattuor in niueis aureus ibis equis*), sobre um futuro triunfo do neto de Augusto, Caio César<sup>1319</sup>. O comparativo *serior* (868) retoma especialmente *Hor. Carm.* 1.2.45 (*serus in caelo redeas ...*); o ponto de comparação é, aqui, o próprio Ovídio: *nostro ... aeuo* (868; cf. 1.4: *mea ... tempora*); nesse sentido, há algo de incongruente (apontando talvez para a possibilidade de uma leitura irônica) entre a prece para que o dia da morte de Augusto demore a chegar e seja posterior à morte do poeta e a expressão de indiferença perante a morte do corpo físico em 873-4: *cum uolet*,

<sup>1314</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1315</sup> Id. *ibid.*

<sup>1316</sup> Id. *ibid.*

<sup>1317</sup> Barchiesi (2001: 78).

<sup>1318</sup> Nisbet e Hubbard (1970: *ad Carm.* 1.2.45).

<sup>1319</sup> Ver Hollis (1977: *ad loc.*) para outros exemplos.

*illa dies, quae nil nisi corporis huius / ius habet, incerti spatium mihi finiat aeuī*)<sup>1320</sup>; note-se a repetição tanto de *illa dies* como de *aeuum* (*aeuo*, *aeuī*). A expressão *caput Augustum* (869) remete à queixa de Vênus nos vv. 766-7 (*quantaque caput cum fraude petatur / quod de Dardanio solum mihi restat Iulo*); a colocação de *orbe* no mesmo verso sugere Augusto como *caput orbis*: cf. *Tr.* 3.5.46 (*Caesareum caput est, quod caput orbis erat*)<sup>1321</sup>. O verbo *temperat* (869) é usado para Júpiter no v. 859, reforçando o paralelo entre o deus e Augusto. Também *accedat caelo* (870) ocorre poucos versos antes: no v. 818, na profecia de Júpiter, referindo-se à divinização de César<sup>1322</sup>; pode estar implícita a noção do culto a César como modelo para o culto a Augusto<sup>1323</sup>. Se, no v. 759, os deuses (*superi*) favoreceram (*fauistis*) a raça humana com a existência de Augusto, ele, deificado, favorecerá (*fauetque*) aos que pedem (*precantibus*), indicando sua inserção entre os “deuses romanos” invocados a partir do v. 861 (*di, precor ...*)<sup>1324</sup>. É significativa a colocação de *absens*, caracterizando o *princeps*, como última palavra do último verso do poema antes do epílogo: o termo remete à noção de Augusto como *praesens deus*<sup>1325</sup> (cf. *Hor. Carm.* 3.5.2-4; 4.14.43; *Tr.* 2.54; 4.4.19-20; *Pont.* 1.2.105), mas, no momento conclusivo da prece pela longa vida do *princeps*, projeta, ao contrário, sua ausência, mais notável em vista da comparação com a última palavra do epílogo, relativa à imortalidade de Ovídio: *uiuam* (879)<sup>1326</sup>; para um paralelo, cf. *Tr.* 5.2.45-6 (*alloquor en absens absentia numina supplex*), ali abrindo a prece a Augusto<sup>1327</sup>.

### 5.10. Epílogo (871-9)

Trata-se de um desenvolvimento da *sphragis*, declaração pessoal do poeta, tipicamente contendo seu nome e local de nascimento, ao fim de um poema. A tradição remonta ao período grego arcaico, mas passa por desenvolvimento significativo durante o período helenístico, que vê não só o aumento de interesse no βίος do poeta, mas também a passagem para organização da poesia em livro, ao fim do qual a *sphragis* passa a ser

<sup>1320</sup> Moulton (1973: 7); não adoto, contudo, a visão de Ovídio como antiaugustano.

<sup>1321</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1322</sup> Id. *ibid.*

<sup>1323</sup> Ver White (1988: 355-5); Galinsky (1996: 312-22).

<sup>1324</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1325</sup> Ver Nisbet e Rudd (2004: *ad* 3.5.1-2) para a oposição entre deuses (ausentes) e governantes como deuses (presentes). Sobre Augusto como *praesens deus*, ver Ugartemendía (2022: 172-89).

<sup>1326</sup> Moulton (1973: 6-7).

<sup>1327</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

colocada<sup>1328</sup>. O dispositivo é incorporado na tradição latina: declarações envolvendo nome, pátria e referências à própria obra fecham, por exemplo, o último poema das *Geórgicas* (4.563-6), o primeiro livro das *Epístolas* de Horácio (1.20.19-28) e o *monobiblos* de Propércio (1.22)<sup>1329</sup>; é, porém, com o Horácio lírico de *Carm.* 2.20 e 3.30 que a *sphragis* passa a centrar-se menos na individualidade do poeta e mais na asserção da qualidade de sua obra, através da qual ele obtém sua perenização<sup>1330</sup>. Ovídio, diante da ausência de precedentes para a inserção da *sphragis* ao final dos poemas homéricos, do *epos* lucreciano ou da *Eneida* — embora Hardie (2015: *ad loc.*) sugira a possibilidade de uma declaração pessoal do poeta ao fim dos *Anais* de Ênio, correspondente àquela do início do poema —, elege o modelo lírico como inspiração primária para marcar a conclusão de seu poema épico, com especial destaque para Hor. *Carm.* 3.30, com paralelos específicos indicados no com. *infra.*, embora *Carm.* 2.20, que narra a metamorfose do poeta em cisne e sua ascensão aos céus, seja uma inspiração importante para o epílogo, com a metamorfose de Ovídio; cf. também 4.8.13-5; 4.9.9-12; *Ep.* 1.20<sup>1331</sup>. A *sphragis* horaciana já servira de modelo para *Am.* 1.15, 3.15<sup>1332</sup> e *Rem.* 811-4<sup>1333</sup>, textos com os quais este epílogo também dialoga, representando, através desse retorno ao início de sua carreira poética, uma afirmação da unidade do *corpus* ovidiano<sup>1334</sup>. Especialmente em relação à alusão ao fim do primeiro livro dos *Amores*, é significativo que *Am.* 1.1 seja retomado no livro 1 das *Met.*, tanto na parentética do próemio (1.2) como na introdução do episódio de Apolo e Dafne (1.452-73), onde, no confronto entre Apolo e Cupido, este sai vitorioso<sup>1335</sup>. Além da referência às primeiras obras poéticas, o epílogo remete também ao início deste poema — antes do [*p*]rimus amor *Phoebi* (1.452), o deus mata a Píton e cria os Jogos Píticos para immortalizar seu feito: *neue operis famam posset delere uetustas, / instituit sacros celebri certamine ludos / Pythia de domitae serpentis nomine dictos* (1.445-7). Significativamente, todos os termos do v. 1.445 reaparecem no epílogo: *opus* (871); *fama* (878); *poterit* (872), *potentia* (877); *indelebile* (876); *uetustas* (872)<sup>1336</sup>. Outras declarações pessoais de sucesso e perenidade

---

<sup>1328</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1329</sup> Id. *ibid.*

<sup>1330</sup> Galasso (2000: *ad loc.*).

<sup>1331</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1332</sup> McKeown (1989: *ad Am.* 1.15).

<sup>1333</sup> Nisbet e Rudd (2004 *ad* 3.30.1). Ver Pinotti (1993: *ad Rem.* 811-4).

<sup>1334</sup> Para a evolução da *sphragis* no *corpus* ovidiano, ver Paratore (1959) e, sobre a sua unidade, Harrison (2002).

<sup>1335</sup> Ver Hasegawa (2018); Barchiesi (2005: *ad* 1.452).

<sup>1336</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

através da poesia continuam na poesia de exílio: cf. esp. *Tr.* 3.7.45-54; 4.10.121-32; *Pont.* 2.6.33-8, cujos paralelos específicos com os versos em questão estão indicados no com. *infra*.

Apesar de, em termos formais, a *sphragis* configurar-se como elemento paratextual — e, nesse sentido, vale notar que a prece dos vv. 861-70 faz a transição entre a narrativa da apoteose de César, narrada em 3ª pessoa, e o epílogo, na voz do poeta<sup>1337</sup> —, as continuidades que este epílogo apresenta em relação ao restante das *Metamorfoses* permitem que a projeção do poeta em relação a seu futuro se insira como último dos episódios narrados no poema<sup>1338</sup>. Sobretudo, o epílogo explora modelos de permanência após a morte tematizados no restante do livro, oportunamente arrolados por Hardie (2015: *ad loc.*): **(i) apoteose**: a ascensão da “melhor parte” de Ovídio acima dos astros é o último exemplo de uma série de apoteoses que atinge seu clímax com a de César e a projeção da de Augusto (ver o com. aos vv. 745-860); embora a apoteose de Ovídio deva ser entendida em termos figurados, a própria relatividade da subida do poeta aos céus pode colocar em cheque o grau de literalidade com que as apoteoses *stricto sensu* devem ser consideradas; **(ii) metamorfose**: o *corpus* físico do poeta se transforma em *corpus* poético, ou, mais especificamente, em seu livro, que continua a viver após a morte biológica do poeta<sup>1339</sup>; essa metamorfose textual do corpo do poeta pode ser ainda mais radical: ele se tornaria a performance sonora da sua poesia (878: *ore legar*)<sup>1340</sup> ou sua fama (ver o com. aos vv. 878-9); **(iii) metempsicose**: *ore legar* pode evocar também a crença de que se possa colher o sopro vital de uma pessoa que morre através de um beijo, acenando para a possível transfusão da alma do poeta no corpo de seus leitores (ver o com. aos vv. 877-8), noção talvez aludida já no próêmio do poema (1.1-2: *in noua fert animus ... / corpora*)<sup>1341</sup>; **(iv) sucessão**: o livro 15 se abre com uma pergunta relativa à sucessão política (1-2), retomada na dinâmica sucessória de César por Augusto e deste por Tibério; em termos de sucessão poética, em contraste, Ovídio, embora se coloque como herdeiro e sucessor de toda a tradição das letras greco-latinas — noção reforçada pela especial densidade alusiva do epílogo — insere-se, confiante, nesta tradição como seu ponto

<sup>1337</sup> Id. *ibid.*

<sup>1338</sup> Wickkiser (1999) desenvolve esta leitura.

<sup>1339</sup> Ver Farrell (1999).

<sup>1340</sup> Id. *ibid.*: 132.

<sup>1341</sup> Barchiesi (2005: *ad* 1.1).

culminante, configurando o verdadeiro *telos* poético do ambicioso projeto delineado no próêmio do poema<sup>1342</sup>.

**871-2:** significativa a introdução do desfecho do poema com *iam(que)*, que introduz os livros 3, 7, 8 e 14, marcando, ali, a continuidade entre estes e os livros precedentes<sup>1343</sup>: Ovídio ao mesmo tempo transporta o leitor para o momento de conclusão de seu *opus* e aponta para a perene atualização de suas palavras nas bocas de seus futuros leitores<sup>1344</sup>. A noção circular do epílogo como novo começo é sugerida também pelo acróstico *INCIP*, formado pelas primeiras letras dos vv. 871-5<sup>1345</sup>. A célebre expressão *opus exegi* (871) remete ao *exegi monumentum* horaciano (*Carm.* 3.30.1), retomando, embora menos explicitamente, a analogia entre obra poética e monumento arquitetônico ali presente; para outros exemplos em passos conclusivos de Ovídio, cf. *Rem.* 811 ([*h*]oc *opus exegi*); *Fast.* 1.723 (*sed iam prima mei pars est exacta laboris*)<sup>1346</sup>; nas *Met.*, também Circe *opus exigit* (14.268)<sup>1347</sup>. A partir do segundo hemistíquio do verso, começa a enumeração dos elementos que *não* serão capazes de extinguir (872: *abolere*) o *opus*, todos introduzidos por *nec* (cf. *Carm.* 3.30.3-4: *non ... non ... aut*; vv. 811-2, com o com. aos vv. 808-12). O primeiro deles é a *Iouis ira*, possivelmente uma referência à ira de Juno na proposição da *Eneida* (1.4: *saeuae memorem Iunonis ob iram*), significativamente remetendo à premissa do *epos* virgiliano neste epílogo das *Metamorfoses*. Além disso, a expressão retoma a *fulminis iram* (811) a que os *tabularia rerum* consultados por Júpiter seriam imunes, sugerindo uma analogia entre as *Metamorfoses* e o tabulário das Parcas, por sua vez possível referência ao edifício no *Forum Romanum* onde os arquivos públicos (*tabularia*) eram guardados (ver o com. aos vv. 808-12); delinea-se, portanto, uma analogia mais ampla entre um “arquivo” mítico dos destinos humanos e divinos, o repositório concreto dos arquivos romanos e o texto poético das *Metamorfoses*, i.e., entre o divino, o político e o poético<sup>1348</sup>. É também bastante sugestiva a menção à ira de Júpiter após a correlação entre o deus e Augusto poucos versos acima (858-60), que, por sua vez, remete à “primeira” ira de Júpiter no

<sup>1342</sup> Sobre o contraste entre a ausência de ansiedade em relação a sua sucessão e as dificuldades sucessórias enfrentadas por Augusto, ver Hardie (1997: 194-5). Para uma interpretação metapoética dos vv. 1-2, ver Ingleheart (2010: esp. 169-70).

<sup>1343</sup> Id. (2015: *ad loc.*).

<sup>1344</sup> Feeney (1999: 30).

<sup>1345</sup> Barchiesi (1994: 263).

<sup>1346</sup> Nisbet e Rudd (2004: *ad.* 3.30.1).

<sup>1347</sup> Wickkiser (1999: 127-8).

<sup>1348</sup> Id. *ibid.*: 123-5.

poema (1.166: *dignas Ioue concipit iras*) no primeiro episódio narrativo do poema, relativo à metamorfose de Licáon; não por acaso, também ali Júpiter é comparado a Augusto (1.200-5)<sup>1349</sup>. A formulação pode indicar a composição ou edição do epílogo depois de 8 d.C.<sup>1350</sup>, uma vez que, na poesia de exílio, é recorrente a identificação de Augusto como Júpiter e a imagem do sujeito fulminado pelos raios do deus é utilizada para se referir à *relegatio* (ver o com. aos vv. 857-60 para exemplos). A justaposição da ira de Júpiter, do fogo e do ferro (871-2) lembra 13.91-2 (*ecce ferunt Troes ferrumque ignesque Iouemque / in Danaas classes*)<sup>1351</sup>, evocando a metáfora da poesia como nau<sup>1352</sup> (presente em *Rem.* 811-2<sup>1353</sup>) e acenando talvez para a ideia de que o poeta é imune às forças que regem o destino de suas personagens — note-se, nesse sentido, que a invulnerabilidade professada por Ovídio relativamente a sua obra escapa à lógica metamórfica que domina o poema<sup>1354</sup>. Fogo e ferro (871-2: *nec ignis / nec ... ferrum*) são tópicos na descrição da fuga de Eneias de Troia enquanto perigos dos quais o herói escapa (cf. vv. 441; 861-2; ver o com. aos vv. 441-3 para outros paralelos em Ovídio e Virgílio). O fogo e a *uetustas* são mencionados por Pitágoras enquanto elementos aos quais a *anima* é imune nos vv. 156-9 (ver o com. *ad loc.*). A *edax uetustas* retoma também o v. 234 (*tempus edax rerum, tuque inuidiosa uetustas*), onde Pitágoras afirma o poder destruidor da passagem do tempo sobre tudo; reforça-se, assim, a exceção das *Metamorfoses* à regra interna do próprio poema<sup>1355</sup>. A perenidade da poesia, imune à passagem do tempo, é mencionada também no modelo horaciano (*Carm.* 3.30.4-5) e em *Am.* 1.15.31-2 (*ergo cum silices, cum dens patientis aratri / depereant aeuo, carmina morte carent*). Para o adjetivo *edax*, cf. Hor. *Carm.* 3.30.3: *imber edax*; *Am.* 1.15.1: *Liur edax*; 15.354: *naturae ... edaci*.

**873-4:** sobre a indiferença de Ovídio a respeito do dia de sua morte (873-4: *cum uolet, illa dies ... / ... finiat*) à luz dos paralelos com a prece pela longa vida de Augusto (868: *tarda sit illa dies et nostro serior aeuo*), ver o com. aos vv. 868-70, *supra*. A expressão *illa dies* é associada à morte do poeta também em Prop. 3.21.34 (*atque erit illa mihi mortis honesta dies*) e *Ib.* 132-4 (*auferet illa dies, quae mihi sera uenit, / quam dolor*

<sup>1349</sup> Feeney (1991: 222).

<sup>1350</sup> Para referências, ver id. *ibid.* n. 128.

<sup>1351</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1352</sup> Ver Curtius (1957: 133-4).

<sup>1353</sup> Com Pinotti (1993: *ad loc.*).

<sup>1354</sup> Williams (2009: 169).

<sup>1355</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

*hic umquam spatium euanescere possit, / leniat aut odium tempus et hora meus*). Para um uso de *ius* (874) em contexto semelhante, cf. 10.724-6: *questaque cum fatis “at non tamen omnia uestri / iuris erunt,” dixit; “luctus monimenta manebunt / semper; Adoni, mei;* o poder de perenização da poesia de Ovídio é, porém, superior àquele da deusa<sup>1356</sup>. O termo é usado também para a liberdade do engenho do Ovídio exilado em relação a Augusto, em *Tr.* 3.7.47-9 (*ingenio tamen ipse meo comitorque fruorque: / Caesar in hoc potuit iuris habere nihil. / qualibet hanc saeuo uitam mihi finiat ense*)<sup>1357</sup>; destacam-se os paralelos: *iuris habere nihil* (3.7.48) e *nil ... ius habet* (873-4); *saeuo uitam mihi finiat ense* (3.7.49) e *incerti spatium mihi finiat aevi* (874); para mais pontos de contato entre o epílogo das *Metamorfoses* e os versos finais de *Tr.* 3.7, ver o com. *infra*. A expressão *finiat aevi* pode lembrar ainda a passagem sobre a morte do fênix no v. 400 (*finitque in odoribus aeuum*), com uma possível alusão a *Naso* em *odoribus*, como em *Fast.* 5.375-8 (*tenues successit in auras, / mansit odor: posses scire fuisse deam. / floreat ut toto carmen Nasonis in aeuo, / sparge, precor, donis pectora nostra tuis*)<sup>1358</sup>.

**875-6:** *parte tamen meliore mei* (875) retoma *Hor. Carm.* 3.30.6 (*multaque pars mei*), já imitado em *Am.* 1.15.42 (*parsque mei multa*); significativa, porém, intensificação na alteração de *multa* para o superlativo *melior*. Notável a aliteração em /m/ (*tamen meliore mei*, com o par aliterativo *meliore mei* destacado pela posição da expressão entre cesuras; a aliteração, além de retomar o verso também aliterativo de Horácio (*non omnino moriar multaque pars mei*), pode aludir à declaração pessoal de Virgílio em 9.446-9, retomada de forma evidente no v. 879 (ver o com. *infra*), esp. os vv. 447-8, igualmente com forte reiteração da nasal (*nulla dies unquam memori uos eximet aeuo, / dum domus Aeneae Capitoli immobile saxum*). A expressão remete também a 9.269 (*parte sui meliore uiget maiorque uideri*), estabelecendo um paralelo entre a subida metafórica do poeta aos céus e a apoteose de Hércules; a alusão a Augusto do verso seguinte (270: *coepit et augusta fieri grauitate uerendus*) estende a comparação para a futura apoteose do *princeps*<sup>1359</sup> — e, significativamente, a imagem da ascensão de Ovídio acima dos astros (875-6: *super alta ... / astra ferar*.) supera tanto César, ele mesmo um astro, cuja ascensão é descrita por Júpiter como *deus accedat caelo* (818)<sup>1360</sup>, como Augusto: *caelumque erit*

<sup>1356</sup> Id. *ibid.*

<sup>1357</sup> Id. *ibid.*

<sup>1358</sup> Id. *ibid.*

<sup>1359</sup> Id. *ibid.*

<sup>1360</sup> Moulton (1973: 7).

*exitus illi* (Heleno, vv. 448-9); *cognataque sidera tanget* (Júpiter, v. 839); *accedat caelo* (Ovídio, v. 870). O fato de o v. 875 ser inteiramente datílico pode ainda mimetizar a leveza e celeridade do movimento descrito. Note-se que, se *caelum et quodcumque sub illo est / immutat formas* (454-5), César e Augusto estariam sujeitos à lei da eterna e constante metamorfose, enquanto a *melior pars* de Ovídio, não<sup>1361</sup> — para a superioridade do poeta em relação ao homem público, cf. *Am.* 1.15.33: *cedant carminibus reges regumque triumphi*. A expressão também ultrapassa as reivindicações relativas a Pitágoras nos vv. 62-3 (*isque licet caeli regione remotos / mente deos adiit*) e 147-9 (*iuuat ire per alta / astra, iuuat terris et inerti sede relicta / nube uehi*)<sup>1362</sup>. A título de comparação, vale notar as formulações de Virgílio em *A.* 1.379 (Eneias sobre sua fama): *fama super aethera notus*; 6.795-6 (Anquises sobre o *imperium* de Augusto): *iacet extra sidera tellus, / extra anni solisque uias*; 12.838-9 (*hinc genus Ausonio mixtum quod sanguine surget, / supra homines, supra ire deos pietate uidebis*)<sup>1363</sup>. Relativamente ao seu modelo poético, pode-se pensar que Ovídio também vai além do limite de sucesso poético estabelecido por Horácio em *Carm.* 1.1.36: *sublimi feriam sidera uertice*<sup>1364</sup>. O adjetivo *perennis*, neste contexto, remete automaticamente a *Carm.* 3.30.1 (*perennius*), aqui, como em *Am.* 1.15.7 (*mihi fama perennis*), atenuado. O termo, porém, pode indicar uma alusão a Ênio (*perennius*), que ocorre já em *Lucr.* 1.117-8 (*Ennius ut noster cecinit qui primus amoeno / detulit ex Helicone perenni fronde coronam*)<sup>1365</sup>; no contexto épico de Ovídio, a alusão seria significativa, especialmente em vista da matéria comum entre os *Anais* e os livros 14 e 15<sup>1366</sup>. Outro potencial paralelo é com *Catul.* 1.10, último verso do poema de abertura: *plus uno maneat perenne saeclo*<sup>1367</sup>. O verbo *ferar* (876) retoma outro modelo importante para este epílogo, *Hor. Carm.* 2.20.1 ([*n*]on usitata nec tenui ferar), bem como o impulso original do início deste poema (1.1: *in noua fert animus...*)<sup>1368</sup>. Na acepção de “contar”, “relatar” ou ainda “disseminar”, “divulgar” (como nas expressões *fertur, ferunt*; cf. *OLD* s.v. *fero*, acepções 33, 34), o termo mobiliza também a noção da fama, podendo ser compreendido, neste contexto, para além de “serei levado”, como “serei falado/contado”, “serei objeto de discursos” (cf. 878: *ore legar populi*; *Carm.* 3.30.10:

<sup>1361</sup> Hardie (2015: *ad loc.*); Williams (2009: 169).

<sup>1362</sup> Segal (2001: 74).

<sup>1363</sup> Wickkiser (1999: 136 n. 68).

<sup>1364</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1365</sup> Id. *ibid.*

<sup>1366</sup> Ver id. (2002).

<sup>1367</sup> Para *Catul.* 1 e as *Metamorfoses*, ver Feeney (1999: 14); Hardie (2002: 191-2; 2015: *ad loc.*).

<sup>1368</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

*dicar*)<sup>1369</sup>. Para *indelebile* (876), cf. *Pont.* 2.8.25-6, em uma apóstrofe a Augusto (*parce, precor, saeculi decus indelebile nostri, / terrarum dominum quem sua cura facit*); trata-se da única outra ocorrência do adjetivo no latim clássico<sup>1370</sup>. Sobre o *indelebile nomen* do poeta, a apóstrofe à Musa em *Tr.* 4.10.121-2 oferece uma continuação em relação ao epílogo das *Met.*, com menção à fama do poeta ainda em vida: *tu mihi, quod rarum est, uiuo sublimē dedisti / nomen, ab exequiis quod dare fama solet*. Note-se, ainda no v. 876, que a colocação de apenas uma cesura trimímera, posicionada após *ferar*, parece significativa: a cesura pentemímera recairia sobre *nomenque*; a heptemímera, esperada após a ocorrência da trimímera, sobre *indelebile*; sua ausência, portanto, parece indicar a resistência do “nosso nome indestrutível” a qualquer fragmentação.

**877-8:** o nexa entre a fama do poeta através da poesia (878: *ore legar populi*) e a manifestação espacial da *Romana potentia* (877: *quaque patet domitis Romana potentia terris*); note-se o homeoteleuto, destacado pela colocação ao fim dos hemistíquios do verso) reelabora sua manifestação temporal em *Carm.* 3.30.8-10 (*dum Capitolium / scandet cum tacita uirgine pontifex / dicar*)<sup>1371</sup>, tematizada também em *Verg. A.* 9.446-9<sup>1372</sup>; à Roma augustana, *telos* do poema em termos do arco temporal delineado no proêmio, se associa o próprio Ovídio, que se coloca como *telos* da tradição literária precedente. Paralelos em Ovídio incluem *Am.* 1.15.25-6 (sobre a *Eneida*): *Aeneiaque arma legentur; / Roma triumphati dum caput orbis erit; Tr.* 3.7.51-2: *dumque suis uictrix omnem de montibus orbem / prospiciet domitum Martia Roma, legar*. Para *legar*, além dos passos citados acima, cf. *Tr.* 4.10.127-8: *cumque ego praeponam multos mihi, non minor illis / dicor et in toto plurimus orbe legor*. A expressão *ore legar* reformula o *dicar* horaciano, enfatizando o elemento da cultura escrita; ainda, em conjunto com o *uiuum* e a repetição do fonema /w/ no v. 879 (*si quid habent ueri uatum praesagia uiuum*), alude a *Enn. Var.* 17 V, epigrama onde Ênio afirma sua própria imortalidade poética: *uolito uiuus per ora uirum*, reelaborado por Horácio na metamorfose em cisne em *Carm.* 2.20<sup>1373</sup> e por Virgílio em *G.* 3.9: *uirum uolitare per ora* e 4.226-7: *nec morti esse locum, sed uiua uolare / sideris in numerum atque alto succedere caelo*), onde os temas do voo e da imortalidade através de leituras futuras de sua obra se combinam com a ascensão ao

<sup>1369</sup> Feeney (1991: 249 n. 223).

<sup>1370</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1371</sup> Ver Galinsky (1975: 44); Barchiesi (2001: 74).

<sup>1372</sup> Ver Hardie (1994: *ad loc.*).

<sup>1373</sup> Ver Nisbet e Hubbard (1978: 332-7).

céu<sup>1374</sup>. Ainda, *lego*, ao lado de *ore*, tem também o sentido de recolher com a boca o último suspiro de alguém que morre, como em Verg. *A.* 4.684-5 (*extremus si quis super halitus errat, / ore legam*); a mesma noção ocorre em 7.860-1 e 14.174-5; o sentido sugerido, é, portanto, que a alma (poética) de Ovídio reencarnaria nos *corpora* de seus leitores<sup>1375</sup>. A qualificação da *ora* como *populi* sugere uma aproximação do povo, presente já em *Ars* 1.1-2 (*si quis in hoc artem populo non nouit amandi, / hoc legat*), invertendo a separação programática de Horácio (*Carm.* 1.1.29-32: *me doctarum hederæ præmia frontium / dis miscent superis, me gelidum nemus / Nympharumque leues cum Satyris chori / secernunt populo*; 3.1.1: *odi profanum uulgus et arceo*); na poesia de exílio, a imagem se repete em *Pont.* 2.6.33-4 (*crede mihi, nostrum si non mortale futurum est / carmen, in ore frequens posteritatis eris*); em *Tr.* 3.14.23-4, Ovídio se queixa da circulação de uma versão não corrigida das *Metamorfoses* na “boca do povo” (*nunc incorrectum populi peruenit in ora, / in populi quicquam si tamen ore mei est*)<sup>1376</sup>.

**878-9:** à noção espacial da extensão da fama do poeta (877) se junta a temporal: *perque omnia saecula* (878). Embora *fama* (878) seja em geral interpretado como ablativo instrumental, ligado a *uiuam* (879), é possível também entender o termo como nominativo: “viverei enquanto fama”<sup>1377</sup>. Nesse sentido, é significativa a leitura da morada da Fama como imagem para as *Metamorfoses*, sugerindo a transformação de Ovídio em seu texto (ver o com. aos vv. 3-4 e 853-4). A última metamorfose do poema é a do poeta histórico em discurso poético, uma forma de imortalização que não depende da morte do corpo físico: cf. vv. 852-4, onde a fama executa seu poder sobre os feitos de Augusto, ainda vivo; note-se o paralelismo entre a ação da fama tanto sobre Ovídio como sobre Augusto<sup>1378</sup>. Para a comparação entre a empresa do poeta e a do *princeps*, um precedente importante pode ser a caracterização que Horácio faz de si como *princeps Aeolium carmen ad Italos / deduxisse modos* (*Carm.* 3.30.13-4), no contexto triunfal dos últimos 3 versos da ode<sup>1379</sup>. A parentética do v. 879 (*si quid habent ueri uatum praesagia*) retoma a questão da verdade e da ficção, que perpassa este livro, seja no tratamento ovidiano de figuras e episódios históricos, seja na ambiguidade com que Pitágoras aborda a figura do *uates* ao longo de seu discurso (ver o com. aos vv. 143-5); note-se

<sup>1374</sup> Hardie 2015: *ad loc.*

<sup>1375</sup> Id. *ibid.*

<sup>1376</sup> Id. *ibid.*

<sup>1377</sup> Id. *ibid.*

<sup>1378</sup> Wicckiser (1999: 134).

<sup>1379</sup> Galinsky (1996: 353-4).

especialmente os vv. 282-3 (*nisi uatibus omnis / eripienda fides*), que enfatizam a ausência de *fides* no discurso poético, em oposição a este verso, que conclui uma celebração do poder da poesia. O uso de *praesagia* chama atenção para dois sentidos distintos, embora interligados, de *uates*: o *uates* como profeta ou como poeta. Na primeira acepção, enquadra-se sobretudo Heleno (identificado como *uates* no v. 435) e sua previsão da grandeza de Roma (cf. esp. os vv. 439-40: *si nota satis praesagia nostrae / mentis habes*), mas também Tages e o *haruspex* consultado por Cipo, enquanto figuras ligadas às artes divinatórias, e Júpiter, autor da última profecia do poema. Ovídio, evidentemente, pertence à segunda, e sua profecia, embora tomada em sentido figurado, é verdadeira a cada vez que o poema é lido, desde o momento de sua composição, mas é também *mais verdadeira* à medida que passam os séculos; assim, o *corpus* poético subverte a noção do “tempo que tudo destrói” à qual os *corpora* físicos estão sujeitos no discurso de Pitágoras (234-6), e o tempo trabalha, inversamente, em favor da perenização da obra ovidiana. Nesse sentido, Ovídio, enquanto poeta e autor de um universo fictício, paradoxalmente afirma uma verdade comprovável ainda hoje. A ocorrência *fama* (878), *ueri* e *praesagia* (879) retoma, em anel, o início do livro: *destinat imperio clarum praenuntia ueri / fama Numam* (3-4); se, porém, a sucessão política é uma preocupação no caso de Rômulo e Numa (remetendo à dinâmica sucessória de César, Augusto e Tibério), no caso de Ovídio, embora ele se projete como sucessor de toda a tradição greco-romana, sua permanência é garantida através da obra, e a sucessão não parece ser motivo de ansiedade<sup>1380</sup>. Relativamente a *si quid*, note-se o paralelo com duas construções virgilianas, em contexto análogo, já citadas *supra* (ver o com. aos vv. 877-8): *A. 4.684-5 (extremus si quis super halitus errat, / ore legam)* e *9.446 (si quid mea carmina possunt)*<sup>1381</sup>; a expressão repete-se ainda em *Tr. 4.10.129*, verso praticamente idêntico ao 879: *si quid habent igitur uatum praesagia ueri*. A última palavra do epílogo, *uiuam*, estabelece forte contraste com a última palavra no v. 870, *absens*, onde se projeta, ao contrário, a futura ausência de Augusto; a esse respeito, ver o com. aos vv. 868-70, *supra*. O verbo, no futuro e em primeira pessoa, alude à última palavra de Horácio em *Carm. 4.15.32 (canemus)*<sup>1382</sup>, possivelmente remetendo à última palavra de Méris em Verg. *Ecl. 9*<sup>1383</sup>. A afirmação da vida nesta última palavra é significativa, por fim, uma vez que se

---

<sup>1380</sup> Hardie (2015: *ad loc.*).

<sup>1381</sup> Id. *ibid.*

<sup>1382</sup> Id. *ibid.*

<sup>1383</sup> Thomas (2011 *ad Carm. 4.15.32*).

opõe ao predomínio da morte no final de importantes modelos épicos: o funeral de Heitor, na *Iliada*; a peste, no *DRN*; a morte de Turno, na *Eneida* (cf. 12.952, *uitaque cum gemitu fugit indignata sub umbras*)<sup>1384</sup>.

---

<sup>1384</sup> Hardie (2015: *ad loc.*), que, porém, não menciona o paralelo lucreciano.

## REFERÊNCIAS

### Dicionários

GLARE, P. G. W. *Oxford Latin Dictionary*: Oxford: Oxford University Press, 1985.

HAMMOND, N. G. L.; SCULLARD, H. H. (eds.) *The Oxford Classical Dictionary*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1976.

MALTBY, R. *A Lexicon of Ancient Latin Etymologies*. Wiltshire: Francis Cairns, 1991.

MICHALOPOULOS, A. *Ancient Etymologies in Ovid's Metamorphoses. A Commented Lexicon*. Leeds: Francis Cairns, 2001.

PECK, H. T. *Harpers Dictionary of Classical Antiquities*. Nova Iorque: Harper and Brothers, 1898. Disponível em:

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0062:entry=locri-epizephyrii-harpers&highlight=locri>>. Acesso em: 18/07/2023.

PRIETO, H. T. C. U.; PRIETO, J. M. T. C. U.; PENA, A. N. (eds.) *Índices de nomes próprios gregos e latinos*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

TOSI, R. *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

### Edições, traduções e comentários dos textos antigos

ANDERSON, W. S. (ed.) *P. Ovidius Naso. Metamorphoses*. Kempten: B. G. Teubner, 1998.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza. Lisboa: Casa da Moeda - Imprensa Nacional, 1986.

AUBRETON, R. (ed., trad.) *Anthologie Greque*. Tome XIII. Anthologie de Planude. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

AUSTIN, R. G. (ed.) *P. Vergili Maronis. Aeneidos. Liber Primus*. Londres: Oxford University Press, 1971.

\_\_\_\_\_. *M. Tulli Ciceronis Pro M. Caelio Oratio*. Oxford: Clarendon Press, 1977.

BAILEY, C. (ed.) *Lucreti De Rerum Natura Libri Sex*. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Oxford: Oxford University Press, 1988.

BAILEY, D. R. S. (ed.) *M. Valerius Martialis. Epigrammata*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Munique/Leipzig: K. G. Saur, 2006.

\_\_\_\_\_. *Q. Horatius Flaccus. Opera*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Berlin: Walter de Gruyter, 2008.

\_\_\_\_\_. *M. Annaei Lucani De Bello Civili Libri X*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Berlin: Walter de Gruyter, 2009.

BARCHIESI, A. (ed.) *Ovidio. Metamorfosi*. Volume I. Libri I-II. Milão: Fondazione Lorenzo Valla, 2005.

BIOTTI, A. (ed.) *Virgilio. Georgiche Libro IV*. Bolonha: Patròn Editore, 1994.

BREYSIG, A. (ed.) *Germanici Caesaris Aratea cum Scholiis*. Berlin: De Gruyter, 1867.

BUECHELER, F.; RIESE, A. (ed.) *Anthologia Latina siue Poesis Latinae Supplementum*. Leipzig: B. G. Teubner, 1894.

BURY, R. G. (trad.) *Sextus Empiricus I. Outlines of Pyrrhonism*. Loeb Classical Library, v. 273. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

CARDAUNS, B. (ed.) *M. Terentius Varro. Antiquitates Rerum Divinarum*. Teil I: Die Fragmente. Mainz: Akademie der Wissenschaften und der Literatur, 1976.

CARY, E. (trad.) *Dio's Roman History III*. Loeb Classical Library, v. 53. Cambridge: Harvard University Press, 1914.

\_\_\_\_\_. *Dio's Roman History IV*. Loeb Classical Library, v. 66. Cambridge: Harvard University Press, 1916.

\_\_\_\_\_. *The Roman Antiquities of Dionysius of Halicarnassus I*. Loeb Classical Library, v. 319. Cambridge: Harvard University Press, 1948.

\_\_\_\_\_. *The Roman Antiquities of Dionysius of Halicarnassus III*. Loeb Classical Library, v. 357. Cambridge: Harvard University Press, 1953.

\_\_\_\_\_. *Dio's Roman History VI*. Loeb Classical Library, v. 83. Cambridge: Harvard University Press, 1955.

CLARK, G. (trad.) *Porphyry: On Abstinence from Killing Animals*. Londres/Nova Iorque: Bloomsbury, 2000.

CLAUSEN, W. *A Commentary on Virgil Eclogues*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

CLEMENT, P. A.; HOFFLEIT, H. B. (trad.) *Plutarch's Moralia VIII*. Loeb Classical Library, v. 424. Cambridge: Harvard University Press, 1969.

DELZ, I. (ed.) *Sili Italici Punica*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Stuttgart: B. G. Teubner, 1987.

EHLERS, W. W. (ed.) *Gai Valeri Flacci Setini Balbi. Argonauticon Libros Octo*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Stuttgart: B. G. Teubner, 1980.

FEDELI, P. (ed.) *Propertio. Il Libro Terzo delle Elegie*. Bari: Adriatica Editrice, 1985.

\_\_\_\_\_. *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia. Fasc. 28. In M. Antonium Orationes Philippicae XIV.* Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig: B. G. Teubner, 1986.

FERGUSON, J. (ed.) *Euripides. Hecuba*. Bristol: Bristol Classical Press, 1994.

FOSTER, B. O. (trad.) *Livy IV. Books VIII-X.* Loeb Classical Library, v. 191. Cambridge: Harvard University Press, 1926.

\_\_\_\_\_. *Livy I. Books I and II.* Loeb Classical Library, v. 114. Cambridge: Harvard University Press, 1967.

\_\_\_\_\_. *Livy III. Books V, VI and VII.* Loeb Classical Library, v. 172. Cambridge: Harvard University Press, 1967.

FOWLER, H. N. (trad.) *Plato. Euthyphro. Apology. Crito. Phaedo. Phaedrus.* Loeb Classical Library, v. 36. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

FRAZER, J. G. (trad.) *Apollodorus. The Library I.* Loeb Classical Library, v. 121. Cambridge: Harvard University Press, 1954.

\_\_\_\_\_. *Ovid V. Fasti.* Loeb Classical Library, v. 253. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

GALASSO, L. (ed.) *Ovidio. Le Metamorfosi.* Torino: Einaudi, 2000.

GIBSON, R. K. (ed.) *Ovid. Ars Amatoria Book 3.* Nova Iorque: Cambridge University Press, 2003.

GIGON, O.; STRAUME-ZIMMERMANN, L. (ed., trad.) *Marcus Tullius Cicero. Vom Wesen der Götter.* Zuriqe/Düsseldorf: Artemis & Winkler, 1996.

GODLEY, A. D. (trad.) *Herodotus IV. Books VIII-IX.* Loeb Classical Library, v. 120. Cambridge: Harvard University Press, 1946.

\_\_\_\_\_. *Herodotus III. Books V-VII.* Loeb Classical Library, v. 119. Cambridge: Harvard University Press, 1957.

\_\_\_\_\_. *Herodotus I. Books I and II.* Loeb Classical Library, v. 117. Cambridge: Harvard University Press, 1966.

GOOLD, G. P. (ed.) *M. Manilii Astronomica.* Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Stuttgart/Leipzig: B. G. Teubner, 1998.

GREENWOOD, L. H. G. (trad.) *Cicero. The Verrine Orations I. Against Caecilius. Against Verres: Part One. Part Two, Books I and II.* Loeb Classical Library, v. 221. Cambridge: Harvard University Press, 1959.

\_\_\_\_\_. *Cicero. The Verrine Orations II. Against Verres: Part Two. Books III, IV and V.* Loeb Classical Library, v. 293. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

GUMMERE, R. M. (trad.) *Seneca ad Lucilium Epistulae Morales II.* Loeb Classical Library, v. 76. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

\_\_\_\_\_. *Seneca ad Lucilium Epistulae Morales III.* Loeb Classical Library, v. 77. Cambridge: Harvard University Press, 1925.

HARDIE, C. (ed.) *Vitae Vergilianae Antiquae. Vita Donati. Vita Servii. Vita Probiana. Vita Focae. S. Hieronymi Excerpta.* Oxford: Oxford University Press, 1966.

HARDIE, P. (ed.) *Ovidio. Metamorfosi. Volume VI. Libri XIII-XV.* Milão: Fondazione Lorenzo Valla, 2015.

HEUBNER, H. (ed.) *Cornelii Taciti Libri Qui Supersunt. Tom. I. Ab Excessu Divi Augusti (Annales).* Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig: B. G. Teubner, 1994.

HEYWORTH, S. J. (ed.) *Sexti Properti Elegos.* Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007.

HICKS, R. D. (trad.) *Diogenes Laertius. Lives of Eminent Philosophers. Volume II.* Loeb Classical Library, v. 185. Cambridge/Londres: Harvard University Press, 1995.

HILL, D. E. (ed.) *Metamorphoses. Books XIII-XV.* Oxford: Oxbow Books, 2000.

HINE, H. M. (ed.) *L. Annaei Senecae Naturalium Quaestionum Libros.* Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Stuttgart/Leipzig: B. G. Teubner, 1996.

HOLLIS, A. S. (ed.) *Ovid. Metamorphoses. Book VIII.* Nova Iorque: Oxford University Press, 1970.

\_\_\_\_\_. *Ovid. Ars Amatoria. Book I.* Nova Iorque: Oxford University Press, 1977.

HOOPER, W. D. (trad.) *Marcus Porcius Cato on Agriculture. Marcus Terentius Varro on Agriculture.* Loeb Classical Library, v. 283. Cambridge: Harvard University Press, 1934.

HORSFALL, N. *Virgil, Aeneid 3. A Commentary.* Leiden: Brill, 2006.

\_\_\_\_\_. *Virgil, Aeneid 6. A Commentary.* Berlin: De Gruyter, 2013.

HUNTER, R. (ed.) *Theocritus. Encomium to Ptolemy Philadelphus.* Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2003.

JACQUES, J.-M. (ed., trad.) *Nicandre. Oeuvres. Tome II. Les Thériaques. Fragments Ilogiques Antérieurs à Nicandre.* Paris: Les Belles Lettres, 2002.

JOCELYN, H. D. (ed.) *The Tragedies of Ennius*. Londres: Cambridge University Press, 1967.

JONES, H. L. (trad.) *The Geography of Strabo III*. Loeb Classical Library, v. 182. Cambridge: Harvard University Press, 1954.

\_\_\_\_\_. *The Geography of Strabo IV*. Loeb Classical Library, v. 196. Cambridge: Harvard University Press, 1954.

\_\_\_\_\_. *The Geography of Strabo V*. Loeb Classical Library, v. 211. Cambridge: Harvard University Press, 1954.

\_\_\_\_\_. *The Geography of Strabo VIII*. Loeb Classical Library, v. 267. Cambridge: Harvard University Press, 1959.

\_\_\_\_\_. *The Geography of Strabo I*. Loeb Classical Library, v. 49. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

\_\_\_\_\_. *The Geography of Strabo II*. Loeb Classical Library, v. 50. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

\_\_\_\_\_. *The Geography of Strabo VI*. Loeb Classical Library, v. 223. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

JONES, W. H. S. (trad.) *Pausanias. Description of Greece IV*. Books VIII (XXII) - X. Loeb Classical Library, v. 297. Cambridge: Harvard University Press, 1955.

\_\_\_\_\_. *Pausanias. Description of Greece I*. Books I and II. Loeb Classical Library, v. 93. Cambridge: Harvard University Press, 1959.

\_\_\_\_\_. *Pliny. Natural History VIII*. Libri XXVIII-XXXII. Loeb Classical Library, v. 418. Cambridge: Harvard University Press, 1963.

JONES, W. H. S.; ORMEROD, H. A. (trad.) *Pausanias. Description of Greece II*. Books III-V. Loeb Classical Library, v. 188. Cambridge: Harvard University Press, 1955.

KANNICHT, R. (ed.) *Tragicorum Graecorum Fragmenta (TrGF). Vol. 5. Euripides*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.

KEMPF, C. (ed.) *Valeri Maximi Factorum et Dictorum Memorabilium Libri Novem cum Incerti Auctoris Fragmento de Praenominibus*. Berlim: De Gruyter, 1954.

KENNEY, E. J. (ed.) *P. Ovidi Nasonis Amores. Medicamina Faciei Femineae. Ars Amatoria. Remedia Amoris*. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Oxford: Oxford University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. *Ovidio. Metamorfosi*. Volume IV. Libri VII-IX. Fondazione Lorenzo Valla, 2011.

KERKHECKER, A. *Callimachus' Book of Iambi*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2000.

KISSEL, W. (ed.) *A. Persius Flaccus. Saturarum Liber*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Berlim: Walter de Gruyter, 2007.

KLOTZ, A. (ed.) *P. Papinius Statius. Thebais*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Munique/Leipzig: K. G. Saur, 2001.

KOVACS, D. (ed.) *Euripides. Troades*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

KROHN, F. (ed.) *Vitruvii De Architectura Libri Decem*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig: B. G. Teubner, 1912.

KUMANIECKI, K. F. (ed.) *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia. Fasc. 3. De Oratore*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Stuttgart/Leipzig: B. G. Teubner, 1995.

LANFRANCHI, P. (ed., trad.) *L'Exagoge d'Ezéchiel le Tragique*. *Studia in Veteris Testamenti Pseudepigrapha*, v. 21. Leiden/Boston: Brill, 2006.

LOUIS, P. (ed., trad.) *Aristote. Histoire des Animaux*. Tome I. Livres I-IV. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

\_\_\_\_\_. *Aristote. Histoire des Animaux*. Tome II. Livres V-VII. Paris: Les Belles Lettres, 1968.

LUCRÉCIO. *Sobre a natureza das coisas*. Tradução, notas e paratextos de Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MAGNUS, H. (ed.) *P. Ovidi Nasonis Metamorphoseon Libri XV. Lactanti Placidi Qui Dicitur Narrationes Fabularum Ovidianarum*. Berlim: Weidmann, 1914.

MAIR, A. W.; MAIR, G. R. (trads.) *Callimachus. Lycophron. Aratus*. Loeb Classical Library, v. 129. Cambridge: Harvard University Press, 1921.

MARASTONI, A. (ed.) *P. Papini Stati Silvae*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig: B. G. Teubner, 1970.

MARSHALL, P. K. (ed.) *A. Gellii. Noctes Atticar*. Tomus I. Libri I-X. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. [s.l.]: Oxford University Press, 1968.

MASLOWSKI, T. (ed.) *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia. Fasc. 21. Orationes cum Senati Gratias Egit. Cum Populo Gratias Egit. De Domo Sua. De Haruspiciis Responsis*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig: B. G. Teubner, 1981.

\_\_\_\_\_. *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia. Fasc. 23. Orationes in P. Vatinius Testem. Pro M. Caelio*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Stuttgart/Leipzig: B. G. Teubner, 1995.

\_\_\_\_\_. *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia. Fasc. 17. Orationes in L. Catilinam Quattuor.* Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Munique/Leipzig: K. G. Saur, 2003.

MCKEOWN, J. C. *Ovid: Amores. Text, Prolegomena and Commentary in Four Volumes. Volume I. Text and Prolegomena.* Liverpool: Francis Cairns, 1987.

\_\_\_\_\_. *Ovid: Amores. Text, Prolegomena and Commentary in Four Volumes. Volume II. A Commentary on Book I.* Liverpool: Francis Cairns, 1989.

\_\_\_\_\_. *Ovid: Amores. Text, Prolegomena and Commentary in Four Volumes. Volume III. A Commentary on Book II.* Liverpool: Francis Cairns, 1998.

MELO, W. D. C. (ed., trad.) *Varro: De Lingua Latina.* Oxford: Oxford University Press, 2019.

MOST, G. W. (ed., trad.) *Hesiod. Theogony. Works and Days. Testimonia.* Loeb Classical Library, v. 57. Cambridge/Londres: Harvard University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *Hesiod. The Shield. Catalogue of Women. Other Fragments.* Loeb Classical Library, v. 503. Cambridge/Londres: Harvard University Press, 2007.

MÜLLER, K. (ed.) *Petronii Arbitri Satyricon. Reliquiae.* Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Stuttgart/Leipzig: B. G. Teubner, 1995.

MURRAY, A. T. (trad.) *Homer. The Iliad II.* Loeb Classical Library, v. 171. Cambridge: Harvard University Press, 1925.

\_\_\_\_\_. *Homer. The Iliad I.* Loeb Classical Library, v. 170. Cambridge: Harvard University Press, 1928.

\_\_\_\_\_. *Homer. The Odyssey II.* Loeb Classical Library, v. 105. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

\_\_\_\_\_. *Homer. The Odyssey I.* Loeb Classical Library, v. 104. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

MUSSO, O. (ed.) *Antigonus Carystius. Rerum mirabilium collectio.* Nápoles: Bibliopolis, 1986.

MYNORS, R. A. B. (ed.) *C. Valerii Catulli. Carmina.* Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Oxford: Oxford University Press, 1960.

\_\_\_\_\_. *P. Vergili Maronis Opera.* Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Oxford: Oxford University Press, 1986.

\_\_\_\_\_. *C. Plini Caecili Secundi Epistularum Libri Decem.* Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. [s.l.]: Oxford University Press, 1988.

\_\_\_\_\_. *Virgil. Georgics*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1990.

NICKEL, R. (ed., trad.) *M. Tullius Cicero. De Legibus. Paradoxa Stoicorum. Über die Gesetze. Stoische Paradoxien*. Munique/Zurique: Artemis & Winkler, 1994.

NISBET, R. G. M.; HUBBARD, M. *A Commentary on Horace: Odes. Book I*. Oxford: Clarendon Press, 1970.

\_\_\_\_\_. *A Commentary on Horace, Odes. Book II*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1978.

NISBET, R. G. M.; RUDD, N. *A Commentary on Horace: Odes. Book III*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2004.

OGILVIE, R. M. (ed.) *Titi Liui Ab Urbe Condita. Tomus I. Libri I-V. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1987.

OLDFATHER, C. H. (trad.) *Diodorus of Sicily IV. Books IX-XII 40*. Loeb Classical Library, v. 375. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. *Diodorus of Sicily V. Books XII 41-XIII*. Loeb Classical Library, v. 384. Cambridge: Harvard University Press, 1950.

OLECHOWSKA, E. (ed.) *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia. Fasc. 25. Orationes pro Cn. Plancio. Pro C. Rabirio*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig: B. G. Teubner, 1981.

OLSON, S. D. (trad.) *Antiphanes. Zakynthios – Progonoi*. Fragmenta Comica Band 19.2. Göttingen: Verlag Antike, 2022.

\_\_\_\_\_. (ed., trad.) *Athenaeus. The Learned Banqueters Books III.106e-V*. Loeb Classical Library, v. 208. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

OWEN, S. G. (ed.) *P. Ovidi Nasonis Tristium Libri Quinque. Ibis. Ex Ponto Libri Quattuor. Halieutica. Fragmenta*. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. [s.l.]: Oxford University Press, 1985.

PERRIN, B. (trad.) *Plutarch. Lives I. Theseus and Romulus. Lycurgus and Numa. Solon and Publicola*. Loeb Classical Library, v. 46. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *Plutarch. Lives VII. Demosthenes and Cicero. Alexander and Caesar*. Loeb Classical Library, v. 99. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

PFEIFFER, R. (ed.) *Callimachus. Volumen I. Fragmenta*. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Londres: Oxford University Press, 1949.

\_\_\_\_\_. *Callimachus. Volumen II. Hymni et Epigrammata*. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Londres: Oxford University Press, 1953.

PINOTTI, P. (ed.) *P. Ovidio Nasone Remedia Amoris*. Bolonha: Patròn Editore, 1988.

PLACES, E. (ed., trad.) *Porphyre. Vie de Pythagore. Lettre a Marcella*. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

PLATÃO. *O Banquete*. Tradução, posfácio e notas de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

POHLENZ, M. (ed.) *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia. Fasc. 44. Tusculanae Disputationes*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Berlim: Walter de Gruyter, 2008.

PONTANI, F. M. (ed.) *Antologia Palatina*. Volume primo. Libri I-VI. Torino: Giulio Einaudi, 1978.

\_\_\_\_\_. *Antologia Palatina*. Volume terzo. Libri IX-XI. Torino: Giulio Einaudi, 1980.

\_\_\_\_\_. *Antologia Palatina*. Volume quarto. Libri XII-XVI. Torino: Giulio Einaudi, 1981.

POSTGATE, I. P. (ed.) *Tibulli Aliorumque Carminum Libri Tres*. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. [s.l.]: Oxford University Press, 1990.

POWELL, J. G. F. (ed.) *M. Tulli Ciceronis De Re Publica. De Legibus. Cato Maior de Senectute. Laelius de Amicitia*. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Nova Iorque: Oxford University Press, 2006.

POYNTON, A. B. (ed.) *Cicero. Pro Milone*. Oxford: Clarendon Press, 1956.

RACKAM, H. (trad.) *Pliny. Natural History IV*. Libri XII-XVI. Loeb Classical Library, v. 370. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

\_\_\_\_\_. *Pliny. Natural History II*. Libri III-VII. Loeb Classical Library, v. 352. Cambridge: Harvard University Press, 1961.

\_\_\_\_\_. *Pliny. Natural History I. Praefatio*, Libri I-II. Loeb Classical Library, v. 330. Cambridge: Harvard University Press, 1967.

\_\_\_\_\_. *Pliny. Natural History III*. Libri VIII-XI. Loeb Classical Library, v. 353. Cambridge: Harvard University Press, 1967.

REED, J. D. (ed.) *Ovidio. Metamorfosi. Volume V. Libri X-XII*. Milão: Fondazione Lorenzo Valla, 2013.

REIFFERSCHIED, A. (ed.) *Arnobii Adversus Nationes Libri VII*. Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum. Viena: Academiae Litterarum Caesareae, 1875.

REINHARDT, T. (ed.) *M. Tulli Ciceronis Academicus Primus. Fragmenta et Testimonia Academicorum Librorum. Lucullus*. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Oxford: Clarendon Press, 2023.

REYNOLDS, L. D. (ed.) *C. Sallusti Crispi. Catilina. Iugurtha. Historiarum Fragmenta Selecta. Appendix Sallustiana.* Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Nova Iorque: Oxford University Press, 1991.

ROGERS, B. B. (trad.) *Aristophanes I. The Acharnians. The Knights. The Clouds. The Wasps.* Loeb Classical Library, v. 178. Cambridge: Harvard University Press, 1930.

ROLFE, J. C. (trad.) *Suetonius I.* Loeb Classical Library, v. 31. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

RONCALI, R. (ed.) *L. Annaei Senecae ΑΠΟΚΟΜΟΚΥΝΤΩΣΙΣ.* Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig: B. G. Teubner, 1990.

ROSATI, G. (ed.) *Ovidio. Metamorfosi.* Volume III. Libri V-VI. Milão: Fondazione Lorenzo Valla, 2009.

SAGE, E. T. (trad.) *Livy XII. Books XL-XLII.* Loeb Classical Library, v. 332. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

\_\_\_\_\_. *Livy XI. Books XXXVIII-XXXIX.* Loeb Classical Library, v. 313. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

SANTORELLI, B. (ed.) *Giovenale. Satire.* Milão: Oscar Mondatori, 2011.

SCÖNBERGER, O. (ed., trad.) *Quintus Ennius Fragmente (Auswahl).* Stuttgart: Philipp Reclam, 2009.

SEATON, R. C. (trad.) *Apollonius Rhodius. The Argonautica.* Loeb Classical Library, v. 1. Cambridge: Harvard University Press, 1955.

SCHUSTER, M.; HANSLIK, R. (eds.) *C. Plini Caecili Secundi. Epistularum Libri Novem. Epistularum ad Traianum Liber. Panegyricus.* Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Stuttgart/Leipzig: B. G. Teubner, 1992.

SHIPLEY, F. W. (trad.) *Velleius Paterculus and Res Gestae Divi Augusti.* Loeb Classical Library, v. 152. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

SHOREY, P. (trad.) *Plato. The Republic I.* Books I-V. Loeb Classical Library, v. 237. Cambridge: Harvard University Press, 1937.

\_\_\_\_\_. *Plato. The Republic II.* Books VI-X. Loeb Classical Library, v. 276. Cambridge: Harvard University Press, 1942.

SHOWERMAN, G. (trad.) *Ovid I. Heroides and Amores.* Loeb Classical Library, v. 41. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

SKUTSCH, O. (ed.) *The Annals of Q. Ennius.* Oxford: Oxford University Press, 1985.

SMITH, C. F. (trad.) *Thucydides I. History of the Peloponnesian War. Books I and II.* Loeb Classical Library, v. 108. Cambridge: Harvard University Press, 1919.

SMYTH, H. W. (trad.) *Aeschylus II. Agamemnon. Libation-Bearers. Eumenides. Fragments.* Loeb Classical Library, v. 146. Cambridge: Harvard University Press, 1926.

SOUBIRAN, J. (ed.) *Cicéron. Aratea. Fragments Poétiques.* Paris: Les Belles Lettres, 1971.

STORR, R. (trad.) *Sophocles I. Oedipus the King. Oedipus at Colonus. Antigone.* Loeb Classical Library, v. 21. Cambridge: Harvard University Press, 1962.

TARRANT, R. J. (ed.) *Seneca. Agamemnon.* Cambridge Classical Texts and Commentaries, v. 18. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

\_\_\_\_\_. *P. Ovidi Nasonis Metamorphoses.* Oxford: Oxford University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Virgil. Aeneid. Book XII.* Nova Iorque: Cambridge University Press, 2012.

TAYLOR, T. (trad.) *Iamblichus' Life of Pythagoras or Pythagoric Life.* Londres: J. M. Watkins, 1818.

THILO, G.; HAGEN, H. (ed.) *Maurus Servius Honoratus. In Vergilii carmina comentarii. Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina comentarii.* Leipzig: B. G. Teubner, 1881.  
Disponível em: <  
<https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0053%3Abook%3D1%3Acommline%3Dpr>>. Acesso em: 18/07/2023.

THOMAS, R. F. (ed.) *Virgil. Georgics. Volume 1: Books I-II.* Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

\_\_\_\_\_. *Horace. Odes Book IV and Caermen Saeculare.* Nova Iorque: Cambridge University Press, 2011.

TIERNEY, M. (ed.) *Euripides. Hecuba.* Bristol: Bristol Classical Press, 1994.

WALTERS, C. F.; CONWAY, R. S. (eds.) *Titi Liui Ab Urbe Condita. Tomus II. Libri VI-X.* Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Oxford: Oxford University Press, 1989.

WARMINGTON, E. H. (ed., trad.) *Remains of Old Latin II. Livius Andronicus, Naevius, Pacuvius and Accius.* Loeb Classical Library, v. 314. Cambridge: Harvard University Press, 1936.

\_\_\_\_\_. *Remains of Old Latin III. Lucilius. The Twelve Tables.* Loeb Classical Library, v. 329. Cambridge: Harvard University Press, 1938.

WATTS, N. H. (trad.) *Cicero. The Speeches. Pro T. Annio Milone. In L. Calpurnium Pisonem. Pro M. Aemilio Scauro. Pro M. Fronteio. Pro C. Rabirio Postumo. Pro M.*

*Marcello. Pro Q. Ligario. Pro Rege Deiotaro.* Loeb Classical Library, v. 252. Cambridge: Harvard University Press, 1931.

WAY, A. S. (trad.) *Quintus Smyrnaeus. The Fall of Troy.* Loeb Classical Library, v. 19. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

WEBSTER, T. B. L. (ed.) *M. Tulli Ciceronis Pro Flacco Oratio.* Oxford: Clarendon Press, 1931.

WELLESLEY, K. (ed.) *Cornelii Taciti Libri Qui Supersunt. Tom. II. Pars Prima. Historiarum Libri.* Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig: B. G. Teubner, 1989.

WINTERBOTTOM, M. (ed.) *M. Fabi Quintiliani. Institutionis Oratoriae.* Tomus I. Libri I-VI. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Nova Iorque: Oxford University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. *M. Fabi Quintiliani. Institutionis Oratoriae.* Tomus II. Libri VII-XII. Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Nova Iorque: Oxford University Press, 1990.

WRIGHT, M. R. (ed.) *Empedocles: The Extant Fragments.* Ann Arbor: Edwards Brothers Inc., 1981.

ZWIERLEIN, O. (ed.) *L. Annaei Senecae. Tragoediae. Incertorum Auctorum. Hercules [Oetaeus]. Octavia.* Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Nova Iorque: Oxford University Press, 1986.

### **Bibliografia geral e específica**

BARCHIESI, A. *Il Poeta e il Principe. Ovidio e il Discorso Augusteo.* Bari: Editori Laterza, 1994.

\_\_\_\_\_. “Endgames: Ovid’s *Metamorphoses* 15 and *Fasti* 6”. In: ROBERTS, D. H.; DUNN, F. M.; FOWLER, D. (eds.) *Classical Closure: Reading the End in Greek and Latin Literature.* Princeton: Princeton University Press, 1997, pp. 181-208.

\_\_\_\_\_. “Venus’ Masterplot: Ovid and the Homeric Hymns”. In: HARDIE, P.; BARCHIESI, A.; HINDS, S. (eds.) *Ovidian Transformations. Essays on Ovid’s Metamorphoses and its Reception.* Cambridge: Cambridge Philological Society, 1999, pp. 112-26.

\_\_\_\_\_. *Speaking Volumes.* Londres: Duckworth, 2001, pp. 49-78.

\_\_\_\_\_. “Narrative technique and narratology in the *Metamorphoses*”. In: HARDIE, P. (ed.) *The Cambridge Companion to Ovid.* Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 180-199.

BENNETT, F. M. A Theory Concerning the Origin and the Affiliations of the Cult of Vesta. *The Classical Weekly*, v. 7, n. 5, pp. 35-7, 1913.

BOWIE, E. L. "Lies, Fiction and Slander in Early Greek Poetry". In: GILL, C.; WISEMAN, T. P. (eds.). *Lies and fiction in the ancient world*. Austin: University of Texas Press, 1993.

BUCHHEIT, V. Numa: Pythagoras in der Deutung Ovids. *Hermes*, v. 121, n. 1, 1993, pp. 77-99.

BURKERT, W. *Lore and Science in Ancient Pythagoreanism*. Cambridge: Harvard University Press, 1972.

CALCANTE, C. M. Fonostilistica dei Generi Letterari nella Poesia Latina del I Sec. A.C. *Studi Classici e Orientali*, v. 28, pp. 233-80, 2002.

CASALI, S. "The Books of Fate: The Venus-Jupiter Scene in Ovid's *Metamorphoses* 15 and its Epic Models". In: FARRELL, J.; MILER, J. F.; NELIS, D. P.; SCHIESARO, A. (eds.) *Ovid, Death and Transfiguration*. Leiden/Boston: Brill, 2023, pp. 367-85.

CASSON, L. *Ships and Seamanship in the Ancient World*. Princeton: Princeton University Press, 1971.

CONTE, G. B. "Proems in the middle". In: DUNN, F. M.; COLE, T. (eds.) *Beginnings in Classical Literature*. Yale Classical Studies, v. 29. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1992, pp. 147-59.

COOKE, J. P. A Note on Ovid *Metam.* XV. 651 f. *Classical Philology*, v. 31, n. 1, pp. 73-6, 1936.

CURTIUS, E. R. *Literatura Europea e Idade Média Latina*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

FANTHAM, E. Ceres, Liber and Flora: Georgic and Anti-Georgic Elements in Ovid's *Fasti*. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, v. 38, pp. 39-56, 1992.

\_\_\_\_\_. *Ovid's Metamorphoses*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

FARRELL, J. Dialogue of Genres in Ovid's "Lovesong of Polyphemus" (*Metamorphoses* 13.719-879). *The American Journal of Philology*, v. 113, n. 2., pp. 235-268, 1992.

\_\_\_\_\_. "The Ovidian *corpus*: Poetic Body and Poetic Text". In: HARDIE, P.; BARCHIESI, A.; HINDS, S. (eds.) *Ovidian Transformations. Essays on Ovid's Metamorphoses and its Reception*. Cambridge: Cambridge Philological Society, 1999, pp. 127-41.

\_\_\_\_\_. "The Augustan Period: 40 BC-AD 14". In: HARRISON, S. (ed.) *A Companion to Latin Literature*. Hoboken: Blackwell Publishing, 2005, pp. 44-57.

\_\_\_\_\_. "Ovid's Generic Transformations". In: KNOX, P. E. (ed.). *A Companion to Ovid. Blackwell Companions to the Ancient World*. Chichester/Malden: Wiley-Blackwell, 2009, pp. 370-80.

FEENEY, D. C. *The Gods in Epic: Poets and Critics of the Classical Tradition*. Oxford: Clarendon Press, 1991.

\_\_\_\_\_. "Mea Tempora: Patterning of Time in the *Metamorphoses*". In: HARDIE, P.; BARCHIESI, A.; HINDS, S. (eds.) *Ovidian Transformations: Essays on the Metamorphoses and Its Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. "Interpreting Sacrificial Ritual in Roman Poetry: Disciplines and Their Models". In: FEENEY, D. C. *Explorations in Latin Literature. Volume I. Epic, Historiography, Religion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021, pp. 204-27.

FELDHERR, *Playing Gods: Ovid's Metamorphoses and the Politics of Fiction*. Princeton, Oxford: Princeton University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. "Orphic Metamorphoses". In: MARTINS, P.; HASEGAWA, A. P.; OLIVA NETO, J. A. (eds.) *Augustan Poetry. New Trends and Revaluations*. São Paulo: Humanitas, 2019, pp. 335-84.

\_\_\_\_\_. A. The Gate of Horns: History and Fiction in Ovid's Cypus Episode (*Met.* 15.565-621). *Dictynna*, v. 19, pp.1-22, 2022.

FRÄNKEL, H. *Ovid: A Poet Between Two Worlds*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1945.

FRATANTUONO, L. *Madness Transformed. A Reading of Ovid's Metamorphoses*. Lanham: Lexington Books, 2011.

FUGMANN, J. (ed.) *Ps. Aurelius Victor. De viris illustribus urbis Romae. Die berühmten Männer der Stadt Rom*. Darmstadt: WBG, 2016.

FURLEY, D. Variations on Themes from Empedocles in Lucretius' Proem. *Bulletin on the Institute of Classical Studies*, v. 17, pp. 55-64, 1970.

GALE, M. R. *Virgil on the Nature of Things. The Georgics, Lucretius and the Didactic Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

GALINSKY, G. K. The Cypus Episode in Ovid's *Metamorphoses* (15.565-621). *Transactions and Proceedings in the American Philological Association*, v. 98, pp. 181-191, 1967.

\_\_\_\_\_. *Ovid's Metamorphoses: An Introduction to the Basic Aspects*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1975.

\_\_\_\_\_. *Augustan Culture*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

GÄRTNER, U.; BLASCHKA, K. “Similes and comparisons in the epic tradition”. In: REITZ, C.; FINKMANN, S. (eds.) *Structures of Epic Poetry. Volume I: Foundations*. Berlim/Moscú: Walter de Gruyter, 2019, pp. 727-72.

GLADHILL, B. Gods, Caesars and Fate in *Aeneid* 1 and *Metamorphoses* 15. *Dictynna*, v. 9, pp. 1-20, 2012.

GONÇALVES, W. F. Sintaxe mimética na épica latina: a questão dos testemunhos e um comentário a *Metamorfoses* 1. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas. São Paulo, 2021.

HARDIE, P. *Virgil's Aeneid: Cosmos and Imperium*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

\_\_\_\_\_. The Speech of Pythagoras in Ovid *Metamorphoses* 15: Empedoclean Epos. *The Classical Quarterly*, Cambridge, v. 45, n.1, pp. 204-14, 1995.

\_\_\_\_\_. “Questions of Authority: The Invention of Tradition in Ovid *Metamorphoses* 15”. In: HABINEK, T.; SCHIESARO, A (eds.) *The Roman Cultural Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, pp. 182-98.

\_\_\_\_\_. “The Historian in Ovid. The Roman History of *Metamorphoses* 14-15”. In: LEVENE, D. S.; NELIS, D. P. (eds.) *Clio and the Poets: Augustan Poetry and the Tradition of Ancient Historiography*. Leiden: Brill, 2002, pp. 191-209.

HARDIE, P.; BARCHIESI, A.; HINDS, S. (eds.) *Ovidian Transformations. Essays on Ovid's Metamorphoses and its Reception*. Cambridge: Cambridge Philological Society, 1999.

HARRISON, J. S. “*Aeneid* 1.286: Julius or Caesar Augustus?” In: CAIRNS, F.; HEATH, M. (eds.) *Papers of the Leeds International Latin Seminar 9*. Leeds: Francis Cairns, 1996, pp. 127-33.

\_\_\_\_\_. “Ovid and genre: evolutions of an elegist”. In: HARDIE, P. (ed.) *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 79-94.

\_\_\_\_\_. (No prelo) “Vertical Juxtaposition in Horace's *Odes*”. In: DAINOTTI, P.; HASEGAWA, A.; HARRISON, S. (eds.) *Style in Latin Poetry*. Berlim: De Gruyter.

HASEGAWA, A. P. Quando os historiadores mentem e os poetas dizem verdades: ‘ficção’ e verdade na Antiguidade. *REVERA*, v.2, pp. 7-26, 2017.

\_\_\_\_\_. “Cupido, o deus metamórfico de Ovídio”. In: SOUZA, D. G.; CABECEIRAS, M. R. (eds.) *Ovídio: o poeta dos deuses e do amor no bimilenário de sua morte*. Alto Cruzeiro de Arapiaca: Uneal, 2018, pp. 183-212.

\_\_\_\_\_. “Flaccus’ Poetics: Horace-Paris saved by Mercury-Augustus”. In: MARTINS, P.; HASEGAWA, A. P.; OLIVA NETO, J. A. (eds.) *Augustan Poetry. New Trends and Revaluations*. São Paulo: Humanitas, 2019, pp. 213-29.

\_\_\_\_\_. A arte de ensinar a arte em Horácio. *Estado da Arte*, 2019. Disponível em: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/a-arte-de-ensinar-a-arte-em-horacio/>>.

\_\_\_\_\_. A Peste no *De rerum natura* (6.1138-286) de Lucrécio - Parte I. *Estado da Arte*, 2020. Disponível em: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/a-peste-de-rerum-natura-lucrecio/>>.

\_\_\_\_\_. The religious act of rereading: recantation and magical art in *epod.* 17. *Maia*, v. 74, pp. 376-89, 2022.

\_\_\_\_\_. (No prelo) “Iconic word order in Horace”. In: DAINOTTI, P.; HASEGAWA, A.; HARRISON, S. (eds.) *Style in Latin Poetry*. Berlim: De Gruyter.

HERBERT-BROWN, G. *Ovid and the Fasti. An Historical Study*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1994.

HINDS, S. “Generalising about Ovid”. In: BOYLE, A. J. (ed.) *The Imperial Muse: Flavian Epicist to Claudian*. Victoria: Aural Publications, 1987, pp. 4-31.

\_\_\_\_\_. *Allusion and Intertext. Dynamics of Appropriation in Roman Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HOLLEMAN, A. W. J. Ovidii Metamorphoseon Liber XV 622-870 (Carmen et error?) *Latomus*, v. 28, n. 1, pp. 42-60, 1969.

HORNBECK, C. *Caelum Ipsum Petimus: Dedalus and Icarus in Horace’s Odes*. *The Classical Journal*, v. 109, n. 2, pp. 147-68, 2014.

INGLEHEART, J. The Literary ‘Successor’: Ovidian Metapoetry and Metaphor. *The Classical Quarterly*, v. 60, n. 1, pp. 167-72, 2010.

JOUTEUR, I. *Jeux de genre dans les Métamorphoses d’Ovide*. Lauvain: Éditions Peeters, 2001.

KAHN, C. H. *Pitágoras e os pitagóricos: uma breve história*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

KELLY, P. Voices within Ovid’s House of *Fama*. *Mnemosyne*, v. 67, n. 1, pp. 65-92, 2014.

KENNEDY, D. F. “‘Augustan’ and ‘Anti-Augustan’: Reflections on Terms of Reference”. In: POWELL, A. (ed.) *Roman Poetry and Propaganda: In the Age of Augustus*. Londres: Bloomsbury Academic, 1994, pp. 26-58.

KENNEY, E. J. “Ovid and the Law”. In: DAWSON, C. M.; COLE, T (eds.). *Studies in Latin Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969, pp. 241-66.

\_\_\_\_\_. Ovidius Proemians. *Proceedings of the Cambridge Philosophical Society*, n. 22, pp. 46-53, 1976.

\_\_\_\_\_. "The *Metamorphoses*: A Poet's Poem". In: KNOX, P. E. (ed.). *A Companion to Ovid. Blackwell Companions to the Ancient World*. Chichester/Malden: Wiley-Blackwell, 2009, pp. 140-153.

KNOX, P. E. *Ovid's Metamorphoses and the Traditions of Augustan Poetry*. Cambridge: Cambridge Philological Society, 1986.

\_\_\_\_\_. Three Notes on Ovid, *Metamorphoses* 15. *Rheinisches Museum*, n. 133, pp. 187-9, 1990.

LABATE, M. *Passato remoto: Età mitiche e identità augustea in Ovidio*. Pisa: Fabrizio Serra editore, 2010.

LATEINER, D. Mimetic Syntax: Metaphor from Word Order, Especially in Ovid. *The American Journal of Philology*, v. 111, n. 2, pp. 204-37, 1990.

LAUSBERG, H. *Elementos de Retórica Literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

LONG, H. S. *A Study of the Doctrine of Metempsychosis in Greece from Pythagoras to Plato*. Baltimore: J. H. Furst Company, 1948.

MARKS, R. Of Kings, Crowns, and Boundary Stones: Cibus and the hasta Romuli in "Metamorphoses" 15. *Transactions of the American Philological Association*, v. 134, n. 1, pp. 107-31, 2004.

MARTINS, P. *Imagem e Poder. Considerações sobre a Representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Edusp, 2011.

MILLER, J. F. The Memories of Ovid's Pythagoras. *Mnemosyne*, v. 47 n. 4, pp. 473-87, 1994.

MORGAN, L. *Patterns of Redemption in Virgil's Georgics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MOULTON, C. Ovid as Anti-Augustan: *Met.* 15.843-79. *The Classical World*, The Johns Hopkins University Press, v. 67, n. 1, pp. 4-7, 1973.

OLIVA NETO, João Ângelo. *Dos Gêneros da Poesia Antiga e sua Tradução em Português*. 2013. 271 p. Tese (Livre-Docência em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ONIANS, R. B. *The Origins of European Thought. About the Body, the Mind, the Soul, the World, Time, and Fate*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

OTIS, B. *Ovid as an Epic Poet*. Cambridge: Cambridge University Press: 1966.

PANDEY, N. B. Caesar's Comet, the Julian Star, and the Invention of Augustus. *Transactions of the American Philological Association*, v. 143, n. 2, pp. 405-49, 2013.

PAPAIIOANNOU, S. Ovid, *Metamorphoses* 15.418-452: Pythagoras' Helenus on Epic Grandeur and Epic Succession. *Acta Ant. Hung.*, v. 51, pp. 31-43, 2011.

PARATORE, E. "L'evoluzione della 'sphragis' dalle prime alle ultime opere di Ovidio". In: *Atti del Convegno internazionale ovidiano, Sulmona. Maggio 1958*. Roma: Istituto di Studi Romani Editore, 1959, pp. 173-203.

PORTE, D. *L'Étiologie Religieuse dans les Fastes d'Ovide*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

REINHOLD, M. The Declaration of War against Cleopatra. *The Classical Journal*, v. 77, n. 2, pp. 97-103, 1981.

ROSATI, G. "Narrative techniques and narrative structures in the *Metamorphoses*". In: BOYD, B. W. (ed.) *Brill's Companion to Ovid*. Leiden, Boston, Köln: Brill, 2002, pp. 271-304.

ROSS, D. O. *Backgrounds to Augustan Poetry. Gallus, Elegy, and Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

SCHMITZER, U. *Zeitgeschichte in Ovids Metamorphosen. Mythologische Dichtung unter politischem Anspruch*. Stuttgart, B. G. Teubner, 1990.

SEGAL, C. Myth and Philosophy in the *Metamorphoses*: Ovid's Augustanism and the Augustan Conclusion of Book XV. *American Journal of Philology*, v. 90, n. 3, pp. 257-292, 1969.

\_\_\_\_\_. Intertextuality and Immortality: Ovid, Pythagoras and Lucretius in *Metamorphoses* 15. *Materiali e discussion per l'analisi dei testi classici*, Pisa: n. 46, pp. 63-101, 2001.

SMITH, R. A. Epic Recall and the Finale of Ovid's *Metamorphoses*. *Museum Helveticum*, v. 51, n. 1, pp. 45-53, 1994.

SOLODOW, J. B. *The World of Ovid's Metamorphoses*. Chapel Hill, Londres: The University of North Carolina Press, 1988.

SWANSON, R. A. Ovid's Pythagorean Essay. *The Classical Journal*, v. 54, n.1, pp. 21-24, 1958.

SYME, R. *The Roman Revolution*. Londres: Oxford University Press, 1939.

THOMAS, R. F. Virgil's *Georgics* and the Art of Reference. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 90, pp. 171-198, 1986.

UGARTEMENDÍA, C. M. *Ille ego Romanus vates a autoridade poética do relegatus nos Tristia e Epistulae ex Ponto, de Ovídio*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação

em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Letras Clássicas. São Paulo, 2022.

VERSNEL, H. S. *Triumphus, An Inquiry into the Origin, Development and Meaning of the Roman Triumph*. Leiden: Brill, 1970.

VOLK, K. “*Tod und Erklärung: Ovid on the Death of Julius Caesar (Met. 15.745-851)*”. In: FARRELL, J.; MILER, J. F.; NELIS, D. P.; SCHIESARO, A. (eds.) *Ovid, Death and Transfiguration*. Leiden/Boston: Brill, 2023, pp. 367-85.

WARREN, J. *Presocratics. Natural Philosophers before Socrates*. Stocksfield: Acumen, 2007.

WEINREICH, O. *Antike Heilungswunder. Untersuchungen zum Wunderglauben der Griechen und Römer*. Berlin: De Gruyter, 1909.

WEINSTOCK, S. *Divus Julius*. Oxford: Oxford University Press, 1971.

WEST, D. On Serial Narration and on the Julian Star. *Proceedings of the Virgil Society*, v. 21, pp. 1-16, 1993.

WHEELER, S. M. “Ovid’s *Metamorphoses* and Universal History”. In: LEVENE, D. S.; NELIS, D. P. (eds.) *Clio and the Poets: Augustan Poetry and the Tradition of Ancient Historiography*. Leiden: Brill, 2002, pp. 191-209.

WHITE, P. Julius Caesar in Augustan Rome. *Phoenix*, v. 42, n. 4, pp. 334-56, 1988.

WICKKISER, B. L. Famous Last Words: Putting Ovid's *Sphragis* Back into the *Metamorphoses*. *Materiali e Discussioni per l'Analisi dei Testi Classici*, v. 42, pp. 113-42, 1999.

WILLIAMS, G. D. “The *Metamorphoses*: Politics and Narrative”. In: KNOX, P. E. (ed.) *A Companion to Ovid. Blackwell Companions to the Ancient World*. Chichester/Malden: Wiley-Blackwell, 2009, pp.154-69.

WILLS, J. *Repetition in Latin Poetry. Figures of Allusion*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

WOOD, J. R. The myth of Tages. *Latomus*, v. 39, n. 2, pp. 325-44, abr.-jun., 1980.

ZANKER, P. *The Power of Images in the Age of Augustus*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1988.

ZISSOS, A. “Closure and segmentation: endings, medial proems, book divisions”. In: REITZ, C.; FINKMANN, S. (eds.) *Structures of Epic Poetry. Volume I: Foundations*. Berlin/Moscou: Walter de Gruyter, 2019, pp. 531-64.

ZUMWALT, N. *Fama Subversa: Theme and Structure in Ovid Metamorphoses 12*. *California Studies in Classical Antiquity*, v. 10, pp. 209-22, 1977.